

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Setembro de 1901

NUM. I



Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles

PRESIDENTE DOS ESTADOS-UNIDOS DO BRASIL

Depois de ler a PATRIA<sup>(\*)</sup>

## A Guerra Junqueiro

(ALEXANDRINOS MODERNOS)

Mestre:

o teu Livro é monstruoso e sublime.  
 Tem visos de montanha e a profundez do mar;  
 E o que elle quer, o que elle invoca, o que elle exprime,  
 Me fez tremer, me fez rugir, me fez chorar!  
 Mestre! o teu Livro é monstruoso e sublime!...

Voz de Isaias, voz prophetica e medonha,  
 Voz que lembra, possante, o malho dos trovões,  
 Voz que blasphemava, voz que resa, voz que sonha,  
 Voz solitaria, voz de gigante entre anões...  
 Ouvi a tua voz prophetica e medonha.

E' uma hostia esse Livro, esse Livro é um trophéu,  
 Foi feito em face da Patria crucificada,  
 Com os pés presos na lama, o olhar preso no céo,  
 Entre sombras de abysmo e raios de alvorada...  
 E' uma hostia esse Livro, esse Livro é um trophéu.

Hostia alvissima outr'ora, hoje a sangrar, sangrar...  
 Hostia de Missa Negra, hostia de Odio, hostia amarga,  
 Hostia para a CANALHA, hostia que faz brilhar,  
 Depois da communhão, um gladio em cada ilharga...  
 Hostia alvissima outr'ora, hoje a sangrar, sangrar...

Trophéu onde tremula o gonfalo das Quinas,  
 Esfarrapado ao sol, sinistro, e aos pés do qual  
 Se agacha rouquejando e arregaça as narinas  
 O leopardo inglez á espera de um signal...  
 Trophéu onde tremula o gonfalo das Quinas!

Fechaste n'esse Livro o coração de um Povo  
 E cada Verso vai, como um clarão brutal,  
 Rasgando em cada peito um horizonte novo,  
 Procurando na terra a alma de Portugal;  
 Fechaste n'esse Livro o coração de um Povo.

Cada Rima que estala—um latego de Luz,  
 Chicoteando a noite e debandando abutres,  
 A mostrar por detraz do throno, erguida a cruz  
 Onde expira o Titan de cuja dôr te nutres...  
 Cada Rima que estala—um latego de Luz.

Nem te sabem ouvir!... «Livro estupido e máo»,  
 Diz o grave burguez, escorvando um escarro...  
 «Este poeta, só á bofetada e a pão!  
 Que imbecil, que patife, ai d'elle se o agarro!»  
 Diz o grave burguez: «Livro estupido e máo».

Acostumado ao verso hydropico e pesado,  
 A' rima de salão, facil, tola, banal,  
 Funga, coça a cabeça e fica atrapalhado,  
 Soletrando-te o verso ardente e triumphal,  
 Acostumado ao verso hydropico e pesado.

«O lorpam nem conhece a metrificação,  
 Quebra a cesura, força a rima, estraga tudo,  
 Não passa de um roaz e esqualido histrião,  
 Bom para rabiscar versalhadas de entrudo;  
 O lorpam nem conhece a metrificação».

Como se agarradinho ás fraldas de Castilho,  
 Um verso bem criado e escravo da dieta,  
 Que não dá coices nem salta fóra do trilho,  
 Pudesse bitolar o genio de um Poeta;  
 Um verso agarradinho ás fraldas de Castilho!

Nescios! a alma não cabe assim dentro de um verso;  
 Parte o molde, arrebenta hemistichio e cesuras,  
 E' como a alma de Deus, dentro d'este Universo,  
 A crescer, a subir, procurando as alturas...  
 Nescios, a alma não cabe assim dentro de um verso.

Quem é que vem dictar normas á Poesia?  
 Nem tudo se escravisa ás dimensões symetricas...  
 Não têm notas na paula os gritos de agonia,  
 Nodosa de sangue não têm formas geometricas;  
 Quem é que vem dictar normas á Poesia?

Deixa-os rir, é fingido aquelle riso alvar...  
 Não vés que a tua voz, que illumina, que esmaga,  
 A consciencia lhes queima, assim como a chiar  
 Um ferro em braza queima a polpa de uma chaga?  
 Deixa-os rir, é fingido aquelle riso alvar...

Mestre: o teu Livro é monstruoso e sublime!  
 Tem visos de montanha e a profundez do mar;  
 E o que elle quer, o que elle invoca, o que elle exprime,  
 Me fez tremer, me fez rugir, me fez chorar!  
 Mestre! o teu Livro é monstruoso e sublime!...

Alma dos «Simples», alma immaculada e triste,  
 Tu, que sabes cantar como cantou Virgilio  
 E o grande coração da Natureza ouviste,  
 Da raça de Camões talvez o maior filho,  
 Alma dos «Simples», alma immaculada e triste;

Alma da alma da Patria, indomita e louçã,  
 A cujos pés resonha o leão negro do Povo,  
 Em cuja fronte pousa a estrela da manhã,  
 E' preciso ter fé: como um Lazaro novo,  
 Portugal sahirá do seu tumulo escuro,  
 Ao supremo arrebol do Seculo futuro!

17 de Fevereiro de 1896.

Dr. EGAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO.

(Pethion de Villar)

(\*) A publicação destes soberbos versos, hoje, decorridos cinco anos, parece vir fóra de propósito, pelo tema, ou, melhor, pelo título que encima esses admiráveis alexandrinos. Haverá talvez um pouco de razão no reparo, porque o poema de Junqueiro é dos nossos dias e esta eloquente saudação mais quadraria na hora em que elle apareceu. Mas é que a composição foi-nos enviada, na data propria, para uma Revista do Pará, extraviando-se. E, tendo-nos ausentado então de Belém, só agora Pethion teve ensejo de nos remeter outra copia, — lembrando-nos que seria conveniente apensar esta explicativa á sua vibrantissima Ode. Prontamente aceitamos ao seu natural desejo. Mas, já que nos é permitida esta apostilla, porque não diremos também duas palavras sobre Pethion de Villar, mais conhecido na Alemanha e na França do que no seu próprio paiz?... Ora consintam — e ouçam, desculpando-nos a intrusão.

Max Nordau, agradecendo ao relumbrante poeta bahiano a oferta da sua bella sintese lírica — *A suprema epopeia*, que o ilustre sr. José Veríssimo desdenhou olimpicamente, conceituou que Pethion de Villar demonstrava nessa produção correr-lhe nas veias um autentico espírito germanico. O sagaz criticista alemão, por

fallha de visão talvez, cai assim numa atroz *mentira convencional*, igual à que tanto estigmatizou num sua estimável obra. Egas Moniz Barreto de Aragão, descendente directo da velha e sólida nobreza lusitana, que se constituiu no fragor dos combates e nas travessias da tempestade; lírico-epico esplêndente, à maneira de Victor Hugo e de Guerra Junqueiro, como se observa nesta coruscante poesia e em mil outros pedaços da sua lira visceralmente latina; genuíno e extenso corolário da civilização occidental e do seu mais gentil prolongamento americano. —Moniz de Aragão será tudo, menos um metafísico do figurino da patria dos *Nibelungen*. O seu cantar é cristalino como o sol do Meio-Dia, sonoro como o bater das almas meridionais o seu rimar. No seu pensamento não há egotismo fronteiriço e no seu ideal estrangeiro o sonho universal da Belleza. É cosmopolita, como era Goethe, mas não querem ser os germanos. No sangue tem Pethion os caracteres da occidentalidade. E a sua mente, sujeita a essa força innata, viva insensivelmente para os平原s em que floriram os heróis das Descobertas, os augustas da Renascença, os nevroticos da Revolução, embora a sua ilustração o faça compreender a rigidez intensa da Reforma e o puritanismo vesgo de Cromwell.

Nordau illudiu-se. E desta ilusão tem que felicitar-se o Brasil, porque possue em Pethion de Villar o maior dos seus poetas lírico-epicos, —contando um só convive em Luiz Murat. São elas também, a nosso ver, os mais altos representantes da poesia filosófica do Brasil. —Fran Pacheco.

## O Porvir Brazileiro

(AS QUESTOES CAPITAES DO BRAZIL:—AS FINANÇAS, A ECONOMIA, O ENSINO, A POLITICA)

Não pode haver finanças estabelecerem ou economia progressiva, quando nas ruas impera a desordem e nos espíritos a confusão. Precisamente nestas circunstâncias é que o Brasil viveu até 1898, data em que se extinguiu o derradeiro motim da nova fase da existência brasileira. O antigo regime levou 22 anos a pacificar o país, pois o termo da última revolta deu-se em 1844, ao passo que a República, em 9 anos apenas, consolidou-se inteiramente. Isto denota uma notável superioridade na coesão da consciência nacional. Mas o certo é que só de 1898 em diante se pode considerar normalizada a vida política brasileira. Antes viu-se uma negativa orientação de vindictas—o Governo Provisorio destruindo indiferentemente as instituições imperiais, o presidente Deodoro, pelo braço do barão de Lucena, contrariando as disposições do Provisorio, o marechal Floriano derrubando os decretos do seu antecessor, o dr. Prudente de Moraes congraçando os elementos perseguidos, num período excepcional, pelo defensor da República. O actual presidente compreendeu que era tempo de acabar essa norma, aceitando patrioticamente o encargo de executar o programa económico-financeiro que o *funding loan*, ajustado no gabinete transacto, lhe traçava com rigor.

E somente então, acalmado o país, fechado o ciclo das agitações esteriores, houve ensejo para mergulhar as vistas no quadro que o Brasil oferecia. Isentos de paixões os nacionais e os estrangeiros, resignados os vencedores e os vencidos, apaziguados os políticos e as classes laboriosas—observou-se que a crise, em lugar de ser exclusivamente económica ou meramente financeira, revestia o carácter multiforme de uma *crise social*, como aliás não podia deixar de suceder. Tendo-se abolido em 1838, em pleno imperio, a anatemizada escravidão, o que desfalcou a fortuna pública em mais de seiscentos mil contos de réis; surgindo no anno seguinte a República, sob a forma federativa, o que revolucionou radicalmente a estrutura administrativa e por conseguinte a organização económico-financeira, já tão rudemente convulsionada pela aplaudida lei de 13 de maio; recorrendo-se, para proteger a agricultura do sul, ainda no ministerio Ouro Preto, a um avultado empréstimo externo, que imprisionou no Rio uma chusma de bancos, qual delles mais danoso, gerando o celebrado *encithamento*, cujas conse-

quências rebentaram nas mãos inexperientes do primeiro governo republicano; caindo, pela fatalidade dos acontecimentos, num espantoso regimen de curso forçado, em vista da necessidade impreterível de criar moeda, medida que o ministro Rui Barbosa agravou com a precipitação de exageradas emissões e a pirâmide dos bancos, depois emendada pelo próprio autor, resultando de todas estas hesitações e anomalias um patrocínio ruinoso a indústrias factícias e um inacreditável abuso do crédito, que bastante se prolongou; rompendo, no meio destes caos, as revoltas de 6 de setembro de 1891 e do Rio Grande do Sul, que mais tarde se repercutiram, em tom de farça, nos arraiais de Canudos; aparecendo, em 1897, um déficit de 278 mil contos no preço do café, o maior, quase o único artigo da exportação brasileira; accusando-se, em 1897, uma receita de 328.593.914\$ e uma despesa, incluindo o resgate de apólices depositadas pelos bancos emissores e um empréstimo ao Banco da República, de 970.174.691\$, —retradio o crédito no exterior, lavrando fundamental o desalento em todas as camadas, desmantelados os serviços públicos, solta às suas correrias a especulação bancária, campeando infrenz a politicagem em alguns Estados, resentindo-se, enfim, de tantos descalabros naturaes, mas impertinentes, a instrução, a economia, as finanças, a política—de assombrar seria que a crise, a princípio bruscamente *cambial*, se não generalizasse a todas as esteras da collectividade brasileira, tornando-se claramente *social*.

As questões que nos prendem afiguram-se-nos em demasia complexas para o nosso fraco raciocínio. Envolve mil e uma demonstrações. Assim, nesta correntia exposição, diligenciaremos abranger logicamente os angulos do problema *pedagógico ou moral*, que é basilar numa nacionalidade em constituição, como o Brasil, e do problema *político*, que se impõe instantaneamente numa federação tão extensa e de laços tão trouxos, com uma imigração pesada e perigosamente regulamentada, acaçapada a República pela ameaça da absorção comercial norte-americana. Não nos dispensamos de os englobar nas conclusões geraes do nosso estudo económico-financeiro.

### I.—O PROBLEMA FINANCEIRO

Poremos o assunto com as palavras recentes dum deputado federal:—«Conseguimos, durante longos annos, oferecer ao mundo a imagem de um povo de finanças prospertas e produção nulla, um povo financeiramente rico e economicamente miserável». Nada mais exacto, realmente. O imperio alimentou-se destes unicos expedientes:—o empréstimo, a emissão e o imposto. Não nos apodem pelo conceito emitido, porque os algarismos não nos deixam mentir. E, se não tivessemos à mão as cifras justificativas, bastar-nos-ia citar dois paladinos do passado regimen. Ao barão de Cotelipe, tão enaltecido, pertence esta sentença:—«O Brasil tem vivido —tomando emprestado para fazer despesas e fazendo despesas para tomar emprestado». E o sr. Lafaiete Rodrigues Pereira, antigo presidente do conselho de ministros, provou em 1888 no parlamento—que a diferença entre a exportação e a importação era ordinariamente saldada pelos empréstimos.

Vejamos de relance alguns atestados da capacidade financeira do imperio, accentuando desde já que nos 58 orçamentos votados pelas camaras anteriores a 1889 se verificou um déficit de réis..... 758.181.702\$874, sem contar os depósitos, ou sejam réis..... 1.007.713.832\$259, conforme se lê na *História Financeira e Orçamentaria*, de Castro Carreira. Tomemos ao excelente livro *O cambio ou o Brasil e o sr. Paul Leroy-Beaulieu*, de José Duarte Rodrigues, gerente do Banco de Crédito Real de S. Paulo, por certo o melhor de quantos se hão publicado aqui sobre a situação económico-financeira, os elucidativos spontâneos que se seguem. Transcrevemos estas páginas integralmente, oferecendo-as á apreciação dos que trazem continuamente para contraste o que se passou com o cambio na época da campanha do Paraguai e se desenrolou nos nossos dias com o advento da República.

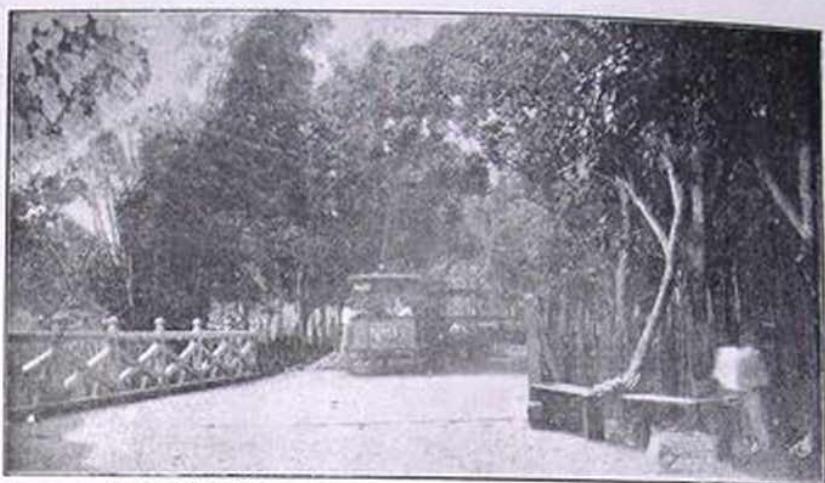
Leiam e meditem:—«Ao ser declarada a guerra, em 1885, a circulação fiduciária orçava apenas por cem mil contos de réis, e quando a guerra terminou, em 1870, elevara-se quase ao dobro:—192.596.873\$000. Durante esses annos o valor da exportação foi sempre maior do que o da importação. Mas, sendo grande parte

das despesas de guerra realizada em ouro, essa importância equivalia nos seus efeitos a uma importação de mercadorias ou ao pagamento de uma dívida no exterior, e por isso se estabeleceu o desequilíbrio monetário do país. Entretanto, em 1863, não obstante a previsão de grandes despesas, o câmbio manteve-se entre 27 e 25 d. por 1.000. Fez esse milagre a realização de um empréstimo externo, no dito ano de 1863,—do valor nominal de Lib. 6.363.613,19-2, que, emitido a 7%, produziu, líquido, Lib. 5.000.000. No exercício seguinte, de 1863-1867, a circulação elevou-se apenas a 117 mil contos e o câmbio desceu a 19 3/4. E em 68, embora o papel-moeda não subisse a mais de 124 mil contos, o câmbio chegou a 14, subindo, porém, a 20 logo em seguida, ao mesmo tempo que a circulação era elevada a 193 mil contos. Nos exercícios seguintes—1869-70 e 1870-71—não se deu alteração apreciável na circulação e o câmbio oscilou: no primeiro entre 24 1/2 e 19 5/8, no segundo entre 25 7/8 e 22. Como explicar, pela teoria corrente, que, tendo o câmbio baixado a 14, em 1868, haja subido dentro do mesmo exercício, tendo-se dado um acréscimo relativamente grande no papel moeda, que, de mais a mais, fôr emitido sem autorização legislativa? É fácil encontrar a causa desse fenômeno. Ao mesmo tempo que se emitiu o papel-moeda fez-se uma outra emissão de 30.000.000 \$ de apólices, a juro de 6% e 1% de amortização, pagos em ouro, ao câmbio par.

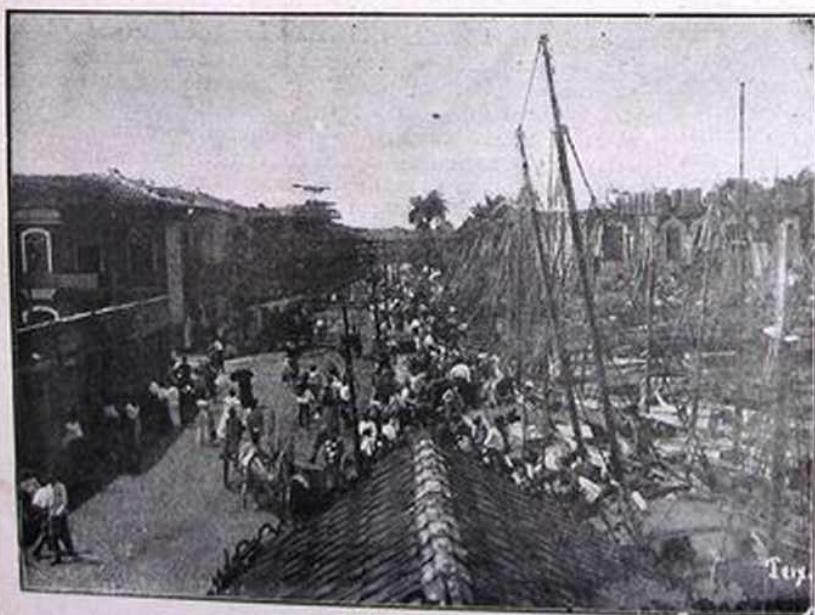
Esse título, como era natural, imigraram para o estrangeiro, como se fossem moeda, determinando uma equivalente diminuição na procura de cambiais. Foi este o primeiro sinal da invasão do falso princípio. O grande ministro da fazenda de 1869 justificou ter dado preferência à emissão de títulos com juro e amortização pagos em ouro, dizendo que assim conseguira o preço de 90% e que, se os juros e a amortização fossem pagos em papel, não teria obtido mais de 75%, pelo que julgava vantajosa a operação para o Tesouro. Fallaz esperança e perniciosa princípio. A sua germinação muitos prejuízos tem causado à fortuna pública e particular. Os efeitos da mencionada operação, reunidos a outros factores, como, por exemplo, a diminuição da importação, que, de 168 mil contos em 1868, baixou a 155 mil em 1869 e a 137 mil em

1870, conseguiram manter o câmbio nas taxas acima indicadas até 1870. Em 1871, porém, realizando-se um novo empréstimo externo, o de 23 de fevereiro, produziu-se a alta e o câmbio chegou a 25 7/8. Esse empréstimo foi de Lib. 3.000.000, líquido, ou 3.450.634, nominais, emitido a 8% e juro de 5%. Entretanto, já em 1872, o visconde do Rio Branco, de sandosíssima memória, atribuía as oscilações do câmbio à influência do papel-moeda, não obstante a tabella apresentada no seu relatório demonstrar exactamente o contrário. Daí em diante os factos obedeceram invariavelmente à mesma lei.

Estão patentes, em toda a sua nudez, os motivos porque o câmbio se manteve relativamente alto. A causa disto, em cinco anos somente, malgrado as constantes oscilações, resume-se nos saldos da balança comercial e no fácil recurso ao empréstimo e à emissão. Com três empréstimos, a duplicação da circulação fiduciária, não havendo ainda colonos numerosos a pagar, como há hoje, pois medrava a escravatura, coibindo-se a importação e aumentando a exportação—alcançou o império a enorme vitória de não descer o câmbio abaixo de 14! Tira-se a ilusão de que a campanha do Paraguai, além de não afirmar a excellencia das providências financeiras imperiais, segundo muitos preconisam, foi um agravante capricho do senhor Pedro II, que pretendeu salvar da tirania um país estranho, quando subjugava cruelmente milhares de autênticos escravos. Os 800 mil contos, fôr o que escorreu, gastos nessa aventura escusada é que iniciaram as facilidades do crédito, aplanaram a escalada para tributos prescindíveis e outorgaram fôros de cidade ao papel-moeda. Se assim não fosse, se essa quantia avultadíssima fosse empregada em melhorar moral e materialmente o país — todos hoje gozariam o benefício de semelhantes empréstimos. Mas o orgulho realengo podia então mais do que as necessidades populares. E foi assim que se escoaram esses milhares de contos, desencaminhando o curso das finanças e viciando as fontes da economia. Os governos monárquicos entonteceram e não pararam mais na vertigem do erro, dispendendo em favores eleitorais o que deviam destinar ao desenvolvimento das forças vivas nacionais. Perguntaram-se à cartilha salvadora da conta corrente na City e prosseguiram, anchos de cevar as suas ambições descuidadas, em vez de se devotarem ao progresso da nação, que os não elegia para se desbaratarem em pugnas inglorias de politica perturbadora e sim para velarem pelo seu contínuo enriquecimento, levantando as províncias engatadas. Documentos: — Em



MARANHÃO.—A ANTIGA PONTE DO CUTIM

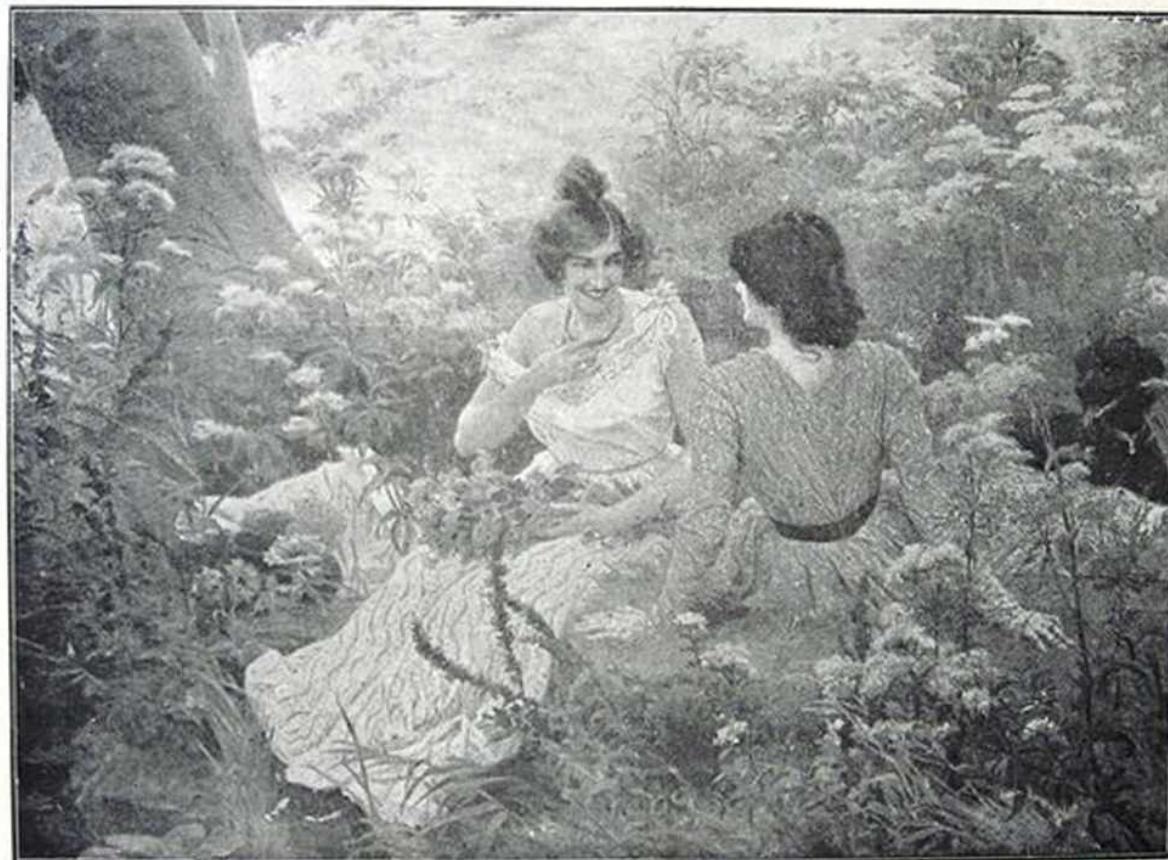


PARÁ—O VER-O-PESO

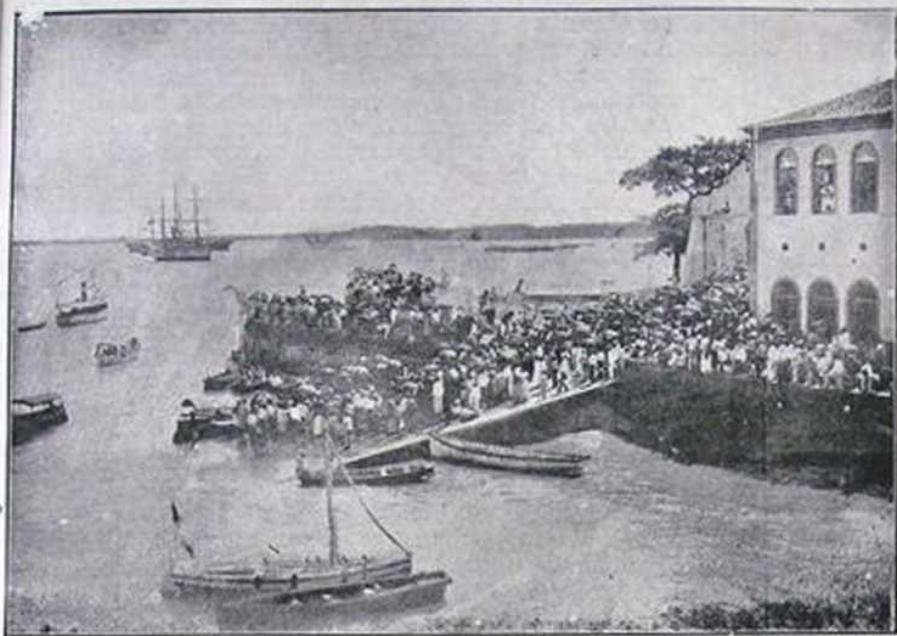
# "A Revista do Norte"

SUPPLEMENTO AO N. 1

S. LUIZ 1 DE SETEMBRO DE 1901



A SOBERBA  
(L. Alleaume.)



## A RECEPÇÃO DO NOVO BISPO DO MARANHÃO I.—O DESEMBARQUE

71, tendo terminado a guerra, a importação subiu a 158 mil contos e o cambio baixou a 22, e em 72, tendo a importação diminuído, pois desceu a 153 mil contos, e a exportação aumentado, de 193 mil contos no ano anterior, a 215 mil, o cambio manteve-se entre os extremos de 23 1/4 e 24. Em 1873, porém, subiu por um lado a importação a 151 mil contos e por outro desceu a exportação a 190 mil. A circulação não sofreu alteração sensível e, entretanto, o cambio subiu, atingindo o par—27 d. por 18000. *Explicase essa alta do cambio por diversas concessões de garantias de juros que nesse ano se fizeram a várias estradas de ferro, cujos contratos deviam lugar ao levantamento de capitais no estrangeiro.* Em 74 pequena alteração se deu no valor da importação, que montou a 152 mil contos, mas a exportação apresentou sensível aumento—elevou-se a 205 mil contos. E, contudo, o cambio baixou a 24 3/4, tendo o papel-moeda diminuído cerca de 2 mil contos, e em 1875, tendo pelo contrário a importação subido a 166 mil contos e a exportação baixado a 183 mil, o cambio subiu acima do par,—atingiu a taxa de 28 3/8! O papel-moeda não sofreu outra alteração, além da pequena quota do resgate da emissão do Banco do Brazil. Qual foi a causa de semelhante anomalia? Essa causa foi um novo empréstimo, contraído em Londres, por intermédio dos senhores N. M. Rothschild and Sons, de Lib. 5.301.200, nominadas, emitido a 96 1/2 % e juro de 5 %, que produziu, líquido, Lib.... 5.000.000. Singular teoria essa, que pretendem impingir-nos, e mediante a qual seríamos forçados a acreditar que, quanto maisse encalacra o país, melhor se torna a situação! Logo em seguida, porém, se percebe o reverso da medalha. A importação, em 1876, baixou para 155 mil contos e a expor-

tiação subiu a 156 mil, e o papel-moeda também desceu de 181 para 179 mil contos. Entretanto, o cambio baixou a 25 5/4. Em 77 as taxas extremas foram —25 1/4 e 23; em 78—21 1/4 e 21 3/8, e em 79—23 3/4 e 19 1/2. Nesses três anos não houve grandes alterações no valor, quer da exportação, quer da importação, sendo esta sempre menor do que aquela, mas a circulação fiduciária sofreu do seu lado sensível aumento. Fez-se uma emissão de 32.000.000 \$, em virtude do decreto de 16 de abril de 1878, sem contudo baixar o cambio, que, pelo contrário, subiu a 23 3/4 em 1879. *Procurando-se a causa deste fenômeno encontra-se, a par de uma nova emissão de apólices, no valor de..... 40.000.000 \$, uma outra das títulos de mais um empréstimo interno, em ouro, no valor de 50 mil contos.* Esses títulos, ao portador e juro de 4 1/2 % pagavam trimestralmente, tiveram, como era natural, o mesmo destino e produziram os mesmos efeitos que os de 1888. Essa circunstância explica ainda que em 1880, tendo a importação subido a 181 mil contos, e a exportação, devido à baixa de preços do café e à escassez

de colheita, desciu a 125 mil, convertendo-se em déficit, que foi de 55 mil contos, os saldos que até então se verificaram, o cambio não descesse além de 29 d. por 18000. De 1880 a 1885 o cambio baixou alternadamente até 17 7/8, tendo, porém, chegado a 22 1/8 em 83-84,—por influência de outro empréstimo realizado em Londres, em janeiro de 1883, de Lib. 4.494.382, que, emitido a 89 %, produziu líquido Lib. 4.000.000.

—A seguir.

FRAN PAXEGO.



2.—A ENTRADA DO PRESTITO NA CATHEDRAL.

## O COLLEGIO DO PIRES

### UMA EXPULSAO

Ao GRAÇA ARANHA.

Subindo naquelle dia a rua do Sol, em direcção ao collegio, sentia a alma presa de estranha inquietação, o coração alarmado batia-me preságio.

Que iria acontecer-me? Sofrera novos e inclemtes castigos, como nos dias anteriores?

Não era provável.

Tomara todas as precauções para evitar as palmataadas com que o Pires, no auge do seu delírio repressivo, tentava formar as nossas almas para o saber e para a virtude; estudára cuidadosamente as lições e sabia-as na ponta da língua. Bastaria interrogarmo para que os trechos da Grammatica saíssem velozes, articulados firmemente uns aos outros, como no próprio compêndio de Pedro de Souza Guimarães. Só recebia um perigo: inverterem a ordem das perguntas ou fazerem-nas por forma diversa da do compêndio. Isso, todavia, se me afigurava uma traição, de que, aliás, eu era vítima muitas vezes. O professor apenas ordenava que decorassemos, poupando-se ao trabalho extenuante de destrinçar-nos o texto ou de elucidá-lo com exemplos. Tanto quanto podíamos comprehendêr, a nossa educação resumia-se em transvar para as nossas cabeças o que os livros continham e repetil-o depois materialmente na aula, ou nos exames do fim do ano, perante uma assembléa de pais e parentes, embevecidos do nosso saber. Não havia interesse em exercitar-nos a intelligencia, em adextral-a na gymnastica do raciocínio, em povoal-a de noções proveitosas e úteis à vida. Diariamente, depois da lição... e dos bolas, ouvia-se esta phrase inalterável: "Decore d'aquí até ali."

Chegando ao canto da rua de S. João, cobrei folego e dobréi para a esquerda. A casaria alinhava-se nos dois lados da rua e ia em rampa suave terminar junto ao rio. A direita, e logo á primeira esquina, divisa-se o collegio: uma casinha baixa, de quatro janelas na frente, caiada de branco. O telhado, empretecido pelas chuvas de inumeráveis invernos, alimentava pequenos arbustos e oferecia um contraste palpitante á alvura da fachada.

Transpus ligeiro a primeira quadra e penetrei no edifício pela porta da rua dos Afogados. Depuz o chapéu no amplo cabide da ante-sala, já reflecto dos mais variegados espécimes, e fui sentar-me no meu lugar.

A sala das aulas era um grande rectângulo, correspondente a seis pequenas janelas da fachada lateral. No meio enfileiravam-se toscas mesas de madeira, paralellas á rua, nas quais os alunos se grupavam por classes. Junto ás paredes havia ainda bancos para os mais atrasados. O Pires, ou o decurão, seu representante, ficava do lado do interior, voltado para a rua, a que todos davam as costas.

Mal se sentavam, abriam os alunos os livros e começavam a estudar em voz alta as lições. Qual decorava a Geographia, qual a Taboada, qual o Cathecismo. Surgia então um berreiro infernal, em que ninguém se entendia. Noções desconexas pairavam no ar, entrechocando-se num conflito phantástico. As vo-

zes fracas e desafinadas de umas cinquenta crianças ecoavam no tecto, ganhavam o exterior pelas janelas e reflectiam-se nas paredes, pela rua afóra, indo denunciá-las ao longe, na mais antipática das desharmonias, a quase actividade febril e desordenada daquela casa de ensino. De vez em quando, o decurão passeava o olhar vigilante pelo espaço, surprehendendo os que brincavam ao abrigo protector daquele véo acústico. Era um rapaz moreno e algo insinuante, mas com quem anti-paravam, porque o tinhamos por insensível carrasco. O professor, ou, antes, «seu fessor», como dizíamos brevemente, governava de longe, por trás das cortinas, e mandava executar as suas sentenças pelo mal-aventurado decurão, em cujas mãos a palmatoria lograva escassos momentos de lazer. Além de tudo a mocidade deste permitia-lhe um vigor muscular, a que já não podia aspirar o velho Pires, apezar da sua gloriosa e merecida fama de educador energico.

Uma vez encerrados na sala das aulas, ficavam presos. Um só meio havia de fugir ao redil: era pedir baixa e respeitosamente ao decurão «licença para ir lá fóra». Sahia-se então por uma porta do fundo, atravessava-se um pátio, que o sol enchia de luz e calor todo o dia, e chegava-se á privada. Era este indubitablemente o nosso único refrigerio! Nas suas paredes lisas e alvincentes a mão anonyma daquela creança traçava as satyras mais crueis contra o collegio e o preceptor, desafogava as suas queixas contra as brutalidades do mais irracional dos sistemas de educação. De longe em longe mandava o Pires passar a brocha do esquecimento sobre a literatura infantil e restituir á parede a brancura primitiva. A pequenada, porém, vinha de novo e restaurava, com inacreditável cuidado e extraordinária paciencia, as quadras picantes, as interrogações descabelladas e os apelidos injuriosos.

De uma quadra me lembro ainda, dedicada ao decurão, que todos sabíamos de cor e repetímos baixinho, como despique á severidade delle. Não pécca pela inspiração, nem pela métrica; mas ainda hoje — já lá vão 20 annos — a sua fidelidade pintoresca faz-me sorrir:

O Barbosa (\*) é bicho feio  
Tem cabeça de urubú  
Quando anda pela rua  
O seu fraque faz «fru-fru».

Quando chego a minha vez de dar lição, fui percorrer-me perto do mestre, olhando de soslaio a «Santa Luzia», que dormitava sobre a meza.

O decurão tomou os livros e perguntou-me onde era a lição. Indiquei as páginas e os trechos assinalados a lápis.

Começou então o interrogatorio:

Que é Grammatica?

Que é Grammatica portuguesa?

Quem nos creou?

Para que nos creou elle e nos conserva?

A cada pergunta, eu devia responder sem titubear. Às vezes, porém, surgiam hesitações, e como consequência uma parada intransponível. No meio de uma definição, começada com entusiasmo, falhou-me a memória; estiquei pallido e assustado. Sou então o primeiro grito de advertência: «Vamos, sabe ou não sabe?». Perturbado pela ameaça, senti-me incapaz de raciocinar; sobreveio um silêncio sepulcral.

«Vamos, sabe ou não sabe?!

A vista da segunda ameaça esqueci, não só a definição, mas quanto havia decorrido, e como recurso extremo espertei o olhar nos tijolos do chão.

«Ah! não sabe! Dê cá a mão!»

Estrondaram no ar seis fortes palmatóadas, acompanhadas por um choro, entrecortado de soluços.

Sentei-me desalentado e com as mãos vermelhas, no banco da 2.ª classe, a que pertencia. Felizmente estava escrito que aquele dia balisaria a minha existência e nelle conquistaria a ambicionada liberdade.

Pouco depois de sentar-me, entrou accidentalmente um cão e poz-se a andar de um para outro canto da sala. Por fim saltou para o meu banco, exactamente a meu lado. Empurrei-o instinctivamente. O cão desceu latindo, ajuntando uma nota insolita ao círculo infantil. A creançada interrompeu o estudo; muitos o atiçaram até à porta. Qual não foi, porém, a nossa surpresa vendo a furia com que o decurrião inquiria do causador da pilheria! Levantei-me aterrado. Seguiu-se uma cena que se não descreve. O homem estava fulo de raiva, repreendeu-me com acrimonia, achou inqualificável o meu procedimento e rematou dizendo ir castigar-me severamente.

Não sei porque, tive uma dessas resoluções inesperadas nas almas infantis: achei demasiada a repressão para um delicto nullo e, reunindo as minhas escassas energias, declarei que só da mão do professor apanharia.

Houve um silêncio de morte. Os meus colegas entreolharam-se, maravilhados com a minha rebeldia. Toda a vida collegial parou miraculosamente por instantes.

Chamado às pressas, entrou na sala o velho Pires. Era baixo e gordo; tez fortemente morena, cabellos negros e acoboados; trajava calça parda e paletot de lustre. O decurrião expôz-lhe o crime perpetrado e a minha resolução. Enquanto elle faltava, eu segui com o olhar as contracções com que a physionomia do Pires denunciava as emoções provocadas pela narrativa. Houve um lance em que me pareceu divisar naquela face, quasi sempre iracunda, um raio de promissora bondade. Acreditei que se apiedaria da minha sorte e me castigaria pessoalmente, para roubar-me á vindicta do seu adjunto. Mas a illusão durou menos que o tempo preciso para conceber-a. E dos seus lábios caiu esta sentença inexorável:

«Ou apanha da mão do meu representante ou saia do collegio».

Julguei-me fulminado. Mas, ainda assim, a ancia de voar daquella gaiola, onde me encarceravam a inteligencia e a pouco e pouco me embruteciam, collou azas invisíveis ao meu corpo.

Baixei a cabeça e saí, levando na alma o primeiro travo da injustiça humana.

Não ha muitos dias fui à rua dos Alfogados rever a casa do Pires. Já nenhum vestigio existe do collegio; só o edifício ficou de pé. O que lhe dava vida, a descuidosa creançada, dispersou-se no espaço.

Quanto ao decurrião, encontrei-o ha meses no Rio, em uma repartição federal, de que é funcionário exemplarissimo. Vimo-nos e fallamo-nos como velhos amigos. Em vez de um carrasco, deparou-se-me um cavaleiro gentil.

É impossível que lhe não perdure na imaginação a lembrança do collegio, principalmente da scena da expulsão, de que foi causa directa. Com certeza, porém, as suas recordações são menos «doloridas» do que as minhas.

TASSO FRAGOSO.

\* Substituo o nome do decurrião, que andava com um fraque cujas abas se abriam comicamente durante a marcha.



## HENRYK SIENKIEWICZ

(Ligeiras notas bio-bibliographicas)

### I

Oriundo de uma familia illustre da Lithuania e neto de um guerreiro valente, de quem parece ter herdado a ferrea rijeza dasua tempera de estremo luctador intellectual, nasceu Henryk Sienkiewicz a 4 de Maio de 1846, em Wola Okrzeska, na província de Radom, que fazia parte do extinto reino da Polonia.

Desde a primeira idade, contam os seus biographos que era surprehendente a viveza do seu espirito e a excellencia da sua memoria, sempre prompta a reter, indelevelmente graphados, e reproduzi-los depois, admiravelmente intactos, todos os incidentes que lhe feriam a imaginação juvenil.

Uma vez, ao voltar da igreja, onde ouvira um pregador de nomeada, poz-se a recitar todo o sermão, de cór, sem titubear um só instante, com grande pasmo dos que com elle vinham.

Esses grandes dotes excepcionaes, com que o favorecera a natureza, se vieram mais tarde avigorar e fortalecer, no tirocinio academicó da Escola Superior da Polonia, para onde accorria, ao tempo, entusiasta e sedenta, uma vigorosa e promissora mocidade.

Foi ahí, nas lições dos mestres, que o seu espirito, por tendencia inclinado à meditação e



3.—O DESFILAR DO PRESTITO PELA RUA DO SOL

ao estudo, assimilou as primeiras noções que, completadas depois, no silencioso e nobre recolhimento do seu gabinete, na constante labuta da sua tarefa de escriptor de consciência, e nas suas multiplas e intelligentes viagens ao estrangeiro, viriam constituir essa erudição, solida e farla, que forma a base cultural do talento do festejado estheta polaco.

Ao regressar da sua primeira excursão aos Estados Unidos, casou-se com uma senhora polaca, que, no dizer de Valeria Morzkowska, possuia, em alto grau, todas as qualidades capazes de fazer um homem feliz: era a verdadeira companheira de um trabalhador e de um artista, comprehendendo maravilhosamente a alma daquelle a quem ligara seu destino.

Dessa união lhe nasceram dois filhos, em quem actualmente concretiza o romancista toda a sua transbordante potencia affectiva, porque a morte precocemente o privou da doce e carinhosa companhia da esposa.

E rodeado por essas duas crianças que vive hoje Sienkiewicz, no magnífico domínio de Oblengorsk, que lhe foi oferecido, em commemo-  
ração do seu jubileu, em 1900, por uma subscrição nacional, a que toda a Polonia, sem distinções de classe e de fortuna, se associou, reju-  
bilosa e agradecida.

As primeiras manifestações litterarias de Sienkiewicz consistiram numa serie de artigos de critica, publicados em diversas revistas da Varsavia, em 69, sob o pseudonymo de *Litwos*.

Seguiram-se-lhe algumas novellas ligeiras, até que, no anno immediato, apareceu, em forma livreseca, o seu primeiro romance:—*Na marne* (DE BALDE).

O favor publico e a indulgência critica acolheram desde logo, genero os e interessados, esses primordios lucilantes de uma nova intelligença que despontava, e não tardou que os mais indiscretos fossem descobrir o novel escriptor, que se acoitava, medroso, à sombra do simples adjetivo, que lhe designava o logar do nascimento, porque, em polaco, *Litwos* quer dizer lituano.

A outro, que não Sienkiewicz, as tentadoras louvam-  
nas e os insuflantes triumphos, que as suas debutantes produções saudavam, teriam

logo enchedo de uma basofante empáfia e de uma orgulhosa convicção de superioridade consagrada, levando-o a quedar-se, baboso e fôfo, ante o incenso estonteador dos thuribularios.

Não assim, porém, com o joven escriptor. A maturidade precece do seu espírito e esse invejável bom senso de que sempre deu mostras em todas as manifestações da sua vida fizera-no comprehendêr, desde logo, que os elogios, de que o cercavam, não passariam de fumo, que a primeira lufada da realidade dissiparia, decorridos os momentos de engodante novidade alviçareira, se não buscassem, por um estudo acurado e fundo e por um esforço perseverante e paciente, cultivar as raras faculdades, que tão bem haviam provado, nas suas incipientes manifestações.

Coneebreu, á vista dessas ovações, um respeito maior, religioso e grave, pelo seu proprio trabalho intellectual. Não se deixou ir, açoitado e irreflectido, na onda quente do prurido de atirar livros, atabalhoadamente, ao público gulosso, que o viciava. Não deixou extravasar em litteratices de baixo preço, a exuberante seiva de vida espiritual, que lhe refervia no cerebro, dando-lhe de antemão a prelibante certeza de altos teitos no mundo das letras. Adquiriu métodos de trabalho, saudaveis e hygienicos. Adoptou, como moto director, a divisa de não trabalhar demasiado, nem depressa, de esperar pacientemente a sua hora, de limar e polir, com apaixonado amor, as suas produções, antes de entregá-las à publicidade. E foi assim, graças

a semelhante processo, de que nunca se afastou uma só linha, que conseguiu vir a ser o forte e equilibrado escriptor, de uma invejável saúde mental, que hoje todo o orbe legente acclama, num delírio frenético e caloroso de aplausos, de que não ha exemplo, na historia litteraria do mundo, nestes cincoenta annos mais chegados.

A Debalde seguiram-se: *Ninguem é propheta na sua terra*, *Os dois caminhos*, *Hania*, *Selim Mirza*, *Bosquejos*, *O pequenino musico*, *O Jornal de um Preceptor de Posen*, *Atravez dos steppes*, *O Pharoleiro de Aspinwall*, *Orso*, *Bartek*, *o Vitorioso*, e outras novellas ligeiras, ás quaes se deve juntar um bello livro de viagens, registan-  
do, numa admiravel exac-  
tidão de traços e com  
uma justeza e uma su-  
perioridade inexcediveis de  
visão critica, os diversos  
aspectos dos paizes que  
percorreu.

As suas paginas sobre Egypto e sobre Zan-  
zibar, assim como a des-  
cripção da vida dos *farmers* da California, ga-  
nharam celebri-  
dade.

Servem de entrecho a essas novellas, de uma empolgante variedade de episódios, diversas sce-  
nas da vida polaca, desenroladas umas no cam-  
po, tendo outras por the-  
atro a cidade. De todas elas, como o faz notar Casimiro Stryienski, se evola essa funda emoção, essa casta e suave poesia e esse patriotismo abnegado de Sienkiewicz, que, por ser contido, nem por isso é menos sincero e sentido, e que delle faz um autor nacional por excellencia, o representante legitimo do povo polaco, de uma existencia politica apparentemente nulla, mas cuja alma vive vibrando, dolorida e forte, nas suas grandes obras de litteratura e de arte, à semelhança dos andejos lendarios, que atravez dos tempos galopam, transmittindo de mão em mão o fogo sagrado de que são depositários.

Uma outra caracteristica relevante dos livros de Sienkiewicz, uma outra modalidade tipica do seu sentir esthetic, vem a ser um largo

e piedoso sopro de piedade infinita, de infinda commiseração e de amorosa ternura, pelos humildes e pelos que soffrem, que atravessa a sua obra inteira, dando-lhe um alcance profundamente humano, e por toda ella espalhando uma adoravel e commovida feição de sympathy e de altruismo.

Entre outras, illustra esse ennobredor sentimento do belletrista lithuano, a novella intitulada—*O pequenino musico*.

E' a historia, singela e simples, sem arroubos e sem rebuscamientos contada, de um obscuro pastoreiro polaco, desprovido de protecção e de amigos, pobre e sózinho no mundo, e dota-  
do, por uma amarga ir-  
risão do destino, com um admiravel genio musical. Todos os dias, enquanto apascentava o seu rebaño, julgava ouvir a crea-  
nça, a sahir do coração das florestas e entoadas pela lympha tranquilla que serpeava murmurante, pelo vento que sopra gemendo atravez das ramarias folhudas, e por todas essas vozes, mysteriosas e graves, que povoam phonicamente a solidão tristonha das mattas, uns cantos sonoros e suaves, de uma har-  
monia embriagadora e divina, que lhe cahiam n'alma, amorosamente, blandiciosamente, como uma caricia enterneida e distante. E quedava-se o infeliz, suspenso da terra, embalado por essa melodia estranha, que lhe trazia talvez á mente a re-



D. ANTONIO XISTO ALBANO—BISPO DO MARANHÃO

miniscencia apagada e longinqua das canções sentidas, com que o carinho materno lhe acalentara o somno da infancia desvalida e nua, indiferente a tudo que o cercava, embevecidamente per-  
didio na nuvem luminosa do seu sonho. E depois, numa tosca rabeca, que conseguira fabricar, punha-se o humilde pastoreiro, numa ancia de fazer dó, a procurar imitar as ondas sonoras que lhe cantavam tentadoras aos ouvidos.

Um bello dia foi surprehendido nessa exgo-  
tante tarefa pelos sons de uma verdadeira rabe-  
ca, melodiosa e afinada. Vinham de um castello

visinho, onde um creado ocioso aproveitava a ausencia dos amos, para se divertir, passeando o arco pelas cordas do instrumento. Foi enorme e indiscriptivel a commoção da creança. Desde esse dia viveu pensando naquella rabeca, doido, magnetizado, arquejante, capaz de tudo para possuir-la. Sonhava com ella as noites e, durante os dias, tinha sempre nos ouvidos a melodia das suas cordas mágicas. Finalmente, não pôde resistir à tentação, e uma noite, ás horas mortas, quando todos dormiam, conseguiu, sorrateiramente, introduzir-se, por uma janella aberta, no quarto do creado. E já ia para se apossar do cubiçado objecto, quando foi descoberto e apanhado. Castigaram-no rudemente e Janko, tal era o nome do triste e pequenino pastor, franzino e debil, não pôde resistir ás pancadas e morreu.

E termina assim a historia:

"Alguns dias depois, voltou da sua excursão o proprietário do castello, acompanhado pela filha e pelo futuro genro.

— Que bello paiz que é a Italia! disse o moço.

E a noiva respondeu:

— E que povo de artistas! Como elles são fezes em poder procurar, para proteger, os talentos desvalidos.

Em quanto falavam assim, fazia o vento gemer tristemente os ciprestes sobre o tumulo do pequenino pastor!"

E não é só um interesse meramente plático e litterario esse que poderosamente solicita para os desherdados e para os infelizes, que moirejam tristonhos na noite escura da desgraça, as largas e misericordiosas vistas do belletrista slavo.

Todas as vezes que na prática uma occasião se lhe oferece de levar um arrimo aos que não tem lar, um pedaço de pão aos que padecem fome, um manto aconchegante aos que tiritam na nudez e no frio, elle pressurosamente a acolhe, procurando assim estabelecer esse luminoso acordo entre o que se sente e o que se faz, essa nobre e harmonica conjugação entre os sentimentos e os actos, que Comte proclama como o limite maximo da perfectibilidade humana.

Narra um dos seus biographos que um entusiasta admirador da sua grandiloqua trilogia historica, lhe remeteu, uma vez, com a seguinte inscrição, uma somma avultadissima: — Ao autor de Wolodowski.

Sienkiewicz, apesar de pobre, não a quis receber. Era moço, tinha saúde e tinha talento, e não o intimidava o trabalho. Lembrou-se de que outros, mais do que elle, careciam desse auxilio, para poder viver e trabalhar. E appli-

cou a quantia á fundação de uma obra de caridade, consagrada á memoria de sua mulher, destinando os rendimentos do capital a serem repartidos, em pensões e auxílios, por entre os escriptores polacos pobres e tuberculosos.

Em 1884 publica Sienkiewicz a sua primeira obra de grande folego, *A ferro e fogo*, grandiosa e epica evocação historica da Polonia do século XVII, victimada pelo invasor estrangeiro, que lhe incendiava os casas, lhe arrazava as leiras, lhe assolava os lares, lhe mutilava as mulheres, lhe violava as virgens, lhe degolava as creanças, levando a toda a parte a devastação, a ruina e a morte. E o pobre paiz, ensanguentado e em fogo, encontrava ainda para oppôr à torrente impetuosa dos cossacos, á tempestade furibunda dos turcos e á avalanche devastadora dos tartaros, uma murathá de peitos destemidos e fortes, que o amor da patria couraçava e empedernia, capazes de todos os sacrifícios para defender palmo a palmo o territorio sagrado da terra bendita que os vira nascer. E, á frente desses bravos e desses heroes, cobertos de sangue e de lama, lacerados pelas lanças, golpeados pelas espadas, crivados pelas balas e pelas flechas, marchava, magestoso e solemne, envolto no clarão aureolante de uma gloria nunca empanada, o mais alto e o mais genuino representante da nobreza polaca, o duque Wisniowiecki, o terrível Yarema, deante do qual fugiam espavoridas as hordas sanhudas dos barbaros.

Ao *A ferro e fogo* faz sequencia *O Diluvio*, aparecido em 1886, contando as lutas e as guerras de 1655 a 1660, na fronteira occidental da Polonia, com as hostes inimigas da Suecia. E, dois annos mais tarde, vem a lume *O Senhor de Wolodowski*, um verdadeiro Bayardo polaco, que commanda a fortaleza de Kamienice, sitiada pelos turcos. Este soberbo livro, que uma vibrante emoção patriótica e uma rajada epica de heroísmo sacodem da primeira á ultima pagina, forma, com os dois que o antecederam, a admirável trilogia historica, que, desde logo, immorredouramente barricou a nomeada do futuro autor do *Quo Vadis?*

Nesse herculeo e ingente trabalho de galvanização esthetica do passado heroico da sua patria, busca Sienkiewicz, como o faz notar Gasztowt, fazer servir o passado á instrução e ao conforto do presente, mostrando-lhe as dolorosas e difíceis situações, donde o patriotismo devotado de uns e a paciente tenacidade de outros fizeram sahir triunfante o paiz. E assim que o escriptor lituano concebe a verdadeira função social do moderno romance historico.

(A seguir)

ANTONIO LOBO.

# Direito Marítimo

## A lei deve admittir a hypotheca marítima?

A vigente legislação hypothecária proíbe positivamente a hypotheca sobre navios — art. 110, 1.ª parte, do Dec. n.º 370 de 2 de Maio de 1890.

Foi a L. n.º 1237 de 24 de Setembro de 1864 que criou o novo regime fundado exclusivamente sobre a propriedade imóvel. O navio sempre foi considerado móvel; d'ahi a sua exclusão desse regime, que não o contemplou entre os bens sujeitos à hypotheca — art. 2.º § 1.º da L. de 1864; art. 2.º § 1.º do Dec. n.º 169 A de 19 de Janeiro de 1890.

Tanto a legislação de 1864, como a de 1890, manteve uma disposição mandando subsistir, posto que sem o nome de hypotheca, as obrigações reais que a favor de certos créditos o Código Commercial estabelece sobre os navios, as quais deverão ser registradas nas juntas e inspectorias comerciais — art. 112 do Dec. n.º 3433 de 26 de Abril de 1865; art. 410, 2.ª parte, do Dec. n.º 370 de 2 de Maio de 1890.

Os privilégios que gravam o navio são os compendiados nos arts. 470, 471 e 474 do Código Commercial, os seguintes:

I. Os salários devidos por serviços prestados ao navio, compreendidos os de salvados e pilotagem;

II. Todos os direitos de portos e impostos de navegação;

III. Os vencimentos de depositários, e despesas necessárias feitas na guarda do navio, compreendido o aluguel dos armazéns de depósito dos aprestos e apparelos do mesmo navio;

IV. Todas as despesas do custeio do navio e suas pertenças, que houverem sido feitas para sua guarda e conservação depois da última viagem e durante a sua estada no porto da venda;

V. As soldadas do capitão, oficiais e gente da tripulação, vencidas na última viagem;

VI. O principal e premio das letras de risco, tomadas pelo capitão sobre o casco e apparelo ou sobre os fretes, durante a última viagem, sendo o contrato celebrado e assinado antes do navio partir do porto onde tais obrigações forem contrai-las;

VII. O principal e premio de letras de risco, tomadas sobre o casco e apparelos ou fretes, antes de começar a última viagem, no porto da carga;

VIII. As quantias emprestadas ao capitão ou dividas por elas contrabandas para o concerto e custeio do navio durante a última viagem, com os respectivos premios de seguro, quando em virtude de tais empréstimos o capitão houver evitado firmar letras de risco;

IX. Faltas na entrega da carga, preços de seguro sobre o navio ou fretes, avarias ordinárias, e tudo o que re-peitar à última viagem somente. (art. 470)

X. As dívidas provenientes do contrato da construção do navio e juros respectivos, por tempo de três anos, a contar do dia em que a construção ficar acabada;

XI. As despesas do concerto do navio e seus apparelos e juros respectivos, por tempo dos dois últimos anos, a contar do dia em que o concerto terminar. (art. 471)

XII. O preço da compra do navio não pago, e os juros respectivos por tempo de três anos, a contar da data do instrumento do contrato. (art. 474)

As expressões *hypotheca tacita* e *hypotheca especial*, de que usam os arts. 470 e 633 do Código Commercial, não modificavam a situação do navio em face do direito real de hypotheca, mesmo no regime desse Código, porquanto tal direito só se exercitava sobre bens de raiz (art. 235), e as embarcações eram reputadas bens móveis. (art. 478)

São essas as disposições em vigor, e muito de propósito deixadas transcriptas, para mostrar que as obrigações reais sobre os navios, de que fala a lei hypothecária, limitadas e restritas, como são, não satisfazem ao desenvolvimento progressivo do comércio marítimo moderno, e muito menos às necessidades do armador que, para procurar o adiantamento de fundos de que necessite para fazer face às despesas de equipagem e da navegação, precisa não só oferecer ao credor uma garantia real, como, por outro lado, de um meio de crédito de uso mais regular, mais frequente e menos aleatório, que só encontrará na hypotheca marítima.

Relatando o projecto, que se converteu na lei de 10 de Dezembro de 1874 sobre hypothecas marítimas, dizia Grivard no parlamento francês:

«O comércio marítimo exige capitais importantes; na construção ou na compra dos seus navios, e na manutenção destes, o armador emprega muitas vezes uma proporção notável de sua fortuna.

... Para o industrial ou o comerciante ordinário a lei multiplica os meios de crédito, ... presita-se a combinações fiduciárias de grande auxílio para o negociante, que lhe permitem, nos momentos mais difíceis, procurar os fundos de que tem necessidade.

«O comércio marítimo não participa dessas vantagens; a

lei que o rege é feita de tal forma, que de todos os meios de crédito real que organizou, nenhum pode convir aos navios. Como móveis, não podem ser hypothecados. Podem ser dados em penhor; mas as condições às quais se acha subordinada a validade do penhor são de tal natureza, que esse recurso torna-se puramente nominal. O credor, para ter o benefício do privilegio, deve ficar na posse do objecto penhorado.

... O proprietário vé-se despojado do objecto do penhor e privado do instrumento necessário à sua indústria, ao passo que o credor obrigado a despesas de guarda e conservação custosa experimenta serio embargo em uma posse, de que não pode tirar proveito.

... A hypotheca é a base do crédito real em matéria imóvel... Mas concebe-se uma espécie particular de móveis tão facéis de individualizar como os imóveis, à qual se possa, além disso, adaptar um regime de publicidade tão completo, tão amplo e tão seguro, como o que funciona em matéria imóvel, em vão se indagar por que motivos, jurídicos ou económicos, a ella não se poderia aplicar o benefício da hypotheca. É este o caso dos navios. A lei deu-lhes ao mesmo tempo um estado civil e um domicílio ao qual ficam adstritos, mesmo em suas mais longínquas peregrinações. Com tais elementos é fácil constituir a publicidade hypothecária; e, se assim é, nada se opõe a que os navios possam ser hypothecados». — Alauzet, *Comment de la loi sur l'hypothèque maritime de 1874*.

Essa lei sofreu numerosas e importantes modificações com a de 10 de Junho de 1885, que a abrogou. (1)

A hypotheca sobre navios é desde muito tempo usada em grande número de países marítimos.

No Reino Unido o armador tem o direito de hypothecar o seu navio em virtude da lei sobre a marinha mercante de 10 de Agosto de 1854. É a aplicação do *mort-gage* aos navios mercantes. O *mort-gage* é um direito de propriedade condicional que o devedor, *mort-gagor*, permite ao credor, *mort-gagor*, sobre o imóvel dado em garantia; si o credor é pago no vencimento, deve tornar a transferir o imóvel ao devedor; só entra na posse d'este depois de expirado o prazo estipulado para o ressarcimento da quantia devida, si esta não lhe é paga. — Lehr, *Droit civil anglais*, n.º 504.

Nos Estados Unidos da América do Norte ha o *mort-gage* dos navios regulado por um acto do Congresso Federal de 20 de Julho de 1851, e muito mais usado ainda do que na Inglaterra.

No Canadá a hypotheca sobre navios está consagrada no Código Civil de 1863, arts. 2374 e seguintes.

«Na Alemanha, diz Pierre de Gentile, não se encontra a hypotheca marítima na lei federal aplicável a todo o país; a legislação de cada Estado a elle se refere; e n'aqueles, onde existe, não importa uma derrogação do direito commun, porque na Alemanha os navios são imóveis e, como tais, submetidos ao regime dos imóveis em matéria hypothecária. Só Mecklemburgo considera os navios como móveis». — *De l'hypothèque maritime*, Intr. d. § 5.

Na Holanda, enquanto os navios sejam reputados móveis, são susceptíveis de hypotheca, em face da lei de 1.º de Outubro de 1838.

Na Suécia o navio é móvel mas o Código marítimo de 23 de Fevereiro de 1864 permite hypotheca sobre ele, o que constitui uma exceção importante aos princípios das leis suecas sobre hypotheca, como diz K. d'Olivecrona, citado por Gentile.

No Itália havia o penhor marítimo, mas ficava a sua validade dependente de uma transferência de posse fictícia, e que consistia em instalar-se a bordo do navio penhorado um guarda, que podia ser o capitão, si este não fosse proprietário ou coproprietário do mesmo navio. A necessidade do guarda desapareceu com o Código do comércio de 1882, tornando-se o *pigno náutico* uma verdadeira hypotheca.

Na Rússia, com o nome de hypotheca marítima, existe uma instituição de carácter mixto, participando ao mesmo tempo do contrato de empréstimo a risco e da hypotheca propriamente dita.

Na Bélgica existe a hypotheca marítima criada pela lei de 21 de Agosto de 1879, haurida em grande parte da lei francesa de 1874.

No nosso direito marítimo, como no da Áustria e da Espanha, existe apenas o empréstimo a risco ou cambio marítimo, de que trata o art. 633 do Código Commercial.

Pothier definia esse contrato: «aquele pelo qual um dos contratantes empresta a outro uma certa somma de dinheiro, sob condição de que, no caso de perda dos efeitos, sobre os quais essa somma foi emprestada, acontecida por algum risco do mar ou acidente de força maior, o empréstimo na hora poderá repetir além do que restar; e no caso de bom sucesso, ou quando este não tivesse tido lugar por vicio da causa ou por falta do capitão ou marinheiros, de ser obrigado o tomador a restituir ao empréstimo a somma emprestada com os juros convencionados pelos riscos a cargo do mesmo empréstimo». — *Œuvres*, vol. 5, pag. 345.

Semelhante meio de crédito, porém, além de se referir somente a riscos do mar, envolve uma garantia muito mediocre.

O ilustrado professor da Universidade de Pisa, Giovanni Gianquinto, em sua monumental obra—*La ipoteca navale*—reduz a quatro os argumentos que se levantão contra a hypotheca naval, como elle a qualifica, preferindo esta denominação á de *maritima*, de que usão os franceses, porque a primeira se limita ao navio e seus accessórios, ao passo que a segunda se extende a outros objectos sujeitos aos riscos e sinistros do mar.

Apreciei esses argumentos em rapida synthese.

I. O primeiro se funda na natureza móvel do navio, debaixo do ponto de vista jurídico. O navio é uma causa móvel. Quasi todas as legislações marítimas tem proclamado este princípio. Ora a hypotheca reclama, como condição essencial, um bem imóvel. Logo não pode ter por objecto um navio.

E' exacto que uma das condições jurídicas da hypotheca, no direito moderno, é a immobility do objecto hypothecado; e que o navio, rigorosamente falando, não pode ser reputado imóvel, e desde o Direito Romano assim se tem entendido.

Neste Direito, porém, a hypotheca podia versar sobre bens de toda a especie; as causas incorpóreas, os simples direitos creditorios, podiam ser objecto de hypotheca. Mariano dizia—*inter pignus et hypothecam tantum nominis sonus differt*.

Foi depois do pretor Servio, que se firmou a distinção entre o penhor e a hypotheca, dando-se n'esta a constituição do *jus in re*, pela simples conservação, independente da tradição da causa. D'ahi nasceu a acção *quasi screvina*, do nome d'esse pretor, *que etiam hypothecaria vocatur*, pela qual os credores executavam os seus penhos e as suas hypothecas. Dizia-se *penhor*, tratando-se de uma causa principalmente móvel, *que simul etiam traditur creditori*; e *hypotheca*, de uma causa, *que sine traditione nuda conventione tenetur*.—Institut., De action. § 7; Lafayette, Dir. das Causas, 2.º vol. § 172; Didimo, Dir. hypothec. ns. 12 a 15.

O Direito Portuguez, que regulava as nossas relações civis, segundo o Direito Romano, admittia a hypotheca dos moveis; Didimo, obr. cit., aponta as leis de 12 de Maio de 1768 e de 20 de Junho de 1774 e o alvará de 24 de Junho de 1793.

A reforma de 1854 foi que eliminou os moveis dos objectos sujeitos á hypotheca.

Si esta é uma pura criação da lei, d'onde tira o seu fundamento jurídico, si o fim de uma boa lei hypothecaria, como diz Didimo, é antes económico do que jurídico, não vejo razão para se deixar de abrir uma excepção aos princípios citados, com o fim de satisfazer às exigências do commercio marítimo, a exemplo do que tem feito muitos países adiantados.

Além d'isso, estudo-se o carácter de mobilidade dos navios nos diversos aspectos jurídicos, não se pode deixar de reconhecer que elles não são peros moveis communs, como os produtos económicos, as mercadorias e outras causas, mas constituem uma classe de moveis *sui generis*.

Assim

a) Os navios de guerra, na opinião unânime dos escriptores e segundo o Direito das Gentes, contêm uma parte do território da nação, a que pertencem; levando alguns publicistas, entre os quais Hello, Hautefeuille e Ortolan, esta doutrina até aos navios mercantes.

b) Os nascimentos e óbitos dados a bordo, assim como os testamentos ali feitos, em regra se reputam actos passados no território do Estado, do qual traz o navio a bandeira.

c) As alienações de embarcações brasileiras destinadas à navegação do alto mar só podem fazer-se por escriptura pública, na qual se deverá inserir o teor do seu registro, com todas as anotações que n'elle houver: pena de nullidade.—Código Commercial, art. 408, 1.ª parte; Souza Pinto, Direc. Comm. n. 2900. Quasi todas as legislações prescrevem que a venda de navios deve ser feita por acto escrito. Si elles fossem moveis communs a nossa lei não faria a exigência indicada com pena de nullidade; sujeitaria a venda d'elles á distinção legal da taxa, que regula a venda dos moveis.

d) As vendas judiciais dos navios estão sujeitas às mesmas solemnidades da arrematação das imóveis.—Código Commercial, art. 478; Teixeira de Freitas, Consolid. das leis civ. art. 49.

e) Por um princípio universalmente admitido nas legislações e na doutrina o navio vendido fica vinculado pelos débitos contrahidos pelo vendedor; entretanto, diz Gianquinto, a garantia do credor quanto aos bens moveis, em direito communum, é limitada ao tempo em que os mesmos se achão em poder do devedor. «Chiamate questo diritto con qualunque nome vi piaccia, diritto de seguito, di pegno, d'ipoteca, o di particolare encolamento; dessso sarà sempre una evidente prova che la nave non può considerarsi como una cosa para mobiliare»—Obr. cit., pag. 32; Cod. Comm. art. 476.

Não se diga que considerar os navios como imóveis será contrariar a essencia das causas. A lei pode, para certos efeitos, immobilizar bens, que por sua natureza física são mobilissimos. A immobility jurídica não é sempre uma immobility natural e physica. Muitas vezes uma causa móvel por natureza é reputada imóvel ou por fiação e poder da lei, ou por destino que lhe dá o

proprietário; outras vezes mobiliza-se juridicamente direitos, obrigações e ações sobre bens imóveis; e disto temos exemplos no Código Civil Francês, arts. 517 a 529, no Italiano, arts. 407 a 418, na nossa propria legislação hypothecaria, arts. 133 a 136 do Decreto de 2 de Maio de 1890.

A fiação equivale juridicamente á verdade das causas e dos factos, sempre que a lei a isso não se oppõa—Fr. 136, Dig. I. reg. juris.

II. O segundo argumento é tirado ainda da natureza móvel do navio, debaixo do ponto de vista da segurança de facto. O credor ordinario tem a sua garantia ligada ao sólo, com cuja estabilidade conta; mas o credor marítimo não pode ter a mesma confiança em uma construção fluctuante. O seguro marítimo pode garantir contra os infortúnios do mar; mas não o pode fazer no caso de não haver se perdido o navio, e sim no de ter sido subtraído ou perdido o credor.

Os sistemas modernos de registro, que se referem á construção, á nacionalidade, ao movimento dos navios, dão ao credor tanta segurança, como si se tratasse de imóveis. Um navio não pode desaparecer e occultar-se facilmente como um móvel qualquer. Quem adquire um navio não pode ser enganado sobre a existência do onus hypothecario, pois nenhum pode navegar sem certificado de sua nacionalidade, e n'este deve vir mencionada a hypotheca que o grava, testemunho irrefragável, diz Gianquinto, do direito que acompanha o navio em qualquer mar, por onde passe. Além d'isso, o telegrapho, que dá conhecimento ás administrações marítimas de todo o movimento dos navios constantes de seus respectivos registros, auxiliaria a pesquisa por parte do credor.

III. O terceiro argumento se funda na fragilidade do navio; nos riscos do mar. E' impossível que um capitalista deposita confiança em uma garantia sujeita a tais riscos.

Confia-se aos navios, para transportarem, as pessoas, as famílias, tesouros, mercadorias de imenso valor ás vezes; as companhias de seguros tomão a si os riscos; fazem-se contratos de cambio marítimo; porque não podem elles servir de garantia á hypotheca?

Os riscos existem, é verdade; mas, nem por isso, a navegação tem deixado de desenvolver-se e a construção naval de aumentar de valor. O seguro marítimo pode completar essa garantia e pensa Gianquinto que ha indubitable necessidade de associar-se o contrato de seguro á hypotheca marítima.

Na Inglaterra, paiz de um povo pratico por excellencia, o credor encontra sempre meios de garantir o seu capital; pode se garantir o seu crédito contra todos os riscos da perda do navio e ainda evitação por outro credito; também pode tomar a sua conta seguro do proprio navio, fazendo-se subrogar nos direitos armador.

IV. O quarto argumento, finalmente, está na preferencia que, por lei, deverá sempre conceder-se aos credores privilégios. São as obrigações reaes, de que falla a lei hypothecaria, constantes do Código Commercial, e que transcrevi no princípio d'estrâbalho. Ora este princípio, aliás indispensavel em uma boa legislação, não pode deixar de tornar illusorio o direito da hypotheca marítima. D'ahi o credor perderá o seu beneficio, e muitas vezes a esperança de recuperar o seu dinheiro.

A concorrência de dois créditos, ambos garantidos por privilégios, não é novidade nas legislações; e a dos dois créditos pontados é praticada em diversos paizes sem choque de natureza alguma.

O credor hypothecario nada pode sofrer com o privilégio resultante do empréstimo marítimo, que é o ponto mais forte do argumento. O navio hypothecado sofre avarias em viagem; relhe-se ao primeiro porto; o capitão contrahe um empréstimo para reparos das avarias. Voltando ao mar, naufraga o navio; o emprador do dinheiro perde todos os seus direitos, mas o credor hypothecario conserva o beneficio do seguro. Si o navio volta ao porto de saída, sem mais acidente, o empréstimo marítimo para o credor hypothecario a vantagem da conservação do objecto hypothecado.

Para resolver dificuldades d'essa natureza Gianquinto aconselha o uso do sistema adoptado no commercio marítimo inglês de que dei notícia.

Dante d'estas considerações que, apesar de ligeiras, já longas, não posso deixar de opinar pela admissão da hypotheca marítima no corpo da nossa legislação.

F. Machado.

(\*) Não cabe nos limites d'este trabalho apreciar os detalhes d'esta e de outras leis estrangeiras sobre a hypotheca marítima.

Por falta absoluta de espaço, deixa de ser aqui incluído o *Movimento Bibliographico*, que anunciamos no sumário. Os nossos leitores nos relevarão, de certo, semelhante falta, independentemente da nossa vontade e que, prometemos, não se repetirá.

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Setembro de 1901

NUM. 2



**Dr. João Gualberto Torreão da Costa**

Governador do Estado do Maranhão

## A VICTÓRIA DO AMOR

No paraíso. Adão contempla, extasiado,  
O mistério sem fim dos tristes olhos de Eva,  
E nelles vê brilhar um céo nunca sonhado,  
Ora cheio de sol, ora cheio de treva.

E ella, que tem no corpo um outro paraíso,  
Melhor que este que Deus lhes dera por encanto,  
Olha a Adão, e este olhar é doce como um riso,  
Fala-lhe, e a sua voz é leve como um canto.

«Olha as flores e o sol... Porque elas estremecem  
Ante a glória solar que doira a terra inteira?...  
Porque é que os seios meus palpita e florescem  
Como, aos beijos da luz, floresce uma roseira?

«Tudo canta... No céo, na terra e sobre as águas  
Ouvem-se hymnos de amor, palpitações, anceios...  
E eu reprimio no seio um turbilhão de magoas  
Para não perturbar os impetos alheios:

«Sinto morder-me o corpo uns morbos cançãos,  
Um desejo, uma febre, um fogo, uma alegria louca...  
Porque é que temos nós a doce cruz dos braços,  
A alvorada do olhar, e a papoila da boca?

Diz-lhe Adão:—«O Senhor fez-nos assim, querida,  
Para, quando a scismar num tédio negro e fundo,  
Pudessemos fugir para outra melhor vida,  
E voarmos ao céo, não saíndo do mundo.

«Ai que alegria! que loucura!» E, assim dizendo, tomba  
Suspirando, aos pés de Eva extática e surpreza...  
E há pelo ar vaporoso um arrulho de pomba,  
E há um desabrochar em toda a natureza.

E contemplam-se os dois, estremecendo... E o veio  
Da água põe-se a cantar pela campina afóra...  
E a flor pergunta:—Que ave então este gorgojo?  
E a ave pergunta:—De onde é que vem esta aurora?

Agora falam baixo, ao perfumado abrigo  
Das folhas... Quadro tal, quem poderá pintá-lo?  
Diz Adão:—Ouço Deus, quando falo contigo!...  
Responde Eva:—Ouço Deus, quando comigo falo!...

E na glória ideal da carne moça e nua  
Abraçam-se a tremer, ante a inveja das flores...  
Foi então que no céo desabrochou a lúa,  
Protetora celeste e eterna dos amores.

Eva suspira e gème em alegrias e delírios,  
Crispando as finas mãos feitas de violetas...  
E pensando ver nella um prado todo em lírios  
Beijam-na, a esvoaçar, bandos de borboletas.

Então do céo azul desce um arcanjo lindo  
Tendo constelações nas azas coruscantes,  
Que cheio de emoção fecha as azas, sorrindo,  
E desfolha jasmim na frente dos amantes.

Diz Adão em segredo: «Eu não vejo os abrolhos  
Ao ver os olhos teus, e ao sentir o teu beijo...  
E Eva diz-lhe, a anciar:—Quando vejo os teus olhos,  
E beijo os lábios teus, o firmamento vejo.

Então o doce odor das flores, a inocente  
Frescura dos verdes pelas manhãs cheirosas  
Se incarnavam no corpo ideal de Eva tremente,  
Que era como um rosal todo cheio de rosas.

E aves, flores, e terra, e todo o firmamento,  
Eram como o interior de uma encantada igreja,  
Onde se celebrava o santo sacramento,  
Que aos ninhos e aos jardins causava ciúme e inveja.

Diz Adão:—Somos dois arcanjos condenados  
A viver sem gozar, tendo o gosto tão perto...  
Amemos, ainda que sejamos castigados  
Por termos povoado o coração deserto...

«As aves temem um ninho, e o paraíso apenas  
É um abençoado e perfumoso ninho.  
Se Deus para os verdes creou as açucenas,  
Creamos para nós as flores do carinho.

«Amemos!» Eva cae-lhe aos pés, ebria de gosto,  
Arfando, a estremecer, quasi desfalecida;  
E então viram no céo mais amplo e luminoso  
Uma reprodução prompta e fiel da vida.

E o campo se povoou de flores e de azas,  
E recamou-se o céo dos astros mais risonhos,  
E a terra estava a arder como um vulcão em brasas,  
E os dois tinham à frente a loucura dos sonhos.

E aves, no frenesi ardente da nevrose,  
Cantavam, ao ouvir a música do beijo...  
Foi assim que se fez em louca apoteose  
A sagrada do Amor, da Carne e do Desejo!

E assim o amor venceu a Deus, o rei dos entes,  
Diante de quem o mundo e as gerações se somem,  
Transfigurando dois arcanjos inocentes  
Em dois diabos vis:—uma mulher e um homem.

FRANCISCO MANGABEIRA.

---

 HENRYK SIENKIEWICZ

(Ligeiras notas bio-bibliográficas)

---

 II

Mas Sienkiewicz não se circumscreve a uma limitada área de idealização estética, não se adstringe, emperrado, a um tema fixo de elaboração artística. Explora, pelo contrário, todos os campos, sulca todas as correntes, navega em todas as direções, consciente de que, tanto nas especulações científicas, como nos entretenimentos belletrísticos, uma saudável e arejante cultura encyclopedica é sempre preferível ao regime estacionador das especialidades.

Assim é que, ao pôr a ultima demão no SENHOR DE WOŁODOWSKI, envereda logo no SEM DOGMA (1890) por um trilho diferente e novo. Depois de focar os lances amargurados e gloriosos do passado, vem aplicar ás coisas do presente as suas magnas qualidades de observação e de analyse.

SEM DOGMA é um estudo psychologico, em forma autobiographica, percuciente e agudo, da alma polaca moderna, enfebrecida, ardente, torturada, pondo á conta da «improductividade slava» a indecisão em que tacteia, à falta de um alvo certo, e extravasando, num estendal desanimador de pessimismo e de descrença, as poderosas e fecundas energias que, norteadas por uma idéa nobre ou por um sentimento utilitário, tanto poderiam servir a causa da emancipação do paiz. O dogma, seja elle um credo religioso ou um postulado social, é indispensável para tornar a vida útil e fazer o homem feliz. «Depara-se-nos por vezes, no decorrer da existência—diz-nos o heroe do livro, Leão Płoszowski, numa passagem das suas memórias—um objecto qualquer, quasi sem importancia e sem alcance; nelle concretisamos todas as nossas esperanças, para elle vêm celares todos os nossos desejos. E no dia em que esse objecto nos escapa parece que cessa também para nós toda a razão de existir».

E é por ter menoscabado a utilidade do dogma que tão desgraçadamente acaba Płoszowski, suicidando-se, quando desaparece do mundo Angelica, em cujo amor, tardiamente, lobrigara a única possibilidade de ventura, para a sua vida accidentada e infeliz.

Em 1894 vem avolumar o numero das produções do mestre do romance polaco um novo livro: A FAMÍLIA POLANIECKI, que todos os críticos accordam em reconhecer como a «contre-partie» do SEM DOGMA e que Rzewuski proclama a obra prima de Sienkiewicz. A FAMÍLIA POLANIECKI glorifica, numa emoção quasi tolstoiana, o retorno para os costumes simples, para a vida activa e para a religião singela e pura de outros tempos.

Finalmente, no anno seguinte, faz a sua apparição triumphal no mundo das letras o QUO VADIS?, essa obra prima do moderno romance europeu, traduzida hoje para mais de vinte linguas, empolgando sempre, numa fascinação invencível, todo o público leitor, sem distinção de credo ou de nacionalidade.

Depois dessa grandiloqua e excelsa epopeia do paganismo moribundo e do christianismo nascente, produziu ainda Sienkiewicz um outro romance—OS CAVALHEIROS DA CRUZ, pondo em fóco as lutas travadas, no seculo XVI, entre os polacos e os cavaleiros da ordem teutonica, batidos atinal por Ladislau Jagellão, na memorável e renhida batalha de Grunwald.

No livro, cuja tradução hoje emprehendemos, ao que nos conste, pela primeira vez no Brasil, (\*) retrata Sienkiewicz, numa admirável relevância de contornos e numa rigorosa firmeza de debuxo, diversas scenas tipicas do viver académico polaco.

Essa mocidade, que «todos os annos, como um bando alegre de passaros, acorria a Kiew, sedenta de saber, formando grupos que depois se dispersam, recebendo ou comunicando a scienzia, guardando-lhe religiosamente as lições, ou malbaratando-as estouvadamente, marchando resoluta para a frente, ou quedando-se, immobilizada e descrente, até vencer por fim, ou succumbir na lucta», perpassa, lantejolada e brillante, irisada e multifaria, nas saborosas paginas desse sentido romance, que uma tão fina e exquisita emoção ani-

ma e vivifica. Para delinejar os typos que por elle esfuziam, ziguezagueantes e irrequietos, maravilhosos de verdade e de vida, para esboçar as scenas animadas, palpitan tes e reaes, que o matisam e relevam, molhou certamente o artista a pena nas reminiscencias que lhe ficaram na alma do seu tirocinio universitario. E foram talvez essas tintas, recolhidas e amorosas, que revestem a narração de um certo carácter de notas intimas, pessoais, e quem sabe se até mesmo auto-biographicas, que levaram Sienkiewicz a retirar-la da edição definitiva que das suas obras fez ultimamente, em polaco.

Semelhante escrupulo, cuja oportunidade não vem a pélo discutir agora, não prevaleceu, felizmente, para os editores estrangeiros, que aos milhões de exemplares acabam de tirar o DEBALDE à gulodice abarcante e insaciável do publico amante das bellas obras de ficção, fazendo-o alcançar, dentro de pouco tempo, uma popularidade quasi igual a essa outra que circula e apregoa o QUO VADIS?, tonitruando clangorosamente a sua fama imperecível e universal.

Na França, na Itália, na Alemanha e na Inglaterra multiplicam-se e sucedem-se, vertiginosa e estonteadoramente, as traduções e tiragens desse bellissimo romance. E G. Lefèvre, no prefacio de uma das traduções francesas, suspicazmente attribue essa voga montante a serem as personagens do DEBALDE, à semelhança das do QUO VADIS?, figuras que todos podem comprehendere sem dificuldade, adaptando-as cada um á sua concepção especial da vida. Para imagina-las, não carecemos de saber a historia da Polonia, nem de ter observado de perto a sociedade polaca. As suas palavras, as suas idéas, os seus actos, os diversos episódios em que se entrelaçam, os quadros em que se movimentam, tudo isso é de um interesse mais humano do que local.

Nesse romance de estréa de Sienkiewicz veem já, por assim dizer, comprehendidas todas as superiores qualidades que mais tarde lhe deveriam fazer a gloria. Já nelle transluzem, promissores e fulgurantes, os dotes excepcionais que o viriam enaltecer no futuro. É a mesma segurança e o mesmo vigor dos traços, a mesma saliencia graphante e suggestiva dos contornos, a mesma finura e a mesma agudeza de observação, a mesma sobriedade de tintas, a mesma exactidão e a mesma propriedade do termo, insubstituível por outro qualquer, por mais synonimo que seja, a mesma pericia e o mesmo tacto no desenrolar do fio conductor do entrelacho central, o mesmo talento e a mesma habilidade no «camper débou» das personagens, finalmente, todos esses predicados que nos seus livros posteriores se viriam afirmar, com mais vigor, na majestosa plenitude da sua maturidade.

Helena e Maria desde logo evocam Olenska, Angelica, Eunice, Lygia, Ignez, Helena de Kurcewicz, e todas essas adoraveis creaçoes femininas de Sienkiewicz, tão meigas e tão reaes, tão amorosas e tão castas, que pelos seus livros espargem um perfume inebriante e volátil de ternura e de pureza, que em todas as suas telas projectam a sombra docemente esbatida dos seus perfis suaves, que em todos os seus romances põem o fremito dos seus apaixonados carinhos e das suas abnegadas immolações.

Dostoievsky, o grande russo doloroso, fez do sofrimento humano uma religião acrisolada e funda, um culto vibrante e sincero; religião e culto que levam Rasputnikoff, o lendario heroe do CRIME E CASTIGO, a cahir

de joelhos aos pés de Sonia, depois de ouvir a história trágica da sua inenarrável tortura, balbuciando numa voz cortada pela commoção e pela angustia: — «Não é deante de ti que me prosterno reverente, mas sim deante de toda a imensa e incomprehendida dor humana, que nest' hora representas!»; religião e culto que fazem também, por seu turno, a triste e humilde Sonia apiedar-se do martyrio que lavra na alma do estudante e aliar-se-lhe ao pescoço, num impeto subito de commiseração e de conforto, deixando escapar dos labios tremulos a amarga confissão: — «Não ha neste momento sobre a terra um homem mais desgraçado do que tu!»; religião e culto, finalmente, que o inaudito artista slavo assombrosamente corporifica e synthetisa nessa grande e dolorida figura do principe Muichkine, do IDIOTA, o livro extraordinario, de que diz Melchior de Vogüé que faz trabalhar o espírito como um texto hieroglyphico e faz pensar tanto como um tratado de philosophia.

A semelhança desse outro estheta gigante, brotado do mesmo tronco forte que o produziu, prega também Sienkiewicz, nos seus livros, uma religião nova, mais nobre e mais utilitária talvez do que a do belletrista russo, porque deixa de ser tão contemplativa e tão mystica, para mais directamente descer à liça da actividade e da accão: — a religião do dever, da submissão aos ditames da consciencia honesta e recta.

E o seu primeiro livro é também o primeiro capítulo desse cathecismo humano e profícuo

ANTONIO LOBO.

(\*) Vide o 1º n. d'A Revista do Norte.

(\*\*) O estudo, que ora publicamos, forma o prefacio que antepõmos à tradução portuguesa do Na Marne, de Sienkiewicz, a sahir dos prelos d'A Revista do Norte, numa brochura de 200 e tantas páginas, ornada com o retrato do grande artista slavo.



D. Luiz de Brito — Bispo de Olinda

## NO SERTÃO

Pelo estreito e sombrio caminho da grande matta, que despeja um delicioso aroma de hérvas agrestes, aroma subtilíssimo e acre, que trespassa nas grossas ramarias das velhas arvores centenárias, no seu buraco, vai indo pensativo. Ao lado, a inseparável e comprida faca dos sertanejos; em uma das mãos, uma grande bolsa de couro amarrada; na outra, um ferino e nodoso chicote, que trina no ar e ruimamente zurzina.

Vae em caminho do lar, que fica longe, para a outra banda, além do rio.

Grê e o monstro, em almas do outro mundo, que com as enor-

mes foices e as suas grandes lampadas diabolicas exigem a cada passo um pagamento aos homens atrevessim o gerto, calados.

Não traz fumo para os curupiras, pensa. E se elles aparecerem? Hei de dizer-lhes que não? Os curupiras, oh! os caboclinhos de calcinhar pr'a frente, decreto não te perdoaria. Para que veio, então, se não tinha fumo? perguntariam. Não tinha que ver, decreto ou o atirariam em alguma cóva funda e negra, ou no olho de algum espinheiro bravo; isto era certo, ia jurar. E amaldiçoava-se, que não fosse temeroso; melhor fôra que tivesse esperado o dia, para agora não estar com a morte ante os olhos. Com a matta ninguém brinca, e agora ella poderia mata-lo, porque cada um manda no que é seu. E chibateava o animalinho, nervoso, frenético.

Ao menor ronquejo concavo do vento tenebroso, que gorgearia dolorosamente, Thadeu estaca e escuta e reza o *Creio em Deus Padre*, murmurando ao terminar:

—Deus me guie...

De uma palhoça, que fica à margem do caminho, escapam leves e tenues fios de fumo... Thadeu encaminha-se a pedir pousada. Pára e escuta: partem vozes de dentro, vozes virgens, vozes apixonadas

Rezam:

—Minha beata Santa Catharina, tú, que és bonita como a lúa branca do céu, que foste a casa de Nosso Senhor Jesus Cristo, que alem mil pessoas viste, quarenta e tantas, abrandaste, peço-te, ó minha beata Santa Catharina, que abrandes a Thadeu comigo, que, quando me veja, esmire, assim como esmirei a Virgem Maria e seu bendito filho, ao pé da árvore da Vera-Cruz.

Thadeu vacila, trema, salta ao *Bigode Louro*, nome que déra ao burro, crava os acicates e galopa, tartamudeando admirado:

—Virgem santa! Esta mulher é feiticeira... Como é que ella anda a fazer reza p'râ mim?... E cacareja o *Creio em Deus Padre*.

Um silvo agudíssimo retalhou o seio da noite. E, num esquivado rápido, fogoso, approximase, apavorante e macabro.

Thadeu olha d'aqui, olha d'allí... Nada... Nada!...

Espieça o *Bigode Louro*, derrota-se para traz, estica, sacode aos muros o cabresto, e o animal empina, pula, esconceira.

—Minha Virgem da Conceição, meu Nosso Senhor, que será de mim hoje, meu Deus do céu, balbucia, favado em bagas de suor frio.

Pela encruzilhada do caminho um vulto surge, montado, negro, à redea solta, ofegante, esbaforido.

—O' amigo, espere!

—Ai minha Nossa Senhora, é o espírito mau que ahi vem, é o cão, é o diabo! Como ha de ser, minha Mãe do céu! articula com as mãos cruzadas sobre o peito, os olhos doridos para o céu calmo e azul, cheios de invocação.

Lépido, desnuda a inseparável e comprida faca, que rebriha um instante, e fica immóvel, firme como uma estatua de bronze, esperando o sinistro encontro.

Mas de repente deita a correr desabridamente, aos galões, e entraña-se pela escuridão espessa, calcando aos pés os galhos tortos:

—Valha-me Nossa Senhora do Socorro! Te esconjuro, espírito mau!

—O' Thadeu! espera, honrêm!

—Te esconjuro!

O vulto negro, que surgia pela encruzilhada, cabeceou tristemente:

—O rapaz está doido, está doido. Mas é preciso que o não abandone; som os amigos, isto é que é

—E escancellou a boca, trovando:



**A' sua saude**

—O Thadeu! O! Iam em!

Amarra o animal num tronco grosso de uma mangueira viciosa, e, resoluto, rasgando o seio da severa matta, com o *Veltudo*, o cão negro, que ziguezagueando ia, ora à frente, ora atrás, parando aqui, batendo o solo, ali latindo, como se procurasse a pista do foragido.

Ali enas o trillar frenético dos insetos...

Espera... Nada... Nada...

O chásito fareja sorrericamente no tronco, outro, espirrando, e, de espaço a espaço, erguendo uma das patas traseiras, urina nos arbustos.

—Ora esta! Eu aqui a pensar num meio para salvar o compadre, —em lhe lembrar.

E ergundo o braço;

—*Veltudo!* *Veltudo!* Iscô! Iscô!

O rafeiro despediu-se desabaladamente pela batida que lhe indicava o dono

—Iscô! Iscô! bradava ele atrás do polengo, que ia levando, ganindo, desesperadamente.

De chofe, o rafeiro, a luoga esquecida a um canto da boca aberta, volta, e, arquejante, investe, recua, ladra.

—Eh' diabo! Eh' bicho!

Sob um coqueiro phosphoreavam dois pontos negros, como duas pequeninas estrelas perdidas pela escuridão da noite

A ferahistericamente uiva, mostrando as incisivas presas, encorvoa-se e vai a investir, quando *Veltudo* salta ao lado e lhe trinca o rabo ourigado. Ambos se desfilam pelos matos abstrusos, o podengo à frente, caracolando, sumindo-se aqui, aparecendo acolá, ladrandos, escarnecedo da raiva bruta do inimigo, que brame espumaroso, feroz, atroador.

De cima do coqueiro ama voz quasi imperceptível, medrosa:

—Virgem Nossa Senhora do Livramento! Outra vez o Sujo, outra vez! Em nome do Padre, do Filho, do Espírito Santo, te esconjuro, espírito perseguidor!

—O Thadeu! Desce d'ahi, homem! Ora p'ra que pode dar uma criatura! Desce d'ahi!

—Te esconjuro! Te esconjuro!

—Olha lá, homem, que eu não sou nenhum demônio p'ra você me esconjurá, assim! Você não me conhece? Sou Benedicto, seu compadre, de lá de cima.

—Olhe lá! Eu desço, mas é em nome do Padre, do Filho, do Espírito Santo!

Ligeiramente, deslizando-se de alto abaixo, Thadeu encarou-o, apopleptico:

—Tu? Tu?! Benedicto?

—Olá se sou. Eu, sim. Então? Homem, parecees deido. Que é isto?

Thadeu, serenamente:

—Ah! rapaz! quasi que me mata... Coça a breca!

—Tu é que és o culpado, mas o que lá vai, lá vai: dá-me a tua faca e tira uma forquilha ahi nos mattos.

Thadeu, num pulo, some-se e reaparece:

—Prompto!

—Vamos matar a bicha: espera, é já...

E, ergundo a voz, trovejou:

—Eh! *Veltudo!* Ecol! Ecol!

A princípio... nada! Depois um leve arfalho longinquinho, mais perto, mais perto, até que uma cabecinha negra surge, volteia, ladra. Um galope, passado o desencontro, fortes estalidos de galhos, e... uma canguçu enorme, negra, estaca, uiva, arqueia-se...

Nim relance, a mão certeira de Benedicto embebe-se-lhe na barriga elástica, um baque pesado e estatelá-a!

—Que bichão, compadre, que bichão! exclama Thadeu, vendo com a ponta da faca os olhos da canguçu agonizante. O *Veltudo* avidamente mordulha o focinho pelo rasgo, que fizera Benedicto no ventre do monstro, e retira os intestinos, estendendo-os por terra.

—Mas, como eu ia dizendo, fala Thadeu, pondo-se em marcha, quasi que me mata, homem.

—Porque?

—Ora, tú sabes o que é matta, e começas a gritar ahi feito um damnado...

—Ora, seu compadre, deixe-se lá de cousas; nem parece que você é homem; pois então você crê mesmo nessas historias de matto?

—Eu creio, sim, porque não hei de crer? Você não crê?

—Lá nadô, homem. O diabo que me leve uma perna, se eu creio nisto...

—Deixa d'isso, Benedicto, deixa d'isso, tá-bom! Cruzes! Olha que aí la nos pode acontecer alguma cousa... Puxa outra conversa,



### MANAUS—PONTE DA CACHOEIRINHA

Benedicto estatou uma gargalhada histerica.

—Qual, rapaz, tu, tu mesmo! Hum, hum!...

Insetos erivavam a noite de um ziccia finíssimo, irritante. Renhidianamente os galos coanhavam a solidão com os seus cantos estridentes, sonoros e tristonhos.

O grupo, de volta, conservava-se melancolico, talvez tocado pela harmonia comunicativa das vozes que povoam a matta.

Os dois, Thadeu e Benedicto, um a deante, outro atrás, começaram a assobiari distrahadamente.

Thadeu varias vezes ia a falar, mas interrompia-se. Até que se resolveu:

—O Benedicto...

—Hein?

—E o *Bigode Louro*!

—Está lá...

—E o teu?

—Thadeu, todos-dois estão lá; homem você só parece que já está a pensar na sujeita...

—Sai d'ahi; quereres saber em que eu estou pensando? Não queria dizer a ninguém, mas entre amigos não deve haver segredo...

—Decerto... decerto... Você bem sabe que eu lheuento sempre os meus. Mas então que ha?

—Estou com vontade de ir p'ra cidade; esta vida de campo é bôa, não nego, mas tem muito feitiço, rezam p'ra gente uma porção de cousas... De um dia p'ra outro o feitiço pega, e ahi está... Você não acha?

—Lá isso é verdade...

Calaram-se. Havia chegado ao logar d'onde Thadeu abalaria. Montaram e foram por muito tempo pelo estreito e sombrio caminho da grande matta.

Nuns encruzilhadas...

—Bem, Thadeu, até amanhã, se Deus quizer.

—Até hoje... manhã está p'ra vir.

—Você me espera lá em cima no Tabocal?

—Como não espero? Appareça para conversarmos. Você agora está a vendendo caro já, não visita mais os amigos... Que é isso?

—Não, não é nada, é por causa da roça...

—Ah! Dá a bênção ao Totó.

Despediram-se.

Thadeu atravessava um lago de águas mortas, onde festivamente se derramavam as enredilhadas sombras dos arvoredos imortos e florentes, quando ouviu ao longe, apaixonadamente:

—Thadeu, quando tu fôres,  
Previne meu coração,  
Quero pedir por ti  
A Virgem da Conceição

O sangue gelou-se-lhe nas veias, e todos os seus nervos se frisaram em fluido. Ficou absorto, com os grandes olhos abertos, cravados no chão, febrilmente beijando o *bentinho*, que sempre trazia ao pescoço, por via dos *mias-otadores*.

Assim ficou parado por longo tempo, se u resolver se seguiria

ou voltaria, porque certamente se encontraria frente a frente com algum curupira, embargando-lhe os passos, exigindo-lhe o fumo que pedira a outro, ou com algum senhor da matinha, de olhos de fogo, pedindo-lhe contas por atravessar as suas terras, sem que disso soubesse. Sentia-se já cercado delles, que, escarranchados à garupa, lhe puxavam levemente a camisa. Se algum vagalume luzia nas trevas, erradamente, distinguia a pupilla de um, a ponta do punhal de outro, que o apontava para os companheiros, assim de que todos, num golpe certo, seguro, forte, o fizessem carambelar por terra. E fechava os olhos, apertava-os, para não ver.

Se uma cigarra ziziava perto, ora outro, que, sentindo sangue desconhecido, lhe ordenava que esperasse, para ferozmente o despedacar nos seus braços de braço. E benzia-se, rebenzia-se, aconchegava o bentinho à boca, ululando cheio de fé.

— Creio em Deus, Padre Todo Poderoso, Creador do céu e da terra, em Jesus-Cristo!...

E calava-se, beijando, beijando muito o bentinho.

O Bigode Louro, como que alheio às superstícias de Thadeu, o pescoco esticado, arrancando com a boca as hervas, que nupcialmente tapavam as margens, passo a passo ia-se entrinhandando pelo jussaral, que ali viajava exuberantemente, até que de todo se sumiu com Thadeu, o qual, bestializado, babujava o bentinho. Mas o quadro misterioso acudiu-lhe em revoda.

— Thadeu, quando tu fóres,

Previne meu coração...

Ligeiro, arrebatou do pescoco uma rosário preto, e rodou entre os dedos a primeira centa, d'onde pendia uma medalha com Jesus crucificado e Maria aos pés:

— Minha Virgem da Conceição, vós fostes que dissesseis pela vossa sagrada boca!... E emmudeceu, persigüando-se, engorilhando uma alluvião de orações, com o chilro de uma coruja, que, agoireira, atravessou o espaço entristecido.

— Mattinho, grugralhou elle, que foi que eu te fiz, hein, mattinho? que foi que eu te fiz? Me perdão, mattinho, me perdão, sim?

Uma formiga picou-lhe finalmente as membrudas costas. Ia a berrar, mas pensou e falou:

— Curupira, não me mata, não me mette a tua face, curupira; amanhã, por Deus do céu, ei te trago muito fumo; não me mata, curupira!...

Os últimos versos da quadra zumbiram-lhe, como um bando de abelhas em borborinho:

— Quero rogar por ti  
A' Virgem da Conceição...

Thadeu debulhou o rosário:

— Esta é a árvore da Vera-Cruz: o Senhor que nella morreu por mim será; e passou á outra conta:

— Jesus, sendo por mim, ninguém será contra mim; passou á outra:

— Jesus sendo por mim... Enfim, quando ter nascido, já a manhã desabrochará clara e azul.

Saltou do burro, ajoelhou-se na estrada, e, com as mãos postas erguidas para o céu, num suspiro de gratidão, gravemente expiou:

— Bebido seja Nossa Senhor Jesus Cristo... Vamos p'r'a casa!

JOÃO QUADROS.

## O Porvir Brazileiro

(AS QUESTÕES CAPITAIS DO BRAZIL:—AS FINANÇAS, A ECONOMIA, O ENSINO, A POLÍTICA)

### I.—O PROBLEMA FINANCEIRO

São preciosíssimos, como vêdes, os esclarecimentos que o senhor conselheiro José Daaré Rodrigues, ilustrado economista português, nos proporciona no seu magnífico volume. Sintetizam uma autopsia dos financeiros da monarquia. Mas, como se não bastasse o que nos desvenda a pags. 160-65, remata a sua perspicaz análise com os dados inscritos a pags. 83-85. Consintam que os registremos aqui do mesmo modo, para que se avaliem as gerências do império e se faça justiça ás administrações da República, ás quais nenhuma culpa cabe, oficialmente, pelos desmandos anteriores. Estamos em 1888.—O senhor conselheiro João Alfredo comun-

nica os caminhos que havia contraído, em Londres, um novo empréstimo de lib. 6.000.000, líquido, cujos títulos entraram em circulação, representando o capital nominal de lib. 6.297.300. Pois, não obstante, no mesmo relatório se lê que, tendo-se feito o resgate de 7.500 contos do papel-moeda do Estado e de 1.659.900 £ 000 da emissão do Banco do Brasil, o resultado fôr a escassez do meio-circulante, sensível para as necessidades do comércio, e que o governo tivera de auxiliar o Banco do Brasil e o Internacional com avultadas somas, invalidando-se assim os esforços do governo. Resulta destes factos, portanto, que, dentro de um período de poucos mais de dois anos, se aumentou a dívida exterior do paiz com dois empréstimos no valor nominal de lib. 12.728.300 e a interior com outro de 50.000 contos. Em 1880 subiu o poder o último ministério da monarquia, presidido pelo sr. visconde de Ouriço Preto—o gabinete 7 de junho, que apenas teve cerca de 3 meses de existência, tendo sido surpreendido pela Revolução a 1. de novembro do mesmo ano. Nesse curto período, porém, o habil estadista, aproveitando uma oportunidade feliz, conseguiu realizar em Londres um novo empréstimo de lib. 20.000.000 a 9% e juro de 4%, para o fim de resgatar os títulos de 5%, que então se achavam em circulação, provenientes dos empréstimos de 1865, 1871, 1875 e 1886. Foi uma operação felicissima; mas, como os ditos títulos montavam só a lib. 17.440.300, della resultou um aumento da dívida externa de lib. 2.559.700. Ao mesmo tempo o governo contraía, com a maior felicidade, um empréstimo interno de 100.000.000 £ 000. Por outro lado, sob o impulso destas circunstâncias, fundava-se o Banco Nacional do Brasil, com o capital nominal de 90.000.000 £ 000, ouro, parte do qual subscrito no estrangeiro; e, finalmente, realizavam-se diversas outras operações particulares,—como a renda da estrada Príncipe do Grão-Pará e outros, que determinaram a entrada de capitais estrangeiros no paiz. E, durante os anos de 1871, 88 e parte de 89, o comércio conservou-se retraído, receoso dos efeitos da abolição;—e o café, que se achava em baixa de preços desde 1880, começou a subir nos mercados consumidores. Desta sorte se fez a alta do cambio:—por efeito de empréstimos no exterior e no interior; da restrição das importações de mercadorias; de capitais estrangeiros, de particulares, entrados no paiz; e, finalmente, da valorização do principal produto da exportação nacional. Em um período de pouco mais de três anos o passivo do Estado eleveu-se de 150 mil contos no interior, e de cerca de 14.1/2 milhões de libras no exterior. Isto quanto à dívida nacional propriamente dita, porque a do paiz, essa, cresceu em muito maior escala. Como dívida, devem ser computadas todas as somas entradas pertencentes a estrangeiros. O passivo de um Estado é uma coisa,—o do paiz é outra. E é a confusão, que geralmente se faz a esse respeito, que induz muita gente em erro. E mais adianta, a pags. 58, traça a conclusão definitiva do seu exame: «Os governos do outro regime costumaram-se a remediar tais situações por meio de empréstimos externos—e o comércio o habituou-se a esperar a ação dos governos. Já demonstramos, por algarismos irrefutáveis, o preço desse remedio. Já demonstrámos que não fôr amortizado um real sequer dos deficits orçamentários que se verificaram durante a sua gestão».

A vossa benevolência decreto nos relevará a extensão destes excertos. Mas do mesmo passo reconhecerá que não podíamos escolher melhor guia para nos orientar, mais imparcial, mais insuspeito. É um experiente comerciante meu fale, ao presente banqueiro e ex-secretário da Associação Commercial de S. Paulo. Homem alheio ás paixões partidárias, estrangeiro, apesar da sua longa residência no Brasil, o seu lucidíssimo livro *O cambio* esgotou o tema em discussão, derramando jorros de luz sobre todas as suas faces. Amparados ás suas experiências, que é a melhor ciência, continuaremos a nossa exposição, pois que de teóricos invencionais e de sabios estrangeiros, desconhecendo ambos o paiz para que uns legislaram e outros doutrinaram, estamos fartos. Há vista o que Duarte Rodrigues replica, neste volume, ao consagrado sr. Leroy Braileu.

Vimos aí a devastação econômico-financeira do império. Delle herdou a República, com todos os seus daninhos e riscos, os dois magnos problemas. Os primeiros ministérios não puderam resolve-lo, antes os engravesceram, não só por serem ignorados, em toda a sua extensão, os fundamentos da molestia, como também por se haverem enovelado nestas dificuldades muitas outras, cada qual demandando mais pronto despacho. O dr. Prudente de Moraes, ao encerrar a sua agitadíssima presidência, lega ao seu sucessor os alicerceis da reconstituição financeira, deixados no convenção do *funding-loan*, firmado em 1.º de junho de 1888. Só então se discute esta convenção inadiável. Mas, antes de assistir a esse debate, vejamos em que consistiu o tão falado *funding-loan*. E seja o próprio sr. Prudente de Moraes quem nos explique o seu ajuste, na mensagem ao dr. Campos Salles, em 1888.—Em virtude desse acordo, que compreende toda a nossa dívida externa, o empréstimo nacional de 1879 e os juros provenientes das garantias ás nossas estradas de ferro, ficam suspensas as amorti-

## O movimento bibliografico

sacções pelo espaço de 13 annos; os juros da dívida e as das garantias de juros pelo período de tres annos, a partir de 1 de julho proximo, não serão pagos em numerário, recebendo os credores títulos ao par, a juros de 1/4% ao anno, pagáveis em dinheiro e trimestralmente; o equivalente, em ouro, dos juros da dívida e das garantias será, a partir do primeiro dia de janeiro do anno próximo, depositado ao cambio de 18 dinheiros, em papel, destinando-se ou ao resgate do papel moeda ou, melhorando o cambio, para a compra de cambiais, que serão remetidas para Londres, assim de constituirem um fundo metálico, que apressará o restabelecimento dos nossos pagamentos, no exterior, em espécie; os novos títulos serão resgatáveis em 63 annos, a 1/2% ao anno, a partir de 1911 em diante». O dr. Joaquim Martinho, na introdução do seu primeiro relatório do ministério da fazenda, em 1893, apreciando esta combinação, exprime-se da seguinte maneira: «Não é misterio para ninguém que, antes de 1889, uma parte mais ou menos importante de diversos empréstimos externos foi destinada ao serviço dos juros vendidos de dívidas já existentes. Este facto foi-se accentuando cada vez mais, de sorte que os últimos empréstimos externos no regime republicano foram quase completamente absorvidos no pagamento de juros da dívida exterior. A única diferença entre esse facto e o que se dá no acordo de 15 de junho é que neste o empréstimo, para pagamento dos juros da dívida exterior e garantia de estradas de ferro durante três annos, foi feito pelos mesmos credores a quem era devido o pagamento desses juros, ao passo que em outras épocas os novos empréstimos foram tomados por pessoas diversas. O facto financeiro essencial nesta questão é o pagamento de uma dívida com os recursos obtidos por um novo empréstimo. Esse facto essencial existe entre nós, há muitos annos; o facto accidental é ser o empréstimo feito pelos mesmos credores dos juros vencidos: isso é o que se deu de especial no acordo de 15 de junho». Já não é pouco obter uma conciliação entre credores, — pedindo-lhes mais dinheiro! E o prestígio do sr. Prudente de Moraes logrou essa, aliás forçada, conciliação. Os desatinos agravaram o Brasil a esta airosa saída. Depois de pacificar o Rio Grande do Sul, de extinguir as desassossegadas rebeldias dos clubes e escolas militares, de sufocar a revolta de Canudos, ilhaqueado por uma dolorosa enfermidade e tendo escapado a um atentado selvagem — o dr. Prudente de Moraes, estabeleciondo as contribuições do selo e do consumo, para assim preservar as finanças brasileiras do risco a que as sujeitava uma só tributação — a aliançaria, lembrando o imposto em ouro para a importação e a inauguração dos bens das empresas, entregou ao criterio e à firmeza do novo presidente e dos seus secretários a viabilização do *feeding-loan*. Despediu-se do poder, confiando na absoluta reabilitação económica da sua medida da República, conforme o assinalam estes pávlos da sua mensagem de 1893: «Inesperados contratempos affligiram a Indústria e o comércio, agravando a situação, que já reclamava cuidados especiais; mas a própria agudeza da crise estimulou o seu termínio e as energias que ella desperta trarão a desejada reabilitação». Forçosamente, indispensável é agir decisivamente, já preparando a nossa regeneração económica, como base segura para boas finanças, já recorrendo às providências de ocasião aplicáveis ao momento crítico que opri-me a Nação». E mais abaixo terminava: «—Está, portanto, consolidado o Governo Civil da República e sente-se que todos anciãos pelo desenvolvimento das forças da Nação, que uma série de desastres havia afrodisado. Firma-se o crédito público. Com o acordo de 15 de junho foi encontrada, já dissesse, a chave para a solução da crise financeira. No exterior melhora a cotação dos nossos títulos; no país a taxa cambial assente na denúncia o renascimento da confiança». O dr. Campos Salles, respondendo, asseverou: «—Em um documento, que veio a ter larga publicidade, emponhei a responsabilidade do meu governo na fiel execução do acordo financeiro celebrado em Londres. Mais do que a minha responsabilidade, — está nisso empêcula a propria honra nacional».

Parece-nos suficientemente elucidado o caso do *feeding-loan*, que a muita gente ainda hoje causa engalhos, apesar de já ter expirado o prazo da sua duração. Patenteámos igualmente a sua franca assistência pelo dr. Campos Salles e pelo seu ministro da fazenda. Relacionemos agora os actos decorrentes da sua aplicação, as práticas seguidas na sua execução. Uma das cláusulas daquele tratado marcava a incineração ou o depósito do equivalente, em ouro, dos juros da dívida e das garantias de estradas de ferro, ao arbitrio do congresso. Este profere a primeira das hipóteses. E ali começaram as desavenças! Tudo proveiu de se dividirem as opiniões, considerando uns a crise monetária pelo prisma restritamente financeiro e outros pela face basicamente económica. O dr. Joaquim Martinho, a princípio, quase se omisso naquele conspecto, cujo alcance positivo verificou mais tarde, ao passo que outros puseram imediatamente o dardo na ferida, porquanto na desorganização da economia nacional.

—A seguir.

FRAN PAXECO.

*Gomes Leal, Fim de um Mundo, Satiras modernas.* — Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão, editores, 1900.—Deste livro excepcional, apesar de ser dedicado ao sr. Campos Salles, ou talvez por isso mesmo, raríssimos jornais deram conta no Brasil. E que as simpáticas gazetas orgam pelos perspicazes livreiros: guardam aquelas os volumes nas gavetas, como estes os escondem nos armazéns. Talvez tenham razão: os jornais fazem-sa com o interessante noticiário policial ou transcrições bolorentas e as livrarias enriquecem a vender canetas ou *A princesa Magalona*. Tudo harmonico e condizente, como vêdes.

E, no entanto, uma obra de Gomes Leal, qualquer que ela fosse, devia merecer as folhas mais atenção do que uma facada e aos srs. negociantes de livros mais carinho do que os seus aparelhos baratos. Porque o autor d' *O Anti-Cristo*, se não é o maior, é um dos maiores poetas que a literatura da língua portuguesa tem produzido. Um livro seu representa sempre um acontecimento espiritual de primeira ordem, — um sucesso raro, que não nos temos todos os meses.

*O fim de um mundo* comporta 432 páginas cheias. Nelle se reúnem, com particular acerto, porque desse modo se favorece o juizo da crítica vindoura, todas as satiras té aqui publicadas pelo poeta das *Claridades do Sul*. E dest'arte mais segura a opinião que se houver de formular desta circunvolução da intelectualidade poderosa de Gomes Leal, porque nos aparece conglobada a formidável ação do rubro panfletário. Podemos não concordar com as especiosas divisões gerais do livro, metendo, por exemplo, no *Processo da corrupção*, as *Caricaturas a caricão*, na maioria deslocadas nessa colectânea de satiras. Prescindiríamos em absoluto dessas três categorias e não arrancaríamos composição alguma das *Claridades*, volume de estréia, nem tampouco a *O Anti-Cristo*, como fez o extraordinário satírico. Relegariamos para outra obra igualmente uma bela tradução que aqui vem e diríamos, enfim, uma disposição mais cronológica e, se tolerarm o termo, mais doutrinária a todo o *Fim de um mundo*, exactamente para manter a unidade de assunto, em que fala o nosso emblemático amigo.

Mas tudo isto pouco ou nada significa perante a ensibratura do protesto e a esbelteza das estrofes de Gomes Leal. O estro judaico de Guerra Junqueiro estridula talvez com mais clamança. O canto da *História de Jesus*, porém, é mil vezes mais original e mais bizarro, mais exquisito no seu mistério, mais coerente na sua negação. Autros, como incorrigíveis metafísicos, repugnam ao nosso positivo paladar estético. Persistem destrutivos, quando a é pele que o poeta moderno reivindique a sua antiga curva de profeta construtivo. Parece que a Poesia se desaparece desde ali outora plenissima na sua órbita, ceitando o campo ao Romântico. Enquanto aquela distorcida, este reconstrói. Daí a sua patente subtilidade. Daí a frieza com que os melhores versos são acolhidos: romances medievais são acolhidos. Hugo, hoje, ao lado de Zola, Sienkiewicz, Tolstoi, Anatole, Teixeira de Queiroz, teria apenas a mais banal das consagrações — a de Rostand, eleito socio da Academia. E que os bardos portugueses na caza dum Deus bom, dum ideal frívolo, e os românticos descarnam a Humanidade. E, expõe o grande tempos roteiros, apontam o caminho a encarregar, por intuições sublimes. Sonham aqueles com a Perfeição, tratam estes do Aperfeiçoamento. O que, sem dúvida, é mais humano e social.

Configura-se-nos e tal a verdadeira Estética. E foi Comte quem a delineou primorosamente. Nessa quinta parte do 1.º volume do *Sistema de política positiva* se abeberaram, desnaturando-o algo, Zola, Tolstoi, Nietzsche e ainda há pouco os irmãos Marguerites. Em semelhante subterfúgio escorregão também Gomes Leal, que pretende seguir o programa positivista, — o qual não nega, nem afirma Deus, por lhe parecer isso extremamente ocioso —, só fazer a sua adesão ao barbudo Jeová, que já deve suar com a solideza de tantas penitências da última hora... Pode agora o excessivo poeta morrer em paz, porque, se não for para o céu, de certo desbará no paraíso. E, assim tranquillo, de corpo e alma, opimo seria que nos brindasse com *A mother de lato*, enciosamente aguardada pelos que lhe admiram o condão genial.

Gomes Leal, sendo um poeta originalíssimo, chama de recursos, com uma ilustração filosófica muito apreciável, não usofras, coisa magoa o dizemos, a popularidade que outros, de muito menor valor, gozam largamente. No Brasil, principalmente, o seu nome é limitado, quando Junqueiro, que somente lhe é superior na plasticidade, resina sem discussão. E todavia o lírico alegre do *Hilaro* se cesa não encontra na língua portuguesa, actualmente, os competidores.

Muitas graças pela gentilíssima oferta.

*Eça de Queiroz, A CIDADE E AS SERRAS, A ILLUSTRE CASA DE RAMBRES, AS CARTAS DE FRADIQUE MENDES, Porto, Livraria Chardon, de Lello & Irmão, editores.* — Que viremos nós dizer depois da apoteose feita ao ingente romancista após a sua morte? Não fôr o termos de agradecer aos editores, esses infelizes Lellos, que tanto lão levantado a editoração portuguesa, em lugar de pôrarem as suas prateleiras com versos detestáveis, a pedir palmaria e califa, como praticou a maior parte dos seus colegas, — e calar-nos-ramos. Mas a civilidade marca praxes intrusivas. E, assim, como ordena que todo a carta em resposta, assim preceita que todo o oferecimento dum livro puxa uma notícia, boa ou péssima.

Eça de Queiroz, como todas as personalidades marcantes, de raízes definidas, espalhou por esse mundo afora fanáticos da sua maneira e detractores do seu processo. E' mais velho isto do que a própria invenção do Padre Eterno. Toda a individualidade invulgar atira adversários, uns por princípios, outros por emulação, no sentido restrito. Nesta classe capitularemos o abribário artigo do primoroso contista d'O paiz das uvas. Isso passou em julgado, todavia: foi vasado na pia attinente a tais segredos.

Dá-l-l-o os panegíricos e de todos os ataques, é de justiça dizer-l-o, só conseguimos por ora uma crítica da Obra de Eça — a que se lhe no fortíssimo livro *As modernas idéas na literatura portuguesa*, de Teófilo Braga. Tudo o mais é de amigos e inimigos. Eça é ali proclamado um romancista genial. Tanto basta para que qualquer outra apreciação emudeça, por se exhibir redundante! Mas, fazendo uma concessão aos discólos, que só supuraram em Portugal, dois ou tres, pois Eça de Queiroz é no Brasil um ídolo indiscutível, mesmo que se lhe possa condenar o não haver trazido para a teoria do romance a missão social do artista hojiero, o que aliás passou em claro à tacanha visão crítica de Fialho, o certíssimo é que na terra de Francisco Mauel de Melo e Camillo nunca houve um humorista dos recursos de Eça, nem tão cedo surgirá um instru-

mentista da prosa com a sua galhardia. E' impertinência é até o compararem o jovem Carlos Malheiro ao rútilo colorista, dando-o como seu herdeiro, quando o novelista do *Filho das hervas*, se de alguém descendesse, é do admirável artista-filósofo d'A *caçadeira em Lisboa*.

Vertessem Eça para francês legível, porque já o traduziram em macarrónico, e a sua carreira não seria inferior a das sumidades que Paris de vez em quando glorifica, para se arrepender quase sempre no dia seguinte. O *crime do padre Amaro* ou *O primo Basílio* bem reclamam essa manifestação. E aítraz desses iria o resto — e em especial os seus esplendidos Contos, que urge coleccionar e tirar ao mercado, separando para as *Proetas barbares* os primitivos, como essas *Singularidades de uma rapariga loura*, que continuam a correr sem data, por desidia de fâneiros de livraria.

Os seus tres livros póstumos, no cabeçalho encimados, assinalam visivelmente uma evolução sentimental de Eça. Me mõe nas *Cartas de Fradique* se patenteia esse amor ao beijo agora provado em caricias, quando ante si se exalteia em ferocadas. A modicidade não percebe que o satírico é, final, quem n'as ama as consas de que cuida, pondo no seu comédio o gênero da melhoria, quando ella é viável, ou o de demônio do desinfetador, quando não ha panacéa que triunfe. ora Eça não podia deser da Patria, — não podia pensar que ella morresse... Quem tem resistido ao microbio mais devastador — os Braganças — certamente vencerá outros parasitas. E' questão de oportunidade.

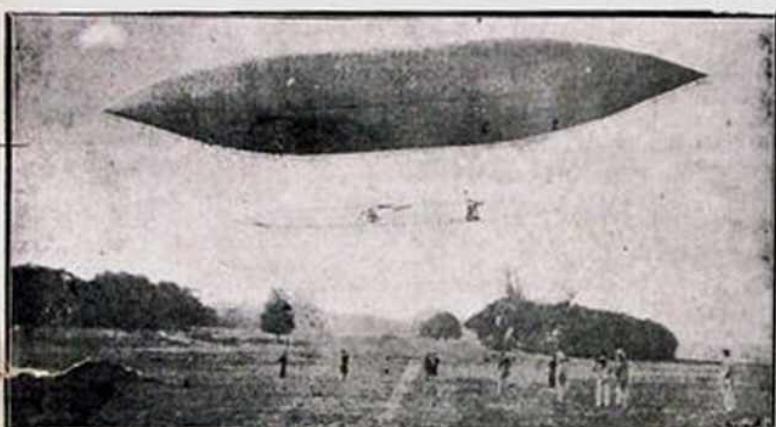
Concluindo: — Se Eça, o mo Humorista, é o primeiro da língua portuguesa, como Pensador, tal qual se revela n'*As cartas de Fradique Mendes*, não devemos equipara-lo aos nossos publicistas de nomeada. Esses capítulos são trechos de romance, sól uma capa sisuda, — não são lacunências. Falton-lhe, como filósofo, o que em certo grau teve no Romance — a sistematização do bom senso, qualidade em que Comte diz constituir a verdadeira filosofia.

*Teófilo Braga, APSICOSE DO FAUSTO, poema* Coimbra, Livraria Portuguesa, 401. *Eça de Queiroz e sua Obra*, conferencia Lisboa, Tip. Luzitana de Artur Brandão, 1901. — Teve o preclaro Mestre a sunma gentileza de nos enviar estas suas últimas produções. A *psicose do Fausto* é um delicioso poemeta, onde perpassam as mais variegadas e delicadas nuances. A alguns lhe de parecer que Teófilo sacrifica às vezes a beleza da expressão à intelectualidade da conceção. Mas, ponderando-se que a idéia é que faz sete viver a palavra, e não esta aquela, há de fatalmente concluir-se que a síntese se superioriza à forma. Na conjuncção suprema destas componentes responda, na verdade, a grandeza da belletrística. E esse tesidero cerca que o precisamente o assombrado poeta da *Vida dos Tempos* em todas as suas composições. Muitos exigem da poesia adjetivos e qualidades. Nós contentamo-nos espiritualmente com impressões cantantes e sugestões radicáveis. E nem tanto pôta-nos-las dâ com mais profusão e vigor do que o criador de uma literatura, em *A Vida dos Tempos*, no dizer de Oliveira Martins.

*Eça de Queiroz e sua Obra* é o traslado ligeiro da conferencia que Teófilo Braga realizou no salão da Academia das Ciências, em Lisboa, por occasião da festa que os estudantes portugueses promoveram em seguida ao falecimento do seu panheirom inesquecível de Ramalho Ortigão. Quem não teve ainda ensejo de compulsar *As modernas idéias na literatura portuguesa*, essa Babilônia dos novos de Portugal e Brasil, onde vem o unico julgamento imparcial de Eça, avisadamente andará em adquirir este sintético estudo, no qual se acham concatenados os mais lucidos traços sobre os escritos egânicos.

E' interessante constatar, com o testemunho de Jaime Estrela Reis, vindo no *In Memoriam*, e aqui reproduzido, que o admirável romancista se intonou, com o Ramalho Ortigão, no positivismo. Mas, o peso que o possante crítico de costumes divulgava a sua orientação filosófica, tornava-o pôs no critério estreito do erudito Littér. Eça procurava esconder este seu norte sadio, que se pulpa nas suas melhores páginas.

FRAN PAXECO.



Balão dirigível de Santos Dumont, por cima de Longchamp, em Paris, a 12 de Julho de 1901



Quincha do balão de Santos Dumont

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Outubro de 1901

NUM. 3



Dr. Augusto Montenegro

GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ

## O oráculo de Minerva

Ao templo de Minerva, certo dia,  
Foi um mancebo pela Dór levado,  
Consultar um oráculo sagrado  
Da deusa eterna da Sabedoria.

Era elle uma alma triste e lacrimosa.  
Na sua fronte pallida e sombria  
Desenhavam-se as rugas d'agonia  
De uma longa existencia dolorosa.

Tão jovem e tão cedo torturado  
Pela Desgraça, a Dór, o Desengano...  
Como si todo o sofrimento humano  
Se fundisse em tal sér desventurado.

Era da sorte uma ironia dura  
A mocidade dessa pobre alma;  
Os ardores do moço a dór acalma,  
E elle velho parece na tortura.

Como um demente que desperta dô  
Passa na vida solitário e triste,  
Uma unica ventura não lhe assiste,  
Nem um consolo ao seu viver tão só.

No entanto uma esperança inda o acalenta:  
A filha do grão Zeus que o raio manda,  
Talvez lhe troque a vida miseranda  
Por existencia esplendida e opulenta

Será feliz um dia. O sofrimento  
Não mais lhe pezará n'alma dorida,  
Renascera para uma nova vida,  
Sem magoas, sem pezar, sem desalento.

E assim, pela esperança acalentado,  
O moço a quem a Dór envelhecerá,  
Num instante voltou á primavera  
Dos sonhos ideias que havia sonhado.

Transpondo o umbral do grande templo augusto,  
Onde a Pallas olympica assistia,  
Oron á deusa, que no altar sorria,  
Oron com fé, sem duvidas nem susto.

Cansado de sofrer, elle pedia  
Allivio ás suas magoas tão amargas,  
Que n'alma lhe moravam como cargas  
De castigos que a sorte lhe inflingia.

Toda a miseria humana padecera  
Em tão bem curtos annos de existencia.  
Da taça do pezar a ultima essencia  
Elle esgotára. E a Dór nunca cedéra!

Depois de tão asperrima desgraça,  
Achar o coração um doce abrigo,  
Que o liber e do Mal, desse castigo  
Perenne em que sua existencia passa,

Eis tudo o que elle, credulo, esperava  
La suprema bondade de Minerva,  
E com fervor orando se conserva,  
Irruindo Athene placida escutava.

Depois de ouvir-o, a deusa austera e calma,  
Fixando o olhar no olhar do desgraçado,  
Disse: «Soffrer é o teu eterno fado.  
«Buscas debalde allivio a tua alma.

«Só para a Dór nasceste. Está escripto  
«No livro dos oráculos do templo  
«Que servirás no mundo para exemplo  
«De quanto pode um homem ser maldito.

«Volta á Tristeza, á Dór donde vieste,  
«Pensando asylo achar nos meus altares.  
«Sejam tantos os males que passares  
«Que soffrer mais nenhum emfim te reste.»

E o mancebo voltou ao mal antigo,  
Mil vezes mais cruel que dantes era;  
Voltou, morta a sua ultima chimera  
Dentro do coração—feliz jazigo.

Tal como o pobre moço desgraçado,  
Eu tambem pela vida caminhava  
Buscando allivios á minh'alma escrava  
De um triste, negro e miserando fado,

Até que um dia acode-me á lembrança  
Ir encontra-lhos na mansão querida,  
A's vezes entre as magoas presentida  
Com suave e dulcida esperança.

Fui. Era um templo grande, era um colosso  
De Arte, onde Amor celebra noite e dia  
Os sonhos da mais bella fantasia,  
Os ideias do coração do moço.

Entrei. Pedi ventura ao Deus-Eterno,  
Mas como esse mancebo desgraçado,  
Do templo de Minerva rejeitado,  
Puscou em vão consolo ao seu inferno.

Minh'alma, que a Paixão tanto exaltara,  
Do seu templo voltou desilludida,  
E arrasta numa vida não vivida,  
O cadaver do amor com que sonhára.

*Do Liero de Laide.*

REIS CARVALHO.

(Oscar d'Alca)

## Sceptico

Myrrhas, num refrain tristonho, subiam lethalizando o soturno e merecendo Adyto. Errantes, dolorosamente errantes, vagavam filtros venenosos, vozes sepulcrais, avassalando, em rythmos cabalisticos, num escarninho horrivel, a torva impressão da sensibilizado Athen.

Imagens funanulas, lozindo á parca Luz an o te cida, ziguegante, do vasto e caçador Consistorio, pa savam, perpassavam, desdenhosamente rindo, numa alegria louca, tremenda. Ajos do Ether o enfaixavam nos santos thribulos do Incognoscível. E dos recondiços nichos funerarios, espectralmente collocados, processos mudos elevavam-se, enquanto a Myrrha, num refrain tristonho, subia...

O Athen parou em meio do vasto e vil scenario da mansão da orgiaca mentira. Psalmodeou canções de respeito e de amor e na dobrada Harpa do Sonho dedilhou a grande e innumerable paixão. O seu Espírito convulsionado, num clímax nervoso, quedou-se

te Ella e como que todo o seu Ser retemperado na longa meditação, fortificado na esplendorosa villegiatura científica, desfaleceu! A espinha servilmente se dobrou e o seu cerebro, onde em Catalogo se ostentavam as grandes lições dos sabios, vacillou na agonia fatal do Desejo. E da sua Cupula torturada, misteriosa e melancolizada paixão, encastellada em sublimes harmonias de luxuria, sylphos e canticos, odys evangelicas de lagrimas, olympicos poemas foram-se pelo escuro tunnel da Vida, alargando-se, confusionalo-se, no horror do suppicio eterno!

Simbolos e móbiles consagrados, na santa religiosidade satanica, na torpe postura forçada, cantarolavam, bandolizando as dôres dos infernales martyrios.

Uma Elegia negra, cheia da excelsa pompa do oriente, cruel, gibrando o Desespero, dobrando a finados num Requiem de Desvoto, desfraldava aos magoados olhos do Vencido o grandioso Missal da Tristeza, deixando-o inerme na tragica symphonia da Alma genuflexa.

A Hydra passou, oscilando, na grandeza do luxo, tantalizando cynicamente o transfigurado Athos, o convencido Sceptico. E todos os symbolos e móbiles consagrados desceram, rodearam-no e, mafistofelianente, entoram a ballada bíblica do agosto sonho. Ao largo, vagarosamente, sevéras Deusas, com clamides sonorosas, sombriamente exercentes, compunham leviathanicos chorões de despedida e de conquista. E Elle o Predestinado, tendo os olhos como fogos-fatuos soturnos, estarrado, na nevrose da Arte e da Inconsciencia, imóvel, ante os espíritos satânicos, alucinado ante os macabros bamboleios dos Mythos, na sua imaginação morbida, deixou-se levar pela idealização do seu Espírito abatido e fraco.

Mas, brusca, lesta, como um clarão, a Scienzia volteu ás celulas. Cada uma galgou o seu repartimento, redemoinhando, briante, demonstrando, na santa religiosidade das couças reaes, o sonho do Athos, que duvidára um momento, Elle, o forte, o sabio... E, como quem desperta dunha longa lethargia, Elle, aureolado, desfolhou os grandes tomos Spencerianos e Darwinianos e num longo suspiro de paz e de amor, no santo aconchego do lar, radiante, foi biologicamente explicando os fenomenos da extensa especie humana.

O seu cerebro forte e cultivado triunfara, ante a vacilação nervosa do organismo depauperado. E a Scienzia, robustecida nos seus argumentos, luciolada no pedestal egregio da demonstração dos fenomenos, vencerá a vergonhosa e falsa poeira dos Espíritos trevosos!

A Scienzia, sempre o sólido edifício do progresso, picareteará a ignorância burlesca dos Fracos!

FRANCISCO SERRA.

## O mal das theorias

No meio de tanto progresso e tanto trabalho, existe ou não um mal latente, um descontentamento geral na humanidade? Existe. E disso muitas causas se apresentam, umas sem razão de ser, outras sem plausibilidade; todas, porém, demonstrando que a doença é grave e que o remedio se busca. Com fraco gosto para medico me confessou; no entanto, sem haver ainda descoberto tizana eficaz, julgo poder apontar uma das maiores causas da enfermidade humana na actualidade—as theorias.

Não são as theorias em si que produzem o mal, pois que da lucta das idéas sempre nasce alguma coisa útil. O mal da nossa época é a desorientação da inteligencia, o direito que cada um se arroga de emitir theorias novas e, o que é mais e peor, de querer que os outros lhe as aceitem! O povo, a decadente maioria, vaca quasi sempre pelo peor e a orientação das massas regula por aqueles gritos com que Ibsen encheu o terceiro acto do *Inimigo do Povo*. No meio de uma avalanche de novas theorias, que se apresentam, não como taes, mas como dogmas, os sabios não sabem extrair a media, quanto mais o povo; o absolutista ou o anarchista, o republicano ou o socialista, por exemplo, acham no Evangelho montes de sentenças e versículos que justificam as suas respectivas idéias. Qual o defeito de uns e de outros? E' que numa obra, de arte ou de scienzia, de moral ou de politica, o fim a que mirou o autor não se pode atingir sem pormos de banda preconceitos e reservas e sem, assim apparelhados, extrahirnos a media de todos os modos de ver que acabamos de examinar.

O que se diz para o Evangelho applica-se a todas as idéias, a todas as manifestações modernas da intelligencia. Mas o mal n'este sentido é a falta de digestão, a chylicação incompleta do que se estuda, com a forte desgraga de não sermos ruminantes intelectualmente... Tantos museus e exposições de arte, tantas academias e congressos de scienzia, tantas ligas e associações de com-

mercio e industria, tantos artigos de politica e livros de moral, tanto movimento e afluxo, e que estejamos descontentes! Sim, que o mal não está em trabalhar; está em não se saber para que se trabalha! O mal não está em se atrair os balas contra alguma coisa que realmente deve destruir-se; o mal está em cada um começar a espingardear para o seu lado, errando o alvo e muitas vezes apontando para os mesmos que o ajudam!

Exaltado como divindade o dinheiro, valendo mais um canhão que a *Juanda* de Vinci, um deposito de carvão que o Museu do Prado, de Madrid, uma barrica de manteiga que a *Conceição de Murillo*, a época hoje despu-se de todos os idealismos! A como está o cambio entre tal e tal paiz, com todos os millesimos estudados e fixos? Não ha ninguem que o não saiba de cor. Qual é a primeira obra de Velasquez? Mas isto é desprezível para o nosso tempo!

O romance de hoje reduziu-se a um serviço de reportagem; a pintura a imitações, quando é boa, à scenographia, quando é original; a escultura a abortos e a classicismos deslocados; a arquitectura a construir grandes caixotes, chamados casas, com um certo numero de buracos, chamados janellas; de poesia não falo, que é coisa que hoje não ha, senão quando uns homens de olheiras fundas e intitulando-se degenerados e malucos escrevem versos, a trocar com a humanidade! A cathedral, a antiga universidade, as grandes abcadas e torres, os castellos e solares, são actualmente coisas irrisorias; para grandeza, temos a estação de caminho de ferro, para belleza, o *chalet* das praias de banhos! Qualquer arquitecto estampa o seu nome em todas as pedrinhas e tijolos de uma casinha de coelhos e os grandes constructores de cathedraes na idade media ficara a anonymos, porque anonymous era o sentimento que os inspirava—hoje não ha o sentimento anonymous, ha o de cada um; por isso não se levantam obras amassadas com um pouco de coração de todos! E para que construir bons edifícios? Quem os quer admirar, deita-se até á Hespanha ou Italia! Sim, porque o cambio, a gare, o cosmopolitismo, tornaram-se um dos factores da falta de ideal.

Porque é que não se fabricam hoje os moveis do Imperio? Porque não vemos a gondola de Maria Antonieta? E' porque não existem artistas capazes de os produzir? Não. E' porque não existe quem seja capaz de os comprar. O gosto actual é a amalgama de tudo quanto era... feio antigamente! Estamos na época das coleções das hugiangas, dos sellos e dos bilhetes postais com honrarias! Em musica, falou-se muito em evoluções e revoluções e afinal a ultima opéra de Massenet veio a cair na romanha e na aria italiana e os intelligentes viram que os compositores modernos não valiam metade de Bizet, Haydn ou Gluck!

O artista foi grande, quando não havia theorias, porque, em vez de se prender com preconceitos de escola ou criticas de jornaes, só se preocupava com a interpretação do sentimento de todos, o grande motor anonymous das verdadeiras obras de arte! O artista foi grande quando seguiu a orientação da sua época e hoje não a segue, porque as theorias quebraram o estilos a maior parte das orientações! Espadachim ou cortezão, guerreiro ou fanatico, patriota ou mystico, o artista de outrora incarnou na sua obra algum carácter da época em que viveu. Velasquez pintando os retratos dos despoticos reis de Hespanha ou Zurbaran pintando os seus extraordinarios monges ascetas, Camões empunhando a espada em Africa ou Tasso rezando num claustral, Lope de Vega navegando na Armada Invencivel ou Cervantes perdendo um braço em Lepanto, podiam ter defeitos, mas eram alguma coisa, nobre e immortal, da sua época: marcaram alguma synthese. Hoje não se marcam syntheses; a analyse de factos particulares e exóticos é o assumpto das principaes obras de arte; trabalha-se em arte segundo a opinião de cada um e o almoçariz da critica só possue theorias para moer e repisar.

Porque nos sentimos pequenos na cathedral de Colonia ou no castello de Versailles? Porque pasmamos, não só diante da qualidade do ouro antigo, mas diante dos bordados e paramentos dos objectos de luxo ou de culto? Porque se vendem fabulosamente tapetes antigos e azulejos, moveis, desenhos, illuminuras? Porque não se executam hoje as bellas obras de ouro ou marfim, como antigamente? Por uma razão simples: tudo isso está deslocado na nossa época! Vêr uma poltrona de espaldas dobrado, estofo riquissimo, enfeites e desenhos, borlas e franjas, e sentado nella um homem de sobrecascata ou capote moderno, é ultracomico! Os reis de França encomendavam leitos de uma riqueza sumptuosa e artística. Quem se ha deitar hoje nelles? Quem os manda a fazer eguaes?

Fala-se muito na ingratidão dos antigos para com os seus poetas; todavia a quasi não houve grande homem em arte que não recebesse pensão; Virgilio recebeu terras do imperador Augusto, como Racine e Corneille receberam tenças de Luiz XIV. Hoje, que a imprensa faz voar pelo mundo todo milhares de exemplares de uma obra, Verlaine passava a maior parte do anno no hospital, sendo conhecido da maioria dos homens.

Ha pois indubitablemente uma decadência manifesta do espírito artístico e isso não perticular a um ou outro paiz, mas em geral



### Companhia Manufactura Caxiense

O artista de hoje é também crítico, censura os demais, extrae teorias das suas obras ou executa estas segundo teorias que inventou ou leu algures. Que tratados de estética compuseram Raphael ou Beethoven? O que ha mau em Wagner não provem exactamente do seu espírito teórico? Se Wagner não fôr amigo de nenhuma teoria, se as não houvera forjado, as suas operas seriam mais bellas e não nos estafariam com o dueto do *Tristão e Isolda*, nem elle teria composto o terceiro acto dos *Mestres Cantores* do tamanho de duas horas, só pela teoria de que a ópera não deve passar de tres actos. A melhor teoria de arte é a obra do artista.

Um dia Diderot visitava um jovem pintor, que lhe mostrava o seu primeiro quadro. Diderot era um bom entendedor de pintura e começou logo a notar na tela todas as bellezas, combinações têxteis, intenções profundas, as linhas, as cores, o traç, geral a situação das figuras, tudo. O pintor, embarcado e commovido diante de tanto elogio de seu homem como Diderot, confessou ingenuamente que elle não merecia tais louvores e que mesmo o que havia bom no quadro, isso o compuzera sem pensar nos efeitos que o seu admirador notava.

—Como? diz Diderot. Fez tudo isto sem o pensar? Achou isto sem o procurar? Isso já não é talento, é genio!

Uma das doutrinas mais avançadas da dramaturgia moderna é a pega de these; todo o drama que não for o desenvolvimento de uma these social ou moral, não presta! De forma que a maior parte dos dramaturgos modernos sentam-se à meza e exclamam: —You defend this this drama!

Ora os moderníssimos deitaram abaixo a tyrannia da tragedia em cinco actos forçados e outras coisas classicas e caíram numa tyrannia também—o encerramento de uma obra theatrical num athesis posta de antemão, quando as theses é que se devem dizer do drama e não o contrario! Eu, por exemplo, estou e imontando a asseira de escrever um dramasito, participei a execução do meu trabalho a um amigo de Portugal, pergunta seguida delle: —Qual é a these? —Mas qual these? A these não é nenhuma; eu tentarei arranjar um arama, uma obriinha de arte que seja bonita, honesta e verdadeira; o mais não é comigo! Se envolver theses n'algum escripto meu será como o homem de Molire que escrevia prosa sem o saher!

Avança-se modernamente que Gavantes quis representar no *Don Quichote e Sancho Pança* duas syntheses humanas, que Shakespeare fez outro tanto com tal e tal personagem das suas tragédias. Ora o que é verdade é que as syntheses existem, mas nem Shakespeare nem Gavantes quiseram. Responde a Buzza de Don Quichote a um carácter dominante da humanaidade? Responde o avarento Grandet de Buzac ou o nihilista do *Germinal* de Zola a tipos geraes? Sim. Os seus autores, porém, vibram num certo meio, commoveram-se estheticamente ao contemplar tales e tales homens, tal e tal aspiração ou phénomeno, e criaram syntheses, sem se prepararem com uma participação annunciadora de trabalho: vou desenvolver isto ou aquilo.

A obra de arte é obra de arte; nasce da commoção do artista e todos os preconceitos e teorias estraga-la-ão. O conde de Tolstoi, com um dos seus romances, creu mais em arte que com o seu desgraçado livro sobre teorias estheticas.

Está bem claro que eu não desejaria ser radicalíssimo; admito a critica, e só a ella, quando é boa, o direito de arranjar teorias, mas segundo as obras de arte e não para as obras de arte. Agora

o artista o que devia, ao principio, qualquer trabalho, era desinfestar-se primeiramente das teorias!

A teoria da investigação, da aprofundação da verdade em toda a sua nudez, isto é, o processo científico aplicado às coisas do sentimento foi igualmente uma das causas da actual desorientação artística. A sciencia! Arrumam-nos hoje com esta palavra para todos os efeitos! Que Buffon e Pascal fossem artistas, sendo homens de sciencia, ou que haja artistas com fundo científico, não é a dúvida, mas pretender impôr uma qualquer embrulhada teoria, que defenda a arte científica, é um cumulo! A arte é arte; precisa ella algumas vezes, quer da tecnologia quer do fundo da sciencia? Be n! Mas obrigar cada um a estudar medicina ou astronomia, aprofundadamente, só para comprehendêr um romance ou um drama, grande miséria!

Eu não desejo aceitar a proclamação da bancarrota da sciencia feita por Brunetière; não é, porém, demasiada arrogância que vão tomando certos homens de sciencia, pelo menos em face da critica de arte? Que diabo! Já se não pode ter um artigo sobre um autor ou sobre um livro, sem que o articulista nos não semeie a sua prosa, le formulas algebricas ou paixões greco-indigestos de medicina! Espanta-vos o *Jardim das Oliveiras*, de Delacroix? Pois qualquer observador, homem de sciencia, é capaz de vos afirmar que Delacroix era um idiota, por causa de uma salinidade que tinha num pé ou do lado esquerdo da cabeça!

E que a sciencia considera-se hoje superior a tudo! Ela é a unica manifestação do espírito humano, que se timbra de ter avançado mais que as outras. Vejamos. Eu não contradigo nada, não me arrogo o direito de nada destruir. No entanto, parece-me que inventar um parafuso em épocas remotas era mil vezes de mais valor que hoje o teléfono; a maravilha não é de se resolvêrem actualmente os problemas transcendentes de alta mathematica, mas loi o criar a numeración... Que, afinal de contas, já Faraday dizia serem as mathematicas um moimbo de café, de onde só se tira o que se deitou antes. Virem-nos gritar que Zola, Ibsen e Tolstoi, homens de uma vida regradissima e de vidas superiores, são degenerados e meio doidos, e isto em nome das bossas e não sei que mais!... Quan lo mesmo fosse verdade, para que tirar-nos a ilusão com que rodeamo: os grand s homens de uma certa autêntica de gloria?

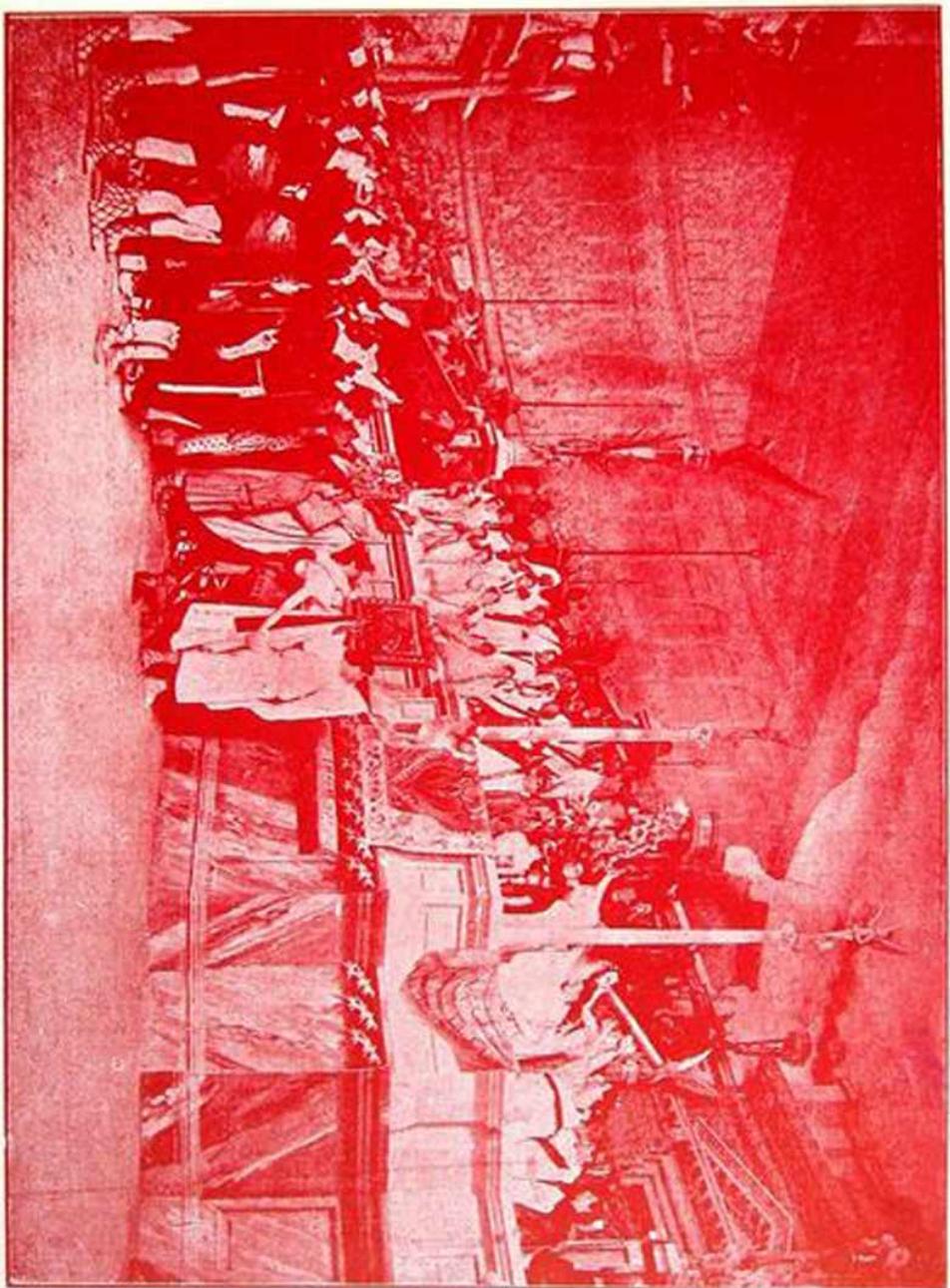
O mundo vive de illusão — era proverbio antigo. Hoje o mundo não vive tal da ilusão: é orre de certeza

Apresentar nos a certeza, roubarnos o sonho cár de rosa de que houve homens e heroes justos e perfeitos, atacando principalmente a memória dos operários da arte! Este é o fim da teoria moderna da critica. Em nossos dias já se não criam as imortalidades e as mesmas que existiam, destroem-se; em cem iconoclastas eu já quizera que houvesse um capaz de apresentar uma obra-síntese digna dos genios que elle pretende arriar.

Foi Victor Hugo considerado o tipo do genio perfeito no século XIX; a critica quebrou o ídolo, o que não me custou aliás muita pena, e pugnando me só a forma por que se operou — insultos sobre a sua memória, publicação de todo a sua vida intima, segredos e mexericos de fama. Eu já li um livro sobre os amores de Mozart, em Portugal publicado em tempo um sobre os amores de Camille Castelo Branco, na Alemanha um volume com anedotas escandalosas da vida de Bismarck. Não se sabe já o que Napoleão comia ao almoço, a cár das cíneas de Voltaire e o preço de cada sobrecasca de Castelor? Aqui n'esta Alemanha instruiu acaba um parchorreto de dar a luz uma obra para demonstrar que Goethe não desse a hora da morte: «Vibram-me aquela janela, quero mais luz!» Ora, se a humanidade de não ganhava muito com as palavras atribuídas ao autor do *Fausto*, ainda menos ganhava com uma lenha bonita que se foi e com o tal livro do home de alemão!

Dois factos acontecidos há pouco em França me suscitaram este artigo, principalmente o ultimo que é fresco de hui dias. O primeiro foi a publicação postuma de uns contos nípios e reles que Alphonse Daudet escrevera pouca-uma quando colheu gal e que qualquer estudioso moderno foi desencantar nalgum masso de papéis velhos; é de arrepia todos os pellos de uma alma christã o ver o sacrilegio infame, que o é, d'essa publicação, que o grande autor da *Sapho* e dos *Reis no Exílio* n'mea consentiria, em absoluto! E o cumulo do cynismo foi anteceder tal livraco com um prologo anonymous em que se declarava querer acrescentar mais uma flor de glória à coroa do escriptor morto!

O outro facto foi mais repugnante ainda. Tratava-se de Paul Verlaine. A sua poesia foi substituída a de Hugo e mesmo a de Musset; os novos tributavam-lhe uma adoração; elle era o furioso autor de muito verso irascível e blasfemo e o mystico e encantado arrependido da *Sageza*; o seu olhar d'água, a sua barba desgrenhada, a sua miséria, as mozes que passava nos hospitais, os outros que passava pendendo a um banco de café, sorriindo-se e discutindo,



# O Circo romano

(Scena do Quo Vadis?)

E. M. REINHOLD, RAMMERS A TÉCNICA SOBRE  
A AUSTRIA, MUSICO DE SESSÃO PARA O PÔTE.

enço embrulhado ao pescoço e cachimbo na mão, o seu trato amável, o seu tosto benevolo e paternal, crearam-lhe uma linda, um amor sympathico e geral, especialmente após a sua morte, collocando-se-lhe em volta da sepultura, com lagrimas nos olhos, os mais retratados e pormenores; Paul Verlaine ficaria sendo para todos e para todo o sempre o autor do *Romance sans parlers* e da *Sabado*.

Surgiu, porém, um bibliófilo, um *Sieur Vanier*, conseguindo haver às mãos os papéis velhos que Verlaine nunca teve a paciência de rasgar, fez de tudo um monstro sem regra, sem escofia, sem arte, queixas injuriosas contra a sorte, gritos pouco honestos contra varias pessoas, começando pela sua esposa, trechos incisivos em inacreditáveis, sem nenhum valor moral nem literário, e esse mixtério indecoroso o torpe foi publicado com o cynico e sugestivo nome de *Invectivas*.

Quem verá mais em Verlaine o velho patriarca da bondade, do arrependimento e da mansidão?

Eu não quero ser pessimista é ninguém me chamará de certo, tanto mais que desde já prometo estudar n'um outro artigo o desfeto contrario da abundância de teorias, isto é, o pecado d'aqueles que as desprezam todas sem examinar. E atrever-me-hei a negar que, no meio da actual desorientação criada pelo excesso de teorias, principalmente no campo artístico, uma bela corrente de maravilhas se levanta? Não.

Mais. Nos nesses tempos assentam-se de vez a tuncia para o Bem, tendencia para a fraternidade humana, para a perfeição moral, e que a arte será o principal fator. Há um fermento, santo nas aspirações modernas, falta condensar-o, livral-o dos miasmas exteriores, deixal-o fervor sem impurizas.

O numero de teorias mostra a sede de avançar, de achar o verdadeiro espininho para a fonte da vida e do bem; o fermento do futuro não se obterá sem cohesão e esta não se obterá em quanto cada um bradar para seu lado.

Alfredo Grunfeld.

## HENRYK SIENKIEWICZ (Ligeiras notas bio-bibliográficas)

### II

#### Conclusão (\*)

Dali por diante, em todos os romances que escreve o lituano, continua sempre a preocupação do apostolo e do missionário a evangelizar os homens nos

ensinamentos dessa moral soberana. É a voz do dever que se move quasi todos as suas grandes personagens, é o dever que forma a pauta suprema da sua vida. Por elle tudo sacrificam, ao seu cumprimento tudo immolam. João Kretuski esquece apparentemente as torturas da incerteza do paradeiro da filha de Wassil Kurcewicz, para seguir o duque Yarema, na defesa da patria. Longinus abandona as lujantes perspectivas de um futuro feliz, para atravessar sósinho o campo inimigo e ir avisar o rei João Casimiro da horrorosa situação do exercito em Bar, encontrando a mais torturante das mortes nessa temeraria excursão. Wolodowski deixa as docuras e os confortos da companhia da esposa amante, para ir ocupar o mais arriscado dos postos, fazendo voar pelos ares, ao ser tomada pelo inimigo, a fortaleza que commandava, afim de cumprir um juramento que fizera. Olenka, ao saber que o noivo faltara ao dever, expulsa-o de casa, suffocando a piedade que lhe ditava o amor, e encontrando nesse abnegado heroísmo o balsamo para os golpes que na sua felicidade, impiedosamente, vibrava a sorte adversa e má. «Prefiro a desgraça à deshonra! Tudo lhe posso sacrificar, menos o meu pudor de esposa!» responde Angelica às solilicitações de Płoszowski. E elle proprio, vencido por aquelle poder estranho, subjugado por aqueila nobre força, que até então desconheceria, murmurava, arrependido e supplice: «Prometto-lhe que nunca mais buscarei desvia-la da linha que o seu dever lhe traça! Acaba de fazer de mim um outro homem; todos os martyrios a que me condenou terminaram por purificar-me... Levou-me à comprehensão exacta da distancia que separa o amor do desejo. Não posso cessar de amá-la, é certo; porque toda a minha vida nesse amor se resume, mas amá-la-ei dora em deante como se já estivesse morta, alimentando apenas o culto da sua alma impoluta... E assim que os anjos se amam!» E a voz do dever que fala a Pedro, pela boca do Christo, fazendo-o voltar a Roma para morrer com os christãos. E a consciencia do dever cumprido que põe nos labios dos martyres, imolados á sanha bestial de Nero, o sorriso bemaventurado e feliz, com que respondiam aos apupos da multidão barbara, que o espectáculo da tortura humana fazia delirar, sanguinolenta.

O dever, o cumprimento exacto e cego do dever, a obediencia submissa aos seus preceitos, a resignada sujeição ás suas imposições—cís ah! o confortante evangelho que Sienkiewicz apregoa, como alvo soberano de todas as vidas que quizerem correr felizes, como mira suprema, para onde devem convergir os esforços de todos os homens que quizerem ser dignos.

E escolheu, justamente, para espalhar as suas crenças, o mais imediato dos processos doutrinários, o mais eficaz dos veículos de propaganda: o romance.

«E pelos exemplos concretos, dizia há alguns annos o su-



O autor do *Quo Vadis?*  
NO SEU GABINETE DE TRABALHO

bil psychologo e fino moralista da SACRIFIÉE, que um escriptor pode agir sobre o espírito do seu tempo».

O romancista, pelos tipos que crea, pelas scenas que esboça, pelos entrecos que idealisa, pelas situações que descreve, pelos sentimentos que põe em ação, pelos episódios que narra, pelas paixões que movimenta, influencia mais directamente nos costumes da sua época, pesa com mais força na opinião dos seus contemporâneos, do que o philosopho que disserta dogmaticamente, o scientist que preleciona «ex-catedra», o historiador que eruditamente amontoa factos e acumula datas. E por isso também, que a nomeada que lhe populariza o nome é mais larga, embora nem sempre mais duradoura, do que a fama que divulga o dos últimos. O interesse que ao seu redor desperta, a sympathia que em seu torno provoca, a admiração que nos do seu tempo sugere, são de um alcance muito mais vasto e utilitário, porque imediatamente se estendem ao paiz donde procede. Surge logo a curiosidade de conhecer mais de perto o meio em que o seu talento se formou, a sociedade entre a qual se escôa a sua vida, as coisas que o circundam e impressionam. E dessa curiosidade quasi sempre nasce para o paiz, para o meio, para a sociedade e para as coisas um grande e incalculável benefício, como no caso de Henryk Sienkiewicz.

Antes da extraordinaria popularidade do QUO VADIS?, vivia a Polonia esquecida, servindo apenas de thema para os poetas e para os rhetoricos, avidos de arredondar um verso ou de empolar uma frase. Sobre as grandes injustiças que a feriram um véo ingratil pairava, como se o echo das suas desgraças fosse uma nota dissonante na desbragada saturnal política do Occidente. O odio atavico que lhe vota a Alemanha, o cruel desdém com que a esmagam os Cesares da Russia, parece que se haviam comunicado ás restantes nações da Europa. E se os governantes cerravam egoisticamente os olhos ao desolador espectáculo do maior e do mais criminoso dos attentados á justiça e á humanidade, que a historia registra, os governados, ignorantes ou indiferentes, nem sequer attentavam em que ali bem perto, em pleno continente europeu, se procurava, golpeando barbaramente um paiz, suffocar de vez uma nacionalidade. A sorte da Irlanda preocupava alguns espíritos, dominados pela campanha liberal de Gladstone; e, no entanto, ninguém se lembrava da existencia dessa outra Irlanda, mais infeliz e mais digna, que Anatole Leroy-Beaulieu apontava, nos seus «Etudes Russes et Européens», pedindo para ella a justiça vingadora do futuro.

Mas bastou que o pobre paiz opprimido produzisse um artista de genio e que as suas obras recebessem o passaporte consagrador da traducção francesa, para que uma reviravolta se operasse logo nas opiniões. Já nos meados do seculo passado um grande poeta polaco, Mickiewicz, apaixonara o publico da França. Agora surgia um outro, tão grande e tão magestoso, que por si só valia uma geração inteira. Nesse caso a Polonia não estava morta. Se ainda tinha sciva bastante para gerar gigantes de tão nobre e forte envergadura, então é que as depredações dos algozes e os golpes dos opressores não haviam logrado extravasar-lhe das veias, o sangue que lhe alimentava a nacionalidade.

Começaram todos então a olhar com curiosidade e com interesse para essa nação pequena, que tão heróicamente supportava as suas desdidas, para esse povo stoico, que tão resistente oposição oferecia ás tentati-

vas de «russificação e de germanização». O próprio artista, em todos os seus livros, as mais das vezes por um symbolism transparente, como na «Lenda marítima», buscava sempre atrair as vistas para a dolorosa situação da sua pátria, deixando simultaneamente entrever as energias latentes de que dispõe, promptas a explodir no momento opportuno, mostrando à humanidade de quanto é capaz um povo que tem a noção exacta do seu valor nacional.

E essa curiosidade e esse interesse que, pela sorte da Polonia, isoladamente experimenta hoje cada leitor de Sienkiewicz, não tardará muito em transformar-se numa corrente de sympathia, impetuosa e collectiva, em prol da sua emancipação, e numa onda irresistivel e submergente de revolta, contra as sinistras aves de rapina que, sobre as suas carnes laceradas, agoirentamente crocitam. E quem sabe se desse grande movimento humanitário não brotará a reparação completa da monstruosa injustiça que os tratados de 1815 sellaram?

Será mais uma victoria desse novo poder, que a ultima metade do seculo passado viu constituir-se e cuja afirmação grandiosa formará a mais bella das conquistas deste outro seculo que começa:—o poder mental.

A maior força da época é a força da intelligencia e os verdadeiros heroes de hoje são exactamente os homens que della e por ella vivem, amparando-a com a sua affectividade e vivificando-a com o seu carácter.

ANTONIO LOBO.

(\*) Vide os ns. da Revista de 1<sup>o</sup> e 16 de Setembro.

## IDEAS

Branca, ideal, angelica, franzina,  
Meiga e gentil, celeste, vaporosa,  
—Ella semelha as petalas da rosa,  
Rorejada das gottas da neblina.

Parece um lyrio á hora da matina  
A balouçar-se na haste melindrosa,  
Ou, quando a tarde morre languorosa,  
A violeta azul e pequenina.

Tem no olhar a luz q.e se irradia  
Dos olhos de uma esplendida judia,  
Que ao lembrar-se da patria chora e canta...

E quando os labios a sorrir descerra,  
E mais anjo do céu do que da terra,  
«Não parece mulher, parece santa»

JOAQUIM BELMONT.

## O Porvir Brazileiro<sup>o</sup>

(AS QUESTÕES CAPITAES DO BRAZIL: — AS FINANÇAS, A ECONOMIA, O ENSINO, A POLÍTICA)

### I.—O PROBLEMA FINANCEIRO

Ambos tinham razão, afinal,—o ministro da fazenda, porque devia preocupar-se acima de tudo com a colheita de receitas, assim de fazer frente aos encargos do exterior, no curto período de três anos, custasse o que custasse, — e os outros, porque davam uma reconstrução em rega, encetada pelos cavoucos e não

pelo tecto, apoiado em frageis espeques, como foi compellido a proceder o sagaz sr. Murtinho. Collocou-se no seu posto; tratou das finanças. O paiz que cumprisse o seu dever,—cuidando da sua economia. Ao governo competia regularizar os negocios do tezouro —e o dr. Joaquim Murtinho desempenhou a tarefa com denodo, reservando-se o platonico direito de nortear apenas o respeitante á parte economica, pois esta não se move com decretos. Interveiu somente num incidente—o do café, promovendo favores pautaes para esse producto na Italia e na França. A faina do actual ministro da fazenda faz-nos lembrar a dos trabalhadores que, antes de metterem mãos á obra, ficam no solo riscado ao novo edifício umas estacas movediças, como esteio de algumas telhas, e assim, a salvo das intempéries, repartem os quartos, rasgam as janelas, fixam a cosinha... A sua Obra tinha de erguer-se no meio de uma tempestade, ouvindo o côro de imprecações dos operarios. Ou esborrava-se completamente, não lhe acudindo com presteza, ou soerguia uma tenda de repouso, erigindo uma barraca provisoria, onde padesse trabalhar a coberto do temporal. Esse abrigo pode simbolisar-se no equilibrio do orçamento e no consequente salto. A trovoadas passou e agora, ao ar livre, robustecido por um sol acalentador, bem pode enrijar as escorras do palacio as quaes se recuem em contribuir, com os materiaes ao seu alcance, para o levantamento de um austero Banco da Republica, independente fundador, pelas suas succursaes estadoaes, do suspirado credito industrial e agricola.

Mas não alteremos o fio da nossa exposição. Invertida a posição nas soluções, pelas imperiosas exigências indicadas, esmiucemos vários pareceres abalizados a respeito da crise monetária brasileira. Ouçamos o diagnóstico, inspecionemos o remédio e presenteemos o curativo. Nem todos são concordes, como vamos relatar.

O sr. Duarte Rodrigues, por exemplo, no seu livro *O cambio*, pags. 215 profere:—«O cambio, em 88-89, obedeceu a factores de ordem financeira, como actualmente obedece a factores de ordem económica. E tão accidentais foram aquelles como accidentais são igualmente estes». O dr. Joaquim Martinho, por seu lado, reduzindo os seus estudos a sinteses matematicamente ríspidas e a fórmulas algo fallíveis, no seu relatório de 900, manifesta-se desta forma:—«Discordância entre a produção do café e o seu consumo, determinando a redução do preço daquele género, e como consequência o empobrecimento da laboura e o paiz; discordância entre a nossa riqueza anual e o our., representada pelo valor da exportação e a massa de papel-moeda inconvertível em circulação, produzindo a redução do preço do papel, baixa do cambio, empobrecimento da circulação nacional; discordância entre a receita e a despesa federal, produzindo déficits orçamentários, novas emissões, novos empréstimos e, como consequência, o descredito no exterior. Collocada neste terreno, a solução da questão económico-financeira entre nós só se podia encontrar no restabelecimento da concordância daquelles elementos:—reduzindo a produção do café e aumentando o seu consumo, reduzindo a massa do papel moeda e aumentando o valor da exportação, reduzindo a despesa pública e aumentando a receita,—operações todas estas duras, asperas, irritant-s, antipáticas, e às vezes mesmo com aparecer a d-cruel lade, mas que o governo executou com a firmeza, a alma e a serenidade que só pode dar a consciência de estar logo servindo o paiz. Convicto de que a intervenção oficial só poderia aumentar os nossos males, o governo deixou que a produção do café se reduzisse por selecção natural, determinando-se assim a liquidação e a eliminação dos que não tinham condições de vida, ficando ella nas mãos dos mais fortes e dos mais bem organizados para a luta. Em seguida o governo conseguiu que, pela diminuição dos impostos aduaneiros, em França e na Itália, o café tivesse nestes países uma venda mais desafogada, escravo entanto as adulterações. Depois encetou a queima de papel moeda, em obediencia á facultade prescrita no *funding loan*. As críticas choveram de todos os lados—e cada critico armou-se em financeiro e em economista. Mas démos a palavra ao dr. Joaquim Martinho, adiando por minutos as considerações que este intrincadíssimo caso sugere.—«Não tinham (os censos) a vista penetrante para perceber que o que se tem queimado é apenas o veículo, e que o valor a elle incorporado antes da incineração passa depois della para o papel que fica em circulação». Isto é axiomático e dispensa comentários; mas a questão pode encararse por outro lado ainda, conforme vamos expender. Já no relatório de 1890 o illustre catedrático gravara as mesmas conclusões:—«As duas crises são, sr. Presidente, perfeitamente semelhantes na sua expressão geral: superabundância de papel-moeda em relação ao consumo, superabundância de papel-moeda em relação ao valor da circulação; alargamento do preço do café, abaixamento do preço do papel; redução do valor total da renda nacional, redução do valor total das rendas do Estados.

Em primeiro lugar, se o de Joaquim Martinho, em vez de seguir à risca, na sua era de pensador, a filosofia de S. Tomé, tri-

hasse o metodo critico-historico do sistema filosofico de Comte, certamente filaria mais naturalmente as origens da crise brasileira. O energico estadista jingui-se demasiado ao seu momento, ao seu isolamento individualista, como fazem algumas escolas socialistas, que tanto censura, agarrando-se á fantasia, sem repararem, uns e outros, em que a questão social, embora atenuada no Brazil, enquanto não explanar e julgar pela historia a serie logica das tentativas de organização das suas soluções, no dizer do Mestre dos Mestres, nunca assentará racionalmente o código preliminar das reformas. E tinhamos o direito de exigir-lhe semelhante retrospecto; porque s. exc.<sup>a</sup> não é um retórico ou um político, mas sim um homem de princípios, cousa rara nos meandros da política contemporânea, a que os gerentes do imperio transmitem este canon estadístico—expedientes e habilidades, intrigas e discursos. Mas o dr. Muritinho é mais matemático do que critico, mais financeiro do que economista, mais administrador do que sociólogo, em suma—mais scientisto do que filosofo. Equilibrado, no entanto. Nem muito ao mar, nem muito á terra... E esta é a qualidade primordial dos verdadeiros estadistas.

Assim é que, sem haver introduzido no paiz outro titulo de credito, se lançou com ardor á destruição do papel-moeda. Dizem alguns doutrinadores de gabinete que a circulação é que marca os avimentos do paiz e não estes aquella. Mas a verdade é que essa moeda, com toda a sua fantasmagorica depreciação, era preciosa ás relações commerciaes da nação. E a prova temo-la na quebra sucessiva dos bancos das principaes prazas do Brazil, ao levar-se por diante a incinerarão. Concordamos em absoluto, com um escritor, en que «não ha perda alguma, porque o dinheiro que se destruiu não tem valor algum intrínseco, nem representa ouro em deposito». E, se se tratasse de dinheiro pertencente a um individuo ou a um grupo de individuos, perderiam o direito de adquirir uma quantidade de productos, que deve existir na massa geral da producção, representando o trabalho por elles realizado, e que, afinal, reverte para toda a Nação. Quando, porém, é toda a colectividade nacional que extermina esse dinheiro—é ella quem perde o direito de adquirir o equivalente de productos; mas, se é para ella mesma que, por outro lado, revertem esses productos—conclue-se daí que a Nação não perde, nem ganha com a queima do papel-moeda. Esses productos, que deviam caber ao dinheiro incinerado, parece que deveriam ficar sem adquirentes e sobrar no mercado. Isso não acontece, porque, concorrendo menos dinheiro ao mercado, os preços baixam proporcionalmente á somma retirada da circulação e assim se escõem todos os productos em proveito de todos os membros da comunidade nacional, que ficam, assim, exactamente compensados do onus tributivo exigido para a queima do papel-moeda.—A incinerarão do papel-moeda não aumenta, nem diminue a riqueza publica. Apresenta, porém, dois inconvenientes:—1.º Agrava o estado economico durante o periodo necessário para que o resgate exerça a sua ação de reducção sobre todos os preços; 2.º Exige um prazo longo para restabelecer o cambio ao p imitivo par.

Infere-se daqui que o papel-moeda, o seu excesso ou a sua queima, não acrescem, nem decrescem a riqueza nacional e desequilibram momentaneamente a vida económica, sendo ademais a destruição o mais penoso e tardio dos caminhos para elugar ao cambio a 17. Não esqueçamos que o papel-moeda é um simples instrumento de troca, sem ter garantia que o abone, ao passo que o bilhete bancário incarna ouro. Ora a crise do Brasil está justamente em viver numa era de custo forçado, com todos os bancos desacreditados e toda a caudal de incertezas, abusos, especulações e desconfianças que disso provém. «Pode o Banco (*O problema agrícola* de Bazilio Telles, pags. 223-24) ter de reserva nos seus cofres, em vez desse ouro inacessível, somente algumas teias de aranha—contanto que os valores do seu activo representem riqueza sólida—que não sofrerá por isso grande abalo a confiança ligada pelo senso público à moeda fiduciária.

Todos sabem que o curso forçado é—um agente de crises, um autor de isolamento económico. O dr. Joaquim Murtinho, com a lucidez que o retrata, na sua mensagem de 99, viu perspicuamente as ruínas que elle fomentava:—Na emissão de curso forçado o interesse ligado à operação não tem freio; sem a responsabilidade ligada ao levar da conversão, o agente emissor procura inventar negócios, multiplica-os, sem se preoc. cupar com outra causa que não seja o lucro do momento.—A emissão de curso forçado, realizada precipitadamente, alargando de modo brusco a circulação e realizando prontamente grandes lucros pela especulação que desenvolve, gera um estado especial de espírito, uma verdadeira neurose, caracterizada pela mania das grandezas, por um optimismo exagerado, por um arrojo invencível, que suprime toda a prudência e todo o critério.

Todos reconhecem os transtornos a que nos junge o curso forgado. Mas é preciso notar, *quand même*, que nem sempre os seus efeitos são maleficos. Os aforismos dos hortícolas não bastam para o seu humor. «Vive se no teu racional». Exigentemente um



Pará - Rua do Conselheiro João Altredo

questão que é essencialmente prática». O próprio dr. Murtinho o constata, nestas frases:—«A emissão de papel-moeda nem sempre, pois, é um mal; ella pode, ao contrário, representar um grande agente do progresso e prosperidade das nações». A larguezza e rapidez com que foi feita, no império e nos primeiros tempos da República, incluindo os senhores que a inquinaram, pois devotou-se à criação de indústrias fantásticas, a uma importação escusada, que se immobilisava nos armazéns, e a um único gênero agrícola—a cultura do café, infecionando-se por este modo, em lugar de reproduzir-se, é que a anulou. Houvesse espalhado, paulatinamente, por todos os recantos do país, franqueando-se à produção e não aos produtores ou agenciadores, consoante se efectuou; tivesse-se chamado com esses recursos, para as diversas zonas, e não só para o sul, uma corrente latina de imigrantes, abrindo vias-ferradas,—e outra seria hoje a situação económico-financeira da República, se o Ban-e-Emissor simultaneamente realizasse, com os respectivos lucros, as indispensáveis reservas metálicas ou aquisição de propriedades. O curso forçado atravessaria-no, e algumas ainda o aninhavam, nações como a Inglaterra, em 1797, a França, em 1796, 1884 e 1870, a Rússia, em 1768 e 1843, os Estados Unidos da América do Norte, em 1862, a Itália, em 1861, a República Argentina, em 1888, Portugal, desde 1892, a Espanha, desde 1891, a Grécia, desde 1891.. Mas os primeiros destes países souberam, na adversidade, criar juiz e forças, resgatando o seu papel por metal e não por queimas, afim de não desmoronar ou, pelo menos, alvorocar a existência económica, com o que sucedeu.

Não será demasia o repisar este assunto, porque respeita intimamente ao futuro. Duarte Rodrigues (*O cambio*, pags. 202-3) escreve:—«Não é o déficit que prodeu a baixa do cambio. Esta não determina exportação de moeda metálica, porque não se exporta o que não existe. Consequentemente, uma retirada do papel-moeda da circulação não terá efeito algum sobre o cambio. Não é possível verificar-se a volta daquillo que não haja saído. Entretanto, se o país contrair uma nova dívida no exterior, o cambio melhora imediatamente. Não obstante, uma nova dívida representa—um novo ônus para o Estado. Se for vendida no estrangeiro uma estrada de ferro nacional ou qualquer outra propriedade, quer pertença ao Estado ou seja de domínio particular, a subida do cambio não se demora. E, todavia, uma alienação é uma prova de empobrecimento. Se a somma a que se elevar essa importância for suficiente para saldar o que houver a pagar no estrangeiro, o cambio irá imediatamente ao par; se for superior irá acima do par, como aconteceu em 1889 e em muitas (\*) outras épocas anteriores. A ilusão dura, porém, pouco tempo. O desequilíbrio reaparece em

breve trecho e repetem-se os mesmos factos, sem se attentar para as suas verdadeiras causas».

Iludiu-se, portanto, queremos cre-lo, o dr. Joaquim Murtinho, ao fazer do papel-moeda um dos mais poderosos motores, sendo o máximo, da crise cambial, ou seja económico-financeira. «Essa circunstância não é devida senão ao desequilíbrio entre o valor da exportação, que é o único ouro do país, e os pagamentos que se devem realizar no exterior, por conta do Estado, ou de particulares, os quais só em ouro se podem efectuar». Segue-se que a deterioração do papel-moeda, como a especulação, é efeito e não causa da crise. Esta, a especulação, tem sido de tal furor que basta referir um facto para a julgar. A exportação foi, em 1900 de 36 milhões de libras e a importação de lib. 11.68.144, havendo por conseguinte um saldo de lib. 24.53.856, que devia retornar, em ouro, pago pelos importadores estrangeiros. Isto resum as estatísticas ou, melhor, o simulacro de estatística que se possue. Acreditamos que se as transacções se fizessem fiduciariamente, observaríamos saldo na balança comercial.

—A seguir,

FRAN PAXECO.

(\*) Vide os ns. 1 e 2 d'A Revista do Norte.

(\*\*) Pedimos licença para contestar este mafioso, porque no império raras vezes o cambio esteve ao par. Vide Finanças e política da República, de Rui Barbosa, pags. 48.



Coronel Page Bryan  
MINISTRO NORTE-AMERICANO

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Outubro de 1901

NUM. 4



**Dr. Pedro Borges**

GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

## CANÇÕES

## A PHANTASIA

I

Chegaste: vinhas rindo e cantando  
Como as crianças e os passarinhos,  
Rosas e lyrios enciumando  
Pelas estradas, pelos caminhos,  
Por onde vinhas rindo e cantando,  
Senhora e dona dos meos carinhos.

II

Inda me lembro; tu te afastaste  
Quando com aancia te procurei...  
Pedi-te um beijo, me recusaste,  
De magoa e dor quasi chorei...  
Inda me lembro tu te afastaste  
Mas... foi na bocca que te beijei.

III

Tornei a ver-te muito depois,  
Já me não lembra mais o que fiz...  
Nem mesmo sei qual de nós dois  
Naquelle dia foi mais feliz...  
Tornei a ver-te muito depois  
E dei-te os beijos que então eu quiz.

IV

Tu me disseste, quasi chorando:  
«Amo-te muito, sempre te amei,  
Mas olha, escuta, só te jurando  
Que me não mentes, feliz serei»  
Tu me disseste quasi chorando,  
Quasi chorando tambem jurei.

V

Foi numa Igreja branca e pequena  
Que pela quarta vez te encontrei,  
Tu assistias uma novena,  
Foi de joelhos que te saudei,  
E nessa Igreja branca e pequena  
Como rezavas tambem rezei !

VI

Desde essa noite juntos vivemos  
Num canto alegre e encantador...  
Foi bella a vida que então tivemos  
Sem amarguras, sem magoa e dor.  
Desde essa noite juntos vivemos  
Para as ternuras do nosso Amor !

VII

Na minha lyra que já não canta  
Versos ardentes eu te cantei !  
Fiz-te sagrada, tornei-te santa...  
Foi de joelhos que te adorei...  
Da minha lyra que já não canta  
Doces balladas te dediquei.

## VIII

Mas tudo passa... Tu me deixaste...  
N'um caixão verde teu corpo vi  
Lá para os céos triste voaste  
E eu hoje vivo longe de ti !...  
Ah ! tudo passa... Tu me deixaste...  
Ao vêr-te morta quasi morri...

IX

Hoje aqui vivo mudo e tristonho,  
O' Phantasia que eu tanto quiz,  
Não sou poeta, pois já não sonho  
Nem faço os versos que outr'ora fiz,  
Agora penso mudo e tristonho  
Nesse passado beilo e feliz.

THAUMATURGO VAZ.

## As épocas históricas da literatura brasileira

Por mais abundosos que sejam os elementos constitutivos da literatura nacional, não lhe achamos, observando o desdobramento mental de nossa raça, fórmulas capazes de determinar as fases históricas da evolução intelectual brasileira.

Não é por desconhecermos movimentos mais ou menos assinaláveis que arrojamos tal proposição, deviando-nos do que mais ou menos hão pensado aqueles que, ocupando-se das nossas letras, estatuem de aspectos variados as épocas diferentes por que elas se tem desenrolado.

Pelas apreciações nitidas resultantes do trabalho revisor da formação e desenvolvimento da nossa actividade literária conseguimos pôr em relevo a segurança com que almejam restabelecer na marcha histórica da literatura épocas notáveis, nas quais actuam formas e se definem, numa real solidariedade, transformações características dessas fases, à semelhança do que sucede em outras literaturas.

Não é possível coadunarmo-nos com tais princípios; época histórica de uma literatura consideramos o momento em que nela se operam francas manifestações de significativo valor e que marcam o exercício, agitado às vezes, das capacidades estéticas, dispõe no meio social uma verdadeira convulsão intelectual.

Neste pressuposto, para buscarmos um conhecido exemplo, apontamos na literatura portuguesa o período dos arcades, que algo entre nós se reflectiu.

A literatura brasileira não possui épocas históricas; provam-no os meios vários por que os escritores, para método dos seus trabalhos, dividem os capitais períodos das nossas letras. Não precisamos referir a enumeração de Wolf, Fernandes Pinheiro, etc., em abono da nossa assertão; o desencontro de opiniões e a vacilação dos autores nessa classificação tem como demonstração valiosa a oposição em que Sylvio Romero, espírito altamente philosophico e de elevada orientação em assuntos histórico-literários, se nos depara no «Livro do Centenario», modificando o que escrevera na «Historia da Literatura Brasileira».

Sylvio Romero, o mestre que primeiro, entre nós, sob a necessária intuição e com um cunho real talvez

a historia da litteratura nacional, sem aquella preocupação de biographias e fastidiosos elencos de produções, indicára na sua obra, em 1885, quatro períodos, (formação, desenvolvimento autónomo, transformação romântica e reacção crítica e naturalista), para mais tarde refundilhos em dois, o de formação e o de desenvolvimento, unidos pelas «Lyras» de Gonzaga.

Que diferença de cyclos ! Primeiramente o tempo de elaboração findava em 1750, data da iniciação do desenvolvimento, hoje considerado em 1792.

Não comprehendemos essa formação litteraria; o Brasil do século 16 é, no judicioso dizer de Capistrano de Abreu, descripto por viajantes estrangeiros, mais ou menos incertos da sua permanência na terra descoberta. Por isso, nós apenas lhes conhecemos umas chronicas falhas, escriptas sem o sabor local ou encontramos autos, à guisa dos de Gil Vicente, compostos por Anchieta para a conversão do gentio.

Neste século, conseguintemente, não existe na realidade a composição da litteratura nacional; os seus elementos não se refundem e ella reproduz a litteratura da metrópole e apresenta descrições incompletas, unicamente meritorias na explicação das coisas de Santa Cruz.

Dir-se-á, talvez, que mais tarde rutila a figura de Gregorio de Mattos, compendiando uma espécie de autonomia litteraria; o que se nota no «Bocca do Inferno» é «um phänomeno estranho», simplesmente curioso; é o irritadiço e nevrotico mestizo, menosprezador por indole, satyrisando o colono e ridicularizando o português. Ainda, sob o denominado período de formação ou de desenvolvimento, Itaparica irradia com o seu nativismo, desconhecendo as lendas e tradições nacionaes. Seja elle, com o chauvinista Pitta, ou o marco da phase formativa ou a balisa do período de desenvolvimento, nunca resumirá um instante apreciável nas letras brasileiras.

O princípio que ostentamos mais se accentua, ao enfrentarmos a escola mineira, ponto hoje de união, na «Marília de Dirceu», segundo S. Romero, dos dois momentos da evolução litteraria. As «Lyras» de Gonzaga destóram das insípidas composições das tertúlias portuguezas, transplantadas para o Brazil, onde repercutiu o espírito revolucionário do século 18 com a criação da «Arcadia Ultramarina». Gonzaga e os poetas da Inconfidencia inspiraram-se nas idéas encyclopedistas e tentaram a autonomia da nossa nacionalidade.

Diversifica da forma lyrical da escola mineira a «Viola de Leren». Caldas Barbosa torna-se no século 18 o poeta nacional; as suas canções passam para o «folk-lore» e vulgarisam-se entre o povo. As modinhas brasileiras vão influir na poesia portuguesa, excitando Bocage e Filinto e concorrem para a renovação, na metrópole, das velhas formas da serranilha.

Desta feita dois factos distintos se observam em um mesmo espaço de tempo. Assim, como nomear esta phase em que a poesia oferece formas distintas variadas e até os moldes da epopeia em Durão e Basílio, que, pela vez primeira, cantam o habitante das nossas selvas ?

Que o século 18 se destaca pela grande cultura e tendência autónoma não o contestamos; mas denominar-o, ou determinar-lhe o lugar a preencher na progressão crescente da nossa litteratura, confessamos que nos é tarefa impossível de executar, sob pena de, se o conseguirmos, viciarmos qualquer systematização por fazer.

Prescindiremos de deter-nos em mais indagações para nos furtarmos a minudencias fatigantes.

Fica manifesta, deste modo, a doutrina que sustentámos, há pouco, em calorosa discussão no Instituto dos Bachareis, onde demonstramos ser impossível a discriminação perfeita das épocas históricas da litteratura brasileira.

A Litteratura, synthese do pensamento, exerce as formas da linguagem e reflecte os sentimentos de um povo e as aspirações de uma raça.

Desta guisa cumpre que a Litteratura mostre as suas tendências e inspirações, distintas e influentes em dado espaço, para que se registrem como phänomeno único, fixando a especialização de um momento histórico litterario. Então ter-se-á uma época histórica com todos os seus elementos constitutivos.

A litteratura brasileira não pode oferecer na sua existência épocas históricas, no sentido rigoroso da expressão; não se opinará contrariamente, nem mesmo estudando o período romântico com o indianismo de Gonçalves Dias, o emanuelismo de Magalhães, o sertanismo de Joaquim Serra e o hugoanismo de J. Bonifácio; ou também apreciando a phase de reacção, quer realístico social, quer puramente parnasiana ou ainda symbolista.

Pelo processo de averiguación da verdade, que ora abraçamos, a conclusão a tirar é a que acima examinamos. Cremos não cair em erro e mais fortalece essa convicção, que de há muito mantemos nesta questão, a circunstância de S. Romero achar certa complexidade no problema teórico da evolução litteraria brasileira.

Existente esta complexidade, deturpado será qualquer tentamen taxonomico, improficio e ephemero todo o trabalho neste propósito. A identificação que muitas vezes se terá de dar a momentos distintos vicia, como soe acontecer, a divisão dos cyclos litterarios e os esforços consagrados com um intuito produzirão resultados inversos dos almejados.

Nestas condições é mais plausível abandonar-se a discriminação de épocas históricas e que, por mero método pedagógico ou boa ordem para a enunciação da nossa evolução litteraria, sejam adoptadas simples divisões, mais ou menos consentâneas, sem a pretensão de estipular phases históricas das letras nacionaes.

E o mais prático.

Rio, 22—IX—901.

THEODORO MAGALHÃES.

## Filhos

—A forja mata-me !... Estou bastante velho, cansado e já me sinto inapto para o trabalho,—resmungava sempre o tio Miguel para a esposa, à hora em que os dois velhos reuniam para almoçar ou jantar. Que falta me faz um filho ! Tivesse-o, e já lhe teria ensinado meu ofício, para que me substituisse na direção da officina. E não o tenho !... Poucas forças já me restam, de modo que qualquer dia, mulher, o teu Miguel morrerá em cima da bigorna, como um artilheiro nas muralhas da sua fortaleza.

A tia Engracia entrava a dar umas razões tão aceitáveis...

—Que queres tu ? ! Foi sorte. Deus não quis darmos um... Que havemos de fazer ?... Tem paciencia, Miguel.

—Paciencia ? !... tenho-a eu tido, e até de sobra.



### MANAUS—INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

O que me falta é força para trabalhar. Antigamente, tu vias, eu suspendia o malho só com dois dedos! Cousa incrível! Hoje já me custa muito fazê-lo com ambas as mãos. A velhice e as doenças venceram-me de todo. Sou o «velho leão decrepito», da fabula, murmurava, com um sorriso amargo e desconsolado nos lábios. Que resta do forte e valente ferreiro de Santa Maria?—Uma sombra e nada mais. Quando nos casamos, tinha eu 23 annos de idade, e estava moço e robusto. E tu andavas na mesma conta—28 annos também, bonita e sadiá. E se não experimentamos nunca as alegrias que pulsam no coração dos que não são pais, Engracia,—foste tu a culpada!...

A pobre criatura sentia-se ferida a fundo em seu amor próprio e defendia-se como podia.

— Não! Gulpada em que, Miguel? Já te não lembras que muito pedi a Deus um casal de filhos; o rapaz para te ajudar na forja, e a pequena queria eu fazer della uma excelente dona de casa. Seria um descanso para mim. Dividiríamos o trabalho a meio. Ela para arrumar e varrer a casa. Eu vivia para cosinha e a tina. Deus não quiz ouvir os meus rogos... Devô, pois, revoltar-me contra sua vontade? Nunca!

O velho calava-se. Accendia um cigarro e punha-se a tirar grossas fumadas, entreteñendo-se a ver a fu-

maça enovelar-se e desmanchar-se depois em dilatados círculos, esbranquiçados, no ar.

Uma manhã, inesperadamente, apareceu na villa uma escolta de trinta soldados, commandados por um oficial. Iam buscar gente para o serviço do exercito. Andava o paiz em guerra.

O oficial conseguiu reunir vinte rapazes. A tarde pôr-se-iam todos em marcha.

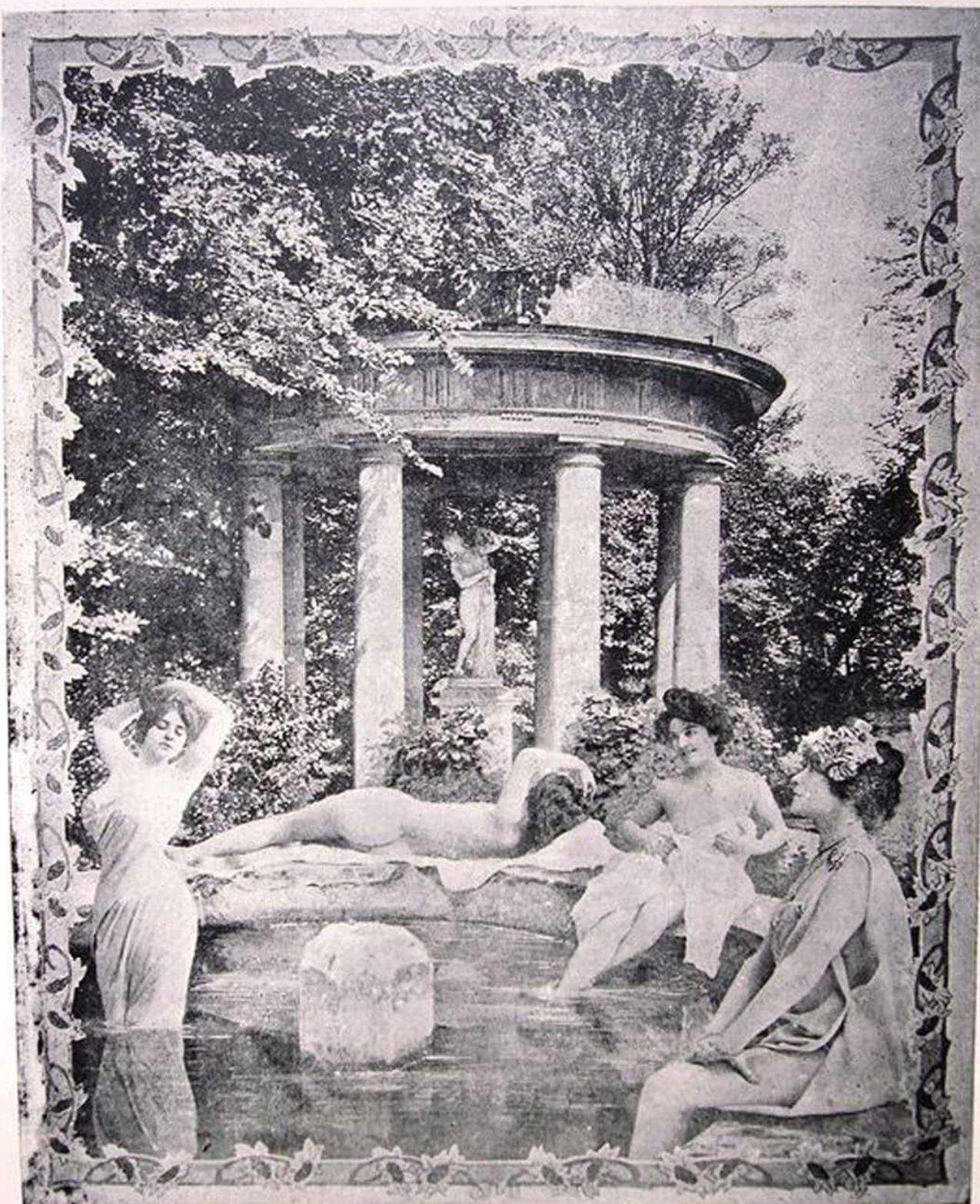
Os pais foram, á hora da partida, abraçar os filhos queridos, que talvez nunca mais voltassem.

Vellas mães, agarradas aos entes queridos, choravam lagrimas de sangue, ao abraçal-os. Irmãos e noivas extremosas, vergadas ao peso de uma infinita magua, mal podiam solugar o que se chama o «supremo adeus»!

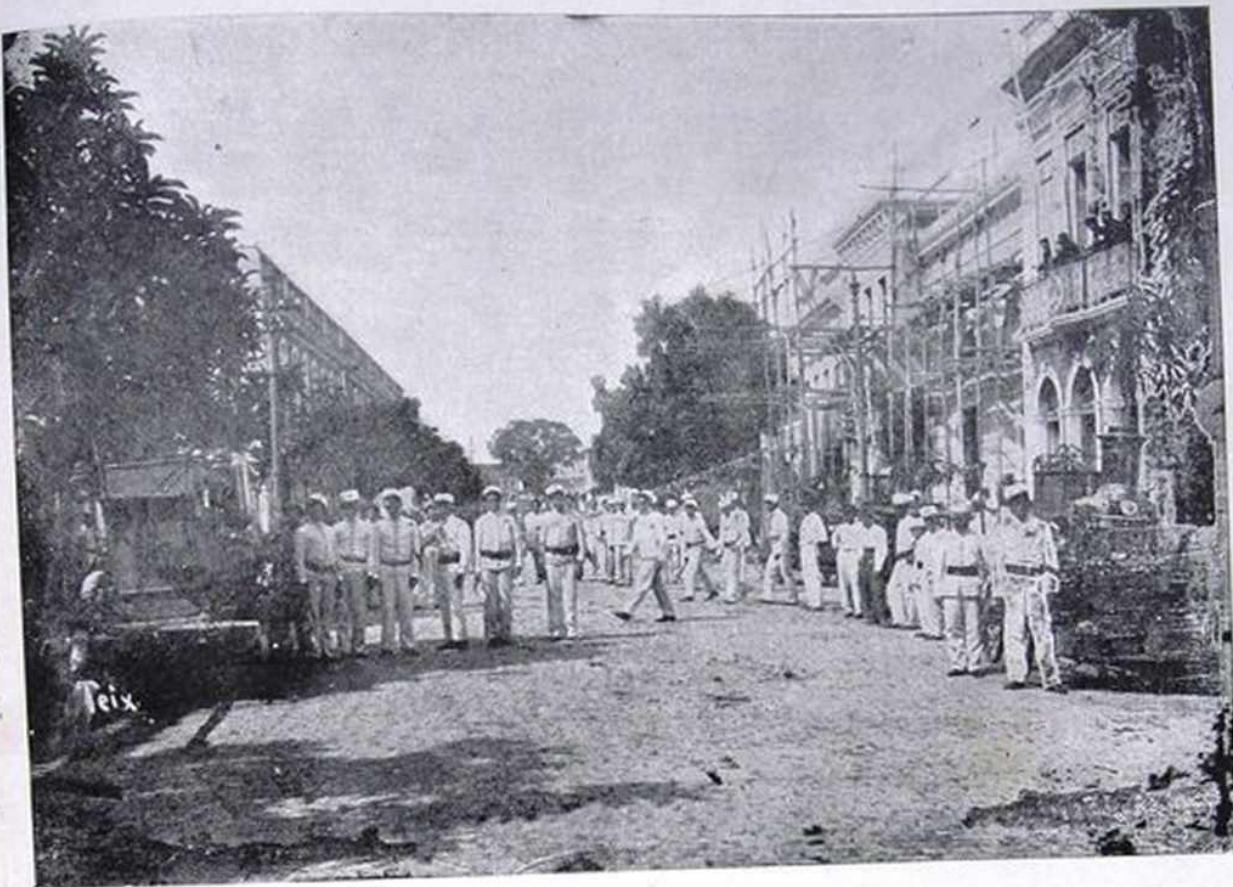
E quando aquelles desventurados se foram, deixando talvez para sempre as terras em que nasceram e onde lhes florria a esperança na felicidade, toda a villa chorou.

Só o tio Miguel não experimentou n'alma, com a mulher, a aspereza dessa dor aguda.

Cahidos um nos braços do outro, murmuravam, plenos de alegria, palavras de agradecimento aos



## O Templo do amor



## PARA—RUA JOÃO DIOGO

cos, visto telos poupado áquelle acerbo desgosto.

—Como somos muito felizes, mulher! — exclamava, radiante de prazer, esquecido já, talvez, das contínuas recriminações que fazia à esterilidade da esposa.

— E verdade! acrescentava a tia Engracia. Pobres rapazes! Estes nunca mais voltarão cá! Se tivessemos os nossos, era bem possível que estivéssemos agora mortos pelo golpe da dor profunda deste afastamento impiedoso. A pequena estaria moça e noiva... Quem sabe? E que pena, para ella e para nós, vermos-lhe partir o noivo, ou o nosso rapaz, para nunca mais tornarmos a abraçá-lo.

E os dois velhinhos abraçavam-se contentes, comovidos, como no dia do casamento. As alegrias despertaram-lhes ruidosas no coração de sessenta anos. Riam-se como um jovem par de namorados ditosos.

O tio Miguel chega a beijar as faces enrugadas e sem frescor da mulher, que toda se estremece áquela amorável caricia, que ha muitos annos ella não experimenta, desde o dia em que a febre ardente da paixão se foi acabando n'alma do esposo.

Por muitos dias elle não se queixou á tia Engracia da inclemencia do Supremo, que não lhe dera um rapaz, que trouxesse nas veias o sangue generoso e forte do velho ferreiro.

As impertinentes queixas de fadiga, com que elle andava a resmungar sempre, morreram sobre seus lábios enrugados, que só agora bem diziam a infertilidade da esposa.

A sua ventura presente consistia n'aquillo que muitas vezes elle julgara uma infelicidade, e amaldiçoára! Só agora estava compenetrado do favoritismo da sorte.

E entravam no domínio pleno das alegrias.

Elle não vivia, como quasi a gente da aldeia, preso á dor e ás incertezas, esmagado pelas saudades do ausente, vendo o correio a cada instante entrar-lhe pela porta a dentro com uma carta anunciando-lhe a morte de um ente querido.

Quando á porta da sua officina passava o tio Joaquim, o velho perador, cujo unico filho fora arriscar a vida na defesa da patria, — o tio Miguel media a grandeza da sua felicidade comparada com o desgosto que affligia o bom pai, e erguia o olhar agradecido para o céo alto e azul.

Como elle era venturoso!

Se tambem tivesse o seu, quantas apprehensões e duvidas não andariam agora a trabalhar-lhe no espírito, mortificando-lhe o coração por uma saudade torturante. Era bem melhor assim!

O trabalho, justificava, não era que o matava. Eram as doenças e aquelle renitente rheumatismo, que não o deixava fazer nada, quando o atacava no inverno.

Ao jantar contava á esposa muito indignado:

— Tu sabes. O Joaquim hoje me appareceu. Está muito contente e orgulhoso por ter um filho a se bater pela Patria! Que máo pai, ululava com raiva.

Nem que visse o nosso general, com o peito coberto de medalhas !...

E punha-se a cantar antigas modinhas, dos bons tempos da sua mocidade, em que andava a namorar com a Engracia.

— Lembras-te? — interrogava-a.

— Como não! respondia ella. E accusava a frieza com que o marido agora a tratava.

— Nesse tempo, Miguel, tu não me deixavas socregar um instante...

E tinha um sorriso malicioso a brincar-lhe nos labios pallidos e enrugados.

E os dois velhos, cada um para seu lado, punham-se a evocar o passado, n'um extase delicioso, que lhes envolvia a alma n'um goso singular.

...

Nessa tarde, na antiga forja do tio Miguel, todos os operarios estavam nos seus postos de trabalho.

N'uma pancada unisona, aquelles seis martellos em actividade tiravam um ruido ensurdecedor, mas festivo, batendo rijo no ferro candente, que o artista seguia entre os dentes da tenaz, á mão esquerda, levantando com a outra, muito alto, o malho para logo deixá-lo cair com força sobre a bigorna, enquanto um enxame de fagulhas, desprendidas aos milhares, envolvia-o n'uma pul verisão maravilhosa de estrelas.

O fole bufava e as chamas da forja fadicamente illuminavam de vermelho o fundo escuro e lobrego da officina, n'uma apoteose de poente estivo!

Por vezes, como sob a pressão de uma occulta mola, cessavam de bater os seis martellos e ouvia-se, então, o canto de um passaro que se dessedentava perto d'allí, á borda do tanque, onde esfriavam os ferros, ou cantarolar agudo e fino de clarim do gallo domestico.

E o trabalho interrompido, logo recomeçava com grande arruido e azafama.

Houve n'uma occasião uma pausa mais prolongada. Um rufar continuo de tambor, crescendo sempre, feriu o ouvido de um dos operarios. E logo este despertou a atenção dos outros.

— Escutemos, — pediu.

Todos se puizeram attentos, n'um silencio solemne.

— São os voluntarios que ahi veem, — gritou um mulato. Eu já sabia que elles chegavam hoje.

O fole resfolegava abafadamente.

O malho do tio Miguel entrou de novo a trabalhar e todos os operarios o imitaram.

Um d'elles, que fôra soldado, não se poude conter e poz-se a recitar baixinho, n'uma melopéa arrastada, os versos do hymno que os voluntarios vinham cantando e cujo estribillo o vento espalhava nitido no ar.

A alma simples d'aquella gente rustica foi-se encendendo de arroubamentos e logo começaram a transbordar n'um caudal de entusiasmos.

A musica emocionara-os; e todos os operarios principiaram a cantar, a meia voz, a principio, mas dentro em pouco n'um coro vibrante e animado.

O mulato encostou-se á bigorna e poz-se a limpar os braços nus e o rosto requeimado, marejados de suor, nas dobras do avental tisnado de couro. Houve uma pausa no trabalho: os seus quatro companheiros tinham-n'o imitado. Só o tio Miguel persistia em fazer vibrar o seu pesado malho, indiferente, estranho áquellas alegrias, que alvorocavam o peito dos seus o-

operarios, agrupados á porta da officina, olhos cravados na estrada por onde os voluntarios vinham entrando na villa, de regresso da peleja.

Nem o jubilo dos companheiros o commovia, nem o tamborilar festivo das caixas de guerra conseguia diluir, n'uma ternura magnifica, o que havia de empoderneido na alma do velho ferreiro.

Elle continuava malhando o ferro! A velha tia Engracia varou a officina e, de mansinho, puxou o marido pela manga da blusa.

— Miguel!... Anda cá. É preciso não desgostar esta gente. Finge que a elles, ao seu prazer, te associas de coração. Olha que se podem contrariar contigo, e despedir-se.

O marido ouvia-a obediente; e os dois foram para a porta.

Nas janellas das casas que marginavam a estrada, rostos satisfeitos, de um riso doirado a illuminar-lhes os labios, repontavam curiosos.

Homens e mulheres, abrigados aos portaes, aniosamente esperavam os seus ausentes estremecidos.

E eis-os que passavam em frente á casa do velho ferreiro de Santa Maria.

Vinhiam radiantes de alegria! O sol faiscava nas armas, entrelacadas de flores e fitas, como um thyrsos de festa de Deus pagão.

Aquelles gritos de «urrha»!, aquellas canções patrióticas, o espectáculo d'aquela festa cordeal, — foram pouco a pouco adelgaçando, commovendo e fazendo vibrar de patriotismo a fibra do coração frio e inacessível do tio Miguel. Um incendio de amor lavrou-lhe rapido n'alma. Elle tomou as mãos da mulher e encarou-a silenciosamente. Tia Engracia fitava-o sem murmurar uma só palavra. De repente ouviu-se a voz agrida e soluçada do velho ferreiro:

— Engracia!

— Miguel!

— Vés! Ai! Se tivessemos tambem o nosso rapaz, eramos bem felizes! Nossa amor de pais podia ufamar-se com orgulho; e aquelles dias de inquietação e de pena que se seguiram á sua partida, hoje seriam fartamente recompensados por este contentamento infinito, que nos faz delirar! Nossa ventura transbordaria nesta hora n'um caudal de eterna e justa felicidade, a acariciar-nos os dias tristes da velhice. Nós não temos mulher, o direito de partilhar em alheia alegria, de associarmo-nos a um prazer que custou tantas lagrimas, dores acabrunhantes e uma saudade pungidora a esses pais, nesta hora mais felizes e ditosas do que nos. Que falta nos faz agora o filho!... Vés? Com esse rebento do nosso afecto teríamos conhecido esta estancia da ventura. Como a vida sem um filho, que seja a alegria do lar, é monotonica e triste...

E os dois, estreitando-se nos braços um do outro, soluçaram inconsolaveis como duas creanças.

AGOSTINHO VIANNA

## A tuberculose

Propugnador resoluto da luta tão energicamente empenhada, em todos os países adiantados, contra a tuberculose e certo de que esse grande, util e humanitário esforço encontra franco apoio em todas as pa-

sóas sensatas, apresso-me em iniciardas columnas d'«A Revista do Norte» a propaganda contra tão perigosa molestia, em additamento ao que se tem feito, entre nós, depois da reunião medico-pharmaceutica, cujo fim foi estabelecer nesta capital os meios de lutar contra a invasão da tuberculose, diffundindo o conhecimento exacto da sua causa, as precauções que se devem empregar para evitá-la e finalmente o tratamento que melhor resultado tem dado ultimamente.

E incontestável que, mesmo entre nós, os casos dessa molestia, mais letal do que a aterradora cholera, visto como acomete todos os dias, em todos os climas e em todas as idades, se vão cada vez mais tornando frequentes e quotidianamente aumentando a cifra dos que com a vida lhe pagam tributo.

Pelo obituário, diariamente registado nos jornaes desta capital, não se pôde fazer idéa exacta do numero das victimas que ella occasiona, porque muitas vão falecer em varios pontos do Estado, geralmente conhecidos como os nossos «sanatarios naturaes», ou em cidades do Ceará, para onde affluem á procura de melhores condições climaticas.

E preciso que a população do Maranhão, para evitar maiores sofrimentos, se convença de que a tuberculose é contagiosa e de que a sua causa é um pequeno germe, um microbio denominado—bacilo de Koch: bacilo, por causa da forma, do aspecto com que se nos apresenta no campo do microscópio, de Koch, em homenagem ao grande scientist alemão Roberto Koch, que o descobriu.

Este parasita morbifico, ainda depois de expelido do organismo tuberculoso, é susceptivel de vida longa, quer no soalho e nas parades dos aposentos, quer nos moveis e utensílios que estiveram em contacto com o individuo afectado.

A descoberta de semelhante bacilo que, com o auxilio do microscópio, pode ser observado constantemente, foi de um alcance extraordinario para a medicina, porque a sua presença é um signal valioso no diagnostico da tuberculose.

E a prova de que lhe é a causa é que, sendo injectado no organismo bom, inocula-lhe a molestia, transformando o organismo sano em tuberculoso.

Ha duas causas notaveis na transmissão e propagação da tuberculose:—a hereditariedade e o contagio, isto é, a passagem da molestia de individuo a individuo.

Por meio d'quelle, cuja noção já era aceita por Hippocrates, transmitte-se ora directamente a molestia, como demonstram varios anatomo-pathologistas, o que se chama hereditariedade directa, ora somente a predisposição, a natureza apropriada ao seu desenvolvimento, o que se chama hereditariedade indirecta.

A tendência moderna, a respeito da hereditariedade, é somente admitir a indirecta e considerar verdadeira a proposição de que «ninguem nasce tuberculoso».

O descendente de um tuberculoso é um individuo tuberculoso, mas não é fatalmente um tuberculoso ou phtisico, de sorte que, afastado das grandes aglomerações, vivendo desde a infancia em pleno ar puro, no campo ou, de preferencia, nos logares altos, fazendo constantemente exercícios apropriados, tendo boa nutrição e evitando rigorosamente, mais que qualquer outra pessoa, as causas de contagio, pode deixar de vir a ser um tuberculoso, como felizmente se tem observado.

Eu poderia transcrever aqui numerosos factos observados pelos mais distintos médicos dos países mais

adiantados, afim de demonstrar a influencia poderosa da hereditariedade e do contagio, referidos e sabiamente discutidos em excellentes livros, monographias e conceituadas revistas; porém, para melhor conseguir o meu intento, relevem-me os leitores eu aqui transcrever somente factos observados no exercicio da minha clínica, deixando de lado a linguagem técnica relativa ao assumpto, que não pode estar ao alcance de todos, assim como a discussão de questões especiais, que, além de excederem o alcance do autor deste artigo, não estão na intenção com que o escreve.

E, se prefiro citar somente casos da minha observação, não é que veja nelles mais importância do que naquelles a que me referi e que me serviram de estudo, mas sim porque, despertando os sentimentos afectivos dos meus leitores, não com a dor longinqua e de pessoas desconhecidas, mas com a dor dos que estão perto de nós, a dos nossos conterraneos, estou certo de que mais facilmente me apossarei das suas convicções, do que depende evitarem-se tantos sofrimentos!

Citarei, em primeiro lugar, um caso que demonstra a hereditariedade indirecta, isto é, a pessoa era oriunda de um tuberculoso, nasceu boa, mas predisposta a adquirir a molestia.

Era F., de cerca de 20 annos, esperança e enlevo de uma distinta família desta capital.

Adoecendo, fui chamado para medical-o e, ao primeiro exame, verifiquei que a invasão tuberculosa se havia dado em ambos os pulmões e que a molestia, tomando a forma aguda, produzia a sua destruição com grande rapidez.

Estudando os antecedentes pathologicos deste doente, fui informado de que, ainda na primeira infancia, perdeu seu pai victimado pela molestia, que só aos vinte annos de idade encontraria oportunidade para acometê-lo e, em pouco tempo, arrancal-o aos carinhos de sua família !

O segundo facto tem por fim demonstrar o contagio da tuberculose, e é o seguinte:

Eram duas pessoas oriundas de uma família, onde, segundo me foi referido, nunca houvera um caso de tuberculose.

Uma delas foi acometida por essa molestia e a outra, sua amiga dedicada e companheira, pode-se dizer, de quasi todas as horas do dia e da noite, um anno depois adoeceu gravemente, apresentando os symptomas que denunciam a invasão aguda da molestia, que, em poucos meses, lhe consumiu a existência ainda juvenil, sobrevivendo-lhe a que tinha adoecido em primeiro lugar e em quem a molestia tomara a forma chronică !

Estes casos ocorridos em épocas diferentes e que cobriram de luto e de tristeza a duas distintas famílias da nossa sociedade, infelizmente não são raros na história da tuberculose em nossa terra; muitos outros eu poderia citar, acrescentando novo contingente aos numerosos factos que, em toda a parte, vem em confirmação do que a observação e a experiência já sancionaram: o contagio da tuberculose e a influencia da hereditariedade sobre o seu desenvolvimento.

DR. JUSTO JANSEN.

O que me interessa no estudo do passado e do presente é o futuro.

EMILIO FAGUET.



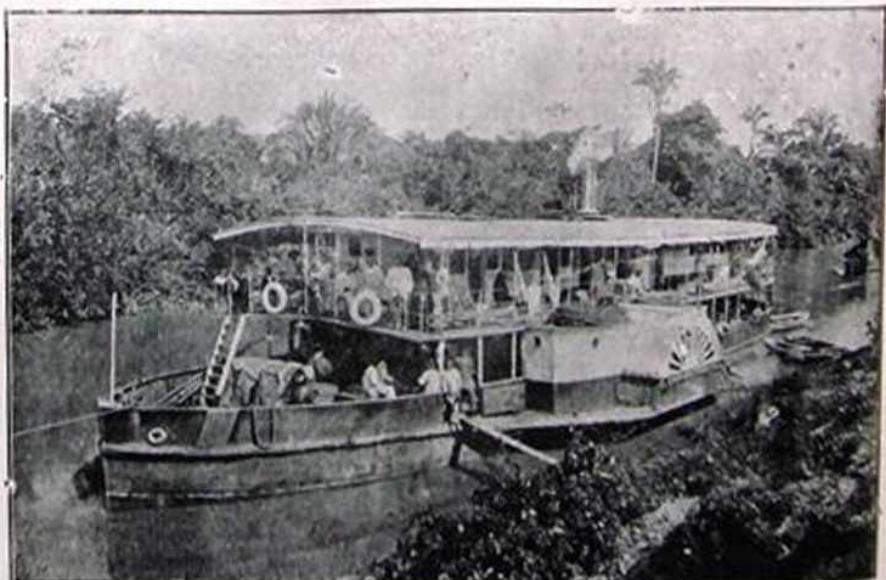
### CONGRESSO DO ESTADO DO MARANHÃO

No intuito de corresponder da melhor forma possível ao bellissimo e penhorante acolhimento que tem recebido o nosso magazine, não só do publico do Estado do Maranhão, como tambem do de outros Estados, resolvemos estender ás 4 primeiras paginas suplementares o texto d'A *Revista*. Nellas encontrarão os nossos leitores uma collaboração variada e farta, composta de contos, romances, poesias, chronicas, notas de moda, seções humoristicas etc., etc.

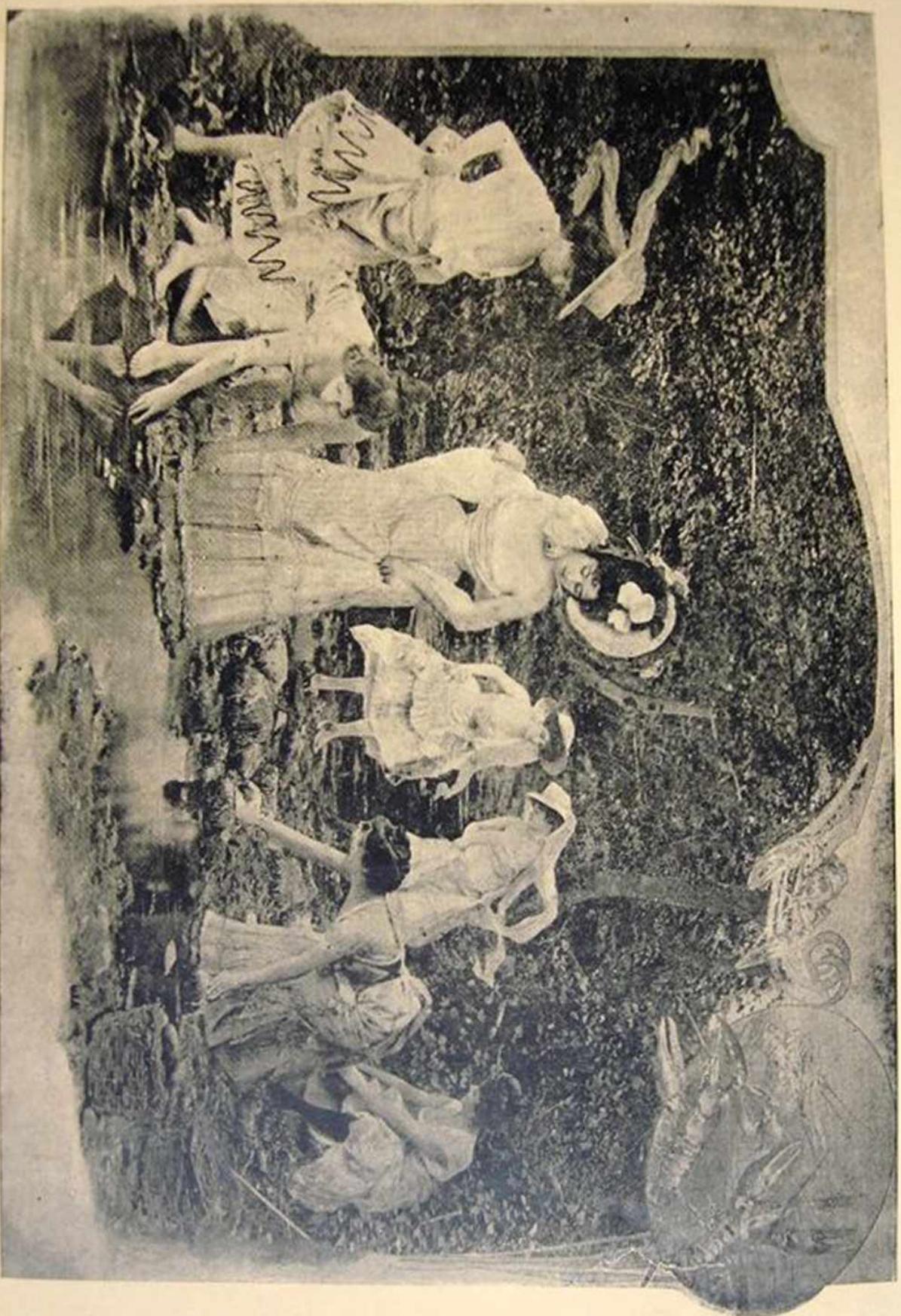
Na capa d'A *Revista* figurará sempre, tambem, a comecar deste numero, uma gravura em madeira, executada, como todas as outras, nos nossos ateliers de gravura.

Depois das do vapor e da electricidade, os direitos da Europa sobre a Africa constituem a mais grandiosa descoberta do seculo XIX.

PAUL HERVIEU.



MARANHAO--NAVEGAÇÃO FLUVIAL



## A PESCA

A REVISTA DO NORTE

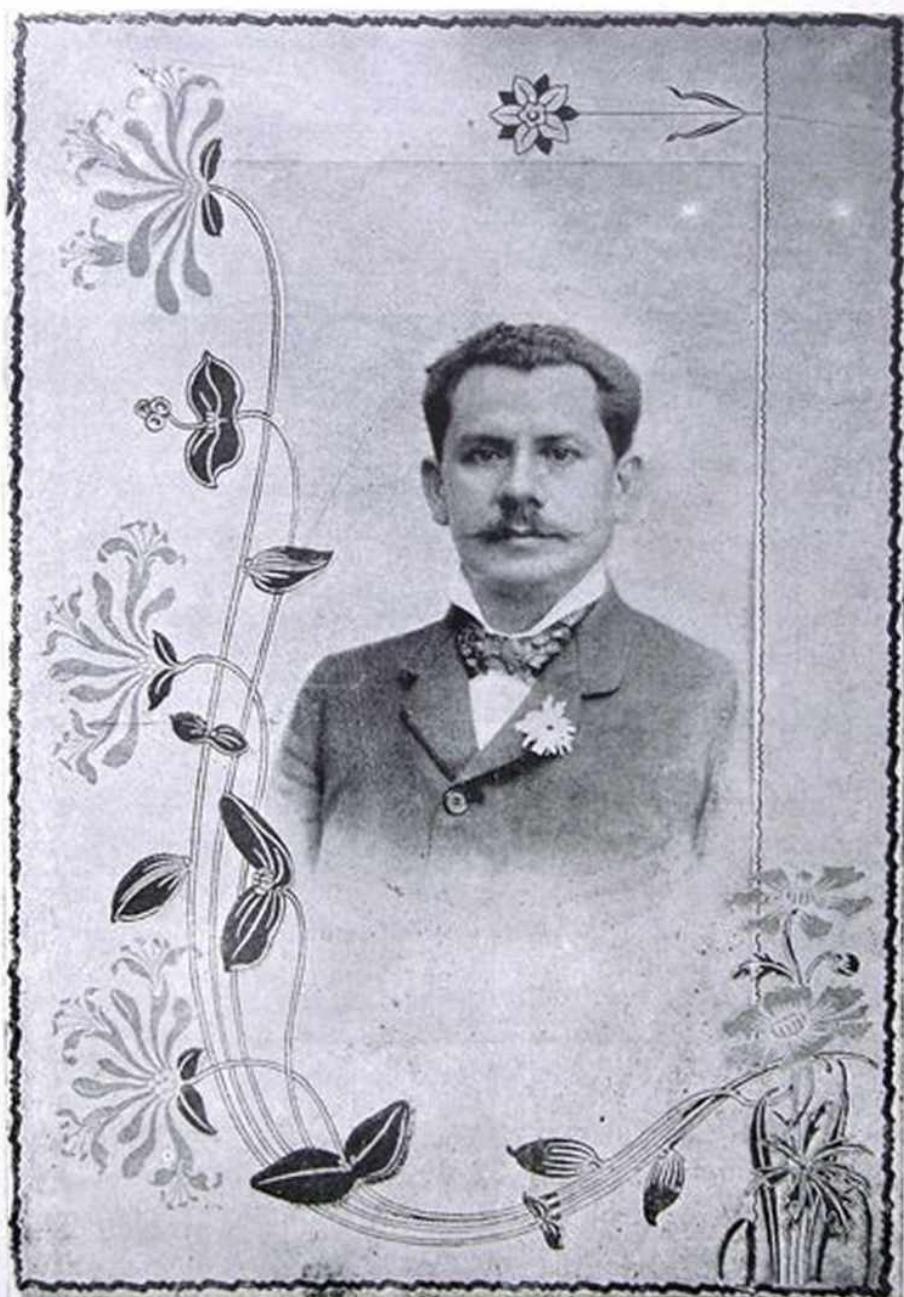
MARANHÃO - Brasil.

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Novembro de 1901

NUM. 5



**Coronel Silverio Nery**

GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAZONAS

## Remorsos de um cypreste

O coveiro dos olhos encovados,  
ó triste cavador das sepulturas,  
porque vieste enterrar, por teus maus fados,  
ao pé de mim, oh ! céus, por meus pecados,  
suas tranças magníficas, escuras ?...

Uma noite de chumbo, oh ! noite fria,  
com a raiz varei-lhe o coração,  
senti que me apertava a sua mão,  
e ouvi a sua voz, que me pedia  
a minha compaixão !

Outra noite de trevas, um clarão,  
bateu-me em cheio a rama verde-mar;  
era fogo talvez do seu olhar  
o que eu via sahir do negro chão !

Outra vez ouvi gritos; n'um anceio  
puz-me a tremer á luz do céu aberto,  
e, ansiosamente, ouvi-lhe o brando seio,  
que palpitava perto !

O coveiro dos olhos encovados,  
que semeaste tu ao pé de mim ?—  
Não foram rosas, cravos encarnados,  
mas sua boca linda de rubim !

O coveiro dos olhos magoados,  
que remorsos que eu tenho seja assim !  
Ai, tornaste os meus dias desgraçados  
por causa d'esse lindo seraphim !

Que o sol me seque o tronco, e a minha vida  
se extinga por aquella que magoei !  
O coveiro de fronte ennegrecida,  
conta-lhe os prantos acres que chorei !

Enterra-me bem fundo, aos pés da flor,  
que sem querer um dia atormentei;  
aos seus pés quero dar vida e calor,  
e o viço que ao seu corpo lhe tirei !

O coveiro dos olhos encovados,  
foi sem eu querer, diz, que lhe rasguei  
os alvos dedos, finos, delicados,  
e que remorsos tenho, se a manchei !

O coveiro dos olhos encovados,  
ó triste cavador das sepulturas,  
sepulta-me aos seus pés, que inspiram fados,  
e fazem verter pranto ás pedras duras !

Lisboa.

DIAS DE OLIVEIRA.

## O Porvir Brazileiro<sup>(1)</sup>

(AS QUESTÕES CAPITAIS DO BRAZIL:—AS FINANÇAS, A ECONOMIA, O ENSINO, A POLÍTICA)

### I.—O PROBLEMA FINANCEIRO

IV

Mas é necessário contar com os pagamentos do tesouro, os juros dos capitais estrangeiros aqui empregados, as mesadas exportadas pelos colonos, etc. Só depois de organizada esta estatística se poderá verificar completamente o nascedouro da crise. Que, para nós, não merece a menor dúvida que «o cambio é a relação entre o ouro que entra e o ouro que sai», ou seja mais explicitamente o *premio do ouro*. Deve ponderar-se mais a elevada cotação que esta mercadoria está usufruindo em toda a parte do que a ação do papel-moeda. Só então se examinará, em ultima análise, o acerto das fórmulas matemáticas do dr. Joaquim Murtinho.

Para os sensatos o remedio da crise não consiste em reduzir cinzas o papel-moeda, mas sim em sustar novas emissões, valorizando a circulação pelo estabelecimento de reservas metálicas, postas em giro pelos competentes bilhetes; o remedio da crise não consiste em reduzir a produção do café, porque, ao passo que em todas as demais paragens o seu cultivo se tem apurado, aqui tem aumentado, concedendo ao Brasil um monopólio natural, mas sim em reduzir o preço dos fretes e os direitos estaduais de exportação, em aperfeiçoar-lhe o fabrico e o acondicionamento, alargando-lhe a área dos compradores, o governo pelos tratados comerciais e os agricultores pela sua propaganda atípica, cortando o número dos intermediários, estabelecendo agências ou restaurantes e depósitos em todo o mundo; o remedio da crise consiste em aparelhar o Banco da República, por meio de sucursais em todo o país, e não somente no sul, para fornecer capitais à produção, mediante os *warrants*, medida esta mais destinada à agricultura e à indústria, e que se verá de vez o immoralíssimo abuso de crédito, um dos maiores instigadores dos obstáculos que encravam o comércio; o remedio da crise consiste em patrocinar a policultura nas plantas e abandonar o mau vício da monocultura, multiplicando e barateando os transportes marítimos, fluviais e terrestres; o remedio da crise existe, enfim, em decretar umas tarifas garantidoras, duradouras, depois de se constituir uma estatística real e fazer um inquérito ao trabalho nacional, para por elle se guarem os interessados, protegendo os tecidos, a cerveja, as farinhas, as massas alimentícias, os fósforos, os lacticínios, o arroz, o fumo, o xarope, o matte, o açucar e outras indústrias brasileiras naturais, abrindo a porta às restantes. Isto no corolário aos problemas económico e financeiro e às suas providências materiais. Relegamos para outro plano os factores morais, elemento importantíssimo em soluções desta natureza.

Claro está que estas palavras não significam que o governo tenha descurado ou menosprezado os tipos aírados. Pelo contrário. Porque, se dissentimos da opinião do eminentíssimo ministro da fazenda em vários pontos, não podemos deixar de confessar que o interregno de três anos para reitar os pagamentos da nação no exterior é que o apertou nas suas estreitas malhas, levando-o a olhar com mais desvelo para a questão financeira, que destrinçou triunfante, do que para a questão económica, a que vai acudir, facultando os bancos regionais.

Os projectos anunciamos—operação basilar sobre a Estrada de Ferro Central, talvez unificação da dívida, princípio da circulação metálica e instalação de bancos absolutamente alheios às transacções cambiais—denotam já uma nítida compreensão do fundamental problema económico, não passando os conceitos averbados nos relatórios anteriores de meros equívocos de apreciação ou nevocata exposição das proposições. Falta de experiência, de prática administrativa.

O facto de o dr. Joaquim Murtinho reputar o papel moeda o manancial inexaurível e único de todas as calamidades é que lhe turva a diretriz dos actos governamentais. O sr. Duarte Rodrigues, tantas vezes invocado nestas laudas, demonstrou a evidência o desvio dessa conduta:—«Também há pouco disse o ilustrado dr. Joaquim Murtinho:—O agente principal da nossa situação financeira é a desvalorização da nossa moeda, consequente à emissão exagerada de papel moeda inconvertível, e o resgate real desse excesso de papel é, para a agricultura, como para todas as outras actividades nacionais, o primeiro dos deveres do governo. Todas as relações económicas se estabelecem na actualidade tendo em atenção a baixa do cambio, todos multiplicam hoje por tres as suas rendas e as suas despesas, desde o capitalista até ao operário—Ora, se realmente fosse assim, seria fácil achar-se a solução do problema: bastaria ao governo também multiplicar por tres todos os impostos. Mas não: o papel moeda, repetimos, é um efeito e não uma causa». O dr. Murtinho levou realmente a sua teoria ás últimas consequências—multiplicou por tres todos os impostos. Iste nada importaria, contudo, porque o Brasil é um dos países que menos contribuem para o fisco, e ainda porque o governo central estava desrido de fontes de receita, pois antigamente cobrava os impostos de importação e exportação e a República deixou-a só com aquelle e todos os encargos exteriores, se conjuntamente, como corolário idêntico daquelle enunciado arbitrário, se não pulverizasseem noventa e sete mil contos, que não foram substituídos por metal, sacudindo extraordinariamente o comércio brasileiro. Fez-se uma queima, não um resgate, conforme observou o dr. M. Victorino Pereira.

E justíssimo, e curial, que o ministro da fazenda procurasse sanear o meio circulante. Mas, para levar a cabo este seu intento, sem reflectir que só a balança económica pode fundar uma estável circulação monetária, devia antes pôr em ação todas as

peças inherentes a jogos deste calibre, evitando sacrifícios pressionáveis às classes laboriosas. Oliveira Martins, quando, na passada da fazenda, em Portugal, buscou solver a crise em que se estorcia, e estorce, a nossa pátria, explicou sinteticamente o conjunto do seu plano, no discurso de 6 de fevereiro de 1893: «O que é incontestável é que é absolutamente ilusorio e quimerico pretender resolver a crise financeira, sem paralelamente se atacar de frente a crise da circulação. Quantas economias, mais ou menos cruéis, se fizerem; quantos impostos, mais ou menos vexatários, se largarem, tudo será absorvido pelas oscilações do ágio. E as economias e os impostos, desequilibrando a economia geral, trazem consigo a menor produtividade das receitas e a inutilização dos sacrifícios. Enfreada a crise económica pelas pautas, principalmente; vencida a crise da circulação pelo empréstimo; restaurada a confiança, seria relativamente fácil rematar a reconstituição das finanças pela remodelação e melhor arrecadação dos impostos. Com o empréstimo pensava o ilustre publicista em pagar os juros de juros da colossal dívida monárquica portuguesa, durante dois anos. Com o que sobejasse e a moratoria, equilibrado o orçamento, far-se-ia a reserva metálica do Banco. Ora o Brasil não carece de recorrer a novo empréstimo. O *funding loan* bastou para a sua reconstrução financeira.

Entregando a Central, por arrendamento ou venda, com a garantia da colocation do pessoal menor, a um sindicato, como sempre procedeu a Norte-América, que nem por isso deixaria de ser o que é, obteria imediatamente recursos para constituir uma sólida reserva metálica no Banco da República, inaugurando este agências estaduais, e mesmo para restabelecer o pagamento das prestações de amortização da dívida, que o acordo londrino faz recomendar somente daqui a dez anos. Mais: se a esse sindicato, naturalmente estrangeiro, se concedessem terras devolutas, e a construção do prolongamento da estrada até à Nova Capital, em Goiás, dentro do plano da viação ferrea geral, obrigando-se a trazer colonos, por certo não se exodaria tão cedo o povo e juros do capital empregado na compra ou aluguel. Pode ser utópico este alívio. Mas a evolução social segue-nos que as utopias de hoje são sempre as realidades de amanhã! (2)

Corroboremos ainda com outro eloquente valioso, o nosso parecer acerca da origem da crise nacional. E o dr. Rui Barbosa, ex-ministro da fazenda, que aliás não pecca por coherência nos seus projectos económicos e financeiros, quem no-lo facilita: «E, quando se pergunta se será possível, mediante actos do parlamento, diminuir ou evitar as depreciações da moeda papel, não é ligito dar a essa pergunta outra resposta que não a de Minghetti: —Seria sonho pensá-lo. A tal resultado não se pode chegar senão pela eficácia do nosso trabalho e da nossa produção. —B. Cardoso. (*Finanças e política do Brasil*, pags. 40).

O sr. Joaquim Murtinho, na sua alegada, não podia fazer mal de que fez—endireitar as finanças. E já é muito, muitíssimo, tens do apenas diante de si o limite de três anos e o exemplo da inerzia dos antecessores. Em dois anos, todavia, conseguiu matar o clássico deficit, o espantalo das militaristas e burocráticas monarquias, e apresentar um estupendo saldo orçamental. Nada disto aconteceria, no entanto, se não ocorresse a subida gradual do cambio. E porque se deu este fenômeno, visto que o café não se valorizou, antes baixou de preço, e que a incineração do papel moeda em pequenissima proporção influiu para a melhoria?

E facil descontar os promotores dessa alta. Englobam-se particularmente nos elementos moraes, cuja potencia o próprio sr. Murtinho insculpiu no seu relatório de 1900. Tranquila totalmente a nação, pois que alguns empreiteiros de chapins foram genericamente relaxados às mansas enxovias policiais; satisfeitos regularmente os compromissos comerciais no estrangeiro; provada a sociedade a capacidade administrativa do governo, que executou zelosamente as determinações do *funding*, eliminou o deficit e mostrou sobras, demitting funcionários desse tessário e abandonando os contratos lesivos, inda que com perda momentânea, —faltamente se havia de restaurar o crédito no exterior, pela segurança que as instituições inspiram, sabendo-se, além disso, que a mais empenhada na ultimação do *funding* foi a casa Rothschild, a maior, quase única, possuidora das apólices da dívida externa brasileira. A seguir virá a revalidação, não pelo aumento da oferta, mas pela sua estabilidade, do primeiro artigo brasileiro de negócio. «Gosasse o paiz de crédito, assente em bases solidas, então a crise cambial desapareceria prontamente com o aumento das exportações». Credito, alicorrido nos factores moraes, já a República Brasileira o readquiriu vitoriosamente. Falta agora que o escude em factores económicos. Por outro lado, ao mesmo tempo que a energia do governo e o patriotismo do povo conquistavam essa inestimável rehabilitação, a interrupção dos pagamentos e a previdencia do ministro retiravam o tesouro do mercado cambial e, tornando um facto o imposto paulatino em ouro sobre a importação, reduzia esta à sua legitima corporatum e corrígia,

embora levemente, a endiabrada especulação dos bancos, corretores e negociantes, pois que —os agentes da operação, neste caso, são inúmeros: são todos os importadores, que, zelando cada um o seu próprio interesse, procuram realizar as transacções nas condições mais favoráveis. Isto, dito na sua summa, é que reergueu a taxa de 7 e 8 a 11 e 12.

Não será despropositado, porventura, espraiar um pouco mais largamente a vista e pormenorizar a narrativa desta assombrosa revolução no organismo económico-financeiro do Brasil. Em 1900, na introdução do seu relatório, consignava o dr. Joaquim Murtinho: «Na solução do terceiro problema, o da concordância entre a receita e a despesa pública, a ação do governo manifestou-se pela mais severa economia, pela ordem introduzida na administração, pela discriminação nos orçamentos da receita e despesa em ouro e papel, pela melhor arrecadação das rendas, pela criação de novas fontes de receita, com o estabelecimento dos direitos em ouro nas alfândegas e com o desenvolvimento enorme que deu aos impostos de consumo. Por esta forma transformou os deficits permanentes em saldos orçamentários, ampliou os fundos de garantia e resgate da moeda em circulação, continuou o resgate das apólices ouro de 1868 e 1889, reduziu a dívida enorme de exercícios findos a tal ponto que houve no último exercício saldo de 1.000.000 na verba votada pelo congresso para esse serviço; trocou títulos uruguaios em títulos brasileiros, resgatando 676.000 libras da nossa dívida em ouro; pagou grandes somas devidas por sentenças judiciais e liquidou débitos de diversos bancos ao tesouro, pondo fim à intervenção governamental na direção do Banco da República».

—A seguir.

FRAN PANECO.

(1) Vide os ns. 1, 2 e 3.

(2) Este rápido estudo estava escrito há meses, esperando oportunidade para a sua publicação. Agora, na revisão, vamo-lo retocando. E é para nós intimamente agradável o ver que o dr. Murtinho, na introdução ao seu relatório deste ano, que só há dias lêmos, se manifesta do seguinte modo a tal respeito: «A outra necessidade urgente é o desenvolvimento das nossas vias ferreas. A Estrada de Ferro Central, tendo uma renda bruta de 32 mil contos, pode com administração particular dar uma renda líquida de 5 a 6 mil contos annuais. Entregue-se essa estrada por arrendamento a um grupo de engenheiros nacionais, e, com esses 5 ou 6 mil contos poderemos continuar, não só o prolongamento da mesma Central, como auxiliar a construção de outras estradas de ferro nos Estados. A queda de 5 a 6 mil contos, com um bom cambio, já é um elemento poderoso para esse empreendimento, de que depende o futuro do Brasil».

## A condessa Vesper

(Fragmento do capítulo XLVI, «Apogeu e Ocaso», do romance *A Condessa Vesper*, que a casa Garnier vai por estes dias lançar a público).

D. Filipe pôz-lhe casa em Botafogo, mandou, por inspiração própria e segundo desenho seu, aparellar o brasão d'armas da Condessa Vesper —uma grande estrela de prata em campo azul celeste, cortado em diagonal por duas ordens de lagrimas vermelhas; em cima a coroa condal, e por baixo do escudo um ramo de camelias brancas. E deu-lhe lacaios de libré agalardada, tomado do brasão as duas cores canim e prata; e deu-lhe joias, e deu-lhe rendas tão preciosas, que valiam ainda mais que as joias, e vinhas, que valiam mais que as rendas.

Vesper tocara ao seu zenith, à fulgida culminância que precede ao fatal declínio.

Pouco, muito pouco tempo durou o plenilunio da sua gloria, apenas um anno, mas nesse fugaz instante gosou ella todas as delícias da voluntariade; foi por um momento da sua vida o centro planetario, em torno do qual todos os prazeres livres e todos os vícios caros do Rio de Janeiro bailaram ebrios de goso. Os principescos salões de sua casa converteram-se, não



PARÁ---BOULEVARD DA REPÚBLICA



CAXIAS--O PORTO DE DESEMBARQUE



### MARANHÃO--THESOURO PÚBLICO DO ESTADO

só no quartel general de todas as prodigalidades elegantes, de todas as gentis libertinagens de um e outro sexo, mas ainda no alegre ponto de reunião de muito dignitário de gravata lavada e de homens de real merecimento litterario, artístico e scientifico. Nas suas esplendidas noitadas, de ceia permanente, em que o champagne corria a jorros e a orchestra só emmudecia ao clarear da aurora, em que as bancas de lansquenet, de bacará e de «trente et quarente» se succediam, deslocando centenas de contos de réis, viram-se, ao lado das vulneraveis divas de collo nu, altas patentes de mar e terra, poderosos conselheiros da Coroa, velhos senadores cobertos de condecorações, formidáveis banqueiros, cujos sorrisos de labios secos valiam ouro, capitalistas donos da Praça, e titulares que dariam para uma colleção completa, desde o bisonho commendador de grão minimo na Maçonaria, até ao rebarbativo Conde, grão 33, com chácara em arrabalde e o nome imposto pela Camara Municipal á rua em que elle habitava.

E ella, ao lado do seu principe, cercada de admiradores ricos e de protegidos pobres, sentia-se plenamente feliz, gozava essa felicidade, tão ambicionada e tão rara, que só experimentam os privilegiados da fortuna, os eleitos da sorte; a felicidade de chegar ao fim proposto, de cumprir o seu destino na terra, de tocar com as mãos e com os labios o ideal sonhado durante a vida.

Nesse anno de plenitude, Ambrosina chegou a ser uma irresistivel potencia, cujo valimento se estendia escandalosamente até aos degraus do Throno. Quantas vezes não foi ella, ás horas escusadas do pôr do,

dia, visitada e adulada por estranhos de boa cotação na sociedade, que lhe iam solicitar a graça de uma recommendação para os magnates do poder? Quantas vezes não recebeu, com frios gestos de rainha, a clandestina visita de alguma pobre senhora, que entre risinhos e envergonhadas lagrimas lhe supplicava uma palavra de interesse pela promoção do marido ou pela nomeação do filho? Quantos casamentos de dinheiro, e quantos casamentos de amor, e quantos adulterios, e quantas reconciliações conjugaes, não dependeram della? Quantos destinos não lhe foram parar ás felinas mãos, para destas receber a nova direcção que lhes quizesse imprimir a soberana phantasia da loureira?

De tão senhora da fortuna, e de tão satisfeita consigo mesma, chegou Ambrosina a revelar bellas alterações no temperamento e no genio. Era difícil surprehender-lhe então um gesto de má humor ou de má vontade; déra ao contrario para mostrar-se indulgente e branda com os inferiores, compassiva e humanitaria para com os humildes e fracos, cheia de um spectaculo interese pelas victimas de qualquer notável desastre. Acudiam-lhe agora, áquelle mesmo labios a cujo sopro vidas de vinte annos se apagaram, doces sorrisos de meiga affabilidade para os palidos necessitados, que de longe se arrastavam até à fimbria de seus vestidos em supplica de piedosos desvelos.

Quem sabe lá o que não sahiria ainda de semelhante demonio, se aquele plenario anno se prolongasse indeterminadamente!... Mas, um dia, dia fatidico para ella! o seu antigo amante lhe divisou, por entre os ondulos e fartos cabellos da nuca, os primeiros

Se assim podesse, o meu choroso luto,  
Morrer findo o meu divino roslo...  
Ah! em quezera, devorado e ardueno,  
D'entre os peito meu, despos, contendo,

O mez litterario

*lúdico-Xóces e reñidos-Guanas Leal e Gómez  
de Mello-Worto-Barrantes-A poeta de  
famigerado-O laico de Ovragosse. O Apóstolo  
a sua obra.*

Guardestas ladrões no pôr do sol  
Por essa dor que te consome a vida,  
A suude pungente de um passado,  
De uma lusso ladrão emurcidecia...

Dolorosa

ALIZIO AZEVEDO.

nos los brancos, e lhe presento a driverz dos becos as  
permisões nugas da vellha.  
Dous mozos doppers, D. Philippe desaparecida do  
Río de Janeiro, sem se despedir da sua comunhão  
de desejos armados, e ainda por cima lhe aguarda mais  
de aguadas das milhóres jofas que ole propria lo-  
lo de aguadas.

proxima incontestavelmente um d'elles. A arte portuguesa está soffrendo uma profunda elaboração de futuro, e é de crer que, n'um prazo mais ou menos breve, a campanha talvez latente, mas vigorosa, que procura intrigar nas largas correntes sociaes do seculo, triunfará com todo o poder que lhe advém, não só da mocidade que a inspira, como da propria fatalidade dos factos a que todas as manifestações do espírito se não podem subtrair.

Eu disse que se esperam acontecimentos litterarios, mas devo acrescentar que no campo da Poesia, a que temho de me referir agora, essa esperança ou essa «cattente» tem de resumir-se a bem estritos limites, pelo menos em relação à quantidade. As lyras de Portugal parece que atravessam uma crise de desalento, e a propria juventude, que todos os annos arremessava a um mercado tão pouco favorável aos cantos dos poetas uma alluvião de livros verdadeiramente superabundante, dir-se-ia ter cahido agora no extremo diametralmente opposto. Os livros de versos são, com efeito, bastante raros, não digo mesmo os publicados, mas até os esperados. Toda a geração dos symbolistas e decadentes parece ter sido varrida por um repentina cyclone. Eugenio de Castro está calado, e os seus discípulos ou não existem ou renegaram aquelles principios que o seu principal orientador tem ido igualmente esquecendo. Outra camada de jovens poetas transparece já, mas essa, ou por um retrahimento facilmente justificavel por um grande escrupulo artístico ou pela ausencia dum forte paixão profissional, limita-se, quando muito, a, em paginas de revistas ou columnas de jornaes, soltar um energico e harmonioso appello á Vida, ao Amor e ás grandes reivindicações d'uma humildade soffredora. Todavia, ella é uma esperança, e a força das cousas, quando não sejam os subjectivos instintos da arte, ha de forcear a compreender um silencio que, prolongando-se, poderia sujeitar-se a um estygma de abdicação.

Restam os dois mestres que empunham o sceptro do Lyrismo em terras de Portugal. D'um d'elles, Gomes Leal, que ha bastante tempo não vejo, não se espera por enquanto uma grande obra, como de direito se deve reclamar do seu originalissimo e poderoso genio poetico. Não quer isso dizer que elle se retrai de intervir na arena da arte, onde se trava, cada vez mais accessa, a pugna das idéas depois da publicação do «Fim d'un mundo», onde, a par com as suas ultimas composições, principalmente satyricas, elle agrupou as melhores joias da sua obra consagrada; Gomes Leal publicou já este anno dois folhetos, ambos relativos a momentosas questões da actualidade e que certo são largamente conhecidas no Brazil. Um, que trata da questão transvaaliana, intitula-se «Kruger e a Hollanda», e é um caloroso brado do poeta contra a abjecta subserviencia ou a revoltante cobardia dos governos europeus, que deixaram o velho Kruger intentar imitamente a sua dolorosa peregrinação. O outro, referindo-se á questão jesuítica, que tão profundamente convulsionou a sociedade portuguesa, é uma «Carta ao Bispo do Porto», com o sub-título: «O jesuita e o mestre escola», em que o grande poeta encontra por vezes o vigor das suas antigas satyras e todo o inexcedivel lyrismo dos seus cantos da mocidade. D'ahi para cá não sei o que tenta no terreno da Poesia, a não ser que me refira a essa já longa esperança com que todos os que o admiram esperam a sua «Mulher de Luto», grande poema, de que conheço trechos admiraveis e

que Gomes Leal nos promete desde 1894. Ao que creio, segundo muito recentemente me afirmaram, o poeta pensa agora na proxima publicação d'un jornal de caricaturas com o título «O bom senso a rir», que elle dirigirá, e cujas ilustrações serão confiadas ao lapis de Celso Hermínio, e os trabalhos de preparação d'essa revista parecem absorver-lhe toda a actividade litteraria.

O grande conhecimento esperado em Poesia,—e sirva elle para nos consolar da falta de quantidade,—é o novo livro de versos de Guerra Junqueiro, que d'esta vez se julga certo sahir á luz durante o inverno. A obra de Junqueiro é o «Livro de Orações». Aguardado tambem, ha annos, com o interesse vivissimo que as obras do autor dos «Simples» despertam entre nós, interesse que, por momentos, nos dá a impressão momentanea de que estamos realmente n'um palpitante meio intellectual, o «Livro de Orações», se não tem sido publicado, não tem todavia deixado de ser trabalhado, escrupulosa e amoravelmente, pelo extraordinario artista. Cinzelado, refundido, mesmo, muitas vezes, Junqueiro tem-lhe dedicado tanto extremo, na desesperadora ancia da perfeição que o domina, que é até possivel que o proprio titulo ainda se transforme até ao momento de ser entregue á publicidade.

Quando falo em ancia de perfeição, não se juge que se trata d'un esmero exclusivamente litterario, no sentido em que vulgarmente este termo possa ser comprehendido. Da ultima vez que Guerra Junqueiro esteve em Lisboa, tive encontro de falar largamente com o eminent poeta, cujo espírito, passando por successivas transformações moraes, se encontra hoje positivamente na phase do apostolado, em que deve certamente cristalizar-se. A força de concentração espiritual, no seu quarto ascetico de Villa do Conde ou de Barca d'Alva, onde, entre quatro paredes caiadas, um leito singelo de ferro e uma não menos singela mesa de pinho, compõem o interior artístico do maior artista de Portugal, nos ultimos tempos, Junqueiro creou uma religião, toda de renuncia e de bondade, e que se approxima extraordinariamente da de Tolstoi. O seu aspecto mesmo é o d'un apostolo. Entre a barba espessa, que lembra um pouco a de João de Deus, o rosto magro e fino mal transparece, sobrepujado por um nariz talhado em bico de aguia e illuminado por dois olhos fulgurantes de vivacidade, d'onde elle não poude, apesar de todos os esforços da sua orientação de evangelista candido, apagar a chama ardente da ironia. Vestido desprendeciosamente, mas ainda assim aristocratico e superior no minimo gesto e na minima intenção, a voz saca-lhe pausada e convicta dos labios finos, mantendo sempre a serenidade d'uma doutrinação. Não ri, porque no riso supõe uma flagellação, infligida seja a quem for, mas não evita o sorriso, e sobretudo o olhar,—ah! esse olhar em que ha sempre um lampejo de Voltaire e um raio de Mephistopheles. Com tudo, vê-se que esse olhar e esse sorriso não são intencionais e premeditados: são superiores a elle proprio,—é toda a sua vida anterior que nelles renasce, sem que elle possa recalcar-a, a sua vida litteraria, que, levada n'uma satyra constante dos costumes e dos principios do seu tempo, o fizeram o primeiro poeta satyrico portuguez da nossa época.

Pois bem! Este ironista, este artista, este ser de tão authentico e vital temperamento litterario, que foi um «raffiné» de formas de arte e melhor do que ninguem soube acabar, com a pureza das linhas d'uma es-



CEARÁ—JARDIM PÚBLICO

tatua, os cantos d'um poema, tortura-se agora no empenho de não deixar passar no seu livro uma phrase, uma palavra que sejam a «phrase», a «palavra litteraria». O que deseja attingir é a simplicidade absoluta da forma, e ao mesmo tempo a pureza absoluta da idéa. Segundo elle mesmo me contou, quatro annos esteve parado o «Livro de Orações», por causa de dois versos.



PARÁ—ESTRADA DE S. JOSE

Esses versos diziam:

Na luta do Ideal, só mata sem dó!

Chegado a este ponto, Junqueiro estacou, tomado d'uma subita reflexão. Poder-se-ia acaso matar sem dó, mesmo na defesa d'um grande ideal? Não seria isso a negação de toda a Bondade? Compreende-se a que profundidades do pensamento, a que analyse de complexas questões conduz uma hesitação d'esta ordem. O «Livro de Orações» ficou interrompido por largo tempo.

Um dia, enfim, Junqueiro voltou ao seu trabalho. Tinha uma substituição. Era esta:

Na luta do Ideal, só mata com dó.

Mas de novo, passados dias, o doloroso problema se reapossou do seu espírito. Matar com dó, ou matar sem dó, não

é sempre matar? E ha acciso o direito de matar? Citou-me, sem se pronunciar, a resposta de Tolstoi, que, a alguém que lhe dissera o que é que elle faria, se um bando de Pelas Vermelhas assaltasse a sua casa, massacrasses a sua família, o despojasse de tudo e o victimasse em tudo,—se em tal caso elle não se defenderia, elle não mataria, e que a tudo isto só respondeu:

—Não mataria, nem para me defender.

O «Livro de Orações» esteve de novo parado n'aquelle ponto, e, afinal, passados tempos, Junqueiro eliminou os versos. Não, decididamente não havia o direito de matar,—«em caso algum».

Não estão já bem fixadas n'este simples incidente as transformações do seu espírito? De resto, a fixação absoluta não deve tardar, porque Guerra Junqueiro vai brevemente, ao que me consta, definir, n'uma série de artigos, que publicará n'uma revista de Lisboa, a sua orientação philosophica, esperando-se mesmo que elle não só a affirme em palavras como em actos.

O «Livro de Orações», de que se espera um clarão de tanta grandeza moral, é, pois, a única promessa, até o momento em que escrevo, para as letras portuguesas. Dos mais, novos e velhos, nada se sabe. Mas como a Poesia não dá nada, em Portugal, não é de esperar, n'estes tempos de mercantilismo triunfante que uma agradável surpresa venha afortunadamente derrolar a nossa pessimista expectativa.

—A seguir

Lisboa, 30—Setembro.

MAYER GARCÃO.

A superioridade dos bellos contos sobre os romances da vida real, é que os primeiros foram feitos para nos consolar dos segundos.

MELCHIOR DE VOGUE.

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Novembro de 1901

NUM. 6



**Dr. Alberto Maranhão**

GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

## Poemas do coração

I

### HORA DA SAUDADE

Hora do pôr do sol, hora em que mais profunda  
plange no coração a harpa da saudade.  
E a alma onde se guarda uma ilusão se afunda  
como que no amargor de uma triste orphandade.

Hora do recordar e da melancolia !  
A terra vai entrar para um longo repouso  
de que despertará, quando nascer o dia,  
à caricia do sol, a estremecer de goso.

Pelos ramos, no morno aconchego dos ninhos,  
vão morrendo, morrendo o tremulo cicio,  
os anseios de amor dos meigos passarinhos,  
medrosos, quando a sombra as mattas invadio.

Ao longe, mal se avista o pincar da serra  
e o incendio do poente vai a extinguir-se, vai !  
E na minha alma, que te asila e te encerra,  
a tua imagem vem dorida como um ai !

A tua imagem vem toda branca, mas triste,  
anhelante, aniosa, a procurar, bem vejo,  
se em minha fronte, ó Noiva, a consolar-me existe  
a caricia do teu immaculado beijo.

Vem ver se eu te esqueci, se esta longa distancia  
fez com que eu malasse a tua recordação.  
Mas somente aqui vio meu coração em ancia,  
longe do palpitar do teu coração.

Hora do pôr do sol, hora extensa e maguada !  
Só. Centenário absorto o céu e o mar estuante,  
e perdido, a sentir tua caricia amada,  
morre-me pouco esta dor incessante,

que tanto me flagella, esta dor que me abate  
e grita ás vezes mais do que um lobo esfaimado  
procurando extinguir num ultimo combate  
o coração viril que vive alimentado

unicamente só da fé, das esperanças  
que me inspira este amor que brame como a fera  
e que arrulha tambem como essas rolas mansas.  
canta, vibra, soluça, enleia e desespera.

Os que amam saberão a profunda amargura  
destes versos e desta infândia ancedade...  
pois é preciso amar, amar até à loucura,  
para saber gozar a dor de uma saudade.

Bordo do «E. Santo»,  
An. 1908 — 7 — 901.

THEODORO RODRIGUES.

## O crime como phénomeno social

O estudo do crime e do criminoso despertou nos últimos tempos grande revolução na scienzia penal, modificando-lhe profundamente os conceitos, que ainda figurão nos codigos modernos.

A Lombroso deve-se o inicio d'essa campanha contra as escolas metaphysicas, pela criação da anthropologia criminal.

A velha e a nova escola são os dois campos em que se debatem juristas e sociólogos; a primeira esforçando-se por manter o prestígio que lhe derão tempos que já passáro; e a segunda levando de vencida, pela observação dos factos, os principios aprioristicos do classicismo penal.

Gabriel Tarde resume nos seguintes pontos as divergencias entre essas duas escolas: 1º, a primeira afirma o livre arbitrio e a segunda nega-o; 2º, uma considera o delinquente como um homem qualquer e a outra apresenta-o como uma anomalia psychologica physiologica da natureza humana; 3º, finalmente, uma considera o crime como um futuro incerto, que terá existencia ou não, conforme o livre capricho do individuo, que se trata de deter pela perspectiva do castigo, e a outra reputa-o um phénomeno natural e necessário que tem suas causas physicas, anthropologicas, sociaes, impossíveis de serem neutralizadas, se não levemente, pela intimidação da pena, qualquer que seja a gravidade d'ella, e, em uma proporção mais forte, pela reforma das instituições civis—«La philosophie penale», pag. 54.

A primeira estuda o crime como um phénomeno puramente «jurídico»; e a segunda, antes de observá-lo como tal, estuda-o como um phénomeno «natural», amparada na observação dos factos e nos dados que lhe fornecem a biología, a psychologia e a psychopathologia criminæs, e ainda a estatística e a sociologia.

Estou com esta ultima, pois ahí leváro-me poucos, mas meditados estudos; e, abordando o assunto d'esta thesis, nada pretendo innovar, e sim limitar-me á exposição do resultado do exame que sobre ella fiz em fontes autorisadas.

Louis Proal, na sua substanciosa memoria—«Le crime et la peine»—, fazendo a critica da nova escola entende que ella está condenada a desaparecer, como desapareceu em 1832 a Sociedade de anthropologia de Paris com o ridiculo que sobre os seus estudos de cranioscopia atirou o dr. Foissac. Este, que era membro da sociedade, levára a ella um crânio asymetrico, que lhe fora confiado pelo grande cirurgião Roux. Muitos dos socios, diz Proal, constatarão imediatamente sobre este crânio «os instintos animais muito mais desenvolvidos que os sentimentos superiores e as faculdades intellectuaes, e foram levados a julgar mal da vida d'aquelle a quem o crânio pertencera. O sentimento geral foi que um desgraçado tão mal conformado devia ter perecido no cadasfalo». O crânio era de Bichat!—Obr. cit., pag. 43.

Apesar da competencia científica revelada n'essa obra, digna de leitura, o seu autor não conseguiu resuscitar a doutrina do livre arbitrio, aliás defendida com brillantismo.

E' hoje inconcebivel esse livre arbitrio individual, especie de milagre d'uma geração espontanea, sem germe nem raiz no meio exterior, como diz Erico Ferri; por isso deixo-o de parte.

Dentro da nova escola, porém, não ha opinião unanime sobre este assunto; discutesse largamente — se o crime é o producto da personalidade physiopsychica do criminoso, ou antes do meio social; e são muitas e variadas as theories que surgem em torno d'esses dois pontos extremos.

E meu intuito demonstrar que o crime não é um phénomeno exclusivamente social; antes, porém, seja-me permitido fazer uma ligeira resenha das teorias que explicam a genesis desse phénomeno.

Elas podem reunir-se em dois grupos, segundo fazem derivar o crime da anormalidade do individuo ou da anormalidade da sociedade; não faltando das doutrinas de Albrecht e de Durkheim.

O primeiro sustenta que o crime é um phénomeno de normalidade biológica, isto é, que os criminosos, reproduzindo as inclinações, os hábitos e muitas vezes os caracteres orgânicos do mundo animal, representam a vida normal da natureza, que é por toda a parte o assassinato e o roubo, ao passo que a conducta do homem honesto é a exceção, e, portanto, a anormalidade biológica.

O segundo, dizendo que se deve considerar como normal todo o phénomeno social que é mais frequente no tempo e no espaço, e como anormal aquelle que é menos frequente e accidental, chega à conclusão de que o crime, sendo um phénomeno constante, sob formas diferentes, em toda a sociedade humana, sem exceção de tempo e de lugar, deve ser reputado um phénomeno normal».

Ferri refuta cabalmente estas duas teorias originares—«Annales de l'Institut international de sociologie», vol. 2º, pag. 417 e segs.

No primeiro grupo—d'aquellas que fazem depender o crime da anormalidade do individuo ou biológica—estão as teorias: 1.º do atavismo orgânico e psíquico, de Lombroso; 2.º do atavismo psíquico, de Colajanni; 3.º da nevrose, de Maudsley e Virgilio; 4.º da enurasthenia, de Benedikt; 5.º da epilepsia, de Lembrosso; 6.º da degenerescência, de Morel, Sergi e Feré; 7.º da falta de nutrição do sistema nervoso central, de Marro; 8.º da anomalia moral, de Despine e de Garofalo.

Ao segundo grupo—d'aquellas que consideram o crime um phénomeno de anormalidade social—pertencem: 1.º a da influencia económica, de Turati; 2.º a da falta de adaptação político-social, de Vaccaro; 3.º a das influencias sociais complexas, de Lacassagne, Tarde, Manouvrier e Topinard.

Que o exclusivismo d'essas doutrinas não satisfaz para a solução do problema, demonstra-o Ferri, obr. cit.; e de acordo com elle entendo que o crime é um phénomeno de origem complexa, ao mesmo tempo biológica, física e social.

«Elle provém de uma anomalia especial biológica, que se pode chamar com Maudsley uma «nevrose criminal», que o distingue de qualquer outra forma de degenerescência, e sem a qual o meio físico e o meio social não bastam para explicar o crime; nevrose acompanhada, quasi sempre, em proporções diferentes, segundo a categoria dos criminosos, de anomalias do atavismo, da epilepsia, da degenerescência, sendo que esta última é verdadeiramente o factor específico, pelo qual tal individuo, contas com caracteres bio-psíquicos, em tal meio físico e social, commette tal crime.

«Certamente, o predominio d'este ou d'aquelle factor determina variedades bio-sociais de criminosos, mas qualquer crime de qualquer criminoso é sempre o produto da accão simultânea das condições biológicas (hereditárias e adquiridas), físicas e sociais».

O meio social por si só é insuficiente para explicar o crime; os que pensam de modo contrário exageram o alcance da celebre phrase de Quetelet—«É a

sociedade que prepara o crime; o criminoso não é mais do que o seu instrumento executivo». — «Physique sociales», tom. 2, pag. 428.

A phrase de Quetelet, que L. Proal—obr. cit., pag. 232, considera paradoxal, encerra, entretanto, uma grande parte da verdade positiva, attendendo-se a reacção feita contra o individualismo apriorístico do livre arbitrio e à orientação experimental do pensamento científico e da consciência colectiva contemporânea, como diz Ferri; levada, porém, ao absolutismo oposto, não pode ser o reflexo do que se passa na vida, por quanto, na origem e nas manifestações do crime, o mais complexo dos phénomenos sociais, encontra-se toda a engrenagem da vida normal e da vida anormal, isto é, todas as influencias e as fórmulas normaes da luta pela vida (indústria, trabalho, instrução), e todas as influencias e as fórmulas pathologicas d'essa mesma luta pela vida (violencia, fraude, miseria, falta de nutrição, degenerescência, alienação mental).

Os estudos de anthropologia criminal tem posto embargos á doutrina exclusivista de que o crime é o producto do meio social, sustentada na Italia por Turati, e na França por Lacassagne, Tarde, Manouvrier e outros.

Effectivamente as condições do meio social são mais fáceis de apanhar do que as da anormalidade bio-psíquica; mas isto não justifica absolutamente o abandono do estudo de umas pelo das outras.

O factor económico (Turati), sem as condições biológicas, não pode agir por si só, pois de cem individuos miseráveis no mesmo meio uma parte mínima se entrega ao crime.

A miseria produz sempre no individuo e seus descendentes toda a sorte de degenerescências; mas nem por isso se deve deixar de estudar as condições pathologicas do homem criminoso. «O medico, ciz Ferri, estuda a tuberculose e o typho como molestias individuais, sabendo, entretanto, que as condições miseráveis do meio physico e social tem grande influencia na genesis d'essas molestias». — Obr. cit., pag. 429.

O crime, diz-se ainda, é o efecto de uma falta de adaptação do criminoso á constituição legal de toda a sociedade (Vaccaro); em toda a sociedade ha dominantes e dominados, e sendo as leis penais feitas para a defesa das classes dominantes, o criminoso é um individuo que a elas não se pode adaptar; elle revolta-se ou degenera. Se esse conceito encerra alguma verdade, não pode, todavia, ser tomado em um sentido absoluto, porque as leis penais e os crimes existem também entre individuos da mesma classe, dominante ou dominada; demais, nem todos os «não adaptados» commetem crimes.

Finalmente á doutrina menos precisa e mais elástica de Tarde e outros, sustentando que o crime provém de circunstâncias sociais complexas, pode-se opôr com vantagem a seguinte phrase de Ferri, que em si resume uma discussão inteira: — «Em um mesmo meio social não é louco quem quer, e não é criminoso quem quer».

Se as condições sociais por si sós, como demonstra a experiência quotidiana, não bastam para fazer de todo o miserável, de todo o ignorante, ou de todo o individuo que luta pela vida, um assassino ou um ladrão, isto prova que o crime tem também um factor pessoal, biológico.

Portanto, repelindo a idéa de que o crime é um phénomeno exclusivamente social, entendo com Fe-



### Tipo de beleza paraense

rico Ferri que os seus factores são de tres ordens: «anthropologicos» (constituição organica e psychica do criminoso), «physicos» (meio tellurico) e «sociaes» (meio historico e social).

Só por esta forma se pode explicar, não só a gênese do crime, como de qualquer outro facto social.  
Maranhão, Outubro, 1901.

F. MACHADO.

### Epistola a Micota

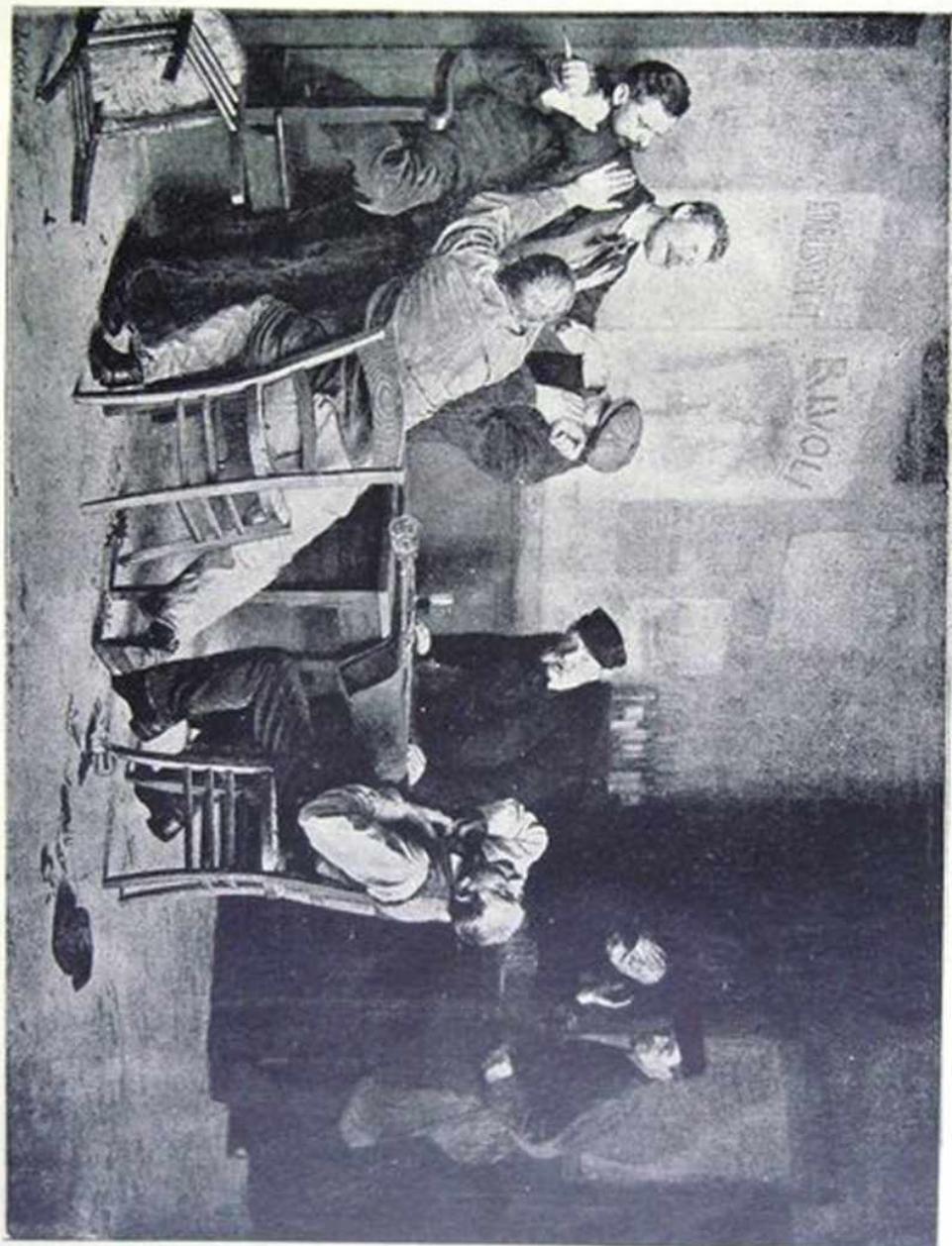
Quisera confessar-te, ó creature,  
Ante esse Fausto de visão sombria,  
Todo o martyrio que a alma me tortura  
Todo o mysterio que a alma me crucia !

Assim prostrado, então, eu te diria  
Que existe neste mundo uma ventura,  
Que o coração nos enche de alegria,  
— Amar-se alguém que o nosso amor procura...

O Santa, ó Santa! O que te digo agora  
E o sentimento que por ti outr'ora  
O meu olhar no teu olhar vibrou,

Pois crê, Senhora, que de ti distante  
Sinto aclarar-me a mesma luz brilhante  
Que dentro d'alma, ao ver-te, me ficou !

FRANCISCO SERRA.



R. Cogghe—O final do jogo



Curityba--Passeio Publico



Rio de Janeiro---Uma das dependencias da Fabrica de Cerveja Teutonia

## O mez litterario

### O Romance

*Escasses de romances—Os Chibos e a Comédia Humana—O novo livro do sr. Abel Botelho—Novelas históricas—As traduções.*



Se a Poesia nada nos deu, este mez, o Romance, por sua parte, apenas nos apareceu representado n'um volume. Esse volume é a primeira parte d'uma serie que o sr. Alfredo Gallis projecta, com o titulo generico de «Tuberculose social». Chama-se «Chibos», tem 249 paginas e é editado, como toda a serie a que me referi, pela Livraria Central de Gomes de Carvalho, de Lisboa. Annunciada, no gosto equivoco dos prospectos que os livreiros agora usam, e nos quais se substituem á critica para se pronunciarem sobre o valor da obra que editam, como devendo ser, em Portugal, um trabalho identico á «Comédia Humana» de Balzac, escusado seria dizer que a «Tuberculose Social», pelo que se demonstra neste primeiro volume, está muito longe de justificar essa surprehendente approximação. Estas palavras, de resto, não significam uma censura ao sr. Gallis, prejudicado por ineptas afirmações, que só poderia produzir quem fosse totalmente ignorante do que seja a Arte e do que é e significa a obra de Balzac. A tentativa do sr. Gallis poderia ser honesta, sem contudo equivaler ao monumento em que o maior romancista do seculo passado representou á intellectualidade contemporanea uma sociedade em todos os seus aspectos e em todas as suas paixões. Mas o romance «Chibos» está longe de se encontrar sequer moldado nas formulas do gigantesco escriptor da França. O que lá é uma severa e profunda analyse é aqui um provocante quadro de dissolução de costumes. Adivinha-se na obra do sr. Gallis a penna do conhecido «Rabelais», e muito embora, de vez em quando, nos surja com um pequeno sermão de moral, proferido todavia n'uma linguagem pouco inspiradora de conversões, a verdade é que se reconhece nitidamente que essa penna só corre à vontade quando nos descreve a plástica das duas heroínas e as perversões dos seus «ménages à trois». Numa palavra, o romance «Chibos» é tudo quanto quiserem menos uma obra moralisadora e, sendo mesmo difícil que se consiga moralizar alguém com livros que começam por se decorarem com títulos que são termos de «câlão», ainda mais difícil se torna consegui-lo, quando se não faz, no decurso de centenas de páginas, senão apimentar com descrições suggestivas as mais vergonhosas patifarias. O sr. Gallis, que é inteligente, sabe isto muito melhor do que eu, e, como inteligente, não deveria suppor possível mystificar-nos, procurando dar ao seu trabalho intuítos que esse mesmo trabalho formalmente contradiz. O seu livro fica bem ao pé dos seus anteriores livros, impressos com pseudonymo. Pertencem a uma literatura especial, de que a crítica artística raro se occupa. Fazê-lo ingressar n'outra categoria, tão diversa, é tudo quanto ha de menos... lógico, — e ainda mais: é prejudicial-o.

Romances anunciados, ha poucos. Apenas os jornais dizem que, por todo o mez de outubro, sahirá do prelo o novo livro do sr. Abel Botelho—«Amanhã», que é, segundo afirmam os seus amigos, uma obra de in-

querito social. A accão passa-se no meio operario, e, segundo parece, o sr. Abel Botelho estudou especialmente as fábricas de Chellas e do Beato, em cujo proletariado se encontra mais desenvolvido o elemento de tendências libertárias.

Outro romance, que vejo também anunciado, é «A Rainha Santa», novella histórica no gosto das publicações baratas, a que n'este momento as livrarias estão recorrendo, afim de explorar o público de fascículos, como os jornais exploram, com especulações do mesmo gênero, o público de folhetins. De resto, esse público é, pouzo mais ou menos, o mesmo. Quando o jornal o não sacia de guerreiros e monges, assigua a caderneta que lhe dá mais monges e guerreiros. São dois autores d'«A Rainha Santa»: os srs. Armando da Silva e Cândido Cordeiro. O primeiro é um jornalista que na imprensa ganhou a reputação d'uma pena de valor e creio ser esta a sua primeira tentativa litteraria. O segundo tem já ás costas varias infelizes produções artísticas, em prosa e verso. Editam «A Rainha Santa», que será ilustrada por Conceição e Silva, os srs. Guimarães, Libânio & C.º, de Lisboa.

Em traduções de romances, pouco há também a notar. O «Centro de Publicações», de Arnaldo Soares, do Porto, iniciou a publicação d'uma «Biblioteca Amena», que já publicou dois livros: «Amor de Outono», de André Theuriet, e «Ruth», de F. Lafargue, ambos traduzidos por Annibal Passos. «Ruth», que saiu agora, é um volume de 288 páginas.

A «Parceria Pereira» prosegue as suas edições da «Collecção económica», com o romance de Albert Delphé—«Morta de amor», tradução de Augusto Peixoto. Tem 241 páginas, e é o 45.º da Collecção.

A Companhia Nacional Editora terminou a publicação do «Diluvio», de Sienkiewicz, traduzido por Eduardo Noronha e Seldina Potocka. São quatro volumes que se vendem por 3.000 réis cada um, moeda brasileira.

### O Theatro

*Os autores dramáticos pullulam—Centenas de originais!—As peças d'esta época—Um drama de Marcellino Mesquita—Actores estrangeiros em Lisboa—A tournée du Réjane—A reforma do theatro de D. Maria.*

Exuberância, no theatro! Não poderia, ainda que a pudesse obter, enviar-lhes uma nota completa de todas as peças apresentadas nos theatros da capital, porque ella encheria páginas d'A REVISTA DO NORTE e mesmo das aprovadas não asseguro que a minha enumeração seja completa. É incrível a quantidade de vocações para a arte dramática que desabrocham em Portugal! O anno passado foram apresentadas em D. Maria mais de cem originais; pois este anno creio que ainda é maior o numero. E em D. Amelia, e nos outros theatros, a alluvião foi também extraordinária. Não ha ninguem que se não julgue dramaturgo e comediógrafo! E, afinal de contas, não aparece um verdadeiro dramaturgo novo, e são raríssimos os que dão esperanças de ainda fazerem alguma cousa.

O theatro que até agora tem mais affluencia de peças aprovadas é o D. Amelia, que abre no dia 15 de outubro. Parece que principiará a sua época com a «Sapho», de Daudet, traduzida por Antônio Bandeira. Além disso tem mais estes originais: «A primeira ruga», de D. João da Câmara; «Os Posticos», de Eduardo Schwalbach; «Os Malhados», de Arthur Lobo de Avila; e «Calvário de amor», de Júlio Dantas. Estão aprovadas

das duas peças de estreia: «A Onda», de Henrique Vasconcelos, que está também trabalhando n'outra—«Os Pavões», não sei se destinada a esta época, e «Sangue Azul», drama de Jorge Santos.

Alem d'estes originais deve ser representado um drama de Marcellino Mesquita. Esse drama, que se intitula—«A noite do Calvário», foi na época passada proibido de se representar pelo governador civil de Lisboa, que viu n'ele uma allusão ao caso Pinto Coelho. Quando essa proibição sobreveio, Marcellino ainda não tinha escripto senão tres actos. Faltava-lhe o quarto, que está agora concluído. Conheço a peça e posso assegurar-lhes que é d'uma admirável tensão dramática. Decididamente, Marcellino é um autor «à poigne», como não se encontra outro, no momento actual, no theatro português. O quarto acto é originalíssimo, e tanto pela sua factura como pela vigorosa philosophia que encerra, aliada ao scintillante espírito que a doira, deve produzir uma grande sensação. Marcellino, n'esse acto, como nos outros, mas principalmente n'esse, encara o problema do adulterio feminino sob um ponto de vista inteiramente novo.

Em D. Amelia ha diversas traduções. As principaes são quatro: as «Demi-Vierges», de Marcel Prevost, traduzidas por Mello Barreto; a «Veine», de A. Capus, traduzida com o título «A Sorte», por Accacio de Paiva; a «Course du Flambeau», de Paul Hervieu, por Accacio Antunes; o «Coup de foudre», traduzida com a epígrafe «A neta de Scribe», por Eduardo Garrido, alem da «Sapho», de que falei já.

D. Maria abre com a «Sinhá», de Marcellino Mesquita. Ainda não está fixado o dia da abertura. Sei que estão ahí aprovadas umas seis ou oito peças, cujos títulos e autores não se encontram ainda divulgados, à excepção d'uma comédia n'um acto de Narciso de Lacerda e outra de Alfredo Gallis. Ha também, ao que me afirmam, um original de Julio Dantas, e «O Casamento do Figaro», de Beaumarchais, tradução de Manuel Ramos.

Para a Trindade escreveu o sr. Freitas Branco a tradução da peça burlesca «A apostila de Floriano», de Freund e Manstaedt.

O Gymnasio deve abrir com uma «reprise», e a seguir representará uma peça hispanola, «O Motete», de Joaquim Quintero, traduzida por Carlos Trillo.

No Principe Real ensaiá-se a peça de grande espetáculo, no gosto especial d'aquele theatro, «A Chamariz», de Gaston Marote Halévy. O tradutor é João Soller.

Alfredo Mesquita e Camara Lima estão escrevendo uma revista para o theatro da Rua dos Condes.

Por ultimo, um nova agremiação de artistas novos, entre os quaes figura Luciano, e que se constituiu sob o nome de «Companhia Dramatica Portuguesa», levará á cena, como sua estreia, n'um dos theatros da capital, até aos meados de outubro, o drama de Octave Mirbeau—«Les Mauvais Bergers», traduzido com o título «Os maus pastores» pelo autor d'estas linhas e o seu collega no jornalismo, Costa Carneiro.

«Os maus pastores» são, como se sabe, alem d'uma primorosa obra de arte, uma peça nitidamente revolucionaria. Quando se representou, em Paris, sendo o papel da protagonista desempenhado por Sarah Bernhardt, o seu sucesso foi estrondoso. A «Companhia Dramatica Portuguesa» dá só duas representações em Lisboa com «Os maus pastores», porque em seguida parte em «tournée» para as ilhas.

Durante a época teremos em Lisboa dois grandes acontecimentos artísticos. Refiro-me á vinda a esta capital, contractados pela empreza de D. Amelia, da grande actriz italiana Della Guardia e do seu celebre compatriota Ermelito Zucconi. Alem d'isso, veem tambem a Lisboa os notáveis actores da «Comédie Française», Le Bargy e M.<sup>me</sup> Barthet. A sua alta categoria artística justifica de sobejamente a anciadade com que são esperados.

Está tambem definitivamente decidida a ida de Rejane à America do Sul. Contractou a «tournée» o visconde de S. Luiz Braga, emprezario de D. Amelia. Rejane dará representações no Rio e em S. Paulo. Depois seguirá para Montevideu e Buenos Aires. O seu repertorio constitue-se das peças em que tem obtido maior sucesso. A «tournée» realiza-se em junho do anno proximo. Parece seguro que o visconde de S. Luiz Braga levará tambem ao Brazil Sarah Bernhardt e Jeane Hading, em 1903.

Trava-se n'este momento severa luta, no intuito de reformar o theatro de D. Maria. Ao que parece, porém, a reforma, a effectuar-se, teria o defeito de deixar as cousas peores do que estão. Comtudo, as minhas ultimas informações, que reputo seguras, dizem-me que a reforma não irá por diante. O commissário regio, junto do theatro, o sr. Alberto Pimentel, já lhe deu parecer contrario.

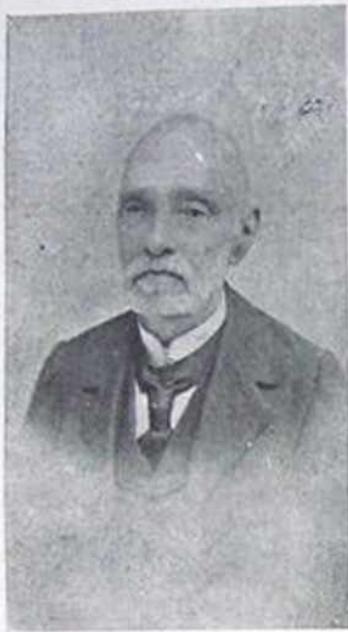
## Outros livros

Concluiu a sua publicação a «Historia da Revolta do Porto», escripta por João Chagas e pelo ex-tenente M. Coelho. Forma um grosso volume de 480 paginas, impresso em optimo papel, repleto de numerosas ilustrações. Editou-a a «Empreza Democrática de Portugal», de Lisboa.

João Chagas e o tenente Coelho chamam á sua obra «depóimento de dois cúmplices». Como tal, a sua autoridade histórica é evidente. Tendo ambos entrado na preparação da revolta, e tendo sido um d'elles comandante dos revoltosos, a origem e o desenvolver da ação d'esse importante movimento, tanto tempo adulterado nos seus pormenores, são postos agora em plena luz, e com uma evidente sinceridade, dez annos passados, pelos dois escriptores. Nessa obra, a parte que trata dos preliminares da revolta pertence a João Chagas; a que refere o combate nas ruas do Porto é da pena do tenente Coelho. Clareza, elevação e documentação conscientiosa são outros tantos titulos que recomendam a leitura da «Historia da revolta do Porto», tanto ao público de Portugal como ao do Brasil.

Raul Brandão, o primoroso prosador, que é um dos mais notáveis escriptores da geração nova, interveio na polémica derivada da questão religiosa com um folheto—«O Padre», que a Livraria Central de Gomes de Carvalho publicou. É um punhado de palavras de sentimento, saídas d'um coração de poeta, que desejará ver reintegrar-se o padre moderno no apóstolo cristão de outras eras. Sonho irrealisável, e idêntico ao do abade Froment, da «Rome», de Zola, o qual viu bem depressa o seu generoso pensamento desfeito a golpes da mais cruel realidade.

Um novo pamphlet apareceu estes dias nas «montres» das livrarias. E seu autor o sr. padre Manso; chama-se «Commentários». O autor, que se



**Dr. Pedro Nunes Leal**

volume de 159 páginas.—Publicações de carácter científico, não há este mês nenhuma a registar.

Lisboa—Setembro—1901.

MAVER GARCÃO.

## O Porvir Brazileiro<sup>(1)</sup>

(AS QUESTÕES CAPITAIS DO BRAZIL—AS FINANÇAS, A ECONOMIA, O ENSINO, A POLÍTICA)

### I.—O PROBLEMA FINANCEIRO

V

Tem passado quase despercebido o maior dos serviços que o ministro da fazenda podia prestar aos que estudam ou legislam sobre as coisas atinentes às finanças ou à economia do Brasil. Aludimos à montagem regular da Repartição de Estatística Geral. A refundição dessa utilíssima instituição, só por si, provida de todos os requisitos e secundada com carinho pelos governos estaduais, honraria para aureolar o nome do sr. Joaquim Murtinho e bendizer a sua passagem pela administração pública. A política, diz Teófilo Braga, é uma ciência de observação e aplicação. E, sendo assim, não podia de modo algum desprezar-se a organização minuciosa dum estatística geral. Os dados que ella fornece são tão indispensáveis ao negociante como ao estadista, —os dois poderes superiores da presente rotação social. Negociar por palpite é tão reprovável como decretar por adianteção. Já Leon Donnat (*La politique expérimentale*, pags. 473) exprimiu: — «O método hoje aconselhado em política é este: reunir os documentos que fornecem a etnografia, a estatística, a observação comparada dos povos civilizados; deduzir delas leis naturais da sociologia; verificar a exactidão dessas leis e procurar a aplicação delas. Fora disso tudo é incerteza e imprecisão». Joaquim Murtinho, reconhecendo plenamente esta verdade e desviando-se dos velhos moldes do império, cujas medidas apenas tinham por alvo comprar eleitores, revivesceu a fecunda Repartição Geral de Estatística e justificou-a nestes expressivos termos: — «A estatística, que consiste na aplicação do método ex-

perimental das ciências positivas ao estudo dos fenômenos sociais, tirando-os da vaga confusão das fórmulas oratórias, para os fazer entrar, com a rigorosa exactidão das expressões numéricas, nos quadros de uma classificação simples e claramente determinada, tem adquirido, pela especialidade dos seus pontos de vista teóricos e das suas combinações práticas, a importância de uma verdadeira ciência autónoma, com os privilégios de ensino oficial, e o reconhecimento da sua utilidade nas repartições administrativas e nos favores de publicidade concedidos aos seus trabalhos pelos governos de todas as nações civilizadas». Em conclusão: — a estatística, segundo um publicista, é a ciência dos factos sociais expressos por termos numéricos. Ora foi este serviço justamente que o dr. Joaquim Murtinho começou por corporificar, aperfeiçoando alguns pontos das tentativas feitas e organizando o que faltava, —quase tudo. Entendeu que, para bem administrar um país, é dever elementar conhecer-lhe as forças vitais.

Ha tempos escrevia um jornal fluminense, com inteira verdade: — «Deve a este governo a solução de todos os problemas que se prendem directamente às finanças públicas: — execução do *floating loan* e equilíbrio orçamentário; repartição das despesas públicas na especie em que elas devem ser feitas; criação dos respectivos recursos para fazê-las; mudança do sistema de tributação, outrora adstrito aos recursos aduaneiros, donde se distraíram grandes sommas em favor da política industrial, sem dar-lhe sucedâneo, e, finalmente, a crise bancária».

Ninguém contestará a veracidade destas palavras, que aliás consubstanciam o topico já transscrito do relatório da fazenda. Observemos agora, guiados por um articulista da mesma gazeta, os processos de que lançou mão o dr. Joaquim Murtinho para extrair os resultados por todos conhecidos.

Quatro meses depois da assinatura do acordo com os credores externos, —os quais, por felicidade ou infelicidade, são exclusivamente ingleses, — subia ao poder o dr. Campos Salles, que confiou a pasta da fazenda ao ex-ministro da viação na presidência interina do dr. Manuel Victorino Pereira. «Desde logo se sentiu que o novo governo não vinha, como os seus antecessores, para ser governado pelos acontecimentos, mas para provocá-los, determiná-los e dirigí-los». Todos os orçamentos antecedentes se tinham fechado com *deficit*: em 1895, réis 19.491 contos; em 96, 40.27 contos; em 97, 89.976 contos. Relembremos que em 93 dispenderam-se 110 mil contos com extraordinários cambios! Este simples pormenor indica, na sua aridez, a agudeza da crise — e o herculeo esforço patriótico do governo vigorante.

O orçamento de 1898, liquidado em 99, accusou ainda um *deficit* de 30.000 contos. Foi o ultimo, — o derradeiro mostrengão! O orçamento de 99 repartia-se desta maneira: — Receita, 35.414.000; despesa, 328.623.257.800 réis. Este exercício, o primeiro da responsabilidade do actual gabinete, definitivamente liquidado, mostrou um saldo total de 43.215.018.800 réis — Em 1898 e 99 realizou ainda o governo as seguintes operações: — Remessa para Londres de... 567.400 libras (19.200 c. nt's); pagamento de 29.200 contos de bilhetes do tesouro, deixados pela administração transacta, além de mais 2.000 contos dos 11.000 pela mesma emitidos; resgate de 52.000 contos de papel-moeda; resgate de 830.000 libras, parte do empréstimo de 1893; pagamento dos 11.000 contos que o governo do dr. Prudente de Moraes devia ao Banco da República. Era esta a risonha perspectiva, ao abrir o anno de 1900.

—A seguir.

FRANCISCO PAXECO.

(\*) Vide os n.ºs anteriores da Revista.



MARANHÃO — CANOA DE TRANSPORTAR MANGUE

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Desembro de 1901

NUM. 7



**Conselheiro Gonçalves Ferreira**  
GOVERNADOR DO ESTADO DE PERNAMBUCO

## Partida e regresso

Parti. Mas ao partir, triste e chorando,  
Achei-me só no meio do caminho...  
Triste e só! nem um passaro cantando  
Dentro da rama, ou no beiral dum ninho!

Tudo tristonho! lagrimas errando  
Do coração no lugubre escaninho...  
Foram-se os sonhos do noivado, quando  
Me vi ao longe, no aréal maninho.

E' que ficavas pesarosa e louca,  
Tendo nos olhos lagrimas crueis  
E suspiros amargos pela boca.

E' que ficavas presa ao sofrimento,  
E' que, gemente, flaccido, aos teus pés  
Ficava-me tambem o pensamento.

Cheguei. Mas ao chegar não foi chorando  
Que, só, me achei no extremo do caminho...  
Tudo em festeos! passaros cantando  
Na rama fresca e no beiral do ninho.

Tudo, tudo a sorrir! Sonhos errando  
Do coração no timido escaninho...  
Foram-se-me as saudades todas, quando  
Me vi bem perto, no aréal maninho.

E' que eu voltava para ver-te, louca,  
Livre daquellas lagrimas crueis  
E tendo beijos triumphaes na boca.

E' que eu voltava, illeso ao sofrimento,  
E que, sorrindo, extatico, aos teus pés,  
Eu iria rever meu pensamento.

LUIZ CARVALHO.

## O thezouro da tia Anninha

(A ANTONIO LOBO)

Havia n'uma das capitais do norte, ainda há poucos annos, uma velhinha pobre, pauperrima, que não mendigava, mas aceitava o agasalho que lhe davam algumas famílias compassivas, passando um mez aqui, outro ali, quinze dias acolá. Uma bella manhã chegava com a sua lata de folha (tudo quanto possuía), e aboleava-se entre afagos e sorrisos de boa vinda.

—Seja bem apparecida, tia Anninha! O seu quartel está, lá tem a sua cama preparada; —mas desta vez demore-se mais tempo; você a ninguem incomoda nesta casa, nem aumenta a despesa; fique o tempo que quizer.

Mas a tia Anninha, quando suspeitava que a sua presença ia se tornando aborrecida, levantava o vôo e partia, com a sua lata de folha, para alojar-se noutra parte.

Era uma velhinha alegre, mas de uma alegria que nenhum observador experimentado acharia natural e sincera.

As crianças adoravam-na, porque ella sabia con-

tar-lhes muitas historias bonitas de fadas e lobishomens, — e ahí está um dos motivos porque a tia Anninha era sempre bem recebida, com a sua lata de folha, depois de prolongada ausencia.

Foi n'uma dessas casas hospitaleiras que a encontrei um dia (antes não a encontrasse!), rodeada de fechados boquiabertos e ofegantes. Não sei porque, interessou-me aquelle rosto enrugado e macilento, em que julguei descobrir vestígios de um passado cheio de peripecias e vicissitudes.

A velha bohemia sympathisou commigo, pelo que, aliás, nenhum merecimento me atribui, porque ella — coitadinh! — sympathisava com toda a gente. Nas suas palavras, nos seus gestos e nos seus olhares, que brilhavam ainda através de uma pequenina fresta esquecida entre as palpebras, nunca ninguem descobriu a menor prevenção contra pessoa alguma.

Não pertencia ao typo, muito commum no Brasil, e creio que em toda a parte, da velha parazita, que anda de lar em lar, de alcova em alcova, trazendo e levando enredos, novidades e mexericos, dando fé do que se passa em casa de Fulano para chalrar em casa de Beltrano, adulando as donas e seduzindo as donzelas, embiocada e devota.

Como lhe mentissem, dizendo que eu era romancista, ella me declarava, sorrindo, que a sua vida tinha sido um verdadeiro romance, e essa declaração me levou (antes me não levasse!) a revolver aquellas cinzas, curioso de saber se embaixo delas crepitavam ainda as derradeiras brasas.

Crepitavam; mas a historia da tia Anninha era vulgarissima, sem incidentes excepcionaes nem grandes lances e surpresas do accaso. Se ella imaginava que aquillo daria um romance, não fazia mais do que fazem todos os individuos para quem o mundo não foi um mar de rosas. Não ha criatura infeliz que não esteja persuadida que da sua existencia se faria a mais interessante das novelas.

Nascera a tia Anninha pouco depois da Independencia. Era filha unica de um negociante portuguez, mais ou menos apatulado. A sua vida correu pacifica e serena até os vinte annos. Foi nessa edade que o seu coração falou: ella apaixonou-se por um caxeiro do pae.

A mãe, que desejava ser sogra de um principe, descobrindo um dia esses amores, que aliás duravam havia já dous annos, foi ter com o marido e disse-lhe tudo.

O negociante enfureceu-se; poz imediatamente no andar da rua o miserio subalterno que se atrevia a levantar os olhos tão alto, e andou por todo o bairro commercial a pedir de porta em porta que ninguem o arrumasse. O rapaz ficou, portanto, incompatibilizado com a praca, e resolvem partir para o Rio de Janeiro, procurando no sul a fortuna que lhe fugia no norte. Partiu.

Partiu, mas, antes disso, prometeu, por intermédio de uma boa amiga da moça, guardar-lhe fidelidade, e voltar um dia, quando melhorasse de posição e de haveres, para casar-se com ella.

Prometeu igualmente escrever-lhe por todos os correios, promessa que cumpriu com lealdade, graças

ainda ao intermedio da amiga, que recebia as cartas, embora sobreescritadas á tia Anninha.

Isto passava-se em 1844. Durante dous annos vieram cartas por todos os correios. Nas penultimas, o moço queixava-se, com letra tremula, de que se sentia muito enfermo, e nas ultimas, que eram laconicas, escritas sob um esforço violento e visivel, já não fava um doente, mas um moribundo. «Talvez seja esta a minha ultima carta», escreveu elle um dia,—e a moça não recebeu mais nenhuma. Dous ou tres mezes depois, o pae, friamente, á meza do jantar, deu-lhe a noticia da morte do noivo.

A pobresinha contava já vinte e seis annos. Se até então repeliu todas as propostas de casamento que lhe eram feitas pelo pae, d'ali por diante não admittiu que lhe falassem mais nisso.

O velho, depois de se meter imprudentemente n'uma arriscada especulação de assucare, falliu em 1850, e alguns mezes depois desaparecia, fulminado por uma congestão.

Mãe e filha ficaram reduzidas á pobreza extrema. Os amigos de outr'ora sumiram-se, afugentados pelo aspecto da miseria.

Em 1855 redobraram ainda os infortunios de Anninha, com a morte da mãe, vítima do cholera-morbus.

Datavam dessa época a sua vida de bohemia e a sua lata de folha. Tinha então apenas trinta e tres annos, mas não lhe davam menos de cincocenta, taes foram os estragos causados pelos sofrimentos.

Quando a tia Anninha acabou de me contar todas essas coisas, uma tarde em que por accaso nos achámos sós, n'um dos seus asilos habituais, n'um jardim, à sombra de uma latada, não me atrevi a dizer-lhe que na sua existencia de viúva-virgem não havia materia para um romance, a menos que o talento e a imaginação do romancista suprissem o que faltava. Entretanto, proferi esta phrase, que continha uma formula de consolação:

—A sua vida é, na realidade, um verdadeiro romance, tia Anninha; mas creia que esse mesmo tem sido o romance de muitas mulheres.

—Oh! se o senhor lesse as cartas que elle me escreveu! Só elas dariam paginas e paginas! Era um simples caixeiro, mas muito inteligente. Quer ver?

—O que?

—As cartas!

—Ainda as conserva?

—Se ainda as conservo! São a minha unica fortuna. Vou buscal-as.

A velha ergueu-se, entrou em casa, e pouco depois voltou, trazendo a sua inseparável lata de folha.

Li algumas das cartas: nada havia nelas de extraordinario, mas tinham, relativamente, muito valor pecuniário, por que estavam todas selladas com os sellos das nossas primeiras emissões postais: o «olho de boi», o de «trescentos réis inclinados» e outros.

—Diz a senhora muito bem: a sua fortuna está nestas cartas! Saiba, tia Anninha, que cada um destes sellos vale hoje centenas de mil réis!

A pobre velha que ignorava a mania philatélica, não comprehendeu; foi preciso que eu lh'o explicasse. Ela protestou:

—Estes sellos podem valer milhões! Não me desfarei de nenhum! Para que preciso de dinheiro?

Deveria calar-me. Tenho remorsos de haver revelado ao dono da casa, onde me achava, a existencia dos sellos da tia Anninha.

Pouco tardou que se espalhasse em toda a cidade a noticia de que a velha possuía uma riqueza fabulosa, encerrada na sua lata de folha. Por fim, já se não dizia que eram sellos do correio, mas velhas moedas de ouro, joias raras e preciosissimas, o diabo!

E era o seu thezouro tão cobiçado, tanta gente lhe falava n'elle e manifestava o desejo de examinal-o, que a tia Anninha, mais ciosa da sua lata de folha que Harpagon do seu cofre, tinha pezadelos e allucinações terríveis, vivia num continuo sobressalto, não podia dormir duas horas que não despertassem aos gritos, sonhando que lhe roubavam a sua querida lata, que ficou sendo travesseiro.

Agora havia empenhos para hospedá-la; aconselhavam-na a fazer testamento, adulavam-na, perseguiam-na com uma solicitude que a desvairou, que lhe tirou lentamente o raciocínio e a saúde.

Mas do que nunca não esquentava logar; aparecia e logo desaparecia; já não contava ás crianças as suas bonitas historias de fadas e lobishomens; já não falava a ninguem no seu romance, sem perceber, coitada! que o seu romance começava agora.

Os pequenitos, que d'antes a adoravam, tinham medo della, e os garotos apupavam-na quando a misera passava, com a desconfiança no olhar, desgrehnada, andrajosa, descalça, faminta, apertando nos braços esqueleticos a sua lata de folha, o seu travesseiro, o seu thezouro.

Uma noite em que a tia Anninha, vagabundeando á tua, atravessava uma praça deserta e silenciosa, foi assaltada por um malfeitor que a roubou, depois de atordoá-la com uma paulada.

Conduzida, algumas horas depois, para um hospital, ella expirou pronunciando o nome do noivo, martyrisada menos pela pancada que pela idéa de haver perdido, não os seus sellos, mas as suas cartas de amor, o seu thezouro.

ARTHUR AZEVEDO.

## Carta de Lisboa

### Summario

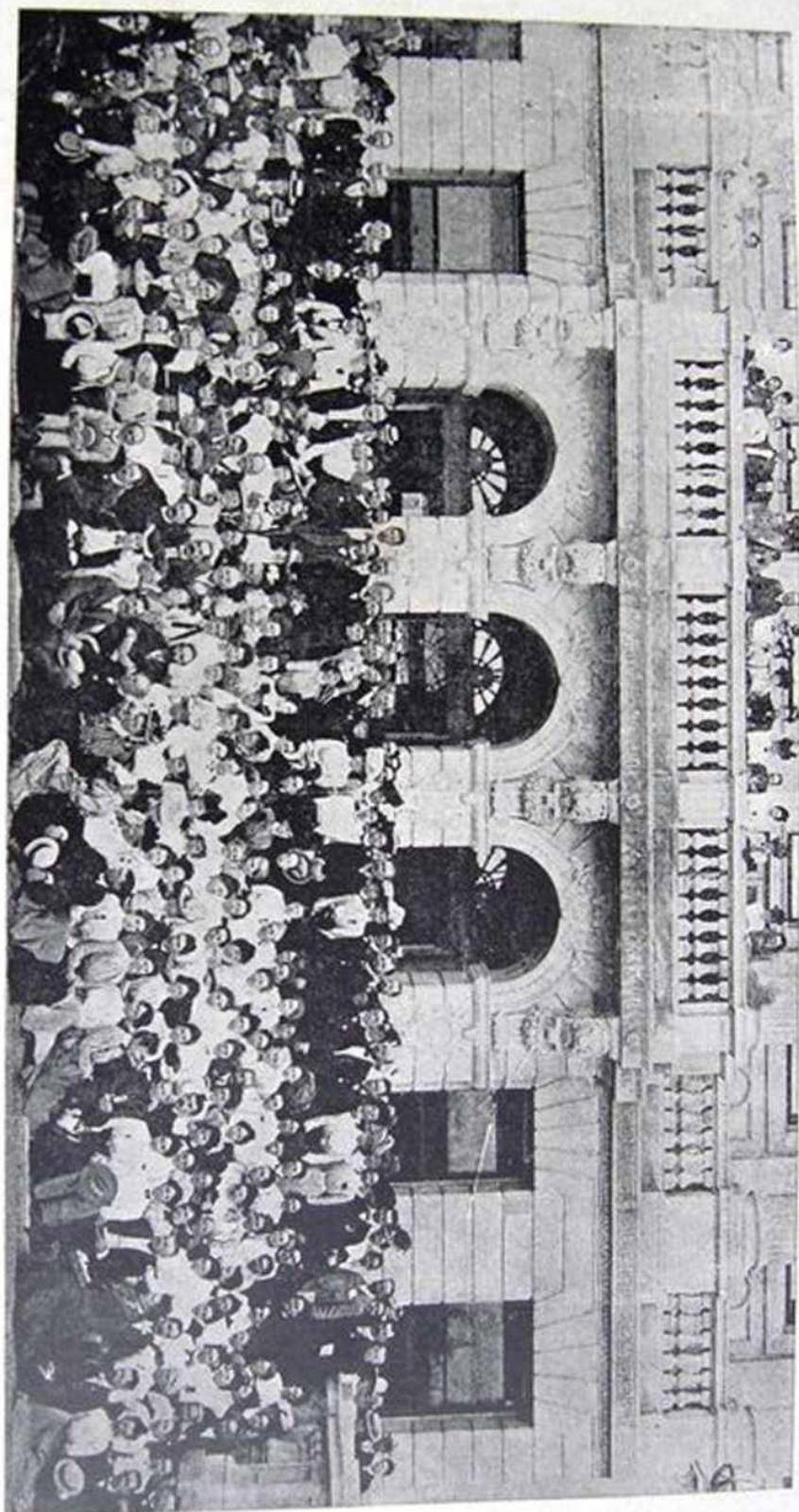
Ganhoeiras — Tejo — Patrias — Questão religiosa — Crise das fabricas de tecidos — Finanças inglesas — Um fakir extraordinário — Consulado brasileiro — Conclusão.

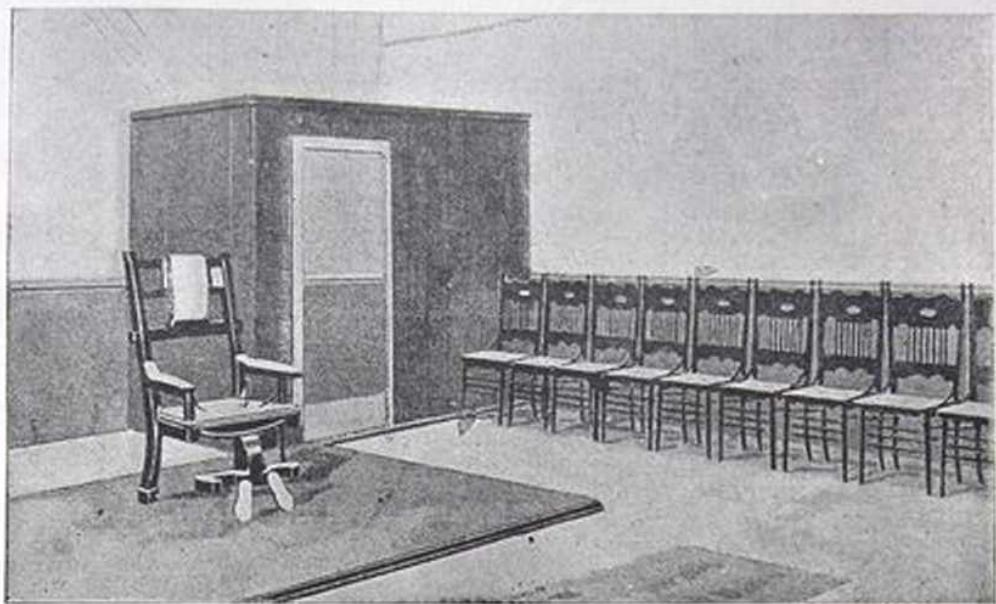
Como o «promettido é devido», la vai hoje esta meia dusia de linhas com algumas notícias frescas desta bella terra que é, na frase expressiva e inspirada de um bom poeta que ali floresceu —

«A terra de Camões, e Castro, e Gama,  
E mil outros varões d'honrada fama.

A Real Armada portugueza acaba de ser augmen-

Congresso de bibliotecários norte-americanos





SALA ONDE FOI JUSTICADO O ASSASSINO DE MAC KINLEY

No centro a poltrona electrica, onde o condenado tomou assento; junto ás paredes cadeiras para as testemunhas legaes da execucao, em numero de vinte e seis; num dos aposentos do gabinete do electricista contendo o apparelho destinado a produzir a corrente mortal.



MARANHÃO— HOSPITAL DA MIZERICORDIA

tada com mais um formoso vaso de guerra, denominado «Tejo», que foi lançado ao mar, com toda a solemnidade, no dia 27 do mês passado.

Compareceram ao acto, no Arsenal de Marinha, o rei das Magestades com todo o seu Estado Maior, o ministerio, almirantado, e grandes do reino, bem como enorme e compacta massa de povo, de todas as classes, que se podia computar n'umas 6.000 pessoas, dando à cerimónia um aspecto imponente e deslumbrante!

Os trabalhos de *despegue*, aliás perigosos, correram felizmente muito bem, e ás palavras de — *Vai, vai, em nome de El-Rei!* proferidas pela Rainha, o barco deslizou pela carreira fóra, caindo ao rio sem o menor incidente.

Por esta occasião, ao trocar da artilharia em todos os navios de guerra surtos no porto, e ao sussurro triunfal das aclamações populares, em honra do novo barco, da Real Armada, ouviu-se o hymno real e terminou a festa.

Agora, entrou também em construção, nos estaleiros do Arsenal, outro novo navio, que ha de receber mais tarde o nome de «Patria», e que foi oferecido ao paiz pela colônia Portugueza residente no Brazil.

Este vaso, pela planta e dimensões que d'elle conhecem, e pela competencia de seus constructores, deve ficar, como aqui se diz, «uma belleza», digna do patriótico pensamento dos seus generosos offertantes.

A questão religiosa ou jesuitica, pois que dá por ambos os nomes, longe de serenar, cada vez se agita mais, achando-se travada uma luta medonha entre os dois partidos que se degladiam — liberaes e reaccionarios. De parte a parte, nos respectivos jornaes, refervem diatribes e retaliações do mais esbandalhado contexto, sendo tal a intransigencia, que é muito de suppor que tudo venha acabar em grossa pancadaria.

Os vultos mais visados pelos liberaes são o patriarca, alguns bispos e certo numero de tartufos graúdos de casaca e de sotaina; mas o patriarca — *Frei José dos Quarões*, ou o chefe do Bando Negro — como cá lhe chamam, é quem tem apanhado a valer; porém elle não se intimida nem desanima, e, pelos seus jornaes, também dá e manda dar bordoada de creabicho.

Até onde irá esta contenda não se pode mesmo calcular porque todos se julgam fortes nos seus opostos arraiaes; mas o governo não deixa de ter grandes culpas no cartorio por causa das medidas dubias, que poz em prática em tão momentosa questão.

Desde o marquez de Pombal, até aos nossos dias, nada menos de trez leis successivas, em pleno vigor, prohibem expressamente as congregações religiosas entre nós; entretanto, o governo, em vez de as fazer cumprir, como era do seu dever, entendeu attenuá-las ou modifical-as, regulamentando-as pelo celebre decreto de 18 d'Abril ultimo, que tanto tem dado que falar.

Este decreto tem levantado grande celeuma em todo o paiz, mórmente por se desconfiar que elle obedece a um *mot d'ordre* vindo de muito alto, por ser isso do agrado d'uma *alta personagem*.

O que é certo é que as congregações religiosas, até agora proibidas por leis expressas, por cá vão ficando; e para estarem á vontade, basta que mudem

de rotulo ou de mascara, denominando-se *associações* e não *congregações*.

Cá, como lá, a crise das fabricas de tecidos de algodão, continua infelizmente grave.

Já fecharam diversas por falta de elementos para se poderem movimentar, e as que estão em laboração, não encobrem nem dissimulam o seu mal estar, tanto assim que já dirigiram ao governo uma longa representação colectiva, pedindo um certo numero de providencias protectoras afim de se poderem aguentar. É um assumpto muito importante, este das fabricas, pois representam um capital de cerca de 30 mil contos de reis, com 42 mil e tantos teares, e tem ao seu serviço perto de 70 mil pessoas, de ambos os sexos, entre homens, mulheres e crianças.

E já agora, como encaixe aqui menos mal, direi mais aos leitores que a crise financeira da poderosa Inglaterra, também não é nada satisfactoria, devido, em grande parte, á desastrada guerra que ha cerca de 2 annos sustenta com as duas repúblicas sul-africanas.

A sua dívida publica, que ainda não ha muito tempo, não attingia a 600 milhões de libras sterlinas, em 31 de março de 1900, elevou-se a 639 milhões, e em 31 de março de 1901, a 705 milhões, tudo em numeros redondos. Cresceu, portanto, n'um anno 66 milhões !

Ora, continuando o governo com novos e avultados empréstimos, tudo ainda por causa da fatal guerra, não é para admirar que no dia 31 de março de 1902, a sua dívida tenha attingido á fabulosa somma de 800 milhões de libras, que é como quem diz — um pau por um olho — ou a segunda das maiores dívidas do mundo, pois a primeira continua a ser a da França, que só com a guerra contra a Prussia gastou para mais de 300 milhões de libras !

Está agora em Berlim um homem extraordinario que pratica sobre o proprio corpo as mais espantosas operações.

Este homem que dizem ser um *fakir*, rigorosamente authentic, faz do corpo o que quer, pois, como se fora um pedaço de pau insensivel, espeta-se com pregos, facas, punhaes, etc. etc. e não contente com isto, arranca os olhos das orbitas, põe as mãos numa fogueira, e por fim de contas apresenta-se intacto ao publico como se nada se houvesse passado com elle.

Extraio esta notícia de diversos jornaes, mas a mim está-me a parecer uma grande *intrigie*, como aqui se diz, ou então uma d'aquellas *blagues* de que só os americanos costumam fazer uso.

Talvez já ahí se saiba que o governo da república resolveu transferir d'aqui, para Hamburgo, o digno consul do Brasil, sr. J. Vieira da Silva, noticia que não deixou de causar geral surpresa, pois, homem cordato e bondoso, tem sido sempre muito estimado em todas as camadas sociaes, e no desempenho do seu importante cargo, jamais deixou de dar constantes provas de competencia, zelo e honestidade.

Aguarda-se, do Rio, o seu substituto, e comodava partir por estes dias para o seu novo lugar, assumiu as funções consulares o respectivo vice-consul, o meu illustre amigo dr. Dario Freire, que ainda tem costela maranhense, pois que é sobrinho dos meus falecidos

Suplemento ao n.º 7

1 de Dezembro de 19



G. Wertheimer--A VAGA

dos amigos Antonio e David Freire da Silva. Este cavalheiro é também aqui muito estimado, não só pelos seus dotes de espírito como pelas suas distintas qualidades.

Cerrando-me por aqui porque já me alarguei bastante, direi, ao terminar, que *A Revista do Norte*, tem recebido por cá o mais lisongeiro e animador acolhimento.

CARDOSO PEREIRA.

## 0 mez litterario em Portugal

### O Romance

*Falta de originais—Traduções de autores celebres: Sienkiewicz, Heidenstam, Zola, Dostoiwsky—O Crime e o Castigo: duas traduções.*

Chegou a época do anno, em que a literatura se ranima, e infelizmente a *retróde des livres*, como lhe chamam os franceses, quasi que apenas se revelou nominalmente para nós. Com efeito, decorrido um mez depois da minha ultima carta, não me é possível fornecer aos leitores d'*A Revista do Norte*, que se interessam pela arte portuguesa, a notícia d'uma boa obra litteraria, na Poesia ou no Romance. A Poesia, antigamente tão exuberante, nada nos deu, a não ser um pequeno livro de lyrics d'um *novo*, que por sisó não poderia constituir o objecto d'uma secção especial. E' a *Terra de Portugal*, obra do sr. Ribeiro de Carvalho, um jovem e esperançoso poeta, que a empresa editora de Antonio Figueirinhas, do Porto, publicou, e no qual o seu autor, restringindo-se a um criterio mesquinhamente sentimentalista, prejudicou, com a frouxidão dos seus versos, e a recordação predilecta de Antonio Nobre, os créditos artísticos que grangeara, com os seus anteriores livros de poesia, que todavia só constituiam outras tantas razoaveis promessas. No Romance, autores de reputação universal, com o aplauso que sempre merece a vulgarização de tais obras.

Temos, em primeiro logar, uma nova versão do *Diluvio*, de Sienkiewicz. No mez passado, era a Companhia Nacional Editora que lançava ao mercado essa admirável obra do Mestre polaco; n'este foi a livraria Tavares Cardoso. Traduziu aqui o *Diluvio* o sr. José António Bentes, servindo-se para o seu trabalho da nobre versão inglesa de Jeremiah Cartin. O *Diluvio*, na edição Tavares Cardoso, forma tres volumes, com perto de 500 páginas cada um. A tradução é correcta, e a edição nitida e de bom aspecto.

O sucesso de Sienkiewicz, diga-se de passagem, tem sido extraordinário entre o público português. Conhecido pelo *Quo Vadis?*, que começou a ser publicado nas *Novidades*, em folhetins, traduzido por Eduardo de Noronha, o grande romancista adquiriu desde logo sympathias e admirações como não será facil encontrar tamanhas atribuídas a qualquer escritor estrangeiro. Se excluirmos Zola, o qual, todavia, nunca logrou entre as quatro edições simultaneas, que tantas foram as do *Quo Vadis?*. E desde então tem sido uma verdadei-

ra emulação entre as empresas editoras para a publicação de obras de Sienkiewicz, de que, sahem, como se vê, duas ou três ao mesmo tempo. Comtudo, este fenômeno deve ter entre nós, como lhe assinalou Jules Claretie em França, ainda uma significação mais profundamente moral do que suggestivamente litteraria. As obras de Sienkiewicz, gloriosamente anunciatas pelo *Quo Vadis?* ao público latino, representam efectivamente, com um singular poder de atração para o nosso feitio poetic e temperamento sentimental, aquillo que o insigne escriptor parisiense denominou uma *rêvanche* do Ideal contra a obra bestialmente terrena. Ahi, o segredo do seu triumpho, conquistado pelo canto idealista d'uma alma encantadoramente generosa e nobre, que tanto em pensamentos como em sensações só se apraz em tudo quanto é elevado, doce e brilhante.

Ao mesmo tempo, o successo d'essa desconhecida arte do norte levava ao desejo natural de vulgarizar o tesouro desconhecido d'uma nova intellectualidade que, despida dos requintes litterarios da arte gauleza, na sobriedade dos seus contornos e na singeleza das suas formulas e processos, constituiria, sem dúvida, uma nova caudal de emoções para o nosso coração ocidental. O exemplo de Tolstoi, tão amado em Portugal, ainda que tão pouco traduzido, bastava a justificar o intuito. Comtudo, a versão da *Epopéia do Rei*, do norueguês Verner von Heidenstam, que a livraria Tavares Cardoso também editou, obedecendo, por certo, a esse intuito, como ha pouco o fez igualmente a livraria Moreira, do Porto, publicando a *Morte dos Deuses*, de Dmitry de Merejkowsky, não deu o resultado que d'ella se esperava. Annunciada, à maneira da *Morte dos Deuses*, como devendo supplantar o éxito do *Quo Vadis?*, a *Epopéia do Rei* foi recebida sem esperança e lida sem interesse. O seu principal defeito é a monotonia, e n'um romance, embora trabalhado com todo o esmero e estudo de forma, de observação e de analyse, a tensão dramatica tem necessariamente de existir e desenvolver-se, com a mesma necessidade que sente um corpo, ainda o mais velho, de ser animado pela vida d'um sangue forte. A tradução nephelibata—no sentido da inconsequencia e da pretensão dos termos—que da *Epopéia do Rei* fez o sr. Lemos de Nápoles, concorre ainda para o fracasso d'esse livro que constitue apenas um pequeno volume de 260 páginas.

A *Biblioteca da Educação Nova*, empresa de propaganda ha pouco fundada em Lisboa e que já nos deu, em bellas traduções, o *Germinal* de Zola e o *Determinismo e Responsabilidade* de Hamon, iniciou agora a publicação do *Travail*, do immortal autor dos *Rougon-Macquart*. O *Travail*, exerceu, entre o público intelectual português uma sã e revigorante impressão. E' de esperar que, posto ao alcance de todo o proletariado, a sua influencia seja, como não deve deixar de ser, enorme.

Finalmente, para terminar esta lista de traduções, temos o *Crime e o Castigo* de Dostoiwsky, tradução de Camara Lima. E' também edição de Tavares Cardoso, em dois volumes. O extraordinário estudo psychologico do Russo não é um trabalho recente; comtudo, estava e creio que continua a estar muito longe de ser conhecido pela maior parte, mesmo, dos nossos literatos. Acerca da tradução do sr. Camara Lima que, sem dúvida, é correcta, correm boatos pouco lisongei-



AUTO DE MAGALHÃES CASTRO

ros das más línguas. Diz-se que a tradução do *Crime e Castigo* não é bem uma tradução, mas sim uma cópia, com pequenas alterações, da versão que desse romance apareceu no primitivo *Reporter*. E com efeito eu tive ensejo de ver, porque m'os mostraram comparando-os, longos períodos inteiramente iguais das duas traduções, o que efectivamente chega a ser um prodígio de simultaneidade. O caso, ainda não denunciado a público em jornais e revistas, está contudo já bastante divulgado, dando origem a farras discussões. Todavia, como é natural que o sr. Camara Lima ainda venha ter ensejo de se justificar, todo o juízo absoluto sobre a questão seria pelo menos extemporânea.

— A seguir

Lisboa, — Novembro — 1901.

MAYER GARÇAO,

## Belleza Pagā

Sob um negro docel, negro e escarlate, quero  
O alvo explendor pagão dessa nudez romana,  
Que em holocausto dada a um rei sinistro e fero  
Vence-o, como aos leões, intemerata e ufana.

Da esmeralda atravez fulgura o olhar de Nero,  
Mas a Carne deslumbraria o monstro que a profana  
Ao clamar nos festins: Só eu, radiando, impero  
Entre o vinho que espuma e o sangue que espadana.

Não se enrosca aos seus pés a bíblica serpente...  
Das collinas do Tibre o louro viridente  
Cinge-lhe a fronte eburnea; o Amor segue-lhe os passos.

Segue-a, cantando, o Amor; cinge-lhe a fronte o louro.  
Que eu não possa descer do Olympo em chuva de ouro  
E arrebatal-a aos céos, levando-a nos meus braços!

CELSO VIEIRA.

—  
A paixão que experimentamos por uma mulher  
está sempre em razão directa do misterio que nela  
presentimos, porque só o desconhecido é que nos tenta  
e attrafe.

Jean Rameau

Todas as felicidades se assemelham, mas cada infeliz tem a sua physionomia particular.

Leão Tolstoi



ARTHUR AZEVEDO NO SEU GABINETE DE TRABALHO

(Copia de uma photographia do Sr. Max Fleiss, amador)

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Desembro de 1901

NUM. 8



NO BOSQUE

## Natal

Narra o mytho christão que, outr'ora, na Judéa,  
na formosa Bethlem, perto de Galliléa,  
Christo, o Filho de Deus, n'uma noite de opala,  
em Dezembro, nascera, alegre, n'uma estalla.  
De palhas teve o berço, e por toda honraria,  
os beijos maternas e santos de Maria.  
O firmamento azul, de estrelas recamou-se,  
e toda a Palestina, alísim, movimentou-se.  
Vendo-lhe o berço humilde e o vulto seductor,  
entóaram-lhe um hymno os anjos do Senhor;  
echaram na terra os canticos do céo  
alegres, divinaes: «Gloria in excelsis Dóe !»  
Rútila, luminosa, usana e scintillante,  
apareceu no espaço a Estrella do Levante.  
Guiados pelo Astro envolto em resplendores,  
foram ter ao presepe os magos e pastores...  
E ao Filho de Maria, ao candido Jesus,  
o symbolo do Bem que mansidão traduz,  
todos foram levar o seu modesto fardo:  
mimos de incenso e myrrha, alões, sandalo e nardo,  
Por toda parte, emfim, hosannas de christãos,  
Cantados a sorri por moços e anciãos:  
—Eis-o, o Verbo Encarnado, o Filho do Senhor !  
Foi-se o Mal, reina o Bem, é nato o Redemptor !

Isto nos diz a lenda, e a natureza adduz  
provas materiaes da vida de Jesus.  
Hoje, volvidos já mil seculos, com fé,  
o povo inda festeja o Heróe de Nazareth !  
Como é bello ter Fé, ter Crença, acreditar  
nos milagres de Deus ! nos mysterios do altar !...  
viver alheio sempre às vis desillusões,  
pensar no Paraizo... Ingenuos corações !...  
Que o sceptismo, pois, ao povo jamais vença,  
—esse polvo fatal que de mim fez galé !—  
Abençoad o seja aquele que tem Crença,  
bemdito seja sempre aquele que tem Fé !

Pará

J. EUSTACIO DE AZEVEDO.

## A tuberculose

No primeiro artigo que tracei assim de diffundir, entre nós, as noções indispensaveis que todos devem ter acerca de uma molestia que, através de milhares de annos, vem victimando milhares de pessoas, dei claramente demonstrado o contagio da tuberculose. Neste, que ora entrego à apreciação dos leitores d'A Revista do Norte, por meio dos quais espero aug-

mentar muito o valor e o resultado do que escrevo, tratarrei de mostrar que cuidados se devem tomar assim de evitá-la.

Graças aos progressos da medicina moderna depois da conquista do microscópio, pode-se afirmar axiomaticamente que a tuberculose tornou-se uma molestia evitável.

Provado até à evidencia, por factos e experiencias incontestaveis, que ella é produzida pelo bacillo de Kock, tambem chamado *bacillus tuberculi*, começarei a descrever por quantos modos esse parasita penetra no organismo para ali determinar o apparecimento da terrível molestia, contra a qual a sciencia está empenhada em combate renhido.

Em primeiro lugar, pela inalação, isto é, pela inspiração, phénomeno respiratorio que leva o ar à intimidade dos pulmões e que se realiza cerca de 20 vezes por minuto, em condições normaes; em segundo, por meio da ingestão ou deglutição de elementos contaminados pelos bacilos de Kock; em terceiro, pela inoculação, isto é, por qualquer ferimento produzido por um objecto que também esteja contaminado.

Dos tres modos de invasão da molestia, como descrevem todos os autores, o mais perigoso é o primeiro, em cuja descrição mais minuciosamente me deterei.

Não é o ar expirado pelo tuberculoso que oferece perigo na propagação da molestia, é o producto da secreção broncho-pulmonar, os escarrros ou, em linguagem mais elevada, os esputos. Cada um delles, como se verifica pelo microscópio, é portador de uma legião de bacilos, que, disseminados no meio ambiente, são levados pela inspiração até os pulmões, séde de predilecção da molestia, onde determinam o seu aparecimento, se o individuo lhes oferece terreno apropriado, isto é, se descende de tuberculoso, se está em convalescência de molestias graves, especialmente as do apparelho respiratorio, tales como bronchite, pneumonia e pleuriz, se o organismo se acha depauperado por qualquer molestia ou por excesso de trabalho phisico, moral ou intellectual, se pelo abuso de bebidas alcoolicas ou se por deficiencia de alimentação.

Cornet, por occasião de um dos congressos para a luta contra a tuberculose, realizados em Berlim, demonstrou que os bacilos de Kock, existiam em estado de virulencia, na poeira do ar dos aposentos habitados por plísicos e concluiu que essa poeira, penetrando pela via respiratoria das pessoas em contacto com os afectados, lhes iria infectar o organismo.

Estas experiencias se tornaram classicas, especialmente depois que o professor Straus, examinando o líquido da cavidade nasal das pessoas que estavam em lugares habitados por tuberculosos, encontrou bacilos em estado de virulencia.

Flügge demonstrou que, nos tuberculosos, além dos esputos, encerram bacilos as partículas de saliva que se eliminam por occasião da tosse secca, da fala e dos espirros.

A fim de que se evite a propagação da molestia é preciso que os esputos não sejam depositados no chão, no soalho ou no jardim; convém que sejam recebidos em escarradores contendo uma solução antisepctica ou mesmo agua, para se impedir a sua dessecção que é onde está o perigo, pois que, depois della, os bacilos de envolta com a poeira são disseminados pelas correntes de ar e assim aspirados.

E por este motivo que, em obediencia à hygiene, cujo conhecimento é essencial à conservação da sa-

SUPPLEMENTO AO N. 14

16 DE MARÇO DE 1902



A REVISTA DO NORTE

Roubando fructos

MARANHÃO—BRAZIL

de, urge evitar que o tuberculoso expectore no chão, em vasos e caixões contendo areia, assim como convém abolir o uso inveterado do cumprimento entre sehoras, por meio do beijo que, muitas vezes, é o portador de molestias contagiosas.

Na casa em que haja um tuberculoso não se deve usar da vassoura, nem do espanador, que são instrumentos destinados a espalhar pelo ar a poeira.

Em vez desses objectos, empreguem-se pannos, esponjas ou apparelhos apropriados, embebidos em solução antiseptica, que, esfregados nos moveis e sobre o chão, não só os limpam, como impedem que os bacilos se disseminem pelo ambiente.

Depois de asseada a casa, é preciso que esses pannos sejam queimados, e os escarradores desinfetados por meio de agua fervendo.

Estes preceitos hygienicos, acompanhados do maximo rigor no asseio, ventilação e distribuição da luz no aposento do doente, aproveitam, não só aos bons que lhe estão em contacto, evitando que fiquem contaminados, mas também ao proprio afectado que, num meio infecção se reinfecta e não ha tratamento que lhe aproveite: a febre, os suores, o fastio e a insomnian continuam intensos.

A falta de observância destas medidas hygienicas tem concorrido para deter em uma casa e por muito tempo, a plástica, de sorte que, frequentemente, uma familia é perseguida, não pela herança tuberculosa, como injustamente amaldiçõa se acredita, mas pelo contagio proveniente da louça, moveis, livros e demais utensílios contaminados pelo doente.

A casa que tenha servido de habitação a um tuberculoso, assim como os moveis que nela se achem, precisam ser rigorosamente desinfetados.

Em seguida á desinfecção, deve ser caiada, pintada, lavada e exposta largamente á penetração do ar e luz que são poderosos destruidores dos bacilos de Koch.

O segundo modo de infecção, como em principio disse, consiste na ingestão de alimentos contaminados pelos germens da referida molestia.

Os alimentos que passam pela cocção não oferecem esse perigo, visto como a alta temperatura em que ella se dá é incompatível com a vida dos bacilos; outro tanto, porém, não acontece com os que a não experimentam.

Outra precaução importante consiste em obstar que o tuberculoso esteja em contacto com os alimentos que são destinados a outrem, ou que nellos loquem.

E necessário também que haja cautela contra os insectos, especialmente as moscas que, tendo muitas vezes absorvido substâncias contaminadas ou nello pousado, vão infecção os alimentos, quer sólidos, quer líquidos, já com as patas, já com as dejecções, onde se ha verificado a presença dos bacilos.

Muito tem preocupado aos hygienistas a transmissão da tuberculose, por meio da carne, do leite, do queijo e da manteiga.

Os últimos trabalhos do grande scientist Roberto Koch não lhe permitem afirmar que a tuberculose bovina se transmitta ao homem.

Oxalá que assim seja e que brevemente essas notáveis experiências fiquem comprovadas.

O terceiro modo de infecção consiste, como disse em principio, na inoculação através da pele, quando se dá um ferimento com qualquer instrumento ou objecto contaminado.

E preciso que as pessoas encarregadas da louça e

mais objectos pertencentes ao doente, tenham a maior cautela, evitando qualquer golpe com os ditos objectos ou instrumentos e, quando portadóras de qualquer ferida, não se encarreguem da lavagem da louça, nem de outros misteres que as exponham aos perigos da inoculação.

Depois de ter tratado da transmissão da tuberculose, da sua invasão no organismo, vem a propósito analysar a emphatica phrase com que muita gente aprecia a leitura de um artigo de hygiene preventiva, com relação ao assumpto.

Eis-a: «Se assim fosse, todo o mundo estaria tuberculoso!»

Não pode haver raciocínio mais falso, nem mais perigoso.

Sabe-se que, além dos meios defensivos externos, tais como a luz e o ar, destruidores de infinitade de bacilos, o nosso organismo é protegido contra a invasão da molestia, quer por meio da camada externa que reveste a pele e as mucosas, quer pelo sangue, quer pela secreção de varias glandulas.

Assim é que a cavidade nasal, por onde constantemente penetra o ar, é revestida de uma camada untada de um liquido de propriedade bactericida; d'ahi provem o preceito hygienico de sempre se respirar com a boca fechada, afim de que o ar, só penetrando pelas fossas nasaes, deixe, em suas anfractuosidades, as impurezas que contenha.

Só quando falham todos os meios externos e internos, quando ha receptividade morbida é que o bacilo produz a molestia.

Terminando este artigo que mostra claramente ser a tuberculose, no presente seculo, uma molestia evitável, observando-se as prescrições indicadas pela grande sciencia—a hygiene, cujos preceitos, ultrapassando o dominio da medicina, devem ser conhecidos e praticados por todas as classes, visto como conhecê-la é tão util, como o saber ler e contar, e, fazendo minhas as palavras de um notável medico hungaro, digo que «também urge lutar contra a tuberculose na escola e pela escola»: na escola, empregando medidas prophylacticas que impeçam ao alumno afectado transmitir a molestia aos collegas; pela escola, ensinando-lhes como, na sociedade, podem evitá-la.

DR. JUSTO JANSEN.

## As novas tendencias do romance inglez

A febre ardente de innovações e de reformas, esse extraordinario prurido de tudo corrigir e emendar, de tudo transformar e substituir, que de alguns annos a esta parte avassalou as espiritos da Europa culta, produzindo por vezes resultados curiosissimos e trazendo á suppuração as idéas mais absurdas e mais saugrenues que conceber se possam, acaba de ganhar por fim o paiz tradicional e conservador por excellencia, aquelle em que as instituições, os usos e os costumes tão fortemente tecem sabido resistir á ação modificadora dos séculos—a Inglaterra. A politica, a literatura, as artes e até mesmo a religião, essa severa religião angl-

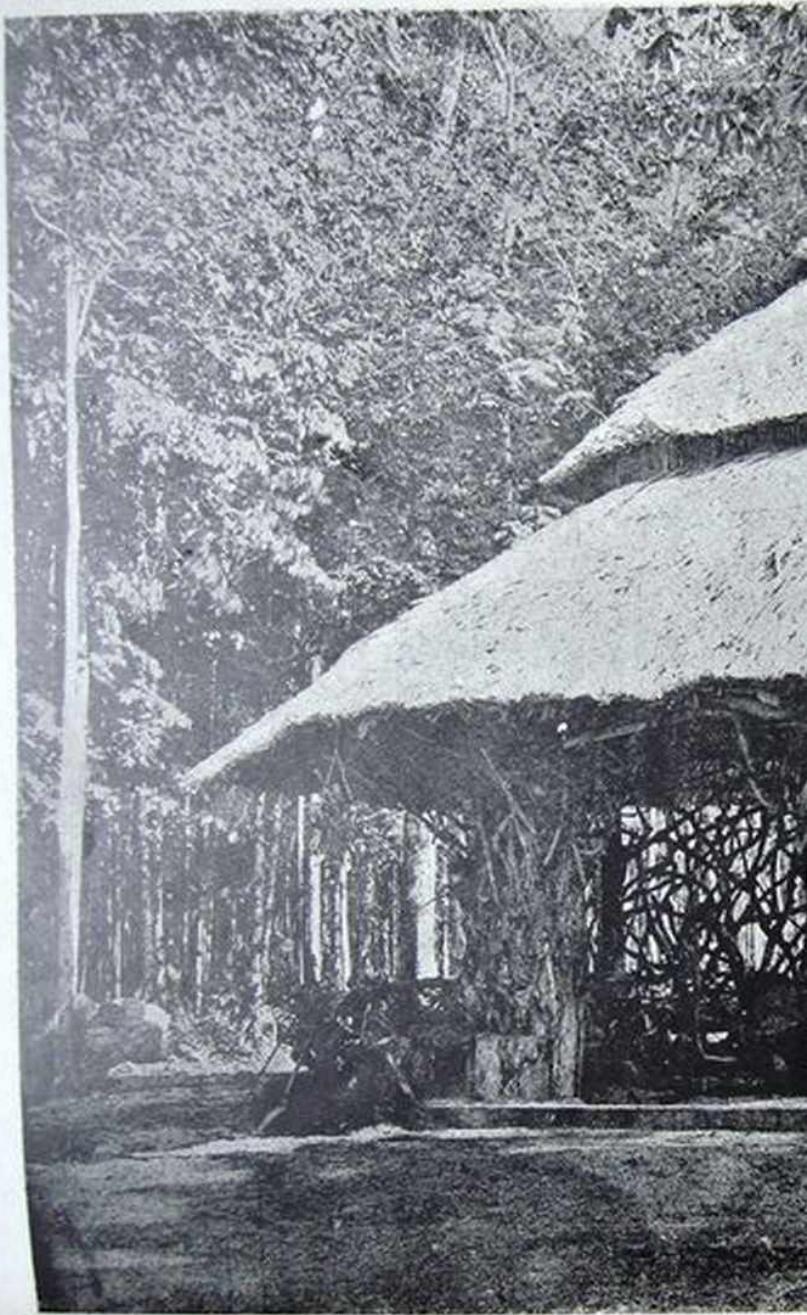


CORITYBA—PONTE S. JOÃO. ESTRADA DE FERRO DO PARANA

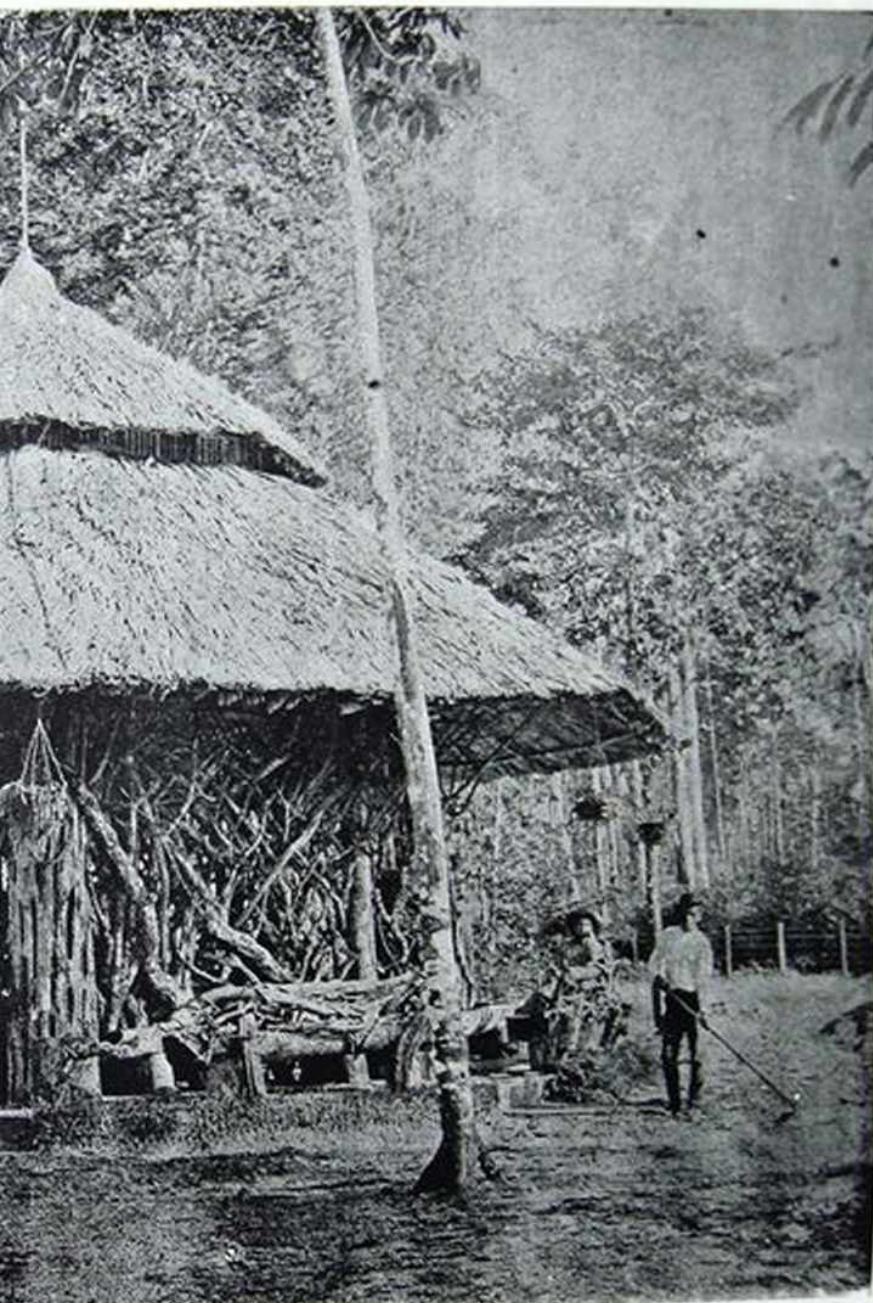


Ceará—Jardim Publico

SUPPLEMENTO AO N. 8

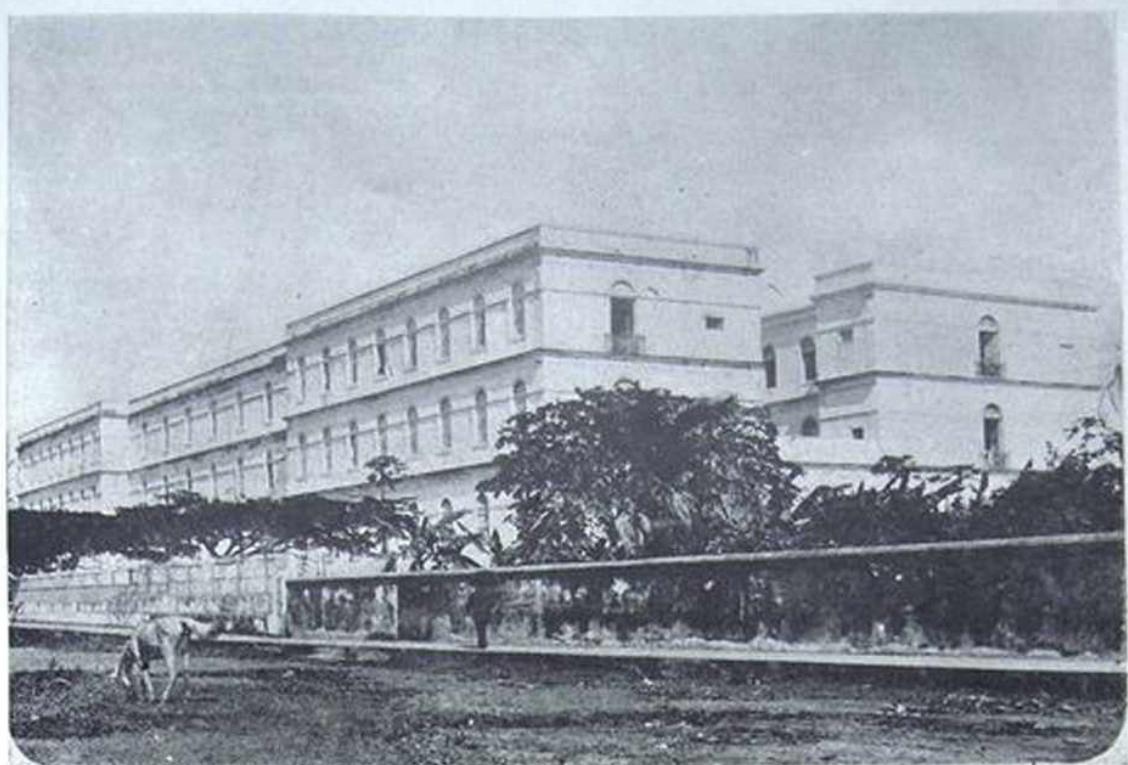


16 DE DEZEMBRO DE 1901

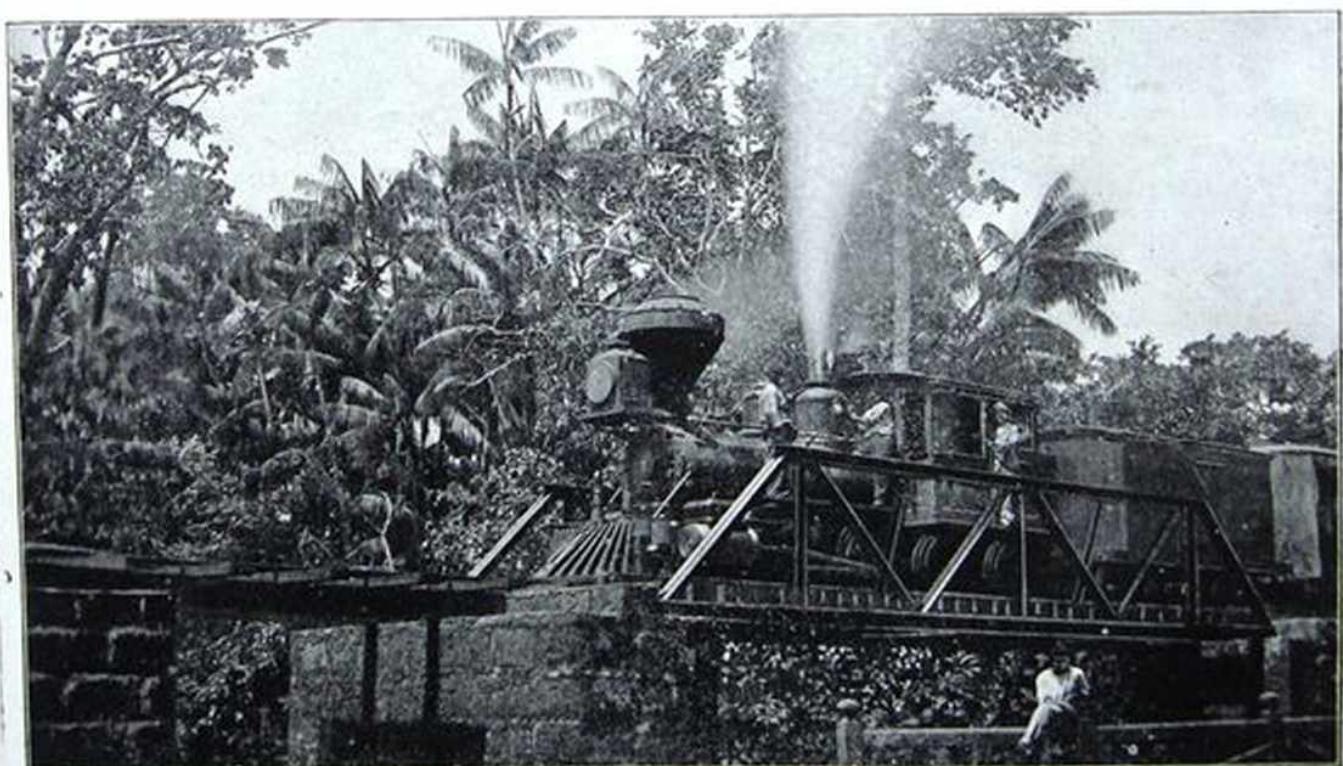


— Municipal

Maranhão Brasil



PERNAMBUCO - HOSPITAL PEDRO II



Maranhão—A nova ponte do Cutim

cana, intransigente nos seus preceitos, rigorosa na sua doutrina, imutável na sua moral, tudo isso ali parece sofrer, mais ou menos profundamente, os embates da nova avalanche que dia a dia se avoluma e cresce, ameaçando submergir, na impetuosidade e no fragor da sua queda, a vasta e pesada construção social, contra a qual nada poderam ainda, nem os abalos e as comunicações intestinas, nem a influência persistente das revoluções estrangeiras. E onde semelhante fenômeno, constatado por todos os que se interessam pelo movimento das idéas na terra que até hoje melhor as tem sabido produzir, se manifesta e se accentua de um modo iniludível e absoluto é precisamente no gênero mais rico e mais típico da sua literatura e que mais directamente nos informa das oscilações e das cambiantes das correntes espirituais dominantes—o romance.

Sabem todos que enquanto o romance francês e as outras letras que pelas da França se orientam, enveredava pelo estudo crú da natureza e do homem, ostentando nuas e flagrantes as observações que colhia, procurando de preferência, num exagero restringido da nota realista, o objecto dos seus estudos na categoria d'aqueles que a moral burguesa relega para o plano defeso das coisas que ferem a pudicícia e offendem a inocência, a novela ingleza continuava muito velada e muito casta, a discutir casos morais e a pintar cenas domésticas, fugindo sempre cautelosamente dos assuntos escabrosos que podessem, mesmo de leve, fazer corar o recato inocente das *Miss pudibundas*. Mesmo os grandes mestres da arte, não desciam nunca a essas dissecções rudes e impudentes em que se comprazia o maior número dos autores latinos. Os fenômenos fisiológicos e sociais sobre os quais exerciam as suas poderosas faculdades analíticas e com um vigor de penetração de que poucos depois delles conheceram o segredo, encabeçavam todos no grupo dos que podem ser apreciados sem manifesta injúria do pudor feminino. As doutrinas que pregavam—porque o romancista inglez é invariavelmente um pregador leigo—eram strictamente modeladas pelo critério grave e rígido da religião e da moral, tendendo, na sua quasi totalidade, a garantir a paz, a concordia e a harmonia das coisas existentes. Quando por ventura algum delles achava que essas coisas não eram em todo o ponto satisfatórias, que careciam de uma alteração ou de um melhoramento, punha uma imensa reserva na exposição das suas idéias e do seu modo de ver, buscando cercar-se de todas as precauções para não chocar o conservatorismo da maioria. A única liberdade que se permittia consistia em caricaturar por vezes alguns tipos clássicos e com especialidade funcionários de ordem civil ou religiosa; mas o ridículo não visava nunca as funções abstractas que esses tipos representavam, e o público de bôamente lhes perdoava semelhantes *boulades*, na convicção de que o mobil único que os animava era ainda corrigir os abusos e desmascarar a hipocrisia. Mas havia entre todas uma instituição que sempre permaneceu superior e intangível aos seus caprichos humorísticos:—o casamento. O próprio Dickens, o mais zombeteiro de todos, não se animou nunca a escolhe-la, nem mesmo indirectamente nos funcionários que a serviam, para alvo das suas tiradas humorísticas. As mais grotescas das suas personagens parecem se desvestir da sua apariência caricata desde o momento em que se aproximam do matrimônio.

Mas desde que o vento revolucionário começou a soprar sobre a terra britânica, o romance se ressentiu

logo da mudança que se preparava. Dir-se-ia que já era a contragosto que os autores mantinham as tradições de reserva e de conveniência do passado, avidos pela aparição de um pretexto qualquer que lhes permitisse fugir ao seu jugo acarunhador e insustentável. E apressaram-se logo em nos vir declarar que assim como a crítica, assim como o conto, assim como a poesia, assim como tudo o mais, o romance ia também passar por uma metamorphose radical. Semelhante metamorphose, que não tardou a ser transportada da teoria à prática, veio justamente consistir na inversão completa dos métodos até então seguidos. Tudo o que os autores antigos haviam excluído dos seus livros, principalmente as questões relativas à sexualidade, faz agora a sua entrada triumphal na *prose fiction*. «Os romancistas, dizia ultimamente um crítico inglez, tem agora por dever tratar nos seus livros apenas dos diversos fenômenos que caracterizam o homem e a mulher, sob pena de verem os seus trabalhos repudiados do público, por maior que seja o talento e o gosto artístico que na sua confecção ponham». E como o estudo isolado desses *fenômenos característicos* de cada sexo arrastaria, numa consequência lógica e inevitável, o seu estudo conglomerado, isto é, o exame desses fenômenos na confluência da sua produção, segue-se que foi o casamento o assumpto obrigado da nova escola, não mais para ser idealizado e preconizado como nos velhos tempos, mas com o fim exclusivo de ser modificado e transformado, visto como o *mot d'ordre* da época é modificação e transformação. Mas modificado e transformado em que sentido?

E o que nos vai dizer um romance altamente curioso sob mais de um ponto de vista, e cuja aparição provocou no país um escândalo inaudito.

Intitula-se *The woman who did*. É uma frase essa que dificilmente encontrará na nossa língua uma outra que plenamente lhe corresponda, reproduzindo no mesmo faconismo e na mesma precisão o seu verdadeiro sentido. *The woman who did* quer dizer no nosso bom português—a mulher que teve a coragem de agir, de realizar alguma coisa difícil, de levar a cabo alguma empreza arriscada.

Vejamos qual foi essa coisa, em que consistiu essa empreza:

Herminia Barton (*the woman who did*) foi educada por seu pai nos princípios severos da religião e da moral protestante; mas em breve começou a conceber por essa religião e por essa moral uma repugnância instintiva, uma repulsa soberana. Nenhuma das duas satisfazia as suas aspirações. Não era positivamente pelo caminho que as duas lhe traçavam que ella se sentia inclinada a enveredar. Os destinos da mulher, a seu ver, eram outros, totalmente diversos dos que até ao presente lhe tiveram constituído a partilha commun. Deixou, por consequência, a casa paterna e veio para Londres abraçar a carreira jornalística. Ali travou conhecimento com um rapaz de boa sociedade, Alan Merrick e como ella era formosa e culta e o rapaz nada lhe ficava a dever em nenhum desses dois predicados, não tardou muito que o amor fizesse aos dois uma das suas. Alan resolveu desposá-la e comunicou-lhe as suas intenções. Mas Herminia repeliu-as indignada: casar-se, ela que considerava o casamento como um acto aviltante e baixo? Nunca! Se Alan quisesse, ella iria viver com ele, em plena e absoluta conjugação de almas e de corpos, mas sem escravidão alguma a peias legais que lhe tolhessem a liberdade.

Alan cedeu, depois de uma certa hesitação, e vão es-

dois para a Italia, gosar o inicio do seu amor livre, que não sabemos se poderá ainda merceror a classica denominação de *lúa de mel*. Mas o clima da Italia desmentiu, com relação ao moço, a sua fama universal, de benefico e vigorante, porque uma febre renitente, dentro em pouco, levou-o da vida. Fica Herminia viúva e com uma filha, e começa então para a insubmissa uma luta rude pela vida, porque ambas as famílias, quer a dela, quer a do marido, a haviam renegado por completo. Mas Herminia não desanima; sujeita-se resignada a todas as provações, consagrando-se inteiramente à educação da filha, no interesse de formar-lhe a alma, em tudo de acordo com a sua, inspirando-lhe a mesma repugnância que sentia pelos usos e pelos hábitos que todo o mundo adoptava e proclamava. Infeliz ou felizmente, não podemos também dizer ao certo, quanto mais a mãe falava em emancipação mais a filha se sentia inclinada para o escravizado. O resultado desse antagonismo não se fez esperar. Um bello dia a filha provoca uma explicação formal com a mãe, e ao saber que esta última não fôra casada, abandona-a, porque não acha digna de receber os beijos de uma donzella.

Herminia não pode resistir a tamanha deceção e, louca de desespero, suicida-se.

E assim termina a história da *woman who did*.

Supporão talvez muitos, ao lerem o rapidíssimo esboço que aí fica, que o autor desse romance é algum *novo*, contagiado pela epidemia da época e disposto a romper incondicionalmente com tudo o que vem do passado, na convicção inabalável de que nasceu para endireitar o mundo e de que se mais cedo o tivessem chamado á vida as coisas não teriam chegado ao pé desastrado em que se acham. E não deixariam de ter razão, em these, os que assim pensassem, porque elas existem, pullulantes e irrequietos, em todas as literaturas de hoje, esses *novos* e esses *revoltados* que não sabem ao certo para onde vão, nem o que querem, e nem mesmo contra o que se revoltam, mas que, todavia, se sentem obrigados a repudiar tudo o que existe, como máo e como imperfeito, ostentando pelas gerações que os precederam, e pelo trabalho que essas gerações realizaram, e pelos ideias que as inspiraram, a mais soberana e a mais inaudita das irreverências.

Mas, para o caso actual, semelhante suposição seria erronea e infundada, porque o autor da *woman who did* não é absolutamente um *novo*. Quem escreveu esse romance foi o sr. Charles Grant Blairfindie Allen, que firma os seus trabalhos litterarios apenas com dois desses nomes, o segundo e o ultimo, que não poderá com propriedade absoluta ser chamado um *plumífero* porque substituiu, para o seu uso particular, a pena de aço pelo *typewriter* mas que é, sem dúvida alguma, um dos escriptores mais fecundos e mais *polygraphic*s da Inglaterra de hoje.

Nascido a 24 de Fevereiro de 1848, em Kingston, no Canadá, doutorou-se em Oxford, foi professor no Quebec College, em Jamaica e veio depois para Londres, fazer jornaes e fazer livros. Desde então tem borbotado por todos os ramos em que se pode exercer a actividade mental de um homem, publicando trabalhos de critica, de bellas lettras, de sciencia, de filosofia &c. Darwinista fervoroso, os seus trabalhos de commento e vulgarisação das teorias do sabio inglez mereceram-lhe o cognome de *S. Paulo do Darwinismo*.

Agora, porém, depois de mais de meio seculo de vida, entendeu que era chegada a sua vez de ser *novo*, na aceção revolucionaria do termo, e que tinha, para

começar, de romper com uma instituição qualquer que viesse do passado: e que melhor se lhe antolhava do que essa do matrimonio, na qual, até então, ninguém ousara ainda tocar? Teria assim, alem do mais, um escandaloso *cachet* de originalidade a sua revolta... E só Deus sabe como os *novos* se pellam pela originalidade...

E mal que fez semelhante descoberta sentiu-se logo, como Archimedes, obrigado a proclama-la aos quatro ventos,—não pelo mesmo processo do sabio grego, porque isso iria de encontro ao decoro britannico e a tanto não se animava ainda a sua fúria de innovador,—mas pelo processo mais moderno e mais efficaz do romance de sensação. E atirou á gulodice publica a *Woman who did*.

E a gente ao ler esse livro, e tantos outros que pela mesma craveira se medem, apenas deseja e pede que seja passageiro esse furacão de loucura desencadeado sobre a terra classica do bom senso, do equilibrio e das obriedades de idéias e de sentimentos.

ANTONIO LOBO

## Flor que morre

(FANTASIA DOLORIDA)

Pobresinha, pobresinha d'aquela flor.

Veio a aurora bemfazeja e rosea e castamente revivesceu a coitada. Veio o dia cheio de azul e de luz e ella alvorocou-se toda, sorriu venturosa, viveu de amor. Veio o calor e á caricia importuna do sol ella foi enlanguescendo subtilmente, como que chorando saudosa.

A tarde a viração balsamica tomou-lhe ainda o perfume leve, subtilíssimo que se espalhou pelo azul diaphano.

Por fim desenrolou-se a noite. Ah! como é horrível a noite!

Fantasmas, bruxas, maldades, torturas, sofrimentos, em summa, a treva horrente amortalhando tudo em uma nevoa de infinita melancolia.

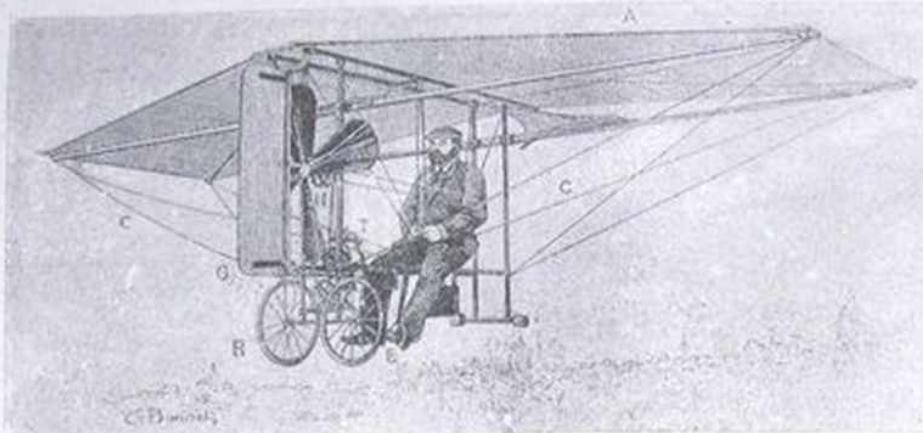
Meu coração, meu coração não sejas imprudente. Pois não está a protestar, a contradizer-me? «A noite é sempre bella», murmura.

E me tens a teu lado, coração: a noite é bella quando o bando rútilo das estrelas aparece no arqueado suggestivo do céo, quando desce sobre a quietude da terra a flava claridade da lua e sobre as almas se distende o palio lucilante dos sonhos. A poeira de tanta luz encanta, fascina e a surdina merencorea das noites claras se eleva em harmonicos arpejos para o infinito, como um hymno triumphal ás almas que ascendem pressurosas ás magicas regiões do sonho.

Mas, as noites trevosas? Deixemol-as, volvamos á flor.

Sosinha, sosinha, medrosa, sem um afago, o calor de uma caricia, toda tétrica, toda luctuosa, em arrancos de agonia, no escabujamento de sua impotencia, foi-se retrahindo. Petalas flacidas, engelhando-se numas tremuras, nuns arrepios, num pavor supremo: convoluta, orvalhada de lagrimas, a florsinha, toda tranzida, inconsciente nesse abandono sinistro, combalida pela dor, morria.

Passavam pelo ar uns sons deliciosamente brandos e isokronos; uma alegria, talvez dos zephyros pie-



MACHINA VOLANTE DO ENGENHEIRO HUNGARO M. NÉMÉTHYS

(Vide pag. 72)

dosos. Nem um gazear de canto, nem um adejar de azas pelo campo argenteado. Apenas o aroma silvestre das hervas ondulando, se expandindo pelo ether, e o vento suspirando docemente pela ramaria, ericando-a num suave arrepi.

Uma placidez de repouso pelo céo negro, mortuário.

De além, de muito além uma estrelinha envia á moribunda uma cariciasinha de luz, num raio frio, merencoreo, inbene-fico.

Mas de repente... oh ! arrojo supremo, oh ! excelsa força que a ergueste !

Assim devem morrer esses a quem o amor arrancou o mais ligeiro sorriso, a quem a saudade amortalhou a alma, aquelles que não conservam no adyto do coração senão uma vasta ruina de sonhos mortos.

De repente... como dizer, porém ?

Um espanto, um assombro.

Desconhecida força sacudiu a flor, distendeu-lhe os petalos, enrijou-lhe a corolla, elevou-lhe o calix pendido e deu-lhe um onda quente de vida nova. Ia viver zinda, que alvoroço ! Larga alegria resplandescente illuminou-lhe, suavemente, o olhar. E' bella a vida !

Mais uma luz no remoto céo, mais outra, outra... a lua, a claridade, fulgurações...

Os sons brandos e isokronos aumentaram, cresceram, perderam o compasso enchendo festivamente o espaço illuminado; cantos de yáras, gargantear vibrante do sabiá, que só canta no tempo do amor, pulsões precipites de corações presagos.

Uma doce symphonía pelo espaço; os psalmos da felicidade, um fluido estranho que é simultaneamente luz, musica e perfume.

Agora não mais o pranto, o luto, a morte, não mais a tristeza da parasita que não

encontra nem tronco nem rama, tronco onde se enlaça rama que a abrigue.

Tudo alegre como a lida manhã.

Abençoados os venturosos; sim, vivamos !

Feliz como a andorinha que abandona o ninho para fabricar outro ninho no par aonde começa a estação das flores, inebriada pelo perfume de seu próprio halito, a flor cheia de revoltas, faz um esforço para se desprender do hastil.

Vae passando, envolta em uma nuvem nevada, a alma branca de uma virgem feliz de uma noiva.



PARÁ--Palacio do Governo

O irmão? ó ditosa? ó noiva? ó...

Convulsions derradeiro, corolla desfeita, petalas esparsas pelo ar, pelo chão, levadas pela aragem em revoluteamentos macabros.

Depois a malefica frialdade da madrugada, pyr-lampos retardados fugindo à luz, vagos pipilos de aves que sonham, suspiros de rosas lindamente desabrochando e a contrastar com tudo isto a serenidade escura e sinistra do sonno final.

Triste flor tranzida! Pobre alma sonhadora!

Pará

MARIA STELLINA.

## O mez litterario em Portugal

### O Theatro

*A reforma do Normal—Historia d'uma campanha—As premières—D. Maria: O Auto do Amor e a Sinfonia—Nos outros theatros—O Monstro—Dois Drawos de Sienkiewicz e Galdos.*

Logo nos primeiros dias de outubro, ainda antes da reabertura das épocas, que para os grandes theatros, se efectuou nos meados do mez, uma grande questão, apaixonou dramaturgos, actores e jornalistas, e promoveu não só as irritadas polemicas de todos os centros em que se discute arte, como também os acerados debates de quasi toda a imprensa.

Foi o caso que, inopinadamente, quando nada de preliminar faria prever a sua apparição, começou a circular o boato de que o governo ia reformar o theatro normal de D. Maria II, hoje confiado a uma empresa de societários que o alcançou em concurso e de que é na actualidade gerente o grande actor Ferreira da Silva.

Conhecidas as bases da reforma que os jornaes oficiais imediatamente publicaram, os protestos não se fizeram esperar. Entretanto, o episodio das eleições, apesar do indifferentismo em que passou pelo seu já conhecido carácter, em Portugal, d'uma ignorância farçada, veio momentaneamente arredar as atenções da projectada reforma. Mas assim que os ultimos echos eleitoraes se desvaneceram, para o que bastaram dois ou tres dias, a questão reacendeu-se com um artigo do *Seculo*, geralmente atribuído a um auctor dramatico conhecido, o sr. Eduardo Schwalbach, em que violentamente se advogava o projecto, appellando-se para o governo para que sem demora o posse em execução.

Attribuido ao sr. Schwalbach, o artigo tinha tanta maior importancia quanto era certo que a elle, ao sr. D. João da Camara e ao sr. Lopes de Mendonça se imputavam tambem, sem contestação da parte de nenhuns d'elles, os trabalhos preparatorios d'essa reforma e as respectivas instancias junto do governo. Assim, pela defesa ardente do *Seculo* pôde-se apreciar o que era a reforma, que nos seus termos precisos ninguem conhecia, guiando-se o criterio publico apenas pelas revelações mais ou menos vagas dos periodicos oficiais.

O pretexto da reforma, affixado pelos seus defensores e em especial pelo artigo do *Seculo*, era o de que, em virtude de terem sahido de D. Maria os dois Rosas e o actor Brasão, o nosso primeiro theatro, apesar de contar com elementos de tanto valor como Virginia,

Ferreira da Silva e Augusto de Melo, alem de alguns novos como Cecilia Machado e Fernandes Maia se encontrava necessariamente incompleto no seu pessoal artistico, e simultaneamente o mesmo succedia no D. Amelia, onde Rosas e Brasão, tendo contudo a coadjuval-os elementos de bastante valor, não conseguiram tambem apresentar uma companhia perfeitamente homogenea. Qual o remedio para esta situação? Reformar a reforma de D. Maria, decretada ha tres annos, visto que com a actual Rosas e Brasão para lá não voltariam, e estabelecido um novo regimen, conseguir uma junção de artistas que deveria constituir a melhor companhia do theatro portuguez.

Tal era o pretexto invocado, e que seria, na realidade, sympathetic se fosse realisavel ou mesmo se sinceramente se acreditasse na sua realisação. Mas eis o que não succedia,—e nas bases da reforma depressa se revelava o intuito verdadeiro dos reformadores, que logo justificou o alarme com que a opinião livre e sensata o recebera.

Com effeito, vistos os autos, o eixo da reforma era apenas este: a criação d'um conselho dramatico, ao qual passariam os attributos da actual gerencia, quanto á acceptação de peças e á nomeação de actores. E quem constituiria esse conselho? Tres autores dramaticos, cujos nomes previamente haviam sido propostos ao governo. Esses dramaturgos eram os srs. Schwalbach, D. João da Camara e Lopes de Mendonça, todos autores ferteis e exuberantes, senão em qualidade, pelo menos em quantidade.

O perigo era eminentemente claro. Não levando o theatro D. Maria á scena, durante cada época, mais de seis ou sete originaes e traduções, só a producção dos membros do conselho dramatico bastaria o encher os cartazes de toda a época. Porque nem o sr. D. João, nem o sr. Schwalbach, nem mesmo o sr. Mendonça são homens que se limitem a uma simples peça por anno. Cada um d'elles costuma fazer em todos os generos: drama, comédia, opereta, revista, dois ou tres trabalhos. O processo, de resto, era comodo. Tratava-se apenas de as fazer e de as baptizar. Algun lugar vago seria dado a um ou outro auctor dramatico que gozasse das sympathias pessoais de ss. exs., abundando, alem d'issso, nas idéas conservadoras em arte que elles tão iniludivelmente representam. D'ahi o clamar-se, com razão, que a reforma, apparentando intuições de engrandecimento teatral, não tinha em mira outra causa que não fosse a criação d'um syndicato dos autores mais ou menos consagrados, e unidos por um manifesto espirito de coterie. Foi o que demonstrou a maior parte da imprensa que desde logo se revelou intransigentemente antagonica á campanha inaugurada no *Seculo*. Jornaes, das mais diversas nuances políticas e litterarias, como o *Diário de Notícias*, o *Correio da Noite*, o *Imparcial*, o *Mundo*, a *Vanguarda* e o *Dia*, não hesitaram em desvendar o plano e combateram com tenacidade a incipiente reforma, que já tivera parecer em contrario do commissario regio de D. Maria, Alberto Pimentel, e a qual não hesitou em mostrar-se indignadamente adverso um dos proprios que primeiro tinham sido indigitado para membro do conselho dramatico, o academic Souza Monteiro.

Quanto ao pretexto apresentado para justificar a remodelação do regimen de D. Maria, isto é a junção dos melhores actores do Normal com os melhores actores de D. Amelia, era facil provar a sua inconsistencia. Sabia-se, como positivamente correu, que Ferrei-

ra da Silva e sua mulher, a incomparável actriz Virgínia, sahiriam imediatamente do theatro de que o primeiro é agora gerente, porque o gerente, segundo a reforma, ficaria n'uma situação que aquella artista reputava affrontosa da sua dignidade. Bastava isto para já não servir de nada, no ponto de vista da arte pura, porque, regressando a D. Maria, caso quizessem regressar, os actores Rosas e Brasão ficariam com uma companhia tão incompleta como a que tem no D. Amelia, e assim a reforma não faria mais do que repôr as cousas na situação de 1898, que motivou a saída dos antigos societários de D. Maria.

Mas quereriam Rosas e Brasão regressar ao *Normal*? Não queriam! O seu nome figurava em toda essa campanha de interesses pessoais apenas como o ostensivo lema d'uma bandeira. E tanto assim que, depois da publicação do segundo ou terceiro artigo do *Seculo*, os três actores enviaram uma energica declaração aos jornais, affirmando que continuavam sempre ligados ao seu amigo e empregário, Visconde de S. Luiz Braga, e repellindo quaesquer boatos que em contrario d'esta intenção corressem.

Essa declaração foi á ultima hora retirada das redacções, diz-se que a pedido do director do *Seculo* que se disse illudido pelo auctor dos artigos que no seu jornal se haviam inserido, o qual afirmara a perfeita acquiescência dos tres artistas ao seu projecto. Mas a declaração fôrta lida nas redacções, n'essa mesma noite conhecera-se e commentara-se em cafés e theatros, e no outro dia, o *Correio da Noite* resumira-lhe a essencia, sem que o mais pequeno desmentido a acolhesse. Ao mesmo tempo, o director do *Seculo* faria cessar a campanha a favor da reforma no seu jornal, consentindo apenas na publicação d'um pallido artigo de retirada.

Assim parece terminada a questão da reforma, que seja dito de passagem, tanto se pretendera implantar de surpresa que chegou a estar impressa na Imprensa Nacional, (onde as provas foram revistas, misteriosamente, pelos srs. Schwalbach e D. João da Câmara) sem que primeiro tivesse ido, como é de lei, à consulta do conselho geral de instrução publica. Terminou, e diga-se a verdade, com manifesta vantagem para os escriptores novos que por ella se veriam inteiramente impossibilitados de introduzir no theatro D. Maria as suas idéas e os seus trabalhos.

Apesar do numero relativamente elevado de originais e traduções anunciadas para os nossos theatros, de poucas premières me cumpre por enquanto tratar.

O theatro de D. Maria abriu com duas peças novas, e abriu, diga-se a verdade, desastrosamente. Uma delas, que pelo seu carácter ligeiro e pelo facto de ser a estreia do seu auctor no theatro, não deu ensejo a ser tratada pela critica com severidade, antes lhe mereceu benevolencia, foi o idyllo n'um acto, do sr. Narciso de Lacerda, *Auto do Amor*. Todavia, o *Auto do Amor* é mau, como estreia, como idyllo, e, o que é mais, como poesia. O sr. Narciso de Lacerda é o excelente poeta da *Poesia do Mysterio*, que ha perto de vinte annos se revelou como um cantor philosophico de singular grandesa. A sua arte que, pela subjectividade atormentada lembrava Anthero e pelo delicado sentimento se approximava de João de Deus, como muito justamente definiu Fernando Reis, ao ocupar-se da sua peça na imprensa, fazia-nos esperar, senão uma boa obra theatrical, pelo menos um castigado e prímoroso trabalho lírico. Tal não sucedeu, porém. O

sr. Narciso de Lacerda, correctissimo sonetista, sente-se pouco à vontade nas filas cerradas dos seus alexandrinos. Tratando-se d'um caso de paixão, d'uma fina trama de amor, as suas imagens não tem brilho, os seus gritos não tem vibração, e, ainda peior, os seus versos não tem harmonia. Caso o illustre poeta se guie, para a invenção de futuros trabalhos para o theatro, pela benevolencia que lhe dispensou a critica, tomando-a como uma merecida justiça e estímulo para continuaçao de tales processos, teria sem duvida de se arrepender ante o fatal desagrado do publico, ainda mesmo o constituido pelos seus mais antigos e fervorosos admiradores.

Mas se o *Auto do Amor* foi um despercebido fracasso, a *Sinhá*, drama em tres actos de Marcellino Mesquita, que o acompanhava, constituiu um estrondoso desastre. Marcellino Mesquita, já aqui affirmei, é hoje o nosso primeiro auctor dramático. Todavia, por circunstancias a que não são estranhas as dificuldades com que luctam, em Portugal, os que se dedicam exclusivamente á litteratura, este escriptor de tão sólido e verdadeiro talento não se exime, de vez em quando, a corrente de fancaria que arrasta os nossos litteratos ao pego do mais baixo mercantilismo. Assim se explica que, a par de obras como os *Castros*, a *Dor Suprema*, e os *Peraltas e Secias*, existam, com o nome de Marcellino Mesquita a encimâ-las, produções tão desgraçadas, mesquinhas e precipitadas como o *Tyranno da bella Urraca* (parodia ao *Cyrano de Bergerac*), o *Petrônio* (arranjo infelizíssimo do *Quo Vadis*?) e ultimamente a *Sinhá*, que a platea de D. Maria não pateou pela consideração especial que vota ao homem que n'aquelle sala tem conquistado verdadeiras noites de gloria.

A *Sinhá*, que pelo título poderia parecer qualquer causa de brasileiro, mas cujos personagens brasileiros tem tanto esse carácter como o de chinezes, é uma verdadeira desgraça. Trata-se d'um pae rígido, antigo commerciante em África e Brasil, enriquecido no trago de escravos, que tem uma filha, a *Sinhásinha*, a quem adora, mas a quem impede de casar com um mariola engravatado que a requesta. A *Sinhá* tenta primeiro levar o pae a desistir da sua oposição, pedindo para isso a interferencia d'um velho amigo do seu progenitor, o sr. Luiz, também comerciante retirado. Nada consegue, porém, e por isso, cedendo aos conselhos d'uma amiga pouco escrupulosa em cousas de amor, deixa-se raptar, uma noite, n'um baile do Club das Caldas, pelo seu apaixonado, cujo único intuito é apanhar-lhe a fortuna, e que presume que o pae imediatamente os chamará a fim de lavar com o matrimónio a falta do rapto. Mas o pae não se resigna a fazê-lo, e deixa-se ficar na casa solitária e gelada pelo desaparecimento da filha, em companhia d'uma mulata que choraminga a todo o momento a perda da *Sinhásinha* e com o amigo Luiz que todas as noites o acompanha n'uma interminável partida de damas. Passam-se meses, e n'uma noite de chuva e frio a filha, abandonada pelo amante que, desanimado de apanhar-lhe o dote, casa com outra, entra-lhe em casa, na apparença da maior miseria. O pae indigna-se, a filha conta a sua desgraça, e o pae, que momentos antes tivera uma longa conversa com o sr. Luiz, na qual este lhe demonstrara que elle era um barbáro em não ter ido procurar a filha, pedindo-lhe que voltasse para casa, acaba por perdoar,—ou antes, elle é que se lança de joelhos aos pés da *Sinhásinha* pedindo-lhe perdão, não se sabe bem de que. E *c'est fini*.

Se nos seus intuios moraes a peça erra, porque, como notou alguém, ella parece não só aconselhar como justificar todos os levianos passos de amor ou capricho, dados pelas meninas românticas n'uma hora de inconsiderada paixão, e serve implicitamente os interesses dos caçadores de dotes da especie do raptor da *Sinhá*, como obra dramática ella ainda mais profundamente claudica pela abundância de *trucos* e situações disparatadas. O primeiro acto, de exposição, é menos mau; mas o segundo que quasi não tem ligação com o drama é pessimo, sendo mais um acto de revista do que outra cosa. O terceiro tem uma scena boa, mas o resto é Príncipe Real puro, com a aggravante de se notar na scena do isolamento do pae e da mulata evidentes reminiscencias d'esse magistral estudo de Balzac, que se intitula a *Vendetta*.

A *Sinhá* teve seis representações. Apenas, a primeira, como sucede em todas as peças foi concorrida. Nas ultimas tres, sobretudo, a plateia de D. Maria parecia o deserto de Sahara.

O Theatro Normal tem representado estes dias o *Tartufo*; mas no dia 9 de novembro vai á scena peça nova, as *Rantzau*, comédia de Erckmann e Chatrian, tradusida por Lino de Assumpção. Por occasião do Natal subirá á scena o *Suave Milagre*, extraído pelo Conde de Arnoso e Alberto de Oliveira do lindo conto de Eça, com o mesmo título.

O theatro D. Amelia abriu com a *réprise* do *Castello Histórico*, e em *réprises* tem continuado. A companhia Rosas e Brasão vai partir para o Porto, e só regressará depois das recitas de Della Guardia e Zaconi, que estão, como é natural, despertando extraordinário interesse. No dia 3 de novembro estreia-se a actriz Della Guardia, e no dia 20 Ermette Zaconi.

Mesmo no Porto, Rosas e Brasão iniciarão as *premières* com a *Sorte*, tradução da *Veine*, de A. Capus, feita por Accacio de Paiva.

Asseguram-me que o *Sangue Azul*, o drama d'um novo autor em que já falei, Jorge Santos, não subirá á scena esta época, porque ha muitas peças adiante da sua, e que Raul Brandão apresentou á empresa de D. Amelia um drama, intitulado o *Archeólogo*, o qual agradou muito na leitura.

O Empresario deu-nos uma originalia: *Manobras conjugaes*, produção do jornalista Raphael Ferreira. Tem tres actos, e agradou.

D'aqui a breves dias sobe á scena a comédia hespanhola, o *Motele*, tradução de Carlos Trilho. A seguir irá *O sr. Tenente*, de Von Moser, versão de Freitas Branco. Mais tarde, a actriz Adelaide Coutinho fará ali o seu benefício com um original de Ernesto da Silva. E' um drama em tres actos, e intitula-se *Os Vencidos*.

Nos outros theatros, *réprises*, á excepção do Avenida, onde tem ido á scena uma tradução de Bruno de Miranda e Salvador Marques: *Estudantes e Costureiras*. A peça, em francez, intitulava-se *Mimi Pinson*.

Em livro surge-nos um drama original. E' o *Mons tro*, do sr. José Agostinho. Publica-o um editor, que pela sua fanatica admiração, parece ser o Mecenas do autor: o sr. A. Figueirinhas, do Porto. O drama é em verso, e tem 206 paginas.

O sr. José Agostinho é um escriptor novo que apareceu no Norte, de subito, como se surgisse d'um alçapão, e que em menos d'um anno tem lançado á publicidade tudo isto: em verso,—o *Poema do Lar*, o *Porto e a Liberdade*, o *Poema da Paz*, e *Christo*; em prosa, os romances *Rei Infame* e *Padre Antonio*, e os livros de educação *Primeiras leituras* e *Fábulas*, sobrejan-

do-lhe ainda tempo para redigir no Porto um pamphlet de critica: *O Latejo*. Como era de esperar, escrevendo muito, escreve mal, o que não quer dizer que as suas pretensões sejam restrictas, antes pelo contrario. O *Monstro* é verdadeiramente um monstro. O auctor declara, é certo, que o não destina a scena, e pede portanto que o não analysem como obra dramática. Mas, mesmo como obra poetica, é pessima. Trata-se d'uma enfiada de alexandrinos, batidos a martello, e forjados com os mais semsaborões logares communs. Isto, porém, não impede que o sr. Figueirinhas, seu editor e collaborador no pamphlet a que me referi, o proclame nas paginas de annuncios dos jornaes, seguindo o moderno exemplo das livrarias que pontificam á Taine, «o grande poeta José Agostinho». Em sim, d'este, pelo que tenho visto, não vem mal ao mundo. E' um curioso exemplar de graphomania, e nada mais.

Outras obras de theatro publicadas: *Vencer ou morrer*, drama de Sienkiewicz, em 5 actos, editor Tavares Cardoso, 147 paginas, tradução de Cândido de Figueiredo, e *Electra*, drama de Perez Galdos, também 5 actos, edição da livraria Lello, do Porto, 280 paginas, versão de Ramalho Ortigão. Ambas as traduções são correctas, devendo especializar-se porém a última em que Ramalho Ortigão mais uma vez manifesta os recursos do seu poderoso estylo. A *Electra* esteve para ser representada no D. Amelia. Parece, porém, que altas influencias se moveram para que um drama que exerceu em toda a Hespanha uma acção tão nitidamente revolucionaria n'um sentido anti-clerical não fosse á scena n'um theatro de Portugal, onde a questão religiosa continua ainda a constituir um problema ameaçador e latente. Assim, Ramalho Ortigão, que o proprio Galdos escolhera para seu tradutor, pedindo-lho n'uma carta, decidiu-se a publicar a sua bella tradução.

## Outros livros

Alem d'outros que citei, sahiram mais, durante o mes, os seguintes livros:

Da livraria Tavares Cardoso: A 2.ª edição da *Instrução popular na Suécia*, relatório oficial de Antonio Feijó, em 98 paginas, e *Os Jesuítas do Grão-Pará*, por J. Lucio de Azevedo, 366 paginas. E' um estudo histórico sobre as missões e sistema de colonização dos jesuítas, com varios documentos ineditos e interessantes.

Da livraria Gomes de Carvalho: o 2.º numero dos *Commentários*, do padre Mano, pamphlet de critica, com 32 paginas.

Da typographia J. F. Pinheiro: *As manobras de 1901*, estudo critico de Julio de Oliveira, 32 paginas, e um trabalho de Luiz Leopoldo Flôres, *Regimens de reciprocidade*, em vigor entre o Brasil, Portugal, Hespanha, Italia, França e Alemanha, n'um vol. de 160 paginas, contendo uma vasta documentação de leis e tratados especiaes.

Da Empresa da «Historia de Portugal»: *Problemas de tática aplicada nas cartas topographicas*, por Francisco Rodrigues da Silva, 1 vol. de 452 paginas.

Publicaram-se tambem em Lisboa, mas sem indicação de casa editora: *Bonaparte e o Progresso*, por J. Biyar de Sousa, 1 folheto de 40 paginas; *Apontamentos de Contabilidade Commercial*, por José Curreira e António Carreira, 1 vol. de 133 paginas, e *Luctas da Penna*, do padre Senna Freitas, 1 vol. de 300 paginas de pole-

mica religiosa e artigos litterarios, em que o velho escriptor demonstra ainda o valor da sua experimentada pena.

No Porto, a casa Lello editou, n'um bello volume de 392 paginas, com o titulo *Os Jesuitas*, os excellentes artigos que o grande jornalista republicano José Caldas publicou no *Norte*, quando mais accesa estava no paiz a luta religiosa e que tão grande e tão geral importancia causavam.

Depois de escriptas as linhas que acima ficam referentes ás tentativas de reforma do theatro Normal, aparece a reforma do Conservatorio, onde se preceitua a criação, alem d'um conselho musical, d'um conselho dramatico que deverá apresentar as bases d'essa reforma. O decreto causou grande surpresa n'este ponto porque se julgavam inteiramente fracassados os intuios dos chamados reformadores do D. Maria.

Do conselho de arte dramatica farão parte, alem do inspector do Conservatorio, os tres professores da secção dramatica que ficam existindo n'esse estabelecimento, o commissario do governo junto do theatro de D. Maria, e sete homens de letras, que os jornaes officiosos disseram já serem os srs. Conde de Mesquita, Lopes de Mendonça, Rangel de Lima, Julio Dantas, Urbano de Castro, Marcellino Mesquita, e Malheiro Dias. Entretanto, as portarias nomeando-os ainda não apareceram á data em que escrevo.

O facto d'este conselho dramatico ter de apresentar as bases d'uma reforma denota que a primeira, que o *Século* defendeu e que esteve impressa, está inteiramente posta de parte.

Commenta-se muito o facto de não ser indigitado para o conselho dramatico nenhum critico, nem dos velhos nem dos novos, e tambem causa espanto a exclusão do sr. D. João da Camara.

A demora da publicação das portarias com a nomeação dos membros litterarios do conselho dramatico, portarias annunciatas para o dia immediato da publicação do decreto reformando o Conservatorio, está também produzindo admiração, não faltando quem diga que o governo, entalado em compromissos levianamente tomados, resolveu nomear essa comissão para fazer aos projectos de reforma do Normal o que Zola, no *Paris*, tratando das tricas parlamentares, chama um *enterro de primeira classe*.

Quanto á reforma do Conservatorio resume-se n'isto: Auctorisa a criação de succursaes nos diferentes districtos do paiz, a começar pelos do Porto, Coimbra e Evora, logo que as circumstancias do thesouro o permittam; o Conservatorio publicará uma revista mensal, sobre assumtos musicas e dramaticos, da qual será director o inspector do mesmo Conservatorio, e são criadas as cadeiras de harpa e orgão.

A imprensa recebeu geralmente a reforma na ponta das espadas, sobre-sabendo na violencia com que a tem atacado o *Dia*, em artigos editoriaes que são atribuidos ao escriptor Abel Botelho.

31 outubro 1901.

MAYER GARCÃO.

**MACHINA VOLANTE**—A—uma das azas que suportam a machina; C—cordas destinadas a dirigir e manter o equilibrio; T—motor de petroleo; H—helice de propulsão; G—leme; R—rodas que sustentam a machina e a arrojam ao espaço.

## Ballada do Ladrão antigo

Ó grandes tempos do pinhal  
Bravio e só, bordando a estrada !  
Noites escuras ! Temporal  
A soluçar contra a quebrada !  
A mala-posta recheiada  
De passageiros ia mal  
Segura. Então a guizalhada  
Parava toda, de repente:  
Um bando de homens... Um punhal  
P'ra cada guella.—«A bolsa !»—E a gente  
Dava-nos tudo, incontinente.  
E se não davam, (a Nortada  
Que com mais uns gritos augmente !)  
Findava alli sua jornada.

Hoje o roubar é diferente:  
Já não tem alma, nem tem nada  
—Ainda ha ladrões, já não ha gente.

Era preciso um braço forte,  
Peitos largos de luctador.  
Era já quasi irmão da morte !  
O nosso amor—mas era amor !  
Relampejava a treva cõr  
De sangue. Ao longe, o vento norte  
Rachava os pinhos, rachador  
Sem ter machado com que corte.  
A larga curva denegrida  
Do céo, olhava espavorido  
Como olhariam nossos paes;  
E d'essa abobada transida  
Caiam astros, á medida  
Que ao ar se erguiam os punhaes.

Ao vento, á chuva, aos temporaes,  
Que grande vida a nossa vida,  
Ó reis, que agora ainda reinaes !

Homens de bem ! Ricos ! Banqueiros  
E reis !—Collegas barrigudos.  
Ó meus antigos comparheiros  
Pisando sedas e velludos;  
Mascarados de cem Entrudos;  
Barões e condes brasileiros !  
Chamam por nós, cumplices mudos,  
A noite escura e os pinheiros.  
A estrada é só, não ha luar,  
A Humanidade vai passar  
Ao alcance do nosso braço.  
Por vós o vento uiva a chamar !  
E diz um pinho, alto no espaço:  
«Ricos e reis, hei-de voltar !  
Hei-de vos dar tamanho abraço,  
Ricos e reis !

que hei-de ficar,  
Lingoa de fóra, vitreo olhar,  
Pendurados por um barço,  
A balouçar, a balouçar...»

Lisboa

SILVIO REBELLO

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Janeiro de 1902

NUM. 9



OS ACADEMICOS BRASILEIROS—Machado de Assis

## Na hora da amargura

## I

Nesta vida que passo suspirando  
O teu celeste nome a soletrar,  
Em ti pensando sempre e sempre quando  
Por sobre a terra esbate-se o luar,

O que de mim seria, ó peregrina,  
Ó peregrina flor, se no meu horto,  
Teu afecto não fosse a minha sinha  
E a santa estrela d'alva do Conforto ?

Se por mim não tivesse — ave medrosa—  
Quando defronto as trevas do caminho,  
Os teus olhos de santa e de piedosa  
E a grata maciez do teu carinho ?

Eu sei ! Tu' alma é ambula sagrada,  
De aromas cheia e de clarões risonhos,  
Onde a minh'alma vai buscar cansada  
O maná eucarístico dos sonhos.

## II

Quando a fé no viver deixou-me triste,  
— Extincta luz entre tufoes vesanos—  
Foste só tu que sempre me sorriste  
No Calvario cruel dos desenganos.

Eram-me então as horas bem férinas  
E era-me a vida inteira, ó lirio terno,  
Triste bem como funeraes ruínas  
Sob as penumbras d'un luar d'inverno.

Manhás te raiem de fulgores plenas,  
Ó minha doce e eterna Ambicionada,  
E que a vida te seja de açucenas,  
De anemonas e rosas constellada.

Anjo,—nasceste d'un brilhar d'estrella,  
Sob uma noite romanesca e pura,  
Tua consolação foi uma umbella  
Que me cobriu na noite da Amargura.

Bem dita sejas entre as mais formosas  
De todas as mulheres que contemplo,  
Tu, cujos labios elencaram mais que as rosas  
E mais que o incenso virginal do Templo !

A Dita engana. Muita vez o gozo  
Parece eterno, ó flor das criaturas,  
No entanto é apenas o clarear saudoso  
Da agonia das últimas venturas.

## III

Se n'amplidão d'este viver nefando  
Brilhasse o livre sol, tão puro e lindo,  
Como nós viveríamos cantando !  
Como nós morreríamos sorrindo !

O meu querer e o teu querer risonhos  
Um só seriam—loiras fantasias !—  
Eu me acolhia à sombra dos teus sonhos  
E à sombra dos meus te acolherias.

Depois um genio piedoso e doce  
Nossas vidas fundia—ó gratos premios !—  
De modo que no mundo a gente fosse  
Gemeos no gozo e nas desditas gemeos !

A luz serias,—eu, a treva impura,  
Tal qual tem sido nossa sorte aqui,  
Mas o fei que nos desse a desventura  
Com beijos adoçava-o para ti.

Nos instantes da magoa e do quebranto  
Junto contigo eu tanto soffria,  
Que se dos olhos te brotasse o pranto,  
Dos meus olhos o pranto brotaria.

E quando o Mundo o insulto atroz e duro  
Atirasse-te ao rosto, anjo tombado,  
Me entregaria ás scismas do futuro  
Sómente p'ra esquecer o teu passado.

E quando n'alma te fulgisse um dia  
A santa luz da contrição que lava,  
Aos meus beijos de amor te redimia  
E ao meu carinho te santificava !

Ah ! dá que eu veja o céo d'essa ventura  
Que almejo em ancas para nós aberto...  
Eu quero luz p'ra minha noite escura !  
Eu quero flores para o meu deserto !

E que o Amor onde a dita se resume,  
Seja-me sempre, ó meiga Idolatrada,  
Córnucopia de sonhos e perfume  
Piedosamente sobre mim voltada !

## IV

Inda pude sonhar ! Sob o cansaço  
Do adeus extremo ás illusões de outr'ora,  
Hoje venho encrustar em teu regaço  
Estes versos sem cõr que traço agora.

Grava, grava n'alma commovida,  
Triste epithalamio—estes bosquejos,  
Tu que me foste a Terra Promettida,  
— Chamaan dos meus ultimos desejos !

Que no teu sonho, a horas socegadas,  
Elles te sôem em magica surdina  
Como notas de cytharas vibradas  
N'uma noite de sombras e neblina.

N'elles plangeia o genio lacrimoso  
Das minhas esperanças e saudade  
E desfolha-se a flor do extremo gozo  
A' agonia final da Mocidade !

Pará.

JOÃO DE DEUS DO REGO.

## O crime do tapuio

(O ultimo capítulo d'uma novella inedita)

## VIII

Tão abstracta, tão entregue á intimidade dos  
seus dolorosos pensamentos estava a desventurada  
mameluca, que não presentio ao menos as pisadas

do tapuio seringueiro. Sómente quando ouviu partir de junto de si uma voz estranha que lhe dava as «bôas tardes», foi que reparou achar-se em presença d'um desconhecido.

O seu primeiro movimento fôr o de fugir para o interior do barracão e gritar por socorro; pois devêras aquella apparição, singular em semelhante paragem que supunha desabitada, enchera-a de pavor.

— Não tenha medo, dona; eu não sou nenhuma onça...

O tapuio parara e se puzera a fital-a sorridente, apoiando-se ao cano do rifle, cujo couce poussara no chão.

D'onde viera aquelle homem? A assustadiça rapariga notava agora n'aquellas feições rudes e na modulação caríciosa e branda da voz do extraño alguma semelhança com as feições e a voz do amante assassinado. O medo não a deixara proferir palavra; o seu olhar profundo e inquiridor exprimia-se, porém, o bastante para ser comprehendido.

— Sou capaz de jurá em como a dona 'stá pensando no Chico. Coitado! Acabo agora mémo de enterrá o corpo d'elle que encontrei no meio do matto, quando voltava da *xiringa*.

Dominada pêla curiosidade, a Joanna inquiriu, ansiosa:

— Quem é antão você?

— Quem eu sou? Ah, sim! a dona não me conhece, nunca me viu. Eu me chamo João; sou o mano mais velho do Chico, e vim aqui p'ra liquidá um negocinho com seu Mané: uma divida... cousa alôa que nem vale a pena falá.

Estas palavras fizeram-n'a com que se recordasse de que o amante lhe falara um dia de um irmão com quem viera para as cabeceiras do Juruá. Não havia dúvida, pois, sobre o genero do «negocio» de que vinha tratar: bastou-lhe ver o rifle, o largo terçado á cintura e a ironia pungente com que proferira aquellas palavras para esclarecer-se o seu espírito perspicaz de mulher.

Com que então o Manoel ia pagar bem caro o seu monstruoso crime! Homem tão mau assim, tão ruim mesmo, devia ter a sorte dos cães. Era bem feito! Muito bem feito! Um pezar profundo andava-lhe pela alma rustica e era o de não ser a sua mãozinha gorda, que muitas vezes o Chico apertara com volupia, a primeira a desfechar o tiro vingativo... D'ahi o sentimento de sincera pena com que avisou o irmão da vítima de que o cearense sahira ha bocadão para o matto.

O João não pareceu contrariado como era de prever.

— Eu espero até que elle venha. Não tenho pressa. Se a dona dá licença...

E foi entrando desembaraçadamente, com o chapéu de cipós na cabeça e o rifle debaixo do braço.

Em quanto aguardavam a presença do dono do barracão, conversaram muito os dois, assentados no mesmo banco, no copiar da frente. A breve trecho entre ambos se estabeleceria uma intimidade que parecia datar de longos annos.

Assim passaram-se algumas horas, até que a

Joanna, vendo que se approximava o momento da chegada do cearense, convidou o João a se esconder no interior da alcova, separada do copiar apenas por uma tosca parede tecida de palhas secas.

O tapuio não se fez rogado: entrou, encostou cuidadosamente o japá de talas de urucury que mascarava a porta, lançou um demorado olhar indagador por todo o aposento, e, notando, em frente da janella, a rede ainda manchada de sangue, murmurou para consigo:

— Paresque foi alli. Antão...

Não concluiu o pensamento, mas por deante da sua imaginação viu desenvolver-se a scena invejável e appetecida dos beijos, dos longos suspiros, por entre risotas furtivas de cocegas e o arfar das respirações açodadas. Encolheu os hombros, como se nada tivesse com aquillo, procurou banir da memoria o vulto adorado do irmão e o rosto agradável da moça e voltou a pensar com maior odio, em mais profundo rancor, no cearense e na sua premeditada vingança, na anciada vingança que o retinha alli, aquella hora, esquecido do seu trabalho e da propria existencia. Em seguida pôz-se a procurar, até que encontrou, um buraco na palha secca que servia de parede.

Momentos decorridos, o Manoel penetrava no copiar, perguntando á Joanna se já havia acabado de choromigar, e a casquinhar risadinhas insultantes, por entre phrases pesadas e d'uma obscuridate torpe. A rapariga encarava-o com o olhar esbravejado de hyena enraivecida, e sentia, no latejar precipite das veias, o bater forte do seu coração revoltado.

Pelo orifício das palhas que dividiam o copiar da alcoba, lá estava, distintamente visivel, o cano luizido do mortífero instrumento, que a iria libertar para sempre d'aquella fera medonha.

O cearense viu-a afastar-se para um canto, indo collocar-se junto á velha e tosca mesa de praculhuba em que se serviam as refeições diárias; quiz perseguil-a até alli, porém conteve-se e volveu-se em direcção ao interior do barracão.

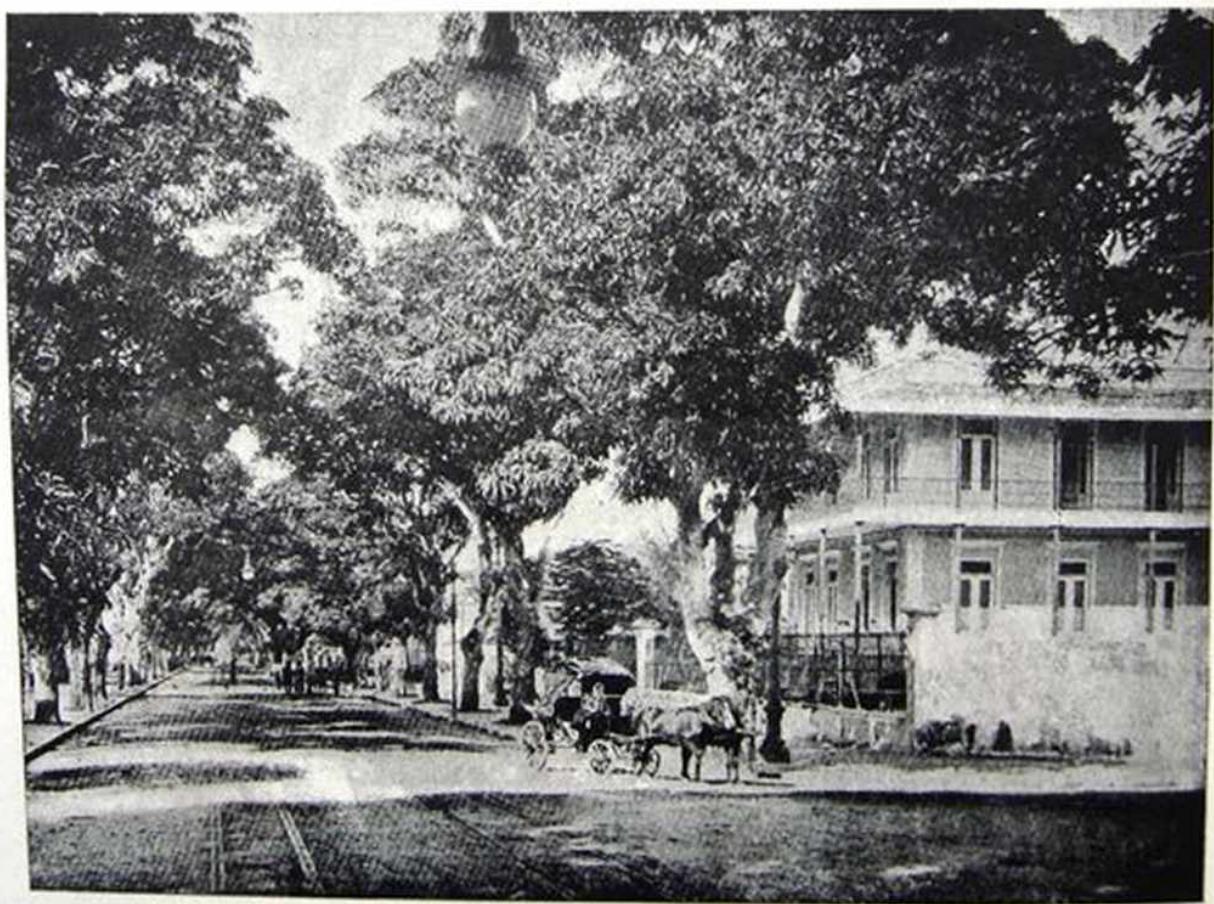
O irmão do Chico tinha o rifle em posição, assegurado para o alvo, com o dedo no gatilho, prompto a fazer fogo. A retirada da Joanna era o signal. Com grande surpresa sua, a mameluca notou, porém, o desaparecimento subtil do cano da arma; e, tremula de pavor e de assombro, viu o cearense encaminhar-se para a alcoba, desviar o japá da porta e penetrar no interior. Afigurou-se-lhe que o cearense ia cahir, como uma sussuarana feroz, sobre o misero tapuio. Quiz gritar, dar um aviso a elle, mas a voz expirou-lhe gaguejante na garganta, estrangulada pela commoção; as pernas fraquejaram-lhe, e o seu corpo de formas turgidas cahio pesado sobre o banco de acapú.

D'alcoba partiram exclamações de surpresa e de raiva, phrases curtas de odio, gritos selvagens de batalha; e uma lucta medonha travava-se entre os dois possantes seringueiros, a rolarem unidos sobre o sólho de terra batida. Minutos após, o João, ofegante, reclamava uma corda.

A voz do irmão do amante foi para a mameluca como um milagroso balsamo a lhe acalmar os nervos excitados. Ergueu-se presto, penetrou na



PONTE DO CASTELLO— ESTRADA DE FERRO DO PARANA

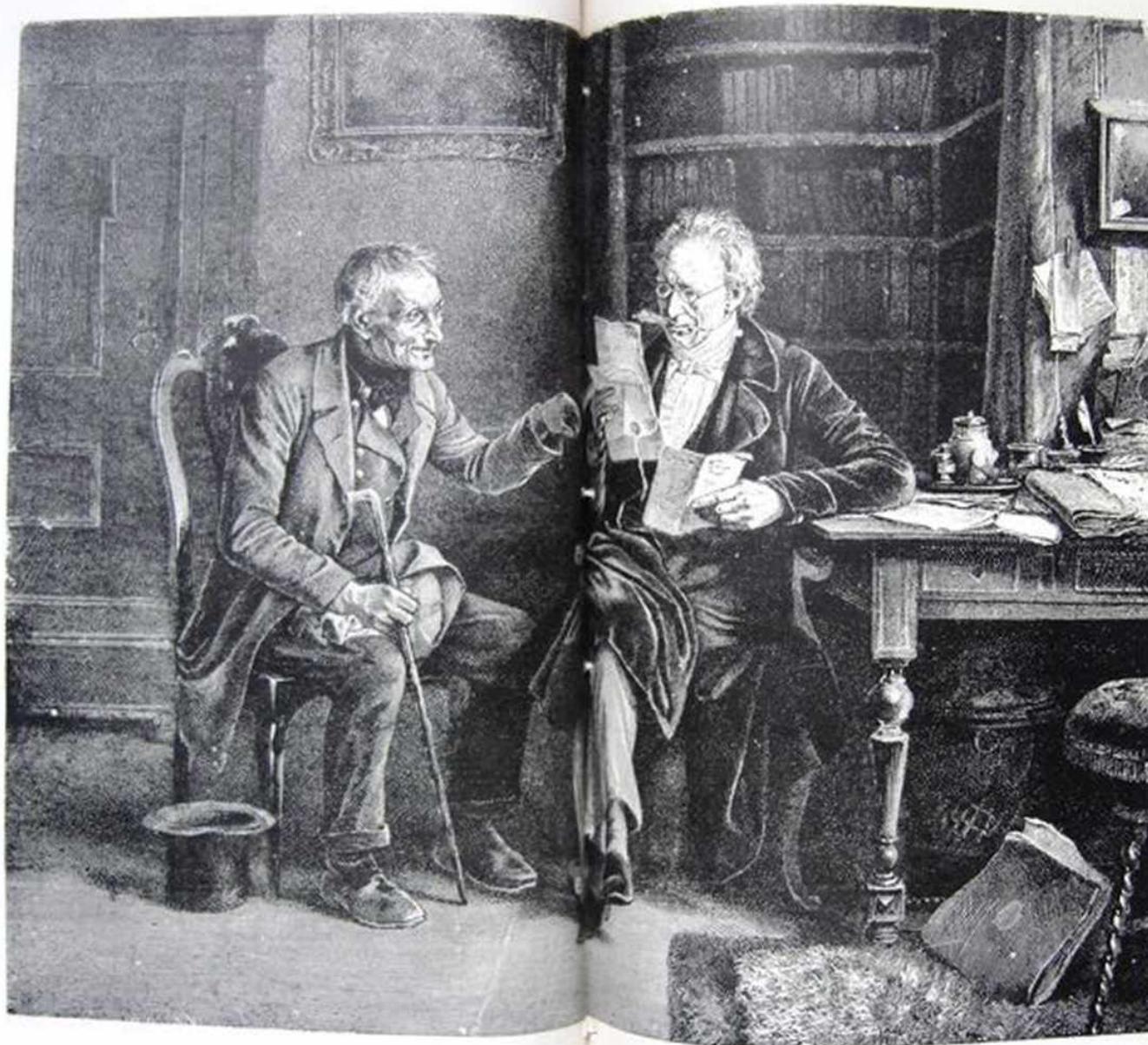


Pará---ESTRADA DE S. JERONYMO

SUPPLEMENTO AO N.º 9

A Revista do Norte

I DE JANEIRO DE 1902



Maranhão

Em casa <sup>o</sup> advogado

Brazil

alcôva e correu a desatar da sua rede maculada de sangue um dos lados da corda nova de curauá, amarrada a um dos esteios.

O tapuio, com as roupas em frangalho, conseguia voltar de bruço o cearense e cavalgá-lo, conservando-o nessa posição, não obstante o outro pererecar como uma cotimboia assanhada, n'ância de se libertar das mãos possantes do inimigo que o subjugava. Não foi sem dificuldade que conseguiu amarrar para traz as duas mãos do assassino, cuja fúria recrudescente se manifestava por implicações ofensivas aos brios do inimigo e à honra da rapariga. O outro lado da corda serviu para ligar, uma á outra, as pernas que se debatiam furiosamente, excavando o sólho, como o escocear d'un poldro indomesticado.

Feito isto, o João conduziu para o terreiro o bahú de marupá da rapariga, contendo os seus trastes de ouro e a sua roupa; foi à cozinha bus-

Quando os dois espectadores d'esta cena grandiosa davam o primeiro passo no carroiro que ia d'allí desvial-os para sempre—ela na frente, com o coração já apiedado pela sorte desgraçada do amazio, e elle atrás, levando sobre os hombros o bahú salvo do incêndio e a alma presa d'uma tristeza indizível—um bando tardio de araras azuis e vermelhas passou pelo alto, gralhando alegremente, abafando com o seu vozear de aves palradoras os gritos roncos do assassino do infeliz Chico Pitanga, que tão caro pagava o nefando crime cometido.

Pará—1901.

ACRISIO MOTTA.

## Conto do Natal

Anda, formosa Léa, descalça tua sandaliasinha azul e microscópica, que um pé pequenino e roseo



CEARÁ—ESTAÇÃO CENTRAL DA VIA FERREA DE BURITÉ

car a lata de kerozene, cujo conteúdo despejou sobre o corpo do cearense e ateou fogo ás palhas do barracão, fechando os ouvidos aos gritos lancinantes da vítima, que lhe pedia misericórdia, certo do atroz suplício que lhe estava sendo preparado.

O crepusculo descia pesadamente sobre a natureza selvagem d'aquellas longínquas regiões. O poente nadava em sangue, coberto com a purpura opulenta do sol agonisante. Por entre o concerto dos animaes noctívagos, os urros ferozes dos tigres negros e das sussuaranas sobressaltaram como notas de trompa n'uma doce melodia acarinadora.

N'um relâmpago o incêndio propagou-se por toda a pindoba secca da cobertura e das paredes do barracão; e um clarão rubro de apotheose de magica dominou a emmaranhada floresta, alastrou-se, supplantando o crepusculo, afugentando dos ninhos proximos e dos troncos apodrecidos dos velhos vegetaes os japius e as caninanas, os inambés e as jararacas.

esconde discretamente, e vae, alvorocada de esperanças e de alegrias, põ-a ao lado da chaminé, para que o Jesus-menino encha-a esta noite dos deliciosos *boultons* de que tanto gostas...

A meia noite, o louro filho de Maria descerá á terra seguido de uma legião misteriosa de Kobolds curvados ao peso das grandes canastras atulhadas de polichinellos dourados, ricas bonecas vestidas de seda e rendas finíssimas, sacos de setim cheios de confeitos e os perfumados *sachets de bonbons*.

E principiará, então, a sua agradável visita para todas as creanças ás casinhas silenciosas e mergulhadas em trévas, deixando dentro da sandaliasinha de preço, como a tua, um bonito presente, como na chinellinha pobre, que calça uns pésinhos nus e mimosos da mais linda e pobre donzella a dadiva do noivo amigo.

Como ficarias zangada, e dos teus flagrantes olhos cubicos jorraria amargo pranto, - minha adorada Léa, — si o Jesus-menino se esquecesse de ti ? !

Nem mais um riso de festa à flor desses labios, onde Amor pede beijos e caricias...

Mas, enquanto aguardas impaciente e estremunhada a dadiwa celeste, para espantar-te o sono e fazer-te esquecer a monotonia destas longas horas de espera, ó minha bella Estremecida! — vem sentar-te ao meu lado: tão perto de mim que eu oiça o leve palpitar do teu ingenuo coração de criança e tu leias nos meus olhos, que não se cansam de fitar os teus, toda uma dolorida e misteriosa confissão de amor...

Anda, vem sentar-te bem junto de mim, pois quero contar-te a bella e triste historia dos amores de um desventurado sonhador.

E d'ahi, quem sabe? talvez que a alheia magua te enterneca o coração.

Mas não durmas, Léa formosa, e aprompta-te para ouvir a singella narrativa que te vou fazer.

— «Em terras aragonezas, no fértil valle da primavera, erguia-se o soberbo palacio do rei Agnia Branca, que alli vivia feliz com sua encantadora filha, a princeza Mercedes.

Alta e loura, de olhos celestiaes e suggestivos, em plena e fascinadora irradiação dos amores e da Juventude, bella, a joven princeza era o alvo das paixões de todos os rapazes da nobreza e dos miseraveis burguezes que o sceptro de seu bondoso pai governava.»

O mimoso e ciumenta Léa, refreia teus zelos, que se te visse a divina Mercedes, seu orgulho de mulher bonita succumbiria ante a pompa e magestade de tua incomparavel e invejável formosura!

«O sol de Abril fazia reluzir fadicamente nas ameias das lendarias torres o aço polido das lanças dos soldados da guarda; e quando o luar de Agosto, nas noites estivais, banhava o pequeno reino de uma claridade doce e suave, no alto torreão do palacio, destacava-se, na severidade do granito, o delicado perfil da virgem aragoneza, encostada ao parapeito, scismativa, a contemplar o valle.

«Xacaras e guitarrilhas, exalçavam-lhe os dotes physicos, comparando-a á mais graciosa *Willis*.

«Rapsodos apaixonados erravam no valle, olhos fitos no lugar em que a princeza, debruçada, escutava enlevada, o coração joven a saltar de um estranho jubilo, as vozes flébeis dos que anciavam por seu amor puro e ambicionado.

«Gil, era um forte cabreiro que na sua rude flauta de canna arrancava a melodia entristecida de uma seguidilha amorosa e terna.

«Pelas manhãs e á tarde, passava na estrada, ao lado do real castello, guiando o seu extenso rebanho de cabras, ás vezes soprando o seu pastoril instrumento, outras lançando na mornidão e no silencio da noite que baixava recamada de estrelas, o gorgorio da sua voz vellada e queixosa de infeliz namorado.

«Ouvia-o Mercedes, sentindo penetrar-lhe o coração e dó d'aquellas palavras tristes, que lhe desabrochavam n'alma a rosa branca do nobre sentimento de suprema piedade pela sorte do miserável pastor.

«Hei de fazel-o meu pagem,» murmurava a

princeza, quando eu fôr a rainha e senhora deste Reino da Phantasia.

Tu ris, ó trefega criança! Tu não acreditas que haja o Reino da Phantasia e crês piamente que Jesus-menino, generoso como é, desça hoje pela chaminé da cosinha e venha abarrotar a sandália-sinhazinha azul, que lá deixaste propositalmente, dos gostosos *bombons* que tanto aticam tua gula.

Pois é preciso, minha amiguinha, não duvidar tanto; e, meditando sobre as minhas palavras, procurar a essencia de amor que nesta historia se contém e desfazer em carinhos as affeições amenas do teu peito por alguém que não cessa de querer-te e adorar-te.

«No fim de algum tempo já a princeza ia esperar-o, inquieta, à sua passagem, só se recolhendo quando o rapaz desapparecia de todo na extrema curva do caminho.

«A miseria visivel do cabreiro, o pezar occulto que lhe entenebrecia o rosto, de feições tão delicadas, a saudade e o desespero das suas trovas, acordaram em sua alma branca de donzella um sentimento mixto de amizade e compaixão pelo zagalzito...

«Pareceu-lhe um dia descobrir no olhar febril e negro de Gil, algo de misterioso: que elle a encarava com interesse e preocupação...

Estaria enganada? — De certo que sim; pois um desventurado guardador de cabras não acariaria jamais o extravagante anhelo de ligar seu destino ao de uma joven e rica princeza.

«Nos seus passeios matinaes, ella o encontrava sempre junto do lago do parque dando de beber ao seu rebanho. Humilde e respeitoso, o pastor cumprimentava com timidez, um rubor violento carminando-lhe o moreno do rosto, enquanto dentro d'alma sopitava com esforços a confissão do seu tão grande e profundo amor pela filha do rei.

«Advinharia Mercedes? Gil interrogava a si proprio, sem obter resposta que lhe trouxesse calma ao espirito inquieto e atribulado.

«Mas Dezembro chegara com suas neves e um vento cortante que matava, enregelando nos ninhos os passaros implumes.

«A vespera solemne do maior dia da christandade, o Natal, punha um borborinho de festa em todos os lares e em todos os peitos.

«Gil teve então uma idéa recordada nas fantasias da sua meninice soridente. Ir logo á noite pôr no degrau da escada do real castello um dos seus velhos e esburacados sóccos, com uma cartinha que sua feia e desalinhavada calligraphia pintara n'un estylo amoroso e criativa de peccadiłhos grammaticales.

«Certo que a princeza daria com ella e tomado-a entre as macias mãos se dignaria passar-lhe a vista, quando mais não fosse, por mera curiosidade. E as mulheres são tão curiosas...

«Vivificava-lhe a esperança robusta fé, que lhe fortalecia o animo e o tornava spontaneamente risonho.

«Gil adormeceu por fim ao lado do tamanco, sonhando com a loura princeza, tiritando de frio,

exposto ao vento gelido do norte, que lhe cortava as carnes com inclemência atroz.

«Mercedes descerá a longa escadaria de mármore e encaminha-se para a porta. E um sonho azul que o fascina e encanta. Pegou no sóccio do zagal, retirou o bilhete que lá dentro estava, leu-o e regressando ás pressas ao seu aposento, escreveu uma breve carta em que se declarava também muito apaixonada pelo moço pastor.

«Mas a verdade é que uma das damas de honra da princesa, vendo o cabreiro ali adormecido, correu a avisar a primogenita do rei Agua Branca. Mercedes entregou-lhe uma moeda de ouro para que a levasse a Gil.

«Quando na manhã seguinte elle acordou sobressaltado e ansioso, foi procurar no velho tamancão a missiva adorada, e viu cahir com sua carta uma luzente moeda de ouro. Tudo comprehendeu e chorou. A filha do rei não o amava... Cruel deceção!

«Estavam desfeitas todas as suas fagueiras ilusões. A vida para elle perdera as suas seduções e magias...

«Gil comprou, então, com todo o dinheiro uma porção de flores e espalhou-as da porta do castelo até o lago, onde a formosa Mercedes ia passeiar todas as manhãs e elle dessedentava seu gado.

«Depois, despedindo-se do rebanho, deitou-se a afogar, forte de uma resolução inabalável e bella de morte.

«Quando Mercedes chegou ás margens do lago, e, entre os brancos nenuphares aflorados, lobrigou o corpo inerte de Gil, morto de amor e de desespero pela milionária herdeira do Reino da Phantasia, tudo advinhou: que esse pobre cabreiro a adorava loucamente e por elle enlouqueceu.»

—Que vermelha luz é essa, meu querido, que purpurece os vidros da janella? Olha.

—E a madrugada que se annuncia. E agora, minha Léa arrebatadora, vai á chaminé buscártua sandaliasinha, que a liberalidade de Jesus-Menino encheu de presentes. E si um coração vazio encontrares cahido na cinza fria do borralho, é meu: —imita a generosidade celeste, enchendo-o de bellos sonhos, de lucidas esperanças e do carinhoso amor de que teu peito está repleto.

Pará.

AGOSTINHO VIANNA.

## A Sementeira

O mundo todo somos só nós dois:  
Onde eu acabo principia o Bem.  
Eu que sou máo serei melhor, depois  
A Perfeição és tu em sendo mãe.

Andei de olhos no ar, sempre à procura  
Do caminho mais recto para o céo;  
Achei-o enfim em ti e esta loucura,  
A força de ser minha, já sou eu.

Sou eu que fallo. Andei á tua espera.

—Tanto esperei que já te merecia...  
O calendario marca—primavera  
E o relojio parou no meio-dia.

Unico sol que nunca tem poente!  
Se amava o outro era a sonhar contigo:  
Eu hoje amo-te a ti e antigamente  
O sol foi sempre o meu melhor amigo.

Horas? Relojios? !—Que me importa a hora?  
Perto de ti bem sei como as contar:  
Cada beijo é o principio de uma aurora,  
Cada suspiro é uma préamar.

O teu olhar só diz: «eternamente...»  
Para outra causa Deus o faça mudo!  
Palavras? fallas? !—Para quê? se a gente  
Se vae fallar não sabe dizer tudo...

Releio as tuas cartas como um canto  
A repetir-me uma sabida trova.  
Tu dizes: «Amo-o», e eu amo-te tanto  
Que vejo sempre nisso cousa nova.

E dize mais!.. Torna a dizer! (Rugidos  
Da vida vêm morrer ao pé de nós)  
—Bemdiço seja quem me deu ouvidos  
Capazes d'entender a tua voz!

Fui para longe p'ra sonhar contigo.  
—A cidade perturba-me, se penso.  
Vou pelos campos e os talhões de trigo  
Lembram-me os versos de um poema immenso.

E a seára é, na aspiração suprema  
Da vida, forte e de uma linda cor:  
Cor da esperança como o meu poema,  
Forte e fecunda como o nosso amor!

Bemdiço os campos que ninguem me deu  
—Mar de fartura, numa oscilação  
De montes, seios a apontar o céo  
Tétas sagradas a florirem pão!

E, do meu alto throno de poeta  
Cnde o meu braço acotovella a lúa,  
Bemdiço a carne d'essa terra preta  
Que em fin de contas é irmã da tua.

O branca terra onde eu lanço os meus versos,  
O corpo e alma que ando a semear,  
Fá-los florir, fructificar em berços,  
Fecunda-os com a luz do teu olhar!

Lisboa.

SILVIO REBELLO

Dá-se com as épocas históricas o mesmo que com as obras d'arte: apreciamos mais as do nosso tempo, escriptas por homens que se nos assemelham em tudo, mas comprehendemos e julgamos melhor as do passado, porque nos aparecem numa perspectiva mais completa e mais definida.

TEODOR DE WYZEWA



PERNAMBUCO--Palacio do Governo



MARANHÃO—ANTIGA PONTE DO CUTIM

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Janeiro de 1902

NUM. 10



*Academicos brazileiros---Olavo Bilac*

## As horas estereis

A NARCISO DE ARAUJO

Na callada placidez do valle, sentado num velho tronco d'arvore morta sobre o qual caia a sombra immovel d'un ramo que num barranco escuro erguia a tristeza verde das suas folhas, por aquella sonhadora noite de luar e astros que ardião num céu sem nuvens; sentindo perto o cantado correr d'un correlo sobre o qual bandos de vagalumes fulgiam intermittentemente com uma fria luz d'esmeraldas aladas, elle meditava como um velho e branco eremita, recolhido á cella selvagem d'un deserto, isolado em si mesmo, expellindo os seus sonhos, os seus desejos, os seus pensamentos terrenos, a sua mesma existencia imperfeita, fallada e ephemera, num amplo despojo de tudo que foi, de tudo que teve e só lhe trouxe dissabores, desespero e agonias, numa decisiva, absoluta e irrevergavel renuncia de todas as suas aspirações e de todos os seus gosos, como uma arvore frondosa e fecunda que de repente, possuida d'estranya nevrose divina, farta se sentisse de dar sombra ao campo, abrigo ás aves e alimento aos homens e se despojasse das suas folhas, das suas flores, dos seus fructos e da sua sombra, estendendo para o céu em luz os galhos vazios, em meio do chalrar de passaros d'uma ocara madura, numa attitude de cousa morta, d'esforço inutil, de mocidade que passou, de grandeza extinta, de riso emmudecido, d'esperança que abotoou, abriu, floriu e perfumou num coração e depois pendeu, murchou e rolou no pé.

A penumbra fugitivamente pontuada pelos fulgores dos vagalumes e da agua do correlo que corria atravez da mancha negra da relva, aquelle fundo silencio do valle e aquell'outro mais alto silencio estrellado do firmamento davam-lhe a impressão d'uma voragem, longa, infinita e insatisfeita voragem que desde o começo dos tempos vem largamente sorvendo mundos e sociedades, philosophias e religiões, artes e sciencias, corpos e almas, tudo que, á face da terra e ante os céus impassiveis e eternos, um momento arde, ilumina e brilha como ambição, felicidade, amor, gloria e genio. Dias, annos, seculos vai o monstro devorando com uma voracidade redobrante e o tempo e os séres e as cousas todas lhe fogem em vão, atirando-lhe ás fauces gigantescas e triturantes todas essas claridades dos céus,—luares e sões,—todos esses primores dos vergeis—aromas e matizes,—todas essas luces das almas—risos, chimeras, aspirações e prêces,—em demanda d'un futuro cheio de desillusões.

Mas aquella tréva tão funda, aquelle silencio infinito da noite parada e adormecida, que parecia sonhar sob a docura luminosa da via-lactea, uma outra impressão lhe davam, de repouso e calma, d'uma breve parada e d'un rapido resfolgo neste illimitado e vario caminho onde a vida,—flor colossal de cem milhões de petalas dos mais contrastantes matizes e dos mais heterogeneos per-

fumes,—desabrocha, incensa, brilha, estonteia, secca e apaga-se para resurgir, reabotoare de novo viver e perfumar ephemeralmente, sob as ardências tropicaes da paixão e da gloria e as fustigantes hybernias das lagrimas e das desesperanças. E era nesse remanso d'alma e coração, por essa noite pomposa d'astros que elle,—irremissivel e dolorido sonhador,—se volvia para o passado, como para um firmamento apagado, e mansamente, com a mansidão de resignações definitivas, que assim as suas lle pareciam, immergeia o olhar, engolphava a su'alma na vida que fôra, longinqua e perdida.

Nessa amplidão cinzenta e fria, que um vasto silencio e uma petrea quietação envolviam e entorpeciam, elle se tornava a ver creança, lá onde uma impressão mais forte cravara a primeira reminiscencia e a primeira saudade. Vinha d'ali por dias vagos e eguaes com vagas e eguaes emoções que se fundiam todas numa só, vaga e leve lembrança que era como a corda adormecida d'uma harpa por onde passou sussurrante a harmonia ligeira d'un hymno ligeiro. Aos poucos ia-se deslizando a sua physionomia varonil, tomada mais relevo o seu vulto e uma luz mais firme o banhava. Era quando, já moço, já ideal e coração, resplandecia na pompa das suas esperanças e dos seus amores como um sól que surge entre as purpuras do céu e os aromas da terra.

Mas, por sob a docura dos risos que lhe abriam os labios em haustos soffregos de ideal e gôso, um tom se occultava de macerações e inutilidades, como, sob o florir dos nenuphares, a agua estagnada e verde d'un lago sombrio. E, contemplando o tranquillo e alto céu,—infinita cupola d'un templo infinito em que o homem, do seu principio ao seu fim, melancholicamente canta misereres perdidos,—olhando para longe, na bruma do horizonte, os fogos velados d'uma cidade que ainda não adormecera, elle pensou que alli, nesse valle em que viera assentar o seu ascetismo entre as flores e os passaros, nunca mais irromperia um sopro de vida fecunda, de qualquer estranya vida, real e forte, cujos fructos, por mais singulares, brotassem, ainda que obscuramente, d'uma ainda mais obscura e ignorada selva. Para além, para essa cidade que mal se divisava atravez dos proprios lumes e das suaves claridades da noite, a vida ainda vibrava, povoando choupanas e palacios, cathedraes e praças e transbordando para os mares, como um novo oceano a invadir os velhos oceanos, em ousadas travessias para outros espacos, para outras cidades mais povoadas e mais revolvidas por impetuosas energias. Lá em cada atomo havia o germen d'outro atomo, em cada seio um fructo, em cada cerebro mil pensamentos, em cada braço cem obras a surgirem. Mas onde elle ficaria, para não agir, na inercia voluntaria e irrevergavel das fôrças mais rebeldes da sua acção e do seu sentimento, entre collinas tristes d'uma vegetação atrophiada, tudo era parado, infuscado e morto. Apenas o tempo,—invisivel cavalleiro dos Espacos que de repente envelheceria duzentos annos,—tinha vida e movimento; mas tão tardo era o seu andar, tão tropego e incerto, que as horas todas pareciam sempre a mesma hora indiferente

e grande, junto d'elle parada num silêncio final. De longe lhe vinham, exípiantes, os rumores d'aquela cidade ainda deserta que dentro de pouco ia ficar adormecida e calma, como esse adormecido e calmo valle, sob o mesmo sumptuoso e magnifico estrelario. Pareceu-lhe então aquela capital ruidosa a imagem da sua vida passada. Ah! a cidade ainda cantava e ria, ainda uma ilusão brilhante enchia de fausto os seus palácios e de orações e graças os seus templos illuminados; mas d'allí a pouco viria o somno tomá-la, um invencível torpor dominar todas as suas forças, um silêncio de Nirvana abafar os seus risos e os seus cantos e uma treva densa apagar os seus brilhos. Também elle cantara, sonhara e rira como a cidade fulgurante e sonora; mas o seu despertar fôrça o silêncio e o ermo, esse valle despovoado e mudo que agora era também a imagem nítida do seu coração desilludido. Quanto tempo inutilmente consumido, quantos dias imprevidentemente esbanjados!

Numa curiosidade macerante, de penitência e purificação, poze-se a despertar vagarosamente as suas recordações, as horas passadas, horas inuteis que o tinham tornado inútil, no desperdício das suas mais ricas energias, no desvio inconsciente das suas vidas, no abandono das suas mais preciosas ambições. Uma funda tristeza o repassou ao contemplar essas horas errantes e vãs que eram agora como coroas perdidas que pela vida viera cegamente atirando ao silêncio e à morte, à inutilidade e ao pó.

Ellas mudamente passavam deante dos seus olhos ardentes e arrependidos, destruidas horas, fragmentos esparsos d'um tempo em que elle pontificaria ás suas crenças e aos seus amores, ás suas ambições e ás suas esperanças.

Hora primeira, hora da inocência, branca hora virginal em que os seus olhos, surprehendidos e deslumbrados, por toda a parte haviam visto céu crepitante d'azul e ouro, hora simples e amiga que todos os dias lhe trazia doces pomos e candias florais e pelos seus sonhos derramava infinitas blandicias.

Hora das illusões depois, cheia de fumos, de nevoas, de miragens e de brilhos, hora de vacuo e nuvem, fantasia feiticeira que tão altamente o embalara e adormecera no dia augusto em que a sua alma pedira a primeira emoção, a força criadora da primeira chama.

Hora das primeiras aspirações, prenhe de germens ephemeros, de frageis anseios, de timidos impetos, d'assustados recuos, de confiança vacilante, d'incomprehensíveis receios, hora imponente que parece subir ás conquistas indisputaveis, alçando-se em vitórias sobre-humanas, desfaldando amplas e rubras bandeiras, signos sacros e invioláveis, e entretanto pára, empallidece e treme no primeiro obstáculo como deante do invencível e do irrevogável.

A hora do primeiro amor surgiu com a candidez d'uma virgindade incanta; hora de dubia claridade que não é bem a noite no seu sonho sereno e não é ainda o dia nas suas pompas solares; desmaiada e ingenua hora dos imprevistos encon-

tro dos séres, entrevistas inesperadas de suas almas que passam no mesmo lugar, no mesmo instante emocional e tremulo, sob o luar radiosso que mais branqueia os brancos laranjas do amor, e reciprocamente se illudem, julgando-se ambos no termo da sua viagem solitária, e recuam e choram, trahidos sem se terem trahido, vendo roarem das suas cabeças as primeiras guirlandas murchas.

Depois a hora da primeira magna chegou com uma vaga tristeza de crepusculo. Os dous séres não voltaram juntos ao lugar onde uma e risonha vez se viram. Nunca mais lá voltarão ambos, porque o que faltou tem de ir mais longe e o que novamente veio tem de esperar alli o ser que lhe está destinado. Hora inquieta, esta, já de desanimo, desillusão e ermo.

Outras horas passaram ainda, d'esperança, de desfalecimento, de vida improlixa e d'inerzia resignada. E por fim essa hora mais vasta e mais vasta, macerada hora da saudade, hora infinita e lacrimosa do passado que o seguia desde os seus primeiros dias, grilheta que lhe entorpecia o passo e cançava o esforço, rastro preso e arrastado aos seus pés. Dentro d'essa hora crepuscular, d'um raio poeirento de vias-dolorosas e d'um roxo de violetas torturadas, todas as outras horas rolavam. A hora da saudade vinha com elle, desde a sua mais distante recordação, recolhendo, um a um, com um frio cuidado e um zelo cruciante, todos os despojos da sua vida inutil, desfeita na nevoa, desfeita das suas miragens.

Ah! as horas estereis!... Porque as gerou o tempo com esses falsos brilhos de magestade, com esses mentirosos signos de fecundidade e força! Vampiros negros e sedentos sugando uma veia farta, haviam-lhe levado todo sentimento, toda alacreativa alegria d'existir e depois, saciadas, tinham voado, abrindo-lhe n'alma o sulco soturno das suas azas frias. E ainda agora essa hora presente lhe fugia também e lhe levava, com as estrelas que se afastavam e com a lua que empallidecia, essas reminiscências que eram um cortante nevoeiro baixado sobre o seu coração, mas através do qual os seus olhos ainda brilhavam pallidamente na saudade que morria... Do que fôr nem essas lembranças nem essas saudades lhe ficavam. Apenas, com uma tristeza d'ermo, o coração vazio e insensível como uma fonte exgotada que o musgo lentamente cobre e apaga da face da terra. E sobre o deserto da sua alma uma infinita, amarga e fria solidão se estendia, apagando os clarores das suas lembranças para mais vasta, mais parada e mais silenciosa fazer essa vida que já fôr onda, chama e harmonia.

Todo firmamento agora amortecia os seus fulgores; um vago tom d'esmorecimento o invadia, desvanecendo a sua lactea e quente brancura, e a lua, mais desmaida e rala, ia rolando por traz das montanhas tristes, envolvendo-se tremulamente nas nuvens, como tomada de frio...

Da «Terra Feliz».

OLIVEIRA GOMES



**General De Wet**

SUPPLEMENTO AO N. 10

16 DE JANEIRO DE 1902



A occasião faz o ladrão

MARANHÃO—Brazil.

A REVISTA DO NORTE

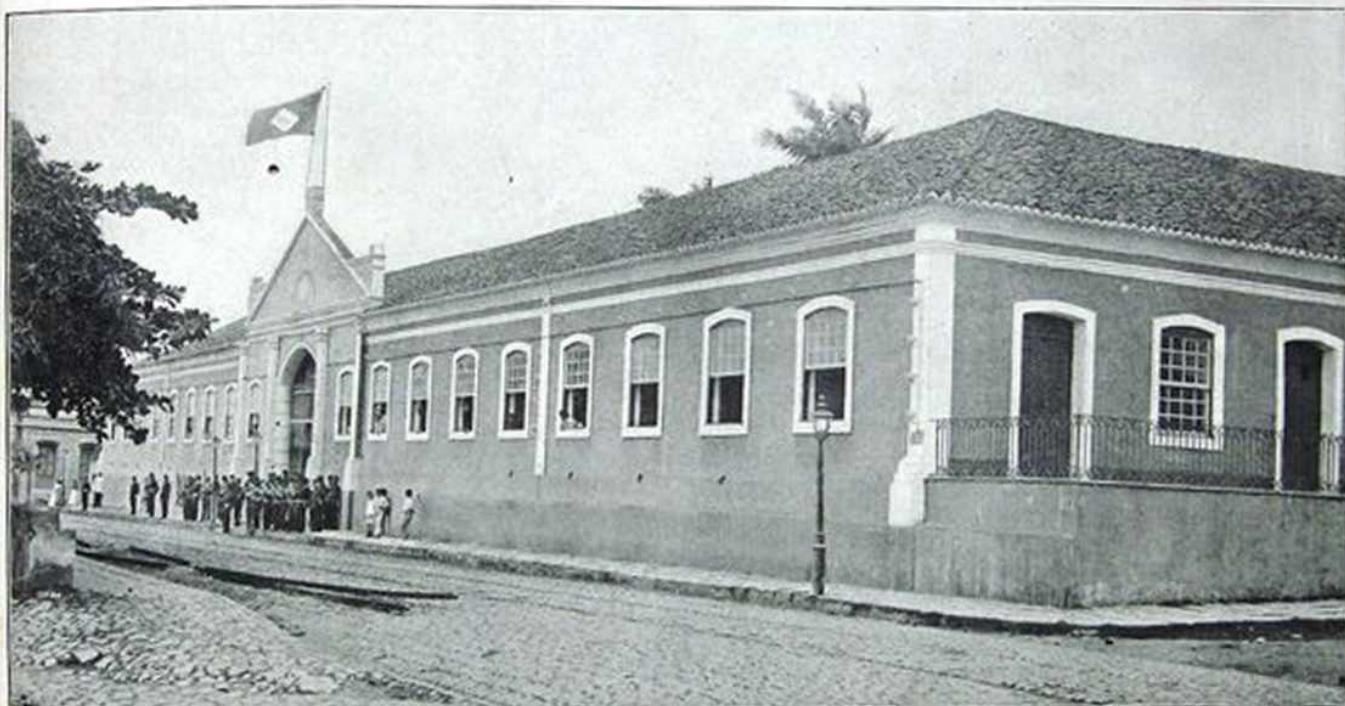
## O mez litterario em Portugal

Zacconi

Escrevo-lhes debaixo da maior impressão de theatro que até hoje tem actuado sobre os meus nervos e sobre o meu cerebro. Não sou eu só, de resto, que me encontro n'este singular estado de espirito em que as ponderações do raciocínio desaparecem, fogem, fracassam, ante os clamores da alma assombrada que abre a porta a um tempestuoso sentimento para todas as illimitações do seu sonho. Toda a Lisboa intellectual que ha quatro noites enche o theatro d. Amelia, para assistir as prodigiosas creações de Zacconi, se encontra,

frio, socegar o coração, dar lucidez ao olhar e segurança ao cérebro, uma unica palavra sae dos labios, uma palavra banal, que irrita os que a pronunciam, visto que nada define, pela falta de argumentos e deduções em que se estabeleça: *E' assombroso!* Assombroso, porque? E o que quer dizer assombroso? Que miseria! Nada dizemos, n'esses grupos que se formam, porque só sabemos dizer que é assombroso, e só sabemos citar assombros: scenas, gestos, olhares e gritos! E no dia seguinte, se percorremos as columnas dos jornaes é para os amarrotarmos, com raiva, no nosso orgulho amachucado e perdido,—porque também a critica revela a sua impotencia de exame, e não pode provar porque não pôde analyssar.

Que se pode portanto fazer, a que podemos nós avançar, torcidos de emoção e esmagados de



**Maranhão---QUARTEL DO 5. BATALHÃO DE INFANTERIA**

como eu, debaixo do joelho omnipotente d'esse formidavel domador de publicos. E comtudo, essa Lisboa, como eu tambem, fômos ali a primeira noite recobertos d'essa capa de gelo, d'esse,—não hesito em confessal-o—d'esse *parti pris* que instinctivamente em nós se cria contra a celebridade, coroada de gloria estrangeira, que armada d'essa gloria se nos affigura vir exercer pressão sobre o livre exame da nossa critica. Mas não ha gelo, mas não ha frieza, mas não ha retrahimento, mas não ha vontade,—que resista *d'quillo*!

E' uma cousa formidavel, o que os nossos olhos aturdidos teem visto n'estas ultimas noites! Quando nos pequenos intervallos, em que o panno cae, se procura cá fóra readquirir um pouco de sangue

omnipotencia? A isto, quando muito, se a garra diabolica do genio, cravada na nossa garganta, nos deixa ainda articular um som: a isto, a este termo, que como o de *assombro* é o unico que pode acolher as surpresas que fulminam; a isto: *E' inacreditavel*. Inacreditavel? Sim. Inacreditavel, apesar de se ter visto e de se ter de acreditar!

Ha meia duzia de horas que isto foi. Foi honesto. Foi hontem, na *Morte Civil*, que esse homem, esse demonio ou esse deus, que roubou à Vida todos os segredos das suas paixões e à Morte todo o mysterio das suas torturas, rolou diante de nós, nas convulsões que a strychnina desenvolve, na mais assombrosa das creações pathologicas que porventura o genio dramatico tem produzido du-

rante séculos. E ainda elle não tinha cahido, aínda elle se contorcia como um damnado gigantesco, e já toda a sala estava de pé, já um grito saia estrangulado de todas as boccas. Ah! eu ouvi-o, eu soltei-o também esse grito, — *eu comprehendi esse grito!* Não, não era dor, não era piedade, não era a sensibilidade humana, que toda ella rompe num íntimo soluço ao ver as aflições mortaes d'um ser... Não, não era somente a admiração que resulta da aprovação d'um esforço intelectual em cérebro e almas que se sentem na medida de o avaliar... Era terror, era colera, era revolta, — era o que provoca um quadro de cataclismo: uma tempestade, um terramoto, um cyclone, em que palpita e se reconhece uma especial e extraordinaria beleza, mas em que nós sabemos que vamos ser aniquilados, e em que cerramos os punhos contra o que não podemos vencer.

Momento formidável e tragico! Estavamois ali, como nas noites precedentes, cedendo à attracção do abysmo, a essa curiosidade, a esse interesse, que é um attributo do homem, e que o leva a desprezar as vertigens para se inclinar sobre as voragens, e a queimar os olhos para contemplar os vulcões. Estavamois ali, como todas as noites, recalando a nossa agonia, sentindo esse extraordino esmagamento que deve produzir a pata d'um leão, carregando gravemente sobre um peito humano até de todo lhe interceptar o alento, — porque, desde que Zaconi aparece em scena, essa tortura começa. Estamos, — é o termo — fascinados. Elle surge: é Oswaldo, é Conrado, e logo os globos de chrystral dos seus olhos dominam a sala inteira. D'ahi em diante, não ha forças para applaudir, nem para protestar. Dir-se-hia que elle está, não alem, n'aquelle palco, mas junto de cada um de nós, immobilizando-nos com os seus olhos monstruosos. E quando elle sae da scena, é um momento que se abençoa. Ouvi-se então alguma cousa que não seja a sua voz, vê-se alguma cousa que não seja o seu gesto. São centenas de pessoas a mover-se; são centenas de pessoas a respirar, — centenas de pessoas que parecem accordar d'um sonho, que readquirem a consciencia de si proprias, que se libertam, que vivem, melhor diria: que resuscitam.

Pois bem! Hontem esse encanto quebrou-se. Ha duas noites, deixaramos cair o pano sobre a face de idolo de ouro de Oswaldo, que pede o sol; hontem, não. Ha cousas que não podem continuar, e aquillo não podia continuar. As feras rugiram contra o domador. Bradou-se *bravo!* como se diria *basta!* Era a colera subita que zomba de todas as previsões do genio. Não! Por instinto, por instinto da personalidade humana, não podíamos consentir que aquele homem, feito como nós, da mesma carne e do mesmo sangue, se nos avantajasse mais. Era o orgulho sublevado a gritar contra esse Prometheu das conquistas da Arte! Era revolta, — juro-lhes! era orgulho rugindo, — juro-lhes! porque sentimos que elle, à medida que rolava para o chão ia subindo tanto que dentro em pouco a nossa vista o perderia, entre as esferas!

Desceu o pano, e então esse acceso de loucura em que toda uma multidão vibrara desfez-se

em palmas, em acclamações, em brados de reconquista e de prazer. Elle apareceu, já homem, e sobre a sua cabeça desceu a apoteose que os homens sabem dar aos que admiram como seres equaes, embora mais favorecidos pelos triunfos da vida. Dir-se-hia que todos repetiam uns aos outros: — Vêem-o? Está ali. É como nós, fica connosco! Não é um deus, não é um demônio. O nosso orgulho que é a nossa razão não consente o Sobrenatural. Bravo! Fizemol-o descer! Bravo!

Na relativa serenidade que me consente o intervallo de horas, em que traslado ao papel esta incoherente impressão de febre e espanto, antes que a sua pata de animal divino de novo me carregue sobre o peito, eu quero apenas fixar isto, cedendo, é possível, ao mesmo orgulho humano que acabo de pretender demonstrar: *estou vencido, mas não convencido.* Vencem-me as prodigiosas faculdades de genio d'esse homem, mas não me convenço de que seja aquillo o tipo da missão do theatro nem da arte de representar. O theatro apresenta a Vida e educa a Vida. Ora não se educa com peças do genero dos *Espectros* que apenas nos mostram os estadios d'uma degenerescencia, nem com dramalhões do genero da *Morte Civil* que servem apenas para nos revelar as contorsões d'um envenenamento pela strychnina. Tudo isso é, na realidade, litteratura de hospital, inutil e barbara. Não consta que o pessoal das enfermarias se dulcifique e enobreça moralmente com o espectáculo do sofrimento quotidiano e da morte quotidiana. Por outro lado, um artista sobrehumano, que representa sobreumanamente, não pode interpretar a Vida. Ela será mais baixa do que elle, mas é a Vida, — e na Vida nós temos que concentrar as nossas reivindicações e esperar as realizações do nosso ideal.

De que se trata, pois? D'isto, afinal: d'um caso de genio, — d'um monstruoso caso de genio, que tanto se pode afirmar parente da loucura como vizinho dos astros!

## O Theatro

Ainda a reforma do Normal — Planos e incidentes — *D. Maria*: Os Rautau — *D. Amelia*: Delta Guardia e Zaconi — Os outros theatros. O que se espera.

Da minha ultima carta para cá, novos acontecimentos se desenrolaram relativamente à questão do theatro Normal que, com justificado motivo, interessa a todos os que se preocupam com a arte nacional. Esses acontecimentos não vieram alterar a forma porque ella aqui foi definida, — mas como representam incidentes que mais tarde lhe hão de constituir a historia, necessário se torna conceder-lhes uma natural menção. Tanto mais que elles comprovam o que n'estas columnas eu já tive occasião de accentuar, isto é: que se trata d'uma conspiração tramada para tomar de assalto o primeiro theatro portuguez, lançando-o depois nas mãos d'um syndicato de autores e actores que vivem nas boas graças do governo e que nem sempre tem a recomendar os de forma que se atenuem o seu odioso monopólio, a garantia ou o

prestígio de serem dos mais justamente consagrados no gênero de arte a que se dedicam. A tentativa de acanhecimento triumphou na decantada reforma do Conservatorio, alcançou igual victoria na que se lhe seguiu das Bellas Artes; mas em relação à casa de Garrett tem encontrado maior resistência e ainda continuo a afirmar-lhes que se não fariá.

Contei já na *Revista* o malogro do projecto de reforma, que o ministro Hintze referendara e que chegou a estar composta na Imprensa Nacional. Em consequencia de prematuras revelações da imprensa e dos protestos que as acolheram, esse projecto, *ao qual apenas faltava a assignatura real*, foi-se por agua abaixo. Comprehende-se o cheque que um tal fracasso representou para o chefe do governo, o qual, comprometido demasiadamente com o grupo dos pretensos reformadores, reconheceu a necessidade de sahir da falsa situação em que se encontrava. Vem d'ahi a criação do celebre conselho dramatico, onde se agrupam elementos os mais desconexos, tendo apenas a ligar os um commun interesse de mercantilismo. A esse conselho dramatico incumbio o governo a elaboração d'um projecto de reforma do Normal,—e assim julgou lançar poeira aos olhos do publico, estabelecendo uma propositada confusão n'aquelles que distrahidamente julgassem que se tratava sempre do mesmo projecto de reforma, sem repararem que o primeiro, feito, composto e anunciado nas suas linhas geraes, havia ido positivamente para o cesto dos papeis velhos.

Instituido o conselho, e incumbido d'esse trabalho, duas hypotheses se apresentam. Quererá o governo, reconhecendo a levianade com que o seu chefe, de resto já conhecido por levianidades ainda mais graves, procedeu attendendo ás capciosas exposições dos syndicateiros das artes, sepultar de vez taes projectos enviando-os a uma commissão, o que equivale a fazer-lhes, como Zola escreve no *Paris*, um enterro de primeira classe? Ou pelo contrario, zombando dos protestos de todos os que devotadamente presam e respeitam a arte, pretende deixar passar a impressão causada, para d'aqui a mezes, aproveitando um instante de enfraquecimento e indiferença, converter em lei um projecto que será tanto ou mais radicalmente nocivo, visto elaborarem-o, attendendo apenas aos seus interesses pessoais, aquelles mesmos que viam aproveitar com as suas disposições?

Eis o que se não sabe, mas a verdade é que enquanto existir o famoso conselho dramatico elle constituirá sempre uma ameaça para os trabalhadores livres que não pertençam á *coterie* nem tenham outras garantias de victoria que não sejam a sua intelligencia e o seu trabalho.

Observei acima que a constituição do conselho é tal que nem sequer se recomenda pelo valor especial dos seus membros. Com effeito, tendo D. João da Camara salvado a tempo o seu nome do menoscabo que lhe poderia advir da sua participação em tal syndicato, a unica figura de auctor dramatico, digna d'este titulo, que ali resalta, é a de Marcellino Mesquita. O auctor da *Dôr Suprema* é, sem dúvida, um robusto talento litterario, mas

desgraçadamente as parcas compensações que o publico portuguez dispensa aos seus artistas, forçam-o, pelas duras exigencias da vida, a constituir um elemento tão pernicioso como os outros, dentro d'uma instituição que está destinada a exercer a maior pressão sobre as empresas de D. Maria, caso as suas idéas de reforma se traduzam em facto legal. E assim que, como os seus collegas, a sua aancia será sempre affastar competidores, e que os intuítos d'esse verdadeiro dramaturgo sejam os d'um dominante interesse pessoal prova-o a serie de trabalhos indignos do seu nome, que elle tem dado aos palcos de Lisboa e Porto, com o mero fim de ganhar um punhado de dinheiro. Veem-se pois, estas monstruosidades: a *Dôr Suprema* acompanhada de *Petronio*; os *Peraltas e Secios* dando o braço ao *Tyranno da Bella Urraca*; a *Leonor Telles* esbarrando com a *Sinhá*. Eu quero crer que estes delictos de arte não correspondam aos desejos naturaes de Marcellino. Mas se elle é obrigado a commettel-os, não cabe duvida de que é perigoso um homem que não hesita em sacrificar a qualidade á quantidde; que esquecendo-se das responsabilidades que lhe pertencem como um dos nossos primeiros dramaturgos, senão o primeiro, julga porventura que lhe é licita a mesma faneeria dos outros, e que, abusando da sua situação junto ao theatro de D. Maria, não hesitaria em encher-l-o do peor, com quanto que fosse o mais rapido, arremessando á luz d'um proscenio, que tem illuminando as suas proprias glórias, os seus *Tyranos* e as suas *Touradas* que o descem ao nível do sr. Baptista Diniz e do sr. Dupont de Sousa,—conhecidos revisteiros da feira de Alcantara.

Dos mais não ha que dizer: o sr. Lopes de Mendonça não tem uma obra que fique nem mesmo que permaneça durante um certo prazo na admiracão geral; o sr. Julio Dantas conhece-o o Brazil pelas *Terras de Vera Cruz* que a critica brasileira, e em especial, o sr. Aluizio de Azevedo, escorcharam sem piedade; o sr. Malheiro Dias, tem a garantil-o como censor um plagiado de Maupassant com que quiz illudir a boa fé da actriz Maria Pia, por meio d'uma grosseira tentativa que os seus proprios amigos desmascararam,—e de resto a sua obra profissional é a d'um romancista, que actualmente acumula com a de deputado do chapeu do sr. Hintze. Os outros não tem sequer quem se cansse a atribuir-lhes auctoridade dramatica. São os srs. Conde de Mesquita, Urbano de Castro e Rangel de Lima. Mas o que todos apresentam é bellos dentes para rôer o bolo que já tem como seguro. Está-se a vêr que nem o proprio Garrett, se tornasse a nascer, seria capaz de pôr pé em D. Maria enquanto se não saciasse o appetite do Conselho dramatico.

Quer isto dizer que nós entendamos que tudo corre no melhor dos mundos possíveis no actual regimen d'aquelle theatro? Longe d'isso. E sem duvida o sr. Ferreira da Silva, gerente do D. Maria, um espirito muito inteligente e profundamente conhecedor da arte e das exigencias d'aquelle casa de espectaculos. Mas isto não quer dizer que não possa errar na aceitação ou rejeição das peças que lhe são submetidas. Todavia, tem isto, o que



### A MODA D' A REVISTA

(Vide o artigo nas páginas supplementares)

é importante: é que os escriptores não lhe podem atribuir o *parti-pris* d'un concorrente. Poderá ser tomado de duvidas ou desagrado sobre o valor d'un papel ou as condições scenicas de qualquer trabalho; mas no que não está a pensar enquanto lê uma peça é em substitui-la por uma sua. E de resto, se ha quem se não possa queixar da empresa do D. Maria é precisamente a maior parte dos reformadores do conselho dramatico que lá tem mettido tudo quanto tem desejado.

A meu vêr, um corpo consultivo como o conselho dramatico, a constituir-se, deveria compôr-se d'uma forma bem diversa e mais natural. Porque o não formaram de escriptores de reconhecida capacidade critica? Seriam esses os expontaneamente indicados por um vulgar bom senso, se porventura se quizesse attender ao bom senso, e

não a satisfazer sordidos intutos de mercantilismo. Para uma junta assim planeada os nomes de Theophilo Braga e Ramalho Ortigão estariam naturalmente designados. A esses nomes não seria difícil juntar outros, entre novos e velhos. Não haveria a temer d'esse conselho trabalhos dramaticos que obstruissem o theatro de D. Maria a ponto de não ser possível a mais ninguem introduzir lá as suas peças, e a auctoridade d'uma commissão em que estivessem, como orientadores, homens como os que citei, seria de tal ordem que ninguem se atreveria a pôr-a em duvida.

—A seguir

Lisboa, 30 de Novembro—1901

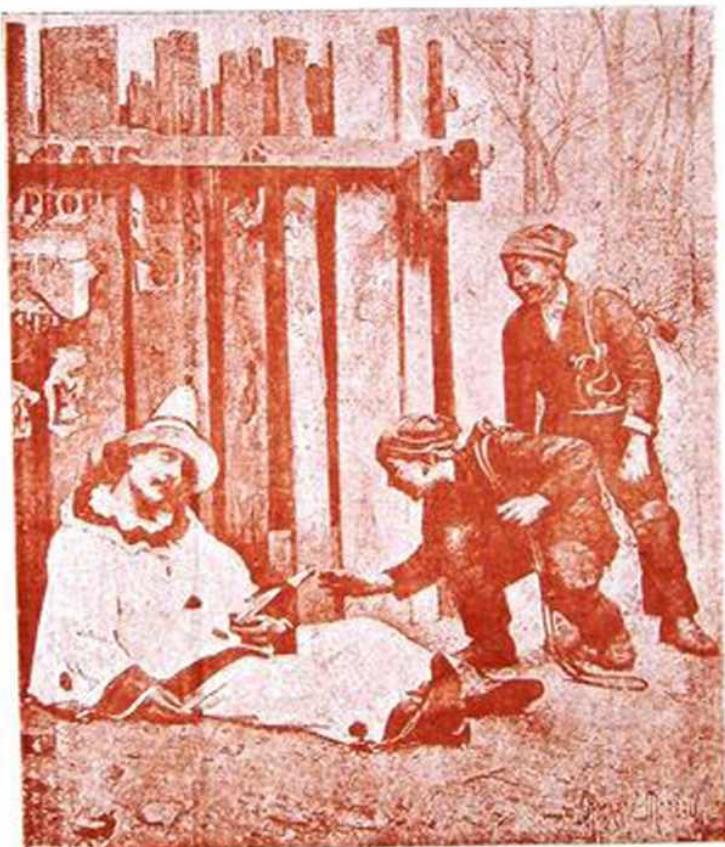
MAYER GARÇAO.

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Fevereiro de 1902

NUM. II



P. C. Chocarne-Moreau-AGORA NÓS...

## A dualidade de Goethe e de Virchow

Quem procurar conhecer a vida dos homens e das coisas da assombrosa Germania, «de brumas densas e de saber profundo», indisputável e precisa ha de notar a dualidade de vocação de Jean Goethe, o poeta-naturalista e de Rudolph Virchow, o político-scientista.

A pretensa incompatibilidade, apregoada por muitos, entre a ciencia e a poesia e entre a ciencia e a politica some-se de todo com as informações adquiridas pela analyse da vida destes dois formidaveis vultos, cujas beneficas e reconhecidas aptidões, todas as vezes que relembradas são, espantam e enchem de orgulho os homens, levando alguns a emitir, imitando as sentidas palavras de Thiers, na Assembléa de seu paiz, proferidas com relação á Inglaterra, este desejo: «si á maneira do escultor, que modela entre as mãos o barro plastico, eu pudesse affeijar a meu gosto o meu paiz, faria delle, não uma America, mas uma Alemanha».

Jean Goethe, o incomparavel auctor do *Werther*, o poeta que produziu o *Fausto*, foi o mesmo sabio que perscrutou por muito tempo o cahos informe da alchimia, que se dedicou com verdadeiro amor ao estudo das sciencias exactas e de Venezia, em uma carta a M.<sup>me</sup> Harder, mandou a noticia de uma das maiores conquistas do seu amestrado espirito de naturalista: a analogia do crânio e do rachis.

Até então vagas e incidentes eram a esse respeito as noções, que existiam em litteratura anatomica, despertadas pela identidade do encephalo e da medulla espinhal.

Que o continente da massa encephalica é formado por vertebras modificadas, foi Goethe quem primeiro afirmou, apesar de não ter sido elle, o que lhe não minora a gloria, o publicador da sua grandiosa descoberta.

A Oken, seu compatriota, coube a gloria de revelar aos seus discípulos, annos mais tarde, em uma celebre lição na universidade de Lena, que no caminho um crânio de corça prendera a sua atenção, obrigando-o aapanhal-o, a meditar e a concluir, com o cerebro illuminado por um raio de luz, que no instante lhe atravessara o espirito, que os elementos constitutivos do crânio, contido em suas mãos, não passavam de vertebras.

O acaso que ensinou a Galvani descobrir a electricidade dynamica nas commoções das coxas de uma rã, quando ficavam em contacto com as grades de ferro da janella do seu laboratorio e que fez Newton enunciar a lei da força da atracção, levando-o, antes da hora, à sociedade real de Londres, para ouvir sem querer a palestra dos seus collegas, sobre os resultados obtidos em França por Picard para a medida do meridiano; o acaso que quedou Brandt estarrecido, vendo surgir o phosphoro inesperado, quando em tentativas sobre os resíduos só procurava a pedra philosophal e que fez Priestley, sem esperar, conhecer, na decomposição do precipitado *per se*, o pseudo gerador dos ácidos de Lavoisier, cumulou Oken com os seus

favores, guiando-o por um caminho em que um crânio, sem valor aos olhos do vulgo, semi-enterrado, despercebido pelos transeuntes, estava destinado a arrancar da intelligencia de um sabio uma das maiores descobertas que regista a historia da anatomia.

Rudolph Virchow, o octogenario professor berlimense, grande entre os maiores, cujo nome aconselha o pensar na portentosa Alemanha e ha de magnificar a sua patria, donde se irradiam para todos os recantos da terra os lampejos bem aceitos da sua avantajada cultura e adiantada civilização, foi um dos grandes liberaes, que desenvolveram planos de ataque contra a política de Otto Bismarck e é, na hora actual, o eminentissimo sabio que tanto ha enriquecido a ciencia—verdadeira alma da civilização do seu paiz.

Rudolph Virchow, que descobrimos, em época não remota, chefiando o partido dos democratas, fazendo ouvir sua voz sensata nas salas do parlamento alemão, exercitando sua pena nas columnas da *Reforma Medica*, em cujas paginas se acham para sempre exaradas as fulgurações do seu talento productivo, foi o mesmo sabio que, no momento calamitoso, se viu correndo pelos zig-zags dos fiords da costa occidental da peninsula scandinavica, a pesquisar a lepra devastadora e, mais tarde, percorrendo os cimos de austeridade solemne do Caucaso, dormitando pelos acampamentos dos povos heterogeneos das encostas da cordilheira, a buscar dados ethnographicos.

Sua decidida vocação politica, que lhe ia prejudicando o futuro de moço e de medico e provocou a demissão do cargo que nobremente exercia na universidade de Berlim, não prejudicou contudo em Virchow o scientist que fundou os archivos de anatomia, physiologia pathologica e medicina legal; o pendor politico, que fizera de Virchow um inimigo terrivel, não conseguiu extinguir nelle o espirito luminoso que acompanhou Schlieman nas proveitosas excavações de Troya e adiantou, como poucos, a pathologia cellular, estabelecendo o famoso aphorismo—a cellula nasce da cellula—que foi precedido pelas investigações de Remak sobre reprodução cellular, observadas nos globulos vermelhos nucleados do sangue do embrião e imitado do menos celebre aphorismo de Harvey—*omne vivum ex ovo*.

Eminente politico e emerito homem de ciencia, em Virchow resalta a dualidade de vocação, que se admira em Goethe, sem procurar saber se elle é superior ou inferior aos sabios doutros países, como usou fazer um jornalista estrangeiro, estimando-o menor que um seu compatriota e deixando, deste modo, transparecer, ainda uma vez, o exclusivismo do espirito dos filhos da sua nação, «com a fibra doentia do patriotismo».

OTHÃO CHATEAU

—————

Todas as felicidades se assemelham, mas cada infelicidade tem a sua physionomia particular.

LEÃO TOLSTOI

## O mez litterario em Portugal Theatro

Nisto, porém, ninguem pensa, ninguem falla. Em compensação tem merecido as honras da maior discussão um dos incidentes a que no princípio d'estas linhas me referi. Esse incidente foi a destituição do actor Augusto de Mello do cargo de ensaiador do Theatro Normal. Dos camarins, o grave caso passou para os cafés; dos cafés, para os jornais. Para uns, o actor Augusto de Mello foi vítima do gerente Ferreira da Silva, por elle o julgar mancomunado com os reformadores—fica-lhes este nome visto o marquez de Pombal não estar vivo para protestar; para outros,—estes são os que defendem a gerencia,—o ensaiador Augusto de Mello não ia aos ensaios, prejudicando acintosamente o bom funcionamento da companhia. Não tenho que me pronunciar sobre este facto da vida interna da Companhia do Normal. Apenas quero accentuar quanto os interesses da Arte, que tão alto se proclamam, são na realidade sacrificados a mesquinhias questões, não já mesmo de individualidades artísticas, mas da posse de cargos mais ou menos remunerados e ostentosos. Entretanto, o que d'este incidente mais ou menos se fixou, d'uma maneira geral para gregos e troyanos, foi que elle representou um acto de força da gerencia do D. Maria, que por esse motivo se considera solidamente segura de vencer a questão, em que a maior parte do público que aquilata as circunstâncias especiais do assumpto, a acompanha e a sustenta.

Em D. Maria tivemos uma *première* que melhor se poderia chamar uma *réprise*. Trata-se dos *Rautzau*, de Erckmann-Chatrian, peça extraída do romance *Les deux frères* dos mesmos autores. Com efeito, os *Rautzau* foram já representados naquele teatro, há anos, quando ali se encontrava a companhia Rosas e Brazão. A tradução agora é que é diversa: subscreve-a o sr. Lino da Assumpção.

Os *Rautzau* são uma peça fraca. De toda ella salva-se um papel: o do mestre escola em que os dois alsacianos concentraram todo o seu poder de criação de tipicas e singelas bondades. É um encanto, esse velho d'álma branca e pura! Mas as outras personagens estão longe de merecer um interesse semelhante e mesmo de se encontrarem tão bem estudadas. A ação é frouxa n'uns pontos e demasiadamente intensa n'outros; o fim moral é pequeno e falho de originalidade. Quanto à tradução, não me pareceu merecer reparos. Os *Rautzau* tiveram uma vida difícil e curta. Representados pela primeira vez na noite de 9, já hoje se encontram definitivamente fora do cartaz.

No D. Amelia, antes de Zaconi, de que acima faço menção especial, apresentou-se à expectativa da capital a signora Della Guardia. A illustre italiana representou, no elegante teatro, algumas das mais afamadas peças do seu repertório, como a *Zazá*, de Berton, a *Fernanda*, de Sardou, a *Magdá*, de Sudermann, o *Cyrano de Bergerac*, de Rostand, a *Tragedia da alma*, de Roberto Bracco,

*Madame Sans-Gêne*, de Lepelletier; a *Fosca*, e a *Dama das Camelias*. Teve um sucesso extraordinário, que só as colossais interpretações de Zaconi conseguem momentaneamente desvanecer. Clara della Guardia é uma grande sentimental, e dentro do seu admirável sentimento uma amorosa. Uma amorosa ardente e estranha, que a todas as nuances do amor dá o traço carregado do seu temperamento de fogo. Por isso, onde o seu trabalho se apreciou nas manifestações de maior verdade foi precisamente n'aquelles papeis em que um ser excepcional se desenha, no drama d'uma commoção a que os seres pautados à naturalidade da vida não podem elevar-se. A paixão esbatida em subtilezas e detalhes de coquetterie não servia á sua ampla envergadura de mulher possuída dos indomáveis instintos femininos. Na *Magdá*, na *Tragedia da Alma*, na *Tosca* ella foi surprehendente de calor e de vibração, enquanto que na *Zazá* e no *Cyrano de Bergerac*, quer interpretando Zazá, quer Roxane, o seu esforço, apesar dos seus singulares recursos de artista, resultou pallido em face do inevitável confronto com as suas grandes creações. N'essas, Lisboa inteira lhe caiu aos pés, podendo affloutamente dizer-se que depois da Duse nenhuma outra electrissou salas como essa bella e extraordinaria mulher.

Depois d'ella, Zaconi. Como veem, um vigoroso sopro de arte passa n'este momento sobre a somnolenta Lisboa, fazendo accender-se em peitos que se diriam definitivamente gelados uma viva chama de admiração e entusiasmo! A data em que escrevo, Zaconi representou já os *Deshonestos*, os *Espectros*, o *Pão Alheio*, a *Morte Civil*, e deve ainda dar dois espectáculos com as *Almas Solitárias*, de Hauptmann e o *Poder das Trevas* de Tolsstoi. Além do enorme interesse que ha pelo trabalho de Zaconi, a audição desses dois dramas de mestres, que nunca se representaram aqui, desperta uma aguda curiosidade intelectual.

Dos outros theatros, pouco ha para dizer. Apenas no Gymnasio, o *Motete*, a zarzuela hespanhola dos irmãos Quintero, obteve um legitimo sucesso. Carlos Filho adaptou-a ao portuguez, n'uma imitação felicíssima, sem lhe destruir a graça nativa, e o distinto actor Ignacio soube honrosamente manter o confronto com Nadal. A pequena mas interessante peça continua ainda, a esta data, no cartaz do Gymnasio, onde nas ultimas semanas tem estado também em cena o *Senhor Tenente*, de Von Mozer, tradução de Freitas Branco.

O Príncipe Real deu-nos um dramalhão *O Az de Paus*, de Decourcelle, traduzido por Salvador Marques e Maximiliano de Azevedo, e tem já outro a seguir: *As duas irmãs*, versão de Eduardo Garrido. A Trindade satisfez o seu público especial com a opereta: *A Toulonera do Templo*; na Avenida reappeceu a companhia Souza Bastos com *A Bonaca*, e na Rua dos Condes ensaiava-se uma revista do anno intitulada *Na ponta da unha* e escrita de colaboração por Camara Lima e Alfredo Mesquita.

Agora o que se espera:  
Em D. Maria está marcada para o dia 7 do mez

que vem a *Segunda Mulher de Tauqueray*, de William Pinero, que a Duse aqui representou, na sua ultima vinda a Lisboa. E' traducção de Manuel Penreiro e Luiz Galhardo. Em 24, vespresa do Natal, sobe á scena o *Suave Milagre*, peça tirada do conhecido conto de Eça, pelo conde de Aronso e Alberto de Oliveira. A prosa é do primeiro; os trechos em verso são do segundo. Para esta peça que tem seis quadros está o grande scenographo Manini a acabar de pintar as vistas.

Em D. Amelia, a companhia Rosas & Brasão, que está a regressar da sua *tournée* ao norte, representará nos primeiros dias da semana que vem a *Veine*, de Alfred Capus, que o sr. Accacio de Paiva traduziu com o titulo *Sorte*, e que no Porto agradou bastante.

No Gymnasio realiza o actor Ignacio o seu beneficio no dia 14 com a peça allemã *O Filho artifical* de que é autor A. Bourchier, e tradutor Freitas Branco.

No Principe Real espera-se o drama *O supplício d'un pae* que já entrou em ensaios e que é uma imitação do original de Alexandre Dumas pelo sr. Luiz Galhardo. Consta tambem que n'este theatro se representarão ainda n'esta época traducções dos *Espectros* de Ibsen e do *Senhor Feudal* de Joaquim Vicente. Esta ultima traducção é de Almeida Campos.

## A poesia

Dois livros de versos—Correia de Oliveira: *Allivio de Tristes*; Augusto de Lacerda: *Judas*—Inconvenientes do chôro e das gazetilhas—A *Mulher de Luto*, de Gomes Leal.

O sr. Antonio Correia d'Oliveira é um rapaz muito novo que se estreou, ha um anno, pouco mais ou menos, com um livrinho encantador a que deu o titulo de *Auto do fim do dia*. Era uma poesia de contemplativo, doce e suave, tenuemente velada d'essa agonia a que ainda os espíritos mais firmemente orientados no eterno triumpho da vida não conseguem eximir-se, no pôr do sol occidental, quando o astro da força e da energia humana parece enterrar-se para sempre no grande tumulo do horizonte. O seu pequeno livro era, pois, não só poético, como tudo o que commove, mas tambem natural, como tudo o que na realidade existe e se sente. Acolheu-o o sucesso de estima que meia dusia de espíritos esclarecidos dispensa ás estreias que alguma cousa revelam,—único sucesso, de resto, a que pode aspirar o que começa, visto as compensações do publico só virem muito tarde, quando veem. Hoje, o sr. Correia de Oliveira publica um novo trabalho de poeta, vestido ainda n'uma das pequenas e preciosas edições da Casa Aillaud, e, com franqueza, a sua nova obra merece já reparos que estão longe de ser severos mas que não podem accusar-se de injustos.

*Allivio de tristes* se chama o livro,—e eu começo por duvidar que elle os allivie. Não se allivia a dor, isto é: não se sustenta a alma com exhaustas palavras d'um desanimo que do seu espírito mystico extrahe elementos para desanistar

os outros e não forças para os reconfortar. Toda a obra do homem deve guiar-se a um fim moral, tem de ser implicitamente uma obra de educação. E um estímulo, é um exemplo, é um grito, é uma satisfação do que se pode chamar a característica do homem: o progresso. Produzir para a felicidade geral, pela destruição de preconceitos e pela construção de ideias. Se ha alguém triste, o meu dever é prepará-lo para a reconquista da alegria. A *joie de vivre* não é um lema de viciosos, e a nobre divisa dos que procuram fazer da terra, com um trabalho gigantesco que tem vindo atravessando os séculos, não o desterro que as religiões assinalaram, mas o paraíso que elles, interpretando a anciedade do homem, não souberam colocar senão em problemáticas esferas. Alliviar quem chora, chorando com elle, é peor do que inútil,—é péssimo. Péssimo, porque revela no consolador um espírito fraco que se resigna à injustiça dos factos, sem procurar transformá-la com toda a ação do seu pensamento ou do seu braço; péssimo, porque desenvolve na vítima a concepção egoista, que satisfaz o seu instinto, de que é menos infeliz porque os outros,—ó prazer!—também soffrem. Generalizando esta funesta orientação, como se deve generalizar toda a palavra de ensinamento afim de reconhecer a sua proficiência ou a sua improfição, temos que o mundo se transformaria numa vasta choradeira collectiva. E é feito de choro todo o livro do sr. Correia de Oliveira: o choro dos fracos, o choro dos vencidos. Não se trata d'aquelle lagrima que um grande sentimento despende e que esse mesmo grande sentimento em breve requeima na face em que escorregou. Não é a explosão de dor que resalta da carne viva marcada com o ferro em brasa das impiedosas catastrophes. E o pranto monotonio, contínuo, nem mais alto nem mais baixo, o choro, que chega a ser um sistema, mais cadenciado de soluções do que orvalhado de lagrimas, e que cae e que sóa e que encharca como uma chuva vinda em dias eternos de neve e bruma. E assim que o sr. Correia de Oliveira chora em intermináveis tercetos com os tristes cuja dor iguala à sua.

Eu sei que se trata d'uns restos de decadentismo litterario que andou a chorar exílios de infantas embobedando-se em cervejarias de bohemios. Essa má época de insinceridade deixou vestígios, rastros, taras. Conheço o autor do *Allivio* e vejo-o abi por essas ruas com os olhos bem secos. Mas o sr. Correia de Oliveira que é um lyrico de tão altas qualidades, deveria eximir-se a esses prejuízos d'uma literatura tão avariada como a mocidade francesa que Brieux acaba de querer subtrair aos flagelos d'um mal que envenena o corpo humano da mesma maneira que enervantes theorias e odiosas *fumisteries* corrompem o espírito que carece de vitalizar-se nas fontes da Natureza e da Arte.

Entretanto, o escriptor de que me occupo é um poeta, transviado, mas poeta. Já não posso dizer o mesmo do sr. Augusto de Lacerda que nos mimoseou este mez com um *romance lyrico* chamado *Judas*. Eu não conheço nada que mais destrua faculdades poéticas, quando existam, do que é fazer gazetilhas ou revistas humorísticas para

SUPPLEMENTO AO N. 11

I DE FEVEREIRO DE 1902



A REVISTA DO NORTE

M<sup>me</sup> Vigée-Lebrun—Mãe e filha  
MARANHÃO-BRAZIL.



O Carnaval

jornaes. Ora o sr. Lacerda está substituindo Bap-  
tista Machado (hoje internado em Rilhafolles,  
numa compungente situação de loucura furiosa)  
na secção de larachas que a *Folha do Povo* ha mu-  
tos annos mantem com o titulo de *Ridiculos*. E' ahi que, todos os dias, o sr. Lacerda tem a obri-  
gação profissional de fazer versos errados e sem  
espirito, como é da praxe, sobre todos os *faits di-  
vers* da Rua e da Politica. Nunca o sr. Lacerda teve  
faculdades artisticas apreciaveis, e pode-se dizer-o  
porque ha longos tempos o seu nome vem firman-  
do trabalhos dispersos de jornal e publicações de  
livraria. Com este condimento de *Ridiculos* perio-  
dicos, o *Judas* tinha que ser o que é: uma desgraça  
a que mal se pode dar lugar em resenhas litera-  
rias.

E eis o que chega ao meu conhecimento so-  
bre novos livros de versos no mez que hoje finda.  
E pouco, e ainda peor que pouco: é mau. Sirvan-  
os de consolação saber que, enfim, a *Mulher de  
luto*, de Gomes Leal, vae sahir dos prelos portu-  
guezes. Numa das suas ultimas edições, a casa  
Gomes de Carvalho annuncia-a já para muito breve  
e informações particulares confirmam-me essa  
brevidade. Será decerto uma grande lufada de ta-  
lento e de harmonia que vae passar sobre a aban-  
donada poesia portuguesa.

## O romance

*O fracasso litterario do mez—O sr. Al-  
fredo Gallis e a Tuberculose Social—Novo  
romance de Abel Botelho.*

Decididamente, Novembro foi um mez funesto  
para a nossa literatura. Ao acrescentar a lista  
dos desastres, chego a sentir retrahir-se-me a pena,  
de tal forma receio que os leitores da *Revista  
do Norte* julguem vêr no que é uma magoada con-  
tatação de factos a evidenciação desleal d'um indi-  
gno espirito detractor. Mas se esta miseria é as-  
sim, pode porventura a minha consciencia permitir-me que eu a occulte ou a desfigure?

O romance se pouco nos deu em quantidade,  
nada nos deu em qualidade. O sr. Alfredo Gallis  
continuou a sua serie da *Tuberculose Social*—a *Co-  
media humana* portuguesa, como houve quem lhe  
chamassem, sem que um raio descesse das alturas.  
O primeiro volume chamou-se *Os Chibos*, e já d'elle  
tive occasião de ocupar-me; este chama-se *Os Pre-  
destinados*. A diferença é de título. A causa é a  
mesma: o adulterio na sociedade media, com meia  
dusia de parvos e malandrins de ambos os sexos  
alternando-se nas scenas do romance. A obra é  
immoral, com a aggravante de se lhe collocar um  
rotulo de moral; a enfabulação é grosseira, a ob-  
servação é fruste, os tipos são de papelão. Além  
d'isto, este trabalho realista é inverosímil. Chega  
a praticar-se este *true indecoroso*: apresentam-se  
personagens da Baixa com os nomes dos personagens  
do *Quo Vadis*? Ha uma adultera de fancaria  
que se chama Actéa; uma rapariguinha que rouba  
o amante à mãe e a que corresponde n'aquelle in-  
decorosa trapalhada o nome da divina Lygia. Uma  
irmã d'esta chama-se Pomponia. Com isto, um bu-

rocrata Menelau, um tenente de bigodes, meias de  
seda, ligas do Grandella, colés na rua do Ouro, e o  
seu palavrão á mistura, faz-se este lucrativo excita-  
nte para impotentes e devassos, a que se preten-  
de dar ingresso na verdadeira literatura com assi-  
milações de coordenação de quadros á Balzac.

E no romance mais nada, excepto um de que  
nada ainda se pôde dizer, porque está sahido em  
folhetins no *Dia*, e apenas tres ou quatro desses  
folhetins se encontram publicados. O auctor é  
Abel Botelho, o folhetim: *Os Lazaros*. N'ele de-  
senvolve o distinto escriptor aquelle estylo tor-  
neado e especial que, no mais pequeno trecho,  
immediatamente denuncia a sua pena.

## Outros livros

Silva Pinto ajuntou mais uma obra á sua col-  
lecção de pequenas críticas e impressões de que  
todos os annos vem publicando um volume, consti-  
tuído na sua maior parte, senão na totalidade, de  
artigos dispersos em jornaes de que é collaborador.  
O de agora intitula-se: *Alta Noite*. Abrange tra-  
balhos escriptos de 1899 a 1900. E um livro de 320  
paginas, editado pela casa Guimarães, Libanio &  
C., de Lisboa.

A obra d'este genero do sr. Silva Pinto, inicia-  
da em 1894, se me não engano, pode resumir-se  
n'isto: uma annotação constante. Não se passa um  
facto, uma exposição de doutrina, um incidente de  
qualquer ordem, que lhe não mereça um commen-  
tario. Esse commentario alarga-se ou restringe-se,  
segundo as inspirações de momento, mas sempre  
tem a doural-o o admiravel estylo do escriptor.  
Velho romantico, tendo, porém, sabido recolher da  
grande escola a essencia da sua extraordinaria  
nobreza, Silva Pinto tem sempre o ar superior d'a-  
quellas aristocracias do espirito, onde se adivinha  
o reflexo d'uma espada ou afflora a ironia amarga  
dos Antonys—que se não matau. O feitio sata-  
nico ficou-lhe: nos seus gritos, no exagero dos  
seus prismas, no alevantamento de vulgares ave-  
turas ás culminancias das paixões fataes. Uma vida  
rude, sulcada de pontapés do destino e dos ho-  
mens, não vingou accordal-o d'esse sonho de alta  
fantasia. Temperou-lhe, porém, o caracter, fazen-  
do-o descabrir muitas vezes no extremo contrario,  
com o simplista designio de não ser logrado pelo  
meio. D'ahi, as suas incoherencias: o brado de es-  
perança repudiado paralellamente pelo sarcasmo  
pessimista, a pena começando, recta e firme, o  
seu canto romantico de indignação e de ideal e  
torcendo-se por fim n'uma *blague* corrosiva do sen-  
timento que a faz mover-se, rapida e anciosa de  
illimitações. Hoje, Silva Pinto está velho,—pode-  
se-lhe dizer sem o ferir porque elle não perde en-  
sejo de o proclamar. O instincto generoso do Ro-  
mantismo suffoca já sob os annos e as desillusões.  
Entretanto, se elle podesse perguntar a todos os  
seus leitores, quaes as paginas suas que maior  
amor lhes merecem, como lhe responderiam to-  
dos, estou certo, como eu responderia, que são  
sempre aquellas em que resuscita a ardente alma  
e o fogozo talento do moço desprotejido e rebeldes

que escreveu com coleras e sofrimentos os seus primeiros livros de critica e de combate.

Sahiram mais: a 3.ª edição dos *Meus Amores*, de Trindade Coelho, com a seguinte disposição de texto: *Amores Velhos, Amores Novos e Amorinhos; Narrativas do Coração*, de Sienckiewicz, tradutor e editor Antonio Figueirinhas, do Porto; *Atravez da Europa e da África* impressões de viagem, de Oscar Leal, editor Tavares Cardoso; *A Ordem de Christo*, estudo historico de Vieira Guimarães, 1 vol. de 372 páginas impresso na typographia da Empreza da Historia de Portugal; *Prisões, Fianças, e Registo Criminal* (contendo no fim de cada capítulo a legislação que rege ou estreitamente se prende com estes assuntos) por Abilio Adriano de Sá; *Os Criminosos*, estudo anthropologico e criminologista, segundo os processos modernos, pelo dr. Ferraz de Macedo.

Também apareceu o *Almanack Bertrand* para 1902, coordenado pelo sr. Fernandes Costa. Feito no gênero das publicações similares mais completas do estrangeiro - o *Almanack Bertrand* pode, na realidade, defrontar-se com elas sem receio, tal é o escrupulo com que o organisa o illustre homem de letras, que o dirige. A edição é explendida de nitidez e esmero; o texto interessantíssimo e variado. O *Almanack Bertrand* é hoje incontestavelmente a primeira publicação d'esta ordem em Portugal.

Lisboa, 30 novembro.

MAYER GARÇAO.

## O Porvir Brazileiro

(AS QUESTÕES CAPITAES DO BRAZIL—AS FINANÇAS, A ECONOMIA, O ENSINO, A POLÍTICA)

### I.—O PROBLEMA FINANCEIRO

O orçamento de 1900 calculava a renda em papel em réis 280.038.000; a despesa em 1.062.607\$243 e a receita em ouro em 53.975.543\$393 e a despesa em 36.973.646\$021 réis. Realizada a apuração, em março de 1901, observou-se um saldo positivo de 76.901.930\$000 réis. E tenha-se patente que esta não é a liquidação total, porque —umas delegacias e alfandegas por demorarem a ponderável distância, outras por estarem habituadas ao *laissez faire* das épocas saudosas, em que só os predestinados se entendiam no caos orçamentológico, —ainda falta escriturar na arrecadação basta sommas. Este milagroso saldo, entanto, reduziu a parte em ouro ao cambio de 8 3/4, assim como a de 1899 foi calculada ao cambio de 7 7/16, reforça a autoridade moral do governo e deve consolar o paiz dos sacrifícios feitos para a sua restauração, realizada com os únicos recursos do tesouro. —O orçamento de 1901, regulado pelos mínimos do de 1899, comparte-se assim:

—Receita em papel, 286.082 contos; despesa, 24.514; saldo, 41.568; receita em ouro, 58.830; despesa, 37.509; saldo, 21.330. Que mais exigir, em tão curto e amaro prazo? ...

Propalam os desafectos ao presente governo republicano que elle dominou a crise orçamentaria e tirou o Brazil nos braços da crise económica. Não é completamente infundada esta censura, embora não seja cabalmente acertada. Atraz frisámos que, se o ministro da fazenda não tivesse retido a circulação 98 mil contos —(pois que o abuso do crédito, principal mal a que o papel-moeda havia dado origem, se estava corrigindo antes da incineração)—na mesma occasão, em que triplicava equitativamente os impostos, o fugaz descalabro económico teria sido em grande parte attenuado. A nação podia perfeitamente suportar esse aumento de tributos, porque, ao passo que o argentino paga 5978\$75 réis, o habitante brasileiro contava apenas com 151\$125, isto ao cambio de 7

1/2, em 1898, conforme o calculo do sr. Duarte Rodrigues, sendo as taxas mais favoráveis à República Argentina do que à República Brasileira. Mas, por outro lado, concordámos em que não há razão absoluta para os clamores dos industriais. Os impostos de consumo não representam senão a compensação do protecçãoismo pautal, aliás salutarissimo, se permanecer, com as precisas corrigendas. Deve olhar-se a que muitos dos lucros da indústria nacional provinham da baixa cambial, amparada pelo protecçãoismo, o que inutilisava a concorrência estrangeira, acarretando paralelamente a superabundância de productores dos mesmos artigos. Os industriais de tecidos, fosfatos, cerveja, gravatas, calcados, chapéus, etc., excederam em breve tempo o consumo da nação —e lá fora é óbvio que não podiam competir com paiz algum, se quizessem alargar o mercado, devido ao custo da manufatura e à sua natural imperfeição. Inundaram o Brazil de industrias, sem primeiro atenderem ao numero dos consumidores —e sem espalharem escolas industriais. Erro sobre erro.

Seja como for, contudo, o averiguado é que o dr. Murtinho, assim como pôde a direito na burocacia, sem contumácias, assim também, com a mesma justiça, conjugando os interesses do povo com os do tesouro, sacou as possíveis contribuições. O paiz comprehendeu-o, alfin, investindo-o da necessária autoridade moral. Podia por momentos perturbar-lhe a justiça o seu pulso demasiado forte, querendo provocar, determinar e dirigir os acontecimentos. Não reparou, por exemplo, em que a circulação é tão essencial ao fomento da riqueza como a produção, consoante adduz um economista. Mas a sabedoria das nações proclama que, para grandes males, grandes remedios. Não havia tempo a perder. Foi remodelado o sistema das aposentadorias, transformado organicamente o montepio, rescindidos contratos onerosos, fiscalizadas as arrecadações, alugadas estradas de ferro improductivas, que hoje dão lucros aos arrendatários, e demittidos milhares de funcionários.

Adrede vem o citar aqui dois trechos dum livro do mimoso deputado português Abel Andrade, onde estereotipa a proliferação de despezas com a empregomania e o militarismo em toda a parte: —«A burocacia brasileira foi aumentada nos últimos sete anos (90-97) com 46 mil nomeados! A despesa com os respectivos vencimentos em igual período cresceu 68.000 contos! —De 94 a 97 aumentou a dívida pública do Brazil 136.000 contos —dívida externa 36.000 contos; dívida interna 100.000 contos». (*A vida do direito civil*, 1.º opusculo, pags. 122-23). E' preciso notar, primeiramente, que o accrescimo de empregados se ampara na estupenda movimentação que a República, ou seja a estrutura federativa, trouxe à collectividade. Garantimos, todavia, que foram licenciados alguns milhares pelo actual governo federal, que é bom não confundir com os *estados*. O dr. Abel Andrade, especializando a República Brasileira na sua enumeração, como o sr. Paulo Leroy Baulieu pretendeu empanhar o Brazil em proveito da República Argentina, esqueceu-se somente de acrescentar que a dívida da monarquia portuguesa, há 50 annos em santa paz, importa em *oitocentos e setenta e dois mil contos fortes*, só a consolidada, numeros redondos. Não incluímos a dívida flutuante, que é de 62 mil contos. Isto representa um encargo annual, pelo ultimo orçamento português, de 39.831 contos fortes, ou sejam 57 por cento das receitas geraes. Ora, se o estudioso lento universitário se desse ao empenho de emendar o seu trabalho de 1893, verificaria que a República Brasileira, tendo passado 9 annos em derrancadoras guerras civis, padecendo os horrores que lhes são conjuntos, devia em 31 de março de 1900, conforme o relatório do sr. Joaquim Murtinho: —*Dívida externa fundada*, lb. 38.639.201; *interna fundada*, 483.520.000\$000; *interna fluctuante*, 22.476.975\$000, anterior a 1827, não inscrita e menor de 400.000 réis; 135.994\$460, inscrita no grande liero e 1.8.765\$260, inscrita nos lieros militares dos Estados, ainda não lançada no grande liero; *letras do tesouro*, por antecipação de receita, 10.017.500\$000 réis. Tencos, tomando a libra ao cambio de 12, ou sejam 20\$000 réis brasileiros, um total, em moeda fraca, de 1.288.785\$518720 réis. Agora, reduzindo réis fortes a réis fracos, e concedendo o valor de 300\$000 réis brasileiros aos 100\$000 réis portugueses, apuraremos um total de 2.616.000.000.000 de réis. Quer dizer: —Portugal deve apenas, em numeros redondos, moeda brasileira, *mais um milhão e trezentos e vinte e oito mil contos*, possuindo umas colonias tão productivas como o Brazil, um continente que iguala em dimensões qualquer dos menores Estados Brasileiros e gozando uma calmaidade liegoa hincin e nro!

A seguir.

Fran Pacheco.



**A moda d'A REVISTA**

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Fevereiro de 1902

NUM. 12



OS ACADEMICOS BRAZILEIROS

**Luiz Murat**

## O Poeta

O Poeta é um monstro antediluviano:  
Tem as azas de treva e as garras de luar...  
Andam-lhe dentro d'alma as fúrias do oceano  
E a voz da madrugada a rouxinolear.

Perdido nesta vida extupida guayar,  
Debalde lhe troveja aos pés, num côro insano,  
Dos homens o rancor... continua a sonhar  
Dentro do seu orgulho enorme e soberano.

De quando em vez sacode a formidável juba  
E a casila que o cerca impavido derruba.  
Abafando um soluço homérico de dor !...

Misterioso e só neste mundo macabro,  
Irmão, lembrá o Poeta um selvagem condor,  
Atirado dos céus dentro de um volatário.

*Pethion de Villar.*

Bahia, 27 de Abril—1901.

## A tuberculose

Nos precedentes artigos que publiquei com o intuito de diffundir, entre nós, os meios que se devem empregar para lutar contra a tuberculose, mostrei ser ella contagiosa e evitável; neste, occupar-me-hei do seu tratamento racional, cujos resultados são tão animadores que já se pode afirmar ser ella muitas vezes curável.

Para bem descrevel-o e mais autorisadamente transmitti-lo aos meus leitores, entendi que devia seguir, aproveitando-me frequentemente até das próprias palavras, o excellente livro do dr. Sabourin, antigo interno dos Hospitaes de Paris e actual Director do Sanatorio de Durtol.

Como tenho empregado nos artigos anteriores, ora a palavra phtisica e ora a palavra tuberculose, julgo opportuno, para evitar que pare qualquer dúvida a respeito na intelligencia do leitor, explicar-lhe que estar tuberculoso ou phtisico é sempre o efecto do bacillo de Koch; e que a phtisica é o período mais adiantado da molestia, no qual, além do referido bacillo, cooperam outros na destruição do organismo.

Dado este esclarecimento, passo a tratar do assumpto que constitue a essencia deste artigo, com que termino, pela imprensa, a propaganda que iniciei n'«A Revista do Norte», contra o desenvolvimento da tuberculose.

Gyra em torno da hygiene, a base do tratamento racional da phtisica, em 3 ordens de prescrições:

1.º O doente deve viver em um meio em que o ar esteja sempre puro, tanto durante o dia como a noite.

2.º Deve suprimir tudo que lhe cause fadiga física, moral ou intellectual, isto é, deve repousar.

3.º Deve se submeter a uma alimentação sã, substancial e abundante, isto é, superalimentar-se.

E mediante o emprego methodico e persistente destas condições hygienicas, ha muito tempo conhecidas, que a sciencia tem na actualidade, conseguido resultados na cura de uma molestia tão velha como a medicina !

A cura por meio do ar puro, isto é, do ar sempre renovado produz consequencias admiraveis.

Sabe-se que o ar confinado, ou o ar impuro, é causa determinante da fraqueza organica que, por sua vez, predispõe para o apparecimento da tuberculose.

Ora, sendo a exhalation pulmonar um meio pelo qual se elimina do organismo grande quantidade de principios toxicos, o individuo que se conserva, por muito tempo, em um aposento sem ventilação livre, começa a respirar o ar que já expirou, isto é, a absorver os resíduos da propria exalação.

E, se isto é prejudicial aos bons, imagine-se que mal causará aos afectados da pulmo-tuberculose, nos quais a permanencia em atmosphera viçada apressa a evolução da molestia.

A cura pelo ar exige, que o doente permaneça durante o dia ao ar livre, sentado em cadeiras apropriadas afim de que, sem incommodo, nelas possa ficar por muito tempo, ou mesmo deitado, se o seu estado não lhe permitir se conservar naquela posição; mas sempre à sombra, pois que está provado serem os raios do sol prejudiciais aos tuberculosos especialmente aos febricitantes, aumentando-lhes febre ou produzindo-lhes nos pulmões accidentes congestivos.

Exige, durante a noite, que o aposento de dormida se conserve de modo tal que a aeração seja constante, o que se obtém deixando abertas as suas janellas, embora o doente esteja febril, evitando-se apenas que as correntes de ar se dirijam directamente sobre o seu leito.

Observa-se frequentemente nos sanatorios que, no decurso de poucos dias de tratamento, sentem-se bem dispostos os doentes, despertam satisfeitos e vão se tornando cada vez mais escassos a febre e o suor.

Convém que a cura pelo ar seja mantida durante o dia e durante a noite, visto como aquelles que só se lhe submettem durante o dia, retardam o tratamento. Juntamente com este meio de cura o doente deve se manter em repouso.

Não se exige que elle se condemne à immobilitade completa, exige-se-lhe apenas um repouso methodico que irá diminuindo a medida que o organismo for adquirindo forças, isto é, se nutrindo.

O medico prescrever-lhe-ha os exercícios que lhe forem apropriados. Em quanto fraco e abatido, qualquer exercício, embora moderado, é prejudicial, porque nesse gasta a nutrição adquirida, que deve ser reservada para fortificar o organismo, impedindo que o bacillo continue a encontrar terreno fraco e portanto adequado ao seu desenvolvimento.

Todo aquele que se sentir tuberculoso deve deixar desde logo os seus afazeres e preocupações moraes ou intellectuaes, por um, dois ou tres annos, tempo necessário ao seu restabelecimento, afim de não se ver obrigado a abandonal-os mais

tarde, quando a cura será mais difícil e prolongada ou impossível.

A preocupação mental é tão nociva que o citado auctor diz ter observado nos hospitais, aumento de temperatura, nos febrilantes, nas tardes dos dias destinados à visita dos parentes e amigos.

O terceiro elemento que completa o excellent tratamento de que me tenho ocupado é, como disse em princípio, a superalimentação: o doente deve comer, comer muito e muitas vezes.

Ensinava, há muito, um notável clínico francês que dever-se-ia avaliar a duração da vida de um tuberculoso, pelo funcionamento do seu estomago, que é, na phrase de Sabourin, «a praça forte dos phtisicos».

E exacto que muitos doentes sentem fastio assustador, repugnância quasi invencível para os alimentos principaes, mas a cura pelo ar, associada ao repouso, ordinariamente determina o aparecimento do appétite.

O doente deve ingerir, embóra praticando um esforço de vontade, os alimentos que lhe forem prescritos, visto como é incontestável o que um anexim antigo já dizia: «comendo vem o appétite».

Melhoram logo os que se convencem desta verdade.

Para despertar o appétite e facilitar a digestão aconselha o auctor que tenho citado varias vezes, o seguinte:

1.º O doente deve se habituar a beber pouco por occasião das refeições, pois que, em geral, quanto menos se bebe, mais se come.

2.º Muitas vezes basta suprimir o uso do vinho às refeições, substituindo-o por agua, em pequena quantidade, para que desapareçam, como por encanto, muitas dyspepsias.

Além de que se dê a superalimentação é preciso que o doente use de alimentos substanciaes e muitas vezes por dia, isto é, além das refeições ordinarias, deve tomar nos intervallos, leite, ovos quentes, extractos de carne, somatose &c.

E justamente por sua accão reconstituente que o óleo de fígado de bacalhau dá excellentes resultados, quando oportunamente indicado na tuberculose.

A propósito da repugnância invencível para os alimentos Sabourin cita o caso de um doente a quem, depois de muita insistência, obteve que ingerisse quotidianamente, como se fossem medicamento, 18 ovos crus e certa porção de vinho de boa qualidade.

Decorridos dois meses, continuando sempre submetido à cura pelo ar e repouso, cessou a febre e já comia pão.

Cita ainda outro tuberculoso que conseguiu livrar-se da febre ingerindo diariamente cerca de 1 a 2 litros de leite e de 500 grammas de carne crua.

Depois da descoberta da causa da tuberculose, muitas experiências de laboratório demonstraram que varios processos chimicos e physicos matavam o bacilo de Koch ou attenuavam fortemente a sua virulencia.

Foi assim que eivou-se a therapeutica de me-

dicamentos dotados da propriedade de curar a phtisica, esquecendo-se os seus descobridores de que a quantidade em que os deviam empregar era incompatível com a vida humana, visto como envenenar-se-ia quem os ingerisse na dose necessaria à destruição dos bacilos.

O que está provado, o que tem dado excellent resultado é o tratamento racional de que me ocupei.

A vantagem dos sanatorios consiste em ser esse tratamento rigorosamente observado, e dispõrem elles, para esse fim, de compartimentos apropriados ao repouso durante o dia, de varandas envolvidas, de kiosques de abrigo, espalhados em parques sombrios, onde passeiam os doentes, de dormitorios onde os preceitos hygienicos sãometiculosamente executados, acrescentando-se a tudo isto, uma direcção inteligente e dedicada, de sorte que, se comparando o estado do doente que entra para o sanatorio com o que elle apresenta alguns dias depois, se pode dizer: «Nada se parece menos com um phtisico em liberdade, do que esse mesmo phtisico em tratamento no sanatorio».

Aos que não poderem recorrer aos sanatorios, cuja existência no Maranhão, actualmente parece-me irrealisável, attendendo-se a que ainda não temos para os lazarus, nem para os alienados, os estabelecimentos adequados, aliás de immediata necessidade, aconselho que, aos primeiros symptomas da molestia, retirem-se para o campo, tenham os seus aposentos, dia e noite, sempre arejados, alimentem-se bem e muito, abandonem toda e qualquer preocupação, evitem o contacto com outros tuberculosos, desinfetem, tendo escarradores com solução antiséptica, o producto de sua expectoração, isto é, os escarros, e, finalmente acrescentem a tudo isto, se quizerem, o uso de qualquer medicamento creosotado.

Ensinava Hippocrates, o fundador da medicina, que «a phtisica, quando bem tratada, melhora», hoje, 25 séculos depois, se pode dizer—a phtisica cuidada em começo é muitas vezes curável.

Terminando afirmo, a respeito da curabilidade da tuberculose, conhecer no Maranhão alguns casos que a attestam, e adduzo outra importante prova me reportando ao proprio auctor do excelente livro que tenho seguido, o qual, além de ser auctoridade incontestável no assumpto, é um caso de cura, uma auto-observação, como elle o diz.

Cura, empregando os meios que o curaram.

DR. JUSTO JANSEN.

## O mez litterario em Portugal O Theatro

A crise dos theatros—D. Maria: A Segunda mulher de Tanqueray e o Suave Milagre—Um conto de Eça dramatisado—Os mysterios.—D. Amelia: A Sorte e a Corrida do facho Zaccioni e as suas últimas recitas—Tolstoi, Hauptmann e Giacosa—Nos outros theatros.

Mez de frio, mez de chuva, mez final, Dezembro não deu ao publico portuguez o que se chama o acontecimento artístico. Foi, como dizem os franceses, um mez em branco.

Como nos precedentes, a vida da arte concentrou-se no

theatro, que nos mezes de inverno triunfa, não sei se mais pelo calor das suas salas do que pela serie das suas representações. Triumfo, de resto, pouco compensador, porque, a dura verdade o manda dizer, os theatros estão, sem exceções, atravessando uma crise que lhe é promovida pelos espetáculos dos dois grandes circos que Lisboa possue e que todas as noites desviam para junto das suas arenas a maior parte da população que passa a noite fóra de casa, eximindo-se à bisca ou ao voltarete do lar doméstico.

E no theatro continua o reinado da tradição. Originada de responsabilidade, um apenas, e esse mesmo inspirado n'um conto primoroso do Eça, o que singularmente diminui a sua significação, como trabalho dramático, tanto mais tratando-se d'uma estreia no theatro. Refiro-me ao *Suave Milagre*, o mysterio dos srs. conde de Armoso e Alberto de Oliveira que ante-hontem, com uma assistência da velha e da nova aristocracia em peso, se representou no theatro de D. Maria. E já que falei em D. Maria, sigamos pela ordem dos seus es-



### MARANHÃO—Uma palhoça—(PHOT. TEIX.)

pectáculos durante o mez que hoje fin la.

Antecede a *première* do *Suave Milagre* uma peça ingleza: *A segunda mulher de Tanqueray*, de William Pinero. A peça, apesar da reputação internacional que lhe tem dado a circunstância de figurar no repertório da Duse, é má. E é má talvez precisamente por essa circunstância. As chamadas pe-

ças de *papéis* peccam sempre pelo facto dos exclusivismos que da sua propria natureza resultam. O drama de Pinero tem dois desses papéis: o do marido, o da mulher, Tanqueray e Paula. E o de Paula que, transfigurado pela prodigiosa criação da Duse, tem posto tanto em foco o insignificante e incohórente trabalho do inglez. Para a Duse, esse papel é feito com os olhos — os seus enigmáticos olhos de hysteria e genio. O de Tanqueray, quando um grande actor como Novelli ou Zucconi, lhe transmittir o influxo vital do seu talento, será também uma principal criação artística. Mas qual é o papel, de recursos teatrais, mesmo nas obras dramáticas mais finas, que interpretado por artistas poderosos não resplandeça de intensidade e brilho?

A peça de Pinero é má e inferior. Má, porque a não anima um intuito moral elevado; inferior, porque a observação dos seus personagens claudica tão flagrantemente como a lógica da sua trama. O estylo é fraco, a ação tão depressa demorada, como soffrendo de irregulares precipitações. Tens factos que se não justificam como tem caracteres que se não definem. O enredo é curto. Um inglez rico. Tanqueray, depois d'um casamento pouco feliz, porque sua mulher, levando ao exagero as práticas d'un puritanismo religioso lhe não proporcionou os gozos d'un lar amorável, une-se em segundas núpcias com uma aventuraria do passado escandaloso e transportes hystericos, a Margarida Gouthier, que pelo decorrer da peça se não chama a saber se com efeito ama ou não. Este casamento, naturalmente considerando *Shock* pela sociedade em que vive Tanqueray, isola-o, como era



PARNÁIBA — O THEATRO 7 DE SETEMBRO — (PHOT. G. CUNHA)

SUPLEMENTO AO N. 12

16 DE FEVEREIRO DE 1902



A REVISTA DO NORTE Paul Wagner-A Ilha Maranhão—BRASIL

de esperar, d'essa sociedade, na qual Paula desejaria penetrar soberanamente. A este primeiro ponto de conflito, junta-se outro: o da presença da filha do primeiro matrimonio de Tanqueray na casa onde, enquanto ella estava a educar fôrça, se introduziu uma madrasta. A filha de Tanqueray é uma ingenua *sui generis*. Dando até certas alturas provas d'um misticismo exagerado, declrando peremptoriamente ao pae que quer consagri-se a Deus, o que é, até certo ponto, uma das causas de Tanqueray se casar, annuncia-lhe que reconsidera e irá viver em «na companhia, na vespresa do seu matrimonio, quando já elle o não pode evitar. Não se explica nem se percebe esta subita reconsideração, como não se explica nem se percebe como ella, mais tarde, depois d'um breve nrmoro, se evade, d'um momento para o outro, ao seu constrangimento devoto e assustado de educanda protestante, para se transformar n'uma amorosa de paixões intensas. Menos se explica e menos se percebe ainda a razão de Paula berrar continuamente aos ouvidos do pobre Tanqueray amargas recriminações porque a enteada lhe não tem afecto, e ella a ama, — assim o pretende demonstrar Pinero, — com tão grande ardor, que d'essa sympathia irresistivel e não compartilhada deriva, no quarto acto, o seu suicídio que põe termo a esta incoherencia dialéctica. Porque Paula suicida-se, quando descobre que o namorado da filha de Tanqueray é um dos seus antigos amantes, e n'um impeto de honestidade a que nada a força nem o seu carácter justifica, descobre ao marido o segredo d'essa antiga ligação.

Sobre este entrecho bordam-se situações extravagantes e phrases que desorientam o mais simples bom senso. Paula procede com o nraido, que Pinero nos quer apresentar como um rígido e digno inglez, d'um a forma impossível; diz-lhe palavras, ameaça-o com escândalos, faz-lhe scenas, a propósito das mais insignificantes pretextos que nem o mais pacífico ou o mais insensível dos homens deixaria de lhe pegar por um braço, e pôr a fôrça da porta, caso a sua educação e temperamento não o impedissem de fazer-lhe os ossos n'um feixe. Apparece na peça uma lady a valer, a senhora Courteyon e esta lady, espelho de aristocracias, no pensamento do autor, sofre também, com uma admirável philosophia, sem que a paixão n'asculha de Tanqueray a justifique melhor ou peior, as mais insensatas grosserias de Paula que em certos momentos se manifesta uma regata n'a accorde. E por fim, para se julgar do valor da *Segunda Mulher de Tanqueray*, quanto a idéas, lhe sta apontar a scena em que o pae põe as mãos na cabeça, horrorizado ao contar lhe a filha que o novo honradamente lhe confessara ter tido, como todos os rapazes, ligações e deslizamentos da mocidade e que ella lhe perdoou, quando elle Tanqueray perdoara à sua nova consorte todas as prestatuições em que ella, com nomes de guerra, se enlodara, offerecendo-lhe o seu nome e dando-a por segunda mão a sua filha.

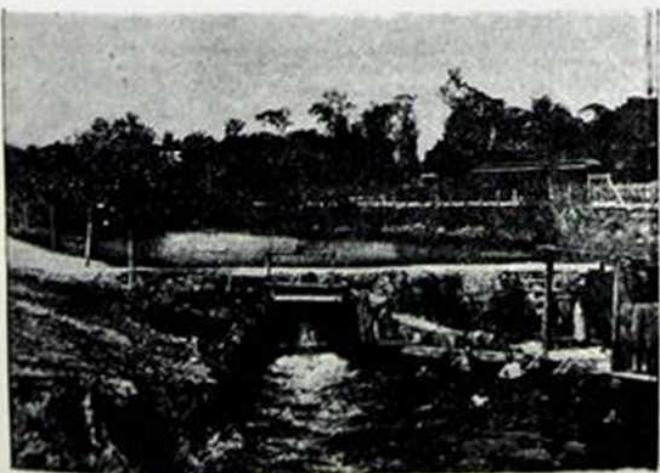


PARÁ — Estrada S. José — (PHOT. FIDANZA)

O desempenho acabou de matar este *embroglio*. O actor Fernando Maia fez de Tanqueray um manequim, sem gestos, sem gritos, sem olhar, que parecia, em scena, não se poder mexer sem ser empurrado pela sua digna esposa. A actriz Georgina Pinto fez os gastos da berraria por ella e pelo outro. Fez o que pôde, é certo, — com os seus recursos, e tendo pela frente o esmagador confronto da Duse. O resto, de braço dado com os tradutores, contribuiu honradamente para a execução, que supponho em homenagem ao bom gosto da empresa de D. Marin, terá sido definitiva.

Dois ou tres réplices, com o *Caminheiro* e Richequin e o *Pae Prodigo*, de Dumas, prepararam o caminho para a estreia do *Suave Milagre*.

E bem conhecido o lindo conto de Eça de Queiroz, no qual, tão finamente evocada, surge e palpita a essência ainda virgem do christianismo, liberto de dogmas e regumando fé, bon-lado, esperança, perdão, justiça, como um bello fructo doce e fresco, colhido no pomar d'esse espírito sempre anioso de plenitude e ventura que é o espírito da humanidade, em todo o caminho do seu progresso, do seu ideal insauspeito. A nascente fama do Christo espalha-se pela Judeia inteira, — é o princípio do seu transito pelos duros trilhos do mundo, transito que o destino marcou para se terminar na ascensão d'uma montanha silvestre e na apoteose d'uma cruz de expiação. Ainda não é sequer ouvida com atenção a sua doutrina evangelisaion, mas já se conhecem os doces benefícios do seu olhar e do seu gesto. Faz bem: cura enfermos, resuscita mortos, — a Dôr e a Morte fogem espavoridas diante d'elle, como morcegos que affugent a clara luz da madrugada. Em torno d'elle forma-se a leenda: é leouro o seu cabello, prophético, são leouros os fios da sua barba, — todo elle resplandece com a cor do metal glorioso que à imaginacão dos homens se representa como a causa mais preziosa de que dispõem para fabricar e ornar os seus ídolos. Por onde elle passa fixa uma luz dourada. Dir-se-hia que uma aurora se humaniza no corpo do Rabbi jovem. E faz o bem por toda a parte, onde elle chega é um paraíso, quando elle se approxima.



PARÁ — MACUANY, ESTIBADA DE ERAGANÇA (PHOT. FIDANZA)

ma já todos os scres se sentem libertos de todos os males e de todas as duvidas, — com o espirito alado, o corpo agil, a consciencia leve. Cura todos, cura tudo: a alma e a materia, é uma resurreição que anda entre os homens envolta n'uma túnica de linho.

Posto isto, sabe-se qual é, de todos os milagres, o mais suave, que Eça de Queiroz lhe atribuiu. E' breve a historia. Ha um homem rico cujos gados definham, e que manda buscar pelos seus escravos o Cândido Rabbi, supondo comprar, com dinheiro, o beneficio da sua virtude. Ha um romano poderoso, cuja filha exhala n'um suspiro a débil existencia que um abandono de amor quebrou, e esse potentado ordena aos seus soldados que lhe tragam o homem de Galileia, querendo, mesmo á força, constrangê-lo a salvar-lhe a filha, que se estiola como uma flor. Mas nem escravos nem soldados encontram outra causa que não seja o echo enternecido da crescente fama de Jesus. E entretanto, n'um miseravel lar, uma creança pobre ergue os braços devorados pela febre, e gemme: «Ah! que se Jesus me visse, ele me salvaria!» «Estás louco, diz a mãe tragicamente. Se elle não foi ao chamado de Obid nem de Púlio, como viria aqui, à nossa casa fria e sem pão!» E uma voz sóa no limiar da porta, aberta de par em par: «Aqui estou!» E' o Rabbi, que illumina todo aquele escuro antro de miseria e abandono, como uma claridade do ceo.

Para transplantar á scena esta joce idealização, uniram-se quatro dedicadas e intelligentes vontades. O conde de Arinoso, um dos mais fieis amigos de Eça, caprichou em manter na peça as proprias palavras do grande escriptor, e envidou todos os seus esforços, com resultado, confessasse-se, para se conservar, na parte propriamente original, n'uma linha serenamente harmonica com o maravilhoso estylo do joalheiro da Reliquia; Alberto d'Oliveira moldou no rythmo de admiráveis versos, toda a poesia burilada em prosa do trecho lyrico cujo contexto acaba de tracejar; Manini poz no seu pincel as cōres do ceo da Júdea, e accendeu-o na sua religiosa tristeza com o sol pallido dos crepusculos; Oscar da Silva embalou, n'uma ondulação musical, as queixas da creança romana que morre e exalta n'uma glorificação de hymno, os louvores do Sol que nasce, na invocação magnifica do sacerdote pagão.

A pontado, com juíza, o mérito litterario e artístico da obra, resta examinar um ponto. O *Suave Milagre* é um *mystério*, e os *mystérios*, simplissimas creaçōes medievais, poderão acomodar-se ao theatro moderno? Não me parece que deva ser affirmativa a resposta, tanto pelo que respeita á technique theatrical como pelo que se refere aos intuitions da dramaturgia actual. Quando o proprio drama historico tende a desaparecer, pelo menos como simples evocação de épocas distantes, o *mystério* menos se admite e justifica. Produto de tempos de fé singela e absoluta, desnaturalizou-se nos nossos dias de livre exame, que se estende a todos os factos, a todos os phenomenos, e a todos os principios que tanto se approxima desse genero especial relativo insucesso da *Samaritaine* apesar dos maravilhosos versos de Rostand, tão grande triunphador do theatro, comprova o que deixei assinalado.

E com isto não pretendo diminuir o valor da producção dos srs. conde de Arinoso e Alberto d'Oliveira, visto que não se pode analysar uma obra senão pelo fim que ella se propõe e pela logica realização litteraria que conduz a essa finalidade. O *Suave Milagre* é um *mystério*, e como *mystério* tem de ser avaliado como um trabalho honesto e de valor.

A seguir ao *Suave Milagre*, o theatro de D. Maria porá em scena um espetáculo composto de duas *prémeres*.

Uma é do *Enigma*, de Paul Hervieu, que tem sido o maior sucesso da *comédie Française* n'esta época, a ponto da critica parisiense, ainda a mais grave e circumspecta, não hesitar em classificá-lo uma obra prima de factura dramatica. O *Enigma* tem dois actos, e foi traduzido pelo dr. Joaquim Madureira. A outra é a comédia *Os Romanescos* de Edmond Rostand, que ha muito tempo não sae do repertorio da Casa de Molière. Tem tres actos e traduzio-a em verso aquelle que escreve estas linhas, o que de sobra justifica o laconismo das noticias que se lhe refiram.

Ac mesmo theatro foi apresentada uma peça d'un escriptor novo, Affonso Gayo, o poeta da *Coroa de Epinhos* e dos *Heróes Modernos*. Intitula-se *O Desconhecido*. E consta-me ainda que o sr. Jorge Santos destina á mesma casa de espetáculo um drama que está concluindo.

Depois das representações a que tive occasião de alludir na minha ultima chronica, o grande actor Zucconi deu ainda

no D. Amelia mais quatro recitas, que constituiram um prolongamento delicioso d'esse assombro de arte que durante uma semana curvou toda a Lisboa perante o seu genio profundo e excepcional.

A primeira foi com as *Almas Solitarias* de Hauptmann, a segunda com o *Poder das Trevas* de Tolstoi, a quarta com o *Diritti dell'anima*, de Giacosa, tudo novidades litterarias para o nosso publico. A terceira com o *Kean*, peça demasiadamente conhecida, mas cuja interpretação inteiramente nova obteve um successo que seria a mais flagrante injustiça negar-lhe.

As *Almas Solitarias*, porventura por desficiencias do meu espirito, não lograram produzir-me aquella admiração a que a reputação internacional do seu autor me suggestionava. Pareceu-me falta de senso moral, embora a sua technique seja perfeita, o seu detalhe conscientioso e brillante, causando-me uma impressão muito semelhante á que experimentei com a *Honra* de Sudermann. N'essa, a par de inegaveis revelações de talento e de diversos pontos accessórios bem tratados, o commentario dos espíritos que se não prendem apenas ás qualidades estritamente litterarias d'uma obra, tinha forçosamente de ser desalentador, ao ver que o protagonista da peça, symbolo d'uma nova educação moldada em formas de progresso moral, abandonava a sua família á crápula da sua baixeza desistindo de a redimir com a sua energia de pensamento e de ação. Uma sensação de tal ordem confrangeu-me sempre, sobretudo comparando-a ao procedimento diverso d'essa grande figura do dr. Stockmann, creada por Ibsen no *Inimigo do Povo*, o qual, apedrejado por uma população inteira, repelle o projecto que, por momentos nutritivo, de abandonar a luta com os prejuízos e a ignorância publicas, resolvendo ficar no seu posto, para recomendar o seu admirável trabalho de luz com a fundação d'uma escola.

Pois foi a mesma sensação de tristeza, envolveno um implicito protesto, a que experimentei ao ver no palco do D. Amelia as *Almas Solitarias*. O assumpto é simples: um artista, casado com uma boa e amorável criatura, que na sua simplicidade ingenua encerra a verdadeira poesia que o requintado espirito do marido procura atingir com subtils combinações de formas e fugitivas impressões de phrases, é por elle sacrificada a uma recém-vinda, de temporeamento igual ao seu que, em seu entender, o comprehende e portanto se lhe affigura a ideal companheira da sua existência. E, como se vê, qualquer cousa como a *Gioconda* de Annuzio em que a chamada Belleza esthetic vence a Bondade, como se esta não fosse, como o demonstra Tolstoi no *Qu'est-ce que l'art?*, a verdadeira e inconfundivel Belleza. Contudo, eu aceitaria ainda, integrando-me no pensamento do dramaturgo, essa sobreposição immoral, —na justa significação do termo,— se elle conduzisse a ação a um *desideratum* logico, dentro das suas proprias idéas. Mas não! Surge o conflito; a amada do artista, subordinando o seu coração ao que não duvida considerar um dever, parte, e o artista suicida-se. Não a segue, como seria licito esperar de quem esmagasse aos pés o preconceito d'uma ligação legal que já não lhe concede a felicidade; não fica, como poderia tambem aguardar-se d'um espirito generoso que, para não assassinar de desgosto uma mulher que o ama apesar d'elle já a não amar, se decide a sacrificar-se a quem não tem responsabilidade da dor que lhe causa, cumprindo assim as determinações do mesmo dever que levou a adventicia intellectual a aflatizar-se. Não! suicida-se! Quer dizer: nada prova, nada determina, assassina ao mesmo tempo o dever do coração e a ancia da alma. E' um fracasso total, que o bom senso repelle como incoherente e inutil.

Grande, prodigiosamente grande o *Poder das Trevas* de Tolstoi! Não será uma obra theatrical, concedo. Mas é uma obra de formidável psychologia, d'uma honestidade admirável, filha d'uma alma tão grande como outra a não revela há muito tempo na arte contemporanea. E' o tipo do theatro das idéas, —essa é a que sempre viverá na imaginação dos que a viram; interpreta-la pelo sobrehumano tragicó! O *Poder das Trevas* evade-se a todos os convencionalismos, mas sem esse parti pris dos innovadores que pretendem, pela estupefacção do publico ante facilis audacias, crear rapidamente um nome que mais se doira de baratos charlatanismos do que de fortes manifestações de talento. Tolstoi não, fal-o com aquella simplicidade que é o segredo do seu prodigioso triunfo sobre a alma moderna. Nem um *true*, nem uma situação explorada ficticiamente, nem uma phrase litteraria, nem uma exteriorização brillante de scenariô ou de guarda roupa. Só o p. ocupava a sua ideia, só pensa em comunicá-la a todos,

com a maior das eloquências,—a dos factos. O *Poder das Trevas* examina, n'um dos seus aspectos, a vida dos *moujicks*. Acabada a peça, Tolstoi não a leu a litteratos, leu-a a *moujicks*. Assim que viu que lh'a comprehendiam, publicou-a. Todo ali é grande, porque é o Sentimento, porque é a Verdade. A alma simplista do povo sangra, e o seu sangue é vivo, é natural, é quente, como o que brota d'uma ferida que um golpe cruel rasgou aos nossos olhos. E como é natural, e como é verdade, a perversão litteraria sente-se desiludida com a falta de effitos a que se acostumou, pela transfiguração e o aggravamento da dor humana pelo doentio requinte artístico. Todavia, a peça de Tolstoi é uma verdadeira tragédia, d'onde se extrairiam com a maior facilidade os *tristes*, as situações, os lances e os gritos que, no seu gabinete, os litteratos fabricam a frio para as exigências rotineiras das platéias. E isto o que vulgarmente se chama a arte, quando, de facto, a arte é o processo de Tolstoi, em cuja obra inteira, como no *Poder das Trevas*, resplandece o que em justiça se deve denominar a magestosa simplicidade do genio.

Em ambas estas obras, como no *Diritti dell'anima*, de Giacosa, uma boa e nobre peça moderna, cheia de intensidade dramática, o trabalho de Zaconi foi extraordinário. A scena muda do quarto acto das *Almas Solitárias*, em que o artista sente atravessar-lhe o fixar-se-lhe no cérebro a idéa do suicídio, como aquelas em que o Nikita de Tolstoi aparece embriagado, no terceiro acto do *Poder das Trevas*, e assassina a criança, que é seu filho, no quarto acto, constituem imperecíveis recordações para todos os que, com o coração a pulsar de espanto e seguiam com os olhos e com a alma.

Como Zaconi tivesse manifestado o desejo de ver representar os artistas portugueses, a empreza do D. Amelia poe em cena o *Alcacer Kibir*, de D. João da Camara. Zaconi aplaudiu com entusiasmo o trabalho dos primeiros actores d'aquele teatro, Rosas e Brasão, e dirigiu-lhe as mais cordais felicitações no fim do espectáculo.

Na véspera da partida do grande italiano, foi-lhe oferecido um banquete a que compareceram, além dos artistas do D. Amelia, os principais críticos da imprensa diária.

Zaconi mostrou grande interesse em fazer figurar no seu repertório uma peça portuguesa, sendo-lhe naturalmente indicado o *Frei Luiz de Sousa* que ele prometeu adquirir em tradução italiana, declarando que no caso d'essa tradução não existir, ele próprio a faria com o fez á obra de Tolstoi e tem feito com várias outras.

Desaparecido o rapião clássico deixado pela passagem de Zaconi, o D. Amelia continuou as suas premières que até agora se tem resumido a duas das traduções aprovadas.

Abriu o caminho a *Veine de Alfred Capus*, traduzida com o título de *Sorte!* por Accésio de Paiva. A peça que em Paris alcançou um sucesso espantoso, ultrapassando já a centésima representação e fazendo ganhar rios de dinheiro ao teatro que a poe em cena, teve no D. Amelia uma transitória e desprotegida carreira. Não sei em que sedeva filiar esse insucesso, a não ser que o atribuam á crise de que os teatros padecem e de que acima me ocupiei. É possível também que a peça perca ao transplantar-se para a cena portuguesa, onde só o detalhe mal veladamente obsceno ou a pesada chalaca lusitana encantam um público de cultura rutimentar, o seu espírito *boulevardier* que, no contrário do que sucede em outras produções gaulezas, se não desmacha demasiadamente no *cancan* da libertinagem. Em todo o caso, o que é certo é que a *Sorte* teve apenas meia duzia de récitas.

—A seguir.

MAYER GARÇAO.

## Alcantara

(A Raymundo N. Ribeiro!)

Banhada pelo mar que brame e chora  
Em turbilhão de amor na branca praia,  
Como a virgem que cõra e que desmaia,  
Te ostentas, terra minha, doce aurora !

Em ti viveu minha alma e vive, embora  
Distante do teu seio, em outra raia...  
Quer a noite fulgure, quer descaia,  
Tua imagem no meu peito sempre mora.

Rainha de opulencia, destronada,  
Tu tens por fausto — o mar; por trono — o nada;  
Grandezas que te restam do passado...

Tudo roubou-te, tudo, a negra sorte:  
Parece que os teus passos segue a morte,  
Como segue a desgraça ao desgraçado !

Agostinho Reis.

## O Porvir Brazileiro

(AS QUESTÕES CAPITAIS DO BRAZIL — AS FINANÇAS, A ECONOMIA, O ENSINO, A POLÍTICA)

### I.—O PROBLEMA FINANCEIRO

E o paiz que mais deve, abaixo da França. Mas esta desculpa — se pela guerra franco-prussiana e outros antecedentes monárquicos, a sua dívida pública é inferior e, afóra o resto, as suas linhas ferreas, segundo os contratos feitos, reverterão todas ao Estado, ao cabo de 30 anos de exploração, o que equivale perfeitamente a sua dívida. — E de frisar ademais que o dr. Martinho liquidou o exercício de 1900 com o saldo de 76.901.930\$000 réis, havendo em 31 de agosto de 1898 em giro 788.364.614\$500 e existindo hoje somente 685.62.339\$000 e fez em Londres todos os depósitos dos juros da dívida exterior, alem de possuir um empréstimo estéril no Banco da República, tendo emprestado ainda ao mesmo Banco 200 mil libras e aumentado a fortuna dos possuidores de títulos brasileiros em mais de 250 mil contos, — tudo em dois anos e pouco de severa administração republicana ! Já vê, pois, o dr. Abel Andrade que não tem justificativa o seu remoque, insinuando pueris dúvidas a respeito do futuro da enraizada República Brasileira. — De passagem diremos que não trouxemos estas cifras à coleção por qualquer espírito de partidarismo. Convinha não deixar passar em julgado aquella secca assérgia, como o sr. conselheiro Duarte Rodrigues também não deixou passar as do sr. Beaulieu. E mesmo porque a laboriosíssima colónia portuguesa, nos seus momentos pessimistas, não cessa de apontar a mansuetude e felicidade que reinam no nosso formoso berço natal, devido às olimpicas instituições que o regem...

Os encargos anuais da República, do 2.º semestre de 1901 em diante, serão na importância de lb. £ 300.960. Para fazer honra a este pagamento já o governo depositou em Londres a quantia de £ 133.200 libras, devendo ter um saldo de libras 132.2.0. Accentuaremos que não incluímos a troca de títulos da dívida uruguai a Brazil pelos dos empréstimos externos brasileiros, nem tampouco o resgate das garantias de juros das estradas de ferro, que consumem mais de um terço dos alludidos compromissos anuais. O governo trata de efectuar um empréstimo destinado à rescisão dessas garantias, a 4%, como praticou a República Argentina. Deduz-se destas verbas que, na pior das conjecturas, excluindo estas últimas operações, o governo apresentará um saldo positivo em euro, ao expirar este ano, solvendo todos os lucros da dívida externa fundada, — de 4 milhões de libras. A emissão do *funding loan* custou 8.612.833 de libras, o que elevou a dívida total exterior a libras 49.387.443. Em correlação devem ter-se incinerado 115.300.000\$000 réis; mas cremos que esta clausula sofreu uma razoável alteração, ficando-se em 97.880.931\$330, dos quais 83 mil por conta do *funding loan*. O ministro da fazenda por certo ponderou que, não aparecendo outra moeda na circulação, a constante destruição do papel dificultaria cada vez mais as transações. Isto é um facto incontestável, que já evidenciamos noutra luga. E o caso de recordar ao dr. Martinho a máxima positivista — só se destroem verdadeiramente aquilo que se substitui.

A vida económica e financeira da República não se pode reconstituir, em tão limitado lapso, sem gravíssimos desequilíbrios. Ora o problema financeiro posto pelo *funding* está resolvido e não é preciso agora transtornar a solução do problema económico. Avisado andou, portanto, o governo brazi-

leiro em moderar os seus inflexíveis autos-de-fé! Bem sabemos que alguns bancos e numerosos colonos retiveram ou reteem gorda quantidade de papel, e por tal incidente não pode ser acomodado o gabinete. Mas não é menos palpável que a escassez de numerário é flagrante—e que em dois ou três anos não se viram impunemente as finanças e a economia dum povo, restringindo a circulação ao asfixiante necessário. Mais devagar, nor consequente, porque devagar se vai ao longe, —cuidando agora mais de represar a especulação cambial e de captar os capitais estrangeiros, que se espalharam ha annos.

Prudente é não nos emburrarmos, no entanto, com as propositas e estúpidas melhorias alcançadas para o crédito da Republica Brazileira. A patria de José Bonifácio, feliz ou infelizmente, está ligada em toda a sua roda financeira, e em

grande parte da económica, á argentina Inglaterra. Tal, qual a antiga metrópole, que se enrola á Gran Bretanha também por modos rivais secretos e pelo combalido trono. Os monopólios, seja n'commerciaes, sejam de relações políticas, acarretam sempre desastrosos resultados. E' verdade que os capitalistas britânicos não lobrigam presentemente melhor colação para os seus dinheiros do que a terra brasileira. Mas a aliança, oficial ou officiosa, pode causar prejuízos, tanto aos credores, como aos devedores. Hontem sofreram os prestamistas ingleses com a interrupção dos pagamentos. Hoje arrisca-se o Brasil a ser prejudicado com a insana guerra do Transval, que já sangrou o Reino Unido em mais de trezentos milhões esterlinos, bateendo armadas diversos dos mais conceituados estabelecimentos londrinos. De sorte que o governo brasileiro, para finalizar algumas das suas operações, está



MARANHÃO—LARGO DE PALÁCIO—(PHOT. QUINEAU)

dependente do reequilíbrio ou apaziguamento da prata de Londres, que decreto demorará dilatados mezes, senão annos, mau grado a enseizada vitalidade da finança inglesa. O Transval produz ouro por todos os países reunidos. Ora, a prolongar-se a guerra sul-africana, como tudo leva a crer, ou o preço desta mercadoria—o ouro—luplica ou a prata passa a hombrear com elle, o que instigará nova balbúrdia.

Num ponto poderia, todavia, o governo concorrer quanto antes para a indestrutível consolidação do crédito da Republica, restando com a máxima brevidade o embolso das prestações de amortização, que o *funding loan* aprazou para daqui a 10 annos, com imprecavél longínquidade. Na mesma ocasião, aproveitando tão empolgante oportunidade, poderia realizar a já autorizada conversão,—reservando-se para efectuar a transacção sobre a Central nostra Bolsa, caso a londri-

na lhe seja inferior em vantagens, como acreditamos, em vista dos azares intermináveis da guerra anglo-transvaiana.

Alfigura-se-nos este o melhor atalho a palmarilar para uma completa restauração. Sonhar com o estabelecimento da circulação metálica, integral, sem o equilíbrio económico, ou com uma larga quebra do padrão monetário—parece-nos redondamente intempestivo. Qualquer dessas providências, praticabilisadas por inteiro, ocasionaria uma novíssima crise econômico-financiera, que arrastaria de vez a nação para a bancarrota. O restabelecimento da enfermidade que prostrou o Brasil, se aquellas medidas fossem decretadas neste período, ou nos próximos annos, evaporar-se-ia imediatamente e faria recuar a Republica. E' cedo demais, observa o sr. Duarte Rodrigues, para se cuidar em circulação metálica, e quanto maior for o volume das dívidas no exterior—pública e particular—e o capital estrangeiro cá dentro empregado—mais se retardará o momento de se chegar a cila.—Resignem-se, pois, a ir aplicando os fundos de *resgate e garantia*, criando-se que a economia e as finanças brasileiras devem também ao dr. Joaquim Murtinho, paulatinamente, à implantação dum sistema reduzida circulação de ouro. Será menos deslumbrante, mas é mais sólido—e feito exclusivamente com os recursos próprios.

Terminamos aqui esta parte da exposição, a mais trabalhosa, pelos óbices que suscita, recordando umas bellas frases da elegante e sobria mensagem do dr. Campos Salles, de 1889:—«Uma conduta de firmeza e pruderação, tendo em vista produzir e conservar, conduzirá a Republica à conquista segura do supremo ideal financeiro, nunca até hoje atingido—o equilíbrio orçamentário, sem emissão, nem empréstimo. E assim foi; o equilíbrio orçamental fez-se, sem emissão, nem outro empréstimo, além do *funding*, mas apenas com economias rectas. O problema orçamental está, enfim, intentamente deslindado. Resta agora recomendar o pagamento das prestações da dívida, debellando por completo a crise financeira, e produzir ou valorizar a produção de prestações, liquidando por esta forma a questão económica.»



MARANHÃO—Sé—(PHOT. TEIX.)

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Março de 1902

NUM. 13



OS ACADEMICOS BRASILEIROS

**Valentim Magalhães**

# O mez litterario em Portugal

## O Theatro

A seguir ao trabalho de Capus, a *Corrida do facho*, de Paul Hervieu, cujo tradutor é o sr. Acacio Antunes, teve, sem ser a *Sorte*, a mesma sorte, que d'esta vez se justificou com o mau desempenho e uma certa fraqueza de concepção na factura da peça. E Paul Hervieu, sem dúvida alguma, um dos modernos escriptores franceses que no campo da dramaturgia maiores provas de mestre tem fornecido à opinião imparcial, compartilhando com Brieux a primazia entre os autores dramáticos da actualidade. E mesmo justo dizer que elle é mais artista do que Brieux, mas está longe, embora o pretenda, de se lhe equiparar no intuito moral e na realização da doutrinação que justifica essa elevada finalidade a qual, na phrase de Bruno, é a unica que legitima o trabalho do espirito. A *Corrida do facho* funda-se sobre a successão, melhor diria a sequencia, de amores diversos que progressivamente se substituem, deixando abandonado o coração que n'elles se sentiu docemente envolvido. A peça funda-se quasi toda sobre o amor maternal. Madame Fontenais vê o amor de sua filha, uma viúva ainda bella, Sabina Revel, fugir-lhe para se dedicar a sua propria filha, Marie Jeanne. Por seu turno, Marie Jeanne deixa de amar sua mãe, porque exclusivamente dedicou todo o sentimento passional que a sua alma comporta a um homem, que se torna seu marido, Didier Maravon. Aqui temos pois duas existências sucessivamente apunhaladas: a de Madame Fontenais e a de Sabina Revel, a qual, todavia, por amor a sua filha, não hesita em ir até ao crime. O facho correu de mão em mão, como no jogo grego das *lambadaphorias* em cujo symbolo Hervieu encontrou o nó da sua peça.

Ha pois dois amores fanaticos: o de Madame Fontenais por Sabina, o de Sabina por Marie Jeanne. Quando, porém, surge o drama, esses amores desequilibram-se na sua intensidade. Trata-se d'uma questão de dinheiro. O marido de Marie Jeanne, embarcado por dificuldades financeiras, necessita de 300.000 francos para se salvar da falência e da deshonra. Tendo apenas em vista evitar a affliction de sua filha, Sabina Revel pede á mãe, a velha Madame Fontenais, essa quantia. Mas Madame Fontenais recusa-se, importando-se pouco com a desesperação de sua filha, enquanto Sabina, para evitar um desgosto á sua, não hesita em recorrer a uma falsificação. Entre as phrases secas e duras da primeira, no seu *cultelement* em não sacrificar uma quantia cuja perda, de resto, a não levaria á miseria, e a loucura maternal de Sabina, que por vezes assume uma grandeza tragica, cava-se um abyssmo tão dilatado que, nos seus extremos oppostos, desproporciona singularmente as figuras d'essas duas mães, obrigando a confessar que o facho ou se tornou mais inflamavel nas mãos de Sabina Revel do que nas de sua mãe, ou esta o trocou por outro.

O fim que Hervieu deixa entrever, como sen-

do a solução do problema que elle quis apresentar, é estreito. Pretende acaso o dramaturgo frances demonstrar que se não devem amar os filhos até á loucura? Mas essa loucura é das que santificam, mais: é das que caracterisam o amor maternal. Faz-se de renuncia e de paixão, dá tudo sem ter o ar de nada exigir, a sua felicidade restringe-se, não á propria felicidade, senão á do ser amado. E se o amor de mãe não fosse assim, superior ou inferior ao raciocínio, o que tanto faz para a sua vitalidade, para a sua grandeza natural, elle deixaria de ser o amor materno, tal como o nosso espirito o reconhece e precisa de eternamente idealisal-o.

Para agravar esta deficiencia da these apresentada, concorreu o pessimo desempenho dado pela companhia do D. Amelia á peça, que algumas scenas magistras, como a da confissão de Sabina do seu crime, no terceiro acto, não conseguiram salvar. Rosa Damasceno, no papel de Sabina, foi horrorosa. Era de esperar. Tirada dos papeis de ingenua preciosa, que de forma eximia tão bem interpretou nas épocas do seu prestígio, não seriam necessarios os seus sessenta annos para a prejudicar n'uma criação de tanta responsabilidade. Os outros actores afiaram para a desgraça geral que, para ser completa, até teve a substituição de Brasão, doente, pelo actor Pinheiro, um novo de qualidades, que se tem evidenciado nos personagens pathologicos dos dramas do sr. Dantas.

O primeiro dos originais que devemos ler proximamente no D. Amelia deve ser *Os Crucificados*, título com que o autor que acaba de citar chrysico o seu primitivo *Calvario de amor*. Antes porém d'essa première teremos ainda por estes dias a das *Semi Virgens*, as *Demi Vierges* de Marcel Prévost, traduzidas pelo sr. Mello Barreto.

Dos outros theatros, pouco ha a relatar.

No Gymnasio, o actor Ignacio levou á cena, em seu beneficio, o *Filho Artificial*, do alemão A. Bouchier, tradução de Freitas Branco. É uma comédia de situações e quiproquos que tem a grande vantagem de fazer rir sem esforço. No dia 4 de Janeiro sobe á cena o drama *Os Venidos*, de Ernesto da Silva, um rapaz de alto valor, conhecido propagandista do socialismo portuguez na sua mais larga expressão, e que como homem de letras se tem afirmado um elevado espirito e um incansável trabalhador. *Os Venidos* são esperados com um vivo e justificado interesse.

*Os lazistas* resurgiram, apesar longos annos de esquecimento, no palco do Príncipe Real, mas não fizeram carreira, apesar do assumpto que lhe serve de tema e a maneira de o definir deverem atrair a atenção popular. A mesma indifferença acolheu o dramalhão *O Suplício d'un pac*, intitulado por Luiz Galhardo e que ali se representou em beneficio de Joaquim d'Almeida, que mais uma vez revelou as suas excepcionais faculdades no papel que lhe competia.

No mesmo theatro vai entrar em ensaios um drama de Lopes de Mendonça, em 5 actos, *A Esperança*, que primeiro se chamou *O Afemant*.

Na Rua dos Condes está em ensaios a revista *Na Ponta da Unha*, original de Alfredo Mesquita e Camara Licea.

*Arte Nova*, que ante-hontem foi, pela primeira vez, à cena na Trindade é também uma revista do anno, cujo auctor é o sr. Accacio de Paiva. Agrada, se bem que não seja inferior nem superior ás outras revistas.

Para a Avenida estão Marcellino Mesquita e Gualdino Gomes escrevendo egualmente uma revista.

E para finalizar esta resenha: já se trabalha para a nova época. Com efeito, segundo leio nos jornaes, D. João da Câmara prepara uma peça de costumes alemtejanos, que se intitulará *Tia Angelina* e que só deve ver a luz da rampa nos fins de 1902 ou principios de 1903.

## A poesia

Tres livros! — O sr. Eugenio de Castro e as suas transformações — Um reapparecido e um debutante — Parenthesis: José Newton — Causas do enfraquecimento poético — De como os poetas começam por editores — O teatro como refúgio — Confissão triste.

De anno a anno, sem época fixa, mas inevitavelmente, o sr. Eugenio de Castro produz um livro e também inevitavelmente parece fazer este livro para se penitenciar dos seus antigos desregramentos de forma ou mesmo de concepção. Longe vão os tempos em que os seus lábios uivavam as blasphemias dos *Intertúnios* e a pena construía, em linhas de versos, verdadeiras rãdes kilometricas. Agora fixou os seus ideias na assonância do parnasianismo e na estructura camoneana. *Depois da ceifa*, a obra do antigo exoterico que a Parceria Pereira acaba de publicar, é um livro d'esse gênero. Negar-lhe correção artística seria uma improbidade, dedicar-lhe um serio exame seria inútil. Os versos do sr. Eugenio de Castro não pretendem ter senão imagens e rimas, e estes pormenores de forma sómente se discutem quando possam constituir novidade. Eis o que não sucede n'este caso. A forma camoneana tem trescentos annos, a forma parnasiana tem perto de cincuenta, e este meio seculo, na evolução das idéas e das formas em arte, equivale áquelles tres seculos, — na impressão de distanciamento que nos sugere.

De Coimbra nos veio o *Depois da ceifa*, e de Coimbra nos surgem tambem os dois outros trabalhos em verso cujo registo constitue n'este mes os magros elementos d'esta secção.

Augusto Gil, poeta emmudecido desde a sua estreia, ha seis annos, intitula modestamente o seu trabalho: *Versos*. E o mesmo título que um dos poetas novos de maior valor em Portugal, José Newton, deu ha quinze annos ao volume que tornou repositorio das suas magoadas lyrics, compostas na maior parte de traduccões excellentes do *Intermezzo* de H. Heine, seu irmão na amarga melancolia do espírito e na impiedosa aventura do destino. Curvado a bestialisadora existencia do trabalho em roças de África, esse grande lyrico que se chama, quasi disia que se chamou José New-

ton, está perdido, bem perdido para a Arte que tanto amou. A litteratura oficial do seu tempo repeliu-o, levada pelo seu egoísmo feroz, como não admittiu Cesario Verde; mas, mais infeliz do que o Cesario, Newton não tem uma mocidade que o re vindique. Se os seus próprios amigos o esquecem! — Mas fechemos o parenthesis doloroso e voltemos ao sr. Augusto Gil.

Nos seus *Versos* ha incontestavelmente versos de valor. Respiram sinceridade e animam-se de vez em quando d'esse imprevisto que originaliza os poetas. Estamos sem duvida alguma em face d'um verdadeiro temperamento de artista. Mas como é triste reconhecer que esse artista descura inteiramente o estudo de si proprio, d'onde deriva o não se entregar ao esforço de afirmar a sua individualidade! A regra de todo o escriptor tem que ser necessariamente esta: estudar-se, discriminar d'entre as influencias que o seu espirito recebe dos outros aquillo que inconfundivelmente marca a sua maneira de sentir e de expressar. E' esta regra que o sr. Augusto Gil não tem observado. No seu livro ha de tudo, — isto é, de todas as escolas e de todos os autores, o que equivaleria a dizer que não ha nada, se não entrevissemos, em rapidas apercepções, *alguem*, que é elle, dizendo a sua singela palavra de sentimento ou de raço entre os echos apagados das suggestões prediletas. E esse *alguem* é lyrico, simples, sentimental, tocado d'um leve desgosto da vida, mas amoroço e bom. Quando esse *alguem* nos disser, homogeneous, permita-se-me o termo, o que sente e ao que aspira, o sr. Augusto Gil será apreciado, não já com a benevolencia que estraga os trabalhadores da Arte, mas com a justiça que lhes fornece o unico estímulo na verdade revigorante e efficaz.

Do outro livro a que alludi, *Azul Celeste*, de que é auctor o sr. Ladislau Patrício, que mais se pode dizer do que registrar a sua apparição? Dizem-me que é muito novo o cantor do *Azul Celeste*, ou antes o cantor das sensações e das idealisações de todo o gênero que se subordinam nesse livro ao titulo de *Azul Celeste*, como poderiam etiquetar-se com qualquer outro. O *Azul Celeste* é a sua estreia. D'uma estreia só se pode requerer a affirmação de facultades, só se pode exigir sentimento. Auscultei esses versos e não lhes ouvi pulsar dentro um coração; como, porém, não sou medico, é possível que eu me engane, e, sendo assim, com o maior prazer rectificrei o meu erro em qualquer producção subsequente d'esse littérato.

E acabaram-se, os livros de versos! Como se vê, foi bem pouco em quantidade, e ainda menos em qualidade. Custa a crê-lo, tratando-se d'uma terra de sentimento como é Portugal, terra onde, na lyrica popular, se deparam joias que fariam a inveja de qualquer povo e a gloria de qualquer grande poeta. A esta escassez, a este desfalecimento, a este suicidio poético, só posso encontrar uma excusa: a de que a Poesia não tem o menor estímulo no nosso paiz. Nem de graça a aceitam os editores, nem sequer a consentem nas suas colunas os jornaes, apesar de aqui se receber n'el-



**MARANHÃO - PALÁCIO DO GOVERNO** (PHOT. TEIX.)



**PARÁ - Estátua do General Gurjão** (PHOT. J. CARV.)

les toda a prosa adventícia, ainda a mais banal e a mais infecta. E a mesma razão se impõe para justificar a falta do romance e do conto de que não tenho um exemplar para estas anotações mensais. E que, entre nós, é preciso ter algum dinheiro para se poder iniciar uma carreira de poeta ou romancista,—dinheiro para publicar as suas obras, pelo menos as de estreia, com a certeza de não vender nada. E eis aí também a razão de tanto se escrever para o teatro, visto que o teatro, retribuindo mal, é ainda o único que retribue alguma cousa o trabalho do escritor que, além disso, não necessita imprimir as suas obras para lhas apresentar. D'ahi, um desvio pessimo, porque as vocações de poetas ou romancistas nem sempre se coadunam com a vocação dramática. Mas se isto é isto,—para que serve negá-lo?

### Outros livros

Sahiram mais este mês:

*A fronteira brasileiro-boliviana pelo Amazonas*, de Lopes Gonçalves, editado pela livraria Gomes de Carvalho. É um volume de 120 páginas, em que o sr. Lopes Gonçalves manifesta largos conhecimentos de direito internacional e de todas as fases históricas por que tem passado a questão desde o tratado de 1750, celebrado entre a Espanha e Portugal, que então extinguiam soberania sobre os dois Estados, Brasil e Bolívia, até às últimas

SUPPLEMENTO AO N. 13

I DE MARÇO DE 1902



A REVISTA DO NORTE

## O amor captivo

MARANHÃO—BRAZIL

mas notas em 1897, trocadas entre os governos actuais dos dois países.

A Empreza da Historia de Portugal reeditou *Os Fidalgos do Coração de Ouro*, velho romance de Pereira Lobato. A edição consta de 2 volumes.

*Portugal e a critica* é o título d'um pamphlet que o seu autor, Fernandes Agudo, nos anuncia n'este 1.º numero como devendo aparecer todos os meses. É um trabalho sem valor de especie alguma, que foi publicado pela Imprensa Lucas.

Alem do livro do sr. Lopes Gonçalves, a casa Gomes de Carvalho, de Lisboa, editou também um folheto: *Fé e Esperanca*, de Tolstoi.

31—dezembro—1901.

MAYER GARCÃO.



PARA--REDUCTO  
(PHOT. FIDANZA)

## O mytho de Budha e o Evangelho christão

Um brilhante estudo de Carlos von Koseritz sobre a doutrina de Budha e seu mytho me suggeriu este artigo onde se prova que a historia do christianismo foi um plágio e onde se vê que a auctoridade do Evangelho perdeu seu prestígio dos primitivos tempos.

Max Müller com os seus estudos sobre a morfolgia religiosa e Rudolph Seydel com os seus estudos comparativos do Evangelho de Christo e da doutrina de Budha, obra citada por Koseritz como prova cabal da influencia directa que exerce este mytho na confeção do Evangelho, não deixam pairar dúvida alguma sobre o plágio, ainda mesmo no espírito d'aquelles que peiam a razão para dar livre curso à crença.



PARÁ—Igreja de Nazareth (PHOT. FIDANZA.)

Até aqui o sonho.

Um austero e velho brahmâne, pela manhã, d'ella se approxima e lhe dá a interpretação do sonho por estas sagradas palavras: Nascerá de teu ventre um filho, nobre descendente de real linhagem, que será o Rei dos reis! Chamar-se-á Budha e salvará o mundo pela immortalidade! (Novo Testamento, S. Lucas, XXXI, XXXIII, 1º cap.)

D'ahi começa o plágio evidente: Maya, é Ma-

Antes de historiar e estabelecer paralelo entre os dois mythos, convém dizer áquelles que o não sabem que Budha viveu pelo anno de 500, antes de Christo e que morreu antes de Christo ainda,—segundo a historia india.

Oncam agora os leitores o que narra a obra de Seydel sobre a vida de Budha e sua doutrina tal como se acha escripto no livro sagrado dos Hindus.

Budha foi um ser divinizado que nasceu para nos salvar. Pregava as sublimes doutrinas da lei, lá muito ao longe, no céo dos deuses, quando foi chamado por Brahma que lhe deu por especial missão descer á terra para salvar a humanidade dos males e corrupções.

Obedecendo ao mandato supremo elle veio até nós, debaixo da figura de um elephante branco, e escolheu para sua progenitora, a casta Maya, esposa do rei Suddhodana, na India boreal. Maya, piedosa e pura, é santa entre as mulheres. Umdia, no remanso de seu quarto de dormir, aparecem-lhe em sonhos as nymphas celestes e cantam: «Tu serás a santa e virtuosa donzella que conceberá em seu ventre o immaculado Budha, Senhor Nossa!»

Surge-lhe após a imponente e bella figura do elephante branco e de prompto ella concebe o Deus em suas entranhas.

ria, Budha é o Christo, o elephante branco é a pomba do Evangelho. E assim fica descripta a scena da Annunciação.

O menino nasce e eis que os principes da terra, sacerdotes e reis, vão alegres adorá-lo. Brahma o presenteia com uma gota de orvalho. Queima-se incenso, nardo e myrrha pela sua vinda ao mundo e os anjos entoam: «Foi-se o Mal, reina a Paz na terra, é nato o Redemptor!» (Natal, os reis magos e pastores do mytho christão, S. Matheus, XI, 2º cap.)

Bimbisara, rei de Magadha, é o Herodes bíblico, com a diferença porem, de ser mais humano. Sabendo pela boca de seus brahmanes que o menino reinaria sobre o mundo, responde-lhes com calma: «Seja assim. Iremos gosar da paz em seu reinado; e se vier a ser Budha, seremos seus discípulos!»

Um dia, em passeio pelos arredores da cidade, acompanhado de seus servos, perdeu-se o menino. Foi depois encontrado entre os prophetas que admiravam o seu saber, dando-lhes lições de moral transcendentes (Christo entre os doutores no templo, S. Lucas, XLVI, 2º cap.)

Porem, como tudo isto é pasmoso!

Como calla em meu espírito esta dualidade de mythos, forçando-me a acreditar na copia sem rebuscos que fizeram os redactores do evangelho christão, do mytho de Budha!

Certa occasião, à sombra de uma figueira apareceu-lhe Mara, o genio do mal, com toda a corte infernal, arremecando-lhe pedras, serpentes e chamas. Budha sorri-se a estas aggressões e os projéctiles que lhe são atirados, ao tocarem-lhe o corpo se transformam em redolentes flores!

Mara ordena-lhe então que se prostre e o adore. Budha não lhe responde. Quasi vencido Mara oferece-lhe o governo do mundo, com a condição d'ele renunciar a missão de que fôra incumbido por Brahma. Budha responde-lhe: «Um outro reino me espera, que não n'este mundo. Serei forte e todos me acclamarão cheios de jubilo!»

Mara, afinal, se convence de sua pequenez e, vencido, desaparece corrido de odio e de vergonha, exclamando: «Acabou-se o meu imperio!» (A tentação do demônio).

Segue-se a scena da meditação e Budha recebe de Brahma a sagrada suprema.

Abre-se o céo e os còros celestiales entoam canticos.

As reminiscencias bíblicas continuam até o fim com a diferença apenas de mais colorido nas imagens e scenas.

Mais algumas citações eternizarei: Budha, em sua peregrinação pela terra é acompanhado por seus discípulos. Kasyapa (o S. Pedro do Evangelho de Christo) preside em nome de Budha o 1.º concilio dos doze para ficarem assentes as bases da nova doutrina.

Frisante: Um parente de Budha, invejoso de sua gloria, mette-se entre os seus discípulos e procura trahil-o, e tenta assassinal-o; vendo, porem, que nada pode conseguir—suicida-se de raiva. (Judas, o traidor.)

Ambupali, uma peccadora de baixa esfera dá

hospitalidade certo dia a Budha. Senta-se respeitosa a seus pés e ouve-lhe os conselhos. (Magdalena, a peccadora).

Na parte miraculosa do mytho budhista os absurdos abundam tanto como no christão.

Budha conhece os nossos mais íntimos pensamentos, passa o Ganges por cima das aguas, como Christo; cura cegos, surdos, paralyticos e leprosos; manda as aguas se separarem e elles obedecem; ordena ao vento que pare, e o vento para, é o rei da salvação, enfim!

Antes de morrer aconselha seus discípulos a que vão por toda a parte pregar suas doutrinas e, ao expirar, seu corpo transluz, treme a terra, ronca o trovão e cai do céo um meteoro. Budha subira á mansão celeste promettendo voltar mais tarde...

Os pontos de contacto entre os dois mythos são visíveis.

Irrefutavelmente os confeccionadores do livro do christianismo foram beber assumpto nos livros sagrados dos Hindus, pois, como ficou dito, Budha floresceu no anno de 500, antes de Christo.

Carlos von Koseritz explica no seu bello trabalho citado por mim que a unica diferença entre os dois mythos—é a morte de Jesus como narra a Biblia.

E acrescenta: *Esta morte, no Golgotha, é o unico facto histórico, de prova plena, na vida de Christo, por que se acha consignado nos annais romanos; o resto é tudo obra do Novo Testamento, de modo que esta divergência tem perfeita explicação histórica.*

Abstenho-me de commentarios: a logica de ferro da verdade histórica os dispensa.

J. EUSTACIO DE AZEVEDO.

\* As fontes mais antigas, falam em 40 discípulos, outras em 60 à semelhança do Evangelho Christão que também eleva o numero dos apostolos de 12 a 70; a apuração nominal porem dá 12 discípulos, exactamente como os de Christo.

G. von Koseritz.

## Odorico Mendes

Hostia branca de luz que o Firmamento encerra!  
Do Verso foste o bardo augusto e portentoso;  
Cantaste em teu rimar as tardes desta terra,  
Com pompa angelical dum pallio luminoso.

E quando, ao descansar, por fim, victorioso,  
Do Verso desdobraste a Flammula da guerra,  
A Monarchia vil tremeu ante o impetuoso  
E arrogante bramir que echoou do monte à serra!

De Virgilio trouxeste a Alma pura e serena;  
Do pó voaste ao azul, mas a tua aurea penha  
Insculpiu com vigor teu cerebro possante!

Politico—deixaste um nome aureolado e santo,  
Poeta—essa Obra d'ouro eterno que é teu manto,  
—Alma vinda de Homero, Alma de sol radiante!

(Das «Medalhas»)

FRANCISCO SERRA

## Noivos

A Ovídio Lobo

Elles passam ali, cantando e rindo...  
São noivos que se estão para casar.  
Quanta illusão e quanto idéal infuso  
não tem agora esse amoroso par.

E vão passando unidos:  
elle a ver-se feliz no olhar da amada,  
e ella a fazer de um nada  
sonhos indefinidos.

Elle a pensar que vai cobrir-lhe a boca  
de beijo e ouvir-lhe os aís,  
e ella a sentir que essa ventura é pouca,  
insaciável demais.

Vão assim tão alegres, de mansinho,  
e de repente param. E onde vão?  
Riem-se mais uma vez e outro caminho  
o noivo busca-o então.

Ella na casa de um modesto artista,  
de um carpinteiro entrou.  
Certamente não foi ver a modista  
onde a plaina acampou.

Elle penetra alem, de um ferralheiro  
na larga loja escura.  
Que ia fazer o noivo prazenteiro?  
E a noiva meiga e pura?

Por que deixaram de comprar as gizes,  
as sedas e os setins,  
e as begonias, e os lyrios, e os lilases,  
perolas e rubins?

Ah! destino fallaz e traíçoeiro!  
Ah! misero condão!

Elle foi ver a enxada de um coveiro,  
e ella pedir as taboas de um caixão.

THEODORO RODRIGUES

## ABAÍBAS

Na deslumbradora taba da selvatica e possante tribo dos Guajajaras, fortemente illuminada por fulgidos fogachos, celebram-se as nupcias de Potyra, a flor virgem da tribo, com Boitatá, o bravo vencedor do temeroso Itajiba.

Chocalham os maracás trepidantes, derramando pela grande noite estival um crac-crac macabro, enquanto os nheengácaras zangarreiam, cantando, e as inubias e os trocanos rouquejam retumbadores.

Potyra é a formosa virgem da floresta, brotada do seio fecundo de Manacá, a ardega e moça esposa de Urú, o mais novo moácara d'aquellas brenhas, que o sol vé da rúvida Aratuba.

Nas frondes verdes dos palmares, que circulam, de vago em vago, a ócara rumorosa, aterradora salteada pelos retabulos colossais do fogaréo adusto, as inhumas arrullham presagiadoras, e de mais alem chegam os epitalamios das urutáguas e acauans, e os espaçados guinchos das liraras.

Deitada indolentemente na rede entrelaçada

com as penas da jandaia, balouça-se Potyra, a vida, anciosa, sofregue pelo primeiro beijo de Boitatá, pelo amoroso osculo do famoso tuxaua.

E elle, o amado, que, com frases que ella nunca ouviu, lhe vem rouxinolear o ditirambo do noivado! E' elle quem pela vez primeira lhe vem sugar da rosa imaculada da sua polposa boca o delicioso embaiba, o caim amortecedor, e, espasmódico, inteiriçado, sequioso, afagar o seu aromal cabelo, trascalante a baunilha e a beijoim...

Tupan, o deus que fala, estrugindo na voz portentosa, terebrante e bronzea da bora, certamente os abençoará... Como será bello acompanha-lo pelas varzeas opulentas, transpor os pedrões escabrosos, ferir com a incisiva séta os troncos anhos das emburanas e das cabuibas formidaveis, espiacular as brocas das penhascos hispidos, lutar com o rígido jaguar que ruge nas brenhas seculares ribombadoramente, sempre junto d'elle, do eleito do seu coração!...

Assim divaga Potyra, com a alma longe da ócara paterna, longe do tumulto barbáro, muda, egoísta, quando a inubia trôa clangorosa. Calam-se os maracás, calam-se as tangapemas e os trocanos, e Boitatá, o abaiba, o guerreiro, começa a maranduba:

— O tigre brame na floresta, ameaçando o caçador, e a floresta brame com o tigre e estremece com o caçador... Mas Boitatá não estremece, porque é mais forte que o tigre, e espera o combate. O caçador tira a séta da aljava e manda para o tigre, e o tigre urra, tomba e morre... Mas Boitatá não manda a séta, porque o tigre é fraco: elle vai com os seus braços, que são como a cravá, e sufoca a fera e atira-a aos seus pés... Elle foi em busca do tigre e o tigre apareceu: é Itajiba, que ai está no meio de vós todos... Itajiba é como o rijo tronco da massaranduba, que resiste à procela; mas Boitatá dispara o raio e a massaranduba lasca de cima abaixo, cai em terra e apodrece ao tempo... Itajiba é como o tapir, mas o Guajajara vence o tapir... A acauan cantou na folhagem do ipé e o índio escutou o canto da ave e partiu... Não encontrou um hospede, como cantou o passaro, — encontrou um inimigo. E o guerreiro ficou alegre, porque ia vencer...

Prófugo murmurio de vozes revoluteia, rumorejando pela ócara do seluagenario morubixaba, obrigando o jovem e audaz abaguacu a calar a maranduba.

A multidão formigante dos selvagens arremete atabalhoadamente pelo interior da ócara, como impetuosa malhada de toiros bravos, rasgando duas extensas alas pelo terreiro afôra.

Moácaras, pagés e Oricanga, o chefe, esperam alguma nova tragica...

O grugulejo vozeante, que por um instante acalma, deixando apenas o acalentador zun-zun da horisona celeuma, de novo cresce, alteia, sobe, e vai subindo para o tacito alem, para mais longe, para as ignotas regiões do bondoso deus Tupan!

Urú, o mais novo moácara, pai de Potyra, surge na ócara, atravessando as fileiras, os sobrinhos turgidos, espantadores, os labios espumejantes, num rictus tetanico, tendo numa das mãos a

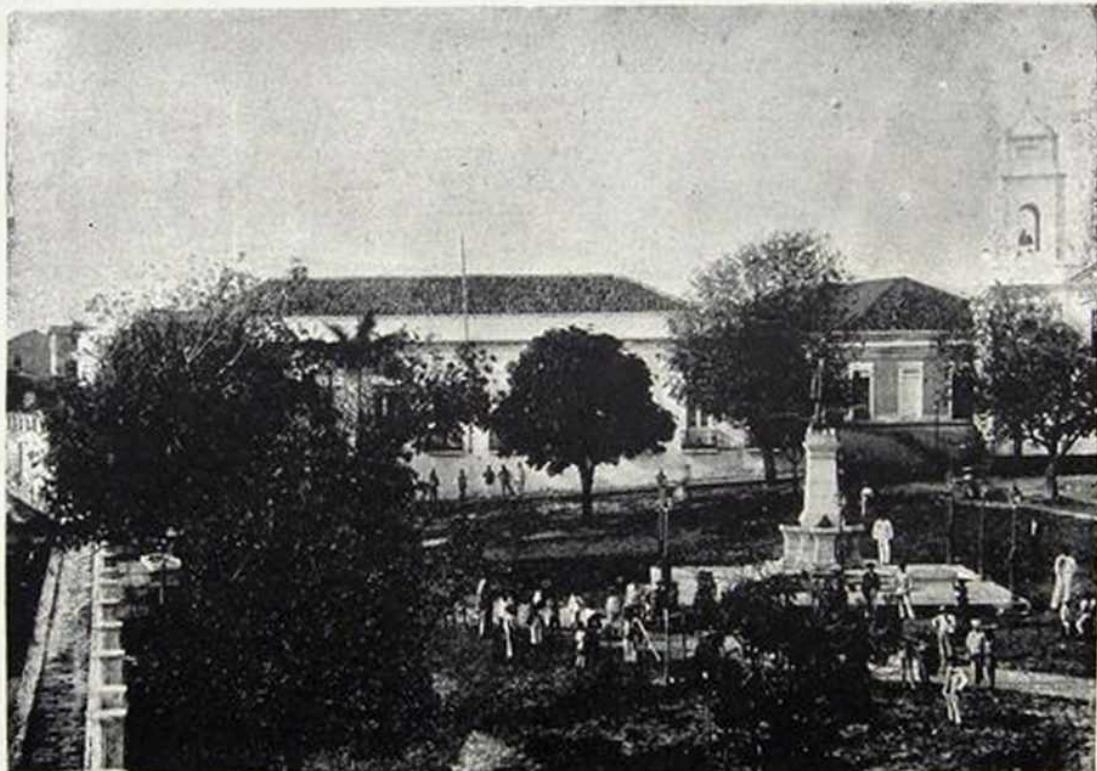
clava ensanguentada, e nos robustos braços o cadáver placido e sanguejante de Manacá, de cuja cabeça abandonada sobre os hombros do selvagem, viscosamente escorre a polpa cerebral.

O porojuçara entra pavido na óca, deixa tombar, com estrepitoso trepidar de ossos, o cadáver mutilado, que rola pelo chão ramilhetado de maioim, como uma bola de carne viscida.

No meio do numeroso carbeto, os pés revestidos das penas rubras do guará, a plumagem do papagaio em torno à grossa cintura, sobre a fronte serena o kanitar alto, flexuoso, purpuro,—está Oricanga, o morubirxaba, empunhando o rijo tacape, pendente de um dos flancos o arco retesado,

e do outro, as rispidas frechas, que descansam no fundo da uiraçaba.

—Oricanga, chefe meu e da tribo Guajajara, rouqueja o medonho indígena, cravejando os férreos olhos fuzilantes na cruenta lava;—a sucury partia e ia esconder-se ao pé do tronco da aroeira, atraíndo o senhor... O homem procurava a sucury pela mata grande e não encontrava... Ella silvava, chamando o companheiro e o companheiro aparecia e a sucury ficava contente... Depois voltava trazendo na boca o aracá da traição, e o senhor acreditava na serpe e achava-a boa... Urú, o teu moácar, Oricanga, era o senhor da serpe e a serpe era Manacá... No dia em que Polyra, filha



CEARÁ—Praça do General Tiburcio. (PHOT. WOLSEN)

meiga da sucury, cantou, como a maracanã, no céu do seu noivado, Manacá escondeu-se na selva e chocalhou, chamando o amigo... Mas Urú seguiu o resto da aguacába e vingou o abaiára...

Trôa o trocano e Oricanga fala:

—Tupan exulta de alegria, porque Urú procedeu bem... Acauan canta no alto do jatobá, engrandecendo Urú, e o coração do moácar dentro do seu peito, é como o coaracy doirado dentro do céu da aurora...

Agidissimo grito retinu esfuziantemente pelta taba loirejada, como o estridulo sibilo da frécha, que parte da uirapára, vigorosamente brandida por músculo de ferro.

Urú reconhece ser Polyra e todos os Guajaja-

ras se despedem, aos galões, em socorro da encantadora noiva.

De um dos giganteos fogarões, que flamejam com reverberos de ouro, desprendem-se turbilhando rutilas trombas de centelhas palpitantes, leves, que se estendem pelo espaço, formando bas-tas cabeleiras loiras e rubros palios abertos.

Urú investe para salvar Polyra, mas uma devoradora língua de fogo lambe-lhe a face, qual fámulenta fera, ao acariciar a presa, que em breve rolará na sua fauce hedionda, teterrima. Urú recua, investe e novamente recua, e Boitatá é que se enrola na ardente mortalha, que envolve Polyra, fazendo subir, torvelinhando aceleradamente, auri-fulgentes pirâmides de fagulhas!...

JOÃO QUADROS

# A Revista do Norte

NNO 1

Maranhão, 16 de Março de 1902

NUM. 14



**Theophilo Braga**

## A minha noite de noivado

Cáem as sombras tórras na Capela.  
Rebuscam o palácio .. Onde está Ela ?...

I

O flor da laranjeira ! O flor da laranjeira !  
meu symbolo ideal da cesta Virgindade,  
certa noite, em ti li minha existencia inteira !

II

Branca e cheirosa flor ! Com que doce ebriedade,  
o momento aguardai da noiva palpitar,  
sob seus mil botões círaro com suacidade !...

III

O flor da laranjeira ! a minha rósea amante  
corava que eu bem vi... mas tão languidamente,  
tão trémulo batia o seu peito arquejante !...

IV

Branca e cheirosa flor ! ao róxo sol poente,  
quantas vezes a viste errar contemplativa,  
a regar seus jasmims e orchideias leitamente ?...

V

Branca e cheirosa flor ! que vezes pensativa,  
não visto a minha noiva olhar nuvens errantes,  
—talvez pensando em mim, aérea sensitiva?...

VI

Branca e cheirosa flor ! as suas mãos galantes  
quantas vezes não viste, a enastrar seus cabelos,  
com myosótis azuis, aos sóis agonizantes ?...

VII

E agora tu vás ver seus enleios mais belos !  
—Vás ver — a um e um — tombar os seus vestidos . . .  
—Vás ver o alvo marfim de que o marfim tem zélos !

VIII

Vás ouvir, branca flor, os seus brandos gemidos,  
suas queixas, seus ais, os seus ternos lamentos...  
que tão de fazer círaro os jasmims esinaecidos.

IX

Que estranhos, celestinos, que valiosos momentos,  
serão esses subtis delicados instantes,  
em que do seu cabelo os anéis opulentos

X

afastando p'ra traz seus dedos com brilhantes,  
rósea, toda pudor, alva, trémula, nua...  
Sua carne embrulhar em rendas flutuantes !

XI

Branca e cheirosa flor ! acaso a cútis tua  
é mais branca que a rez da minha noiva amada,  
mais rija que essa carne donde o sangue estúria ?...

XII

Não é, clamava eu.—E em hora tão mimada,  
arranquei um botão d'essa flor melindrosa  
e um pranto me rolou da pupila queimada.

XIII

Por quê foi esse pranto, ó branca flor mimosa ?  
Por quê, nessa hora ideal d'uma aléluia infinida,  
a Dôr riscou meu céo com aza lutuosa ?

XIV

Por quê, quando a estreitei a mim esbelta e linda  
quando junto ao seu peito o meu também arfava,  
essa lagrima veio aziaga e malvinda ?...

XV

Por quê, quando de róxo ante o Christo rijoelhava,  
no instante em que essa flor tirei do seu vestido,  
e com ancia a levei à boca que era láva,

XVI

quando secretamente a beijei commovido,  
esse pranto rolou, rolou aziagamente...  
pelo meu rosto cavo, adusto, emagrecido ?

XVII

Na noite em que de chôfre, ante mim, de repente,  
seu vulto vi surgir das ervas das ruínas  
minha razão sofreu um abalo veemente.

XVIII

E o abalo me salvou.—Com as mãos pequeninas,  
ela cicatrison minhas chagas hiatas  
e em minha alma entornou jasmims e balsaminas.

XIX

Mas quando enfim sarei, e as visões cruciantes  
me deicharam de todo, e o Pensamento aliado  
de novo alçou ao Amor seus vôos radiantes,

XX

e baixo, baixo, instei, pelo nosso noivado...  
ela bradou-me triste, a meiga voz tremida,  
e seu minoso peito arfando alanceado:

XXI

«Fiz um vóto cruel, n'uma hora bem dorada,  
à minha morta Mãe, ante o altar da capela  
da grande Virgem Negra em marmore esculpida,

XXII

«de jamais, de jamais deitar de ser donzela,  
«pois que o Amor é o Pâe de monstros e de feras,  
«no Unicóro feroz.—Assim pensava Ela !

XXIII

«Não sei até que ponto estas frases tão feras  
de Schopenhauer são certas ou verdadeiras.  
—Quanto a mim—ai de mim !—eu julgo-as bem severas.

XXIV

«Amo-te e resisti dias, noites inteiras  
à este amor latente o qual me combustava  
e volvia do Inferno às visões mais fagueiras.

XXV

«Punge-me o mal que fiz !—já que sou tua escrava  
e tua esposa serei.—Mas dos terríveis Láras  
—tém, tém, infeliz uma vingança ignava !

## XXVI

As suas almas são tão ruins como aváras...  
tão cruéis, tão chatins, que eu nutro o terror sério  
de que alvejam em ti duas púrfidas râcas.

## XXVII

Portanto este consócio, à luz d'um bom critério,  
deve ser alta noite, a ocultas celebrado,  
no silêncio, sem fausto, em sombras, no misterio...

## XXVIII

E assim foi, Assim foi! — No recinto sagrado,  
ao dar da meia noite, um capelão sisudo,  
nos uniu ante o altar à Virgem de rotado.

## XXIX

Mas um sucesso atroz — bem imprevisto e rudo! —  
Marcou com tórvo agoiro esta hora afortunada  
e a espinha me transiu n'um arrepião agudo...

## XXX

Foi que o bom capelão, depois da benção dada,  
quando ia a encaminhar-se à sacristia antiga,  
a fim de autenticar a data assinalada...

## XXXI

caindo chôfre ao chão, como se uma inimiga  
mocá ou clávia brutal o abatesse selvagem,  
ou o funesto-simoun açoita e dobra a espiga.

## XXXII

Da estranha Virgem Negra, a terrível Imágem,  
o seu braço direito — arcano bem profundo! —  
caindo sobre o crânio e o esbarrou no lápide.

## XXXIII

Portanto, este consócio, este enlace, no fundo,  
se era válido e puro ante os olhos do Altissimo,  
— era irrito, ai de nós! no conceito do mundo.

## XXXIV

— Da minha noiva o rosto enturvo-se tristíssimo...  
Mas, quanto a mim, confessou-o... apôz o horroí primo,  
para a alcova noiva a guie radiossísmo.

## XXXV

Foi no alto torreão do solar altaneiro  
que ela fizera armar o frouxel doce e quente  
do meu ninho nupcial de deliciosíssimo chôfro.

## XXXVI

Este alto torreão era voltado ao Oriente,  
nas limpas regiões das estrelas e ás áves...  
que parpitam, chilrando á meiga luz nascente.

## XXXVII

Ali perto, o Céo, deviam ser mais gráves  
as queixas musicais das folhas e os regatos,  
nas tempestades aflições dos pectores suaves!...

## XXXVIII

Os risos dos rouxinós deviam ser mais grátes,  
mais nacios também os plenilúrios castos,  
e os serários do céo terem mais aparatos!...

## XXXIX

Apenas penetrei nos aposentos vastos,  
fui apagando a luz das brancas serpentinas,  
em quanto ela soltava os sensos cabelos hóstis!

## XL

Oh! como é doce a luz das frouxas lamparinas...  
uma leitosa luz de luar entornando,  
n'uma alcova noiva, branca, de rendas finas!...

## XLI

Quando esta frouxa luz raiou, como avisando  
que outra lua de amor pelo meu céo rombia,  
e uns braços divinas me estavam aguardando...

## XLII

entrei, pé ante pé, cauteloso como um espião,  
trémulo o coração, a alma toda azulina,  
o sangue tempestuando, a mão tâbida ofria...

## XLIII

Suavemente entrei à luz casta e opalina...  
O mais, misterio só... misterio archi-fogueiro,  
— misterio como um céo em concha pequenina!

## XLIV

Mas que horror! Mas que horror! — Ao tibio alvôr primeiro,  
eis que estranho, ao acordar, da minha noiva a ausência,  
e o vazio no local d'ela no travesseiro.

## XLV

Levanto-me surpreso, bicho, louco, e a demencia,  
percorro a alcova toda e enchergo no tapete  
uma flor de laranja, alva flor de inocência.

## XLVI

Decerto que caiu — brado — do seu corpete!...  
Decerto que rolou do seu branco vestido,  
do diadema noiva ou o gentil raimilhete!...

## XLVII

Sáio da alcova afflito e outro tanto caído  
sobre um degrau me indica o regresso à capela,  
onde há pouco se déri o sucesso aborrido.

## XLVIII

Desço a escada, em roldão, empunhando uma vela,  
e defronte do altar da Virgem Negra austera,  
branca, expirava em sangue a minha noiva bela.

## XLIX

Mal me viu expirou — Dir-se-há estar à espera,  
do meu olhar a fina e estranha noiva amada,  
para o espírito alçar à superfície esférica!...

## L

Jazia sobre o chão toda em sangue aligada. —  
E no entanto, não vi nenhum panhal, nem gume,  
revólver, ferro, aliga, ou cruciante espada!...

## LI

Que misterio infernal! — Que satanai o nome  
que percerá, na sombra, a tragédia execrável,  
que raiva do horror o apogeu e o cume!...

## LII

Q uo magnetismo atroz, que atração inarrável  
a arrastara até ali a horas tão temerosas?...  
—Q uo mistério, que horror, que enigma indecifrável?...

## LIII

S uo cíbolo real mais negro que as lutoosas,  
destruído pendia em seu vestido branco...  
tal como abate a Noite as ácas silenciosas.

## LIV

Soltei um grito rouco, um bêro, um surdo arranço,  
que estrugiu no palacio e retumbou no espaço,  
com ruge o leão metralhado no flanco!

## LV

D eois lancei-me à porta e com râbido braço,  
n'um impeto a arrombei com dois sacões valentes,  
e o meu pulso dir-se-hia uma alavanca d'água!

## LVI

Saltei no meu corcel que um d'entre os mens serventes  
na escuridão guardava, e a toda a franca rédea  
cavou quei-o a chorar, rugir rangendo os dentes.

## LVII

—Mórtia! clamava eu. Justiça á tal tragédia!  
Mórtia! clamava eu, correndo á desfilada,  
que lendário campeão da velha Idade Média.

## LVIII

Mórtia! clamava eu, com a cabeça ariada,  
suponho-me um fatal herói de vil bruxedo,  
vocando n'um horrendo ambiente de balada.

## LIX

Mórtia! e a gesticular no meio do arvoredo,  
eu via o seu vestido elegante e caudado,  
o seu cinto, o seu véu, o meu anel no dedo...

## LX

Mórtia! e a recompor todo o terno passado,  
via-lhe a crôa ideal da flor da laranjeira,  
a sua branca alcova, o violino, o bordado...

## LXI

Mórtia! e a reconstruir a minha vida inteira,  
via, ao longe, inflamado em luzes o alcaçar  
de archotes aos clarões.—Dir-se-ia uma fogueira.

## LXII

Mórtia! e ao raio, á chuva, ao vento a galopar,  
eu via o negro leito heraldico e as cortinas,  
as camélias, o espelho, o piano d'Erard...

## LXIII

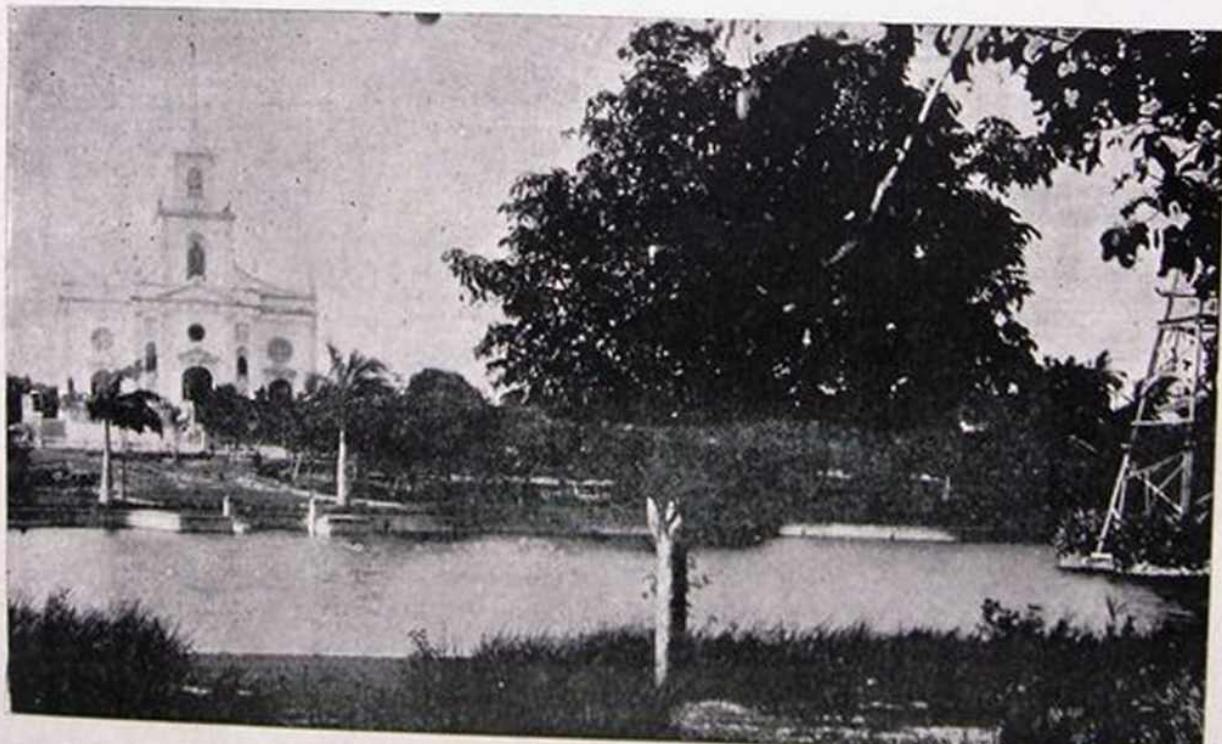
Mórtia! e eu via o terraço e o men sonho em ruínas,  
eu via E'la corar, ao meu menor disvelo,  
e tremarem na minha essas mãos pequeninas...

## LXIV

Mórtia! e eu via sempre em tom de pazardelo,  
—desde a cabeça aos pés, como um comprido luto—  
sempre esse negro mar, sempre, do seu cabelo!...

Gomes Leal

(D'A Mulher de luto, no prelo)



Fortaleza—PARQUE DA LIBERDADE

(PHOT. WOLSEN)



PARA—TRAVESSA DR. FRUCTUOSO GUIMARÃES (PHOT. FIDANZA)

## Teófilo e os Arcades Brazileiros

Ha mezes que guardamos religiosamente o livro *Filinto Elio e os Dissidentes da Arcadia*, 20º volume da monumental *Historia da Literatura Portuguesa*, de Teófilo Braga. Era este um dos raros tómos aífa por imprimir desta obra sem igual. — A doença inibi-nos de agradecer ao Mestre, com presteza e publicamente, mas esta oferta nababesa. E quase ousadia é virmos falar, com a poaquinha costumada, mas sincerissima, depois de se haver pronunciado no mesmo assunto, em tres inapreciaveis artigos do *Correio da Manhã*, do Rio, o primeiro critico brasileiro da actualidade, sr. José Veríssimo, que milita na escola impressionista do sr. Júlio Lemaitre, conquanto não desdenhe os sempre bem lembrados processos de Taine, quanto se lhe tornam precisos. E neste caso provou com perspicacia a sua capacidade taineista.

Desta livro, que attingiu 735 substancialissimas páginas, poderiam á vontade fazer-se doi', — um acerca de Filinto e os seus dois companheiros de dissidencia, Nizotau Tolentino e José Anastacio da Guinha, e outro sobre *Os Arcades Brazileiros*.

res, que ocupam metade do volume. A José Basilio da Gama, José Durão, Thomas Gonzaga e Francisco de Melo Franco, aqui analisados, agregar-se-iam Claudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga, tocados no vol. *A Arcadia Luzitana*, e ainda talvez Caldas Barbosa, Souza Caldas e outros. Ficariam deste modo as letras brasileiras com um livro completo a respeito dos seus Arcades, pois que o melhor es- tudo até hoje publicado, respetivamente a tão provocador periodo — os *Aspectos da literatura colonial brasileira*, de Oliveira Lima, não é positivamente uma critica exaustiva.

Esta questão dos Arcades Brazileiros, ou da *Arcadia Ultramarina*, tem sido motivo para disputas de numerosos investidores. Esses catadores de alfarrabios, quando enfrentam este problema de historia literaria, em vez de o passarem pela lieira da Critica, tratam somente de assestar a luta ao registo dos socios da Arcadia Luzitana e da Nova Arcadia ou de cocar nas participações dos governadores do Brasil a nota burocratica da cerimonia inaugural da Arcadia Ultramarina. E, como poucos filhos se encontrem nas Academias Lisbonenses e nenhum rastro lhebriga su da uma Arcadia official no Rio ou em Vila Rica, decidem perentoriamente, anchos da sua sabedoria, que só quatro ou cinco perten-

ceram ás protegidas agremiações da metrópole e que as como alguma do mesmo teor se constata nas terras cabrileas. Incompreensão critica, inda que agudeza de alfarabistas. Nesta estreiteza de vistas caiu o masculo Camilo, que nunca foi critico, e muito menos historiador. E, antes e depois do vibrante polemista, muitos outros cronistas literarios, de Portugal e Brazil, queimaram as pestanas em cima da magna duvida.

Melhormente entendeu o sr. José Verissimo a razão de Teófilo expôr Durão, Gonzaga, etc., como Arcades. E fôr de contestação que, à maneira da Academia Brasileira de Letras, do Gremio Literario da Bahia, da Academia Pernambucana de Letras e outras sociedades do mesmo gênero, actualmente funcionando, sem o beneplacito oficial, existiu no Brazil uma imitação das Arcadias Italianas e Portuguezas. Teófilo Braga di-lo claramente: «A Arcadia Ultramarina não constitue uma associação individualizada, mas uma tradição, que foi tomando diferentes corpos, em varias épocas e lugares» (*Filiato*, pags. 495).

Por outras palavras, ilustrando o texto acima:—Durão, Mello Franco, Bazilio, Gonzaga, Alvarengas, etc., pertencem, pelas suas tendências mentais, à escola arcadiana, à semelhança de Gregorio de Mattos, que entra com a sua diminuta bagagem na escola culturanista, de Domingos Magalhães, Porto-Alegre, Varnhagen, Gonçalves Dias, Alencar, etc., que formam na escola romantica. E assim por diante. O não estar matriculado em qualquer das Academias de qualquer época não significa que se seja estranho ás correntes estéticas, científicas ou filosóficas dessa mesma época. Só os genios alcançam libertar-se da influencia directa dos seus contemporâneos. E com esses nada quer a sabença académica. Tanto isto é certo que Filinto e Tolentino, trilhando veredas idênticas ás dos seus coevos, se revelaram contudo em plena insubmissão aos dirigentes arregimentados. E ainda neste momento presenciamos esta anomalia:—na Academia Franceza penetraram diversos *naturalistas* e deixaram á porta o sistematizador do naturalismo,—aplicação incompleta e erronéa do Positivismo á estética,—o secundo e forte Zola.

Resumindo:—os propagadores da Arcadia Ultramarina devem estudar-se nos seus livros, onde se accusam as correntes de gosto dominantes da época, e não em livros de actas. São escritores dumada dada feição e não frequentadores dum determinado gremio. Lidaram pelo triunfo dum canon artístico e não pelo brilho de sessões solenes, com chá e torradas, e um *Bendito!* Foram multidão e não quaesquer aquartelados. Distinguiram-se pelo talento e nunca por diplomas graciosos. Constituiram, enfim, *Os Arcades Brasileiros* e não os illustres e respeitáveis membros da sapiente e benemerita Arcadia Ultramarina, como diria o Conselheiro Accacio.

Dissemos, e reiteramos, que o eruditissimo trabalho de Teófilo é o mais sólido de quantos hão aparecido relativamente aos Arcades Brasileiros. E afirmamo-lo com o autorizado testemunho do autor dos *Estudos de literatura brasileira*. A parte bio-bibliográfica é abundantíssima e absolutamente nova. A orientação critica, tratando-se de uma obra de Teófilo, redundaria ser assegurar que é irrevistável, pelo seguro e largo criterio filosófico que a inspira, de princípio a fim. Quem quer que deseje, doravante, apreciar os Arcades Brasileiros, não poderá dispensar este firmíssimo guia, para nos servirmos mais uma vez dum justiciero conceito do sr. José Verissimo.

Teófilo Braga, que já em 1870 expandia, na *História do teatro português*, hoje incorporada á *História da Literatura Portuguesa* («A comédia classica e as tragicomedias», pags. 179-80), uma teoria do pessimo inicio da literatura brasileira, e que em 1877, no *Paruoso Português Moderno*, definia calorosamente o liríssimo amoroso brasileiro, não cessa de aquilar nos seus livros de critica e de historia as manifestações do desenvolvimento cultural e social do Brazil. E podemos avançar que as suas soberbas sínteses nunca jamais foram contraditas, nem pelos factos, nem pelas observações dos criticos brasileiros. Pelo contrario, tem sido por muitos prolongadas, em gênero elemento basico. Consta-nos até que, na edição definitiva da *História da Literatura Portuguesa*, que está correndo, os românticos brasileiros terão um lugar não inferior ao que perniciosa am os Arcades. Os progonos do Romantismo, os Ultra-Românticos e os que assistiram á Dissolução do Romantismo, de penha em punho, opacidade porventura um tómo—*Os Românticos Brasileiros*. Para os vultos que saíram das Escolas de S. Paulo e do Recife, seguidores dos da Escola de Coimbra, será difícil encontrar uma denominação genérica, porque não houve obsessão doutrinária, nem tampouco

de produções. A de Coimbra, com perfeita justificação, que noutra oportunidade diligenciaremos expender, quadra o nome de—*Escola Positivista*, porque lá a filosofia positiva abalou belletristas, cientistas, pensadores e publicistas (na ação de políticos teóricos, estes últimos). Mas aqui perduraram o Parazianismo e o Hugoauismo, teve pequeno curso o Realismo, dividiram-se os positivistas em ortodoxos e heterodoxos, e alguns destes enveredaram para o evolucionismo e para o monismo, simples corroborações do positivismo, etc. Parece-nos, todavia, que a influencia mais profunda e mais duradoura, na vida intelectual e mesmo temporal, é a do autor do *Sistema de política positiva*, nas suas duas fases. O problema, ao primeiro lance, é intrincado. Ponham-se de parte, no entanto, as pessoas, vejam-se os escritos e verificare-se á que não andam longe da verdade inteira.

Desta sorte, em lugar de uma restricta historia das letras lusitanas, Teófilo Braga erguerá um monumento á *História da Literatura da Língua Portuguesa*. E ninguém mais competente para levanta-lo. O altíssimo autor da *História da Universidade de Coimbra* e do *Sistema de Sociologia*, ao presente o chefe incontestado da literatura portuguesa, foi o grande e potente semeador das ideias gerais que hoje circulam no Brazil e em Portugal. O que agora muitos reputam lugares comuns simbolisava em 1854, anno do aparecimento da *Visão dos Tempos*, com o seu revolucionador prefacio, autenticas esfinges.

Folheando um livro intitulado *Filinto Erisio e os Discípulos da Arcadia*, prefigurava-se-nos um dever elementar o versar primeiramente a controvertida personalidade moral e mental de Francisco Manuel do Nascimento. Mas logo pelo título se devia ter notado que não nos propuzemos discorrer senão acerca dos Arcades Brasileiros. Filinto ficou retratado nás trechos admiráveis páginas sintéticas com que Teófilo abre a critica da sua ação no meio português. Muito mereceda da posteridade, por diferentes considerandos, o frio latínista. E não é o somos aquelle que lhe outorgam de classicismo da língua. Classicismo no verdadeiro sentido, não no de antigo e de purista, porque não é dos mais velhos, nem se expurgou dos galicismos—outros exertos. Clássico, sim, mas á moderna, segundo a definição que Emilio Faguet arquiva no seu *Seculo XIX* e aplica a Victor Hugo—o que insculpe o falar de todos na linguagem de alguns». Assim, sim, porque nem doutro modo Cândido de Figueiredo o absolveria...

Concluimos com um voto. E que seja pelo prosseguimento do ardor dos incansáveis livreiros Lello & Irmão, do Porto, os activos e intelligentes editores de Teófilo Braga.

FRAN PAXECO.

## O mez litterario em Portugal

### A poesia

Gomes Leal—A Mulher de Lucto—As idéas do Poeta—Nova edição das «Cloridades do Sul».

Os annuncios da livraria Gomes de Carvalho, noticiando estar no prelo o novo livro de Gomes Leal, essa *Mulher de Lucto*, ha tanto tempo aguardada com tanta esperança, levaram-me hontem até a esse alto da Graça, varrido do vento e dominando o rio, onde reside, perto das nuvens e das brasas, o poeta que, nos ultimos tempos, maior e mais poderosa originalidade artística tem demonstrado entre nós.

Chama-se Bella Vista o solitário sitio,—e na verdade poucas vezes, na banal nomenclatura das ruas, que nas cidades quasi se resume a uma somolenta evocação de nomes de estadistas olvidados ou de guerreiros prehistóricos, se me deparou uma mais apropriada designação. A rua da Bella Vista

tem, com efeito, uma bela e surprehendente vista. P'un lado, o lado do rio, um pequeno muro a orla, deixando ao outro, o dos predios, toda a magnifica visão d'um horizonte rasgado, onde o olhar se dilata, feliz, na consoladora expansão das ilimitações. Primeiro é uma encosta verde, que constitue a area plantada e fresca de qualquer quinta; depois uma meia dusia de telhados: o Mirante, Santa Clara, os Caminhos de Ferro, e ondeando o dorso azul aos beijos namorados do sol eis que o Tejo surge, na sua linha placida que uma ou outra fragata mal sulca n'uma fugitiva esteira, cortando o ar luminoso com a aza das suas velas. E' um dia de inverno, fresco e transparente,—o firmamento não se empana com uma só nuvem, e a aragem que perpassa, levemente cortante, arranca as ultimas folhas ás arvores desfalecidas.

Gomes Leal recebe-me com o seu inalteravel abraço. Não o via ha bastante tempo, e é com prazer que reconheço que o seu aspecto se não tem modificado sensivelmente. Tem envelhecido, é certo; mas o seu bigode, sempre em riste, os seus olhos onde raia uma chamma d'essa loucura sonhadora que é o atributo do genio rebelde, traduzem uma perpetua mocidade do espirito. Alma de trovador medieval, incrustada nos requintes modernos de Baudelaire e Poe, Gomes Leal tem sempre o ar de combater por sua dama,—que alternativamente elle idealisa n'uma esbelta e estranha criação feminina ou symboliza n'uma grande, revolucionaria e pura causa.

Levava-me ali a *Mulher de Lucto* e sobre a *Mulher de Lucto* architeci as minhas perguntas. A elas se prestou gentilmente o poeta a responder, eda sua conversação a tal respeito eis a impressão mais synthetica que me é dado transmittir-lhes:

A *Mulher de Lucto* sae em abril. E' um grande poema, no qual, a par da sua aguda psychologia, o auctor pretendeu imprimir uma larga orientação philosophica. Seduzido por muito tempo por theorias pessimistas, sobretudo aquellas com que o seu predilecto Hartmann o influenciara, Gomes Leal libertou-se ha annos já d'aquillo a que podermos chamar o materialismo grosseiro. Não quer isto dizer que tenha deixado de ser um materialista,—mas hoje a sua intuição alarga a dominios ainda quasi inexplicados a concepção systematica do materialismo. Na *Mulher de Lucto* encontrar-se-ha um exemplo d'isto. O poema refere-se a transcendentais problemas que a sciencia se não tem resolvido, não tem, contudo, podido eximir-se a registar. Entre elles, estão os phenomenos psychicos a que se convencionou dar o nome de espiritismo. Gomes Leal não tem reluctance em aceitar os factos, como Lombroso, William Crookes e Aksakoff os relatam, muito embora não lhes reconheça uma natureza espiritualista. N'uma palavra, o que o ilustre poeta julga encontrar nos factos a que alludo não é mais do que essa confusa e dispersa manifestação de forças desconhecidas a que Hugo chama *fragmentos de leis entrevistas*.

— Não ha senão a energia da vontade, diz-me elle, com a serenidade d'uma forte convicção. Não se sabe querer. Em o sabendo, o homem triunfará de tudo.

E cita-me os exemplos do fakirismo, em que pela forte tensão da vontade tantos assombros se realizam.

A *Mulher de Lucto* tem esta orientação, ou antes defende, em versos lavrados como finas joias, esta these: a sobrevivencia do amor. Gomes Leal surge-se contra a pretensão cruelmente depressiva do aniquilamento total de todas as energias da vida. N'esse poema facetado e estranho, o heroe, o protagonista, vê morrer-lhe, nas circumstancias mais phantasticas, o puro lyrio de neve que todo o seu amor absorvera. E' esse episodio aquelle com que, devido á alta gentilesa do poeta, eu tenho ensejo de brindar os leitores da *Revista do Norte*, em primeur, absoluto primeur, porque ainda em Portugal não foi publicado um só trecho do novo trabalho do auctor da *Historia de Jesus*. Morre-lhe, pois, a sua amada, trespassada aos pés da Virgem de marmore negro, á qual votara a sua virgindade. Mas, por morrer, não o abandona. Do Infinito mysterioso onde ella paira como uma claridade o seu amor acompanha-o, *influencia-o sempre*.

Para mais accentuar o caracter do seu protesto contra as theorias do aniquilamento, Gomes Leal dedica uma parte do seu livro a um outro episodio, no qual nitidamente o affirma. O episodio é o mesmo do Corvo de Edgard Poe, mas enquanto, no singular poema do americano, o corvo lança inexoravelmente a toda a anciedade humana o seu fatal *nunca mais!* *nunca mais!* e triumpha, até ao seu ultimo echo, com a phrase negra de desalento e derrota, na *Mulher de Lucto* o corvo cae varado a golpes, pelo personagem febril que o evoca,— para que assim desapareça do mundo a palavra de negação que o consterna.

Eis o que lhes posso dizer da minha conversação com Gomes Leal, no lindo dia de inverno que foi hontem, quando o sol branco, mas sempre vivificante, desentorpecia as aves que crusavam na frente da janella, como se lhes murmurasse uma promessa de vida. Quanto ao entrecho da obra, não me é permittido levantar mais o veo que o encobre, porque naturalmente isso poderia prejudicar o interesse com que o novo trabalho do grande poeta deve ser ahí recebido, como o vae ser em Portugal.

Ao mesmo tempo que as primeiras folhas da *Mulher de Lucto* estão sahindo, frescas, dos prelos, uma segunda edição das *Claridades do Sul* aparece nas montres das livrarias. Foi um serviço que a Empreza da *Historia de Portugal* prestou ás letras portuguesas. A estreia de Gomes Leal fôra publicada creio que em 1874 e ha muito não se encontrava um unico exemplar d'essa edição. Livro da mocidade, elle foi contudo uma das maiores revelações poeticas da segunda metade do seculo passado, em Portugal. Não tenho que encarecer aqui o valor d'uma obra que hoje se encontra absolutamente consagrada,—mas não posso nunca, quando percorro as paginas das *Claridades do Sul* deixar de suspender-me, com profunda admiração, perante esse admirável soneto que começa:

Allucina-me a Cór!...

e termina com estes magistras tercetos:

Ha plantas ideias d'um canto divino,  
Irmãos do oboé, gémeas do violino,  
Ha gemidos no azul, gritos no carmezim...

A magnolia é uma harpa etherea e perfumada,  
E o cacto, a larga flor, vermelha, ensanguentada,  
—Tem notas marciaes, sóa como um clarim.

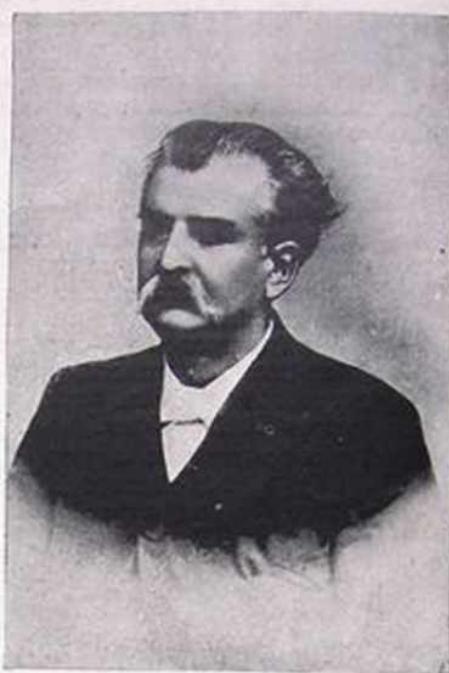
e não posso impedir-me de recordar que elle tem vinte e oito annos e precedeu em mais de deserto o conhecido soneto de Arthur Rimbaud, *Les Voyelles*, que os symbolistas adoptaram como um Evangelho. A extraordinaria intuição poetica de Gomes Leal tem, nesse soneto em que se condensam todas as vagas apercepções d'uma escola futura, o mais authentico dos attestados.

Tanto o poeta como a casa editora quizeram que esta nova edição das *Claridades do Sul* saisse inteiramente igual á primitiva, a fim de que n'ella se podesse sempre encontrar o poeta joven, tal como foi e não como novas refundições de forma ou mutilações de textos nol-o poderiam apresentar agora. O que Gomes Leal fez apenas foi addicionar-lhe algumas poesias mais recentes, que não estavam archivadas em livro, como o *Mouge triste*, a *Senhora duqueza de Brabante*, e varias outras, que pelo seu caracter podiam entrar legitimamente no plano da obra.

*A seguir.*

Lisboa—31 de Janeiro de 1902.

MAYER GARÇAO.



### Leocadio Rayoi

Violinista brasileiro (PHOT. G. CUNHA)

Realismo sem Symbolismo é a chateza na exactidão descriptiva; Symbolismo sem Realismo é a vacuidade alegórica, abstracta, sem emoção e sem vida. Th. BRAGA.

A arte deve ser a idealização da realidade. P. Laffite

A mulher não casa para ser feliz, mas sim para procrear as gerações.

Sienkiewicz.

Não nos roubeis o prazer da veneração. Stael.

Quanto mais conheço os homens mais gosto dos cães.

Lamartine.

■ A arte é um resumo da natureza feito pela imaginação.

Eça de Queiroz

A monarquia abre a porta da Revolução e a república fecha-a.

Victor Hugo.



Grupo de indios do Alto-Alegre

(PHOT. DE FREI MATHIAS BERGAMO)

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Abril de 1902

NUM. 15



O conde Leão Tolstoï

## A resurreição artística de Tolstoi

DIMITRI IVANOVITCH NEKHLUDOV, um militar elegante, da linda flor da fidalguia russa, em viagem para juntar-se ao seu regimento, prestes a partir contra os Turcos, resolve demorar-se uns dias num velho castelo da província, habitado por duas tias maternas, que cegamente o adoravam. Mas não era exclusivamente o desejo de despedir-se das duas velhas matronas, nem tão pouco o interesse de visitar as suas terras, que ficavam próximas, que lhe haviam ditado tal procedimento.

Um outro motivo, secreto e íntimo, que ele mesmo não se queria abertamente confessar, fortemente actuaria na sua resolução.

Vivia no castelo uma rapariguinha do campo, humilde e pobre e que por caridade lhe foi reconhecida ao solar patrício. Numa visita que três anos antes ali fizera afim de preparar, no repouso e na calma da vida campesina, a these com que deveria concluir os seus estudos universitários, formara-se, entre Nekhludov e Katucha—tal era o nome da camponeza—um idyllio casto, de um adorável perfume de inocência e de pureza, porque o princípio era ao tempo um entusiasta de dezenove anos, conservando ainda intactos, em matéria de amor, todos os sentimentos ingenuos e candidos da sua infância. Imbuído das doutrinas sociológicas de Herbert Spencer e de Henry George, a sua única preocupação era reparar, pelo menos no seu caso, as injustiças e os aggravos que a presente organização social inflige às classes desprotegidas e especialmente aos trabalhadores rurais. Reconhecendo quanto havia de cruel e de atroz no regime da propriedade territorial privada, formara o plano de repartir desde logo pelos seus foreiros a que lhe coubera em herança, por morte do pai, reservando igual sorte à que viesse a receber por falecimento da velha princesa, sua mãe. Todo entregue a semelhantes locubrações de reformador desinteressado, saboreando de antemão a confortante sensação de bem estar que o sacrifício da sua fortuna em prol de uma exigência moral lhe proporcionava, e ainda mais inebriado pelo doce amor de Katucha, sentia o príncipe deslizar-lhe a vida bonançosa e feliz, sem um espinho e sem uma magoa, na calma e confiada expectativa do futuro.

Mas, terminada a these, teve que voltar a São Petersburgo, e desde a sua chegada à capital uma mudança radical começou lentamente a operar-se nas suas ideias e nas suas opiniões, ao contacto da sociedade em cujo seio veio viver. Nenhum dos que o cercavam pensava como elle; eram outras e diametralmente opostas às suas as convicções que via estabelecidas ao seu redor. Quando procurava discutir os múltiplos problemas religiosos e sociais de que depende a felicidade dos homens, era invariavelmente recebido com sorrisos de mofa e palavras de zombaria; achavam-no pretencioso e ridículo, a querer por si só endireitar o mundo. Os seus planos de abnegação e de trabalho foram geralmente acolhidos com gargalhadas e apupos, apelidaram-no ironicamente de *philosopho*, trata-

ram-no de imbecil e de disparratado. De sorte que, dentro em pouco, começou Nekhludov a envergonhar-se das suas ideias, a corar das suas intenções. «Deixou de acreditar em si mesmo para acreditar nos outros». Não eram mais os seus impulsos pessoais que lhe dirigiam as ações e sim a opinião que dessas ações formavam aquelas com quem convivia. A influência do meio dominava-o, impetuosa e irresistível; ainda quis lutar por algum tempo, mas reconheceu afinal a improposituidade da luta e submeteu-se resignado. Adoptou-se às ideias do seu mundo, adoptou o credo da sua raça. Esse mundo e essa raça soberanamente lhe ordenavam que esquecesse o bem estar das classes inferiores, para cuidar exclusivamente do seu, que deixasse de parte o estudo abstracto das questões morais para entregar-se à satisfação das exigências materiais da vida. O dever supremo de um homem nas suas condições era retirar da existência a maior somma de prazeres possíveis, muito embora à custa do sacrifício de outros a quem o nascimento não conferira semelhantes direitos. Pensar de forma contrária seria desprezar a noção exacta e positiva das coisas do seu tempo para perder-se nas nebulosidades de um sonho ridículo e banal à força de irrealisável e absurdo. Que lhe importavam as desditas alheias, se ali tinha em frente, appetitosos e tentadores, os frutos do prazer, que a sua posição e a sua fortuna espontaneamente lhe ofereciam, exigindo apenas delle o esforço insignificante de os colher?

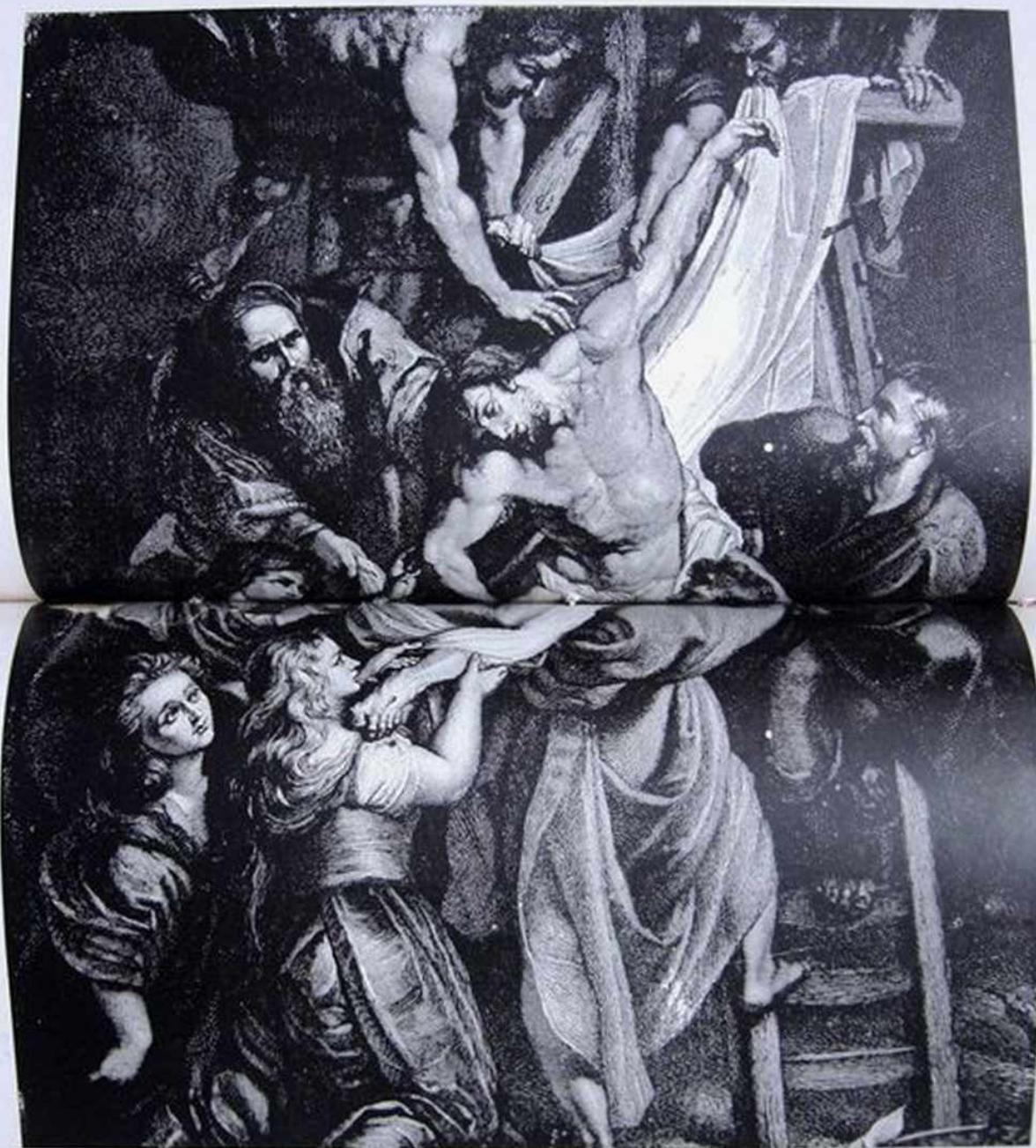
E foi assim que o reformador altruista de outros tempos, que o apóstolo entusiasta do passado, ansiava por ver realizadas na prática as teorias que bebera na leitura dos grandes reformadores sociais, se viu um dia transformado no mais egoísta e no mais dissipador dos mundanos, vivendo apenas para saciar os seus instintos materiais e completamente liberto das peias morais que na sua mocidade se pretendera impor.

Nada de estranhar, portanto, que ao receber a ordem de se ir reunir ao seu regimento, lhe acudisse ao espírito a ideia de passar pelo castelo, que lhe ficava em caminho, para rever a graciosa e gentil camponeza e reparar a sua imbecilidade de outrora, descurando, por uns escrupulos de creança inexperiente, a posse daquella deliciosa criatura, que doírara com o seu afecto submisso e dócil a reclusão da sua vida provinciana. Mas o que é certo é que elle, nuns longínquos resquícios da sua honestidade primitiva, buscava ainda illudir-se a respeito dos seus verdadeiros intuições. O seu interesse único em semelhante visita e que lhe punha d'uma alegria louca em alvoroco o coração, era apenas evocar, à vista dos logares onde se tinham desenrolado, as scenas felizes e momentos deliciosos que havia trez annos ali desfrutara.

E com efeito foram innocentas e puras as primeiras impressões que experimentou, ao contemplar de novo a sua ingenua e casta amada de outrora. Aquela creança humilde e graciosa, que, entre risonha e confusa, lhe vinha trazer as boas vindas, immarcenscível na sua pureza, sagrada na sua simplicidade, na inculta confiança dos seres que não suspeitam o mal, era bem a eleita do seu coração e deveria, portanto, ser-lhe sagrada. Mas,

SUPPLEMENTO AO N. 15

I DE ABRIL DE 1902



A REVISTA DO NORTE O descimento da cruz MARANHÃO—BRAZIL

Copia de um quadro de Rubens, no museu d'Anvers

em breve, uma outra voz se lhe ergueu n'alma, a combater os brados dessa primeira com que a sua consciencia naturalmente recta lhe procurava traçar a linha do dever, e, depois de uma pequena lucta, foi a ultima sugestão que triumphou. Katucha foi immolada á concupiscencia do libertino. E quando, depois de consummada a falta, uns retalhos de consciencia ferida procuravam ainda fazer valer os seus direitos, foi com esta frase que Nekhludov acalmou as suas recriminações:

—Ora! As coisas se passam sempre assim. Todo o mundo no meu caso faria o que eu fiz!

No dia seguinte abandonou o castello, oferecendo antes a Katucha uma nota de cem rublos, que a rapariga a principio teve a altivez de recusar, mas que elle, quasi à força, lhe introduziu num aertura do corpete.

Correram os tempos e, muitos mezes depois de terminada a guerra, voltou o principe ao castello. Ahi soube, pelas velhas fidalgas, que Katucha deixara a casa, que dera a luz a um filho e que, na opinião delas, a rapariga havia descido ao mais infimo grão da prostituição e do debache. «Era uma criatura por natureza viciada e perversa; mais cedo ou mais tarde viria a dar naquillo».

A semelhantes declarações, Nekhludov sentiu-se inteiramente liberto de uns remorsos vagos que por vezes, de longe em longe, lhe vinham ainda assaltar a consciencia culpada. Se Katucha se havia prostituído, quem lhe dava a certeza de ser delle aquele filho que ella puzera no mundo? E afundou-se ainda mais nos prazeres, esquecendo completamente aquella aventura, a seu ver, insignificantíssima.

No entanto Katucha, ao ser despedida do solar, levando nas entradas o fructo da perfídia do principe, teve logo a consciencia de que uma vida ingrata, toda feita de provações e de amarguras, começava para elle. Mas quiz ainda lutar com a sorte que a aguardava; procurou por algum tempo viver do seu trabalho honesto; infelizmente, foram baldados os seus rudes esforços. Fecharam-se-lhe todos os caminhos por onde poderia honradamente trilhar; apenas um se conservava aberto, largo e facil, e por elle enveredou a infeliz afinal, depois de ter visto morrer-lhe o filho, miseravelmente, num hospício de creanças desvalidas. Brutalmente sacudida pelo vento impetuoso e aspero do seu destino infeliz, desceu a pobre o declive escorregadio da prostituição ás escancaras, passou por todas as graduações do debache e da crapula, até que afinal, pervertida, maculada, corrupta, sem que nada mais lhe restasse da innocencia e da pureza primivas, foi arrastada aos tribunais, a responder por um crime que não commettera.

Por uma coincidencia singular, dessas que muitas vezes justificam a crença numa força oculta a dirigir os destinos de uma vida, foi Nekhludov sorteado para fazer parte do jury a que respondia Katucha. Apesar da mudança que na moça se operara, o principe reconheceu-a logo. E foi todo o seu passado, que elle julgara sepultado para sempre nas trevas do esquecimento, que se lhe ergueu em frente naquelle instante. Enquanto se desenrolavam as formalidades com que a lei acompanhava esse simulacro de distribuição de justiça, o

moço patrício evoca em imaginação as scenas longínquas dos seus amores idos, confrontando a formosa rapariga de outrora com a mulher envelhecida e gasta que se lhe deparava no presente. E a consciencia da sua responsabilidade, da grave responsabilidade que lhe cabia no naufrágio daquella vida, começa a formar-se-lhe no íntimo, a principio indecisa, fluctuante, vaga, mas por fim completa, inteira, iniludivel.

E não é somente da ignominia e da infamia da sua conducta com relação a Katucha que elle se dá conta naquella hora, mas de toda a vida ociosa, inútil, perversa, miserável, que ha longos annos levava. «Dir-se-ia que o manto que até então lhe havia occultado de um modo estranho a miseria do seu procedimento para com Katucha e toda a óca vaidade da sua vida, se rompera aos poucos, revelando-lhe o abysso de torpezas em que se afundara». E, simultaneamente com esse clarão sinistro, que illuminava até ás suas mais reconditas profundidades o pelago sombrio onde cahiria, uma claridade suave e doce, uma resplandente e promissora claridade de manhã que desponta, começava tambem a aclarar-lhe as trevas de um futuro de reparações e de arrependimento, inspirando-lhe logo a resolução de compensar todo o mal que fizera.

Katucha é condemnada, não porque deixasse de ficar bem patente a sua innocencia, mas por uma inobservância, por parte dos jurados, de uma insignificante formalidade da processualistica. E Nekhludov propõe-se imediatamente a obter a sua rehabilitação. Fossem quaes fossem os sacrifícios que a consecução de um tal designio lhe impuzesse, elle tudo aceitaria resignado, sem afrouxar um só momento. Após onze annos de uma vida mentirosa e indigna, cheia de misérias e de injustiças, de baixezas e indignidades, sentiu finalmente chegada a hora da reparação. Todos os seus erros passados, todos os seus crimes, todas as suas faltas, todas as suas culpas, tudo isso elle irá lavar arrependido e contrito no banho lustral dessa abnegação e dessa renuncia. Romperá uma ligação adultera em que andava envolvido, abandonará os planos de um casamento de conveniencia com que sonhava, desfar-se-á de todo aquele luxo e do todo aquele fausto inutil de que se havia cercado, para consagrar-se inteiramente á nobilissima tarefa de salvar a sua vítima.

«Verei Katucha, dir-lhe-ei que sou um miserável, reconhecer-ei que sou o unico culpado das desgraças que a feriram. E não pouparei esforços para lhe suavizar as aguuras da sorte... Pedir-lhe-ei perdão dos meus crimes... Casarei com ella, se tanto for necessário para rehabilitá-la!»

E de repente, com a alma em pedaços, numa aancia louca de commiseração e de auxilio, ajoelhou-se e ergueu as mãos ao céu, como nos tempos da sua meninice, supplicando:

—Senhor! Desce em meu auxilio, instrue-me, ilumina-me, purifica-me!

Uma paz immensa se lhe estendeu carinhosamente n'alma. Sentia-se capaz de fazer todo o bem que a um homem é dado praticar. Vieram-lhe as lagrimas aos olhos. «Correu a janella que deitava para



MARANHÃO--INTENDENCIA MUNICIPAL (PHOT. TEIX.)

o jardim e abriu-a de parem par. Fóra ia uma noite silenciosa e clara. A sombra de uma grande árvore despidas desenhava-se em arabescos na areia das alamedas e na selva dos canteiros. A esquerda brilhava o tecto da *remise*, aos raios luminosos do luar. E Nekhludov contemplava o jardim, iluminado por uma luz argente e doce, a sombra da árvore, o telhado da *remise* e aspirando a vibração vivificante da noite, murmurava extasiado:

—Como tudo é bello! meu Deus! Como tudo é bello!

«Mas era sobretudo na sua alma que a beleza residia naquela instantânea».

—A seguir.

ANTONIO LOBO.

## 0 mez litterario em Portugal O romance

*Não ha romances nem romancistas—  
Uma promessa única—O sr. Carlos Malheiro—Uma regressão?—As traduções.*

Não aparecem romances,—e a decadência, por falta de cultores, a que chegou este gênero de produção literária é tal que nem sequer aparecem anunciados, sem nenhuma tentação de se escreverem, como é de uso e costume fazer-se quando, em vez de faculdades de trabalho, se tem apenas o desejo indomito de colocar sobre um nome um rotulo de literato.

Entretanto, é dever abrir, n'este último ponto, uma exceção. Carlos Malheiro Dias, o autor do *Filho das Herbas* e dos *Telles de Albergaria*, tem no prelo uma nova obra. Intitula-se *A Paixão de Maria do Ceo*. Edita-a a livraria Tavares Cardoso.

Pelo título fica-se um tanto perplexo sobre o que seja o próximo livro de Carlos Malheiro. Até agora, o jovem romancista tem procurado fazer literatura naturalista, e nos seus romances é bem manifesta sempre a influência de Zola e Eça,—na sua analyse realista, embora impregnada de poesia. *A Paixão de Maria do Ceo* é um título místico. Não me quero aventurar em suposições sobre um trabalho de arte de que conheço tão somente o título. No entanto, seria bem para lamentar que o moço escritor abandonasse a orientação que até agora tem presidido às suas elaborações românticas. Deixar de photographar a vida, de analisar os costumes, de exprimir, embora de uma maneira pouco nítida, mas real, as inspirações d'uma moral mais sá do que a que domina as sociedades contemporâneas, e em especial a portuguesa, para lançar o espírito através de sonhos doentios e de creações chimeras,—seria n'este caso, por muito que a formalucrasse, uma funesta regressão de idéias.

O sr. Carlos Malheiro apareceu em Lisboa, precedido do conceito merecido d'um espírito inteligente e d'um trabalhador acerrimo. Quem escreve estas linhas conheceu-o então, nas aulas do Curso Superior de Letras, que ambos cursavam. D'ahi para cá intransigências irredutíveis de princípios e fórmulas de arte afastaram-no, mas isso não impede que a mesma convicção, acerca da

sua intellectualidade e das suas faculdades de escriptor exista no auctor d'estas palavras, e não duvide, como não duvida, afirmal-as. *O Filho das Herbas* e *Os Telles de Albergaria*, contendo muitos defeitos, foram, contudo, mais do que uma revelação, a demonstração de que esse rapaz, ainda hão pouco desconhecido, possuia recursos d'onde se podia esperar uma solida obra futura. Se, po-

o romance *Ben-Hur*, de Lewis Wallace, vertido para o portuguez pelo jornalista Eduardo Noronha e a sra. Selda Potocka. São dois volumes, publicados pela casa França Amado, de Coimbra, que ca pricha em nos apresentar edições nitidas e elegantes.

O romance trata da vida do Christo, com uma ensabulação attrahente, e estylo castigado, que os



**Typo de belleza paraense** (PHOT. BASTOS.)

rem, como de pensador manifestamente revolucionario se tornou deputado conservador, o joven romancista effectuar, no terreno da arte, uma transformação similar,—seria com o desgosto de quem vê perder-se um talento que eu registaria n'estas paginas o lamentavel facto.

Traduccões que mereçam o nome de litterarias, uma apenas chega ao meu conhecimento. E'

traductores se aprimoraram para trasladar à nossa lingua.

E nada mais, se não fallarmos d'uma nova edição dos *Miseraveis*, de Hugo, com a antiga traducción, por signal muito regular, de Silva Vieira, feita agora com o intuito de commemorar o Centenario do Gigante do Romantismo, que a França se apresta a solemnizar em fevereiro proximo.

## O theatro

D. Maria — As «Semi-Virgens» no D. Amélia — O «flirt» em foco Os «Crucificados» — O sr. Dantas através dos séculos — No Gymnasio: «Os Vencidos» — Uma «thèse» — O sr. Lopes de Mendonça: o «Alfénio» e o «Tigão Negro» — O Príncipe Real.

No theatro é que continuam a aparecer novidades, pelos motivos singelos que na minha anterior carta tive ensejo de assignalar. Cumpre, porém, exceptuar D. Maria que ocupou todo o mez com as recitas do *Suave Milagre e réprises*, tendo a companhia feito uma curta visita a Coimbra, onde representou o *Caminheiro*, de Richepin, os *Rautzau*, de Eckmann-Chatrian, e a *Segunda Mulher de Tanqueray*, de William Pinero.

Em D. Amélia, as *Semi-Virgens*, de Marcel Prévost, traduzidas por Mello Barreto, alcançaram um legitimo sucesso. É uma forte obra de dramaturgia moderna, sem duvida a melhor de todas as peças que até agora se tem representado em Lisboa, durante esta época. As *Semi-Virgens* tratam do assumpto pouco atentamente fixado do *flirt*, e n'uma analyse admirável, crua, severa e lucida, sem perder o esmero litterario que resalta em todas as scenas e na creaçao de todos os personagens, applica a esse equivoco *dilettantismo* do amor o estygma de perversão que lhe compete. É uma verdadeira prostituição dos mais recatados recessos do pudor feminino, e essa prostituição é desvendada com a forte moralidade de quem não teme conhecer um mal para o curar, sem que todavia o auctor caia na declamação e nos processos de conferencia. Os factos, os factos! — e da sua eloquencia extrahe-se a maior lição que um espírito superior pode dar a um publico intelligente. O desempenho das *Semi-Virgens* é, em geral, muito regular e harmonico.

No mesmo theatro, deu Lucinda Simões, acompanhada por sua filha Lucilia, que cada vez se revela mais uma gloriosa esperança da scena nacional, e pelos actores Christiano e Chaby, varias representações com o concurso de artistas da companhia Rosas & Brasão. Foram à scena, entre outras peças, a *Lagartixa*, a *Zazá* e a *Casa da Boneca*, de Ibsen. N'esta ultima, porém, residiu o maior successo d'esses artistas, e especialmente de Lucilia, cujo trabalho, aqui posto em confronto com a grande creaçao da Duše, mereceu o aplauso geral, quente de admiracão e de incitamento.

A época do Carnaval vae abrir, e com ella chegar-nos-ha a première do *Coup de fouet*, a que o seu traductor Eduardo Garrido pôz o título de *Outro eu*. Por causa da approximação d'essa época, e bem assim da doença da actriz Angela Pinto, — pelo menos é o que a empresa fez declarar, — teve de ser addiada a representação dos *Crucificados*, a nova peça do sr. Julio Dantas, que d'esta vez tem os intuiitos d'uma peça moderna, quando mais não seja pela data. Com os trabalhos d'este dramaturgo, dá-se com effeito a circunstancia curiosa de virem passeando n'uma marcha ascendente atra vez dos séculos. O seu primeiro original foi, como se sabe, *O que morreu de amor*, cuja acção se passava, creio eu, no século XII. Seguiu-se-lhe, com

uns centos de annos de intervallo, o *Viriato Trágico*. A *Severa* é já da metade do século passado. Agora, os *Crucificados* pertencem á época actual. Já não era sem tempo! Todavia, parece que o sr. Dantas não se dá bem nos nossos dias, porque já se affirma que está escrevendo outra peça, chamada *Pacto de Veiros*, o que cheira a Edade Media a cem leguas de distancia.

Ernesto da Silva, o sympathetico escriptor e propagandista revolucionario, que ha annos abordou o theatro, em circumstancias do mais merecido estímulo, deu-nos, no Gymnasio, uma nova peça, — a terceira da sua pena que é representada em palcos portuguezes. *Os Vencidos* são um trabalho de these. N'elle pretende o auctor provar que, na actual sociedade capitalista, difficilmente é, ainda a characteres honestos, deixarem de ser vencidos nas suas nobres intransigencias. O entrecho é simples: um joven medico, cheio de merecimento e de estudo, contraiu durante os annos do seu curso uma ligação com uma rapariga, filha da dona da casa em que vivia e em que era tratado como filho. Essa rapariga é uma alma generosa e pura, que o acompanha, com a dedicação d'uma compadreira amoravel e fiel, na sua combatida existencia. Dos amores de ambos, que vivem como esposos, nasce uma creança. Mas o medico sente-se, não direi ambicioso, porque seria rebaixar muito os soberbos ancejos da ambição, mas impaciente de talhar em si, como a sua capacidade requer, um logar desafrontado ao solo social. Devota-se a esse intuito, emprega todos os recursos honestos, — mas depressa vê que a sua preterição será eterna enquanto se conservar na obscuridade e na mal disfarçada miseria. Então fraqueja, cede, é *vencido*. Um amigo, possuidor d'esse cynismo amavel em que hoje se resumem os preceitos do *savoir faire* da vida, indica-lhe um casamento vantajoso, — uma menina rica, com mancha, como se diz no calão mundano parisiense. Armando, — é o nome do medico, — aceita, faz a corte à burguezinha viciosa, e nas vesperas do casamento pretende partir, sem uma explicação com a amante, sem um beijo no filho, porque para essa explicação como para esse beijo se considera impotente. A vilzeza descobre-se, mas Armando, apesar do protesto amargo e digno d'um tio que o protegeu, embora seja modesta a sua posição social, é um nobre e sólido carácter, á antiga portugueza, que o actor Ignacio interpreta d'uma forma superior.

O resto é facil de conjecturar: a abandonada e a filha ficam na miseria, altivamente supportada, mas Armando não é feliz. A mulher que elle aceitou, pelo dinheiro que possuia, lança-se n'uma prostituição galante que o envergonha e que, passados annos, após uma surpresa em flagrante, o força a sahir d'essa casa doirada e ignobil. O pensamento da amante domina-o, augmentado pelo severo contraste; a saudade do filho punge-o. Já anteriormente elle tentou aliviar a miseria dos dois, com donativos que, primeiro repellidos, são por fim aceitos pelo tio e pela mãe da victimia, a fim de acudir ádesventurada que cahiu deante como gravemente adoeceu o filho. Tambem elle é *reacido*, esse velho de tanta singela e inflexivel digni-

dade, porque se não aceitasse tais socorros a catastrophe seria inevitável, à mingua de meios para lhe resistir! Mas a doença da creança agrava-se, sobrevém uma meningite, só um especialista tão distinto como o pae a poderá salvar! Este entra a occultas n'aquella casa, e reconhece que é inevitável a morte do filho. Está perdido, irremissivelmente perdido! Sobreveem a mãe, que de nada sabe, e ao vê-lo ali, tem uma soberba explosão de colera e despeso que atinge a maior intensidade dramática quando sabe que também os que a amam foram vencidos, recebendo o dinheiro maldito d'aquelas mãos. Armando insiste com ella para reatarem as relações antigas, mas a nobre mulher, sabendo já que o filho vai morrer, recusa, no único protesto viril que vibra em toda a peça, e que levanta essa mulher à altura d'um symbolo de integridade moral, que deveria ser a norma de toda a futura educação das sociedades.

Como se vê, a peça de Ernesto da Silva filia-se, como accentuaram os jornais mais conservadores, n'esse forte *theatro de idéas* que de Ibsen para cá vem revolucionando a arte drámatica contemporânea. Poderá ter hesitações na sua factura; o autor é novo, entusiasta, possuindo d'uma ardente sede de justiça que se afirma precipitadamente nas suas apaixonadas reivindicações. Mas estuda, trabalha,—e sobretudo é honesto, como poucos o igualam na moderna cohorte dos homens, de letras portuguesas.

Outro original aplaudido foi o *Tiçao Negro*, no theatro da Avenida. Pôlo em cena, com grande apparato, a empresa Sousa Bastos, e Palmyra Bastos tem n'elle um dos florões da sua merecida glória. O *Tiçao Negro* é, na realidade uma adaptação dos autos de Gil Vicente à moderna cena, adaptação feita, com inteligência e esmero, pelo sr. Henrique Lopes de Mendonça.

A critica, sem discrepancia, apesar do sr. Lopes de Mendonça ser, e com razão muito discutido em certos meios litterarios, aplaudiu conscientemente o seu trabalho.

Que diser do *Alfenim*,—afinal sempre ficou sendo o *Alfenim*,—que, devido também à pena do sr. Lopes de Mendonça, foi representado no theatro do Príncipe Real? É uma peça do Príncipe Real,—eis tudo. Este theatro, onde concorrem os elementos mais populares, é uma espécie do Porta Saint Martin. O velho dramalhão reina ali, despotico e tyranno; o bem triumpha sempre do mal; os actores que interpretam papeis odiosos são injuriados da plateia. Creou-se mesmo a denominação de *principe-realescas* para aquellas peças onde o espirito do melodrama inspira, embora vão à cena em outras casas de espectáculos. O *Alfenim*, apesar das suas pretensões a intuições moralizadoras, é no fundo uma peça que está a caracter para aquele theatro, onde, note-se, estão hoje excellentes actores, como Joaquim de Almeida, e Adelaide Ruas. Além disso, cumpre dizer para que se não julgue que pretendo deprimir este theatro que tem de satisfazer as exigências do seu público, o Príncipe Real tem varias vezes servido para não ficarem sem palco obras que, por não serem avaliadas no seu justo merecimento, tem sido rejeitadas

nos chamados grandes theatros. Exemplo: a *Pecora*, de Marcellino Mesquita, que marca o inicio da escola realista na cena portuguesa.

Nos outros theatros, isto é, na Trindade e na Rua dos Condes, continuam a representar-se revistas.

## Outros livros

*Entre duas revoluções*,—é o título d'um livro do sr. Barbosa Collen, jornalista fluente e elegante que já exerceu a direcção das *Novidades*, quando o sr. Emygdio Navarro esteve na embaixada de Paris. Editou o livro a casa Manuel Gomes, de Lisboa. A obra occupa-se do período de 1848 a 1851, e é muito interessante pela rememoração de factos e indivíduos que mais se salientaram durante esses agitados três anos, que prepararam o movimento da Regeneração. Além disso é um trabalho de estylo, lembrando vagamente a forma familiar e encantadora de Julio Cesar Machado. O sucesso do livro do sr. Barbosa Collen foi grande, estando-se já, segundo consta, a fazer segunda edição em Paris.

Outra obra de importância é a do professor Carneiro de Moura, também jornalista, visto dirigir uma folha política lisbonense, *O Imparcial*. É o primeiro volume d'*O Século XIX em Portugal*, que abrange o período interrevolucionário de 1789 a 1848. O sr. Carneiro de Moura trata n'ele brilhantemente da história política, literária, económica, artística e militar dos últimos cem anos. É um grosso tomo de 416 páginas.

Tive também o prazer de me vir parar às mãos um formoso volume de antologia brasileira, compilado pelo sr. Max Fleuiss. Intitula-se *Férias*, e n'elle se encontram dispersas produções em prosa e verso dos principais escritores brasileiros, entre os quais se contam velhas admirações minhas, como Raul Pompeia, Olavo Bilac, Machado de Assis, Coelho Netto, Raymundo Correia, Arthur Azevedo, Luiz Murat, Quintino Bocayuva, Ruy Barbosa, José do Patrocínio, B. Lopes, Joaquim Nabuco, Aluizio Azevedo e Eduardo Prado.

Justificando o seu trabalho, diz o sr. Max Fleuiss:

«Não ha quasi no Brazil uma literatura didáctica: a nossa juventude sente a falta de livros brasileiros que lhe sirvam simultaneamente de estudo e de agradável passatempo».

Editou as *Férias* a livraria Gomes de Carvalho. Sairam mais: *O Legado Valmro*, pelo crítico de arte, dr. José de Figueiredo, editor Manuel Gomes; *Guia Prático e Teórico da Cartilha Maternal*, por João de Deus Ramos, filho do grande poeta, autor da *Cartilha*; *Autopsias*, pamphlet de Domingos Pepulin, editado em Coimbra, e continuaram a publicar-se numeros dos *Commentários*, do padre Manso, e do *Portugal e a Crítica*, de Fernandes Agudo. Ha igualmente a registar o aparecimento d'uma nova publicação vulgarizadora: a *Revista Contemporânea*, sob a direcção do sr. Decio Carneiro.

Lisboa, 31—janeiro

MAYER GARCÃA.



CURYTIBA—Rua 15 de Novembro

## Condemnados

## I

Na estreita cella, escura e apavorante,  
de um presídio phantastico e horroroso,  
vivia outr'ora um pobre criminoso,  
cujo crime não fôra degradante.

Como se fôra um louco furioso,  
bramindo imprecações a todo o instante,  
ora ria num riso estridulante,  
ora ria num riso cavernoso.

A' tarde, então, quando a tristeza vinha,  
envolta num poente d'ouro e prece,  
avassallando-o, tetrica e cæcarninha,

ele estendia o olhar incerto pela  
grade da cella, como se estivesse  
a procurar no espaço alguma estrella...

## II

Na masmorra do peito eu tambem trago,  
prisioneiro do Amor e orphão de um ninho,  
o coração deserto de um afago,  
o coração deserto de um carinho !...

Condenado, assim vive num presago  
constrangimento atroz, fero e escarninho,  
ora sonhando com um verde lago,  
ora com tredo e funeral caminho !

Quando a garra do Tédio, brusca, o enleia,  
rasgando-lhe da Vida a azulea veia,  
de onde pullulam Sonhos e Illusões,

elle tomba convulso, triste e exangue,  
procurando ainda ver do quente sangue  
teu olhar reluzir nos turbilhões.

Belem—1901

AMARAL BRAZIL



PARÁ—ARSENAL DE MARINHA—(PHOT. FIDANZA)

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Abril de 1902

NUM. 16



Abel Botelho

## A resurreição artística de Tolstoi (1)

(CONTINUAÇÃO)

Na manhã do terceiro dia que se seguiu à condenação de Katucha, Nekhludov, depois de ter dado os necessários passos para anular o seu julgamento, foi visitá-la na prisão em que se achava recolhida. Levava a convicção de que a infeliz ao vê-lo, ao saber do seu arrependimento e dos novos sentimentos de que se achava animado a seu respeito, exultaria de alegria, voltando a ser a doce e submissa amarosa do passado. Mas logo às primeiras palavras que trocou com ella reconheceu o seu engano. A Katucha do passado desaparecera por completo; dora em diante apenas existia a Maslova, que foi o nome elegante adoptado pela moça depois da sua queda.

A missão do príncipe duplicara agora; não se limitava apenas à rehabilitação civil da condenada, ia mais além, exigia também que elle empregasse a sua rehabilitação moral.

Começa então a sua imensa luta, principia o seu grande sacrifício. Por uma campanha lenta e perlinaz de catequese, por uma série ininterrupta e constante de devotamentos, elle logrará por fim chaçar aquella alma transviada ao regimen sular da virtude, reanimar aquella estatua, comunicar-lhe ao coração empedernido o calor e o fogo dos enobrecedores afectos humanos. Mas antes de chegar a semelhante resultado, por quantas provações e por quantos dissabores terá de passar o infeliz!

Quando foi comunicar a Maslova a resolução em que se achava de desposá-la, a rapariga sentiu-se tomada de uma imensa estupefação.

—Desposar-me? Ora não faltava mais nada... replicou ella num tom perverso.

—Mas eu sinto que é esse o procedimento que Deus me ordena! contrapôz Nekhludov.

—E não querem ver mais? Por cima de tudo elle ainda tem a coragem de invocar o nome de Deus! Seria melhor que se tivesse lembrado delle em outros tempos, no dia em que...

E deteve-se bruscamente, com os labios entrelacados. Sentio então Nekhludov, pela primeira vez, um violento farto de aguardente no halito da infeliz; e num rápido lampejo teve a intuição exacta da verdadeira causa da sua extraordinária animação.

—Acalma-te! murmurou carinhoso.

—Não tenho necessidade de me acalmar! Tu supões talvez que eu estou bebeda? Pois bem, é verdade! Estou embriagada, mas sei bem o que digo! replicou a Maslova, numa voz rápida e com todo o sangue no rosto. Olha que eu sou uma mulher pública, uma prostituta condenada as galés e tu és um fidalgio, um príncipe. Nada tens a ver commigo. Volta para junto das tuas princesas!

Por mais cruéis que sejam as tuas palavras, elles não conseguem rivalizar em amargura com o que eu sinto dentro em mim, respondem Nekhludov, quasi sufocado; tu não te podes figurar até que ponto eu tenho a consciência do mal que te fiz!

—A consciencia do mal que me fizeste! replicou a Maslova, com um riso canhão. Mas essa consciencia não te tinha ainda aparecido quando me deste aqueles cem rublos?

—Bem sei que mereço e muito essas amargas palavras. Mas agora que fazer? Jurei que nunca mais te abandonaria, e cumpriré o meu juramento.

—E eu afirmo que não o cumprirás.

—Katucha! fez Nekhludov, procurando tomar-lhe as mãos.

—Não me toques! Eu sou uma condenada ás galés e tu és um príncipe. Nada tens que fazer aqui! gritou a rapariga, louca de colera, retirando as mãos.

—Vae-te d'aqui! continuou. Sinto por ti uma aversão invencível! Tudo o que vem de ti me repugna, o teu monoculo, o teu traje, o teu rosto immundo, tudo! Vae-te d'aqui! Vae-te quanto antes!

E como estas, outras scenas se reproduziram, nas quaes a Maslova, numa imprudencia cynica, fazia abertamente o estendal de uma alma enegrevida e corrupta.

Mas Nekhludov continuava invariavelmente a visitar a prisão. O seu interesse pela Maslova estendeu-se em breve aos outros prisioneiros. O príncipe ouvia as suas queixas, informava-se das suas necessidades e procurava sempre, usando da sua influencia junto dos altos funcionários da justiça, attender as primeiras e prover ás ultimas.

Quando soube que a appellação da Maslova fôr indeferida, conseguiu constrangê-la a assignar uma petição de graça. Mas o despacho desta ultima demorava e a Maslova foi sentenciada a partir para a Siberia, com outros condenados. Nekhludov dispõe-se a acompanhá-la; mas antes de empreender a viagem, resolve distribuir pe'os seus trabalhadores os vastos dominios que possuia. Consono com semelhante propósito, parte para as suas propriedades, na esperança de que os lavradores aceitarão jubilosos aquella valiosa doação. Mas ahí uma nova desillusão o aguarda. Os camponezes não lhe dão credito, não podem conceber a extraordinaria generosidade d'aquele homem e os altos sentimentos de justiça que o impulsionavam. Para elles semelhante offerta occultava um astucia qualquer, um qualquer artificio para prejudicá-los mais tarde. Recusam a proposta do príncipe. E quando, depois de uma luta tenaz por parte deste ultimo, se resolvem por fim a aceita-la, é na persuasão de que o barne assim procedia para expiar os seus peccados e salvar a sua alma.

«Quaes seriam as consequencias de tudo aquillo, eis ahí o que elle ao certo não se poderia explicar; mas sabia perfeitamente que trilhava o caminho que o dever lhe traçava. E essa convicção arraigada enchia-o de uma alegria immensa.—Sim, dizia consigo, não comprehendo e nem o poderei fazer nunca a utilidade da minha vida, a sua verdadeira e real significação e o fim supremo para que fomos postos neste mundo. Porque é que eu vivo? Porque foi que encontrei Katucha? Porque passei tanto tempo na cegueira e na loucura? De todos esses factos não me posso dar uma explicação cabal. Não está nas minhas forças comprehen-

der a obra do Senhor. Mas cumprir a sua vontade, tal como a tenho escripta no coração, isso sim, está ao meu alcance e sinto que é o que devo fazer. E não haverá para mim repouso enquanto não me desempenhar dessa tarefa».

Chega finalmente o dia da partida dos condenados, dia doloroso e sinistro, cuja lembrança lugubramente triste para sempre ficará gravada na memória de Nekhludov.

Todo aquelle immenso e desgraçado rebanho humano, formado na sua maioria de victimas irresponsáveis de uma organização social injusta e má, culpadas apenas dos seus nobres sonhos de uma vida melhor, com uma mais larga e mais equitativa distribuição da justiça e da felicidade, todo aquelle bando de desherdados da sorte, de martyres imolados á sanha dos poderosos do mundo, todo aquelle punhado de homens e de mulheres, já quasi embrutecidos pela tortura e pelo sofrimento, se põe a caminho, rudemente impellido pela crueldade dos guardas, que os forcaram a marchar, a despeito da fome que os devora, da sede que lhes escaldava as entranhas e da fadiga que lhes afrouxa os membros. E Nekhludov assiste ao desfilar daquelle cortejo funebre, com a alma confrangida não tanto pela miseria humana que á sua contemplação se oferecia, mas sobretudo pe'a deshumanidade daquelles homens que não tinham para os desgraçados que conduziam uma unica palavra de conforto, um só gesto de commiseração.

«Todos estes funcionários são evidentemente impenetráveis ao sentimento da humanidade, pensava Nekhludov mais tarde, no trem que o conduzia a Nigai-Norgovod e que naquelle instante corria sobre um viaducto,—como são impenetráveis á chuva as pedras daquelle viaducto. Será talvez indispensável construir esses viaductos e revestir os de pedras, mas com tudo a gente sofre a ver privada da chuva esta terra que poderia tão bem produzir o trigo, a herva, e as árvores! E o mesmo se dá com os homens. Todo o mal reside em que elles acreditam na existencia de certas situações em que é lícito agir sem amor para com os seus semelhantes, quando semelhantes situações nunca existiram. Com relação ás coisas, poderá a gente agir sem amor; sem amor se pode rachar a madeira, bater o ferro, cosinar os tijolos; mas nas relações do homem para com o homem o amor é tão indispensável, como, por exemplo, a prudência, nas relações do homem para com as abelhas. A natureza assim o quer, é uma necessidade da ordem das coisas. Quem desdenhar a prudência tratando as abelhas, prejudicará a elas e prejudicará a si próprio. O amor reciproco entre os homens é o único fundamento possível da vida da humanidade».

Chegado á Siberia, Nekhludov recebe a notícia de que o perdão da Maslova fôra finalmente concedido. E o seu primeiro impulso é correr a prisão, a comunicar-lhe a boa nova.

Encontrou-a agitadíssima, fitando-o com uma expressão que elle não se lembrava de lhe ter visto antes, um mixto de resolução fria e de paixão ardente.

Corava e empalidecia simultaneamente, enro-

lando e desenrolando os dedos na aba do casaco, olhando-o por vezes em pleno rosto, baixando outras, timidamente, os olhos ao chão.

—Tu já sabes da notícia? perguntou-lhe Nekhludov.

—Sim, já fui informada de tudo... Mas preciso comunicar-te uma coisa: resolvi casar com Vladimir Ivanovitch...

Falava rapidamente, quasi sem tomar folego, como se de antemão houvesse preparado as phrases que pronunciava.

—Que me dizes? Vais casar com Vladimir Ivanovitch?... começou Nekhludov.

Mas ella interrompeu-o:

—Então que tem isso? Desde o momento em que elle quer que eu viva com elle... Que posso desejar de melhor?

—Na verdade, se tu o amas...

—Mas, como poderei deixar de ama-lo!... Elle é tão diferente dos outros homens que até hoje tenho conhecido!...

Mas o principe comprehendeu, ou antes adivinhou que ella mentia. Não, ella não amava aquele companheiro de destino com quem ia partilhar o seu destino. O que pretendia com um tal procedimento era poupar-lhe, a elle, Nekhludov, o aviltamento de uma união com uma criatura decaída como ella.

E ella mesmo o veio confirmar nas suas convicções, dizendo-lhe, passado um instante:

—Olhe é preciso que me perdoe, por não fazer o que deseja. Mas, é que eu não quero sacrificá-lo. O senhor precisa viver.

Uma tristeza immensa, talvez mesclada de uma grande alegria por descobrir nella afinal tão nobres sentimentos, poz-se a chorar naquelle hora na alma de Nekhludov. Não havia dúvida, a Katucha revivera na Maslova, a ama-lo tão apaixonadamente como nos tempos que já lá iam bem longe. E a sua ventura delle seria desposa-la, porque o seu amor também vivia ainda. Mas sentiu-se estrangulado pela angústia, experimentando também um secreto pavor sem saber ao certo de que.

—Então está tudo acabado entre nós? perguntou.

—Não pode haver duvidas a semelhante respeito—respondeu ella com um sorriso estranho.

E pesaroso, e triste o principe recolheu-se aos seus aposentos, na convicção de que a sua missão estava terminada e de que nada mais lhe restava a fazer pela Maslova. Mas começou a experimentar a sensação de que alguma coisa lhe faltava ainda executar, de que uma outra tarefa começava para elle. Achava-se em presença do que quer que fosse de espantosamente máo que havia causado a sua perda, a perda de Katucha e a de todos aquelles miseráveis prisioneiros que apodreciam no ambiente empestado em que elle mesmo respirava. Era o seu dever destruir esse mal, mas como, por que meio? E por mais que pensasse não encontrava resposta satisfactoria á sua anciosa pergunta.

Finalmente, num movimento quasi mechanico, tomou de cima de um móvel um volume dos Evangelhos que ali deixara um missionário ingez.



## Maranhão---Rua do Sol

(PHOT. TEIX.)

—Dizem que neste livro encontra a gente a solução de todos os problemas.

E abrindo o livro ao acaso poz-se a ler. Experimentou a princípio uma certa dificuldade em comprehender o verdadeiro sentido dos versículos que lhe iam cahindo debaixo dos olhos. Não era a primeira vez que a obscuridade daquele texto o havia seriamente impressionado. Mas não desanimou por isso e continuou na leitura. Pouco a pouco a luz se lhe foi fazendo no espírito, e quando chegou ao versículo em que Pedro, perguntando ao Christo, quantas vezes deveria perdoar aos que o tivessem offendido, se os deveria perdoar até sete vezes, recebeu como resposta do mestre: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes»; e quando leu a parábola contada por Christo nessa occasião, do devedor perdoado pelo rei da grossa sómima que tinha a pagar e que, apenas saído do palácio, teve procedimento diverso para com um companheiro que lhe devia uma quantia insignificante, fazendo-o encarcerar, e que sendo depois denunciado ao rei pela sua crueldade, recebeu deste último a seguinte exprobração: «Subdito máo não deverias também ter piedade do teu companheiro como entive piedade de ti?»; Nekhludov exclamou, num rasgo bruto de intuição: Será possível que seja essa a resposta que procuro?

E uma voz íntima respondeu-lhe: Sim, é isso

e nada mais que isso.

E o principe comprehendeu então que «o único remedio possível aos males de que sofriam os homens consistia nos homens se reconhecerem sempre como devedores de Deus, e por consequência, sem direito de julgar e de punir os seus semelhantes».

Passou a noite inteira sem dormir, todo entregue à suave alegria da descoberta que acabava de fazer. Leu e releu todos os evangelhos, penetrando-se da sua doutrina, identificando-se com os seus preceitos, chegando por ultimo a esta conclusão final:

«Todos nós vivemos na crença de que somos senhores da nossa vida, e de que esta nos foi dada apenas para o nosso prazer. Mas é insensata e absurda semelhante crença. O homem não veio ao mundo por sua vontade; alguém para aqui o enviou e para algum fim. Mas decidimos esquecer esta verdade e viver conforme os nossos prazeres. E ainda nos admiramos depois disto de sofrer, como se esse sofrimento não representasse a consequência fatal da nossa situação de trabalhadores que se recusam a cumprir a vontade do seu patrão. Procurae o reino de Deus e o resto vos será dado por acréscimo. E é o acréscimo que procuramos, admirando-nos de nunca o podermos encontrar.

«Foi essa a minha vida até hoje! Mas essa vi-

SUPPLEMENTO AO N. 16

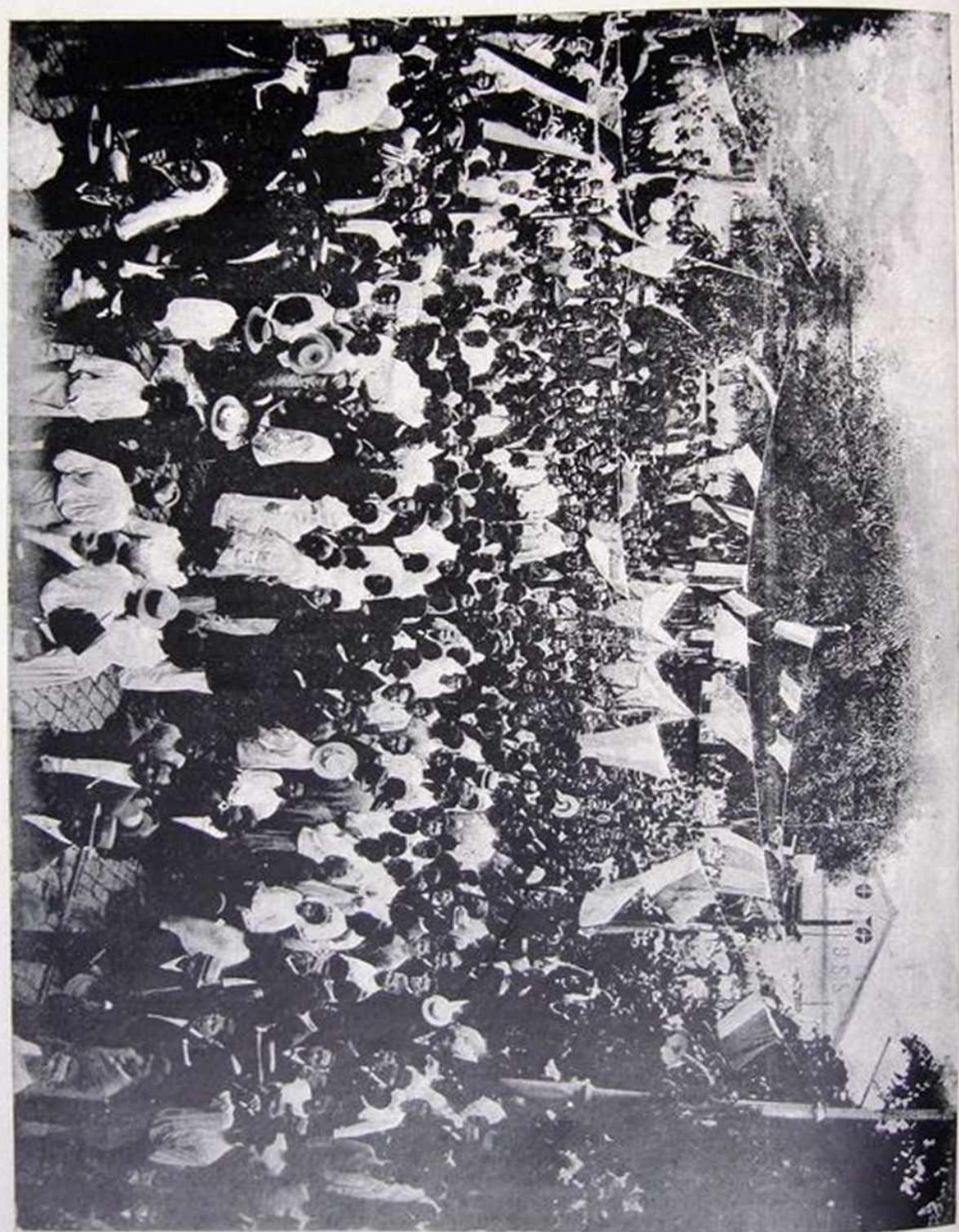
16 DE ABRIL DE 1902



A REVISTA DO NORTE

A oração da manhã

MARANHÃO—BRAZIL



O desembarque do novo bispo do Pará, D. Francisco Rego Maya.—(Photographia tirada do Boulevard da Republica, pelo acreditado photographo Nunes).

da acabou e uma outra começa agora.  
E, com efeito, desde essa noite, começou para Nekhludov uma vida nova, não somente porque, deixando de vez de pensar em si, buscou esforçar-se por servir os outros, mas também porque tudo o que lhe aconteceu desde essa noite, tudo o que viu, tudo o que fez, teve aos seus olhos uma significação diversa da que então assumira».

— A seguir.

ANTONIO LOBO.

(1) Vide o numero 45 da *Revista do Norte*.

## A minha irmã

Eu sei que ella viveu, porque o ouvi dizer;  
O anjo teve apenas tempo de morrer!  
Apenas um segundo, e caminhou a vida...  
O que eu anjo há vinte anos percorreu numa hora.

Mas a distancia é a mesma,—é que alguém me demora,  
E não é porque a estrada seja mais comprida.  
Dormo na mesma casa e sigo a mesma estrada,  
E o aroma que embriaga a minha madrugada,

No rastro que deixou, passando, o seu amor,  
Diz-me ás vezes que um ser «cixou a minha porta,  
—Como o aroma que fica dum rosa morto  
Nos obriga a dizer: «Aqui viveu uma flor».

Como eu choro essa filha e como choro a mãe!  
Como eu choro esse berço que não tem ninguém,  
E onde Deus já me disse cousas esquecidas...  
—Pobres berços que embalam gerações de esperanças,

E onde a Morte, depois de ter levado as crianças,  
Costuma-se deitar, de noite, as escondidas.  
Que estupenda manhã! Que desgraçada aurora,  
Ao pé da filha morta e dum mãe que chora!

Quantas azas abertas! Quanta luz no amor!  
—Ela morreu dizendo phrases misteriosas....  
Logo nessa manhã que Deus sorria ás rosas  
E que a Morte levou de nós aquela flor!

Nada morre na Morte, é tudo transformado.  
—O que é o coração que outr'ora foi amado?  
Morrer-nos um amor que até já nos amava,  
Não se saber p'ra onde é que esse peito iria...

O que é agora um olhar que d'antes nos sorria,  
E essa boca de flor que outr'ora nos beijava?  
Que será Ella agora? Em que se transformou?  
Talvez que já passasse em tudo que passou,

Talvez que já passasse...  
Muitas vezes espero a sua voz dum ninho.  
—Pizei hontem uma flor á beira d'un caminho,  
E disse para mim:—«Talvez eu a pisasse...».

Nunes Claro.

## O mez literario em Portugal

O AMANHÃ, DE ABEL BOTELHO

O acontecimento do mez, nos dominios da literatura, foi sem contestação alguma o novo livro de Abel Botelho: *Amanhã*. Acontecimento pre visto, e sucesso merecido. Sim, o romance de Abel Botelho teve um sucesso merecido,—o que

é bem raro em Portugal, onde os successos abundam, na significação artificial do termo, mas onde os méritos falecem, na rigorosa critica desses sucessos. E não se julgue, com isto, que esse trabalho do escritor audacioso, que é o autor dos anteriores estudos de pathologia social, que se intitulam *O Barão de Lavos* e *O Líero de Alda*, não desse origem a apaixonados debates, senão em colunas de publicações, pelo menos ás mezas dos cafés e em todos os centros onde se fala de arte. Mas, destas discussões, de resto estereis, como tudo o que se não entrega ao supremo tribunal do público, resulta ainda mais nitido, posto em foco pela ardente controvérsia, o valor incontestável da obra,—ou, o que ainda é mais, a importância especial dos seus intuições.

Acabo de ler o *Amanhã* e, na impressão imediata que me suggeriu estas linhas, creio reconhecer-lhe, pelos propósitos da muito estabelecidos do meu espírito, uma alta significação social e artística. Social pelos seus intuições, artística pelo sangue novo que os graves problemas humanos da actualidade injectam na depauperada arte que entre nós desfallece, pela anemia de idéias que a caracteriza. Mas social, sobretudo, e é aqui que cumpre fixar a atenção, como diante dum facto que constitue o que poderemos denominar o inicio da conquista definitiva da Arte, em terra portuguesa, pelas idéias grandes e bellas em que se deprimente hoje as aspirações literárias da alma humana.

Bastava isto, se outras bellezas estheticas não enriquecessem a obra, para fulgorantemente afirmar o novo romance de Abel Botelho como uma das mais notáveis produções literárias que tem aparecido nas ultimas épocas. Com elle conquistou, enfim, direitos de cidade na arte o pensamento social moderno. Eximindo-se à preocupação do detalhe, que em vinte ou trinta anos tem dado milhares de livros, e derrancado a literatura em mesquinhos analyses dum psicologia, mais ou menos exacta, mas sempre estéril, Abel Botelho tentou o grande romance de *amanhã*. Não é já a ridícula pormenorização de amóricos mais ou menos afectados e convencionais, resolvendo-se em catastrophes inverosímeis e penosamente arquitetadas; não é já o pessimismo doentio dos que, à maneira de Annunzio, iniquamente pretendem aggravar, em imaginações fracas, os sofrimentos da vida, com perversas e inquisitoriais torturas a que submettem pretensos estados da alma do individuo; não é já a lagrima resignada, a força da impotência para a revolta, que o meigo e harmonioso Daudet desata dos olhos claros para os seus encantadores vencidos,—é qualquer cousa de forte e grande, pulsando rijo, que anima alma e fortalece braços, e ruge e canta, com as sangrentas expressões da dor universal ou com as nossas *Marzelhezas* da libertação humana.

Enfim, enfim! que uma palavra nítida e desassombrada, vibrando nos accentes tragicos da Verdade, bradou em terra portuguesa toda a miseria, todo o infortunio, todo o desespero que se contorce e uiva nas impiedosas galés da sua imperfeita organização social. E útil, e é bello, isto. Todas as mystificações ardilosas dum oligarquia

que treme se vêem assim varridas, como se um impetuoso vento adiante de si as levasse. Crêches, asilos, sopas económicas, bôdos, sorrisos e vintens de anos da caridade, todos esses saccos de lastro arremessados ao mar furioso como recursos de evitar o inevitável naufrágio,—tudo isso uma palavra ardente desfaz, uma iluminada pena de artista destro, e um implacável estygma de pensador marca para todo o sempre, como um documento de insanía e de hipocrisia.

O romance social não tóra ainda abordado a serio na literatura. Existem, sim, projectos que ainda não tiveram realização, e tentativas que lamentavelmente fracassaram, porque a impotencia, medo ou a insinceridade as perderam. Dos primeiros não falarei, porque só realizados se poderão analyssar, mas das segundas vale a pena dizer uma palavra. E nestas nada mais se encontra do que os romances do sr. Malheiro Dias. O melhor delles ainda é o *Filho das Hervas*. Mas, francamente,—digo-o com o coração nas mãos, porque eu tenho pelas taculdas de trabalho deste escriptor um verdadeiro preito,—que prova, que diz, que exprime o *Filho das Hervas*? Eu perdo-o-lhe, na factura literaria, a constante recordação dos processos do estilo de Zola e Eça; perdo-o-lhe as imperfeições de technica, proprias de quem começa no romance,—o mais difícil, sem dúvida, por ser o mais complexo, de todos os generos de Literatura. Tudo perdo-o, porque tudo admitto e comprehendo, pondo de lado as comprometedoras affirmações dos panegyristas imbecis, que são sempre verdadeiros amigos do diabo. Mas o que não desculpo é a hesitação no pensamento,—porque, das duas uma: ou o escriptor se não orientou, e eu não tomo a serio nenhum escriptor que se não orienta, ou treme deante das consequencias do seu pensamento livremente expresso e então o seu livro será uma mystificação e uma cobardia.

Este, o defeito principal em que claudica a obra de Carlos Malheiro e que irredutivelmente afasta o seu trabalho da serie de obras de espirito social que porventura se estabeleça na nossa literatura. Não ha ali uma aspiração explicita, nem numa só pagina se sente o coração e o cerebro do romancista corroborando com a paixão que immortalisa tipos e idéas nas reivindicações dos seres que descreve vergados a um injusto sacrifício. E é esse carácter explicito, essa franqueza, essa firmeza, essa paixão, essa esclarecida tensão para a construcção da verdade, o que eu observo no *Amanhã*, de Abel Botelho,—o livro que a critica justa fixará um dia como sendo o primeiro que abriu as portas da arte ás coleras e aos gemidos da multidão que sofre e quer justiça.

O *Amanhã*, sendo um livro inicial, necessariamente padece, apesar de traçado pela pena dum escriptor tão experimentado como Abel Botelho, escusas indecisões e das falhas de detalhe que caracterizam as obras que abordam um novo genero. Ha quadros, ha tipos secundarios, que se revestem ou dum megalic caracter convencional ou dum exagerado raco de caricatura. Um desses quadros parece-me ser o do interior familiar da

casa Meyrelles, um desses tipos julgo ser o do marquez de Val de Madeiros, par do reino parasita, que come na cozinha dos parentes. Outras situações, como as que constituem a vida, o amor ephemero de Adriana e Matheus, são fráxias e indecisas. Mas tudo isso são detalhes secundarios, a propria trama amoroza do romance não passa duma necessidade de technica, imprescindivel para construir a enfabulação do romance. A alma, a vida do livro não é isso: é o estudo paciente e corajoso dos meios operarios, a analyse da fermentação proletaria, o desenho dos seus tipos, e a criação verdadeiramente grande desse intellectual de accão que, como um Bakouniue, reune uma poderosa actividade de concepção e de sentimento a uma admiravel organisação de apostolo e revolucionario. Falo de Matheus.

Ah! quantos se illudirão julgando está personagem imaginaria! Quantos se illudirão pensando que a reivindicação popular, em Portugal, só conta ou poderá contar com a inconsciencia bruta e feroz dos que a politica artificiosa do Estado petrificou na ignorancia collectiva! Não. Matheus existe, e, se hoje é um, amanhã o seu nome pertencerá de direito a dezenas, a centenas de espíritos esclarecidos e firmes.

Falei acima das discussões que o romance de Abel Botelho tem levantado em meios literarios. Cumpre-me explicar do que se trata, para que se não julgue que o romance attrahe entre nós qualquer antipathia ou repugnancia. É diferente o caso. As objecções, os ataques não se dirigem à idéa, aos intuiitos, nem mesmo á construcção technica da obra. Dirigem-se apenas á sua forma. E' o estilo, tão característico e especial de Abel Botelho, que está na berlinda, como de resto está sempre que qualquer novo trabalho do escriptor surge. Succede-lhe o mesmo que a Fialho de Almeida,—o qual, todavia, não resgata essas preocupações com fortes e generosas concepções de justiça. E, pois, sobre o estilo de Abel Botelho, aquillo que eu chamei o seu *lexicon* proprio, que as controversias se estabelecem. Eu já tive ensejo, num diario de Lisboa, de manifestar ao sr. Abel Botelho a minha opinião sobre o que considero a excessiva construcção literaria da sua estilistica. —No seu penultimo romance, o *Sem Remedio*, pareceu-me que o escriptor se expungira do que eu considero um defeito na expressão do pensamento, que, quanto a mim, só alcança toda a sua nitidez e beleza nas normas da mais pura simplicidade. No *Amanhã* vejo, porém, que o illustre romancista entendeu dever voltar aos seus antigos processos, sem dúvida porque, habituado a elles, elles se lhe tornaram a mais natural forma de comunicar com o seu publico. Se fez bem, se fez mal, a experiência lho demonstrará. Seja, porém, como for, continuando no caminho que tão brillantemente acaba de traçar com o livro de que nestas pallidas palavras me ocupei, elle não terá senão direito à admiração e ao aplauso dos que julgam a Arte um dos mais poderosos instrumentos do Progresso, e não um simples meio de distração e um simples alvo de vaidades.

MAYER GABRÃO.



TURMA DE ALUMNOS DA ESCOLA POLÍTECNICA EM EXERCÍCIOS PRÁTICOS DE MINERALOGIA E GEOLOGIA SOB A DIREÇÃO DO  
LÉSTE DA CADÊMIA DR. OSCAR N. DE GOUVEIA.—PHOTOGRAPHIA TIRADA AO SAIR DA PONTA DA PEDRA, PRÓXIMO  
A S. JORO D'EL-Rei, PELO PHOTOGRAPHO AMADOR DR. E. NIÑA.

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Maio de 1902

NUM. 17



General Delarey

## Turris Eburnea

A Nestor Victor

Eram, Turris Eburnea! os teus olhos profundos!  
Luas!... que digo, dois céos de Samaria!  
E a Paixão fez-me d'ouro a carne impia  
E a Terra e a Dor. Ah! delíquios de mundos!

A buscar-te parti. Que manhã me sorria!  
Era d'ouro o oceano e o brigue uma ballada  
E tão longe que vae—vela branca exilada—  
A estrela d'alva desse dia.

Encontrar-te? que o diga o frio  
que me corta...  
Que fizeste, sombra impenitente,  
Para que em vez de ti eu visse a terra morta?

E se eu voltei, quem dirá? pois se eu voltei  
(tasse)  
Devia achar-te, ó céo materno, e achar sozinha  
Um soluço a tremer pelas ruas da face.

Silvira Netto.



## A resurreição artística de Tolstoi (1)

(CONTINUAÇÃO)

### II

E assim que termina o novo romance do conde Leão Tolstoi, cujo episódio capital procuramos resumidamente esboçar nas linhas precedentes. Intitula-se *Resurreição* e, na verdade, título mais adequado não lhe poderia caber, porque é uma dupla resurreição que elle accusa: resurreição moral das suas duas protagonistas principaes e resurreição artística do seu autor.

Sabem todos os que se interessam pelo movimento literário da Europa, na segunda metade do século XIX, que Tolstoi, depois da publicação de *Anna Karenina*, renunciou por completo aos trabalhos de ficção belletrística e principalmente ao romance, que passou a encarar como um objecto de escândalo, como «um jacto de óleo lançado sobre o fogo da sensualidade amorosa», para consagrarse inteiramente à propaganda religiosa, ensinando aos homens o verdadeiro caminho da salvação. Quando Melchior de Vogué, em 1887, revelou ao occidente latino a existência de uma nova literatura, fecunda e rica, e da qual poucos ainda suspeitavam, apaixonando sobremodo o público francês,

enfastiado das analyses frias e impiedosas dos disseadores naturalistas, por esses livros russos, vibrantes de emoção e de amor, já o extraordinário artista d'*A guerra e a paz* se havia transformado num *moujik* prégador, concebendo pelas bellas letras o mais soberano desprezo e renegando como futileza toda a sua obra passada.

Semelhante conversão, fundamentalmente explicável, desde que reintegremos Tolstoi no seu verdadeiro meio, revestia com tudo um certo exagero, cuja duração não poderia ser longa. Que o romancista russo puzesse as preocupações morais e os intuições sociais acima do simples interesse artístico na confecção dos seus trabalhos é um facto naturalíssimo aos olhos dos que estudarem, alau do critério de Taine, a evolução espiritual do romancista russo. Que semelhante preocupação, porém, e que semelhantes intuições o levassem ao abandono completo do gênero literário em que havia até então exercido as suas magnas qualidades de escritor é que nos aparece apenas como um exagero exclusivista de um apostolismo excessivo, que mais cedo ou mais tarde deveria necessariamente acalmar-se e desaparecer.

Teodor de Wyzewa, o eminentíssimo crítico de literatura estrangeira da *Revue des Deux Mondes*, analysando, há alguns anos, os escritos filosóficos do conde Tolstoi e proclamando-os inferiores, sob o ponto de vista da clareza expositiva da doutrina, aos romances e aos contos, em que o seu autor apregoava essa mesma doutrina no passado, terminava assim o seu bellissimo estudo: «O poder e a força da arte são tamanhos que mesmo aquelles que a desdenham não podem agir sobre nós senão por seu intermédio».

Essas justíssimas palavras, que ao tempo em que foram escritas apenas enunciavam, como o resultado das observações de um crítico sagaz, uma grande e profunda verdade, assumem hoje, depois do aparecimento da *Resurreição*, um carácter quasi sobrenatural de prophecia, ou antes, recebem, com a publicação desse livro, a mais soberana e a mais irrespondível das confirmações. Foi de balde que Tolstoi se procurou convencer, ao mesmo tempo que buscava também convencer os demais, da inutilidade absoluta dos trabalhos de imaginação, da nullidade completa dos processos artísticos para o aperfeiçoamento moral das sociedades; foi de balde que o magno pintor desses vastos e fidelíssimos quadros históricos e sociais que se denominam *A guerra e a paz* e *Anna Karenina* abjurou solemnemente a sua fé literária, qualificando-a de vaidosa e funesta e renegando como mesquinhos e indignos os estupendos monumentos belletrísticos que lhe haviam grangeado o título de um dos maiores romancistas da sua época; foi de balde todo esse empenho: um dia viria em que o extraordinário artista que nesse morava afimaria de novo os seus direitos, momentaneamente suffocados pelo exagero exclusivista do seu apostolismo. E espontaneamente, talvez mesmo a contra-gosto seu, as suas idéias, essas mesmas idéias, cuja única veiculação possível aos seus olhos era a aridez singela dos artigos teóricos e dos tratados doutrinários, revestiriam a sua forma primitiva, varsar-se-iam nos seus moldes do passado, sem que

por isso perdessem uma unica partícula da sua essência fundamental ou fossem repudiadas por aquelles que habitualmente as acolhiam.

Já de ha muito que a arte recomeçava a constituir um dos objectos principaes das preoccupações de Tolstoi. A publicação do seu livro *Qu'est ce que l'art?* claramente nos revela até que ponto se havia modificado o criterio pelo qual o evangelizador slavo julgava essa nobre função do espírito. A esse tempo, diz-nos Wyzewa no prefacio da traducção francesa, já Tolstoi trabalhava na confecção de um romance, do qual sonhava fazer um modelo da *arte christã*, tal como deve, aos seus olhos, ser d'ora em diante praticada. Mas, por mais que desejasse torna-lo em tudo diferente da sua maneira do passado, não lograva realizar esse intento em toda a sua plenitude. E atribuía o facto ao esgotamento das suas poderosas faculdades criadoras, em consequencia da idade avançada em que se achava, parecendo pouco resolvido a dar-lhe publicidade, antes de ter attingido a perfeição que almejava, quando uma circunstância se produziu, transformando-lhe inteiramente os planos.

Ha quinze annos atraz, conta-nos Bienstock, num curioso artigo sobre o *tolstoísmo* na Inglaterra, formou-se na Russia, com o fim principal de espalhar os escriptos doutrinários do *moujik* de Tula, uma empreza editora, da qual fazia parte M<sup>me</sup>. Tchertkov, cunhada de um dos filhos do romancista, André Tolstoi. A sociedade prosperou extraordinariamente desde o começo, conseguindo lançar cada um dos escriptos do Mestre numa tiragem fabulosa e por um preço inauditamente modico, até então desconhecido na livraria russa. Simultaneamente com essas edições de propaganda, ia a empreza publicando as melhores obras dos escriptores do paiz, de forma que a censura, por largo tempo, não lhe descobriu os manejos. Mas por fim a attenção e a vigilancia dos funcionários foram despertadas e, depois de algumas medidas preliminares de repressão, recebeu a companhia editora a proibição formal de publicar os trabalhos de Tolstoi. Começaram então os seus directores a formar o plano de se transferirem para o estrangeiro, quando explodiu, em 1896, a revolta da seita religiosa do Doukhobors, que se recusam a submitter-se ao serviço militar e na qual tomaram parte Tolstoi e os seus amigos e adeptos, entre os quaes figuravam M<sup>me</sup>. Tchertkov e os seus socios. O governo aproveitou o ensejo para decretar a expulsão destes ultimos, que se foram então refugiar na Inglaterra, estabelecendo ahi a sua typographia e principiando desde logo a receber auxílios pecuniários de todos os pontos do vasto imperio moscovita.

Depois de uma luta renhida, o governo russo cedeu, e permitiu aos Doukhobors a retirada para o estrangeiro. A colónia tolstoiana da Inglaterra poe-se em campo para auxiliar-lhe a emigração, a principio para a ilha de Chypre e depois para o Canadá. E Tolstoi ofereceu-se então para publicar o seu romance e aplicar o producto da venda ás despezas feitas com o transporte dos sectarios emigrantes.

ANTONIO LOBO.

(1) Vide os ns. 15 e 16 d'A Revista do Norte.

## A festa do trabalho

Ha uma virtude superior á patria—é o amor da humanidade.—MARLY.

Quando o leitor abrir este numero d'A Revista do Norte, procurando interirar-se do movimento intellectual do nosso paiz, os operarios—como uma grande família, no meio de uma sociedade que não abriga quasi senão opressores e opprimidos, espoliadores e espoliados—os nus da época actual, os denominados *turba vil*, saudarão entusiasticamente a aurora fulgentissima do Primeiro de Maio, entoando canções festivas ao immortal philosopho, que, do alto do Golgotha, ha vinte séculos, já pregava a igualdade humana.

E inquestionavel que a desegualdade de condições, a luta de classes e a opressão de uma minoria dominante, desde os tempos mais remotos da antiguidade, teem originado a decadencia, e, consequentemente, a queda das democracias. Nascemos livres e por toda a parte vivemos acorrentados, gritou Rousseau; e, de facto, nas sociedades primitivas havia igualdade e liberdade.

O homem dos nossos dias, esmagado sob o peso dessas poderosas hierarchias politicas, juridicas, administrativas, ecclesiasticas, que se elevam acima delle, preso por diversas convenções impostas pela sociedade hodierna, que delle dispõe como se fôra uma causa, o homem dos nossos dias, repetimos, passa toda uma existencia de sacrifícios, de completo aniquilamento.

A revolução francesa de 1789 apenas serviu para que a burguezia subisse ao poder e se apoderasse, em seu unico proveito, dos bens do clero e da nobreza.

Alguns publicistas teem ensaiado provar que a obra dos Danton e dos Robespierre era socialista, mas das inumeras, e por vezes apaixonadas, discussões feridas entre conservadores e liberaes, evindica-se inteiramente o contrario.

Ninguem mais criteriosamente do que Deschanel definiu a celebre revolução, escrevendo estas palavras:—«O socialismo é o collectivismo; é a abolição da propriedade individual. A revolução é fanatico pela propriedade individual, logo não é absolutamente socialista».

O magno problema do socialismo—a propriedade collectiva—nunca foi o ideal dos revolucionários de 1789. A famosa Declaração dos direitos do homem só aproveitou á burguezia, como dissemos ha pouco.

Desde então a tyrannia capitalista, assumindo proporções assustadoras, irradiando por todos os cantos do globo, corrompendo as almas mais puras, dividiu a humanidade em dois campos: num está a miseria e no outro a opulencia.

Mas é sabido que a evolução é uma lei, tanto em sociologia como em biologia; ella determina as formas da vida humana; tudo muda incessantemente, tudo se modifica, se adapta, conforme as necessidades.

Uma idéa, que nos parece hoje utopia, impõe-se amanhã a todos os espíritos sensatos.

As idéias, observa muito bem Novicow, lutam

umas contra as outras, como os seres animados; as que são falsas caem imediatamente, as que são verdadeiras sobrevivem, e, desde logo, fazem parte da consciência da humanidade.

O historiador do futuro, ao ocupar-se dos acontecimentos políticos e do movimento intelectual do século XIX, não deixará de reconhecer que o problema social o dominou do começo ao fim.

A solução suprema e completa será dada no século que se inicia, má grado a ingloria campa-

nha de Richter, Mantegazza, Bourgeois e outros.

A terra, como foi primitivamente, não será de ninguém, pertencerá à collectividade.

E dessa hora em diante veremos terminada a luta dos proprietários e não-proprietários; cessará o predomínio de uma insignificante minoria de nabos; a liberdade, a igualdade e a fraternidade serão definitivamente proclamadas.

Pereira da Costa Fitho.



PERNAMBUCO—PRAÇA DA REPÚBLICA

## O mez literario em Portugal

### O theatre

D. Maria: «O Enigma» e «Os Romanescos»—D. Amelia: «Os Crucificados, crucificam o seu autor—Uma derrocada—Nos outros theatros—Companhias para o Brasil—O drama de Marcellino Mesquita—Uma peça prohibida pelo governo.

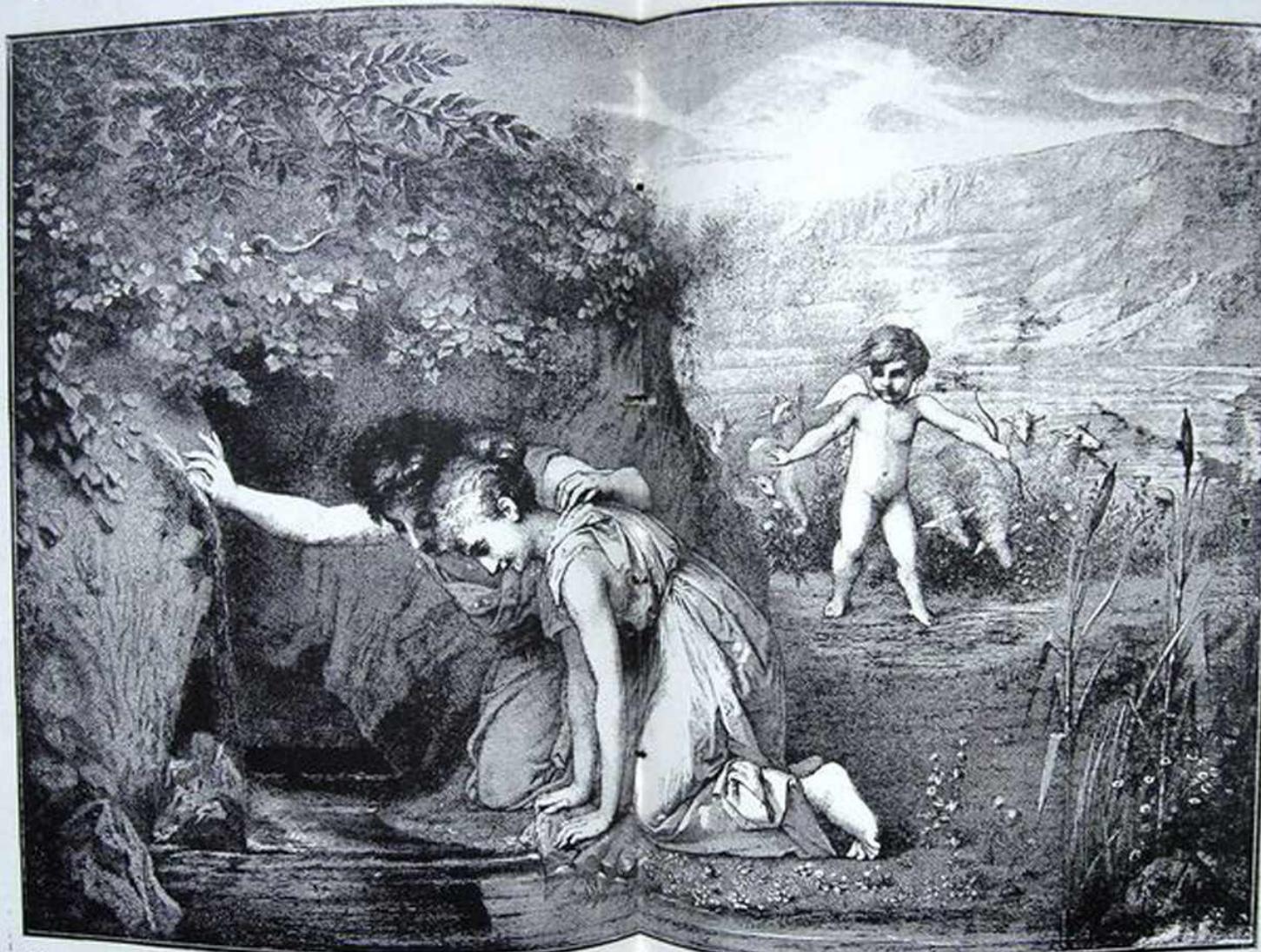
No dia 31 de janeiro realizou-se no theatre de D. Maria a *première* de duas novas peças, que ainda, no momento em que escrevo, se conservam em cena. São o *Enigma*, de Paul Hervieu, drama em dois actos, tradução do dr. Joaquim Madureira, e *Os Romanescos*, de Edmond Rostand, peça em

verso, em três actos, traduzida pelo autor destas linhas. Acerca desta ultima, os leitores da *Revista do Norte* comprehendem que eu não possa entrar em considerações, que teriam todo o aspecto de serem interessadas. Sómente direi que a sua permanencia em cena comprova a aceitação do público e que toda a imprensa de Lisboa lhe dedicou as palavras de louvor que o talento de Rostand requeria, dispensando também phrases de benevolencia à tradução, na qual julgou entrevêr méritos.

Por sua parte, o *Enigma* foi o maior sucesso da *Comédie Française*, no princípio da presente época teatral, e por uma coincidência interessante, lá, como aqui, acompanhou-o no cartaz *Les Romanescos*, em sucessivas *reprises*. Posto em cena com inegualável luxo, e representado pri-

SUPPLEMENTO AO N. 17

I DE MAIO DE 1902



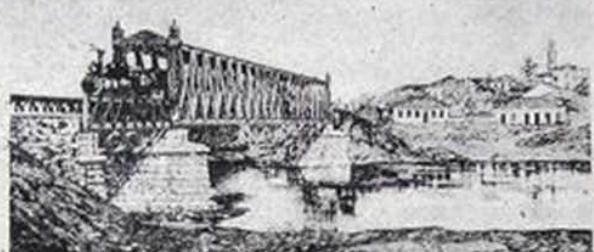
A REVISTA DO NORTE

Ahi vemo amor...

MARANHÃO—BRAZIL



F. F. SÃO PAULO-SP FRANCIA - ESTAÇAO FERROVIARIA DE VILA GRANDE



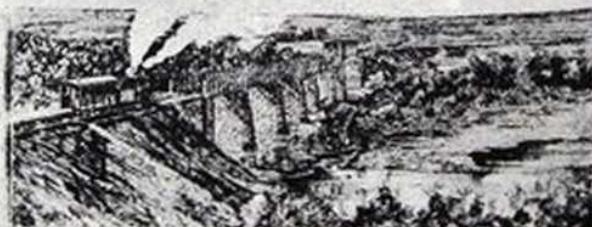
F. F. SÃO PAULO-SP FRANCIA - POSTO ALTO - O TIPO DE CINTO

morosamente, o *Enigma* obteve da critica um louvor unânime e espantoso, chegando o ponderado Larroumet, sucessor de Sarcey no folhetim do *Temps*, a dizer que elle constitui uma obra prima do theatro frances. Em Lisboa, onde o seu sucesso foi grande, a impressão geral não se ressentiu dessa unanimidade, antes se distribuiu em opiniões antagonicas, — e, a meu ver, os que gostaram e os que não gostaram tem igualmente razão, desde o momento em que uns e outros analysem apenas certos aspectos da obra e não o todo.

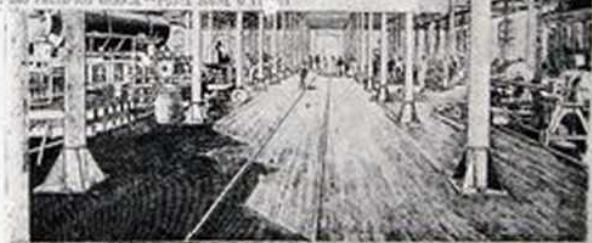
O *Enigma* é uma admirável peça de theatro, quanto à technica e à forma. Nesse ponto não é possível negar-lhe, nem o seu valor, nem a sua honestidade. Com o thema do *Enigma*, observou um critico frances, qualquer dramaturgo faria quatro ou cinco actos, que lhe renderiam o duplo, quasi o triplo, caso attendesse apenas aos seus interesses materiais, de que os escriptores franceses, como se sabe, são tão ciosos. Mas não. Paul Hervieu concentrou a acção toda em dois actos, e é dessa sobriedade que resulta a notável factura do *Enigma*. Assim condensada, a acção adquire uma intensidade extraordinaria. Não ha uma situação, não ha uma palavra, não ha um gesto que logicamente se possam dispensar, nessa magistral engrenagem. Tudo se relaciona, tudo justifica, tudo contribue para o decorrer da acção e para o seu natural desenlace. E isto não quer dizer que a peça não esteja cheia

de dissertações philosophicas, de controvérsias moraes, de explosões, de sentimentos. Mas do que se abstraiu foi de toda a rhetorica, de toda a repetição, embora formosa, de toda a excrecencia simplesmente accessoria. D'ahi, o haver lugar para tudo, o não se prejudicar a observação d'um unico personagem, nem se omittir a explanação de nenhum principio, daquelles que entram em jogo na these que foi proposta.

Se, porém, do *Enigma*, peça de theatro, passarmos ao *Enigma*, obra de intuições, a sua philosophia deixar-nos-á singularmente constrangidos, apesar de brilhantemente defendida. Trata-se dum caso de adulterio. Ha duas mulheres casadas, cu-



F. F. SÃO PAULO-SP FRANCIA - POSTO ALTO - O TIPO DE CINTO



F. F. SÃO PAULO-SP FRANCIA - POSTO ALTO - O TIPO DE CINTO

nhas, e uma delas tem um amante, esposo de dos maridos. Qual delas, porém, é a adultera? Eis o *Enigma*. Um dia, comtudo, descobre-se o adulterio. O amante é surprehendido pelos dois irmãos, que o vêem sair dum corredor que comunica com os quartos das duas mulheres. Descoberto o crime, resta descobrir a crimiosa. Eis a dificuldade, e ali Paul Hervieu apresenta duas complicadas almas de mulheres fortes, que são magnificos documentos psychologicos. Uma e outra negam, — tanto a inocencia como a culpada. Uma defende a sua innocencia, a outra defende, não a propria vida, mas a vida do amante, que só poderá salvar-se pela indecisão dos offendidos. Este, porém, resolve matar-se, e então a culpada denun-

cia-se, num grito que faz vibrar todas as fibras do nosso ser.

Ao pé destes quatro personagens, move-se uma outra figura, a do marquez de Neste, parente e hospede também da casa. Este parente é o raciocinador da pega, e nas suas filas concretisou Paul Hervieu o que pensa sobre o intrincado problema do adulterio. Pois bem: que pensa elle, que quer elle, esse velho, cuja bondade mal encobre o cynismo dum velho *récour*? Quer que se perdoe, não por uma ampla generosidade de alma, senão porque os adulterios não merecem um castigo rigoroso, visto que se limitam a colher, na vida, «a flor immurcheável do prazer». E textual.

Vista assim, a these do *Enigma synthetisa*-se em aconselhar, com floridos rodeios, o *ménage à trois*, que nem os mais avançados idealistas nem os mais asperos realistas tem deixado de considerar uma depravação e uma baixezu.

Eis o que é o *Enigma*, — no bom e no mau, devendo, porém, accentuar-se que, com razão de sobra, me surprehendeu outro dia a notícia de que elle fôr proibido de se representar em Londres, visto não conter uma única situação escabrosa nem uma única palavra que faça corar os mais candados temperamentos.

— Depois do *Outro eu*, uma *pochade* interessantíssima de Hennequin e Duval, que Eduardo Garrido traduziu, e com que o theatro D. Amelia inaugurou as suas recitas do Carnaval, deu-nos o mesmo theatro uma nova peça do sr. Dantas — *Os Crucificados*.

Sinto não ter assistido á primeira representação do novo trabalho do sr. Dantas, representação que foi também a unica, porque *Os Crucificados* cairam, nessa mesma noite, e da maneira mais estrondosa que se recorda, nos últimos tempos, no theatro portuguez. Foi mais do que uma queda, foi uma derrocada, — e tanto assim que o proprio sr. Dantas escreveu á empreza do D. Amelia, pedindo para que o seu drama fosse retirado da cena. O desagrado do publico, segundo insuspeitas informações da imprensa mais affecta ao sr. Dantas, manifestou-se de todas as formas, muito embora esse mesmo publico se mantivesse em atitude de benevolencia durante todo o primeiro acto. Mas, do segundo em diante, as *tirades* mais sentimentaes e as situações mais pathéticas eram recolhidas á gargalhada, e por fim, quando o sr. Dantas apareceu no palco, chamado por amigos comprometedores, tudo se afundou, autor e peça, debaixo duma pataca inexorável.

João Chagas, escrevendo no *Primeiro de Janeiro* sobre os *Crucificados*, demonstra que o sr. Dantas não é nem nunca foi um poeta, e d'ahi a razão do seu insucesso, ao querer fazer uma obra de sentimento moderno. «Fazer versos, — diz o brilhante escritor, — não basta para ser poeta». Com efeito, o sr. Dantas não tem o sentimento poetico. A sua analyse é toda exterior. Admira um facto medieval e não comprehende a alma dum ser. Além disso o sr. Dantas não tem a mais pequena noção do que sejam as aspirações e o sentir do nosso tempo, falecendo-lhe também o poder creador. E' homem para esgravatar em *chronicons* aventuras

de capa e espada, e pô-las em cena revestidas da sua prosa especial, para a qual todos os séculos transactos contribuiram com os seus vocabulos mais ferrugentos. E nada mais. A opinião geral é que o sr. Dantas tem de voltar definitivamente para as eras de D. Fuas Roupinho. A lição foi dura, — e merecida.

Fracassadas as representações dos *Crucificados*, o theatro D. Amelia tem-nos dado algumas recitas, que têm constituido um verdadeiro prazer espiritual para os que amam a boa arte. Refiro-me aos espectáculos que Lucinda Simões e sua filha Lucilia ali tem realizado com o *Monsieur Alphonse*, de Dumas, e a *Tosca*, de Sardou. Sobretudo, Lucilia tem conquistado os maiores e mais justos aplausos do publico e da imprensa.

Dos outros theatros, pouco ha que dizer. No Gymnasio subiu á cena o *Juiz duma canna*, peça traduzida por Accacio Antunes, e que está dentro dos moldes daquelle theatro, tendo agrado muito. Na Avenida continua a representar-se o *Ticão Negro*, na Trindade a revista *Arte Nova* e no Príncipe Real a *Petiza*.

Estão-se formando varias companhias para irem em *tournée* ao Brazil. A sua constituição, porém, não é ainda definitiva, de forma que seria prematuro registrar boatos. Apenas sei que uma será dirigida pelo actor Fernardo Maia, de D. Maria, e que doutra fará parte o distinto actor Ignacio, do Gymnasio. Diz-se também que a Companhia do Normal, dirigida por Ferreira da Silva, irá ahí.

A peça de Marcellino Mesquita, a que me referi numa das minhas primeiras cartas, e cujo título agora se mudara para *As Vítimas*, foi definitivamente proibida pelo Governo. Devia ir no D. Amelia.

A proibição da peça de Marcellino é uma arbitriadade. O governo não dá a mínima razão para o procedimento. E não, porque não. Comtudo, o motivo sabe-se serem instâncias particulares de Jorge O'Neill, o pae do rapaz assassinado, na rua da Mãe de Água, pelo dr. Pinto Coelho, para que o drama, no qual julgahaver allusões ao caso, não suba á cena. Eu conheço, porém, a peça, que é uma das melhores, senão a melhor do illustre dramaturgo, e posso-lhes afiançar que taes allusões não existem. Trata-se, é certo, dum caso de adulterio, em que o marido mata o amante da mulher. Mas pode-se porventura prohibir que se explique no theatro um facto tão commum como este, só porque um parecido se passou com pessoas de elevada posição social?

A peça, cuja rejeição ainda não é conhecida do publico, porque Marcellino não a facultou á imprensa, deve ser representada no Brazil, e antes disso, ou depois disso, em Espanha. Já se está fazendo a traducção para um dos principaes theatros de Madrid.

### Outros livros

Publicaram-se durante o mes dois livros muito notaveis. Um é o *Portugal economico*, obra do

antigo jornalista e ex-ministro Anselmo de Andrade; o outro, que pertence à *Biblioteca de Estudos Sociais Contemporâneos*, que a livraria Lello do Porto, editou. Intitula-se *Introdução ao problema do trabalho nacional*, e é seu autor o ilustre publicista Basílio Telles. O primeiro, por ser obra dum homem que passou pelos bancos do poder e reconheceu inconciliável a honestidade do carácter e a probidade da inteligência com a atmosphera do governo, tal como elle hoje se exerce em Portugal, causou uma legitima sensação. É um trabalho de sólido estudo, realizado com a forma apurada dum estylistico. O segundo constitue-se de profundas locubrações sobre a nossa existencia económica e social, nas quais se destaca bem o altissimo valor dum pensador, que é dos mais admiravelmente orientados da nossa patria e uma das mais prestigiosas figuras do partido republicano portuguez.

Publicaram-se tambem reedições do *Ivanhoe*, de Walter Scott, na livraria Guimarães, Libanio & C.ª e da *Caveira da martyr*, de Camillo, na livraria Tavares Cardoso; os dramas: *A Sociedade Contemporânea*, *Misericórdia*, *Arthur e Esther* e o *Phantom de Almoural*, 2 vols., por João Carlos de Gouveia, e iniciou-se a *Biblioteca Infantil*, dirigida por Maria Velleda, pseudonymo duma das nossas escriptoras, com um volume intitulado *Gôr de rosa*.

Ha tambem a notar o reaparecimento da *Comédia Portuguesa*, o bello semanário em que ha doze annos Marcellino Mesquita espalhou as flores do seu bello espirito. Como então, é Marcellino agora o seu director. No meio das publicações, exclusivamente humorísticas, como a *Parodia* e o *Pimpão*, a *Comédia* destaca-se por ser o que poderíamos chamar um severo pamphlet de costumes, se não fôra a feição leve e artística que se lhe imprimiu. A folha de Marcellino, sem ser violenta nas palavras, é cauterizante na analyse. *Ridendo castigat mores...* Rindo, Marcellino castiga os costumes convencionaes da nossa sociedade. Não é uma obra simplesmente de humorismo,—é mais alguma cousa: um inquerito. O lapis de distintos artistas, como Celso, illustra a *Comédia Portuguesa*, que tem tido um legitimo sucesso, não só em Lisboa como em todo o paiz.

— Este mez houve duas reuniões exclusivamente literarias. Uma promovida por uma commissão, a que preside o conde de Valenças, afim de se fundar uma sociedade literaria com o nome de Almeida Garrett. Fez a conferencia inicial o doutor Theophilo Braga. A outra foi a sessão de homenagem a Victor Hugo, no dia do seu centenario, realizada na Sociedade de Geographia. Esta esteve muito concorrida, mas o acto decorreu frio, ou porque os oradores não soubessem fazer vibrar o sentimento geral ou porque o publico lhe notasse um certo ar de consagração oficial,—o que é sempre um infallivel meio de gelar ainda os mais profundos entusiasmos.

## A poesia

*Escassez de livros de versos—Poucos e maus—O livro de Junqueiro.*

Nada! Decididamente a poesia estancou nos labios dos seus jovens cultores! Este mez só me vieram parar ás mãos dois volumes de cantos e gemidos lyricos. E ambos se intitulam *Versos*, que é o titulo que se põe a versos, quando se não sabe o que elles querem dizer. Dum nada direi, são poesias dum morto, e infelizmente estão já tão mortas como elle. Do outro, de que é autor o sr. José de Faria Machado, só ha a dizer isto, que por desgraca a tantos outros éforçoso applicar:—*Outro ofício!*

Como esperança, que todos os meses se repeete, mas que tambem gradualmente se distancia, afirma-se agora que o livro de Junqueiro sahirá para o mez que vem. Intitula-se *A Caminho do Ceu*. Quando virá elle doirar de sol a poesia portuguesa, quedesfallece?

Lisboa, 28—fevereiro,

MAYER GARCÃO.

## A uma beata

Ao JOVELINO PIRES

Eu sinto um vago cheiro a santidade,  
que a sua carne *immaculada* poreja,  
passa o dia a rezar, não sahe da egreja,  
diz-se hysterica, e prega a castidade.

Murmura, muita vez, que em sua edade,  
a Deus sómente adora, e a Deus deseja;  
um padréco, que a escuta, o olhar dardeja,  
cheio talvez de longa voluptade.

Ella, que diz-se honesta, pura e santa,  
que ao céu longinquó o brando olhar levanta,  
a desfiar as contas de um rosario,

não recorda o passado immenso e vasto,  
quando fugindo a um pensamento casto,  
gozára o Amor nos braços de um vigário!

Guilherme de Miranda.

## A minha gardenia

«Gentilissimo espirito que voa...»

G. Grespo

Ei-la, a minha gardenia, ei-la ainda em meu peito: vive e agonisa. Tres dias tem de existencia, existencia breve e feliz. Tres dias ha que a natureza começou a delicada tarefa de evidenciar a roupa-gem branca e setinea da minha flor e desde ahí quantos cuidados e extremos meus por ella! Não



## MAYER GARÇÃO

quizéra vê-la murchar tão cedo, mas, ai! a sua nívea corolla perfumosa ahi se vae estiolando, tristemente, sob a lei fatal que lhe substitue a branura immaculada pelo oiro detestavel que mata as flores.

Porque esta lei inexoravel para todos os que vivem? Nenhuma piedosa excepção, ao menos, para os entes adorados. Se assim fôra não te extinguirias tu, minha pobre florinha idolatrada, não estarias ahi agonisando dolorosamente, enviando-me, já exanime, porções ainda do teu aroma casto e delicioso, que se esvacece aos poucos.

Vaes morrer, bem sei e eu não posso subtrahir-te ao fatalismo da morte. Não quero, entretanto, que te fines assim tão só, tão erma de consolos, sem que te envolvam os pulchros raios da piedade.

Vou dar-te uma companheira eterna, eterna recordação bensafeja. Dilacerarei as tuas petalas, far-te-ei sofrer, mas que importa?

Sem as agruras da dor não se pode gozar a magia dulçorosa da ventura. A tua corolla radiosa receberá, em uma frase symbolica, a doce narrativa de um sonho adorável.

Oh! os sonhos...

Bom é sonhar; porém, nem todos o podem. Essa mysteriosa frase ungrá, santamente, a tua agonia, porque se distilla das suas letras todas um balsamo animador e confortativo: será o psalmo da tua vida.

Ei-ia escripta... Morre agora, meu divino jasmim, minha suave gardenia, morre. Já te não lamento, pois vaes feliz, como feliz quizera eu ser.

Nada mais te deve ser penoso agora, gentil ephemera.

Viverás, para sempre, alva e plena de seiva, nas amplitudes da minha reminiscencia. Foste a amiga boa e discreta, por isso te estremecço e sinto confranger-se-me o coração lutuosamente ferido. Minha alma envolve-se na clamide das tristezas sagradas e entoa, contricta, o epicédio da saudade intermina, ao ver cobrir-te, implacável e fatal, o

oiro detestavel, que vae extinguindo a tua vida branca e perfumosa, como uma esperança placida e translucida.

Adeus!

MARIA STELLINA VALMONT.

## Supremo

A ALFREDO TEIXEIRA.

Vou, feliz, construir no paiz dos meus Sonhos Um supremo solar, de ricas pedrarias, Assente á beira duns precipícios medonhos, Onde um sol outonal brilhe nas penelas.

Verdes valles em flôr, verdes valles risoños, Grandes, se estenderão, como por bruxarias, Aos meus olhos, assim como as nuvens tristonhas, Aves de oiro virão cantar nas ramarias.

Guardarão meu solar de radjahescas pompas Uns guerreiros anões de panoplias de moiro, Que o espaço encherão de clangores detrompas.

Ao supremo clamor das guerreiras inubias Desfilarão ao sol, de turbantes de oiro E tunicas gentis, dez mil escravas nubias!

*Maranhão Sobrinho.*

(Dos *Triunfos*, inedito).

Cumpre que sejamos mais frios calculadores do que poetas entusiastas, mais homens de ação do que sentimentalistas histericos.

J. Augusto Coelho.

O caracter da civilisação actual é o de uma cooperação productiva, tendo como instrumento a scienzia.

J. Augusto Coelho.



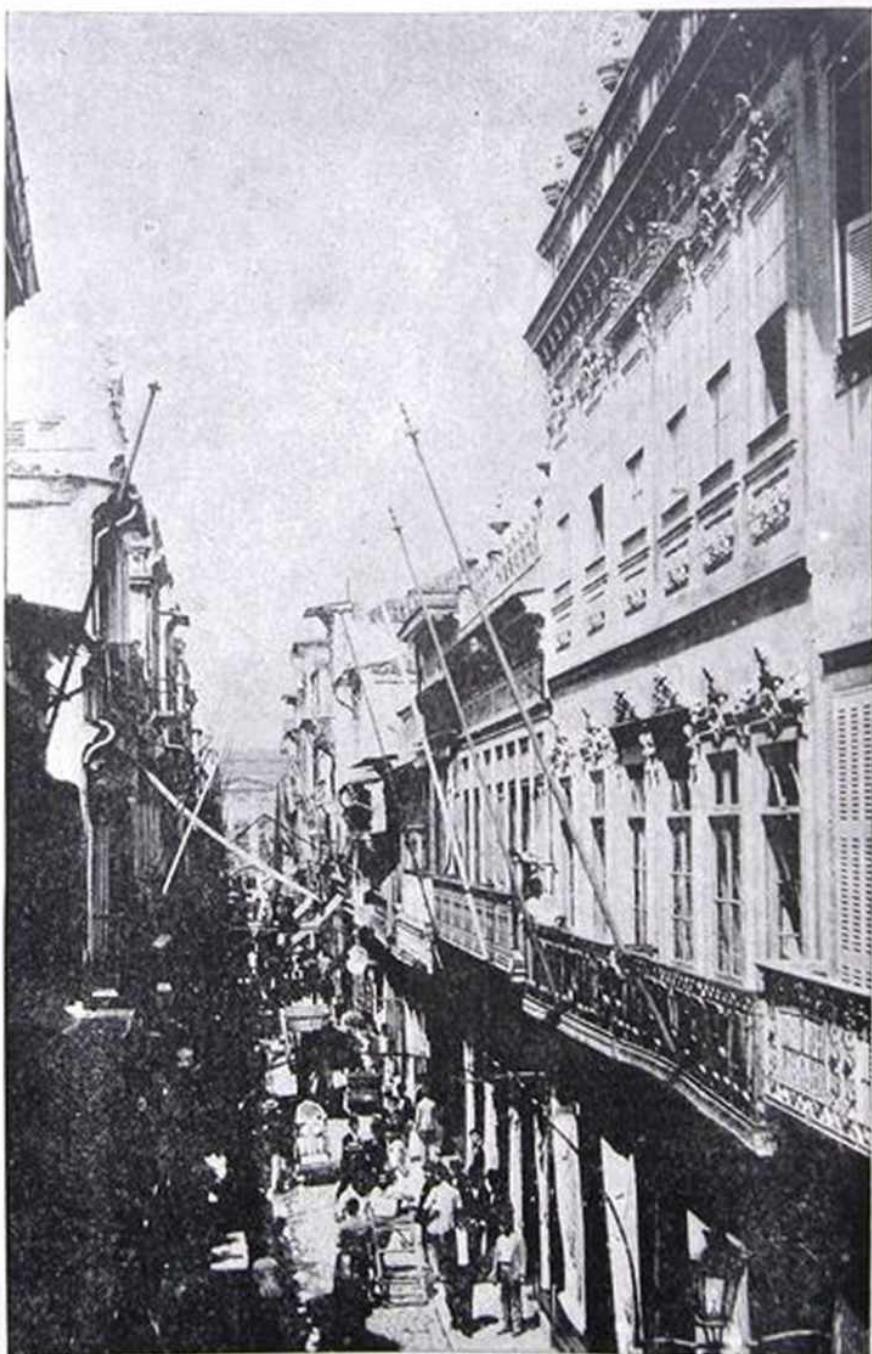
FROTA PESSOA

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhao, 16 de Maio de 1902

NUM. 18



Rio de Janeiro—A RUA DO OUVIDOR

## Versos a uma Saudade

Hoje que é um dia triste entre os mais tristes  
E que o meu coração vai para ti,  
Porque o meu coração sabe que existes  
E a minha boca anda a falar de ti;

Hoje que eu aqui estou á tua espera'  
Porque sei que tu has de aqui passar,  
Fingindo que não vés que alguém te espera,  
Sorrindo muito para não chorar;

Hoje que é dia 7 e faz um anno  
Que a minha boca se moldou na tua,  
—Venho esperar-te á esquina desta rua  
Como quem espera a volta de um engano.

Faz annos hoje um beijo que nasceu  
E, morrendo, faltou. Como é preciso  
Para o céo ser azul o teu sorriso,  
O nosso amor faz falta á luz do céu.

Por isso o dia é triste, o ar gelado  
E as coisas têm aspectos de estranheza,  
Como se o pensamento desolado  
Já transbordasse pela natureza.

A tristíssima cinza da saudade  
Do sol, do amor, dos dias de verão,  
Apagou os contornos da cidade,  
Como se o dia fosse nosso irmão.

O nevoeiro cresce—ó sol dourado !  
E a tristeza aumentou —cabello louro !  
E o contorno dos olhos está molhado  
—Vá lá saber se é nevoeiro ou chôro...

Por entre a treva fosca, o impreciso  
Dos vultos movediços arripia;  
E não ha um vestigio de sorriso  
Nem uma cõr que fale de alegria.

Tudo cinzento. Sigo o meu caminho  
Nesta saudade do que foi aurora.  
Nunca pensei que estava tão sósinho,  
Nem nunca tive frio como agora !

Tristezas do passado que não volta,  
De que a saudade está quasi no fim.  
Dias de sol! a clara trança solta:  
Sol na junella e tu ao pé de mim.

E' possível que houvesse nevoeiro  
Nesse tempo. Decerto que o não viste,  
Porque, a um amor enquanto fôr primeiro,  
Vão lá dizer-lhe que a tristeza é triste !

Enquanto dura esta illusão da vida,  
Enquanto o nosso olhar noutro repousa,  
Pôde a gente andar bem desilludida  
Que ha de ser sempre, sempre a mesma coisa.

Todos os que amam são, no fundo, eguaes;  
A historia dum amor é a de todos:  
Se, cada que se ri, se ri dos mais,  
Nós não choramos de diversos modos.

E, neste dia em que a saudade é tanta  
Que os meus olhos e o céo já estão molhados,  
Lembrai-vos todos do irmão que canta  
Tristezas do seu dia de finados.

Todos tivemos um amor antigo.  
Teremos novos ? Quando voltarão ?  
—Eu, por mim, chôro e quem chorar comigo  
Chôra com o seu proprio coração.

Lisboa.

Silvio Rebello.

## A resurreição artística de Tolstoi (1)

(CONCLUSÃO)

II

Tomado semelhante propósito, metteu mãos ao trabalho e dentro de muito pouco tempo tinha o livro pronto e atirou-o á publicidade, com o título de *Resurreição*.

Estava consumada a *resurreição* do artista, com todas as magnas e excelsas qualidades que lhe fizeram a glória no passado, extraordinariamente depuradas e, por assim dizer, cristalizadas por essa lenta approximação do tumulo, que já lhe começa a comunicar a immortalidade gloriosa que além delle o aguarda. Os criticos de todos os países apoderaram-se logo avidamente do livro, para pedir-lhe o segredo do progresso ou da decadência das dotes excepcionais do escritor que o produziu. E foi o primeiro que se lhes revelou logo, desde as primeiras páginas que leram, e foi o primeiro que elles proclamaram, numa enterneida reverencia pela magestade dessa figura, a mais nobre e a mais gigantesca de todas as outras das literaturas do norte da Europa, desse Norte promissor e fecundo, para onde se voltam hoje, numa ancia de regeneração e de conforto, as vistas angustiadas dos meridionais decadentes.

A *Resurreição* de Tolstoi, afirmou um delles, tem a sublime simplicidade das obras em que o genio collabora com a edade, simplicidade que se encontra no *Oedipo Rei*, de Sophocles, na *Iphigenia*, de Gluck e no *Parsifal*, de Wagner.

E' efectivamente essa simplicidade, ou melhor, essa harmoniosa unidade da accão, que se continua e se prolonga principio ao fim do livro, indivisa e seguida, a qualidade que mais surpreendedoramente nos impressiona no novo trabalho de Tolstoi. Habitados ás longuras e ás digressões penosas dos seus romances anteriores, á sucessão constante de detalhes e de minudencias, á repetição, as mais das vezes enfadonha e fatigante, de scenas e de episódios, que extraordinariamente demoraram a marcha da accão capital, retirando-lhe, na maioria dos casos, o interesse que o leitor lhe começava a ligar, é uma agradabilissima decepção que a gente experimenta ao constatar na *Resurreição* a ausencia desses defeitos de construção literaria, substituídos pelos predicados opostos. Desde a primeira parte do livro, surgem-nos logo as duas personagens em torno das quais irá gravitar todo o entrelacho; sabemos logo da

Jincka, e todos esses diálogos e esses lances juros, esses indústriares e esses burgueses, que no romance de prepasseam, grotescos, repugnantes, cruéis, impiedosos, sem uma ideia útil a acelerar-lhes a intelligencia, sem um sentimento bom a emocionar-lhes o coração.

Sua história, conhecendo-lheis a vida passada, sou-  
dam-lhes os sentimentos, descrevendo-lhes as im-  
agens, finalmente, levavamos com elles o mais  
intimo e o mais perfeito conhecimento, que nos  
habilitaria a compreender, suficientemente orienta-  
dos, todos os seus movimentos e todos os seus ac-

sentimentos e as disposições de animo dos juizes que nelle funcionaram.

O presidente do tribunal, apesar de casado e de chefe de familia, levava uma vida dissípada e licenciosa. Nessa mesma manhã havia recebido um bilhete, em que uma governante suissa, que em tempos fizera parte do pessoal da sua casa e por

quem concebera uma inclinação amorosa, lhe marcava uma entrevista, para as tres horas da tarde, num hotel qualquer da cidade. Nestas condições o seu maior empenho era abreviar as formalidades da sessão, para não perder o *rendez-vous* prometido. Um outro juiz tivera também nesse dia uma cena desagradável com a mulher, a quem censu-



PARÁ — Palacete onde reside o Governador do Estado

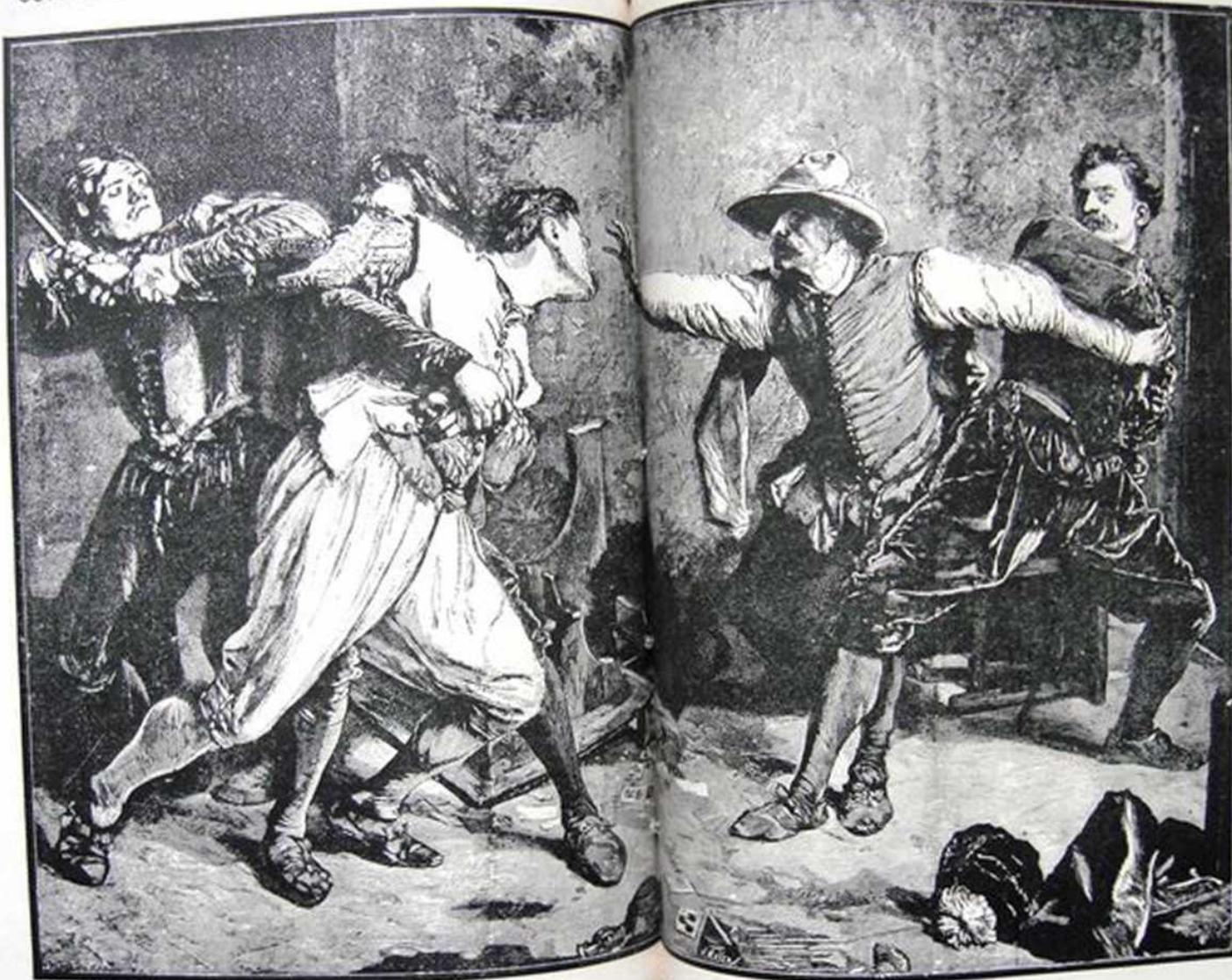
PREDIO DA COMPANHIA DE SEGUROS GABANTIA DA AMAZONIA

rava haver gasto rapidamente todo o dinheiro que lhe dera para as despesas do mez; e esta ultima ameaçara-o de não lhe dar de jantar, para puni-lo da sua avareza, de sorte que a sua preocupação no tribunal era apenas essa perspectiva de dormir com fome. O substituto, encarregado da accusação, cuja imbecilidade fôra aggravada ainda mais pelo tirocinio universitario, passara a noite na cra-

pula e no jogo e fôra acabar a pandega numa casa de tolerancia, a mesma em que residia Katuchama occasião em que foi presa; assim, não teve tempo nem de lançar um golpe de vista aos autos que se iam julgar. O escrivão, que sabia do facto e porque ambicionasse o logar do substituto e também por ser de politica diversa a delle, conseguira do juiz que escolhesse justamente esses autos para a sessão

SUPPLEMENTO AO N. 18

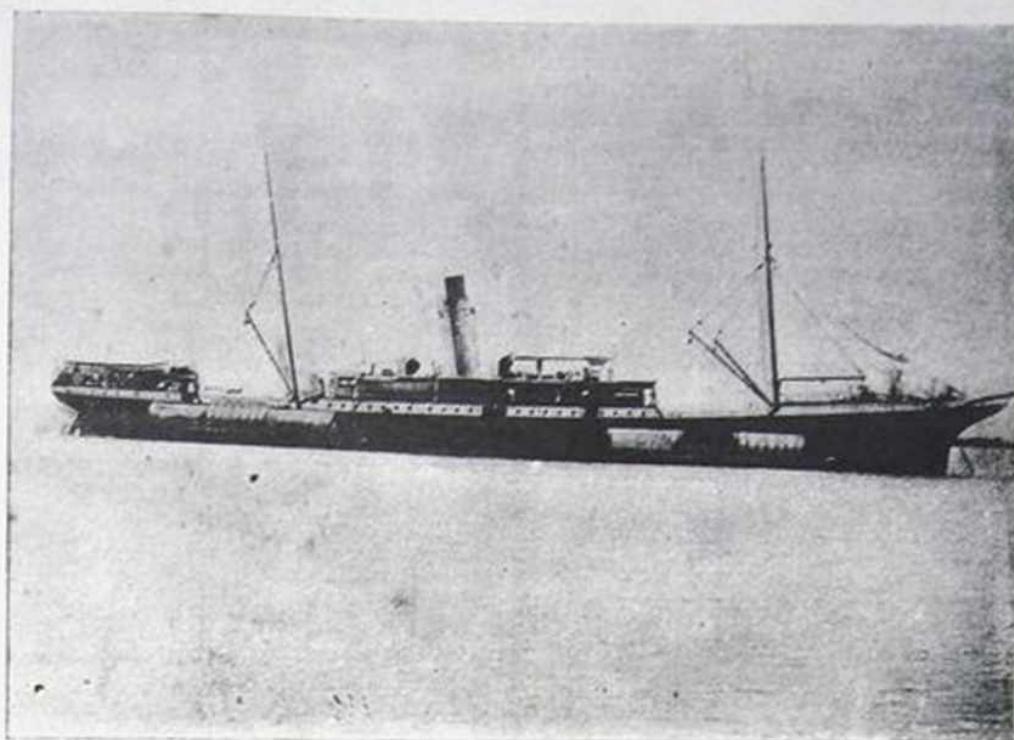
16 DE MAIO DE 1902



A REVISTA DO NORTE

Meissonier RIXA

MARANHÃO—BRAZIL

VAPOR BOURBON—Da The Liverpool and Maranhão steam ship C.<sup>o</sup>

são do dia. Um outro magistrado estava encatarrado e concebera a idéia exquisita de que poderia naquelle instante verificar se os remedios, em cujo uso se achava, conseguiam ou não libertá-lo do achaque; era ver se o numero de passos que fizesse do seu gabinete á sua cadeira na sala do juiz era divisível por tres; no caso afirmativo sararia, no contrario, não.

O remedio a que recorre a classe espoliada para as suas reivindicações é a revolução, a submersão violenta da ordem social estabelecida, o aniquilamento completo das instituições que a esmagam. Mas essa revolução também peca por sua vez, não só porque no fundo aspira apenas a inverter a ordem de coisas existente, como também porque a maior parte dos que a dirigem são impulsionados por motivos egoistas, por ambição, por vaidade e muitas vezes «por esse sentimento que impelle os moços a desejar o perigo, a expor-se aos seus riscos, a procurar na febre dum jogo uma variante à monotonia da vida que levam».

Nestas condições, que fazer? Cruzar os braços resignados ante o *statu quo* actual, considerando-o impossível de modificação? Não, absolutamente não; desde o momento em que a experiência demonstra que a luta e a força são duas armas impróprias para a resolução do problema, o dever é ir procura-la nos processos opostos. E esse processo é aquele que Nekhludov exprime no seu monólogo no comboio que o conduzia a Nzim-Norgovod. É o amor, o amor verdadeiro e real, todo de abnegação e de renúncia, apaziguando as lutas, nullificando as forças de resistência à junção das duas classes, penetrando-as até ao intimo da alma,

PARAHYBA DO NORTE  
PORTA DA FORTALEZA DE CABEDELE

fazendo-as fraternizar no esforço para a desaparição das desigualdades sociais, para o desagravio das injustiças actuais, para o trabalho commun da felicidade humana. Não é fóra de nós, mas em nós mesmos que a salvação reside.

Tal é a convicção final a que nos conduz a leitura do novo romance de Tolstoi. É um sonho, é uma utopia essa convicção, ou, por outras palavras, essa esperança confortante, que num glorioso clarão de apoteose lhe ilumina as derradeiras páginas?

Talvez. Mas o caso é que utopia e sonho foram consideradas no seu alvorecer quasitodas as idéias nobres e altruistas, quasi todas as noções de justiça e de equidade que hoje reconhecemos como um axioma indiscutível, embora nem sempre as pratiquemos.

ANTONIO LOBO

(1) Vide os ns. 45, 46 e 47 d'A Revista do Norte.

## Ceci tuera cela

(PARAPHRASE)

Sempre o mesmo scenario: a tropa sae, nas sellas  
Retinem faiscando os gladios irritados;  
Soberbos vão passando os pendões desfraldados,  
Ao longe o echo repete a voz das sentinelas.

De alcatéa, em redor das altas cidadellas,  
Canhões vêm por entre obuzes empolhados;  
Ouve-se alem, no campo, o tropel dos soldados—  
E o soluço das mães na sombra das viellas.

Que espada formidanda em pulso de gigante  
Ha de um dia expulsar, severa, flammejante,  
A raça de Caim da criminosa arena?

Derrocar bastiões, encher de terra os fossos,  
Varrendo esses trophus feitos de sangue e d'ossos?  
Matar quem pôde à GUERRA? Uma só arma: -A Penna.

Pethion de Villar.

## O mez literario em Portugal

Antonio Nobre

Foi no dia 18 deste mez que completou dois annos o transito do doce poeta. Não podia fazer-se-lhe mais digna commemoração do que lançando ao perpetuo esquecimento que é o publico, o ultimo recueil de versos em que desentranhou as suas magras o seu amargurado coração. Assim, as *Despedidas* produziram-me, como decreto a todos os que amaram o alto e delicado sentimento desse até agora derradeiro cantor do sentimento em Portugal, não a impressão de ver alguém despedir-se para sempre, mas sim a commoção de quem vê regressar alguém. Não é uma despedida, é uma visita, —a visita dum querido ausente. Como nas lendas, uma alma amada, uma alma penada, e bem penada, surge na visão dumas brancas páginas de

linho, que se diria a mortalha, diaphana como um sonho, de que se revestem os espíritos.

Dois annos passaram, e o doente triste que correu a Europa e a America em busca da vida dorme o seu sonno de morte sob alguns palmos de chão portuguez, circundado da paisagem que viveu sempre nos seus olhos, tanto nos campos em flor da França como nas montanhas de neve da Suissa. Dorme em terra portugueza, suprema consolação para esse grande sentimental portuguez, que como resignado e contente filho desta terra ali assista com um ultimo sorriso o esquecimento dos seus irmãos.

Estava bem esquecido, Antonio Nobre! Negaram-o, em vida; calam o seu nome, morto,—os que, como elle, trabalham com uma pena para fixar em imagens de brilho e rimas de encanto as elevadas emoções da Poesia. Calam-o os illustres, os maiores, irmanando-se na mesma mesquinha rivalidade com os impotentes e os mystificadores, que a furia do reclamo indecoroso nunca levantará a alturas onde os beije o sol! Vivo, ainda, o aggrediam, o amesquinhavam, o calumniavam, enquanto os seus pobres pulmões se desfaziam, sem que vingassem tonifica-los nem os ares estrangeiros nem as brisas patrias. Mas essa aggressão ainda era vida, ainda era consagração e estimulo. A morte levou-o, e então o silencio reinou, obscuro, gelido, assassino,—mais assassino do que a treva, mais assassino do que a neve, mais assassino do que a Morte...

Todavia, como elle é grande! Aproveitavam-se de má fé as suas fraquezas, os seus erros, as suas irregularidades, isso tudo que chegava a constituir ridiculos, que era mesmo ridiculo, grotesco, inferior, mas de que a sua alma, a sua extraordinaria alma poetica, triumphava, em luta mais grave e mais séria do que toda a que lhe movia a rançorosa inveja dos mediocres e dos egoistas. Os seus proprios amigos contribuiram para o desacreditar, dando-lhe cognominações de chefe de escolas literarias decadentes, a que elle não pertencia, senão por exterioridades que em nada afectavam a sua intima característica poetica. E de tudo se salva esse extraordinario poeta,—dos versos errados, das imagens falsas, das inovações pretenciosas. Sob a duna de areia artificial e informe, um magnifico veio de puro ouro existia, e a mais pequena aragem como a mais livre investigação punham-o a descoberto na sua beleza doirada e gloriosa.

Antonio Nobre foi o derradeiro cantor do sentimento portuguez, e, quando digo o derradeiro, não tenho a pretensão de fechar a serie dos poetas que o exprimem, mas pretendo accentuar que ainda até hoje ninguém o excedeu, nem sequer se lhe approximou. É triste e bom,—sofre, sente e canta. Não precisava dizer isto a quem leu o *Só*; é, porém, necessário não deixar escapar um só ensejo de dizer uma palavra de justiça, em tempos tão duros e ingratos de avassaladora injustiça. As *Despedidas* confirmam o mesmo sentimento, authenticam a mesma alma e sugerem a mesma comoção. Que mais dizer delas? Que são um livro de forma imperfeita, contendo muitas páginas que o autor,

vivo, não publicaria? Para que dize-lo? Apontamentos, notas, impressões ainda mal fixadas,—eis de que se constitue esse volume. Mas esse volume já não é uma obra de arte, no sentido de correção que se pôde atribuir a esta palavra. E' o testamento de quem vai morrer,—de alguém que foi sempre como uma criança e que entre queridos exhala os últimos alentos dum grande e magoado coração, balbuciando o derradeiro adeus a uma vida ingrata de que ainda se não pôde libertar sem saudades e lagrimas.

Fizeram bem o irmão, os amigos de Antonio Nobre em publicar estas dispersas rimas, que são como destroços dum naufrágio, em que se submergiu um elegante e airoso navio? Tenho ouvido dizer que não. São ainda os seus detractores ou são ainda os que nunca o comprehenderam,—a encobrirem com um manto de hypocrisia a sua emulação ou a estadearem ainda sobre um cadáver a sua suina estupidez. Não! Fizeram bem,—diz-m'o o coração. Fizeram bem, como fez bem o grande publicista Bruno em prefaciar sentidamente esse testamento poético. Fizeram bem,—porque protestaram, e ao menos num dia fizeram viver o nome desse poeta, tres vezes poeta,—pelo talento, pela alma e pela dor.\*

São decorridos meia duzia de dias sobre o aparecimento desse canto de azul translucido no firmamento obscurecido de mediocridade que pesa sobre a arte portuguesa. O nome de Antonio Nobre está de novo esquecido,—e agora por muito tempo, senão para sempre, a não ser que uma geração inteligente, honesta e reivindique e proclame, num grande brado de homenagem e de justiça. Nem um só grande poeta veio dizer uma palavra sobre esse grande poeta. Como Cesario Verde, está esquecido, está morto, está assassinado pela segunda vez,—ele que foi, nos últimos vinte annos, com o Cesario, um desses poetas que, logo de estreia, vencem uma personalidade artística e falam a linguagem divina da Poesia. Embora! Aquelles que vêm na Arte mais alguma cousa do que triunhos egoistas e faceis, pela mystificação e pela deslealdade, não olvidaram nunca, como eu nunca olvidarei, essa poesia sonora e doce que, além da morte, nos vem ainda cantar ao ouvido, em voz baixa e tremula, as mais límpidas emoções e as mais suaveis harmonias da Vida.

## O romance

\**Maria do Ceu*—As afirmações dum prefácio—O Bem: renúncia e luta.

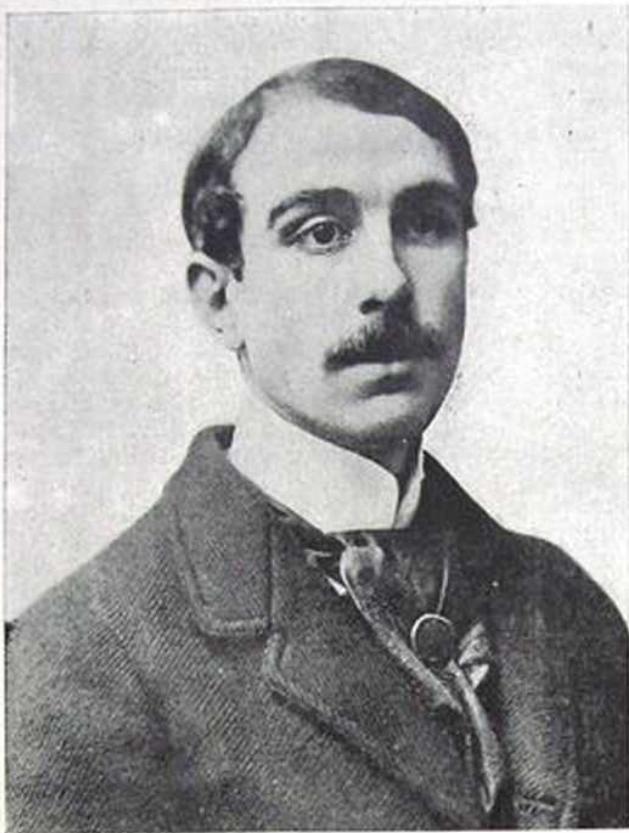
*Maria do Ceu* é a colecção de cartas de Marcellino à sua amada, que tem este nome divino. O romance em cartas é um género antigo, mas prestava-se avelmente às galas do estylo. O sr. Julio Brandão, escriptor distinto, que como poeta e romancista nos deu já as suas provas, desde o *Livro de Aglais* até à *Pharmacia Pires*, não o ignora, e como é, sobretudo, um estylistico, escolheu-o, no uso legítimissimo dum direito, para os seus moldes vasar a nova produção do seu espírito. Temos portanto assente,—em minha opinião, é claro, visto que não recebi procuração do illustre literato

para definir as suas intenções,—que *Maria do Ceu* se deve classificar, primeiro que tudo, como uma obra de estylo. E, sendo assim, cumpre afirmar que ella, nesse ponto, está brilhantemente realizada.

Não basta, porém, o estylo, não basta a forma para um trabalho de arte, tal como ella modernamente se considera, desde que a Crítica põe no primeiro plano da sua analyse a averiguación dos intuitos, isto é, desde que fixou á arte uma finalidade moral. E' necessária mais alguma cousa,—e essa alguma cousa é precisamente esse intuito. O sr. Julio Brandão comprehendeu-o ainda, e muito bem. No magnifico trecho de prosa que é o prefácio do seu proprio livro accentua a sua intenção moral. E' o Bem,—é a *intuição do Bem* mais do que o *conhecimento do Bem*, o Bem adivinhado pelo coração e não investigado em teorias. E assim construiu o tipo sentimental de Marcello,—ingenuo, doce e candido, pensando, fazendo o Bem, com a mesma tranquila serenidade dum veio de agua que vai dessedentar os labios dos mendigos, que só a ella têm certa e segura na terra. Eis a these do livro, a que serve de moldura uma filigrana trama romantica.

E' puro, é bello, isto,—mas será grande? Ou talvez melhor: será certo? Pode o homem abstrair desses sabios, cuja voz, quero dizer, cujo ensinamento não vale para o sr. Julio Brandão «a voz dum rouxinol»? Veni-me aos bicos da pena a profunda reflexão de Hugo: *ser bom é facil; o que é difícil é ser justo*. Renunciar, sacrificar-se, ser como um víme para a tormenta de oppressão e de iniquidade que passa, é relativamente fácil, é até mesmo relativamente commodo. Commodo? Sim, desde o momento em que, sujeitando-se aos baldões da existencia, se não queira ser agitado na alma. Ora foi para as agitações vitaes e proficuas da alma que ella se criou e elevou na comunhão das aspirações humanas. Ser bom, pessoalmente, estritamente bom, será um exemplo? Será. Esse exemplo, porém, morre quando o não vitalisa a acção. Erradamente se tem supposto o Christo como um grande documento dessa renúncia. O Christo foi um revoltado: elle o disse,—*vim trazer a guerra*. O Christo é o protesto, é a doutrinação insurreccional contra uma sociedade inteira, tomando o sofrimento como arma dessa doutrinação. Pregado numa cruz, caminha: essa cruz é um veículo, a sua tunica é uma bandeira. Foi bom perdoando á mulher adultera, foi justo expulsando os vendilhões do templo, e o sr. Julio Brandão crê-o decerto,—foi-lhe mais difícil pegar num latega do que proferir um perdão.

*Ser bom é facil, ser justo é que é difícil*. E é na Justiça que está a suprema bondade. Não, não basta que eu, para não manchar as minhas mãos em sangue, me deixe trucidar. Posso dispor de mim, mas se, pela falta do meu esforço, outros vão sofrer, outros continuam soffrendo, uma humanidade inteira está vergada á dor iniqua, eu não tenho o direito de me esquivar ao grande dever solidário de lutar. Como? Por todas as formas, desde o martyrio aceito como protesto até á espada empunhada como recurso. E nessa obra de



ANTONIO NOBRE

progresso moral, que todo elle não é senão uma luta, a palavra do sabio, o canto do poeta, o sofrimento do apostolo são outras tantas armas da Justica.

Posto isto, como reparo ás affirmações do prologo do livro de que me occupo, resta consignar o valor literario de *Maria do Ceu*. Vimos que a sua intenção é nobre, muito embora, a meu vêr, claudique por erro de apreciação; como trabalho de arte não é menos elevado. Nelle se revela o sr. Julio Brandão o que se pode chamar um prosador feito. O estylo é macio, suave, ondulante,—lembra um pouco Eça, e, se bem que o não atinja na perfeição, é todavia menos feminino, traduz melhor na sua relativa ríjeza uma alma de homem, que, embora sensibilizada, não deixa de ser mascula. Prejudica um pouco a accão romântica o gênero especial do livro, essa sucessão de cartas que, ainda que não enumeradas, têm sempre o mesmo ar de reflexão intima que lhe imprime uma continuada monotonia. Mas—repito—a principal qualidade literaria da obra é o estylo,—o estylo que nos affirma já um prosador notável e que, despostado das arestas que, num ou noutro ponto, ainda se lhes observa, nos ha de dar um primorosissimo artista.

— A seguir. MAYER GARÇAO.

## Cantando...

Cantando nasci, cantando,  
hei de morrer,—meu amor;  
zombando vivo, zombando  
da fera que chamam—Dôr.

Esta cruel e malvada  
empolgou meu coração,  
logo à primeira passada  
que dei neste mundo vão.

Nunca soltei um gemido,  
lagrimas nunca soltei;  
ninguem porém tem currido  
magnas que sempre occultei:

Na infancia... que paraíso  
o mundo me pareceu!...  
sempre nos labios o riso;  
que o peito nunca gemeu.

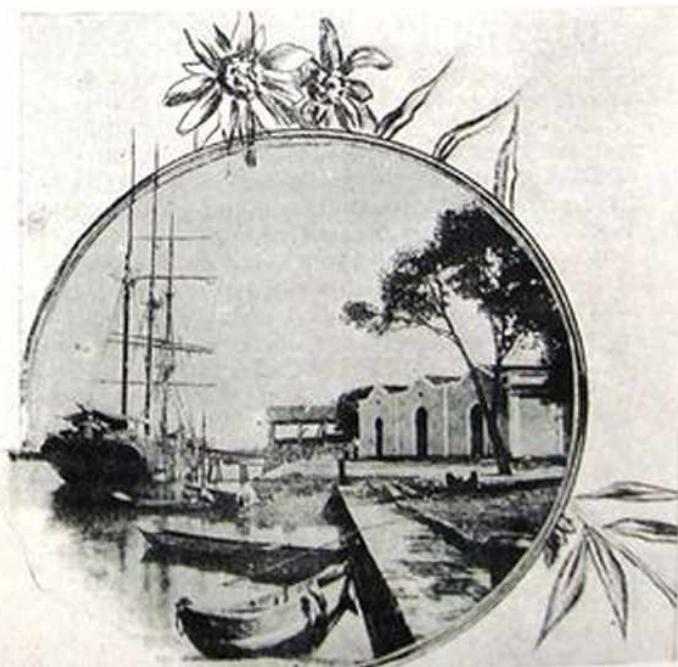
Na mais sá philosophia  
minha alma se acastellou;  
e o perfume da poesia  
minha vida embalsamou.

Companheiras innocentas,  
eu não posso acreditar  
que ellas iam, inconscientes,  
minha desgraça cavar.

Mas eu morrerei cantando,  
porque cantando nasci...  
Meu Amor, se estás chorando  
séca o pranto, canta e ri.

Pará.

JUVENAL TAVARES.



PARAHYBA DO NORTE

O PORTO DE CABEDELO

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Junho de 1902

NUM 19



Rio de Janeiro—Em caminho do CORCOVADO

## A grande morta

Está-me lembrando aquella que passava  
Todos os dias pela minha porta,  
Está-me lembrando aquella que eu olhava  
E que é grande por ser já uma morta.

Está-me lembrando aquella que era linda  
E pequenina como o meu amor;  
Tinha seus olhos azuis—e é isso ainda  
Que faz que eu goste mais d'aquela cor.

E o seu vestido roxo? Que saudade  
Da sua voz tão linda, do olhar!  
—Que mal faria a Deus a mocidade  
Para Deus tantas vezes a matar?

E essa ultima vez—o dia, enfim,  
Em que ella se sorriu à minha porta!  
E é essa boca a rir-se para mim  
O que me lembra mais daquella morta.

E sempre a rir-se que me lembra aquella  
Que tinha um peito mesmo igual ao meu;  
Feliz de mim que inda me lembro della  
Ai! coitadinho della que morreu!

Aquelle riso foi a despedida  
De mim, que nunca mais a pude ver;  
—Voltou a esquina e acabou-se a vida,  
Quando subia a rua ia a morrer!

A tysica seccava-a, e a canceira  
Fazia-a parar tanto no caminho!  
Ella tinha um andar de ave ligeira,  
Ella a morrer foi como um passarinho.

A tysica seccava-a! bem me lembro  
Aquelle dia em que eu chorei, em vão;  
—Quando as folhas cahiam em novembro,  
Cahia aquella flor da minha mão.

Tinha quinze annos só, sem desenganos,  
Tinha alegria e vida—e tinha mãe  
E a tysica levou esses quinze annos,  
Quando eu só tinha dezessete também!

Tinha quinze annos só—a mocidade,  
E o amor, o amor quasi a nascer,  
—Quando as muias, afinal, naquella idade  
E então que começam a viver!

A tysica seccava-a! E eu nem via  
Tão ceguinho já estava por a ver,  
Que ella, com quinze annos, nesse dia  
Me pedia licença p'ra morrer.

E morreu e morreu! E lá está morta  
Entre os mais mortos na eterna Paz  
Aquella que passava à minha porta  
Todos os dias com um velho atraç.

Está-me lembrando aquella que passava  
Todos os dias pela minha porta,  
Está-me lembrando aquella que eu olhava  
E que é grande por ser já uma morta.

NUNES CLARO.

## O mez literario em Portugal

### A poesia

Theophilo Braga: «Os Doze de Inglaterra», — «O Milagre do amor» — Mais José Agostinho!

O facto da commemoração anniversaria da morte de Antonio Nobre, com as *Despedidas*, me ter levado a destacar a publicação desse livro de versos derradeiros, impediu-me de dar esse destaque a uma obra de alto valor, que representa a iniciação de mais uma admirável empreza por parte do grande homem de letras, que é Theophilo Braga.

Refiro-me a *Os Doze de Inglaterra*, com que Theophilo acaba de começar a epopeia da *Alma Portugueza*.

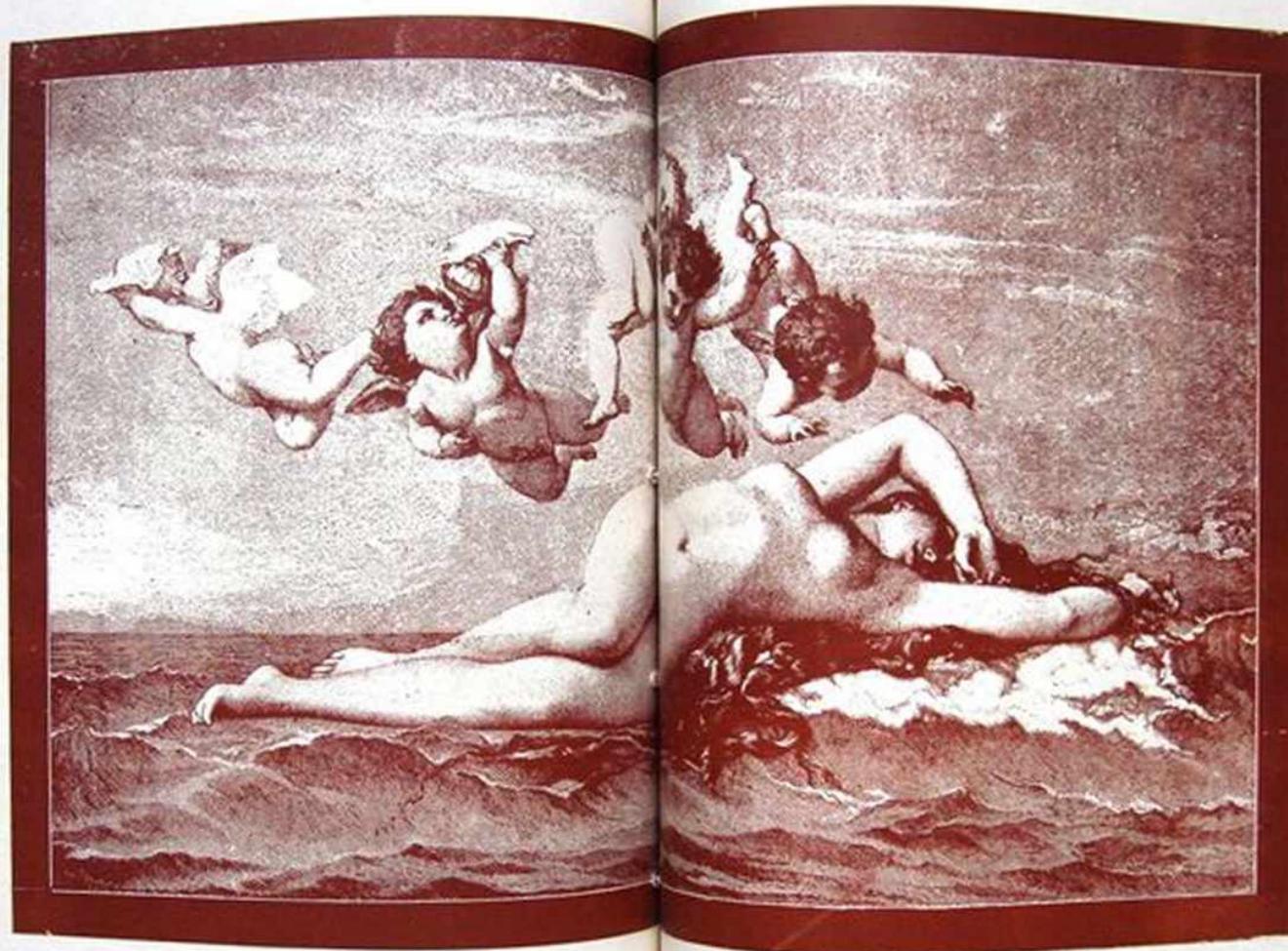
O episodio dos *Lusiadas* que trata da expedição cavalheiresca de Magriço e os seus intrepidos companheiros é universalmente conhecido. Quisera-o já desenvolver Garrett num poema, mas não levou a cabo a generosa intenção. Realisa-a agora Theophilo Braga e a sua concepção é ainda mais vasta do que a do grande Romântico. Symbolizando nos cavaleiros portugueses, que vão defender a honra das damas do duque de Lancastre o carácter amoroço e cavalheiresco da raça, extrae desse amor, desse espírito de cavallaria andante, o tipo nacional dum povo, que pelo caminho heróico da Aventura realizou a conquista dum ideal humano e abriu as portas à civilização moderna, na dilatação de novos mundos para a expansão universalista.

O poema é feito em verso de vários metros, e constitui um altíssimo trabalho histórico e literário, como todos os que saem da pena do illustre escriptor. É o quadro dum época, com os seus costumes, as suas lendas, os seus romances dum admirável ingenuidade amoroça e batalhadora. Nos saraus da Corte de Londres, como nos paços de Cintra, e na romaria através de Espanha e França do Magriço, esses cantos dum ideal satisfeito surgem, matinando a narrativa heroica, como flores dum poética belleza. Percival diz a sua anciade, o *Graal* relameja no seu mistério, Lohengrin assoma na sua barca de ouro, a *Ala dos Namorados* avança a sorris nos combates, Amadis desembainha a espada, Rolando chega em tím aos labios o seu *oliphant*, e a branca andorinha do Calvário arranca, com delicadezas de mãe, os espinhos da fronte do sonhador crucificado.

Como disse, *Os Doze de Inglaterra* constituem um dos volumes com que se deve formar a obra, que Theophilo denomina: a grande epopeia dum pequeno povo. O notabilíssimo escriptor deu-lhe já

SUPPLEMENTO AO N. 19

I DE JUNHO DE 1902



A REVISTA DO NORTE

## O nascimento de venus

MARANHÃO—BRAZIL

o título geral,—é *A Alma Portugueza*; e distribuiu já a sua composição. A primeira parte intitular-se-á *Viriato*, (narrativa epo-historica), a segunda *Frei Gil de Santarem* (drama lenda), a terceira *Linda Ignez* (tragédia classica), a quarta é *Os Doze de Inglaterra*, o poema agora publicado; a quinta *O Peito Luzitano* (rhapsodias cíclicas das navegações), a sexta *Camões* (poema epo-lyrico) e a setima e final *Gomes Freire* (drama em cinco actos).

Toda a obra, bem como *Os Doze de Inglaterra*, é edição da casa Lello & Irmão, do Porto,—a constante editora dos trabalhos de Theophilo Braga.

Por uma obra de valor, é inevitável que entre nós appareçam duas ou tres inferiores ou mesmo vergonhosamente ridículas. Nem num nem noutro destes generos faltou agora representação.

O trabalho inferior é do sr. Alcantara Carreira, um poeta do Porto, cuja produção actual, um pequeno dialogo, chamado *O Milagre do amor*, não mereceria mesmo uma referência especial, se não se desse o caso do sr. Alcantara Carreira o ter antecedido com um livro de versos, muito razoável, intitulado *Doida Juventude*. Andar para traz, é para mim o peor dos signaes, em arte, como de resto em todas as manifestações da intelligencia. E o sr. Alcantara Carreira andou para traz, e bastante. *O Milagre do Amor* é duma banalidade desesperadora. Os jornaes do Porto disseram bem do trabalhinho, mas elle veiu para Lisboa, onde foi recitado na festa da Associação da Imprensa, e caiu com uma pateada justiceira. Bom será que o sr. Carreira, como nenhum literato, se não guie pelo que dizem os jornaes diarios, que não tem o menor escrupulo em discernir a qualificação de genial a qualquer produção, desde o momento em que ella lhes seja recomendada por alguém. Da *Doida Juventude*, que era um livro promettedor, ninguém disse nada. Do *Milagre do Amor* disseram-se maravilhas. Não foi aquele silêncio que prejudicou o sr. Alcantara Carreira, foi este elogio.

O incansavel literato José Agostinho, a quem já tive ensejo de me referir nestas annotações mensaes, e que o seu editor Figueirinhas, de braço dado com as hilariantes críticas do *Século*, continua a chamar um genio, atirou á publicidade mais um livro. *Atirou*,—parece-me que é o termo preciso. Chama-se *Versos Novos*, e inaugura o que, tendo em vista que os alexandrinos devem a sua denominação a terem sido empregadas primeiramente por um poeta de nome Alexandre, nós podemos permitir-nos o direito de denominar os *agostinhinos* de quinze syllabas. São versos monstroso, do comprimento da legua da Povoa, tão grandes que as paginas, apesar de largas, mal os podem conter de margem a margem. O que esse homem diz nelles é espantoso! Nunca se viu uma tal colecção de distates pedantescos e ócos. Cito-lhes ao acaso este *Epitaphio*:

Bizem que é morta a mulher que um dia vi, risinha e pura:  
Bizem que dorme sem cor, nessa gelada sepultura,  
Como um navio sem quilha, ou como estrela sem calor...

Vós, que passaes a chorar, chorae baixinho porque é falso  
Que morra o Sol, ao lugir: a luz, se foge, vai no encalço  
Da vida eterna que existe à mão direita do Senhor...

Todavia, como um pobre graphomaniaco que é, este Agostinho poderia escrever isto, e ainda peor, como na *Hora e dinheiro*, no soneto *Victor Hugo*, na *Morte do actor*, na *Pomba-Leoa*, etc., se não fosse simplesmente indecoroso o que a imprensa tem escripto acerca deste inoffensivo pateta. De genio para baixo tudo lhe chamam! Se é caçada, é de mau gosto, porque o homem toma aquillo a serio e emparvece cada vez mais; se é a serio, é repugnante de estupidez ou de baixeza. E até revistas estrangeiras, colaboradas por *fumistes*, que se dão ares de collecionadores de talentos exóticos, lhe publicam retratos, e dizem assombros pelos seus inesgotáveis livros, que decerto nunca leram! Devendo notar-se que em tais revistas nunca é citado o nome dum escriptor poderoso de Portugal, dos vivos,—que dos mortos fala-se de vez em quando, naturalmente porque já não fazem sombra aos José Agostinho, nem aos Figueirinhas, seus editores e prophetas.

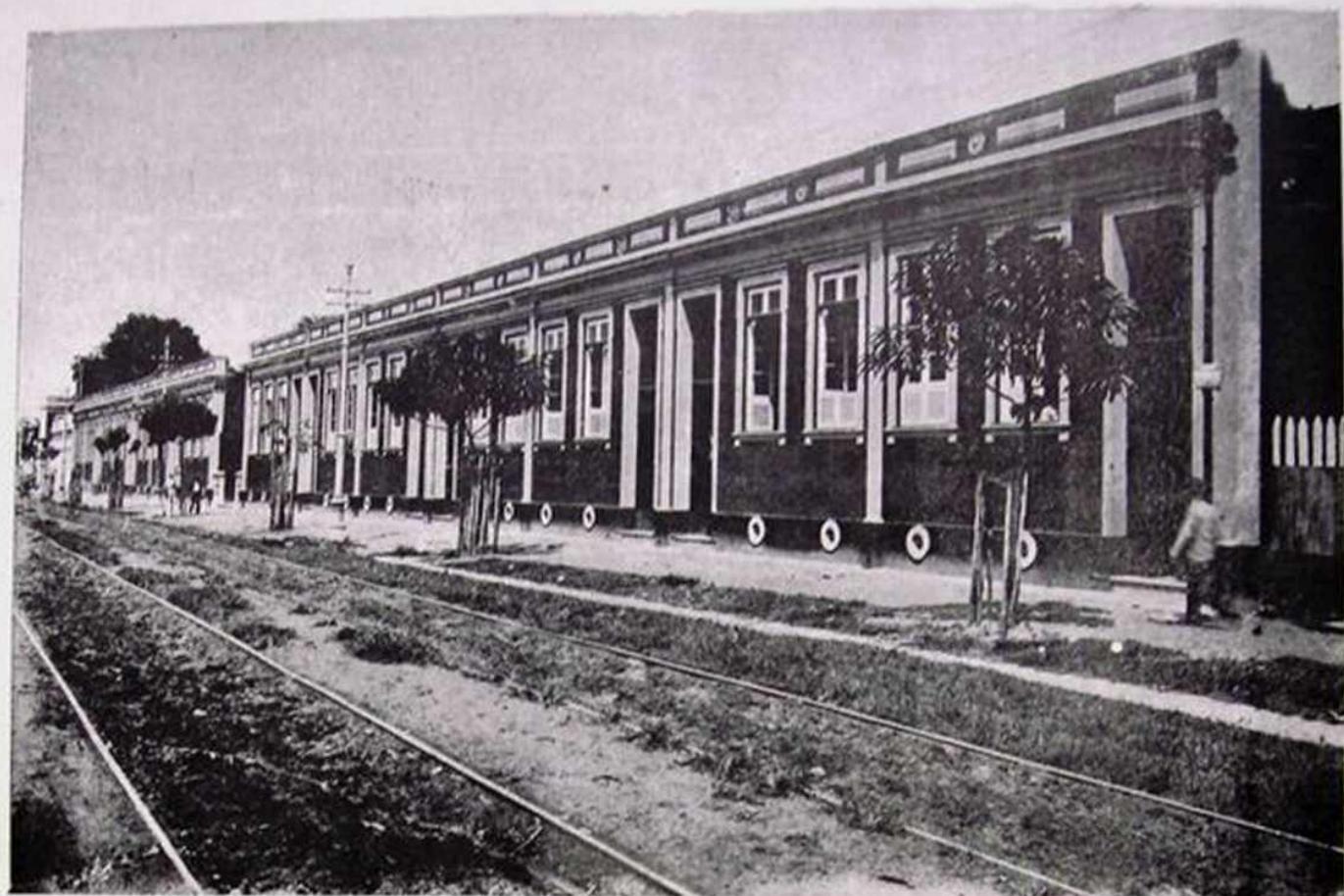
## O teatro

*D. Maria: «As Sabichonas» — D. Amelia: «Os Malhados» e «Blan-hettes» — Um fracasso e um triunpho — A festa de João Rosa — Um poeta, um dramaturgo e um artista — Recitais — Nos outros theatros.*

A comedia de Molière, *As Sabichonas*, foi a unica peça nova que a companhia de D. Maria levou á cena durante o mez que hoje finda,—na detestavel traducção de Castilho. São conhecidas as traduções de Castilho, essas verdadeiras blasphemias de arte. Nellas, como é sabido, o velho poeta caprichava em alterar inteiramente os originaes celebres, que por desgraça mereciam a sua admiracão levada até ao ponto de os querer transplantar á linguagem portugueza. Goethe foi uma das victimas, mas o mais massacrado foi Molière. O divino espirito do incomparavel comediant, servido aos lusos com recheio classico portuguez, tornou-se em geral dumha semisaboria atroz. Molière desapareceu de todo. Castilho chegou no ponto de pôr em verso as suas obras em prosa, como o *Médecin malgré lui*. Mas a peor das pasteladas é sem duvida esta das *Sabichonas*. Assim, o mau desempenho que lhe deram os actores de D. Maria foi justo e foi logico. E nada mais, porque, visto estar a peça na agonia, não se lhe devem amar gurar os ultimos instantes.

As *Sabichonas* não devem dar mais de dez representações, ao todo, porque a Companhia de D. Maria empregou mais de metade do mez numa *tournée* pelo Porto, Coimbra, Aveiro e Figueira da Foz, representando com aplauso as peças de maior successo nesta época,—no seu theatro.

Em D. Amelia tivemos duas premières. Uma foi um fracasso; a outra foi um triunpho. A primeira constituiu-a o drama *Os Malhados*, do sr. Arthur Lobo de Avila, exemplar de graphomania



PARA—Villa Garantia da Amazonia, Lado oriental. Propriedade da Garantia da Amazonia



**DR. BARBOSA DE GOZOIS**  
DIRECTOR DA ESCOLA MODELO

quasi identico ao José Agostinho, do Porto. Deu duas representações, e, como a empreza de D. Amelia entrasse a intercalar outras peças, o sr. Arthur, com um relâmpago de bom senso, retirou o seu drama daquelle theatro. A segunda foi a *Blanchette*, de Brieux, levada à cena por Lucinda Simões, que, com sua filha Lucília, Christiano e Chaby, continua a dar recitas sensacionais no D. Amelia.

Admirável peça, esta *Blanchette*! São altamente modernos os seus intuições, como são modernos os seus processos e a sua forma literaria. É facil de resumir o seu entrelaço e a sua acção, que se passa num meio rural da França. Os esposos Rousset determinam dar a sua filha Blanchette, num desgosto de vaidade e numa previsão de futuros lucros, uma educação relativamente cuidada. A pequena estuda, alcança o seu diploma de professora, e regressa à casa paterna, melhor diria: à taberna paterna, esperando a sua nomeação. Começa aqui o conflito, porque adiante de Blanchette há duas mil raparigas, nas suas condições, e classificadas numa escala, à espera de collocação. Com isto é que não contavam os Rousset, que dentro em pouco desesperam de a rapariga se empregar, e começam a lançar-lhe em rosto o pão que ella come, sem trabalhar. Por sua parte, Blanchette, em virtude da educação que recebeu, sente-se mal no convívio com os seus grosseiros progenitores. Sucedem-se as scenas desagradáveis, em que a



ESCOLA MODELO—1.º grupo

pequena diz tolices com o ar pendente das normalistas, e o pae a censura e martyrisa com a ignorância brutal e egoista dos rurais. Por fim, Blanchette sae de casa, não podendo já soffrer aquele meio, e o taberneiro jura-lhe que a não tornará a receber, se ella um dia voltar, faminta e desenganada. Mas recebe-a, depois dum certo tempo, durante o qual a infeliz rapariga, sósinha e inexperiente, correu as ruas da amargura de Paris à procura do trabalho honesto que a sua educação official lhe não facilita. Recebe-a, ncte-se, depois devér que ella é novamente pedida em casamento por um pobre rapaz operário, que antigamente repellira, quando, nos seus

sonhos de rapariga, pensava em casar com um príncipe e ter um salão literario em Paris. O casamento traz ao tio Rousset uma terra que elle cobiçava, propriedade do pae do noivo, que a dá para que esse casamento se realize.

A critica a esta peça dividiu-se em duas parcialidades: a conservadora e a revolucionaria,—e ambas quizeram tirar da peça conclusões que ella não comporta. Para um cotado critico conservador, Blanchette é um monstro; para um distinto escriptor revolucionario, o monstro é o Estado, que não deu logo collocação a Blanchette, e Blanchette é uma vítima. Um declarou que a educação dada aos filhos das classes baixas é um mal; o outro quasi afirmou que todos deviam ser doutores, e terem logo logar á mesa do orçamento. O erro é identico, embora dado em diver-



PORTO DA PARNAHYBA



ESCOLA MODELO - 3.º grupo

ses prismas.

Com efeito, pode-se acusar Blanchette? Não, porque, — como ella o diz na peça, — «estudou, fez o seu dever, ganhou o seu diploma, não tem culpa de não ser nomeada». Pode-se acusar o Estado? Não, porque abriu as suas aulas ás filhas dos taberneiros como ás filhas dos burgueses e dos aristocratas, deu-lhes um diploma igual, e como, ao contrario do que se lhe argüe dum lado, não restringe a instrucção, não pode tambem ter imediatamente um logar para cada

diplomada. E' necessário esperar vagas, e essas vagas preenchem-se nos termos duma escala justamente determinada. O que Brieux ataca não é, pois, Blanquette, nem é o Estado: é a ignorância, a avidez, o egoísmo rural, que leva paes a martyrisarem uma pobre creança inocente, lançando-lhe responsabilidades que ella não tem, e accusando-a de faltas de que ella é vítima e não autora. E o que Brieux ainda pretende demonstrar é que a educação ministrada aos filhos deve ser sempre compatível com o meio em que tem de viver, o que não quer dizer que seja uma educação restricta, mas sim solida, prática e saudavelmente orientada, e não de relatos de compendios e de philosophias de liceu.

Eis o que o grande dramaturgo francês, hoje o mais poderoso homem de theatrona França, realiza e demonstra com admiraveis perfeições de técnica e uma extraordinaria comprehensão da vida.

Quanto ao desempenho foi primoroso, sobretudo por parte de Lucinda, Christiano de Sousa muito bem. O papel do taberneiro Rousset é uma criação. Em Blanquette, Lucilia tem, por consenso geral, uma das suas melhores interpretações. E, finalmente, Chaby, numa figura secundaria, mas interessantissima, o cantoneiro Bonenfant, teve enso de mais uma vez nos documentar o seu alto valor de discurs.

A Blanquette tem dado enchentes ao D. Amelia.

Segunda feira, 24, teve lugar a festa artística do actor João Rosa, no theatro D. Amelia. Ao contrario do costume consagrado de os mais notáveis actores levarem á cena, em tais festas, réplicas de trabalhos, onde o seu papel se destacou preponderante, o espectáculo de segunda feira constituiu-se de tres peças especialmente escriptas para essa noite, sem já contar com dois monologos engracados de Eduardo Garrido e a apresentação dumha peça mediocre de Lopes de Mendonça, já conhecida e intitulada *O salto mortal*. A great attraction do publico estava, pois, naturalmente nessas tres obras novas, e os nomes dos seus autores, comprometidos nessa espécie de certamen, redobravam o interesse, por serem daquelles que mais tem conseguido, justa ou injustamente, firmar um nome no theatro. Afinal de contas, devo dizer desde já, a expectativa pública foi illudida. Desses jogos florais, onde o premio deveria ser os legítimos louros de Augier, não saiu, para as aclamações da multidão, um triumphador incontestado e incontestável. Como se deu o caso de cada um se afirmar numa característica especial, todos tres venceram, ou todos tres foram vencidos na esperança dum successo que abrangesse o que syntheticamente se possa exigir das diversas formas literarias, compatíveis e concentradas numa só obra de theatro. Os tres autores foram D. João da Camara, Marcellino Mesquita e Julio Dantas. Nenhum dos outros foi tão poeta como o primeiro, nenhum dos outros foi tão dramaturgo como o segundo, nenhum dos outros foi tão artista como o terceiro. Quer isto dizer que todos estivessem nas suas melhores noites, com exceção do sr. Dantas? De forma alguma. Quer apenas dizer que cada um

ficou no logar que já lhe estava naturalmente marcado, sem sobrepujar nenhum dos seus contendores, nem por elle ser sobrepujado.

Ahi temos, em primeiro logar, o sr. D. João da Camara. E' um poeta; foi um poeta. A sua peça *Os dois barcos* é um episodio de sentimento. Numa praia, mulheres de pescadores esperam a volta dos seus homens. O mar está ameaçador, todos os barcos regressam; falam, porém, dois. Um côrilo trágico de lamentos e imprecações paira sobre o oceano... *Os dois barcos* não tem o que se chama condições theatrais; falece-lhes o interesse, a ação. Mas no fundo deste quadro ha poesia: poesia trágica, poesia religiosa, poesia do coração. Só um poeta o traçaria, —imperfeito, talvez, mas sanguinudo verdade. D. João da Camara foi o poeta, —qualidade que elle, de resto, possue em tão alto grau que não tem feito senão prejudicar-lhe todo o seu trabalho dramático.

Se D. João foi o poeta, Marcellino foi o dramaturgo. *O Tio Pedro* é um pequeno acto em que por vezes se presente a garra dum Dostoiewsky. Simples, o entrelaço; complicada e angustiosa a psychologia do *Tio Pedro*. E' um homem que matou o amante da filha, ha annos; e em todos os dias, ou antes em todas as noites do anniversario dessa morte, um indescriptivel terror se apossa do seu ser. Cuida que elle lhe aparece, gelido, frio, morto. E num destes anniversarios que a ação decorre. A hora maldita vai soar, e, para evitar a fatal presença, o tio Pedro embriaga-se com um amigo, e por fim, para o reter junto de si, vai até a contar-lhe o seu crime,—de que ninguém desconfia. Essa narração é um bloco de observação psychologica e de talento descriptivo. Ouve-se com um ciafrio constante. E' sobria, é flagrante, é viva. E, alinal, quando a tensão dramatica chegou ao maior auge, quando no ar passa um sopro de panico irresistivel, alguém bate à porta. E' elle? Levado da ultima coragem, que é a incoherente ferocidade do medo, o tio Pedro pega numa espingarda, e vai à porta,—na delirante intenção de matar o morto! Mas, ao pôr a arma à cara, cae fulminado. Aquella crise mata-o. Não se pode, nos limites dum acto despertar maior interesse, suscitar maior emoção, vergar mais esmagadoramente um publico. Marcellino é um dramaturgo; foi um dramaturgo.

Mas a maior novidade da noite era *A Ceia dos Cardeas*, bluette em verso do sr. Julio Dantas. E recentíssimo o seu fracasso de dramaturgo, quando ao abordar o theatro moderno, com os *Crucificados*, o mais retumbante desastre que em peças theatrais se rememora nestes ultimos annos o obrigou a retirar o seu trabalho, após uma unica representação. *A Ceia dos Cardeas* era apregoada como uma rehabilitação pelos seus amigos. Não foi uma rehabilitação do dramaturgo, porque o não podia ser. Esta, se se fizer, do que eu duvido, com fundadas razões, só poderá realizar-se por meio dum outro drama moderno e em prosa como o primeiro. Um mau marceneiro não se rehabilita na sua profissão fazendo excellentes sapatos. Da mesma forma, ao dramaturgo infeliz só o drama-

turgo feliz o levantará. O sr. Dantas é um artista; foi como artista que triumphou na *Ceia dos Cardeas*. E' um artista de exterioridades brilhantes, muitas vezes delicado, sempre subtil, bom constructor do alexandrino, com imagens que não serão bellas, em muitas ocasiões, mas que são certamente bonitas. E' um joalheiro, que lavra cuidadosamente as suas pratas e os seus oiros. Não lhe exigam uma moral vasta, não lhe requeiram um pensamento grande; não esperem delle um sentimento profundo. Mas brilho tem-o, incontestavelmente, e esse brilho por vezes é tão forte que cega, e não deixa examinar as cinzeladuras da sua arte, offuscando linhas porventura imperfeitas e apagando contornos porventura mal traçados. Foi como artista brillante que o sr. Dantas teve um sucesso na *Ceia dos Cardeas*, e não seria de critica imparcial rebuscar um ou outro defeito de arte, vagamente apercebido, no conjunto harmônico desse quadro feito, pelos seus versos, para encantar o ouvido, e organizado, na sua decoração, para deliciar a vista. Repito: o sr. Dantas é um artista; na noite de segunda feira foi um artista.

E eis como, desse certamen, não resultou um triumphador exclusivo,—espectativa, de resto, absurda e illusoria, visto não ser possível formular num total parcelas heterogeneas de qualidades e recursos.

Dos outros theatros muito pouco ha a dizer, se exceptuarmos o Príncipe Real, que, com uma revista do anno, de Baptista Diniz—*A Procura do Badalo*, tem tido e continua a ter successivas encherias.

Baptista Diniz é um escriptor popular, e a sua peça pode, sem hesitação, denominar-se uma pornografia. Mas, escasseando-lhe a ilustração, a educação artística, tem em compensação isto que se chama *graça*, e que só o é quando espontânea, vindia do íntimo e irmamando-se com o espírito nacional. A revista *A Procura do Badalo* tem, pois, a salva-la, e a justificar o seu sucesso, a graça genuína e triunfante. E tanto é assim que em Lisboa se tem representado esta época quatro ou cinco revistas, algumas escritas por literatos profissionais, e nenhuma, apesar de não desprezarem o carácter pornographic, conseguiu semelhante êxito. Actualmente mesmo estão fracassando duas, nos theatros do Rato e da Rua dos Condes. E que para uma revista é precisa graça popular, e essa não se fabrica. Não sendo natural, faz bocejar, apesar de todos os artifícios.

A Trindade deu-nos uma peça allemã *A apostila do Floriano*, tradução de Freitas Branco, e o Gymnasio uma francesa, de H. Chivot, *Os Inquilinos do sr. Blondeau*, tradução de Leopoldo de Carvalho, que a levou em seu benefício. Nem uma nem outra parecem destinadas a fazer carreira. Vasadas em moldes conhecidos, sem situações que se recommendem pelo imprevisto, o público não lhes tem demonstrado um seguro agrado e a critica só pode regista-las, como novas edições, mais ou menos revistas, de trabalhos conhecidos.

## Outros Livros

*Gritos*, assim intitulou o sr. José Augusto de Castro um volume de impressões e críticas da actualidade, que este mez arremessou à publicidade portuguesa. E' uma obra sá, evidenciadora dum real talento, e, o que é mais, dum nobre alma. Lendo-o, um santo fremito de entusiasmo e de crença no Futuro corre pelo nosso ser. As paginas dos *Gritos* são paginas de indignação,—e eu não conheço nada que mais commova os espíritos. A indignação é feita de amor illudido, de fé apunhalada,—mas amor e fé vivem e palpitan, apesar da traição e apesar do golpe. No livro do sr. José Augusto de Castro ha quadros negros,—mas enganasse-ia quem o julgasse um pessimista. O pessimismo é uma venenosa adulteração da analyse. Observar não é esmorecer, reconhecer o mal não é abdicar perante elle. Pelo contrario: nunca a luz é mais clara, mais bella, *mais luminosa* do que quando surge em contraste com as profundas escridões. Quem segue o sr. José Augusto de Castro, nas suas contemplações da Misericórdia e da Iniquidade, ama e canta, com maior entusiasmo, a claridade das futuras auroras, quando, como elle, a ella ascende. Os *Gritos* são um documento formoso dum espírito e um trabalho notável de prosador.

Anunciados, temos: um volume de contos e impressões dispersos de Eça de Queiroz e uma nova parte da *História da Literatura Portuguesa*, de Theophilo Braga. Tratará de Bocage. Ambos os volumes serão edições da benemerita casa Lello & Irmão, do Porto.

Lisboa,—março—1902.

MAYER GARCÃO.

## Nevrose

*Ao dr. Branco Pinheiro*

Quanta volúpia morbida adormece  
no seu olhar venusto de hetaira!  
Certo que outro igual não existira  
tão sereno e tão doce como a prece!

Olhar onde a luxuria transparece  
e a nevrose da Carne chora e expira,  
elle não guarda a perfida mentira,  
se acaso o meu Amor sofre e padece!

Ao vê-la assim, risonhamente langue,  
ven-me o desejo louco de beija-la,  
violentamente, a intoxcar-me o sangue.

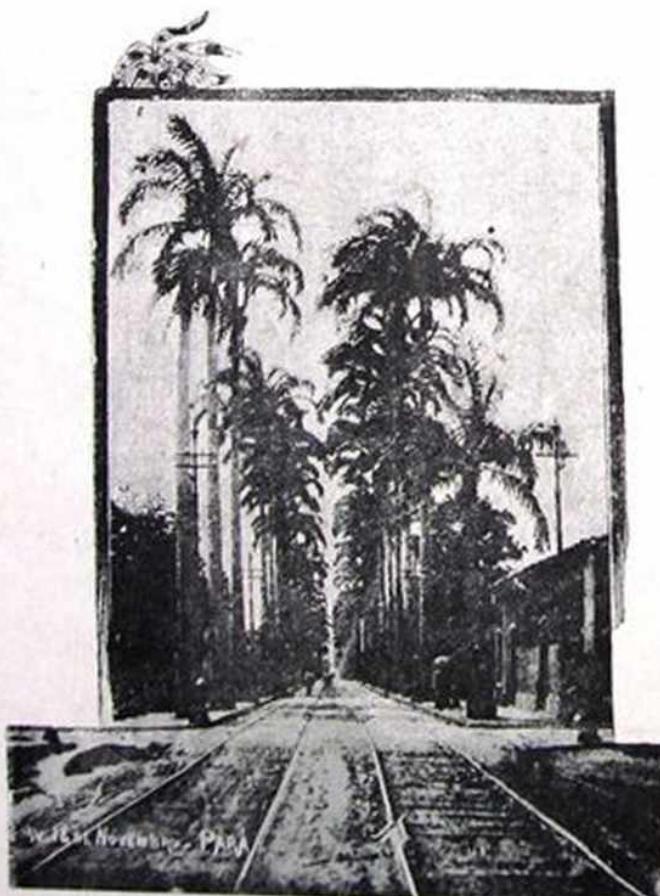
Quero-a desnuda p'ra melhor amá-la  
e enternecidá, e receiosa e exangue,  
na aancia do Gozo, ouvir a sua fala!...

Belem do Pará, 901.

GUILLERME DE MIRANDA.



PARA'— Phot. Nunes—Uma partida perdida



PARA'— Phot. Siza—Ave ida 16 de Novembro

## Captiveiro

As tuas primorosas mãos patrícias  
—alvas pombas imaculas aílano,  
fizeram dos meus dias suave e brando  
captiveiro de affagos e blandicias.

Do teu labio aromal preso ás caricias,  
dos teus olhos febris sujeito ao mando,  
vão meus dias enchendo e avassallando  
do teu amor as sensuaes primicias.

'Mora em teus olhos um negror profundo !  
Que mais preciso para guiar-me os passos  
nos alcantis asperrimos do m undo ?

Para os estos do amor amplo e fecundo  
já tenho e bastam-me os nevados laços  
do marmoreo grilhão dos teus dois braços.

ALVES DE FARIA.

Um homem só consegue ser verdadeiramente grande, quando consubstancia em si uma fase notável da vida social ou mental.

J. Augusto Coelho.

Viver e amar, tal deve ser a principal preocupação do homem, durante a sua transitoria influencia.

J. Augusto Coelho.

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Junho de 1902

|| NUM. 20



**Augusto Severo,**  
o grande martir da sciencia aerostatica

## Augusto Severo

(12 DE MAIO DE 1902)

...E, ativo, o condor *Piz*, ao sol fecundo em brasas,  
Indomito, rascando a grande trajetória,  
Numa só lutação, desenrolou nas azas  
Todo um mundo de luz, de grandeza e de gloria...

Viu, deixando o negror da miseria das casas,  
Quase cego do amor que nos vem da vitória,  
Das nuvens se apagar as avenidas razas,  
Como um sonho se evapora no cristal da memória !

E subiu ! E subiu pelas altas planuras  
A's almas, triunfal, e aos olhos, parecendo  
A glória, pelos céus, a fazer curvaturas...

O' ninho ! o condor, o Cruzeiro do Sul !  
Reza um kírie de amor, pelos lábios gemendo,  
Ao que morreu no céu,—ao que morreu no azul !...

AMÉRICO MARANHÃO, sobrinho.

## O Zé Boi

A Francisco Serra

Ouvira dizer que nesse dia Zé Boi desceria para a villa. E ali, debaixo do tecto verde dos cipóstrancados, por entre a moita frondoza dos arbustos crescidos e dos galhos gottejantes das ingaranas copadas, o caboclo esperava pelo cabra.

Havia de mostrar-lhe para quanto prestava!

Era no inverno. O céu, friorento e fusco, ostentava uma claridade sombria, cor de chumbo, carregada e baça. O sol, amortecido e pallido, rojava encoberto pelo espaço nebuloso e ás vezes, num pedaço de céu mais limpo, languido e tremulo, espiava somnolento, com um olhar sem brilho, um olhar de quem acorda. Volumoso e pardo, barulhando nas coivaras, descia o rio cheio, coleando nas voltas, escabroso de galhos e destroços, que descem nas primeiras enchentes. Estrugia ao longe, tumido, o trovão, num ronco de fera em raiva, abalando o infinito arripiado e fusco e estremecendo a terra num estoiro longo. E o relâmpago em fogo lampejava pelo espaço acinzentado, num traço luminoso, incandescente e rápido. Havia uma claridade dubia em todo o infinito, uma claridade de março em dia que chove. Intensa a chuva caia incessante, cerrada e ruidosa.

Já era tarde. Duas horas, mais ou menos.

E o cabra nada de descer !

Acocorado, o caboclo, por traz da moita frondoza dos arbustos, esperava-o há muito.

E nem signal do bruto !

Desbotada, a camisa velha de riscado grosso, esfarelado nos hombros, por fôra das calças, descia-lhe até quasi à curva dos joelhos, pregando-se-lhe nas costas; pelo peito aberto e cabelludo, peito possante de caboclo forte, um cordão vermelho caia, fechando com uma fava presa e na cabeça enorme o chapéu de couro encebado, sobre a mata espessa dos cabellos crescidos, pingava ao embate

incessante da chuva grossa. De cocoras, a espingarda certeira deitada horizontalmente no regaço, o caboclo acomodava o ouvido á arma de fogo, no lugar da espoleta, para que não molhasse a polvora e o tiro não falhasse. Ao cinturão, que prendia a calça remendada de zuarte esmaecido pelo uso, preso o facão cortante, embainhado, arrastava na relva. Pela fronte austera e carregada, em fio a agua caida do chapéu de couro, suicava té abaixos, molhando a barba escassa, descendo pelo pescoço e arregacada a perna, os pés metidos na alpercata humida, todo elle tremia no arripiado dorido de um corpo que passa o dia na chuva. A um lado, encostada ao toco de madeira podre, a garrafinha da cachaça alvejava impassível.

E a chuva, aquella maldita chuva sem cessar !

Ha muito, desde manhã, de manhã bem cedo, que, encharcado do cabello aos pés, ali debaixo da moita, sem outro a não ser o amparo das folhas verdes, mais ou menos unidas, que aquella maldita chuva lhe embatia no costado, impiedosa e gelada.

Já tinha a carne encolhida numa frialdade de gelo; curvadas tremiam as pernas na posição penosa, posição que ha muito, desde manhã bem cedo, ali guardava inquieto e raivoso e os dentes uns de encontro aos outros, tiritando, vibravam com um murmúrio ligeiro, confuso e subtil.

Já não podia mais !

Doia-lhe a cabeça; as mãos callosas mal podiam, de tremulas, prender a carabina sobre os joelhos e até por caiporismo os sofrimentos rheumáticos, que ás vezes lhe apareciam, já começavam a dorir-lhe a musculatura valente.

Com fome, sem nada no estomago, a não ser o simples café tomado de madrugada, com um punhado de farinha, embora com o hábito de trabalhar na roça, dias inteiros, em jejum completo, já ia sentindo necessidade imperiosa de alguma coisa que lhe fortalecesse o corpo e moderasse a fraqueza incomoda do estomago vazio.

E o cabra nada de descer !

Mas não tardaria. Ouvira o Mariano Bota dizer, em casa da Marciana, que o cabra nesse dia tinha de descer á villa para tratar do novo casamento.

Ah ! se descesse ! A carabina carregada estaria pronta para feri-lo na passagem !

E, pelo seu rosto carrancudo, uma alegria de fera passava, illuminando-lhe os olhos pretos, estremecendo-lhe o coração com força.

Havia de mata-lo,—era infallivel ! Só assim aquella dor n'alma, aquelle desgosto que o acompanhava em tudo, aquelles pensamentos feios, aquella vontade de vingança, o deixariam de uma vez para sempre.

Depois que lhe chamassem malvado, criminoso, os soldados que o prendessem, a justiça que o condenasse... A tudo estaria pronto, de nada se importava. Mas queria desenganar aquelle cabra, mostrar-lhe quanto custa deshonrar as filhas almeias. Que o prendessem ! Na cadeia também se vive.

Se descobrissem, acabou-se ! Fugir !... Fugir, isso é que nunca !

Havia de mata-lo! Aquelle cabra tinha muita fama, tinha goga de valente, mas queria ver-lhe a valentia na boca da espingarda. Diziam por ali que tinha dado neste, esfaqueado aquelle, mas a espingarda, a espingarda certeira desengana-lo-ia...

O tempo passava. A chuva diminuía. E o cabra nada de descer! Podia ser até que não descesse!

Inquieto, o caboclo torcia-se, acorodado, carancendo e iroso. Já estava cansado de esperar! Aquella história do Mariano Bota, em casa da Mariana, dizendo que o Zé Boi desceria para a villa, para tratar do casamento, podia ser coisa inventada. Quantas vezes não o tinha pegado em mentiras!

Mas via ao mesmo tempo a figura corpórea do Bota, sentado no banco de madeira, caximbo no queixo, contando o novo casamento do cabra, affirmando que desceria. Qual, aquillo não podia ser inventado!

A chuva, aquella maldita chuva, talvez empastasse a viagem do bruto!

Estiava. Um chuvisquinho fino peneirava moscas, quasi imperceptível. Longinquamente o trovão regouga brando. Nas ingaraneiras molhadas as cigarras cinzentas abriam levemente as azas, gralhando. No céu moreno, da banda do poente, havia uma mancha clara, onde o sol tentava desgarrar-se das nuvens. Perto, numa coivara, o rio zoava, estremecendo. Do outro lado, em cima de palmeiras, maracanás palavravam, saltando nas palmas. Mais abaixo, na beira do rio, numa arvore copada, compridos ninhos pendiam, donde japis pulavam, cantando de galho em galho. Na agua, algum peixe rabanava de vez em quando.

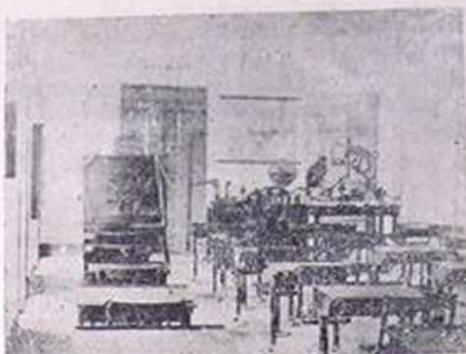
O caboclo levantou-se; na mão esquerda tomou a espingarda, virando o cano para baixo e com a direita desarrolhou a garrafa de aguardente, despejando-a na garganta. Tiritava, precisava de esquentar-se!

Depois, num tronco da madeira, sentou-se. E começou a matutar. Ora vejam! A gente vive sotegado em casa, vivendo do seu trabalho, quando sem se esperar lá aparece uma desgraça! Ah! cabra safado! Deus lhe perdoasse, mas a sua vontade era ver aquelle diabo cortadinho em pedaços. Quando lhe vinha à lembrança aquella peste, até o estomago se lhe embrulhava. Mas qual! Quem haveria de dizer que um rapaz, que parecia tão honrado, fosse capaz de ser tão ruim?... Ah! se adivinhasse, não lhe teria dado a filha para casar...

E foi-se lembrando do samba do Natal, em que o Zé boi, repinicando a viola assanhada, lhe louvava a filha. Ela, sentada defronte, no banco da latada, torcia as rendas do casaquinho, corando a cada verso.

Depois, num domingo, em tempo de colheita, quando em casa, descansando da semana trabalhada, pitava a cabaca de diamba, cis que o cabra, apertado em roupas brancas, montado num cavalo de sellas novas, riscou-lhe à porta. E foi muito alto, saltando alegre, nas perneiras de couro, ao relincho estridente do cavalo brioso.

Elle, todo amavel, todo risonho, estendeu-lhe a mão, oferecendo-lhe assento.



ESCOLA MODELO.—Sala de estudo

Suado, o cabra, forcejando por descalçar as perneiras, foi-lhe explicando que viera até ali, porque desde o Natal, naquela festa em que lhe louvara a filha, ao som da viola, ficara doido por ella; e, como achava que já podia casar-se, vinha agora pedi-la, se fosse do seu gosto e se quizesse da-la. Então, sem responder, chamara a filha, que se veiu chegando, encostada às palhas da parede do quarto, muito vermelha, como se já soubesse da coisa.

Depois da resposta da menina, lá saíra a convidar a vizinhança, para o almoço nesse dia, em que matara o capão mais bonito do quintal e o cedinho mais gordo, festejando o futuro casamento, que se marcara para outubro, na primeira desobriga do vigário.

E todo o mundo lhe dizia que o Zé Boi era direito, muito trabalhador, pagava bem as suas contas e era um partidão.

O único defeito que tinha era de, quando se mettia na pinga, provocar questões. Já na festa do Natal o vira debatendo-se com o outro, por um simples gracejo.

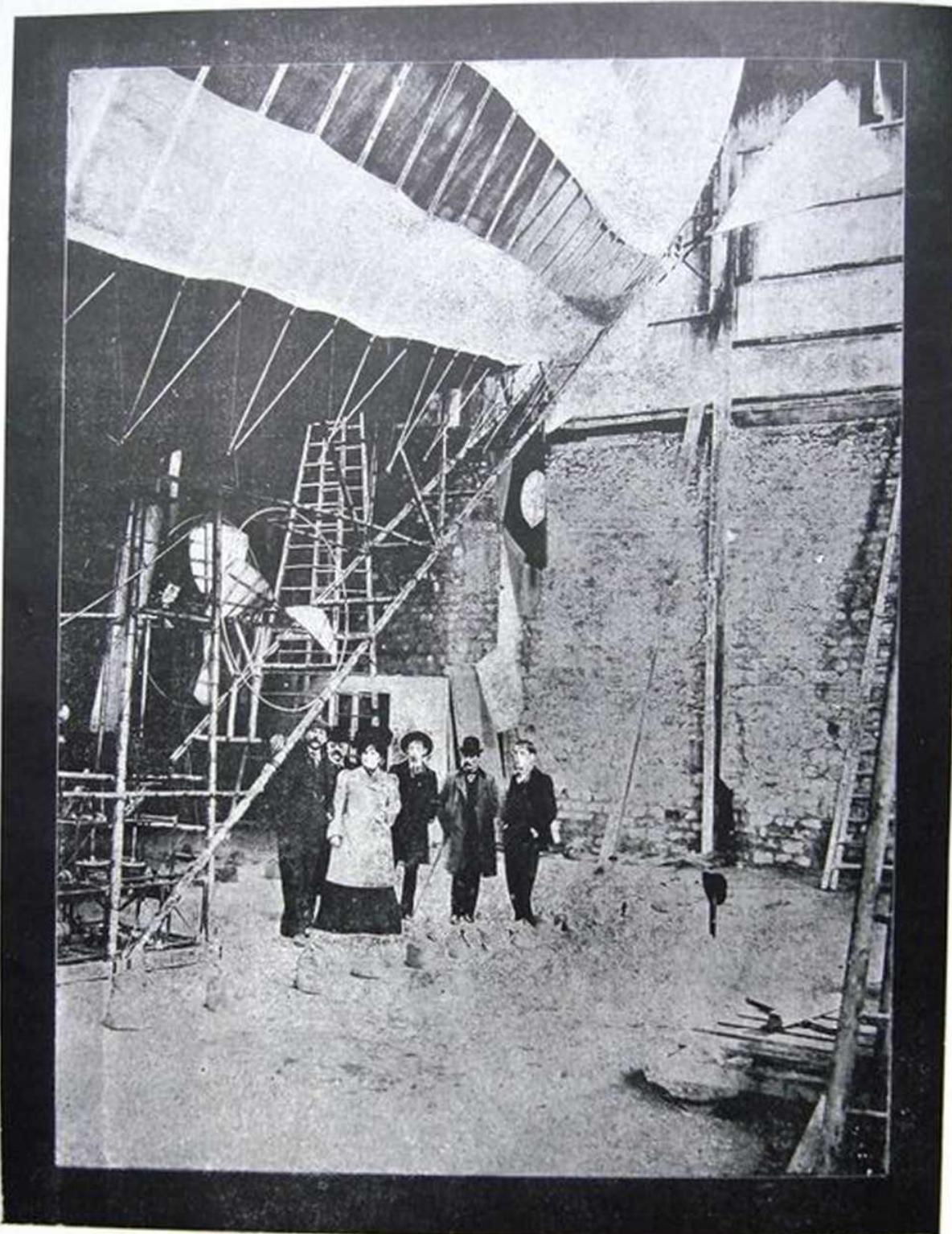
Nessa mesma noite, por causa de um verso que o Mané Doutor, em desafio, lhe dissera na viola, lá saíram os dois rolando para o terreiro aos bofetões e, se não fosse acudir muita gente, o cabra teria trespassado o inimigo com a faca de ponta.

Mas isso desapareceria depois de casado! A pinga!... Lá isso todos to davam! Além disso era um rapaz arranjado, vivia como vaqueiro de uma fazendola, já tinha as suas quatro novilhas, um cavalo de sella e muito crédito.

Desde o pedido, todos os domingos o cabra bem cedo lhe riscava à porta, para ver a noiva. E na rede alva, armada na sala, passava o dia a falar no gado que vaqueirava ou conversando sobre roupas e colheitas.

E lembrava-se do dia em que lhe falaram do casamento civil. Zé Boi saltara da rede, enchendo de fumo o caximbo e atalhou de repente:

— Que nunca! Então não estava vendo que não iria sujeitar-se a similitante patacoada, onde não se falava no nome de Deus?!... Qual, no civil mes-



Augusto Severo,  
no seu hangar, momentos antes da partida

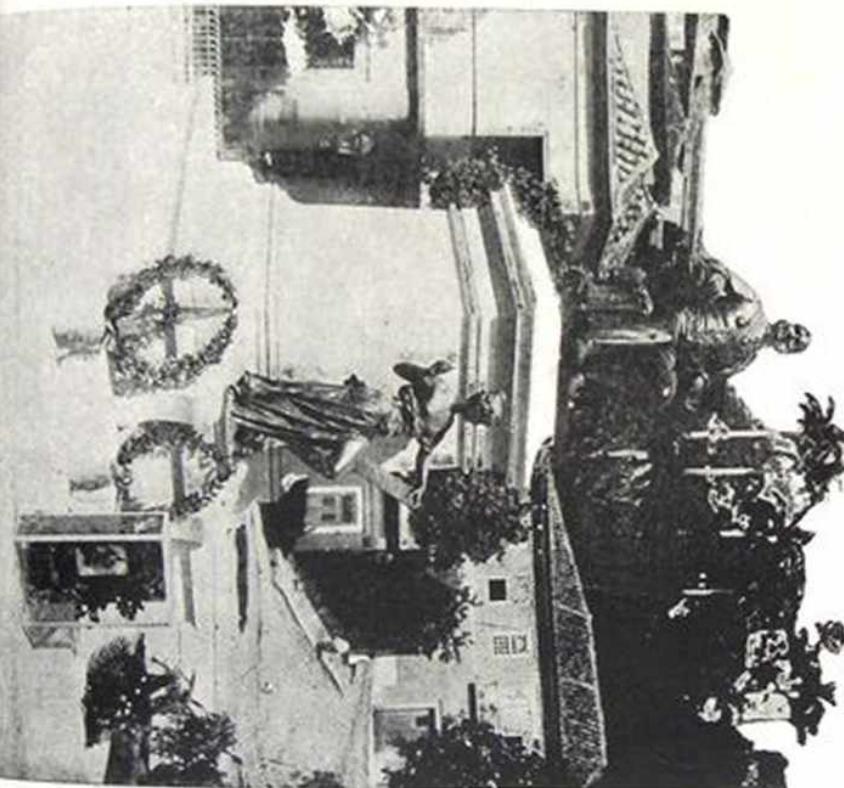
SUPPLEMENTO AO N. 20

16 DE JUNHO DE 1902

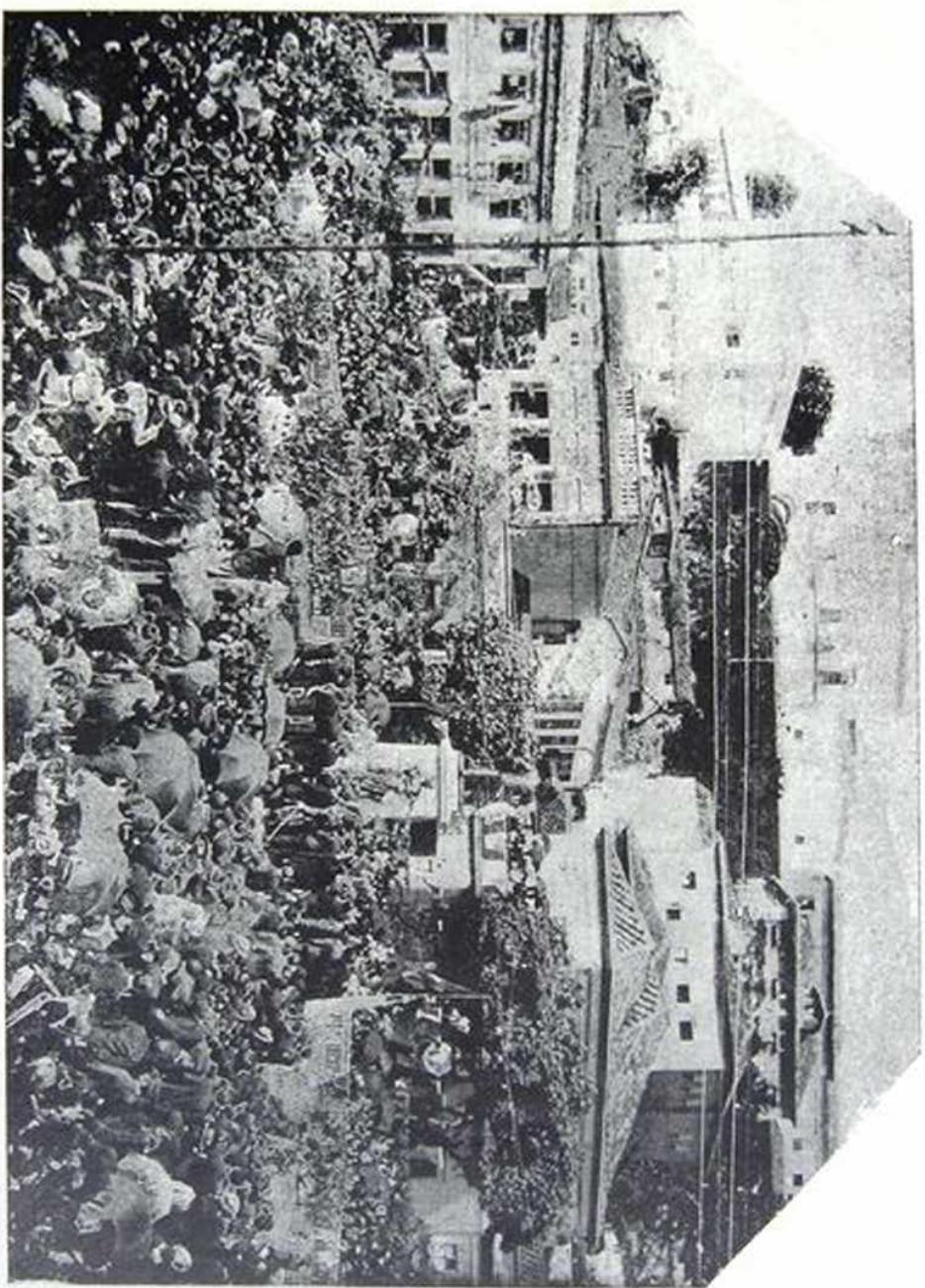
# Os festejos do treze de Maio, em 1902,

NO

BRASIL



A estatua do visconde do Rio Branco, apôs a erecção



A ESTATUA DO VISCONDE DO RIO BRANCO, NO MOMENTO DA INAUGURAÇÃO  
A REVISTA DO NORTE  
MARANHÃO-BRASIL



PARA-Villa Garantia da Amazonia, Lado occidental. Propriedade da Garantia da Amazonia

mo não se casaria! Podiam inventar quantos cívis quizessem, mas elle mesmo não acreditava em tal coisa. O religioso, sim, senhor, o casamento da egreja, feito pelo seu vigário!... Nessa casaria, e

não precisava de mais nada, estava mais que casado! Que tivessem paciencia, no civil é que não! Debatera. Isso não, isso não! Não era tanto assim e, além disso, não custava nada, pagava-se uma bagatella, mais barato até que ao vigário e já tinha ouvido dizer na vila que quem não se casasse no civil, nada podia deixar aos filhos.

Mas o cabra era teimoso! E tanto teimou, tanto teimou, que em outubro lá estava casado. Mas que casamento, que casamento desgracado! D'ahi a dois meses já se tinha desunido da mulher.

E agora lá andava a sua filha pela villa, na mão de um, na mão de outro, com a casa aberta p'ra todo o mundo... A cabeça escaldava-lhe no fogo da colera; vinha-lhe ao espirito insaciável de vingança uma sede de sangue, onde todo elle desabafasse do odio que o aformentava...



ESCOLA MODELO - 2.º grupo

E ia revendo a figura corpolenta do Zé Boi, na sua roupa dominguera, ou peitoral de couro, perneiras altas, parando á sua porta, para ver a pequena...

Naquelle tempo tão santo, agora tão ruim ! Maldito ! Prostituir-lhe a filha !

E com a manga da camisa limpava as lagrimas que lhe desciam pelo rosto.

Como não estaria ella agora pela villa, debochada, nas mãos de um, nas mãos de outro, com a casa cheia de rapazes... E—quem sabe ? !—talvez sosinha, no canto de alguma choupana, muito chorosa, a tiritar de frio, padecendo doenças, sem nada para comer... Agora lá ia aquelle cabra casarse no civil com outra. Ah ! não haveria neste Brazil, tão grande, tão cheio de leis, uma lei ao menos que prohibisse similitante cachorrada, ou que fizesse o padre casar só quem estivesse casado no civil?! Só assim ninguém se casaria com duas mulheres e as filhas dos outros não ficariam por ahí abandonadas, p'ra todo o mundo...

Bem tinha querido, bem tinha querido o civil ! Mas todos a dizereim'-he que não, que aquillo não valia... E até o padre, o proprio padre !

O tempo escurecia.

O cabra já tardava. Ah ! se viesse ! Era só engatilhar a espingarda e despejar o tiro. Ali estava seguro. Quem passasse pelo rio não o veria de forma alguma. A ingarana frondoza, esgalhada e grossa, com os juás da beirada encobriam-o na frente; do lado esquerdo a cortina verde de S. Caetano, estendendo-se por cima do arvoredo, formava com os cipós trançados uma tapagem espessa e da direita as toiceiras altas dos pindobaes crescidos terminavam o esconderijo.

Ah ! desta vez vingar-se-ia !

E foi-se recordando da festa do Natal, em que o Zé Boi, cantando á viola, lhe louvava a filha... O Mané Doutor a desafia-lo em verso... E depois lá sairam os dois rotando pela areia, aos pescocões... O outro vencia, mas d'aqui a pouco, num virar de corpo, o Zé Boi atirara com o rival ao chão. E sentou-se em cima. A lâmina lucente da faca de ponta, puxada d'entre as calcas, brilhou na mão do cabra... Ia-a enterrando já na garganta do outro, quando o povo acudiu...

Mas toda essa valentia, toda essa coragem não intimidava. Não lhe faltava coragem tambem. No tempo de moço, quando rebentara a guerra do Paraguai, e o Brazil pedia voluntarios para pegar em armas, lá na villa, fôra elle o primeiro a dar o passo em frente, oferecendo-se á nação. Depois, em Tuyuty, ao lado de Osorio, sempre sentira a intrepidez precisa para ver de sangue frio, sem medo da morte, aquella diabolica confusão de bajas, que sibilavam pelo campo fumarento, derribando soldados, até que uma perdida nos ares veiu cravar-se-lhe na perna, deixando-o á morte.

Começava a chuvistar. Do nascente subiam nuvens, escurecendo o espaço friorento e pardo. As maracanás inquietas, temendo a chuva, saltavam nas palmis, gritando devagar. Japis voavam dos galhos tremulos, varando pelos ninhos compridos, suspensos á beira d'água. Pelo arvoredo

da margem, cigarras, gralhando na ramada, acomodavam-se, abrindo lentamente a cauda de penas. Pelo céu cinzento clareava de vez em quando um relâmpago luminoso. Ribombava o trovão. Um vento de chuva, vindo de longe, zoava, sacudindo o arvoredo molhado.

Maldita chuva ! Aquelle diabo empataria a viagem do cabra ! E, deitando a espingarda horizontalmente no regaço, pensava... Sua filha agora, lá na villa, nas mãos de um, nas mãos de outro... Era horrivel, era horrivel !

Mataria aquelle cabra, para mostrar-lhe que a filha não era defunto sem choro. E era impossivel que o condenasse a justiça, simplesmente pela morte de um homem que traiçoeiro lhe fôra deshonrar a casa, arrancando de lá a pessoa mais cara, para atirá-la ao mundo...

Do principio do estirão chegava um barulho leve. O caboclo correu, espiando da margem. Por um remo somente descia, remado, um casco na volta. E ficou espiando. Pouco a pouco um chapéu de couro divisou no casco. Talvez fosse o cabra ! E distinguia mais forte o barulho do remo, fendendo as aguas. Estava inquieto. A chuva não o deixava ver tudo. Mas ia divisando na popa um homem que remava, vestido de riscado e peitoral de couro...

Era o bruto, era o bruto !

E correu ao esconderijo. O coração saltava-lhe por dentro; um canção ruidoso offegava-lhe a respiração, os seus olhos pretos sentinelavam rutilos, com um brilho parvo de allucinado.

O casco vinha perto.

O caboclo acoutou-se atraç da ingaraneira, mettendo por entre o galho o cano da espingarda. Os seus pés tremiam; a cabeça escaldava, palpitando as veias grossas e os dentes rangiam num prurido de cobra.

Do casco, remando, na popa, distinguia-se bem o cabra. O caboclo aprontou-se. Levou a coronha da carabina ao rosto, segurando o cano a mão direita e a esquerda no gatilho.

O casco approximava-se.

Nervoso, o caboclo fez alvo. O cão vibrou sobre a espoleta e a explosão roncou. Pontaria errada.

Raivoso, jogando a espingarda ao lado, o caboclo arrancou d'entre a bainha o facão e atirou-se n'água, perto do casco. E, prendendo-o nas beiras, virou-o no rio.

E ao longe, no meio do estirão, ao lampejo claro dos relâmpagos, luminavam os facões do cabra e do caboclo, que atracados lutavam...

— Dos Minaretes.—

VIRIATO CORRÉA.

## 0 mez literario em Portugal

Eduardo Perez

Cabe a vez do sucesso, num destes mezes literarios de cuja resenha me occupo, a um escritor novo de Portugal, e especialmente a um da-

quelles que porventura menos são falados nos círculos portugueses. O motivo principal desta exclusão, que, bem examinada, constitue já um título honroso em terra de tão escandalosa reclamagem, está não sei se no que vulgarmente se denomina modestia, ou antes no que justamente poderíamos definir como o altivo retrahimento dum espirito. Com efeito, Eduardo Perez, o primeiro escriptor novo, dos vivos, que nos dá ensejo à publicação do seu retrato, com a actualidade flagrante do seu belo livro de contos, *Casal do Caruacho*, iniciando assim um gênero de Novos que eu me proponho fazer conhecidos do público brasileiro,—Eduardo Perez, dizia eu, por modestia ou por orgulho, que tantas vezes não ha maneira de distinguir estes dois sentimentos, pouco tem feito falar de si entre a gente literaria da sua terra e a venal imprensa que para aqui existe. Não quer isto dizer que elle não trabalhe, que se não oriente, que se não aperfeiçoe, porventura numa luta mais tenaz do que a que lhe consumiria uma activa producção diária. Mas trabalha isolado, livre de *coteries*, de misérias, de iniquidades, de tudo isso que constitue, embora com o attractivo da facil gloriola dum dia, a existencia mesquinha e envenenada dos que fizeram da arte um instrumento tão baixo como a política, nas suas relações pessoais e nos seus conflitos de interesses e vaidades.

Conheci Eduardo Perez em 1895, quando elle estava preparando o seu primeiro livro, também de contos, a que deu o título tão suggestivo e atraente de *Vida simples*. Eram, efectivamente, quadros de vida simples e sã, os do escriptor que então alvorecia nos seus vinte annos, trazendo ainda nos olhos a amada paisagem do sul, onde uma parte da sua vida transcorrerá, entre os vultos familiares do campo, cuja psychologia tão bem se revelara ao seu espirito contemplativo e observador. Lembro-me, como se fôra hoje, da impressão que me produziu a leitura dum dos trechos desse livro, que elle, num dia de verão, sob as arvores rumorosas dum jardim, me leu com a voz pausada e branda de quem está falando em cousas de muito amor. Desde esse momento, apesar das irregularidades que um trabalho de estreia sempre apresenta, eu adivinhei, —adivinhei é falso: reconheci n'ele um temperamento de narrador, tal como se exige para o contista, para o romancista, como em nenhum dos rapazes que tentavam a arte, nem nos que lhe succederam, ainda se manifestara, nem depois se manifestou. Era o quadro indicado em seguros traços, era o detalhe observado por vezes com uma desesperadora minucia, as personagens animadas dum vida flagrante, o dialogo proprio, estudado a rigor e desenrolando-se na scena com uma precisão admirável, a technica perfeita, quanto á terminologia exacta das causas e dos aspectos;—e, sobretudo, uma vaga poesia, magoada, meridional, serena, embora triste, que, como um sopro de brisa ligeira, tão depressa corria sobre as searas, cujas douradas cómas ondulava, como sobre os corações, que agitava nos estremecimentos da alegria e da dor.

Os livros são os melhores amigos. A frase

é velha, mas a verdade é constante. Eduardo Perez não tinha, como hoje não tem, aquelle fetichismo que nos arrasta, sobretudo nos transportes dos corações novos, para sob a influência dominadora de homens, nos quais a nossa amisade ou a nossa admiração incarna um alto pensamento redemptor ou synthetiza uma admirável formula de arte. Alma tranquila, embora generosa, a sua anciadade espiritual não se desprende num cachão de espuma,—segue, imperturbavel, mas serenamente, uma corrente clara e doce. Não é dos que ardem numa chamma que por vezes ascende tão alto que parece tocar os astros, mas que de subito se apaga como um phosphoro. E dos que, por temperamento, senão por educação, vão mais depressa, porque são obstinados, do que os que vão a correr doidamente, mas descarrilam ao mais pequeno obstáculo que não previram. A tais obstinações, onde reside uma resistencia insuspeitada, não podem servir de base transitorias escolas, nem fugazes admirações. Só lhes serve qualquer causa de assente, de justificacão, no tempo e no espaço. D'ahi o ter Eduardo Perez fixado em livros que não morrem o ponto de partida da ascensão do seu espirito. E nesses livros os que melhor se lhe irmanaram ao sentimento e à reflexão foram naturalmente o seu guia, e o seu autor, o seu mestre espiritual. Esse escriptor é Maupassant; esses livros são os seus.

Se ha filiação no trabalho de Eduardo Perez, é essa, inegavelmente. Filiação de processo e de technica, comprehende-se. Ninguem, como o grande escriptor da França, attingiu ainda, talvez, no difícil genero da narração literaria, um tamanho equilibrio entre as faculdades subjectivas e objectivas, que, conjugadas ou antes fundidas numa rigorosa *alliance*, produzem as obras primas na arte.

Lêem-se, para nunca mais se esquecerem, os descriptivos de Maupassant, como se lêem, para nunca mais se esquecerem, as suas creações psychologicas. É uma arte de vida, sã, honesta, corrigindo os materialismos irrefutaveis da existencia com os não menos irrefutaveis idealismos do espirito. E nos escrupulos da sua technica, em toda a verdade que elles definem, o ensinamento não é menor,—em justiça, em probidade, em modelação literaria.

Sente-se a influencia de Maupassant,—muito pensado, muito reflectido, muito coado através dum temperamento portuguez,—em toda a obra de Eduardo Perez. Acrescenta-lhe ainda um alto valor essa mysteriosa sedução que é a melancolia vaga e tão propria do caracter nacional. E desse sistema literario, em que o maior naturalismo se resumiu, como dessa poesia do ar, em que se origina todo o caracter dum povo,—o moço escriptor tirou os elementos com que a sua individualidade de artista se preparou para os commettimentos da palavra escripta, nas fantasias criadoras da arte.

Com tal preparação, tal honestidade, essa virgindade nativa de consciencia, que é a unica que resiste ás solicitações da improbidade ambiente, não admira que Eduardo Perez nos dêsse, passados sete annos desde o apparecimento do seu pri-

meiro livro, uma obra do valor intrínseco, authentico, que por si próprio se evidencia, sem que se torne necessário aponta-lo e proclama-lo. *O Casal do Garucho*, que a benemerita livraria Gomes de Carvalho acaba de editar, é uma série de contos, de escrupulosa factura, dum acabado perfeito, sem exrescencias nem faltas, sobriamente construidos e superiormente pensados. Uma nota sobreleva a todas: é um livro completamente nacional. Nacional, não no sentido chauvinista que se possa atribuir a esta palavra, porque não tem evocações historicas, não fala em homens barbudos, não levanta figuras de reis, guerreiros, ou heroes, nem nas suas páginas perpassa uma só vez o som do hymno do 1º de Dezembro; mas nacional, profundamente nacional, porque nas suas páginas avultam bem os torrões da nossa terra, lampeja bem o céu dos nossos campos, e movem-se e falam e pensam e sentem bem as figuras dos nossos homens do campo, que ainda hoje, semeando o pão e vindimando o cacho, são os únicos que conservam uma tradição, alimentam um povo e sustentam uma pátria.

O sucesso do livro de Eduardo Perez entre os que leem com os olhos do espírito, sem prevenções rancorosas de officiaes do mesmo ofício,



EDUARDO PEREZ

### Num album

A Mulher na terra e o Sol no espaço, eis os dois faroés que illuminam e aquecem a nossa alma.

Mulher sem belleza é barco sem arraes. A belleza guia á perfeição moral, como o piloto encaminha ao rumo destinado.

Os católicos, que tantas cousas boas extraíram do paganismo, só se esqueceram de adaptar ao seu Culto o da Mulher Bella, certamente o melhor dos cultos que os gregos implantaram.

FRAN PAXECO.



DR. JANSEN MATTOS

nenhuma indiferença glacia de blasé, está pois firmemente justificado, tanto pelo seu mérito artístico como pelo critério da sua genese. É um livro sentido, é um livro pensado, é um livro realizado, — e não se imagina quanto isto quer dizer em terra onde o *sentimento* anda tão pervertido pela sentimentalidade, o *pensamento* pela extravagância e a *realização* pela fancaria.

—A seguir.

MAYER GARÇAO.



ESCOLA MODELO. - Sala de Estudo

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Julho de 1902

NUM 21



Os Academicos Brasileiros—DR. INGLEZ DE SOUSA

## Semiduplex

A Pethion de Villar

Eu que pensava estar por fim liberto  
Do triste amor por ti tão desprezado  
Volvo de novo o olhar ao teu chamado  
—Como perdido em lugubre deserto.

E vou de cardo em cardo. E quase perto  
Do velho sonho meu, que é meu peccado,  
Vejo que de sofrer bate cançado  
Meu pobre coração em chaga aberto.

E vou de sofrimento em sofrimento...  
Tu sempre os meus pedidos recuzando  
E eu revendo o meu sacro juramento !

Não sei no fim de contas quem mais cança,  
—Se o coração que vive te buscando,  
Se o coração que morre de esperança...

FRANCISCO SERRA.

### O celerado

Sob densas ramagens de copadas massaran-dubas agasalha-se a velha palhoça arruinada do velho Cipriano, caboclo querido e admirado pelos companheiros, com o deno lado campeão na dança tonitroante do tambor, em que, com uma arrebata da *punga*, vira de pernas para cima todos os que o ousam desafiar.

Ha uma noite em que elle celebra com estrondosa algaravia e frenéticos sapatoados dos dançadores da viola a festa habitual de S. Benedito, santo principal da sua sincera e sacra devoção.

Exaustos os testeiro, exalando bafoes incomodativos de suor, as camisas ensopadas e coladas às costas, param por alguns instantes, bebem gulosamente a refrescadora aguardente em canecas de lata, salpicadas de ferrugem, expelindo compridas e ruidosas cusparadas, que se vão depender nas amarelecidas paredes da palhoça.

—Eh, minha gente ! berrou, com voz frouxa e rachada, o velho Cipriano, mostrando a jenjiva róxa e desdentada, estabanadamente jesticulando; vamos á boia, vamos á papança ! Inda nós tem muito que se advertir, e sem nada no estambô nós não bota muito lonje.

—Mas, seu parente, observou um, pulando em frente do caboclo e ajeitando as mãos nos magros quadris bamboleantes; você espicha esse chã até hoje de noite, ou caba com ele agora di minhã ?

Cipriano, atulhando com o polegar, no caximbo negro e curto, o fumo que picava com um enorme canivete de folha longa, escura e comprida, terminada em meia lua:

—Uo!, parente!... Pois entonce agora di minhã?! Ora, trate serio... Se fosse até agora di minhã eu não fazia nada, nem lhe convidava e nem ninguem ! Nem parece que você é daqui do sertão ! Me diga agora: onde você já viu festa encroar numa noite ? Você não está gostando, diga logo e dei-

xe de estar ai com historia: porque nhennhen-nhen, porque nhannhannhan...

—Pelo amor de Deus, seu compadre, implorou o sertanejo, juntando as mãos no alto do peito e depois coçando, aborrecido, nervoso, a carapinha. Eu não disse que não estou gostando da sua festação, eu não disse, não, senhor... Deus me livre !... Se eu só me ajeito é com a sua...

O velho sorriu contente, ante a confissão sincera do humilhado amigo, moveu babosamente a cabeça, como uma troira, e, num gesto largo, escaçarou os braços murches:

—Venha dai um abraço, homem, venha dai um abraço.

Abraçaram-se e beberam.

—Vamos á papança, tornou Cipriano, desenrolando no chão terreo duas compridas esteiras de pindoba verde. Com mais alguns *compades*, foi colocando as grandes e muitas panelas de barro cheias de apetitosas iguarias. Enquanto arrumava ia considerando, gostoso, consigo mesmo, o que fizera depois de um ano de trabalho:—Juntara dinheiro, *criação*, para festejar o santo do seu peito; matara um boi, um carneiro, dois porcos, que só em gordura eram uma *fortuna* de se lambem os beiços; dois peris, dois patos e cinco galinhas. Tudo isto fizera só por amor, respeito e devoção áquelle tão glorioso Santo !

De novo explodiu:

—Vamos á comelagem, minha gente ! Eh ! minha gente, deixem de luxo !

Com o caximbo pendente do queixo, soltava, esperando, sucessivas e grossas basforadas, sentado na meza gorduroza, balanceando em desencontro as pernas, os braços volutuosamente abandonados sobre as coxas.

Todos se reuniram em torno ás esteiras, uns cruzando as pernas, outros acocorando-se, comendo aos pares.

—Que calada é essa, meu povo?! Contem ao menos uma droga para divertência da ceia, mujui o velho caboclo, esmagando, num saboroso e grosso caldo de galinha, um punhado de pimentas encarnadas, finas e curtas.

—Téque, parente!... Pois entonce a gente fala na meza, onde está Deus Nossa Senhor?! interrogou Josefino, vaqueiro bronzeado, de cara chata e feia, o qual tinha fama de misterioso *surdor de gente*, amassando nos dedos a comida e atirando-a embolada á boca escancarada.

—Ah !... replicou o velho, não faz mal; só faz, quando a gente diz cousa que não deve...

As ultimas palavras de Cipriano foram cobertas pelos maguados e estridentes cocoricós dos galos empoleirados nos rasteiros galhos das aves adormecidas, e pelos mujidos solturnos e tristonhos dos bois enclausurados nos curraes distantes. Aves trilaram cristalinamente, ocultas entre as folhas verdes, onde se baloçavam redondinhas gotas de orvalho, madreporeladas pelos mornos raios do sol nascente. Ao lonje, pela larga estrada ladeada de extensas alamedas de massaran-dubas colossas, passavam caboclos, num andar leve e lixeiro, aos ombros os compridos varapaus,

vergados ao peso dos cofos atulhados de hervas e de frutas cheirosas e maduras.

—Isto é que é bonito, considerou Josefino, contemplando extasiado a manhã vermelha, que ensanguentava o horizonte casto e macio. Parece que a gente está no céu, né!

—E adonde você já viu manhã feia? inquiriu Cipriano, com uma estrondosa gargalhada; este seu compadre tem cada uma que até faz a gente rir.

—Ora, ora, ora, na cidade, manhã nem parece ser obra de Deus; um bandão de casa que cobre o céu, de modos que nem se vê o sol, quando começa a vomitar sangue nas nuvens. Lá, é um ou outro galo que canta; não se ouve os passarinhos, não se vê arvores: é só um tiquinho de tudo. E mostrou a junta ultima do indicador, para medir o tiquinho. Tudo calado,—parece até um magouro. Só se sabe que é dia, quê vem pelas cornetas dos soldados, que estão noite e dia p'ra cá e p'ra lá na porta dos quartéis. E depois um barulho de carro, que parece um inferno. Em certas noites, sino comeca a dobrar: bão, bão, bão... Então você já sabe que são quatro da madrugada. Limpando os calejados dedos gróssos, salpicado de farinha seca na boca, em cujos beiços reluzentes elle passava a ponta da língua de um canto para o outro, lambendo gostosamente a gordura, continuou:

—Aquilo não é jente boa, não: Inventaram, não sei porque arte do Sujo, Deus me perdoe (soprou a boca, soltando um arroto longo, baixo e morno), inventaram, como eu ia dizendo, uns negócios lá de arame, que passa pela cidade e por onde falam, tocando uma campainha eletric. Chama-se essa cousa tefono...

Distraídos, boquiabertos com a prosa que ia desembrulhando o vaqueiro tagarela, todos, a pouco e pouco, foram construindo, na imaginação maravilhada, cidades enormes, monstruosas, coalhadas de prateadas rãdes telefônicas, tintinantes de finas e multiplas campainhas, troantes de vozes esbravejadoras, furibundas e macabras. Moscas fervilhavam, zumbindo em revoada sobre os pratos; outras poisavam, formando escuros grupos move- diços em torno dos grãos de arroz. E Josefino, cheio de vaidade, cheio de orgulho, por haver passado aquelas que o cercavam, e que agora o ouviam em religiosissima atenção, retirou de um dos bolsos das calças pedaços de fumo anelados, que arrou à boca, continuando:

—Pois é isso... Tem também outra cousa, que faz a gente basbacar: é um negócio por onde a gente escreve p'ra longe. Silvando, passou rapidamente a mão direita espalmada deante da boca e logo adjuntou:

—E assim, num instante, enquanto o diabo coça um olho.

—Mas como é isso? atalhou um, ironicamente, pestanejando para os convivas, como se descobrisse alguma mentira impinjida pelo vaqueiro.

—Não pisque olho, não; se você duvida vá vê, retrucou o caboclo, ofendido e com mau humor. Mas, como eu ia dizendo, prosseguiu, essa churumela chama-se telegrama; eu sei esse nome, por-

que eu me dava com um moço que fazia a coisa, e esse dito moço um dia me levou lá...

—E como é? perguntaram.

—É uma banca; em cima dessa banca tem uma maquina. A gente, batendo com o dedo em cima de um botão de gaveta, que está separado da dita maquina, mas que é da mesma familia, o dito botão vai fazendo téque, téque, tétéque.

E então, na outra cidade, outro moço comeceia a ler uns riscos grandes e pequenos, e esse dito moço vai logo escrevendo. De uma feita eu estava lá, e uma fia começo a sair de dentro da maquina, e logo se embrulhando, como cobra que vai saindo de dentro do buraco, quando sente cacete cantar no costado, e faz rodilha e depois foje pela mataria.

—E era cobra, parente? interrompeu o velho Cipriano, arregalando os olhos espantados e papudos.

—Qual cobra, parente,—papé, homem, papé. Mas, como eu ia dizendo, aquilo é como o tefono: só que tem é que um é p'ra falar no mesmo lugar, então você já sabe esse é tefono; e o outro é p'ra escrever p'ra longe,—é o telegrama. Toda a fiada passa pelos matos, e então, como eu ia dizendo, se por uma inocência você passa por baixo da dita fiada, ela está já lhe ralhando e fazendo você voltar... Isso não é cousa de Deus, não.

—Não é, não é, afirmou Josefino, abanando a cabeça de um lado para o outro.

—Vijie só, vijie só, disse uma velha caximbando, meio adormecida, e esticando o beiço descaido e placido,—vijie só...

Aos trinados das violas, assanhadamente dedicadas por dois valentes tocadores, cuja fama rojava por toda a circunvizinhança, pela mestria com que repenicavam as cordas, vencendo depois de um péga tenaz um celebrado cearense, conhecido por *viola-onça*, todos em tumulto se ergueram e voltaram, borborinhando pela acanhada caza, castanholação os dedos, languidamente quebrando os corpos, em tonitroante vozeirão:

—Meu passarinho,  
Sasariço,  
De uma banda só  
Sasariço...  
Capitão, capitão,  
Capitão solador;  
Capitão, capitão,  
Capitão trovador.

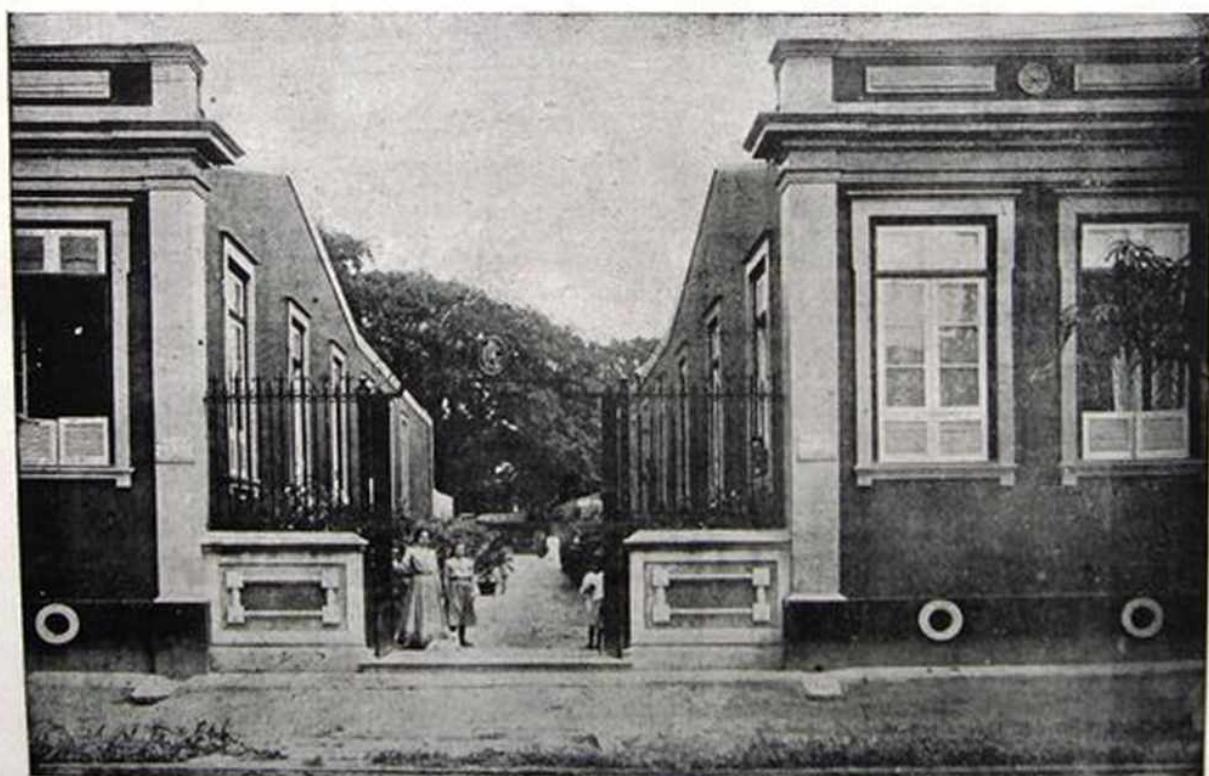
As mulheres suarentas, tendo ao pescoço compridos e grossos colares de ouro, d'onde pendiam velhas figas de pau preto, dentes incisivos e caninos de animais ferozes, cabelos encastoados, quase todas vestidas de encarnado, rodopiavam céleres, e um pé adiante outro atrás caminhavam insensivelmente, rebolando-se. Os dançadores enlaçavam as nos braços, com furiosos sapateios, acocorando-se em rebolico até ao chão.

—Esquenta! Esquenta! urravam em clangorosas trovoadas, que se estendiam ululando pela mata afora, e os instrumentos retiniam ainda mais rápidos,inda mais vibrantes.

Velhos reunidos pelos cantos da caza, em ban-



Alfandega de Paranaguá



**Villa Garantia da Amazonia, Avenida Central**

Propriedade da Garantia da Amazonia

SUPPLEMENTO AO N. 21

1 DE JULHO DE 1902



## O ultimo dia do condenado

A REVISTA DO NORTE

MARANHÃO-BRASIL



PARNAHYBA—OS ARMAZENS DA CASA INGLEZA



Maranhão--O INTERIOR DA SÉ

cos compridos de pau, batiam as palmas, cantando:

—Cabeça de bagre  
Não tem que chupar...  
Isto mesmo é amor,  
Isto mesmo é amar.

A's sete horas da noite, exaustos, os dançadores dispersaram-se pela caza, e o vaqueiro, aceitando com o chapéu no alto da cabeça, rouquejou:

—Viva seu Cipriano !  
—Vivou ! responderam.  
—Viva a família de seu Cipriano !

—Vivou !  
—Viva o nosso adjunto !

—Vivou !  
—Viva nós tudo !

—Vivou ! Vivou !...

—Muito obrigado, ó minha gente ! agradeceu o velho, comovido, abrindo a boca desdentada; venham tomar uma lambada.

—Viva a brasileira, viva a caça que nos vai refrescar a lombada !

—Vivou !

E o cheiro acre do álcool desenrolou-se por toda a palhoça.

Rufou de novo a orquestra sertaneja e os versos ribombaram atroadores:

—Cai da ladeira  
Quebrei as cadeiras...  
Isto mesmo é amor,  
Isto mesmo é amar.

Cai no riacho  
Quebrei o espinhaço...  
Isto mesmo é amor,  
Isto mesmo é amar.

—O' Amasio, que lambuje foi aquela que você deu lá no S. Benedito ? indagou o vaqueiro, alegando-se a um negro alto e magro, que fumava maquinamente, lonje do borborinho, matando os mosquitos que lhe picavam as pernas.

—Não foi nada, compadre, disse soprando uma longa e cheia baforada de encontro a Josefino, que recuou, pondo-se de lado. Você sabe como eu me chamo e sabe bem quem eu sou: —não sou soim que tem medo de caréta. Quem me tratou com agrado, eu trato também com agrado; quem me torceu o nariz, eu também torço, e pode contar què vai pau que Deus manda, porque cá, aqui, com o gama é novo... Meu pai sempre me dizia: cachorro procura o seu nome e gato o seu sobrenome... Espera, espera... E estalou a mão direita espalmada no braço esquerdo, amaldiçoando:

—Bicho, peste do diabo, tu não tem mais que morder, dananada ? Chega de noite a jente não pode estar quieto: vira p'ra cá, mata praga; mira p'ra acolá, mata praga ! Arre !... Não sei p'ra que Deus Nossa Senhor fez isso. Mas, voltando à vaca fria, você, por exemplo, sabe que sou homem, que não corre sem saber de quê, como naquela noite do tambor. Você já não se alembra, não? Pois que se alembresse: quem sabe, sabe; quem não sabe que soubesse. E atirou outra baforada,inda mais densa, à cara do compadre, ajuntando:

—Não duvide, porque, se você duvidar, pau come fresco.

—Nem eu estou duvidando, retrucou Josefino. E p'ra quem é essa afronta de pau, que você fez agora?

—P'ra ti, porque minha mãe, quando me pariu, me pariu homem, fique sabendo.

—E a minha, amigo. Agora você é homem lá p'ra sua caza.

—E p'ra tua. Se você tem fama é lá p'ra quem quizer, p'ra mim não, ixé cacá. E cuspiu de nojo.

—Eu sou homem p'ra tua caza e p'ra tua mãe, respondeu o vaqueiro, fulo de raiva, arreganhando e enrodilhando as mangas da camisa.

—Que foi que você disse aí? interrogou o negro, imitando os aprestos do caboclo, marchando para este, e desandando-lhe violentamente uma bofetada, atirando-o por cima de um monte de panelas de barro, que se quebraram, quase todas, em mil pedaços.

Josefino, feroz como um tigre atormentado e faminto, os olhos chamejantes como dois lumes, como duas pequenas fornalhas, de um pulo, logo desembainhando da cinta uma aculea e reluzente faca, precipitou-se sobre o adversário, vazando-lhe um dos olhos, e atonito, cégo, cravou o ferro sanguidento no largo peito do negro, que ruju, tombando em terra, debatendo-se, rolando, esperneando na teia sufocante e impermeável da Morte !

Quando os festeiros acudiram, aos gritos do negro esfaqueado, ao lonje, na injente mata solitária e espessa, crepitavam os galhos secos sob os leves passos do vaqueiro, que abalava vertiginosamente.

JOÃO QUADROS.

## O mez literario em Portugal O theatro

Em D. Maria — O Algoz do sr. Gallis — Casamento de Figaro — D. Amelia: «A Cosa Bonnard» — No Gymnasio — A greça germanica — Parodias — Os origines da nova época.

Está quasi a encerrar-se a época teatral. Não admira, pois, que as premières vão falhando nos palcos da capital.

Em D. Maria tivemos o Algoz e O Casamento de Figaro. Todo o espírito ilustrado conhece o segundo, nenhum, quando o tenha visto, guardará memória do primeiro. O Algoz é um acto em verso do incançável escrevinhador, o sr. Alfredo Gallis. Trata-se dum rapaz cego, que recupera a vista por artes de berliques e berloques, duma rapariga a quem elle ama, e duma velha que se mata por causa dele. A peçasita está recheada de nomes barbaros. Aparece um Leovigil, uma Goswintha. Parece que estamos no tempo dos Burgraves. Quantos aos versos, são de arrpiar os cabellos ! Conseguem até ser peores do que a prosa do sr. Gallis, — o que é um cumulo. A peça era má, os actores foram mal, o público não sabia se havia de bocejar ou indignar-se. Ao fim de duas únicas representações a obrinha do sr. Gallis sumiu-se pelo buraco do ponto. Entim, o Algoz foi uma vítima. Executou-se a si próprio. Durma o mostrengos em paz.

Depois do *Algoz*, o *Casamento de Figaro*. A célebre peça de Beaumarchais, conhecida por todo o mundo culto, dispensa elucidações. Cumpre notar todavia que o seu carácter de protesto contra velhos preconceitos, que na boca de Figaro assume por vezes um ardor pamphletario, e que deu azo a inclui-la, como um factor importante, no movimento de reivindicação philosophica do séc. XVIII, é hoje tão attenuado para as nossas aspirações que não inspirou interesse algum nas plateias que o escutaram. Para a maior parte dos espectadores, educados já na norma das liberdades conquistadas, as opressões do regimen feudal affiguravam-se já prehistória. A comédia teve, porém, um exito de estima pela sua fina trama literaria e pelo subtil espirito que em toda ella abunda. Ferreira da Silva fez o papel de Figaro primorosamente. A tradução do sr. Manuel de Oliveira Ramos é muito esmerada.

A *Casa Bonnardon* foi a ultima das *premières* no D. Amelia. Muito aplaudida em Paris, a peça de Georges Mitchell não logrou em Lisboa um exito igual. O thema de que ella se occupa, servindo-se de varios *trucs* mais ou menos gastos, é uma investigação de paternidade. Não uma investigação judicial, mas uma investigação em familia, feita com sobresaltos de escrupulo por um avô zeloso. A peça acaba em bem, e embora se ouça sem desagrado, porque tem algumas scenas feitas a primor, mas não dá vontade de tornar a ser vista. Teve muito poucas representações. No desempenho salientou-se João Rosa.

Mais uma peça alema, no theatro do Gymnasio, que decididamente está explorando a Alemanha com um afilco que nos fazem supor naquella empreza tendencias demasiadamente philosophicas. A de agora é *O dr. Empaphia*, de H. Stobitzer. A comédia ainda é mais arrevezada do que o nome do seu autor, e tem o defeito de não possuir graça nenhuma, pretendendo tê-la. Pouca originalidade, efeitos velhos como a Sé de Evora, palavrão descolorido e pretencioso. Acompanhava em cena *O dr. Empaphia* uma parodia à *Ceia dos Cardeais* com o título a *Ceia dos Asylados*. Num asylo precisavam ser metidos os dois autores da parodia, que sabem tanto o que é fazer versos como um eunucho sabe perpetuar a sua família.

Dos outros theatros, uns estão já fechados, outros continuam repetindo as suas peças de maior sucesso.

Para a proxima época já se fala em muitos trabalhos dramaticos.

D. João da Câmara escreveu um drama, que será traduzido em italiano e representado por Novelli, que volta este inverno a Portugal.

Alem desta peça, o mesmo dramaturgo escreverá tambem um drama lyrico, num acto.

Lopes de Mendonça, alem dum nova farça, fará representar uma comédia.

O conde de Arnoso trabalha num drama em quatro actos. Varios jornaes accrescentam que fará igualmente uma comédia.

Marcellino Mesquita tem peças em preparação e o mesmo succede a Julio Dantas.

Annunciam-se tambem comedias de Moura Cabral e Eduardo Schwalbach.

Enfim, falta de quantidade não ha. Mas a qualidade?

## Outros livros

Afóra os seus trabalhos de investigação literaria, o sr. Alberto Pimentel tem sem duvida alguma os dotes dum apreciavel folhetinista. Quero com isto dizer que é fluente, leve na exposição, acumula episodios, conta anecdotas, refere factos e sabe encadeiar tudo, sem que se lhe perceba esforço, nessa amena conversação escripta que constitue a essencia do folhetim. Parecendo facil, o gênero é dificilimo, e tanto assim que de Julio Cesar Machado para cá ainda ninguem arcou triunphantemente com as dificuldades que elle comporta. Uns sobrecregam-o de erudição pesada, outros dão-lhe o carácter impetuoso da impressão resentida em flagrante, outros, á força de quererem evitar esses escolhos, caem na mais desalentadora banalidade. O sr. Alberto Pimentel é dos que, sem florear o estylo dos Janin, nem sorrir com a fina graça dos Julio Cesar, conseguem ainda manter-se honrosamente nesse perigoso lugar de combate, onde o bom gosto, a ironia e o espirito afiam as armas para as suas brilhantes lutas.

O ultimo livro devido á sua experimentada pena é um livro de folhetinista. Intitula-se *Sem passar a fronteira* e editou-o a casa Gomes de Carvalho,—uma das que mais capricham em editar escriptores portuguezes, sem fazer distincção entre velhos e novos. É uma serie de folhetins que, como o titulo indica, se referem só a aspectos e factos da nossa terra. Alguns desses trechos são interessantissimos, e dão bem a nota de serem vividos, e narrados em hora em que uma grata despreocupação mais facil e limpida torna a sinceridade das almas. Nelles o sr. Alberto Pimentel confirma o que ha muito delle pensam os que não se deixam influenciar por exageros de amisade ou animadversões gratuitas, quer dizer, que elle é um dos nossos escriptores que mais trabalham, honestamente e desprenciosamente, vendo a Natureza e a Arte com um criterio elevado e um bom senso seguro que, não se deixando desvairar pela preocupação da frase literaria, poderão perder no que vulgarmente se chama brilhantismo, mas ganham muito em verdade e em segurança de analyse.

Alem deste livro ha ainda outro de que fazer menção, neste mez tão escasso de novidades literarias attendiveis. Refiro-me a *O Paiz do Luar*, do sr. Adolpho Portella. Diz o autor que elle é constituido de *lendas* e *bucolicas*. A verdade é que nem lendariamente nem bucolicamente presta. É uma colecção de narrativas sem interesse, com um estylo amaneirado, que não tem personalidade. O sr. Adolpho Portella apareceu ha annos, escrevendo versos que não passavam de servis imitações de Junqueiro, na phase dos *Simples*. Não soube, porém, aprehender-lhe o sentimento, o que não admira, porque o sentimento não é facil aprehender-se. Ou se tem, ou se não tem. Todavia, um homem intelligente pode simula-lo. O sr. Portella não si-



### PARNAHYBA---A casa ingleza

mulou cousa nenhuma, mas não devemos ficar-lhe agradecidos, porque naturalmente foi porque não soube. Era tudo artificial, dava a idéa dum castello de cartas com frases rythmicas. Nada mais. Mas no verso ainda essa vacuidade de idéa, essa ausencia mesmo de sentimento, pode passar ás vezes, contanto que numa suave harmonia os faça esquecer. Em prosa já não sucede isso. Eis a razão porque as prosas lendárias e bucolicas do sr. Portella parecem ainda muito peores do que os seus versos, o que na realidade não é facil afirmar.

No dia 20 deste mez reuniram-se nas salas da Associação dos Lojistas varios escriptores, jornalistas, poetas, estudantes e propagandistas de idéas avançadas, afim de se levar a effeito a creação dum theatro em Lisboa, que, moldado pouco mais ou menos pelas normas que presidiram á fundação do Theatro Livre em Paris, permitta e facilite ao publico, e muito principalmente ao que se constitue das classes trabalhadoras, o conhecimento de peças, nacionaes ou estrangeiras, que tendam a examinar theses sociaes sob um largo ponto de vista, que corresponda ás idéas e principios de philosophia moderna. O plano é bom, e a tentativa necessaria. Basta para o comprovar o facto de, nos nossos melhores theatros, não poderem ser levadas á scena, senão em condições muito excepcionaes, peças como a *Blanchette*, de Brieux, representada pelo grupo Lucinda Simões e *O Poder das Trevas*, de Tolstoi, representado por Zaccioni, isto é, não desempenhadas por nenhuma das companhias regulares dos nossos dois theatros D. Maria e D. Amelia, que tem publico artistas nos casos requeridos para interpretações dessa ordem. Sobre o Normal pesa o regulamento do governo, que lhe

impõe uma censura que não permite a representação de peças que o criterio rotineiro dos governos considere subversivas, não já das instituições do Estado, mas dos proprios costumes sociaes. No D. Amelia só se faz balcão; a empreza põe em scena indistinctamente zarzuelas e tragedias, deixando apenas passar alguma cousa boa e educativa, quando lhe parece que dará algum dinheiro. Num tal estado de cousas, não será meritorio crear um theatro novo, livre de peias, e desinteressadamente dedicado a uma obra de educação social? Sem duvida que sim, e oxalá que, triunphando da indiferença publica e de todas as más vontades que sempre se manifestam contra os justos emprehendimentos, esse grupo de homens consiga levar a cabo uma idéa que ha tanto tempo é a de todos que desejam a diffusão dos principios duma nova moral nesta lethargica populaçao portugueza.

30—abril—1902.

MAYER GARÇAO.

### D'entre as ruinas

Por onde vou, por onde enfim caminho descuidado,  
levando orgulhoso na alma o meu infinito Amor,  
tropeço de escolho em escolho e vago alucinado,  
mudo, pela profunda noite assombrosa do Horror.

Tateio escombros, ossadas, oço de lado a lado  
só o Desespero humano, profundo e aterrador,  
porque a Grelha e a Fé são misero réu desterrado,  
e, onde o riso floresce, nasce terrível a Dôr.

Mantém os corações e o olhar que nos enleia mente;  
a boca rosea que beija, até no beijo inocente,  
fere, na expansão do carinho a nossa alma tortura.

Mas, nesta Noite sombria, entre estes negros abrolhos,  
tenho luz, a luz que vem desses teus bondosos olhos,  
porque o amor fez de ti, dentro todas, a mais pura.

Theodoro Rodrigues.

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Julho de 1902

NUM. 22



RIO DE JANEIRO---Rua 1º de Março---O Correio

## Navegando

Noite. Tudo repousa socegado.  
Ouço somente a máquina ruidosa,  
Que na incessante faina temerosa  
Leva o navio ao porto desejado.

No cérebro da vaga majestosa  
O plenilúnio mira-se cançado,  
Jornadeando pela fulgurosa  
Face do etéreo campo iluminação.

Junto à amurada escuto o soluçante  
Quebro da vaga... N'amplidão distante  
Busca-te a imagem meu dorido olhar...

E à luz feral duma saudade infânta  
A voz do meu amor casa-se ainda  
A's melopéas lugubres do mar.

Pará.

*João de Deus do Rego.*

## Um livro sobre Historia Patria

Acabo de ler, com a atenção que me merecem os trabalhos de João Ribeiro, o seu ultimo escripto—*Historia do Brazil*, cuidadosamente elaborado, sob um plano inteiramente novo.

Atirei-me de urso a estas páginas, onde se desdobra a narração elevada da vida da minha Patria; e, por entre aquelles períodos, brunidos por mão de grammaticographo, encontrei ideias proprias, exaradas sob a orientação moderna dos estudos históricos.

O livro é de valor incontestável; afasta-se dos planos cronológicos até hoje estabelecidos e, em capítulos bellamente nominados, revela a meditação do autor na recomposição das crónicas nacionaes.

Os problemas que teem impressionado os nossos historiographos não foram descurados; discutem o autor, segundo o conceito que lhe apraz, confrontando ou rebatendo opiniões de ha muito aventadas.

Assim sustenta resumidamente ser André Gonçalves o emissario que levou a D. Manuel a nova da descoberta do Brazil; aponta o nome do primeiro prelado, collocando entre parenteses o sobrenome, Sardinha, sem se explicar se acompanha neste particular o sr. Jansen do Paço, que sustentou chamar-se simplesmente Pero Fernandes o bispo vindo com Thomé de Souza.

O autor não desce a grandes minudencias nestas questões: limita-se unicamente a manifestar o seu parecer. Deste modo não busca grandes pesquisas para provar que Cabral partira de Restelo com o propósito de descobrir a Terra de Santa Cruz; contenta-se com revelar, sem provas nem demonstrações, a inverosimelhança da versão do acaso.

Esta questão, para um livro da natureza do de que trato, devia ser mais bem expandida. O estudo

do roteiro de Cabral, a verificação de conhecermos os portugueses existir, para além, região incognita; a apreciação da rota traçada, visando um plano preconcebido, são assumtos dignos de nota em um trabalho que não é unicamente um compêndio, mas uma obra acurada e de valor verificado.

E' bem certo estar hoje, após os trabalhos de Norberto Silva, Augusto de Carvalho, Zeferino Cândido, Baldaque da Silva, Fran Paxeco e outros, quasi profligava a lenda das correntes oceanicas arrastando Cabral ao paiz que descontinara; apesar de tudo, o sr. João Ribeiro não podia passar ao de leve sobre este ponto, alvo sempre das pesquisas dos historiadores.

As duvidas o autor as menciona, exprimindo incontinentemente o seu pensamento. E, com o manifestar a sua idéa, aventa uma heresia histórica na primeira pagina do seu livro, onde, sem rebuço, assevera que os portugueses aprofundaram África impulsionados pela ambição de escravizar. A civilização lusitana no século XV explica nitidamente o mobil das arrancadas marítimas.

Dilatar a fé, ir em busca desse velocino que lhes era a mais doce miragem e procurar o ouro, o sandalo e as riquezas do Oriente, tal a causa da serie de averturas dessa gente ousada, desde o estabelecimento do observatorio de Sagres até às correrias aprestadas na praia do Restelo.

Implantar a religião da Cruz entre o gentio africano, demandar conquistas de novas paragens, em que a imaginação fertil dessa raça, já impressionada pelos feitos cavalheirescos e pelos sucessos medievos, entretecia fabuladas ou efectivas grandezas, tentar submeter povos e assenhorear continentes, eis os incentivos dos sequazes do infante D. Henrique. Portugal possuiu a um escopo mais elevado que escravizar; tinha ambicões justas a grangear o lustre e glória que o sublimaram.

Acho-me em inteira discordância do ilustre mestre; o que me ensinam os velhos alfarrabios é o que lá escreveu o velho Azurara, cuja passagem, de muita gente conhecida, ora reproduzo:—«Consistiu que se poderiam trazer para este reino muitas mercadorias».

A terra de Afonso Henriques aventurava-se à riqueza.

Se o autor pensa doutro modo, opondo-se à propria historia, não documenta a seu parecer, da mesma sorte que deixa de fundamentar a asseveração de ser um mylio o episodio de Caramuru, o qual, diz elle, «é falso estivesse na corte de Henrique II». E neste modo de contrariar matéria aceita cae no descuido de narrar:—«A verdade provavelmente está em que a historia do Caramuru fundiu-se com outras de piratas franceses». Desta forma ilogicamente baseia o seu argumento, destruidor de um facto, e se firma numa mera probabilidade.

Se é apocrypho ou não o episodio de Diogo Alvares difícil é prova-lo; a tradição recebeu-o e a veracidade do caso não oferece, attentas as circunstâncias em que se deu, vacilações ao espírito. Aceitemo-lo, já que os documentos não são abundantes.

A—*Historia do Brazil*—é para ser manuseada por quem já tem noções da matéria e divirjo, assim pensando, do sr. Araripe, junior, a quem muito repto nas suas críticas.

O livro em questão entra na indagação de certos factos e abandona outros ainda obscurecidos, friando assuntos próprios de um trabalho histórico e a que a loquelle anti-pedagogica do distinto prefaciador classifica de bisantinas. Que ninguém, ao escrever um compêndio de *Historia do Brazil*, deva deter-se a demonstrar se João Ramalho é ou não o bacharel de Cananéa, estou de pleno acordo; mas que abandone a narrativa do episódio... E que fica da história?

Não quero dizer que seja fatigante um escripto, em certos capítulos, mostrando grande erudição e equiparando-se a um antiquário de nomeada. Para o sr. Araripe, que certamente folheou rápido essas páginas, presta-se esse livro para os meninos, que se não cansam ante a descrição de uma bandeira. Não é esse o motivo; a história dos bandeirantes (e della bem se ocupa o autor), em travessias penosas e accidentadas, lembra os contos tradicionaes brasileiros e a exploração do ouro e a figura de Felisberto Caldeira, perecendo no terramoto de Lisboa, são casos impressionantes e muito interessam aos cerebros juvenis.

O trabalho que estou a analysar pouco tem de didactico; os capítulos obedecem muita vez à philosophia da historia.

Do selvícola não se aprendem usos e costumes; ha ali um estudo ethnographico, a ultima palavra no assumpto; da fundação da capital da Republica fala-se ligeiramente, obumbrando-se o nome de Francisco Velho; da guerra hollandeza somente se contam os principaes factos, não se referindo, como era devido, o triumpho das Tabocas; em summa, passa de largo ante circunstancias notórias e fica-se captivo e absorto em face de raciocínios aproveitáveis.

Elogia ainda merecidamente o autor a administração de Nassau, sem a levianidade de certos historiadores, na previsão para o Brazil de um futuro inaudito, sob a tutella hollandeza. Depois de referir a invasão hollandeza, João Ribeiro denuncia formação do Brazil os capítulos em que observa as entradas, os bandeirantes, com grande vantagem, as formas administrativas, o jesuíta, de quem faz a apologia, na contemplação dos vultos de Anchieta e Nobrega, sem traçar o influxo pernicioso dos collegios e, finalmente, occupa-se das raças vermelha e negra, cuja existencia no Brazil vê suavizada, esquecendo-se do rôlo e do tronco, em que esta era torturada á rijeza dos senhores de engenho.

Estudando as revoltas de Beckman, a guerra dos mascates, traceja no capítulo seguinte a história local de varios estados.

Dahi em diante bosqueja a história dos limites e a questão da colônia do Sacramento.

Occupando-se da conjuração mineira, perfeito resumo, immisce-se em considerações sobre o despotismo da corte portuguesa, e ao enfrentar a instalação da dinastia brigantina só menciona o im-

pulso que teve o Brazil, não devido ao tino político de D. João VI, e cala os desacertos que se praticaram.

As ultimas páginas do volume descrevem-nos o primeiro e o segundo reinado, omitindo muitos dos grandes heróis da guerra do Paraguai.

A meticulosa notícia que faço deste livro importa no mércemento que lhe consagro; é um trabalho valioso, com pequenas lacunas, é verdade, tendo muita cousa nova.

Fui propositalmente minucioso, entendi dar pallidamente o arcabouço de uma *Historia do Brazil*, em moldes originaes, que realçam a reputação conquistada por João Ribeiro, ora em estylo puro, desenhando os quatro séculos da vida nacional.

Combatendo o que me pareceu inaceitável não almejei apagar o vistumbre do magnífico trabalho, em que encontrei, repito, uma leição moderna e páginas de real monta; quiz sómente correr com o leitor os períodos desse volume, de que a imprensa desta capital até agora se limitou ao costumado—recebemos, como se se tratasse de um compêndio de fancaria.

Não se presta, infelizmente, a atenção que exige a estudos de tal quilate; mais effeito produziria um pamphleto que puzesse ao raso da publicidade pessoas e reputações.

Furtemo-nos de nos impressionar, leitor amigo, com esses maus hábitos; ha mais um repositorio dos factos da vida Patria, um livro notável sobre a existência do meu amado Brazil.

E caso de emboras ás letras, nesta época de desânimo e indiferença...

Rio, 16—2—902.

Theodoro Magalhães.

## Rumores

Fala a escura floresta. Além, estranhas Aves gorgeiam. Perto, um tigre passa E ronca, salta, some-se e entreleça Rastos no chão das proximas campanhas.

Fremem no cimo as arvores tamanhas E a liana fina a basta rama enlaça, Juntas vibrando; murmurante, escassa Fonte bólha da terra nas entranhas.

A aza de leve agita e zumbe o insecto, Folhas estalam, cascaveis agitam, Em ruido, a cauda e berra um veado inquieto.

O orvalho cae e a verde folha abana... Esses rumores múltiplos imitam Todos os sons que vibram na alma humana.

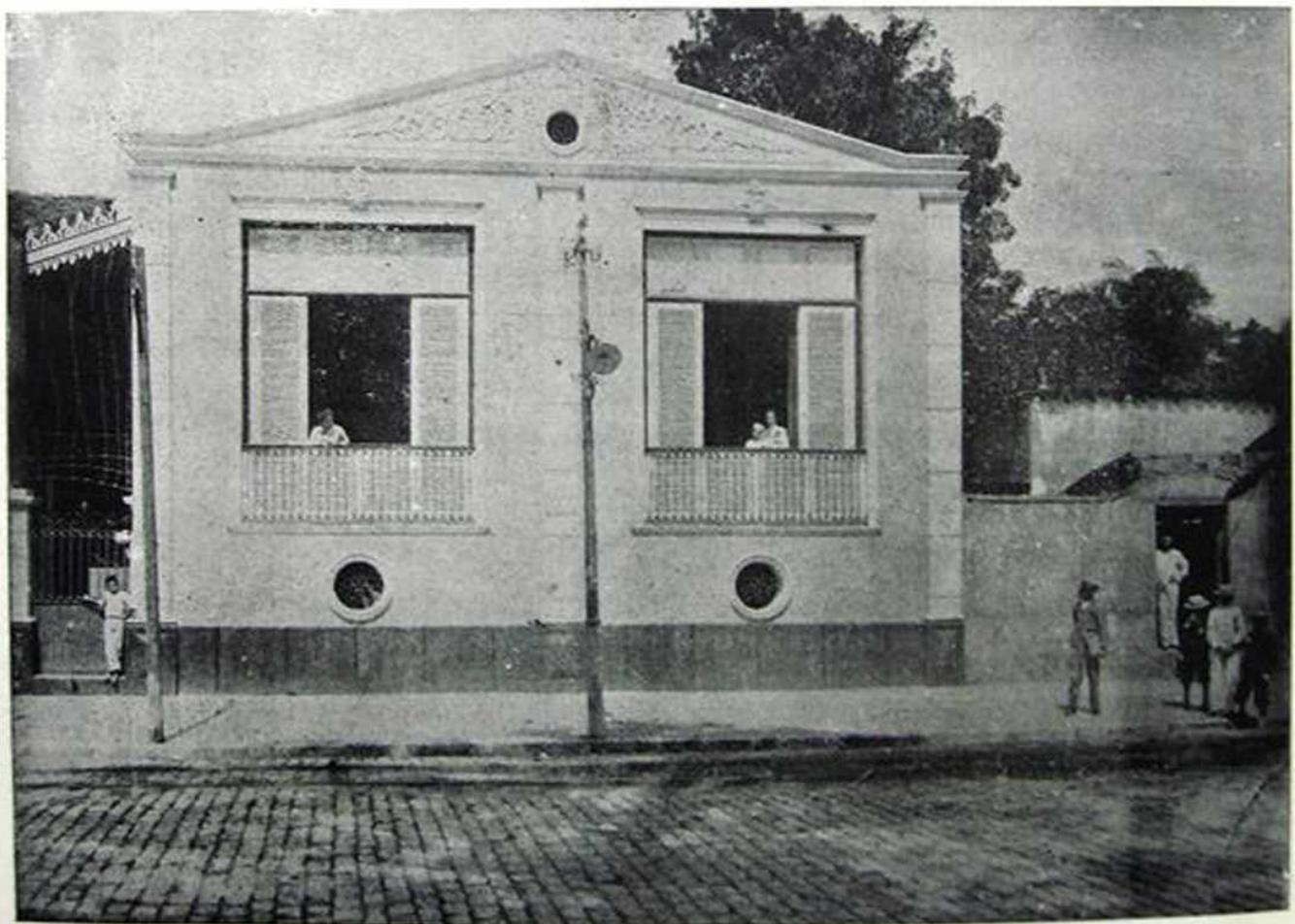
FRANCISCO LISBOA, filho.

A satira é a irmã gêmea da elegia; se uma defende os opprimidos a outra combate os opressores.

TAINÉ.



**GOIÁS**—O Palacio do Governo



**PARÁ**—Na Avenida Dr. Moraes—Casa de propriedade da Garantia da Amazonia

SUPPLEMENTO AO N. 22

16 DE JULHO DE 1902



A REVISTA DO NORTE

## O ultimo adeus

MARANHÃO-BRAZIL

## O mez literario em Portugal

### João de Barros

O poeta João de Barros pertence à ala dos novíssimos cultores das letras. Tem vinte annos, e é estudante da Universidade de Coimbra. Em 1900 surgiu pela primeira vez o seu nome nos caracteres negros dos typos. Foi com a publicação das *Algás*, o seu primeiro *recueil* de versos. Era um livro que revelava um artista, pela subtileza das



João de Barros



### THEODORO MAGALHÃES

Lente da Universidade Livre do Rio

impressões, mas que, todavia, não faria prevêr o poeta de elevado sentimento e de clara e honesta alma, que, mais tarde, havia de vir falar aos corações endurecidos dos homens essa linguagem forte e vibrante de quem lança grandes palavras de verdade e de justiça do alto desse cimo a que ascendem todos os que crêem na bondade e na redempção da vida. Essa tendência revelou-se, porém, já no *Pomar dos Sonhos*, novo livro de versos que, passado apenas um anno, o moço literato deu à estampa. Abi, de envolta com preocupações duma belleza estatuaria bellenica, já um forte sopro de realidade moderna,—e sirvo-me do termo na accepção de que elle deva significar uma nítida compreensão da vida nas suas circumstâncias actuaes, tanto de facto como de aspiração,—, passava por



Pernambuco--A LINGUETA

toda a obra, illuminando-a duma tonica e reconfortante luz. Mas onde essa orientação absolutamente se affirma, marcando o termo fatal e justo duma evolução espiritual, largamente preparada, é sem duvida neste seu ultimo livro, que o poeta, como um apostolo, intitulou: *Entre a multidão*.

São palavras sãs e leaes, duma grande superioridade moral, ditas com o tom apaixonado do propheta que clamava no deserto a uma humanidade perdida na treva dos egoismos e na noite dos preconceitos. João de Barros é uma alma candida, e a sua juventude tem este requisito, que—parece um paradoxo, mas não é, infelizmente—raro se encontra já em peitos jovens: mocidade, que quer dizer illusão e esperança. Vivo, entusiasta, irrequinto, vé-lo, ouvi-lo, equivale a presentir uma ininterrupta vibração. É um sentimento, educado em principios de grande amor, que necessariamente implicam uma formidavel indignação. Como é um poeta,—canta, maneira de lutar mais efficaz nos nossos tempos do que a dos grandes prellos das epochas cavalheirosas. Mas na sua poesia ha reflexos de espadas, adivinha-se nella um vago tom de Marselhezas, e no clarão que ella derrama sobre esta sociedade de morcegos, habituada á escuridão, reconhece-se o fulgor daquelles fachos destinados a atear incendios. A sua aparente serenidade é feita de convicção,—e é de convicção que se alimentam as almas dos lutadores.

A multidão que sente, obstinadamente surda ás suas palavras, que glorificam a vida, livre de prejuizos e vaidades, eternamente renascendo no coração da terra e brotando em gerações fortes e sinceras, não julga elle decerto conquista-la, instantaneamente, para o credo a que subordinou as inspirações do seu espirito. Essa continuará, por muitos tempos, envolvida no seu conflito mesquinho e sangrento de interesses ferozes como alcatelias de lobos. Mas o poeta comprehende, e comprehende bem, que a palavra do apostolado nunca morre, e que dentro dum dia como dentro dum seculo ella ha de fatalmente triumphar, erigindo-se em norma social, muito embora já daquelles que a pronunciaram não reste, sob o pó, uma partícula do coração, nem na recordação dos homens uma syllaba do seu nome.

*Entre a multidão* é, pois, um livro sentido, e animado dos mais generosos intuições que hoje podem nortear uma intelligencia. E, se dos seus intuições passarmos á sua forma, a sympathia dos que hoje, por educação mental, podem apreciar esse livro recrescerá ao constatar a perfeita identificação que a uniu á idéa inspiradora. Dizia outro dia um illustre critico francez, referindo-se á obra de Brieux, que não admirava elle muito medianamente attender ás perfeições da forma literaria, tal como ella conservadoramente se define, visto que é uma característica dos temperamentos doutrinários e revolucionários importarem-se pouco com a formosura externa das idéas nobres e bellas que apostolisam. Os versos de João de Barros comprovam, porque elle é inequivocavelmente um dos que se devem encontrar envolvidos nesse reparo, as afirmações do critico francez. Caracterisa-os uma absoluta simplicidade; a ausencia de *trucos* literarios

é completa. Dir-se-ia que não está escrevendo para um publico exigente, mas sim falando naturalmente a irmãos, na intimidade dum lar. Por isso, abrindo o seu livro, temos a impressão de entrar na sua alma, no seu carácter. É um livro de recordação,—e creio ter achado o termo que melhor interpreta a sensação que experimentei ao lê-lo.

Muito novo, João de Barros tem diante de si um futuro largo. Não o direi um futuro brilhante,—a não ser para a sua consciencia, regosijada na satisfação do dever cumprido. Mas abre-se-lhe, no horizonte indeciso da vida, um futuro de combate e de sacrifício. E, novo, tem coragem, está orientado, possue um verdadeiro talento, e sobretudo um verdadeiro carácter. Tanto basta para que eu deva assignala-lo aqui, como uma das melhores esperanças da nova geração portuguesa.

## O romance

\* \* \* *Paixão de Maria do Ceu*—O novo romance do sr. Carlos Malheiro.—Qualidades e defeitos.—O eterno sr. Gallis.

Eis finalmente nas livrarias, e entregue ás discussões de todos os devotos da arte, o novo romance do sr. Carlos Malheiro Dias, cuja aparição proxima tive ensejo de lhes anunciar numa das minhas passadas cartas. Chama-se, como lhes disse, *Paixão de Maria do Ceu*, mas não é, como se receava, um livro mystico, destinado apenas a fazer florir primores de estylo. Todavia, também não é, como *O Filho das Hervas*, uma obra descobrindo, embora vagamente, intuitos duma nova e superior moral. O autor inclue-o numa serie, que parece disposto a continuar, e que intitula *Romances Nacionaes*. Dá um pouco a idéa de querer seguir o plano dos *Episódios Nacionales* de Galdós, onde o illustre romancista espanhol encerrou alguns dos seus melhores trabalhos. Mas no fundo a concepção diverge, porque enquanto Galdós, seguindo à risca o implicito programma de tales obras, procurava essencialmente evocar epochas e quadros historicos, vivificando as suas narrativas com a intercalação duma trama fantasista, o sr. Carlos Malheiro torna a época somente um quadro da efabulação que premeditou. E, neste caso, essa trama romântica é a paixão de *Maria do Ceu*, creaturinha caprichosa e animada, que submette o ingenuo coração ás mais triviais fantasmagorias do amor.

Torna-se difícil dar um juizo seguro sobre o valor do romance do sr. Malheiro. Tem cousas excellentes, como tem cousas pessimas. No que, porém, não podem caber duvidas é em que se trata dum trabalho extremamente precipitado. Segundo se deprehende da sua leitura, e os seus panegyristas afirmam, o sr. Carlos Malheiro tentou resuscitar a forma classica e eminentemente nacional de Camillo. No primeiro capítulo, o mais bem tratado sob esse ponto de vista, a imitação dá resultado e é tratada com bastante escrupulo. Mas nos seguintes o temperamento moderno do escriptor, porventura entre nós o mais imbuido de processos literarios estrangeiros, fa-lo evadir-se indomitamente ao que foi, pelo que vemos, uma preocupação

como dantes, de braço dado com Zola, e o romance, apesar dos termos pretenciosamente archaicós que o povoram, perde de todo o carácter nacionista.

Nas observações de personagens apenas uma se nos mostra logicamente traçada. E' a de Maria do Ceu, creança doce e frágil, que, abalando nos braços conquistadores de Marmont para além das fronteiras da sua pátria, não se pode precisamente afirmar que tenha obedecido a uma paixão, antes parece ter simplesmente sofrido a atração dumas dragões reluzentes e duns bigodes marciaes. O resto é falso, quando não é absolutamente falso. Por exemplo, Joaquim Telles, um dos apaixonados de Maria do Ceu, é uma figura desoladoramente contraditoria. Não quero já acentuar a flagrante incoherência com que o sr. Carlos Malheiro o apresenta numa página como um *caracter rígido*, fazendo-o logo *bandear-se para o partido dos fortes* na página seguinte. Trata da sua estrutura frustre, que leva essa personagem a desmanchar-se nas mais disparatadas resoluções e a assumir os mais antagónicos aspectos: hoje disposto a villanias, amanhã fracassando em desalentos injustificados, para depois se levantar à maior altura dos heroismos moraes. O mesmo sucede com o conspirador Sepulveda, homem d'antes quebrar que torcer, patriota indomável e irritado, que, tramando a expulsão dos franceses de Portugal por meio das sublevações vingadoras, nos aparece a consentir, sem reparo, a entrada de alcoviteiros franceses em sua casa, como professores de sua filha.

O que há de notável na obra do sr. Carlos Malheiro é verdadeiramente o estylo. Ali é que são admissíveis e necessários os elogios. Da *Mulata* para cá, do *Filho dos Hervas*, mesmo, que progresso se observa na sua forma literaria! E' um estylo de romancista, porventura um pouco monótono, mas que nunca descae na banalidade, mesmo na narração dos mais pequenos incidentes. Além disso a sua técnica é natural e consequente. A acção está bem travada, os quadros sucedem-se com lógica, os pontos dramáticos são aproveitados com habilidade e justeza.

A par disto, porém, quantos erros de detalhe, que comprovam a afirmação que há pouco fiz relativamente à precipitação da factura da *Paixão de Maria do Ceu*? Quasi se pode dizer que não há descrição que delles não padeça. No próprio perfil das personagens há destas imperdoaveis incorrecções. A páginas 55, o sr. Carlos Malheiro descreve os olhos de Maria do Ceu por esta forma: *olhos fulgurantes*. Pois bem! Em todo o romance, os olhos da protagonista são designados como *olhos pardos*, porque o romancista quer assim predispor-lhos para a cegueira que mais tarde a fulmina no regresso a Portugal. Nesta questão dos olhos de Maria do Ceu faz o sr. Malheiro descobertas extraordinárias. A um distintíssimo médico, meu amigo, mostrei eu, a ver se elle m'o explicava, este período terrivelmente nebuloso: «Quando a luz se refria na transparência do cristalino e aumentava o diâmetro da pupila negra na iris castanha, havia a convergência dum sombra opaca, vindinha conjuntiva, sob as palpebras, offuscando o brilho

dos olhos e ennevoando-lhes a iris, como se todos os raios luminosos fossem absorvidos, tocando o olhar duma penumbra». O meu amigo riu-se como um perdido, e só me deu a explicação de que estava positivamente a meter-nos os pés nas algibeiras um literato que, tratando de olhos, arranjava pupilas negras com iris castanhas!

Querem mais? A págs. 25, o sr. Malheiro apresenta-nos peraltas «com o chapéu de tres bicos empoleirado no sovaco»; a págs. 28 diz-se que em 1807, aos primeiros rumores de guerra com a França, «nos recessos da província, velhas fidalgas cairam em delírio» e a págs. 47 afirma-se que nada se temia, porque «a província foi sempre optimista»; a págs. 98 aparecem «cães grunhindo» e a págs. 113 «porcos fossando nos enxurros». Ha também a notar a descrição dum desastre de carrogem, que mal se percebe pela sua nebulosidade e umas confidencias do marquez de Alorna a Joaquim Telles, que são tudo quanto há de mais inverosímil, dada a distância hierárquica que separa os dois interlocutores e que só uma profunda intimidade pessoal, que não existe, poderia justificar.

Eis o que se me oferece dizer do ultimo livro do sr. Carlos Malheiro. Repito que é difícil um juizo seguro pró ou contra a obra. Tem bastantes qualidades, sobretudo as do estylo, tem inúmeros defeitos, sobretudo os do detalhe. Todavia, a meu ver, marca um progresso quanto à factura, e o sr. Carlos Malheiro, não fazendo com tanta precipitação os seus romances, —este é um livro que deveria ter demandado um largo estudo histórico, que tem mais de 400 páginas e que foi escrito em sete meses—, deve ainda tornar-se, pelas suas grandes qualidades de trabalho e obstinação, um romancista muito distinto.

A publicação semi-pornographic a que o sr. Alfredo Gallis deu o título genérico de *Tuberculose Social* conta mais um volume: *Os Decadentes*. O fundo da embrulhada são os amores dum Urso. Entram em cena uma nymphomaniaca e várias meretrizes. O calão é o mesmo. Adiante.

—A seguir.

MAYER GARÇAO.

### Epopeia do triunfo

Dessas que agora eu vejo aqui formosas outr'ora satisiz as ambições;  
sonhos doirei e as varias illusões  
suas—povoei de imagens luminosas.

O orgulho dominei das orguihosas,  
arrastei, ao meu plaustro, corações,  
e entre afagos, carinhos e afeições  
ia domando as turbas caprichosas.

Hoje, que trago, impavido, nos hombros,  
desses dias de luz somente escembres,  
hoje bem mais feliz eu sou que outr'ora.

Tenho a seguir-me, sempre, um olhar amigo,  
tenho uns sorrisos meigos que não digo  
e um coração de noiva que me adora.

Abdias Neres.



## João de Deus do Rego Flôr de neve

Nascera num paiz onde a cinza da bruma  
dos altos montes desce aos congelados rios.  
Estuava-lhe a paixão por sob os labios frios  
como vaga que freme encimada de espuma.

Andorinhas de alem, fugira uma por uma  
cada meiga affeição, aos seus olhos sombrios  
e do sangue no ardor de abrazantes estíos,  
sopitado e em revolta, um grande amor reçuma.

Então cingiu á face a mascara de gelo  
que da tortura esconde o estolido requinte  
feliz de assim poder no imo peito esconde-lo.

E como flôr de orgulho, em provocante acinte,  
erecta e senhoril, os homens vence pelo  
desdem do regio olhar,—outrora vil pedinte.

ALVES DE FARIA.

## A Severo, filho da minha terra

Severo—da Sciencia o Triunfante, exul,  
Dos astros quer tocar as fulgurantes móes:  
—O Filho que estremece o Cruzeiro do Sul  
Do alto quer mirar dos Andes os lençóes.

Ei-lo varando o Céu,—ei-lo a singrar no Azul,  
Deixando cá, na terra, os tristes arrebóes;  
Leva-o á enormidade—o Pax—grande e taful,  
Voando no Infinito, em busca doutros sões.

Filho do potyguar—destino inelutavel!—,  
Correste da Sciencia a enorme trajectoria,  
P'ra livrar do marasmo a terra miseravel.

Arrojado voaste ao extremo da Glória  
E o mundo inteiro grita:—E Grande! E Inegualavel!  
Morreu dentro da Luz—para viver na Historia.

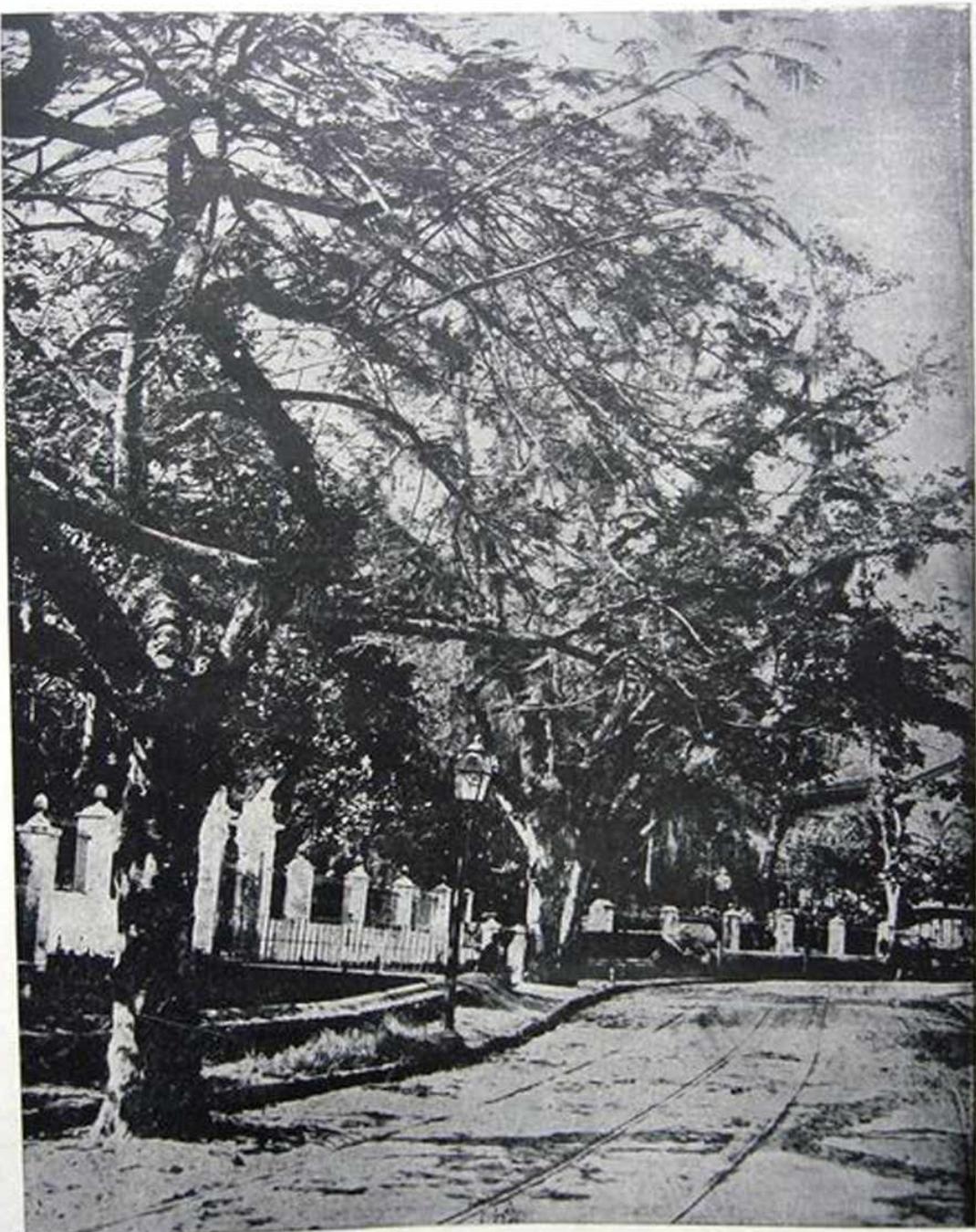
JOÃO GRACISMAN.

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 1 de Agosto de 1902

NUM. 23



RIO—Laranjeiras

## Immutavel

Mórem as virgens nos seus leitos castos  
entre a móle e finissima cambráia...  
E a lúa fria nos espaços vastos  
serenamente d'entre nuvens ráia.

O occaso da velhice a fronte enturva  
e faz entristecer como um outono...  
E o sol na doce e fulgurante curva  
surge acordando os vegetaes do sonno.

A Dór lanceia os peitos lutadores  
e rasga fundo a carne nas entradas...  
Pelas campinas vão brotando flores,  
brótam flores pelo alto das montanhas.

Brilha o sorriso candido da infancia  
na peqüenina boca perfumada...  
O espinho, o cardo, as urzes sem fragrancia  
brilham tambem aos cantos da alvorada.

As lagrimas rebentam-nos dos olhos  
em turvos rios de atro sentimento...  
O mar bravio tuge nos escolhos  
e estoura sob as convulsões do vento.

As mães, no berço, embalam docemente  
os filhos, com os mais intimos carinhos...  
Nas arvores do campo rescentente  
vão as serpentes devorando os ninhos.

Passa na estrada um limpido noivado  
cheiroso á rosa e á flor de laranjeira...  
O coveiro já velho, encarquilhado  
abre uma cova á sombra da nogueira.

O profundo contraste incomparavel,  
eterna lei, cyclópica ironia...  
Como tu és estranha e formidavel  
Força impassivel ! Natureza fria !

CRUZ E SOUSA.

Esta bella poesia constitue um inedito do bizarro poeta dos Faroes. Devemo-lo á gentileza do joven escritor Fraga de Castro.

## A Carta

Tres dias depois, tres dias depois que as suas piedosas amigas a conduziram, num caixão de veludo branco, sob uma chuva de boninas e flores de laranjeiras, para aquelle velho cemiterio, que alveja silencioso ao fundo da estrada, em cujas orlas as papoulas e os junquinhos sorriam para o viandante, eu entrei, guiado pelas minhas fantasias dolorosas e pela minha Paixão em delirio, na abandonada alcova de onde a sua alma, como as almas das santas, voou para o collo de Deus.

E—oh ! milagre dos amores allucinados !—eu senti que tudo ali me falava, desde os desbotados laços de fita confundidos com o pó, até ás trepadeiras moribundas que engrinaldavam as janellas...

Dizia o travesseiro d'entreos finos tecidos de seda azul-celeste:

—Ai ! Sobre mim Ella repousou a cabeça tentadora. Ouvi o musico tropel dos sonhos que lhe chegavam e fugiam nas azas misteriosas do Somno e embriaguei-me com o sandalo dos seus cabellos pretos...

Ai ! Quando voltará Ella ?

Suspiravam as cortinas do leito:

—Ai ! Ha tres dias que Ella não vem...

Fomos nós que lhe ouvimos os suspiros do seio e lhe sabemos os segredos da virgindade. Todas as noites—lebramo-nos ainda—vinha um anjo d'azas tão brancas como as espumas do mar e tão formoso como um principe encantado ajoelhar-se á sua cabeceira, enquanto Ella dormia... Seria o Anjo da Guarda ?

Ai ! que saudades que temos !

Lastimava-se uma brochura na solidão dum contador:

—Ai ! Desde que aquellas travessitas aqui entraram e a levaram, toda enfeitada de laços e flores, nunca mais, nunca mais as minhas pobres e desbotadas letras se illuminaram com os raios do seu olhar e nem mais as pontas dos seus dedos perfumaram as minhas velhas paginas...

Ai ! para onde, para onde a levariam ?

Abandonada a um canto da solitaria estancia monologava uma velha harpa:

—Ai ! Sobre as minhas cordas cairam, engastando-se, muitas das suas lagrimas, quando Ella cantava, acompanhada por mim, as modas da sua terra, ou quando a pungia a saudade dos seus amores extintos.

Como eu era feliz, aspirando-lhe os perfumes da boca e ouvindo-lhe as ondulações maviosas do collo !

Ai ! para que logares foi Ella ?

Um ramo de violetas murchas:

—Ai ! Foi nos seus ricos canteiros que primeiramente sentimos as pompas da vida ! Como nos acarinham aquellas bemfazejas mãos !

Depois foi nosso throno o decote dos seus vestidos, onde brilhamos como rainhas.

Tambem fomos as suas confidentes: ouvimos no ultimo baile, entre toda aquella profusão de sedas e cristaes, de luzes e flores, o que dizia a sua alma em festa ao par que lhe enlaçava a cintura melindrosa... Dize-nos, tu que a amaste e que a procuras agora, exalaremos o ultimo suspiro sem a benção ao menos do seu olhar de amiga ?

Ai ! porque não volta essa ingrata ?

Uma carta sobre um consolo, onde expirava um raio da tarde em agonia:

—Fui eu a ultima em que Ella te mentiu, pobre Sonhador, que ainda voltas, para chorar-la talvez! Cada letra que negreja na minha brancura é um abysmo que aquella perfida Amorosa cayou para cada uma das tuas illusões, meu doce Fanta-sista! Volta, volta com a tua divina bagagem de esperanças...

Foge de mim: eu sou a mentira tentadora, a mentira que allucina e que despenha...

Eu...

E uma brisa odorosa e pura—talvez a alma da Morta saudosa—adelgacando as cortinas da janella, levou para longe, para bem longe de mim, aquella immaculada folha, atraç da qual a minha alma—noma sequiosa—jornadeia até hoje ao sol de todos os dias ruidosos e ao luar de todas as noites mernocicas...

Deus te dê um feliz, um venturoso destino, ó carta, ó adorada Malfazeja!

Pard.

JOÃO DE DEUS DO REGO.

Este delicado trecho foi escrito para a nossa Revista, na vespera de morrer, por João de Deus do Rego. Aqui lembramos aos seus amigos a conveniencia de reunir em volume as suas prosas esparsas.

## O panslavismo

É um facto incontestável que o panslavismo inquieta a todos os povos. Na Europa, mais do que noutra qualquer parte do globo, apresenta-se cheio de arrogancia. A politica do gabinete de S. Petersburgo atemoriza a todos os vizinhos do grande imperio moscovita.

Em 1891 o deputado Popowski, orando no Reichsrath sobre o perigo russo, procurou, diz Ldwig Gumplowicz, na sua *SOCIOLOGIE UND POLITIK*, estabelecer a distinção entre o slavismo e o panslavismo. Estes dois vocabulos, na opinião do illustre parlamentar austriaco, designam dois factos, duas correntes, cuja diferença deve ser conhecida. En quanto o panslavismo é uma *propaganda política* oriunda da Russia, atraç da qual se esconde o *panslavismo*, com todas as suas consequencias, (despotismo, orthodoxy grega, etc.), o slavismo é um simples phenomeno literario.

O Principe de Bismarck, apesar de immensamente orgulhoso, por ter conseguido fazer da Alemanha uma potencia de primeira ordem, escrevendo, quando já estava retirado da corte, a historia da sua vida, não poude dissimular o que previa o seu espirito de homem superior: a inevitável preponderancia da Russia sobre os negocios europeus. Ainda hoje, nas altas esferas politicas, pairam as mesmas duvidas que tanto impressionaram o venerando solitario de Friedrichsruhe.

Tornar-se forte, rica, poderosa, tal é o objectivo da Russia contemporânea; e a grande numero de patriotas a autocracia é o que num dia, não muito longínquo, garantirá a supremacia nacional.

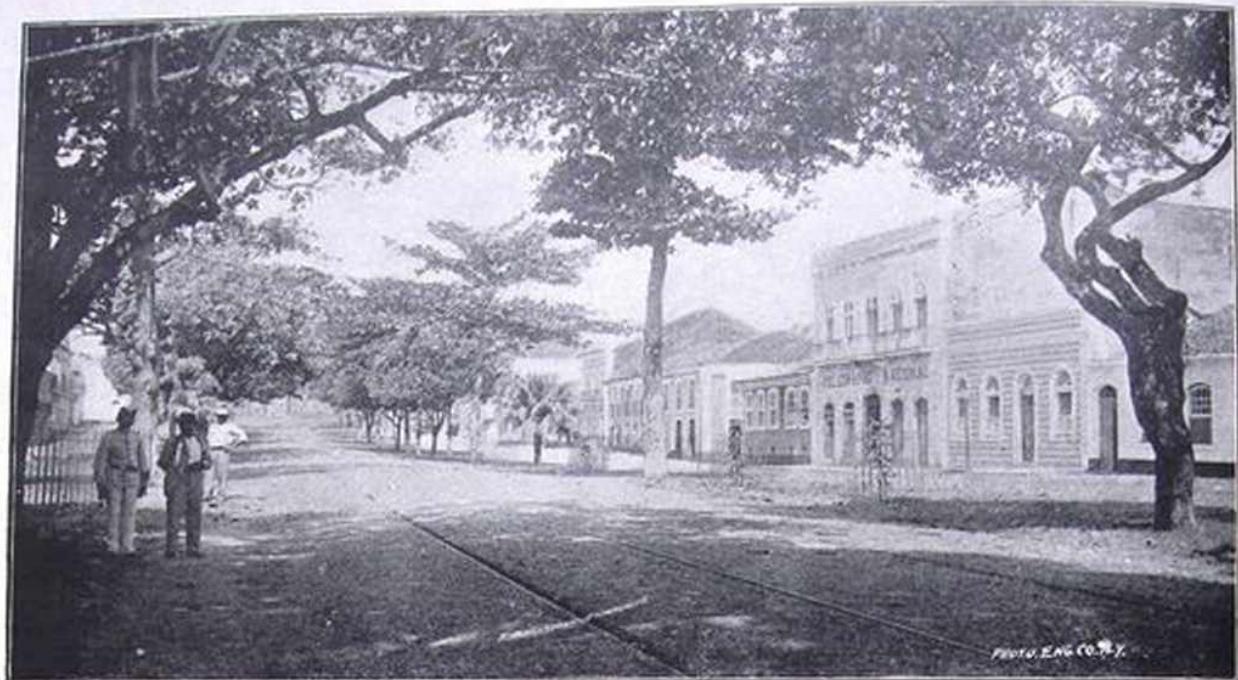
A Russia unida, como que fechada nas mãos do soberano, é um verdadeiro espantalho a toda a Europa, dividida e extraordinariamente ameaçada pelas diversas facções politicas e pelo profundo odio das classes pobres contra os seus oressores dominantes; a Russia, acrescentamos, deante da pavorosa desorganização da sociedade hodierna, causa terror a qualquer nação, até mesmo aquellas que se julgam inexpugnaveis, a exemplo da Alemanha.

O colosso russo, escreve Anatole Leroy-Beaulieu, não deseja ceder o seu quinhão a ninguem; das bocas do Danubio aos mares da China, elle tambem colloca as suas forças para as lutas supremas, pacificas ou guerreiras. Alargar, prosegue o autor de *L'EMPIRE DES TZARS ET LES RUSSES*, o campo das suas industrias; transformar o velho imperio rural em potencia manufactureira, prevenir, por leis sociaes, as lutas de classe que perturbam as nações do Occidente e enfraquecem os concorrentes da Europa e America; dar saída aos productos das suas fabricas, que já precisam de novos mercados; levar os seus caminhos de ferro e os seus colonos através das steppes e dos desertos, além da muralha da China, que se desmorona, até aos mares livres, onde brilha o sol, até aos grandes formigueiros humanos do Oriente amarelo; abrir as azas protectoras da aguia tzarina sobre a imensa Ásia musulmana ou pagã, sobre os povos moribundos e os imperios em decadencia, não é uma obra vastissima para a primeira metade do seculo XX, de elevado alcance politico para as gerações proximas?

Effectivamente, as conquistas pacificas obtidas nestes ultimos annos pela Russia, impondo-se mais do que outro qualquer paiz ao equilibrio europeu, fazendo valer o seu prestigio, sem que para isso tenham sido utilizados o ferro e o fogo, constitue tudo isso uma victoria digna de admiração e assegura-lhe o papel saliente a representar nos destinos da humanidade. Dada a hypothese de que no velho continente rebentasse uma guerra formidanda, parecendo transformar-se numa conflagração internacional, decreto a palavra de Nicolau II, a quem se pôde denominar *Mehrer des Reiches*, seria ouvida debaixo do maior silencio; em tal emergencia, a opinião que, porventura manifestasse o Tzar, impôr-se-ia a todos os combatentes.

Não fantasiemos. Na recente guerra sino-occidental, embora a Alemanha tivesse a direcção suprema dos exercitos aliados em operações no Extremo Oriente, foi inquestionavel a grande influencia do governo moscovita. Então falou-se muito na incorporação da Mandchuria aos territorios do Tzar. Nicolau II, porém, com uma habilidade que admirou ás outras potencias interessadas no problema chinez, conseguiu dissipar os temores. O soberano russo contentou-se apenas com uns tantos privilegios, que mais tarde lhe darão a posse definitiva daquella província.

E essa conquista que se preparou, e ainda se



**MARANHÃO**—Largo de Palacio



**PARÁ**--Travesa São Matheus

SUPPLEMENTO AO N. 23

I DE AGOSTO DE 1902



A REVISTA DO NORTE

Em casa pateiro

MARANHÃO-BRAZIL

prepara, tão intelligentemente, ha de passar sem protesto; nenhum embaraço encontrarão as tropas russas para se estabelecer onde as levar a vontade do Tzar.

A cessão da Mandchuria far-se-á como se fez em 1888 a de Porto-Arthur e Tu-Lien-Wau. A principio tudo será provisório; mas depois a Russia saberá empregar a sua diplomacia, que, nestes arranjos de imperialismo, occupa a primeira linha.

O conflito de Tien-Tsin, entre soldados russos e ingleses, trouxe a todos a mais absoluta convicção da supremacia da Russia na Asia. A Inglaterra desejou mostrar-se arrogante, quiz mesmo pedir satisfações a S. Petersburgo, mas lembrou-se a tempo de que se achava esgotada com a guerra sul-africana; reflectiu cedo e, afinal, reconheceu que à sua frente havia um colosso e não um Transwaal.

Como se vê, até a orgulhosa Albion se curva em posição quasi humilde a esse povo, considerado hoje mais do que uma nação: um elemento.

A política do seculo em começo será, convençam-nos, inteiramente absorvida pela raça slava, cuja dominação não se circumscreverá á Europa, mas a todo o mundo.

*Recife, junho.*

PEREIRA DA COSTA FILHO.

## O mez literario em Portugal

### A poesia

\**Ladeira acima—O sr. Cesar Porto e os seus trabalhos literarios—Caminho errado.*

Além do livro de João de Barros, *Entre a multidão*, a que já alludi acima, veio também ter-me ás mãos um volume de versos do sr. Cesar Porto: *Ladeira acima*. Diz-se um volume de versos, para não dizer de poesias. Com efeito, as paginas do livro do sr. Cesar Porto tem versos. Eu tenho-as aqui abertas na minha frente, e vejo, não há dúvida nem pretendo negá-lo, uma serie de linhas, umas maiores, outras mais pequenas, dispostas regularmente,—o que para muita gente é a unica característica que lhe permite diferenciar o verso da prosa. Chegando mais os olhos, posso ler algumas dessas linhas, e ver que em algumas partes elas estão metrificadas. Mas o que não lhes encontro, ainda que as metta pelos olhos a dentro, é poesia; isto é, sentimento, harmonia, rythmo; nem o brilho da imagem, nem a linha da forma. Trata-se apenas disto: dum rol de amores, na primeira parte: o *Caminho espinhoso das rosas*, e de seccas ponderações filosóficas, expostas em ar pedante de conferencia scientifica, na segunda: *Ao Sol. Pobres*.



OS TYPOS POPULARES PARAENSES—O LEITEIRO



Os políticos do Norte—DR. ARTHUR LEMOS

meninas de Dresden, Paris, Lisboa e Porto, e pobre sol de toda a parte ! Que massada !

Surprehendeu-me o livro, porque eu tenho o sr. Cesar Porto por um espirito muito ilustrado. Ora por se ser ilustrado não se segue que se seja necessariamente artista, mas o que um espirito intelligente deve reconhecer é que não deve sair do que é e pode ser. O sr. Porto tem recursos para ser um escriptor doutrinario, mas falecem-lhe para ser um literalo ameno. Não conheço os seus primeiros *Versos de Mizaldo*, e já agora não os conhecerei nunca,—porque tive de ler estes. Mas li os *Naufragios*, um romance por elle publicado ha dois annos, e onde, tirando algumas observações bem teitas, mas inteiramente destituidas de exteriorização artistica, logo me pareceu que ia mal enveredado para a literatura. O sr. Porto não tem sentimento, não tem forma, não tem imaginação, não tem brillantismo, não tem espirito. Escreve arte como faria contas de sommar. Parece que faz literatura a peso. E' um horror ! E isto é uma obrigação moral dize-lo a quem já fez tres livros e já apresentou dramas ao Theatro Normal, onde com tudo não foram aceitos. O sr. Porto protestou nessa occasião contra o que elle denominou uma injustiça, mas desgraçadamente livros como o *Ladeira acima* não corroboram os seus protestos: pre-judicam-os. Não é natural, não é possível que fizesse causa com geito quem denota tamanha ausencia das qualidades mais fundamentaes do artista.

E nada mais, a não ser um folheto, *O sol do Jordão*, com meia duzia de sonetos infantis, que não vale a pena discutir. Chama-se o seu autor Albino Forjaz de Sampaio.

## O theatro

No D. Amelia—*Sada Iacco e o theatro japonês*—*Decepção*—*O snobismo intelectual em Lisboa*—*Na terra do Mikado*—*Arte e exotismo*.

A nota sensacional do mez artistico, no theatro, foi sem duvida a apparição de Sada Iacco no theatro D. Amelia. Acompanhava a actriz japoneza um longo côro de ovacões e reclamos, vindos do estrangeiro. Quasi todos a comparavam á Duse e á Sarah, outros punham-a mesmo acima destas duas grandes interpretes das paixões nos tablados dramaticos. Assim, quando o pano subiu para a deixar vér, no meio da sua exotica companhia, não havia ninguem, na multidão agglomerada na vasta sala do D. Amelia, que não estivesse na expectativa dum prodigo.

Pois bem, digamos toda a verdade,—foi uma decepção. Findo o primeiro acto, já ninguem se atrevia a conceder à japonesinha e ao seu theatriinho outra cousa que não fosse o attractivo da curiosidade. Era interessante vér aquellas figuras conhecidas das chicaras, dos pires, dos bules e dos vasos, movendo-se e gesticulando num scenario que faria lembrar, pela pobreza e pela escassez de gosto, as barracas miseráveis das feiras. Mas era somente interessante, e depressa aborrecia pela infantilidade, pelo grotesco, pela incoherencia das expressões physionomicas e pela continua sucessão de scenas de pancadaria de que se alimenta, pelo que vimos, a dramaturgia japoneza. Apenas Sada Iacco se salvou um pouco no terceiro acto do *Kosan*, nessa noite, estendendo com graça o pescoco para morrer. Os mais, desmorchando-se em continuas cabriolas, estavam antes pedindo a arena dum circo do que o palco dum grande theatro.

Todavia, tendo corrido toda a noite entre gargalhadas ou bocejos, no outro dia quasi toda a imprensa cantava louvores a esse perfilzinho de miniatura, falando muito do Extremo-Oriente, com recordações de livros de viagem; e pretendendo provar que Sada Iacco a tinha plenamente satisfeita, porque o Japão é, na verdade, dum exotismo encantador. Era a debil expressão desse *snobismo intelectual* que tem atacado a Lisboa das *premières* estrangeiras. Em vindo alguém, soprado pelas trombetas da reclamagem, logo essa gente se dá ares de comprehendêr as suas pesadas responsabilidades internacionaes. Pois quê ? ! Aplaudiram a Sada em Paris, em Barcelona, e nós não havemos de aplaudir ? ! Que importa que se não perceba, que importa que se não sinta ! E' extraordinaria de arte,—porque o Japão é lindo...

A verdade é que Sada Iacco, pelo que se pode deprehender dos seus gestos e das suas attitudes, seria uma actriz bastante inferior, e como tal reconhecida, se por desgraça sua usasse um nome

portuguez. Não ha detalhe no seu trabalho, não ha coherencia nos seus papeis. No *Kosan* representa um papel de tísica moribunda. Pois, durante um longo espaço, não tosse uma só vez e só quando chega o momento de marchar desta para melhor é que emprega um quarto de hora a tossir, monotonamente, sem dizer nada. Depois sobe para um estradosito, encruza as pernas, mata o filho, e de repente estende o pescoço, dá uma cambalhota, — e foi-se!

Se passarmos da artista para a sua arte veremos que ella quasi não merece este nome, tão primitiva e grosseira é. Ah! decididamente o Japão, apesar do prodigioso esforço que algumas classes sociaes querem imprimir-lhe, para, evadindo-se á sorte da China, o fazerem ingressar na civilização moderna, é bem ainda o povo de monete e saias que atura o paspalhão do seu Mikado! Sendo a arte uma expressão de progresso social, que pode esperar-se dum povo cuja arte dramatica mais subida reside ainda em punhaladas, abysmos, cabriolas, danças extravagantes e caretas ridículas?

A Sada, trazida como uma celebridade estrangeira, não tem portanto nenhum ponto de contacto com as grandes actrizes de reputação universal, que a japonezinha, todavia, em certos *ties*, procura desastradamente imitar, e quanto á sua arte se á boa para creanças, em espectáculos movimentados de circos, com trajes exóticos, mas não para públicos ilustrados, que procuram aprehender, vinda lá de fóra, uma parcella de novidade educativa e emocionante.

Nos outros theatros, nada ha a notar. D. Maria tem feito *rêprises*, e as restantes casas de espectáculos, que ainda não fecharam, continuam dando as mesmas recitas do mez findo.

## Outros livros

Theophilo Braga, o incançável trabalhador, publicou, na livraria Manuel Gomes, em terceira edição, a sua *História da poesia popular portuguesa*. Esse livro, embora já muito conhecido dos estudiosos, saiu pela primeira vez em 1868. Nesta terceira edição o grande professor acrescenta-lhe todos os materiaes adquiridos de então para cá, completando assim o plano da sua obra, a qual, agora, tem mais do dobro do texto que primitivamente comportava. Os temas fundamentaes da poesia do povo são estudados nas tres formas da canção popular: lírica, recitada e bailada, e pela primeira vez se explica na obra a unidade das tradições poéticas occidentaes. O trabalho de Theophilo, como todos os que saem da sua infatigável pena, é mais um daquelles com que o illustre escriptor tem procurado radicar no nosso paiz o sentimento da vitalidade nacional.

Saiu tambem um livro de grande utilidade, editado pela livraria Tavares Cardoso. Refiro-me aos *Estrangeirismos*, do sr. Cândido de Figueiredo, cujas lições sobre a língua portuguesa são bem conhecidas em Portugal e no Brazil. Escripto na for-

ma amena que o público já conhece dos interessantes artigos de Caturra, junior, o trabalho de Cândido de Figueiredo é um indispensável auxílio para os que queiram escrever portuguez com propriedade e segurança.

A mesma livraria editou uma traducção da *Resurreição*, de Tolstoi.

A sra. Maria Amélia Vaz de Carvalho, inegavelmente entre as nossas mulheres de letras a que escreve com mais brilho, contribuiu para o movimento literario deste mez com um novo livro: *Figuras de hontem e hoje*. Traçado pelo modelo doutra obra sua, *Alguns homens do meu tempo*, o livro, que é quasi um reportório de evocações, occupa-se das figuras literarias d'Eça de Queiroz, Thomaz Ribeiro, Serpa Pimentel, António Ennes, etc. Esta é uma das partes: a outra constitue-se de crónicas, uma das quaes, que é um primor literario, se occupa da excommunhão de Tolstoi.

Por ultimo, um escriptor novo, e que em revistas e jornaes deu já provas de verdadeiro merecimento, o sr. Manuel Laranjeira, publicou a sua estréa no Porto com um trabalho, a que deu o nome de «prologo dramático» e a que poe o título de *Amanhã...* É uma tentativa literaria de carácter social, concretizando em quatro ou cinco personagens outros tantos symbolos de teorias e rotinas. Mau grado a minha sympathia pelo joven escriptor, não posso impedir-me de reputar mau o seu livro. Afigura-se-me fruto de principios mal definidos e julgo entrevêr que o seu fundo não é bem o da experiência da vida e da intenção das suas legítimas aspirações, mas sim o de influencias de predilectas leituras literarias. O *Amanhã...* não chega a fornecer-nos elementos para uma conclusão pessoal nitida e a personagem symbolica, cujas reivindicações o autor parece desposar, pouco mais incute no nosso espirito do que o barulho das suas violentas declamações. É de esperar que o sr. Laranjeira, em obra de maior folego, venha a expôr com mais nitidez e mais verdade as suas arrojadas doctrinás.

31 maio.

MAYER GARÇAO.

## Saudosa

AO DR. ARTHUR LEMOS

Depois que de longa ausência,  
com a mais dura inclemência,  
o duro golpe soffri,  
o teu vulto de creança  
me está sempre na lembrança  
que ainda vive de ti.

Por toda a parte te vejo:  
nas azas do meu desejo  
no seio da soledade,  
ouve, ó flor do meu encanto,  
não ha dor que dóa tanto,  
como a dor de uma saudade!

Quero dizer-te, baixinho,  
ave erradia e sem ninho,  
por quem minha almainda espera,  
aqueles bemditos sonhos  
que sonhamos, tão risonhos,  
como um ceu de primavera !

Ouve ! As flores que deixaste,  
saudosas murcharam na haste,  
—as flores sabem sentir !...—  
vem dizer-lhes teus ciúmes,  
vem contar-lhes teus queixumes,  
quando da tarde ao cair !

Quando o sol no ceu declina,  
creio inda vê-te, divina,

## O impotente

Alma que eterna gême, Alma que eterna chora,  
No omnivomo fatal da raivosa agonia,  
Que desespera e ri, num riso que apavora,  
E's do Diabo irmã, guerreira irmã judia !

Abocanhas feroz todo esse mundo agora...  
E quando o Bem se chega a ti, sinistra e tria,  
Dás mil saltos reveis e sáes, macabra, afóra...  
Na amplidão do Silencio e da Melancolia !

Numa louca tortura e num lento penar  
Invectivas o Deus, inveclivas o Mundo,  
A Vergonha e a Dôr são para ti mercenarias...



MARANHÃO—Jardim da Praça do Commercio

as horas beijar—então,  
e ao contar-te o meu desejo,  
rubra, ficares de pejo,  
e, a custo, dizeres—não !

Deixa, pois, esse retiro,  
aonde vai meu suspiro  
teu halito bafejar;  
quero envolver-te em meus braços,  
e da luz aos clarões baços  
teus labios beijar, beijar !...

Belém do Pará.

GUILHERME DE MIRANDA.

Na harmonia entre todos os egoismos legítimos e todos os altruismos bem entendidos é que consiste a moralidade, estrela polar que deve guiar o homem no oceano agitado e tumultuoso do mundo.

J. AUGUSTO COELHO.

E vendes a qualquer a consciencia alvar !  
E quando um Novo triunfa ao teu cinismo imundo  
Sangra o teu coração de luvejas sanguinarias...

FRANCISCO SERRA.

Os olhos e os pés, polos de todos os viventes,  
querem-se na mulher bella esculturaes—vivos e  
ardentes aquelles, pequenos e torneados estes.

FRAN.

Transformar certo numero de acções variaveis  
em hábitos deve ser a grande aspiração do educador.

J. AUGUSTO COELHO.

Uma obra de arte só é immortal quando fixa  
numa forma classica o ideal das gerações para  
quem foi escripta.

HENRY BERENGER.

# A Revista do Norte

ANNO I

Maranhão, 16 de Agosto de 1902

NUM. 24



Dr. Lauro Sodré

## Pelos campos

Este caminho, que eu agora sigo,  
Leva-me direitinho aquela aldeia...  
Mas esta arvore cede-me um abrigo,  
E ao pé della um regato serpenteia...

Nosso pai—o Sol, nossa mãe—a Terra  
Estreitam-se em caricia fecundante...  
Mas já com sede a boca ella descerra  
Sob os beijos viris do loiro amante.

Os salgueirinhos finos, debruçados  
Sobre o fio de rútilos cristais,  
Olham as claras águas, maguados  
Porque não podem debruçar-se mais.

Tem a voz forte, tem o olhar profundo,  
E quando canta, canta fortemente.  
Mulher e terra: tudo tão fecundo!  
Que bellos campos p'ra lançar semente!

Passa uma arageim frésca, Ha tanto ruído!  
Sinto em volta o batêr de corações.  
Como isto é lindo, triunfal, florido,  
No abraço imenso das fecundações!

Lembra-me a minha bella, o seu cabello...  
Que linda vaca! E fita-me, tão mansa!  
E o doirado, a cõr fulva do seu pelo,  
Vem-me recordar o oiro duma trança.

Sinto-me forte e bom; sinto mais ar,  
Sinto-me mais alegre, mais sadio.  
Seria até capaz de improvisar  
Mas versos p'ra cantar ao desafio.



MARANHÃO.—UM GRUPO DE CYCLISTAS NO VELODROMO S. LUIZ

Estes choupos, formados em fileiras,  
Fitam o céu, esbeltos e direitos.  
Cobrindo a Terra, as loiras sementeiras  
São o leito que brota dos seus peitos.

Numa cama em flor—basta de trabalho!—  
Um bom velhote vai dormindo a sesta.  
Em cima, entre a folhagem do carvalho,  
Os pardais andam a chiar, em festa.

A todos os sons presto o meu ouvido.  
E aqui, esta ceifeira, como é bella!  
Pára falar-lhe, finjo-me perdido...  
(Talvez *perdido* pelos olhos della).

De pé, co'a foice, mostra-me o caminho...  
Que linda camponéza! Ai! deus-me-valha!...  
Rosto tostado, cheiro a rosmaninho,  
Chapéu grosseiro de grosseira palha...

Vou apanhar, p'ra a pôr na botoeira,  
Aquella flor, ali, entre o restôlo.  
Curvo-me p'ra a cheirar: que bem que cheirat  
Mas colhê-la é um crime... E não a colho!

O amor anda pelo ar... Em cada uma  
Das coisas pelas outras se revela.  
Aquelle segadôr que além se apruma  
Abraça com amôr uma gavela.

O' meu amôr! querida! sê bem-vinda  
Ao logar em que o nosso amôr é forte!  
A vida é toda amôr, é toda linda,  
E éinda vida, é sempre vida a morte.

S. Paulo.

NENO VASCO.

E quem se artisava uma Revolução, sabendo que iam fracassar os seus ideais? E quem se aventurava migrar, se tivesse a certeza de que não voltaria para casa? E quem se dedicava a um trabalho que exigia horas certas para se meter a um marabunta, de movimentos nebulosos, impulsionados por impulsos compassados, horas certas para se meter a um trabalho e o Trinão! O homem ficava reduzido a uma máquina, de movimentos nebulosos, que só podia exercer-se a Esperança, o Fimbusismo, o Desmimo e o Triunfo!

Em bases circunstanciais, ate a existencia seria msgquinha e monotonha; quer dizer: se pressen-  
sados a dorar idoles-gestos, a contemplar o per-  
sado como bicho do fundo, a vergar a cabeca as  
praxes, a vida lorinhar-se-la num gousa sibida, sem  
interesse, sem alegrias nem prazeres, sem cora-  
gens nem deslalhecimentos, porque de antemao lo-  
dos sabemos o que nos haver de acontecer.

Não sei! O que é que o cumprimento integral dos preceitos sociais fazem ao homem um ente mesquinho, sem critério seu, sem opinião própria, sem caráter individual, nem as mais rudimentares noções de soberania, por que, emigridos as suas vidas ao critério do maior número, pensa pela opinião comum, acaba pela opinião dos outros, ou que significa ser banal. A honradez é, então, uma banalidade.

Portimão, so a grande com quem se vive não nos merece frangos, porquê debruçar em seu lebreiro as nossas intenções, como é possível ser-se hon-  
rado?

Ora isto pode ser? Não.  
Mas ordenei a boa regra da mesma convenção  
que não se ligue a destróges sobre o caráter  
de ninguém, para não carmos na transigenia,  
apontando a devoção malvada, que se jamos frances,  
constituem.

vezes, o do proprio Instituto da Conservação possuía vários organismos e deles, com o decorrer do tempo, muitas vezes, se transformaram em organizações de conservação, outras serviram de base para a criação de outras, e assim por diante.

A honradez, tomada no sentido usual da palavra, tal como o vulgo a empregá-la, é um princípio de direitos individuais aos cidadãos, e a possibilidade dos governos, e o desprendimento pelas tribunais nos pagamentos, e o cumprimento das sentenças imobiliárias dos devolvedores imobiliários. A honradez, tomada no sentido usual da palavra, que é de direitos individuais aos cidadãos, e a possibilidade de desprendimento das sentenças imobiliárias dos devolvedores imobiliários, é um princípio de direitos individuais aos cidadãos, que é de direitos individuais aos cidadãos.

OS TIPOS POPULARES PARABENSSES — O PEIXEIRO



Houve horrores que um ministro português, que admirou nas Camaras, entre empolgado e orgulhoso, ser um homem honrado, com esse gabinete deshonrado, Pôs bem: a meu ver, semelhante axioma é um par como o pão para a boca.

Historia Pratica

rer, minutos estabelecidos para fecundar. E assim caminhariam os annos, os séculos, sempre a mesma cousa, constantemente os mesmos gostos, eternamente a mesma monotonia. Que horror de Vida!

Pois a Vida não é, nem pode ser nada disto! Em volta de nós, o Mysterio donde viemos e o Desconhecido para onde vamos, é implacável; as philosophias do além caem pela base como cairam as cosmogonias egípcias; a Vida e a Morte são invencíveis; dentro de cada homem jamais se arranca a sua individualidade. E ser individual não é cingir-se ao criterio do maior numero nem ser exótico; é, pelo contrario, ser lógico, coerente, mas ter uma opinião sua firmada no seu temperamento indestrutível.

instrução, para o fomento do progresso, para o caminhar da Vida, no intuito de aperfeiçoar as intelligencias, o que é mister é ser intelligent.

Porque a intelligencia, hoje, governa o Mundo.

Com intelligencia vencem-se as mais intrincadas questões e aniquilam-se as vontades contrárias mais tenazes; porém, como a intelligencia não admite peias seculares, porque inventa e cria, pela comparação do passado com o presente, novas formulas de felicidade para o futuro, não é facil ser ao mesmo tempo honrado e intelligent, segundo a praxe. Daí, ou se é uma ou outra cousa só, porque ambas juntas não querem dizer nada.

Ser honrado como hoje se entende é ligar as acções á opinião geral e trazer o pensamento jun-



PROPRIEDADE DA GARANTIA DA AMAZONIA—BOULEVARD DA REPUBLICA,  
ESQUINA AVENIDA DR. FRUCTUOSO GUIMARÃES

Ser honrado em política, conforme toda a gente o entende e o ministro disse, equivale a ser tolo; isto é, a revestir-se dumha especie de manto, que, se não tolhe os movimentos a cada passo, trai as intenções.

Pois como pode prevenir-se, quem governa um paiz, contra a astúcia dos outros, (hoje que, por toda a parte, a ganancia se fez matéria corrente), se tiver a pécha da pseudo-honradez lendária, que o não deixa mascarar desejos para combater maus fins na esperança dumha sonhada victoria? Não é possível?

E como ha de livrar-se de traições quem não admite traidores?

Ser honrado, deste modo, pela norma geral, é ainda mais do que ser tolo,—é ser prejudicial para si e para os seus semelhantes.

Depois, para a boa gerencia dumha nação, no tocante ás garantias do povo, que deve ser o *desideratum* de quem administra, para a divulgação da

gido a preconceitos; ser intelligent é seguir o seu caminho na Vida, sem lhe importar o criterio dos outros, depois de ter tracado um caminho honesto. A honradez é sempre acanhada e restricta; não vão os de fóra pensar mal de nós; a intelligencia, pelo contrario, é arrojada e larga, porque pouco lhe importa o fallacear das multidões, contanto que a intenção seja generosa.

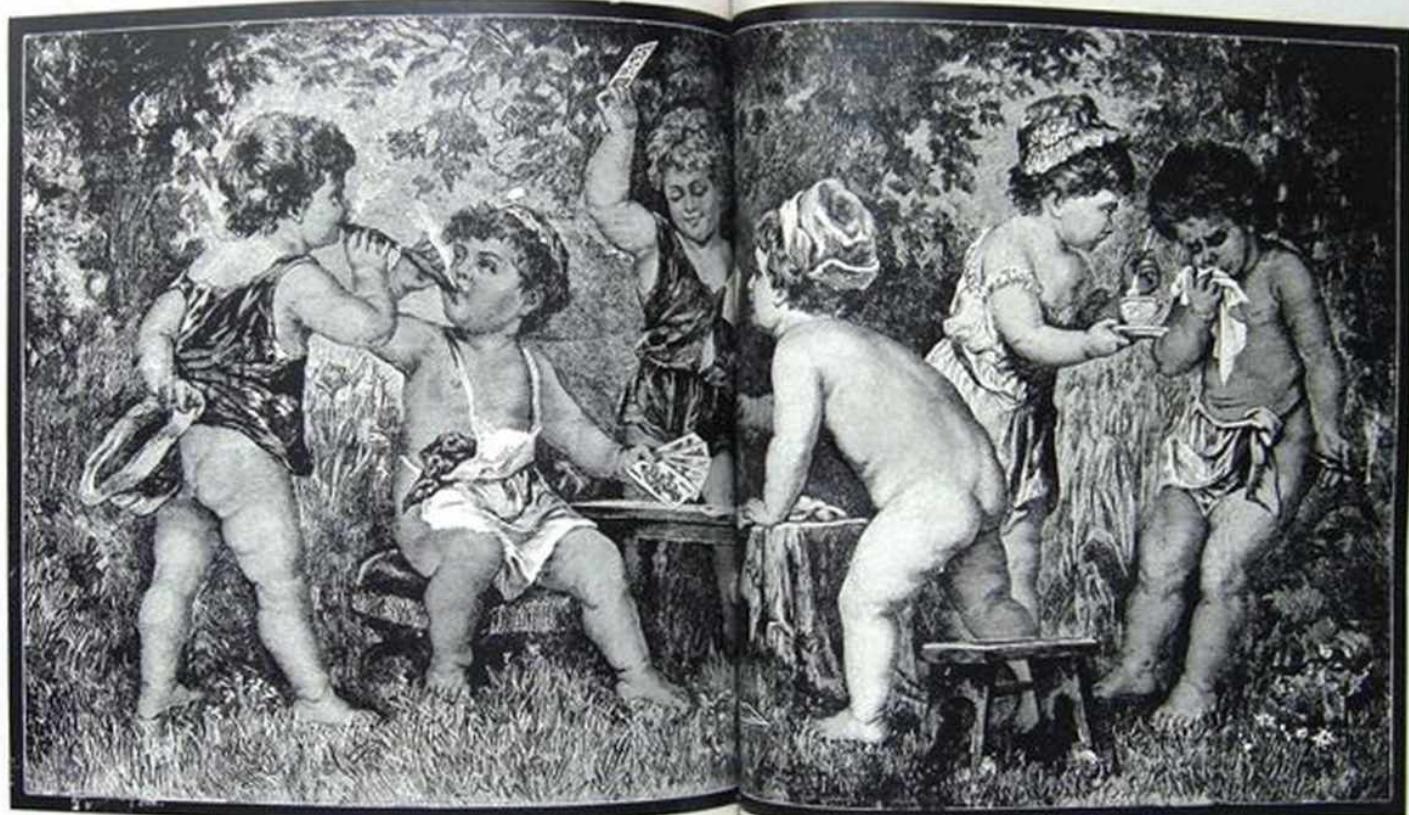
Destarte ser apenas honrado, quando agora se reclama para tudo a intelligencia, é, por exemplo, como se perguntassemos a alguém se nos podia resolver uma equação algébrica e esse alguém nos respondesse:

—Oh! perfeitamente, conte comigo, eu sei fazer sapatos.

Por ultimo, fazer da honradez tradicional, essa honradez que noutro tempo assentava bem, porque estava dentro da sua época, um predicado essencial para a vida d'hoje, é assim como se hasteássemos deante das batas inimigas um velho pendão,

SUPPLEMENTO AO N. 24

16 DE AGOSTO DE 1902



A REVISTA DO NORTE.

# UMA PÂSCADA

MARANHÃO-BRAZIL.



PARÁ — O BOSQUE MUNICIPAL, NO MARCO DA LEGUA

para demonstrar que possuímos uma heroica história no passado e nós morremos cobardemente.

Hoje a honradez não pode caber em moldes carcomidos pelo tempo. Não é honrado quem paga integralmente as suas contas, porque se o faz é por conveniência própria, para continuar a ter crédito ou por que o pode fazer; quem não rouba é porque não precisa ou não tem feitio para isso, nem doença especial que o obrigue a roubar; quem não difama, nem injuria, nem calunnia é porque a sua educação se opõe à prática desses actos e, enfim, quando tem vacilação para elles, teme a vingança das victimas. A honradez foi uma palavra que se inventou para designar varias accções, que spraziam ao maior numero e, se é verdade que serviu de lema durante muitas gerações, o facto é que, servindo agora de regra geral, é estúpida e contraproducente.

Ser honrado na governação dum paiz é estabelecer com criterio o justo *meio* entre o Conservantismo e a Revolução, porque das duas forças opostas é que o Progresso desabrocha; ter honradez na Arte é entregar-se a ella com todo o fulgor da sua orientação e do seu temperamento; é, por fim, honrada, no nosso tempo, conforme as noções novas da Vida, toda a criatura que não ultrapassa na prática a necessidade dos seus instintos individuais, tornando-se útil a si e à sociedade. Ora, para tudo isto, a inteligencia e a energia de carácter são os predicados essenciais.

Para quê, então, falar em honradez como apa-

nagio de orgulho, de sinceridade e de intransigência, nesse triste velho, quando a nossa vida é nova?

O peor é que estes chavões, gastos pelo passado, ainda soam aos ouvidos de muita gente como verdades indiscutíveis e, embora se não seja sincero, nem na Política, nem na Arte, nem na Vida, falar em honradez, deixando o povo ignorante e o público ludibriado, continua a ser um toque de clarins, para levantar um brado unísono de aclamações. Assim a honradez é uma burla, que serve para armar ao efecto, não obstante o abuso de semelhantes ludibrios ter causado sérios desaires na História. Era honrado o ministro português do tempo de D. Pedro V, quando o povo insurrecio reclamava diminuição no preço do pão que os fabricantes tinham levantado, pedindo para os proteger das iras populares e auxilio de tropa, e este rei, não conformado, foi em pessoa intermediar. Os fabricantes, bem guardados pela força militar e querendo levar avante o seu designio, responderam, ao cabo de muitas instâncias, que, pela Carta Constitucional, elles eram os senhores do seu gênero e não podiam diminuir o preço. Então o monarca, sem se desconcertar, ameaçou-os de retirar a tropa, que também era delle; e D. Pedro V ordenou que a tropa retirasse. Porém, qual não foi o seu espanto, quando, em vez de ver o povo, como elle desejava, lançar-se sobre as fábricas, viu a ira popular, sem compreender o alcance da vontade soberana, seguir-lhe o carro, entusiasticamen-

te, aos gritos de: «Viva El-rei!» E os fabricantes ficaram em paz e o aumento do preço do pão continuou.

Diz-se honrado o ministro inglez Chamberlain, que ainda ha poucas semanas fez expulsar da Camara dos Communs um deputado que duvidou da sua honradez; e, contudo, o povo da Inglaterra continua de tal maneira ignorante que quer levantar na City uma estatua a Cecil Rhodes, esse homem que foi o causador da guerra com o Transwaal, onde milhares de inglezes teem ficado mortos.

Ora taes exemplos significam que a honradez proverbial em politica, como na Arte, como em tudo, é uma tolice, senão um crime. Chamberlain, como o ministro portuguez, salva a devida comparação, terão muita honra, ninguem o duvida; porém a sua honradez é, como se vê, tão contraproducente para o bom nome das respectivas nações que, em boa verdade, dir-se-ia o contrario.

Na politica esta honradez não implica, pelo que se deprehende da sua applicação, o cuidado na educação popular da unica forma de se aperfeiçoarem as intelligencias e garantir-se o bem-estar; por isso, tambem ella, além de tudo o mais, é irrisoria. Mas é certo que da educação dos povos vem o aperfeiçoamento dos regimens, e, neste caso, eu não creio que elles sejam realmente ridiculos, mas simplesmente espertos, o que, no fim de contas, a honradez quer dizer, servindo-se della como dum lema para armar ao respeito da turba numa especie de vestimenta para todos os corpos.

No entanto, esta orientação politica, que reputo falsa, faz-me lembrar tambem o celebre conto da *pelle do burro*, que ouvi em creança e que diz assim:

«Um dia dois viajantes, seguindo no interior da Africa por uma deserta estrada, avistaram ao longe um leão, que se aproximava impavido; elles não tinham sitio algum onde se escondessem. A luta amedrontava-os, porque bem viam que seriam vencidos e por todo o caminho não havia nem guarda nem arvore onde se refugiassem do temido animal; entretanto, descobriram, providencialmente, ali perto, a pelle dum burro, que o sol se tinha encarregado de curtir. Este era o unico escorredijo naquelle occasião, e, assim, ambos se embrulharam nella, escondendo-se, atabafando-se tanto que, ao cabo de algum tempo, se escaparam da ferocidade do leão, morreram de asphixia e de medo.»

FERNANDO REIS.

## 0 mez literario em Portugal

### Os centenarios

Decorreram no meio duma pronunciada frieza e desânimo as festas dos centenarios de Garrett e Gil Vicente. Tanto no Porto, onde se realizaram as primeiras, como em Lisboa, onde se celebraram as segundas, a mesma característica impoz-se. Frio, gelo, indiferença. Viu-se mesmo, nesta acção literaria, os meios intellectuaes das duas cidades, que tanto rivalisam, identificarem-se na mes-

ma frouxidão de energia e o publico corresponder ás suas debeis tentativas de estimulo com o mesmo acabrunhador desinteresse. Numa palavra, os dois centenarios foram um fracasso, e, dado esse fracasso, cumpre analysar-lhe as suas causas mais provaveis.

Será porque se não adapte aos nossos tempos modernos, iconoclastas de velhos ídolos, essas apotheoses, que, como as antigas, parecem apenas exaltar um nome, tendo a reboca-las de novidade a denominação e o espaço cyclico que encerram? Não, evidentemente. Em Portugal, a grande consagração publica a Luiz de Camões, em 1880, como mais tarde a João de Deus, e n 1895, ahi estão a attestar que todas as forças vivas da intellectualidade portuguesa, como todos os sentimentos balbuciantes, mas eternos, do nosso povo, sabem desprender-se em admirações religiosas e entusiasmos vibrantes, quando se trata de commemorações como estas, que dum certo modo se irmanam.

Assente esta base, e não se podendo admittir que num espaço de alguns annos o nível intellectual ou sentimental portuguez descesse, porque tanto pelo principio das evoluções historicas como pela exacta observancia dos factos se denota que elle alteia, seguindo, embora tardivamente, o fluxo da civilisação internacional,—claro é que se torna forçoso admittir que os centenarios de Garrett e Gil Vicente não foram verdadeiros centenarios, na vasta significação publica que a estes termos se attribue, precisamente, ou antes unicamente, por ser de Garrett e Gil Vicente que se tratava.

A deducção é susceptivel de causar espanto, e eu não me recuso a acredita-lo. Pois quê? Nomes consagrados, na historia literaria portuguesa, por que motivo lhes recusaria este povo a sua sancção? Porventura se pode negar o brilho do seu talento, a sua audacia innovadora em arte, a sua utilidade de escriptores combatentes para destruir velhas peias e obnoxias regras e praxis formalistas? Seguramente que não. Garrett e Gil Vicente são, sem dúvida, dois nomes que se tornariam notáveis na literatura de qualquer paiz, e nos annaes da insurreição mental de cada povo não menos encontrariam logar. Um fundo logicamente o theatro nacional; o outro, passadas centenas de annos, fê-lo resurgir duma lethargia tão profunda que melhor se denominaria morte. Ambos tiveram o Sentimento e a Satyra, e sobretudo o dom da accão dramatica e da analyse psychologica da dor, que fazem estremecer as mais secretas fibras do coração e asseguram o exito das lições da vida; ambos cantaram, ambos choraram, ambos riram,—e viveram duma poderosa existencia da alma e do cerebro. E, todavia, o facto deu-se. O povo, os proprios intellectuaes de maior ou menor esfera, desinteressaram-se das commemorações que meia duzia de promotores, na realidade tão indiferentes como elles, quanto ao puro intuito de prestar justiça a benemeritas memórias, entenderam dever realizar, com cabotinas evidenciações de vaidades ou mercantis esperanças de lucros.

A razão parece-me facil. Os centenarios só em muito raros casos podem realizar-se. Para que uma data ou um nome nelles se glorifique, cumpre que

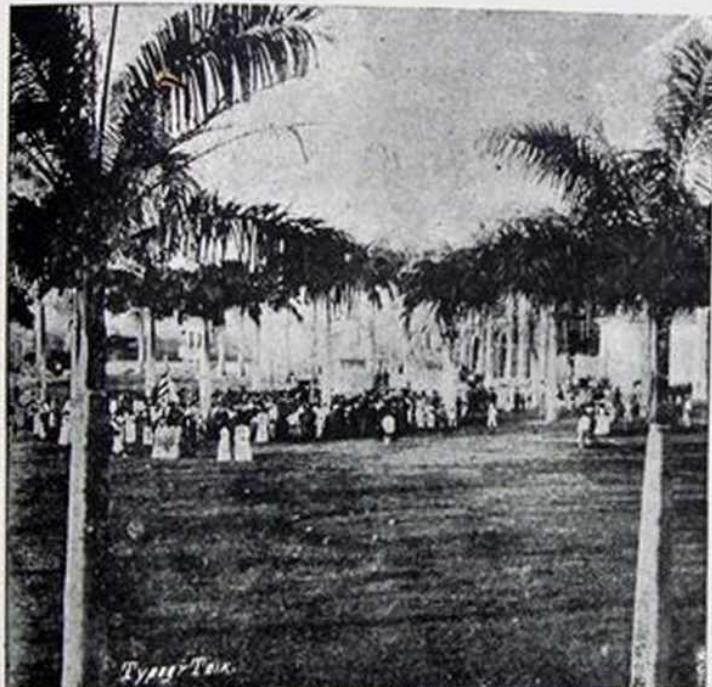
essa data ou esse nome incarnem alguma causa de muito grande que se imponha à constante devoção dum povo ou aos eternos sentimentos da humanidade. O nome de Camões,—visto que neste caso se trata de nomes,—symbolisava a propria aspiração da independencia duma patria que, na occasião do seu centenario, como ainda hoje, vibra de forma que não seria empreza facil dominá-la, ainda com as mais maiores forças da terra. Dizer Camões ao povo portuguez equivale a dizer *patria*. Esse livro que fez, como esta nacionalidade que elle amou, e em cujo eclypse desapareceu, como se não pudera viver á sombra doutra bandeira que não fosse a que ondulara sobre as naus da India, identificam-se por forma que não ha maneira de os separar. Camões é, portanto, um ideal, ideal cuja justiça se poderá discutir, mas que se não pode deixar de reconhecer pelo immaterial, ainda que porventura cego amor, que milhões de almas sinceras lhe dedicam,—o ideal de patria. Daí, o nome do altissimo poeta ser conhecido em

immortalisou em versos, que se diriam feitos no bronze das estatuas, a epopéa nacional dum povo, cuja heroica vitalidade triunfou das sombras dos horizontes misteriosos e das tempestades dos mares desconhecidos. Garrett e Gil Vicente são grandes, Camões é enorme,—e como tal forma com os Homeros, os Dantes e os Hugos a resplandecente constelação de genios a que o formidavel autor dos *Miseraveis* chomou «a região dos Eguaes». Esses são os que, na marcha do progresso, exercem a função de indispensaveis factores. Todos dizem um grande ideal, dos que norteiam, através dos tempos, a civilisação universal: Patria, Religião, Humanidade. Os paizes que foram berços destes semi-deuses prostram-se conscientemente aos seus pés. Por isso a Italia divinisou o Dante, a França glorificou Hugo, e Portugal celebrou um dia o centenario de Camões, com tanta impetuositade de sentimento que se dizia que só o nome desse grande portuguez, repetido pelos labios de todos os portuguezes, tivera o condão de resuscitar o espirito patrio de Portugal.

Juntamente com a recordação do centenario de Camões, eu tive enejo de aludir, no principio destas linhas á apotheose de João de Deus, em vida,—que foi sem contestação a unica causa que se fez de notável em matéria de glorificações desde esse centenario para cá. A característica de João de Deus não é, para a critica, comparável á de Camões pela sua influencia historica e social,—é certo. Não é mesmo de tanto talento como a de Gil Vicente, nem de tanto brilhantismo como a de Garrett. Mas é mais de alma, e ninguem, ninguem ! jamais interpretou com tão cōmovidos accentes o especialíssimo sentimento portuguez no amor. Toda a ternura, toda a suavidade dos cancioneiros populares, onde se regista a sentimentalidade da nossa raça amorosa e melancólica, sôu lídima e perfeita daquella boca encantada. Singelo e brando, com barbas de santo e coração igual a um doirado favo de mel, João de Deus disse consas singelas e brandas, que o povo comprehendeu e cantou. A identificação foi completa, e enquanto os seus versos eram entoados nos campos, acompanhados dos doces e sentidos fados que se esvaiam ao luar, João de Deus ouvia-os,

talvez, espiritualizados nos vagos rumores das brasas, e tirava delles, que reviviam nas vozes populares, novas inspirações emotivas para a continuaçāo da sua lyrical sentimental.

Se, pois, Camões definiu e cantou as sublimes aspirações nacionaes, coroadas de raios pelos fogos de Santelmo, João de Deus definiu e cantou o sentimento portuguez: Um fixou a epopéa transitoria, o outro exprimiu o eterno canto de amor. A ambos Portugal abriu o coração virgem das suas populações, que, embora ignorantes, são poeticas nessa ignorante candura. Falaram-lhe em ambos e perante ambos caiu de joelhos, tendo entre as mãos postas um livro que um delles lhe deu para



MARANHÃO — O 28 DE JULHO — ANTES DE SE ENCETAR O CORTEJO

todos os cantos de Portugal e talvez ainda mais amado pe o vulgo que nunca leu os *Lusiadas* do que pelos espíritos ilustrados que os estudaram e comprehendem. Na candida e religiosa devoção das almas simples, Camões é como um deus que, com uma coroa de louros na fronte, descesse à terra para com os seus cantos dar azas ao espírito da Patria, que o remontassem até aos céus.

Poderá alguém dizer-me que os nomes de Gil Vicente ou Garrett tenham a faculdade de exercer este prestigio ? Decerto que não. Nenhum espírito letrado, por maior que seja a sua sympathia ou adoração por esses dois altos nomes da nossa arte, ousará mesmo equipara-los ao exelso poeta que

a sua salvação e que ama, sem o saber ler, embora o outro lhe tenha dado uma cartilha para isso. A um fez um centenário; ao outro fez uma apoteose.

Comunhão, comunhão com o povo, comunhão absoluta e imperecível, que somente se alcança dizendo e fazendo dessas grandes causas que imprimem direção aos sentimentos e raciocínios através dos tempos! Sem essa condição não ha centenários nem apoteoses. Só sendo-se muito grande, e mais pelas idéias que se interpretam do que pelas formas que se burilam, é que será possível merecer uns e outras. E não se impõem: originam-sse espontaneamente, no momento próprio em que devem surgir e effectuar-se. Sendo ilustre a recordação de Garrett e Gil Vicente, é indiscutível que elas não possuiriam estas condições imprescindíveis. Foram dois benemeritos renovadores literários, mas isso, que lhes confere fôros de notáveis, não basta. Não basta, como não bastou a Beira, artista inimitável da forma, mas desprovido de idéias vastas e fecundantes, e que, today, viveu no nosso tempo, teve e tem um lugubrisimo público de admiradores quasi idolatrás. Não, não basta o talento, as grandes qualidades da imaginação e os formosos primores da arte. As adorações collectivas e invencíveis só vão para os altos

academas ou no palco dos theatros, essas commemoações teriam tido pretensões mais modestas, sem que fossem menos justas, e a sua significação teria sido porventura mais brillante e compensadora dos esforços empregados para a sua realização.

— *A seguir.*

MAYER GARCÃO.

### O triunfador

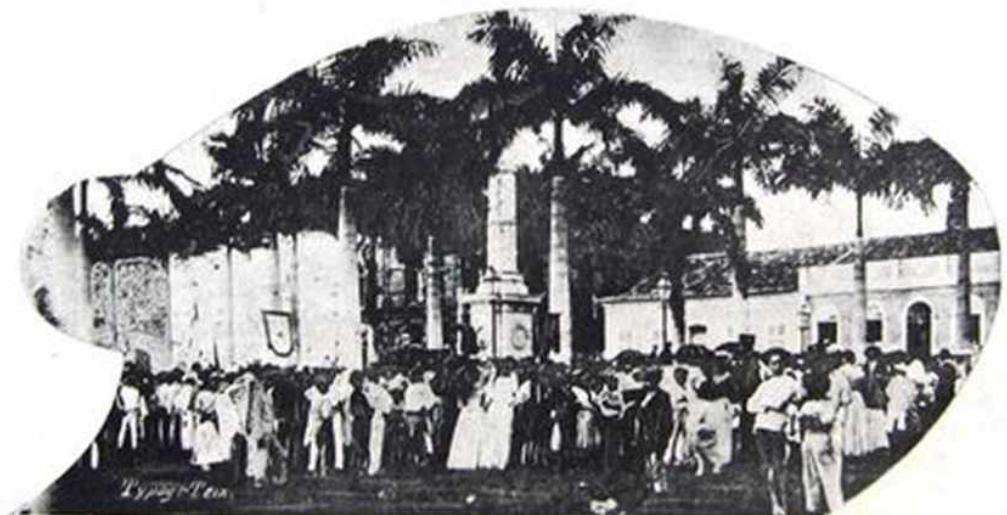
Viste do lodo abjecto e batalha a batalha,  
Ora a tremer de frio, ora a tremer de fome,  
Sem abrigo e sem luz, por teclo uma muralha,  
Esse Espírito d'Arte aos poucos se consome!

E vaes sempre pompeando o conquistado nome  
De assombroso ideal que no ambiente se espalha  
E que jamais o Tempo em seu andar carcome,  
— Nome que faz calar a irrisoria canalla !...

E a subir galgarás a cimalha da gloria,  
E mil trompas do Além, em grandiosa victoria,  
Saudando te erguerão ao branco capitel !

— Olharás com desdem os Submissos em côro...  
E Deus receberá com Odisséas d'ouro  
Essa tua Alma d'Arte e para a Arte fiel !...

FRANCISCO SERRA.



MARANHÃO — O 28 DE JULHO — FRAN PAXECO FALANDO ÀS MASSAS

ideias e para os profundos sentimentos, e implicitamente envolvem no seu culto os nomes dos seus maiores intérpretes. Por isso Camões se chama Pátria; Hugo, Liberdade e Tolstoi, Justiça.

Quer isto dizer que eu censure as commemoações de Gil Vicente e Garrett? De forma alguma. Apenas procurei demonstrar como, no meu entender, se explica a carencia de entusiasmo publico com que ambas foram acolhidas, e como também, em minha opinião, se tem entendido mal entre nós, dando origem a estes fracassos, o carácter dessas largas manifestações nacionaes a que se dá o nome de centenários. Decorrendo apenas no meio das

Todo o escritor que se apodera irresistivelmente dos homens é forçosamente um idealista.

MELCHIOR DE VOGUÉ.

A belleza da mulher é a mais saborosa das ambrozias. Com uma diferença: é que, em vez de nos desse dentar, embriaga-nos encantadoramente os sentidos.

FRAN.

Os cumprimentos reciprocos dos autores são uma das scenas mais risíveis da grande força da vida.

DR. JOHNSON.